



IV SEMANA DE HUMANIDADES

**AS CIÊNCIAS HUMANAS
E O TEMPO PRESENTE**

**Anais
Caderno de Resumos**



26A28
NOVEMBRO 2019

**FAFIC
UERN**





Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Reitor

Pedro Fernandes Ribeiro Neto

Vice-Reitor

Fátima Raquel Rosado Moraes

Diretora de Sistema Integrado de Bibliotecas

Jocelânia Marinho Maia de Oliveira

Chefe da Editora Universitária – EDUERN

Anairam de Medeiros e Silva



Conselho Editorial das Edições UERN

Emanoel Márcio Nunes

Isabela Pinheiro Cavalcante Lima

Diego Nathan do Nascimento Souza

Jean Henrique Costa

José Cezinaldo Rocha Bessa

José Elesbão de Almeida

Ellany Gurgel Cosme do Nascimento

Wellington Vieira Mendes

**Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.**

**Anais da IV semana de humanidades – As ciências humanas e o tempo presente. /
Marcílio Lima Falcão, William Coelho de Oliveira (Orgs.) – Mossoró – RN:
EDUERN, 2020.**

435p.

ISBN: 978-65-990277-9-6(E-book)

1. Ciências humanas. 2. Humanidades. 3. **Sociedade contemporânea.** 4. **Multidisciplinaridade.** I. **Falcão, Marcílio Lima.** II. **Oliveira, William Coelho de.** III. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. IV. Título.

UERN/BC

CDD 301

Bibliotecário: Petronio Pereira Diniz Junior CRB 15 / 782

COMISSÕES

Coordenação Geral

Prof. Dr. Marcílio Lima Falcão – FAFIC
Prof. Me. William Coelho de Oliveira - FAFIC

Secretária da IV SH

Anna Paula Teixeira da Silva - FAFIC

Comissão Organizadora

Prof. Dr. Marcílio Lima Falcão – FAFIC
Prof. Me. William Coelho de Oliveira - FAFIC
TNS Esp. Anna Paula Teixeira da Silva - FAFIC
Prof^a. Dr^a. Ana Maria Moraes Costa - DCSP
Prof^a. Dr^a. Aryana Lima da Costa - DHI
Prof. Dr. Fábio Ricardo Beserra – DGE
Prof. Dr. Francisco Ramos Neves – DFI
Prof. Me. Gutemberg Dias - DGE
Prof. Dr. Heitor Pinheiro Rezende – DECOM
Prof. Dr. Josailton Fernandes de Mendonça – DFI
Prof^a. Dr^a. Maria Cristina Rocha Barreto - DCSP

Comissão Financeira

Prof. Me. Gutemberg Dias – DGE
Prof. Me. William Coelho de Oliveira - FAFIC
Téc. Adm. Jefferson Lima dos Santos - FAFIC

Comissão Científica

Prof. Dr. Josailton Fernandes de Mendonça – DFI
Prof^a. Dr^a. Ana Maria Moraes Costa - DCSP
Prof^a. Dr^a. Aryana Lima da Costa – DHI
Prof. Dr. Fábio Ricardo Beserra – DGE
Prof. Dr. Francisco Ramos Neves – DFI
Prof. Dr. Heitor Pinheiro Rezende – DECOM
Prof. Dr. Marcílio Lima Falcão – DHI
Prof^a. Dr^a. Maria Cristina Rocha Barreto - DCSP

Comissão de Publicidade

Prof. Dr. Heitor Rezende – DECOM
Prof^a. M^a. Júnia Mara Dias Martins - DECOM
Prof. Dr. Marco Escobar - DECOM
Prof^a. Dr^a. Paula Zagui – DECOM
Prof. Dr. Tobias Arruda Queiroz – DECOM
Téc. Adm. Heitor Gabriel Cabral Nogueira - FAFIC

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
CADERNO DE RESUMOS	8
SIMPÓSIOS TEMÁTICOS	9
ST 01: QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS, GÊNERO E MODOS DE SUBJETIVAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE	9
ST 02: O TRABALHO HUMANIZADO DO DOCENTE COM JOVENS PORTADORES DE TRANSTORNOS PSICOLÓGICOS, COM DOWN, DEFICIÊNCIA FÍSICA E NECESSIDADES ESPECIAIS.	11
ST 03: POSSIBILIDADES E TENDÊNCIAS NO ENSINO DAS HUMANIDADES: EXPERIÊNCIAS E LINGUAGENS	13
ST 04: FILOSOFIA, IMAGEM E MOVIMENTO.....	15
ST 05: EDUCAÇÃO E DEMOCRACIA: O EXERCÍCIO DA CIDADANIA EM TEMPOS DE INCERTEZAS	19
ST 06: HISTÓRIA E IMPRENSA NO BRASIL REPUBLICANO	21
ST 07: FILOSOFIA, EDUCAÇÃO E LIBERDADE	24
ST 08: COMUNICAÇÃO, MÚSICA E IDENTIDADE	27
ST 09: EMOÇÕES, LUGARES E MEMÓRIAS EM CONSTEXTOS URBANOS	30
ST 10 MÍDIA, CULTURA E INTERNET.....	35
ST 11: CONFLUÊNCIAS INTERDISCIPLINARES E O DIÁLOGO INTERSABERES, O ENSINO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E A IMAGINAÇÃO POÉTICA.....	37
ST 12: CULTURA BRASILEIRA: COMUNICAÇÃO, MERCADO E SONS	41
MINICURSOS	43
MC 1 – MEMÓRIA, HISTÓRIA E REVOLUÇÃO: O CONCEITO BENJAMINIANO DE EXPERIÊNCIA	43
MC 2 – FILOSOFIA, NARRATIVAS SERIADAS E EDUCAÇÃO	43
MC 4 – SEXUALIDADE, SUBJETIVIDADE E ESTRATÉGIAS DE RESISTÊNCIA EM TEMPOS DE CÓLERA.....	43
MC 5 – O RUÍDO DA FAKE NEWS NA SALA DE AULA.....	44
MC 6 – ESTUDOS FEMINISTAS E ANÁLISE SEMIOLINGUÍSTICA DO DISCURSO.....	44
MC 7 – A EDUCAÇÃO PARA A CIDADANIA NO CONTEXTO ESCOLAR: POSSIBILIDADES DE IMPLEMENTAÇÃO DE PROJETOS NA PARCERIA ESCOLA E UNIVERSIDADE	44
MC 8 – “EU NÃO SOU MARXISTA”: MARX COMO CRÍTICO SOCIAL E TEÓRICO DA MODERNIDADE.....	44
MC 9 – SOCIOLOGIA DA PUNIÇÃO – APORTES CRÍTICOS ÀS TEORIAS DA PENA ..	44
MC 10 – A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA PRIVACIDADE E SUAS TRANSFORMAÇÕES NA SOCIEDADE INFORMACIONAL	44

MC 11 - “E EU NÃO SOU MULHER?”: O FEMINISMO NEGRO E SUA IMPORTÂNCIA NA LUTA ANTIRRACISTA	44
MC 12 - INTELECTUAIS NO BRASIL: CULTURA E POLÍTICA (MÓDULOS I E II)	44
MC 13 – PSICANÁLISE E LITERATURA.....	44
DIÁLOGOS DA EXTENSÃO.....	45
ANAIS	46
ENFOQUE DE GÊNERO E POLÍTICAS PÚBLICAS COMO FERRAMENTAS PARA DEBATER SOBRE A SAÚDE DAS TRABALHADORAS RURAIS	47
VIOÊNCIA IMPRESSA: UMA DISCUSSÃO SOBRE MULHERES E CRIANÇAS OPERÁRIAS NO BRASIL INDUSTRIAL DO SÉCULO XX NA SALA DE AULA.....	57
SOCIOLOGIA E ARTE: DIÁLOGOS PERTINENTES NAS AULAS DE SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO	67
SILÊNCIOS QUESTIONADOS, SILÊNCIOS DESEJADOS: CONSTRUÇÕES DE MASCULINIDADE EM TORNO DA ESFERA DAS EMOÇÕES	77
VIOÊNCIA DE GÊNERO: SOCIOLOGIA COMO FERRAMENTA DE DISCUSSÃO NO ENSINO MÉDIO	86
ENSINO DE SOCIOLOGIA: UMA ANÁLISE DA DISCIPLINA E DE SEUS RECURSOS DIDÁTICOS REALIZADA PELOS ALUNOS DA ESCOLA PROF. ABEL FREIRE COELHO	92
PERCEPÇÃO DO SOFRIMENTO, EMOÇÕES E SIGNIFICADO ENTRE PACIENTES ONCOLÓGICOS	104
O HOMEM IRRACIONAL E A REFLEXÃO EXISTENCIALISTA NO ENSINO MÉDIO	113
A IMPORTÂNCIA DO FARMACÊUTICO DIANTE DO SUICÍDIO POR INTOXICAÇÃO MEDICAMENTOSA : UMA ABORDAGEM BIOSSOCIAL	119
O PAPEL DO FISIOTERAPEUTA PERANTE A EMERGÊNCIA DO CORPO <i>FITNESS</i> NAS REDES SOCIAIS	130
AS JUVENTUDES DE MOSSORÓ: O GRUPO LGBTQ+ AS TERRITORIALIDADES ...	136
DO RITO À VIVÊNCIA CARNAVALESCA NAS NARRATIVAS DE ANCESTRALIDADE AFRICANA À PRESERVAÇÃO DOS SABERES DA TRADIÇÃO.....	145
IGREJA E POLÍTICA NA REVISTA ADVENTISTA NO REGIME MILITAR (1969-1974)	155
A BRASILEIRIDADE DO SEPULTURA: O CASO ROOTS	169
AS MULHERES NA FILOSOFIA: ONDE ESTÃO AS FILÓSOFAS NOS LIVROS DIDÁTICOS?	184
USOS E APROPRIAÇÕES DA INTERNET NO RURAL NORDESTINO: UMA ANÁLISE A PARTIR DA REDE XIQUE-XIQUE DE COMERCIALIZAÇÃO SOLIDÁRIA	197
EXPERIÊNCIAS DO PIBID/UERN: RELATOS PEDAGÓGICOS COM ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL I.....	211
SARTRE E FOUCAULT: A FILOSOFIA COMO UMA NOVA POSSIBILIDADE DE EXISTÊNCIA	224
RAUL SEIXAS E O OLHAR FIXO NO SEU TEMPO.....	238
A TEMPORALIDADE DO TEMPO PRESENTE: UMA LEITURA DO CONCEITO DE TEMPO NA TRADIÇÃO HUMANÍSTICA	245

OS MUTANTES: ENTENDENDO A SUBVERSÃO E A PSICODELIA ATRAVÉS DA MÚSICA (1968 A 1972)	255
DE 1964 A 2019: A CENSURA DA DITADURA MILITAR NA CONTEMPORANEIDADE	263
A DEPRESSÃO COMO DOENÇA DA CONTEMPORANEIDADE E O PAPEL DO FARMACÊUTICO ENQUANTO PROFISSIONAL CIDADÃO.....	275
UMA ALTERNATIVA PARA O ENSINO DE HISTÓRIA AOS ALUNOS COM TEA NA REALIDADE DO ENSINO MÉDIO	281
BOB MARLEY E SEU BRILHO: MASSIFICAÇÃO E LEGADO CULTURAL	290
CORREDOR CULTURAL DE MOSSORÓ E O PERFIL SOCIOECONÔMICO DE SEUS FREQUENTADORES	303
<i>O REBATE</i> : O USO POLÍTICO DA IMAGEM DO PADRE CÍCERO COMO ESTRATÉGIA PARA A EMANCIPAÇÃO DO JUAZEIRO (1909 -1911)	312
MEMÓRIAS E ICONOGRAFIAS MILITANTES: O PAPEL DA TRADIÇÃO NO EMPREENDIMENTO MORAL-EMOCIONAL DE LUGARES OFICIOSOS NA UERN - MOSSORÓ	329
UMA HERMENÊUTICA DO NOSSO TEMPO: NOVAS INTERPRETAÇÕES PSICOPATOLÓGICAS NA SOCIEDADE DO CANSAÇO	345
INSTITUIÇÕES SOCIAIS: CONCEITOS E EVOLUÇÕES NA ÓTICA EPISTEMOLÓGICA DE ALGUNS AUTORES DAS CIÊNCIAS HUMANAS	360
A PUNIÇÃO DO CANGACEIRO JARARACA NA CIDADE DE MOSSORÓ/RN: ELEMENTOS HISTÓRICO-CRIMINOLÓGICOS DA APLICAÇÃO DA PENA CAPITAL	369
CORPOS ENCLAUSURADOS: A <i>PERFORMANCE</i> DE GÊNERO NA MODA.....	383
O ENSINO DAS CIÊNCIAS HUMANAS A PARTIR DO USO DE FILMES	393
O RESSENTIMENTO NIETZSCHEANO E A FICÇÃO SERIADA DARK	402
CONTOS DO PATRIARCADO: A REPRODUÇÃO DO MACHISMO ATRAVÉS DOS FILMES DE PRINCESAS DA DISNEY	413
IMPORTÂNCIA DA LÍNGUA PORTUGUESA TRABALHADA PELOS EDUCADORES A EDUCANDOS NO CONTEXTO ATUAL DAS ESCOLAS BRASILEIRAS	425

APRESENTAÇÃO

A Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte tem realizado desde 2010 a sua Semana de Humanidades. Em 2019, a IV Semana de Humanidades/FAFIC apresenta a temática AS CIÊNCIAS HUMANAS E O TEMPO PRESENTE.

O evento apresenta-se como oportunidade singular e inovadora que busca promover o debate sobre a epistemologia das Ciências Humanas na sociedade contemporânea, a partir dos pressupostos dos diferentes campos de saber. A característica principal do evento é a disposição ao diálogo entre as diferentes áreas do conhecimento que compõem os departamentos acadêmicos e cursos de graduação e pós-graduação que integram a FAFIC.

Assim, o evento se configura como profícuo espaço ao intercâmbio científico entre pesquisadores (professores, alunos e técnico-administrativos) da UERN e de outras instituições de ensino superior através da apresentação de sua produção científica e troca de experiências desenvolvidas nas atividades de ensino, pesquisa e extensão.

Os Coordenadores

CADERNO DE RESUMOS

1. SIMPÓSIOS TEMÁTICOS

ST 01: QUESTÕES ETNICO-RACIAIS, GÊNERO E MODOS DE SUBJETIVAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE

Coordenação

Dra. Ady Canário de Souza (UFERSA)

Me. Pâmella Rochelle Rochanne Dias de Oliveira (PPGL/UERN)

A REPRESENTAÇÃO DA MULHER MÓRMON ATRAVÉS DA REVISTA “A GAIVOTA” (1948 – 1949)

Mariana Ferreira Rocha

O presente trabalho tem como principal objetivo perceber a representação da mulher mórmon a partir da análise dos conteúdos distribuídos através da revista *A Gaivota* nos anos de 1948 e 1949. Busca também compreender que lugar lhe é resguardado dentro da sociedade mórmon, trabalhando também as justificativas dadas pela Instituição para o lugar do qual a mulher ocupa. Para compreender melhor a construção inventada que se faz da mulher pela própria Instituição, caberá a este estudo trabalhar a teoria de representação de Roger Chartier (2012). Este trabalho também utilizará da teoria de Pierre Bourdieu (2015) acerca da Dominação Masculina, a fim de abrir uma discussão a respeito das relações de gênero na Igreja, levando em consideração o lugar social que a mulher mórmon ocupa. Dispondo-se desta fonte, destes teóricos e do método de análise do discurso, consideramos que: a mulher mórmon representada pela Igreja SUD não só é uma mulher que serve a Deus, como também a família e a Igreja, portanto, extremamente caridosa, moral e virtuosa; o lugar que ocupa é o espaço do lar, onde deve atentar-se a educação moral e alimentar dos filhos e do marido; é por meio da Sociedade de Socorro e da revista *A Gaivota* que será divulgado a representação da mulher mórmon; a Igreja se utilizará da natureza biológica para justificar o papel das mulheres mórmons dentro desta Instituição.

A FÉ PRETA NA INTERNET: o reencontro com as diásporas da Pós-Modernidade.

Alan Eugênio Dantas Freire

Judson Manoel de Souza Silva

No Brasil, os discursos veiculados em torno da fé nas redes sociais digitais chamam a atenção para o entrave de crenças, produzido sob a estigmatização de religiões não-cristãs. No Instagram, as interações em postagens sobre a fé em espíritos, entidades ou orixás denunciam costumes da velha diáspora (HALL, 2012), a partir de uma guerra de identidades, produzindo o estigma. A presente pesquisa questiona: como se manifesta o processo da estigmatização da identidade da fé preta na internet? O aporte teórico está organizado em: a) a construção de identidades na pós-modernidade e na cibercultura (HALL, 2006, 2012; LEVY, 1999); b) o riso enquanto instrumento da carnavalização do discurso (BAKHTIN, 2010); c) o estigma e a construção de um discurso de ódio na internet (GOFFMAN, 1988). Metodologicamente, o trabalho é realizado sob o paradigma qualitativo da pesquisa, utilizando-se de análise dialógica do discurso, buscando identificar a construção das identidades nos enunciados dispostos em dez comentários de usuários do Instagram, em posts de perfis relacionados à religião de matriz africana e afrobrasileira. Os resultados apontam um levante de críticas e discurso de ódio contra o culto de tais tradições, fornecendo-nos as seguintes categorias de análise: 1) demonização do culto a partir de injúria racial; 2) a associação da fé preta com culpa e

castigo; 3) a estigmatização dos adeptos de tais religiões, tidos como não-normais; 4) a elaboração da velha diáspora na cibercultura.

CORPOS ENCLAUSURADOS: A performance de gênero na Moda

Rodrigo Rui Simão de Medeiros

“Roupa de homem” e “roupa de mulher”, são dois dos grandes divisores da Moda, além da classe social. Constantemente somos enclausurados nas demarcações de gênero que a sociedade impõe sobre os corpos dos indivíduos desde seu nascimento, e assim crescendo em um meio social que dita o que é masculino e feminino. Desta forma, os indivíduos têm o dever social de seguir a performance de gênero imposta por nosso meio, e isso inclui o modo de vestir, transformando a Moda em um forte divisor de gênero. Tendo isso em vista, entendemos que a Moda serve ao papel de mostrar quem somos, quem queríamos ser, e quem queremos que a sociedade pense que somos. A performatividade das roupas representa uma linguagem do corpo, que transmite mensagem entre indivíduos, sociedades e culturas. Porém, analisando a história da indumentária, percebemos que alguns indivíduos ousaram quebrar as amarras que a sociedade patriarcal tinha sobre seus corpos, e utilizando a roupa como forte arma simbólica, fizeram história no campo da Moda.

Palavras-chave: Moda. Gênero. Performance.

ENFOQUE DE GÊNERO E POLÍTICAS PÚBLICAS COMO FERRAMENTAS PARA DEBATER SOBRE A SAÚDE DAS TRABALHADORAS RURAIS

Annie Livia Torres de Albuquerque Araújo
Lázaro Fabrício de França Souza

Pensando na mulher camponesa, as particularidades envolvidas no cuidado à sua saúde incluem, além das questões referentes à sua inserção no meio rural, uma reflexão de gênero capaz de perquirir como as assimétricas relações entre homens e mulheres ressonam em sua saúde, subordinando-as, dificultando seu acesso a direitos fundamentais e sua participação na reorganização de tal cenário. Refletindo sobre a importância da atuação do Estado na regulamentação do acesso a direitos como a saúde, foi destacada a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher, considerando seu intuito de proporcionar melhores condições de vida às mulheres brasileiras, em suas variadas interfaces. O objetivo proposto é o de discutir sobre a saúde da camponesa, em interlocução com um enfoque de gênero e com as políticas públicas que se voltam para este público. O trabalho é parte de uma pesquisa monográfica em andamento, que envolve entrevistas semiestruturadas com mulheres do Assentamento Sítio do Góis (Apodi/RN) sobre a percepção acerca de seu acesso aos serviços de saúde. Entendendo gênero como um elemento constituinte das relações sociais, baseado nas diferenças socialmente percebidas entre os sexos e como um primeiro modo de significar as relações de poder, questiona-se, aqui, as implicações de tal construção social na vida das mulheres e em sua saúde, partindo das possíveis interferências das políticas públicas nesta situação.

AS MULHERES NA FILOSOFIA: ONDE ESTÃO AS FILÓSOFAS NOS LIVROS DIDÁTICOS?

Jéssica Caren da Silva Melo

As filósofas existiram desde sempre, mas por que ao longo da história da filosofia ocidental elas foram silenciadas e invisibilizadas? A filosofia ocidental tem seu início na Grécia com os pré-socráticos, porém infelizmente apenas os homens são citados nos livros didáticos utilizados no ensino médio, mulheres como Diótima e Aspásia que são da mesma época, sendo que a segunda foi instrutora de oratória dos atenienses Péricles e Sócrates, não são mencionadas. Nos livros didáticos as únicas filósofas apresentadas são duas contemporâneas, Hannah Arendt e Simone de Beauvoir. O intuito deste trabalho é mostrar a existência dessas pensadoras desde a antiguidade até a contemporaneidade, e como suas contribuições foram muito importantes para a história do pensamento filosófico ocidental, além de dar o devido reconhecimento pelos seus trabalhos. Os livros didáticos analisados foram o *Filosofando: introdução à filosofia das autoras Maria Lúcia de Arruda Aranha e Maria Helena Pires Martins*, o *Fundamentos de Filosofia do Gilberto Cotrim e Mirna Fernandes*, e o *Filosofia: experiência do pensamento do Sílvio Gallo*.

Palavras-chave: Filosofia; Mulheres; Feminismo; Gênero.

ST 02: O TRABALHO HUMANIZADO DO DOCENTE COM JOVENS PORTADORES DE TRANSTORNOS PSICOLÓGICOS, COM DOWN, DEFICIÊNCIA FÍSICA E NECESSIDADES ESPECIAIS.

Coordenação
Me. Maria Iratelma Pereira (UERN)

A REDAÇÃO DO ENEM PARA ESTUDANTES DE LETRAS: PREOCUPAÇÕES E INSEGURANÇAS

Paula Heloisa Soares Peregrino

Criado em 1998, no Governo Fernando Henrique Cardoso, o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) pretendia avaliar, anualmente, o desempenho escolar dos estudantes do Ensino Médio em todo o país. Atualmente, o exame anual é utilizado para avaliar a qualidade no Ensino Médio, visando utilizar seu resultado para o acesso ao Ensino Superior em Universidades Públicas brasileiras, através do Sistema de Seleção Unificada (SISU). Com isso, o objetivo do artigo a ser realizado, é analisar os depoimentos de estudantes de Letras acerca de seu sentimento em relação à produção da redação na prova do ENEM, enquanto dialogamos com sociólogos e linguistas acerca do prestígio e das exigências da gramática normativa brasileira.

INSTITUIÇÕES SOCIAIS: CONCEITOS E EVOLUÇÕES NA ÓTICA EPISTEMOLÓGICA DE ALGUNS AUTORES DAS CIÊNCIAS HUMANAS

Richard Fernandes

As instituições sociais são extremamente importantes para controlar o funcionamento da estrutura da sociedade. Ao partirmos desta perspectiva, objetivo deste ensaio teórico consiste em buscarmos identificar os principais mecanismos usados pelas instituições para exercerem poder de dominação, seja ele simbólico ou não, na sociedade. Em princípio, o estudo está pautado nas concepções epistemológicas de Chauí (2008), Bauman (2001), Marx e Engels (2002), Foucault (1987), Bourdieu (2012), Bourdieu (1989), Althusser (1970), Berger (1985), Foucault (1999). Utilizou-se da pesquisa bibliográfica, como método procedimental para que fosse possível a realização da pesquisa. Ao término da pesquisa, foi possível constatar que cada aporte teórico analisado traz o conceito de instituições sociais atrelado ao de poder e dominação do sujeito em sociedade.

Palavras-chave: Instituições Sociais. Poder. Dominação. Indivíduo

UMA ALTERNATIVA PARA O ENSINO DE HISTÓRIA AOS ALUNOS COM TEA NA REALIDADE DO ENSINO MÉDIO

Moisés Emanuel Ribeiro
Rayanne Leite Duarte
Maria Leidiane Santana

O presente trabalho tem como pretensão a inclusão de alunos autistas nas discussões em sala de aula no ensino de história, a partir da criação de uma vídeo aula inclusiva, destinada a alunos do terceiro ano do ensino médio, com a temática da Guerra Fria, sob ótica de uma bibliografia especializada em educação de autistas, sendo o vídeo desenvolvido por alunos do curso de Licenciatura em História da UERN. Os alunos que possuem o espectro do autismo na maioria das vezes são marginalizados nas salas de aula. Apesar de existirem algumas medidas inclusivas adotadas pelas prefeituras e governos estaduais, como por exemplo o acompanhamento a alguns alunos portadores do espectro, muitos ainda não conseguem situar-se nas discussões históricas em que se fundamentam as aulas de História nos currículos escolares. Entende-se, portanto, como importante a produção de um conteúdo acessível para esses alunos que venha a atender as suas necessidades dentro da escola, para que esse ambiente seja de inclusão e acessibilidade e não só um ambiente onde o aluno esteja regularmente matriculado. Em suma, produziu-se uma videoaula, onde foi utilizada uma linguagem clara, precisa e pausada, componentes necessários à compreensão desses alunos. Pretende-se ainda ampliar o universo da pesquisa levando o vídeo aos alunos com o espectro como alternativa para uma possível avaliação por parte daqueles que são o principal público alvo do vídeo e a inclusão desses nas discussões históricas em sala de aula.

Palavras-chave: Ensino de História; Autismo; Vídeo

O TRABALHO PEDAGÓGICO DE DOCENTES PARA A INCLUSÃO DE ALUNOS COM TRANSTORNOS PSICOLÓGICOS NAS ESCOLAS BRASILEIRAS

Urandy Alves de Melo

A aceitação do aluno com necessidades especiais é um processo absorvido pelas explicações naturalistas e pela substituição das explicações sobrenaturais no entendimento da conduta humana. Partindo-se deste pressuposto introdutório, este trabalho tem por objetivo analisar o trabalho pedagógico de docentes para a inclusão de alunos com transtornos psicológicos nas escolas brasileiras. Para chegar a este objetivo refletiu sobre as noções de inclusão, transtornos psicológicos dos alunos nas escolas brasileiras, bem como discutiu sobre o papel das escolas brasileiras nas metodologias do trabalho pedagógico dos docentes dentro de sala de aula. Baseando-se nestes objetivos teóricos, foi feito um estudo bibliográfico, através dos estudos de Blanchetti (1998), Bruno (1997), Brasil (1994), CARRERA (2000), Carvalho (2004), Dalgalarondo (2000), GIL (2000), Ludcke (2011) e outros. Os resultados deste estudo identificaram que atividades trabalhadas por meio das estratégias pedagógicas dos docentes, podem ampliar a inclusão, a interação e socialização do aluno com transtornos psicológicos. Esperar-se que este trabalho possa ampliar a melhoria das práticas pedagógicas de ensino, contextualizado pelos docentes e a inclusão de alunos com transtornos psicológicos nas escolas brasileiras.

Palavras chave: Contexto Atual. Educadores. Educandos. Escolas Brasileiras. Língua Portuguesa

ST 03: POSSIBILIDADES E TENDÊNCIAS NO ENSINO DAS HUMANIDADES: EXPERIÊNCIAS E LINGUAGENS

Coordenação

Dr^a. Aryana Costa (UERN)

Dr. Fábio Ricardo Beserra (UERN)

EXPERIÊNCIAS DO PIBID/UERN: RELATOS PEDAGÓGICOS COM ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL I

João Paulo Jales dos Santos

O presente trabalho relata experiências a partir de práticas pedagógicas de alunos bolsistas do PIBID, da modalidade interdisciplinar. As atividades, estruturadas na formação inicial de professores, foram desenvolvidas no âmbito do Ensino Fundamental I, na escola Estadual Jerônimo Vingt Rosado Maia, na cidade de Mossoró/RN. O objeto de estudo em análise reside na interação dos bolsistas com as crianças a partir das atividades desenvolvidas na instituição escolar, sob a égide do PIBID, no ano de 2017. Utilizando-se de uma metodologia qualitativa, a narrativa, o artigo tem como objetivo compartilhar relatos de discentes em suas experiências de desenvolvimento de atividades de um programa de suma importância para a graduação, o PIBID, demonstrando o mérito da atuação ‘in loco’ que graduandos vivenciaram no decorrer das práticas pedagógicas, que envolveram um mútuo processo de ensino-aprendizagem entre bolsistas e crianças.

Palavras chave: Escola Estadual Jerônimo Vingt Rosado Maia. Formação inicial de professores. PIBID interdisciplinar. Relatos pedagógicos

O ENSINO DAS CIÊNCIAS HUMANAS A PARTIR DO USO DE FILMES

Rusiane da Silva Torres

O ensino das ciências humanas é um desafio para os professores e professoras. Nesse sentido, os/as educadores/as buscam diferentes propostas metodológicas para o trabalho em sala de aula, com a finalidade de melhoria nos processos de ensino e de aprendizagem dos conteúdos propostos. Uma dessas estratégias empregadas pelos/as educadores/as são as utilizações de produções cinematográficas com fins educativos. Diante disso, este trabalho apresenta como objetivo analisar a utilização do filme *O menino do pijama listrado* no processo de ensino e aprendizagem de conteúdos relacionados as disciplinas de História e Geografia. Assim, exibimos o filme em uma turma do 9º ano na Escola Municipal Senador Duarte Filho, Mossoró/RN. A partir do filme propomos atividades pedagógicas buscando a aproximação da temática abordada no filme, bem como de assuntos trabalhados nos livros didáticos de História e Geografia, a Segunda Guerra Mundial. Por fim, concluímos que o filme além de entreter, pode apresentar subsídios no processo de ensino e aprendizagem de diversas áreas, dentre elas, as ciências humanas.

Palavras-chave: Ciências Humanas. Filmes. Recursos metodológicos

VIOÊNCIA IMPRESSA: UMA DISCUSSÃO SOBRE MULHERES E CRIANÇAS OPERÁRIAS NO BRASIL INDUSTRIAL DO SÉCULO XX NA SALA DE AULA

Iara Cristina Soares Silva
Antônia Milena Linhares de Oliveira

A insistente violência praticada contra as mulheres e crianças é um tema perceptível ao decorrer da história, podendo ser encontrado, por exemplo, durante o estudo da industrialização do Brasil no século XX. Tendo em vista isso, foi proposto um projeto a ser realizado com alunos do 2º ano da Escola Estadual Professor José de Freitas Nobre, localizada em Mossoró, sob a supervisão do professor Kleber Eloí de Lima Mendes, com o intuito de ser analisado o cotidiano dessa fração da classe trabalhadora no período supracitado, identificando as permanências e rupturas em relação ao contexto atual, no que diz respeito à violência contra mulheres e crianças. O projeto foi realizado em dois encontros, sendo que no primeiro foram realizadas a apresentação e problematização dos temas com base nos jornais operários *A Classe Operária*, *La Battaglia* e *A Terra Livre*, que circulavam na época, bem como através de notícias contemporâneas dos jornais *G1*, *O Globo* e *VG notícias*; e no segundo foram elaborados panfletos para posterior distribuição na escola. Para isso fizemos uso de leituras das autoras Zuleika Alvin e Mary Del Priore. Durante a realização das oficinas houve uma ampla participação alunos, contextualização e discussão sobre o trabalho fabril das mulheres e crianças e problematização de suas condições atuais, o que se mostrou satisfatório.

Palavras-chave: Mulheres e crianças. Trabalho e violência. Ensino de História.

O ENSINO DE GEOGRAFIA E A CULTURA AFRO-BRASILEIRA

Paulo da Silva Santos
Bárbara Edemara Silva Lima

O presente trabalho é resultado de um projeto de pesquisa elaborado na disciplina Metodologia do Trabalho Científico, momento no qual despertamos o interesse para além de elaborar o projeto como atividade na referida disciplina, desenvolver efetivamente a pesquisa. Está vinculado ao Laboratório de Ensino de Geografia (LEG), estando ainda em andamento. Para a realização da pesquisa qualitativa, de cunho qualitativo, foi utilizada como metodologia o levantamento bibliográfico (livros, artigos científicos e leitura de dispositivos legais), aplicação de entrevistas com professores e alunos da educação básica da escola Centro Educacional Manoel Geraldo Carneiro, a fim de compreender a importância da cultura afro-brasileira e africana a partir do ensino de Geografia como instrumento de valorização cultural. A problemática a ser investigada na pesquisa constitui compreender a não adesão à Lei 10.639 de janeiro de 2003/MEC, que trata do ensino obrigatório da história da cultura afro-brasileira e africana nos estabelecimentos de ensino da educação básica, seja público ou privado. Preliminarmente, aponta como resultados a desvalorização da cultura afro- descendente, uma vez que a lei existe há mais de uma década e não foi inserida na ementa escolar pública e privada.

ST 04: FILOSOFIA, IMAGEM E MOVIMENTO

Coordenação
Dr. Francisco Ramos Neves (UERN)
Dr. Jucielde de Lucena Evangelista (UERN)

O HOMEM IRRACIONAL E A REFLEXÃO EXISTENCIALISTA NO ENSINO MÉDIO.

Everton de Santana Sousa
Domício Gabriel Costa do Vale

A proposta aqui esboçada terá como eixo central mostrar o resultado da atuação do projeto Cinesofia na escola Hermógenes Nogueira da Costa. O projeto tem como objetivo levar a reflexão filosófica às escolas por vias artísticas (nesse caso, a cinematografia). Assim, tentamos expor algo desconhecido aos alunos (conceitos filosóficos) com um produto que faz parte de uma cultura mais popular, isto é, o cinema. Na escola citada foi levado o filme Homem Irracional para que então pudessem apreciar e pensar acerca dos desdobramentos que são fornecidos pelo meio audiovisual. Após o filme, fizemos uma leve exposição abarcando autores clássicos da filosofia contemporânea, como Jean-Paul Sartre e Friedrich Nietzsche. O primeiro refletiu melhor o chamado existencialismo, enquanto que o último ficou conhecido por abordar o tema do niilismo.

O filme estabelece uma situação de reestruturação existencial alimentada por um ideal pessoal socialmente reprovável, provando a impossibilidade de viver confortavelmente sem uma finalidade de vida, dessa forma os apresentadores dessa proposta estabeleceram um diálogo com as turmas acerca de valores presentes que preenchem a humanidade em busca de um fim para a sua existência, modelando a sua visão a respeito da vida, do mundo e da cultura.

Palavras-chave: Existência, Ideal, Liberdade, Afirmação

A NOVA RAZÃO PRÁTICA E A FUNDAMENTAÇÃO DA TEORIA DEMOCRÁTICA EM HABERMAS

Adalberto Ximenes Leitão Filho

Compreender a teoria da democracia de Habermas, seus conceitos centrais, seu alcance e limites, demanda o entendimento das bases sob as quais ela se assenta. A crítica de Habermas ao “paradigma do trabalho”, à ideia de sociedade centrada no Estado, à noção de um macro-sujeito histórico, e às concepções empiristas do poder e da democracia, dentre outras, são melhores compreendidas quando percebemos que elas são o resultado de um novo conceito de razão prática. Segundo Habermas, a Modernidade inventou o conceito de razão prática como uma faculdade subjetiva. Já na Contemporaneidade, com a “reviravolta linguística”, a razão prática adquire um sentido intersubjetivo. A partir das diretrizes do pensamento pós-metafísico e do contexto das sociedades pós-tradicionais, a razão prática perde a força orientadora da vontade com base em um “mundo objetivo”, para centrar-se nas pretensões de validade dos discursos éticos e políticos. A razão prática passa a ser concebida por Habermas como “razão comunicativa”, proporcionando, assim, uma segunda reviravolta, a “reviravolta deliberativa”. Com o intuito de sintetizar os paradigmas do Estado liberal e do Estado republicano, Habermas elabora uma teoria da sociedade culminando na chamada “política deliberativa”. Esta, por sua vez, se torna um instrumento de investigação da crise contemporânea do Estado Democrático de Direito. Analisar as mudanças da razão prática e seu papel na fundamentação da teoria da democracia é o objetivo da pesquisa.

DANÇAS POPULARES E AFRO-BRASILEIRAS EM AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Antônio Daniel Neves de Sousa
Glycia Melo de Oliveira Silva

As unidades temáticas da Educação Física pressupõem as diferentes manifestações da cultura de movimento a serem tratadas pedagogicamente na escola. Nessa vertente, entendemos que as danças populares e afro-brasileiras se revelam como significativas vivências de tais manifestações. No entanto, percebe-se limitações na participação de crianças e jovens nas aulas que tematizam esses conteúdos. Assim, o estudo busca investigar quais fatores são determinantes para a não participação de alunos em danças populares e afro-brasileiras, enquanto conteúdo das aulas de Educação Física. O estudo descritivo, utilizou como instrumento para coleta de dados um questionário com sete perguntas objetivas. A amostra foi constituída por 136 estudantes, entre 11 e 15 anos do 6º ano do ensino fundamental de três escolas públicas na cidade de Mossoró/RN, vinculadas ao Projeto Residência Pedagógica. Os resultados obtidos mostram que um percentual (11,76%) relevante dos alunos entrevistados associaram a não participação em atividades de danças populares à sua religião. Ou seja, os resultados mostram que dogmas e preceitos religiosos influenciam diretamente no processo de ensino e aprendizagem de determinados conteúdos na escola. Além disso, percebemos a expressividade de uma sociedade machista nos discursos dos entrevistados, reafirmando falas voltadas à questão de gênero: “dança é coisa de menina” (24,26%); ou desconhecimento sobre tal unidade temática (66,9%). Assim, refletimos sobre o papel pedagógico das disciplinas escolares, uma vez que são responsáveis também pela formação humana dos alunos e construção de uma sociedade em que se tenha respeito à diversidade, possibilitando-os conhecerem e se apropriarem das diversas manifestações culturais oriundas em diferentes religiões. A Educação Física cumpre o papel de possibilitar ao aluno a vivência de danças populares e afro-brasileiras, uma vez que estas constituem a nossa história e fazem parte do acervo cultural brasileiro, além de garantir a legitimidade e democratização do conteúdo.

FILOSOFIA E MEIO-AMBIENTE NO FILME WALL-E

Caio César Sinésio de Moura

Wall-e (2008) é uma animação produzida pela Disney e da Pixar, cujos conteúdos podem ser explanados nas diversas séries do ensino básico. O filme tem seu início no ano de 2700, onde o planeta terra passa-se como o principal cenário, encontrando-se em estado de calamidade ambiental em nível global. Certamente, o planeta terra é tratado como um grande depósito de lixo, e neste, surge o personagem Wall-e (Levantador de Carga para Alocação de Lixo - Classe Terra). Sua função é compactar e organizar o lixo, tendo como companheira uma barata de estimação. Wall-e foi enviado para a terra assim como outros robôs para executar o serviço acima já falado, e os seres humanos, dentro da sua capacidade, tentam se proteger na estação espacial Axiom. O planejamento dos humanos, era que a situação do planeta terra se resolvesse em apenas cinco anos, porém passaram-se já 700 anos. Então, para examinar se encontrariam vegetação orgânica viva ou alienígena, um segundo robô é enviado, a EVA; certamente, esta, se enamorará do Wall-e. Ao passar do filme, notamos que os seres humanos também mudaram seus hábitos e se adaptaram, adquirindo certas incapacidades, inclusive físicas (precisavam de aparelhos tecnológicos para fazer movimentos básicos do corpo humano). Existe, nesse meio, toda uma desrazão causada por campanhas de marketing, deixando-os passivos a toda situação que ocorre. Então, de acordo com estes breves elementos do filme, colocamos em reflexão atual uma consciência eco planetária.

O RESSENTIMENTO NIETZSCHEANO E A NARRATIVA SERIADA DARK

Stamberg José da Silva Júnior

O objetivo desta pesquisa é identificar, utilizando uma abordagem qualitativa, compreensiva e interdisciplinar, aspectos referentes ao conceito de ressentimento propostos por Nietzsche a partir da série alemã Dark (2017/2019). Também objetivamos, especificamente, analisar os diferentes modos de compreender o ressentimento em Nietzsche; discutir as formas de apreensão do conhecimento, da realidade e construção do imaginário a partir da produção audiovisual, mais especificamente, na ficção seriada em análise. Também visa-se debater a relação entre a filosofia e o cinema, compreendendo a produção audiovisual como uma das formas de conceber a realidade; realizando uma investigação sobre a cultura das séries e a importância da ficção seriada na apreensão do conhecimento e do imaginário hodierno. A série será analisada sob a ótica da Análise Fílmico-Compreensiva da Narrativa Seriada proposta por Larissa Azubel (2018), que visa unir pressupostos da Sociologia Compreensiva de Maffesoli (2010) e da Análise Fílmica da Narrativa de Francesco Casetti e Federico Di Chio (2013), permitindo compreender e interpretar o objeto de estudo e “conjugando objetividade possível e subjetividade frutuosa”. Esta pesquisa dialoga estudos psicanalítico-filosófico-literários com narrativas artístico-midiáticas e busca a compreensão de uma parte da realidade e do imaginário contemporâneo a partir do objeto em análise.

TEORIA DO CONHECIMENTO E ALEGORIA DA CAVERNA DE PLATÃO A PARTIR DO FILME “OS CROODS”

Wescley Assunção Santos da Silva

Márcia Araújo Silva

Rejane dos Anjos Santos Campelo

O presente trabalho é fruto do Projeto de Extensão CINESOFIA, vinculado ao Núcleo de Estudos, Ensino e Investigações em Filosofia (NEFIL), do Departamento de Filosofia, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. O referido Projeto é uma iniciativa do Professor Francisco Ramos Neves, enquanto coordenador, com a participação de discentes do Curso de Filosofia e discentes de outros cursos da UERN tendo como escopo fomentar a reflexão e o debate filosóficos prioritariamente nas escolas de nível fundamental e médio da rede pública a partir de filmes ou documentários relacionados a problemas filosóficos. O ensino de filosofia através do cinema contribui para um aprendizado mais dinâmico abordando desde temas clássicos a temas contemporâneos. Ademais, constitui metodologia de ensino distinta dos modelos tradicionais servindo de recurso pedagógico para docentes de filosofia debaterem com os estudantes vários assuntos relevantes para a filosofia. Este trabalho abordará o tema da teoria do conhecimento associando a alegoria da caverna de Platão com o filme Os Croods. A mencionada alegoria contribui para a reflexão sobre o conhecimento da verdade a partir da superação do estado de ignorância do homem mediante a luz da razão, que nos possibilita distinguir a verdade das ilusões, das falsas crenças e dos saberes reproduzidos pela tradição sem critérios e questionamentos.

UMA HERMENÊUTICA DO NOSSO TEMPO: NOVAS INTERPRETAÇÕES PSICOPATOLÓGICAS NA SOCIEDADE DO CANSAÇO

Ricardo Décio da Silva Santos

O intuito fundamental deste trabalho é ampliar a compreensão dos fenômenos ditos psicopatológicos como a síndrome de Burnout, depressão, tédio, déficit de atenção e hiperatividade, através da contribuição do filósofo Byung-Chul Han, contido no ensaio “A sociedade do cansaço”. Em vez de partir simplesmente dos meros diagnósticos datados, ou, de procurar diretamente no próprio corpo biológico do homem, Han faz uma hermenêutica-fenomenológica das mudanças de paradigmas ocorridas dos últimos séculos que possibilitou novos modos de “ser-no-mundo”. Afetando drasticamente nossa lida fática, emancipando novas enfermidades advindas das novas técnicas de poder “psicopolítica” do neoliberalismo com violência da positividade, e não mais o poder disciplinar da biopolítica. Perguntando não o que “é” essas patologias, mas “como” se dão os processos que a analítica pretende se apropriar, para enfim, compreender os sentidos presentes neste horizonte que perpassa o ser humano por ser um “existente”, isto é, um ser em relação-no-mundo, sendo interpelado, respondendo e se afetando pelas solicitações excessivas que vêm ao seu encontro, por isso, adoece e sofre, pela demasia sem sentido do nosso tempo. A metodologia usada foram os textos de Han, dialogando com pensadores intermediários como Foucault, Freud, Nietzsche, Heidegger, em busca de entender a mudança do século XX para o XXI. Os resultados mostraram que os modos de ser emancipou vários fenômenos psicopatológicos.

Palavras-chave: Psicopolítica. Positividade. Desempenho. Violência Neuronal

O MITO DA CAVERNA DE PLATÃO A PARTIR DO FILME “OS CROODS”

Gustavo da Silva
Mateus de Oliveira Sobrinho

O presente trabalho é fruto do Projeto de Extensão CINESOFIA, vinculado ao Núcleo de Estudos, Ensino e Investigações em Filosofia (NEFIL), do Departamento de Filosofia, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. O referido Projeto é uma iniciativa do Professor Francisco Ramos Neves, enquanto coordenador, com a participação de alunos do Curso de Filosofia e professores de outros cursos da UERN tendo como objetivo maior fomentar a reflexão e o debates filosóficos prioritariamente nas escolas de nível fundamental e médio da rede pública a partir de filmes ou documentários relacionados a problemas filosóficos. Bom, o ensino de filosofia através do cinema contribui para um aprendizado mais dinâmico dos alunos abordando os temas clássicos e temas contemporâneos, abrangendo e aprimorando cada vez mais o conhecimento dos alunos. O filme os Croods serviram de base para refletimos o mito da caverna do grande filosofo Platão tendo em vista que o mesmo filme tratou de um grande desejo por parte dos personagens a alcançarem a luz, tendo em vista que eles viviam numa grande escuridão dentro de uma caverna. Assim gerou-se na sala de aula um bom debate filosófico, trazendo o filme para os dias de hoje.

ST 05: EDUCAÇÃO E DEMOCRACIA: O EXERCÍCIO DA CIDADANIA EM TEMPOS DE INCERTEZAS

Coordenação
Dra. Ana Maria Morais Costa (UERN)
Me. Priscila Tatianne Dutra – (POSEDUC)

A IMPORTÂNCIA DO FARMACÊUTICO DIANTE DO SUICÍDIO POR INTOXICAÇÃO MEDICAMENTOSAS: UMA ABORDAGEM BIOSOCIAL

Letícia Suyane Bento de Lima
Elias Fernandes da Silva Neto

O suicídio tornou-se um dos principais problemas de saúde pública no Brasil e no mundo. A intoxicação por medicamentos motivada pelo consumo excessivo é um dos principais métodos utilizados para atentar contra a própria vida. Esta pesquisa trata-se de um referencial teórico que engloba a discussão entre Emily Durkheim e Guilherme Borges com o objetivo de evidenciar a importância do profissional farmacêutico frente a essa problemática global, e de como os fatos sociais descritos no final do século XIX por Durkheim, somado à mudança da visão de saúde-doença sobre os comportamentos antrópicos têm grande impacto no contexto suicida do mundo moderno. Foi possível identificar como principais indicadores de risco de suicídio por envenenamento: o acometimento de algum transtorno psiquiátrico, além do uso irracional de MIPs (Medicamentos Isentos de Prescrição Médica) e a dispensação ilegal de demais medicamentos. A presença do farmacêutico no âmbito social com a função de monitorar e orientar corretamente sobre a farmacoterapia adequada, bem como a assistência sobre o uso racional de medicamentos e o encaminhamento a um profissional especializado quando identificadas tentativas de suicídio poderiam contribuir para a diminuição de casos.

Palavras-chave: Suicídio; Intoxicação medicamentosa; Sociedade.

A DEPRESSÃO COMO DOENÇA DA CONTEMPORANEIDADE E O PAPEL DO FARMACÊUTICO ENQUANTO PROFISSIONAL CIDADÃO

Maria Vitória Dantas Sampaio
Marcela Vitória Dantas Sampaio

Segundo a OMS, mais de 300 milhões de pessoas sofrem com a depressão no mundo, transtorno de humor grave que causa mal-estar aos indivíduos acometidos, sendo a doença mais frequente na contemporaneidade, apontada como “mal do século”. Antigamente, as pessoas identificadas com doença mental recebiam tratamentos em instituições onde tinham como principal terapia, o isolamento, ocasionando exclusão no âmbito familiar e social. O sociólogo Alain Ehrenberg, relaciona à ocorrência dos casos de depressão as mudanças sucedidas na sociedade, levando em consideração os ideais de ação do individualismo, acarretando uma pressão psíquica nos indivíduos. A partir de mobilizações no Brasil com reivindicações ao modelo de saúde mental, iniciou-se a Reforma Psiquiátrica com o propósito de incluir o enfermo na decisão da terapia, afirmando seu papel de cidadão, envolvendo uma equipe multiprofissional dentre eles o farmacêutico que deve trabalhar de forma humanizada com os demais, considerando a singularidade e subjetividade de cada paciente, como também proporcionar a inclusão à família e ao corpo social. Sendo ele responsável pela educação da farmacoterapia dos pacientes e através da comunicação proporcionar o uso racional dos antidepressivos.

Palavras-chave: Depressão. Farmacêutico. Sociedade

EDUCAÇÃO DO FARMACÊUTICO PARA COMA SOCIEDADE NO PROCESSO DE FORMAÇÃO CIDADÃ: A INFLUÊNCIA DAS MÍDIAS DIGITAIS NA AUTOMEDICAÇÃO.

Lôrran Madson Dantas de Medeiros

A atuação do farmacêutico enquanto educador social, perpassa o ato do atendimento no fronte das drogarias. O farmacêutico é um profissional generalista e dentre as suas diversas áreas de atuação, existe a farmácia clínica, possibilitando ao profissional um contato direto com o paciente, o que permite ao farmacêutico exercer seu papel de educador/orientador dos medicamentos e da sua ministração adequada. O objetivo aqui é analisar como as mídias sociais podem influenciar consumo excessivo de medicamentos e suas consequências para a saúde. O trabalho será de caráter bibliográfico, analisando pesquisas publicadas em livros e periódicos relacionados ao tema. A divulgação de medicamentos em mídias digitais tem se tornado um problema quando se trata da saúde pública, pois, para Marilene (2005) os medicamentos estão ultrapassando as fronteiras de uso terapêutico e sendo consumidos cada vez mais com o objetivo de moldar o corpo a padrões estéticos. Com isso em mente, é possível vislumbrar a responsabilidade do farmacêutico para além de sua função técnica, e sim, como um profissional holístico capaz de compreender outros desafios impostos pelo mundo do trabalho, que é acima de tudo social e humano.

EDUCAÇÃO E DEMOCRACIA EM PAULO FREIRE: O PAPEL DA CONSCIENTIZAÇÃO

Nicolas Samuel Gomes Leitão
Telmir de Souza Soares

Nas obras de Freire é compreendido que a educação em nenhum momento da sua execução se encontra distante da política, ela é por essência uma prática política de engajamento consciente assim como também pode ser uma prática de distanciamento — distanciamento que também é político —, pois toda educação é para alguma coisa, contra alguma coisa, formação para alguma coisa, segundo alguma coisa. A educação pode muito bem prender, assim como pode muito bem libertar. E como buscamos na educação elementos-chaves para a democracia, foi encontrada uma ferramenta fundamental para o engajamento, para a construção de um saber democrático brasileiro: a conscientização. O presente trabalho tem como objetivo expor, segundo Paulo Freire, o que seria essa conscientização. Por ser uma investigação bibliográfica para compreender e dizer possíveis respostas partindo dos livros: *Pedagogia do Oprimido*, *Pedagogia da Autonomia* e *Conscientização*; essa conscientização que é quase um segundo nascimento ou da libertação, quando alguém aprende a dizer o mundo e no mundo a dizer a si mesmo, livre agora na sua condição de mulher e homem.

HORIZONTES DO EXERCÍCIO DA CIDADANIA NA AMÉRICA LATINA

Judson Caetano da Silva

A presente pesquisa tem como objetivo investigar como o exercício da cidadania se articula nos atuais governos latino-americanos, tendo em vista os processos sócio-históricos de colonização, imperialismo, regimes ditatoriais e populistas, partindo de uma teoria da democracia participativa. Para isso, será necessário definir o conceito de cidadania por meio de seus pressupostos e suas aplicações na teoria da democracia participativa. Em seguida, irá detalhar as particularidades das democracias na América Latina, levando em conta os aspectos históricos e culturais e os desdobramentos políticos das últimas décadas. Por fim, evidenciar de que maneira os regimes democráticos latino-americanos podem atuar para uma maior efetividade da cidadania, fazendo uso de mecanismos legais de participação popular.

ST 06: HISTÓRIA E IMPRENSA NO BRASIL REPUBLICANO

Coordenação
Dr. Marcílio Lima Falcão
Ms. Mícarla Natana Lopes Rebouças

A PUNIÇÃO DO CANGACEIRO JARARACA NA CIDADE DE MOSSORÓ/RN: ELEMENTOS HISTÓRICO-CRIMINOLÓGICOS DA APLICAÇÃO DA PENA CAPITAL

Rodrigo Nunes da Silva

O presente estudo procura investigar as nuances que envolvem a aplicação da pena de morte ao cangaceiro Jararaca, quando da invasão do bando de Lampião à cidade de Mossoró/RN e sua abordagem jornalística propagada nos órgãos locais de imprensa da época. Jararaca foi capturado e executado pelas forças policiais locais sem que houvesse julgamento. O cenário epistemológico aponta ainda para uma realidade própria do movimento do cangaço no início do século XX associada a uma forte cultura de influência positivista no estudo do crime. Tudo isso imposto e dissipado por

uma intensa narrativa jornalística conjugada a interesses plurais. A investigação tomará por base os escritos bibliográficos que já trabalharam o assunto além de pesquisas aos jornais da época que evidenciam depoimentos, reportagens e registros fotográficos dos fatos explicitados. Para isso, além da historiografia necessária, a temática é tratada sob uma ótica crítico-criminológica que examina os caracteres econômicos, políticos e sociais da punição aplicada. No fim, tem-se uma junção de elementos criminológicos que intentam demonstrar os verdadeiros interesses da execução ilegal do prisioneiro.

Palavras-chave: Cangaço, Jararaca, Pena de Morte, Criminologia

O REBATE: O USO POLÍTICO DA IMAGEM DO PADRE CÍCERO COMO ESTRATÉGIA PARA A EMANCIPAÇÃO DO JUAZEIRO (1909 -1911)

Ramon Bezerra Pereira
Marcílio Lima Falcão

Padre Cícero Romão Batista figura dentro da produção acadêmica e literária sobre as mais diversas facetas. Santo, patriarca, embusteiro, coronel, coiteiro de cangaceiros etc. Cada estudo atribui uma personalidade a figura do Pe. Cícero. Neste sentido, pode-se dizer que a personagem Pe. Cícero nunca é única, é sempre construção daquele que o enuncia. A historiografia sobre a relação Padre Cícero/Juazeiro ao perscrutar, em grande medida, à relação entre a devoção ao vigário e a abordagem política do Padre Cícero, enquanto agente político diante da Secessão de Juazeiro em 1914, deixou um certo silenciamento no intervalo de tempo entre os “fatos extraordinários” de 1889 e a Guerra de 1914. Partindo dessa constatação, propõe-se uma análise sobre a produção/construção discursiva da imagem do Pe. Cícero Romão Batista e seu uso político pelo jornal *O Rebate* no período de 1909 a 1911. Busca-se compreender como a disputa política entre o Juazeiro e o Crato se configurou nas páginas de *O Rebate* por meio da utilização da imagem do Pe. Cícero como estratégia de legitimação da campanha emancipatória juazeirense.

Palavras-chave: Imprensa. Padre Cícero. Emancipação de Juazeiro

HORA H: IMPRENSA E PODER NA COLUNA JORNALÍSTICA DE DORIAN JORGE FREIRE NO PERÍODO DA ABERTURA POLÍTICA BRASILEIRA (1977-1978)

Liliane Sonara de Sousa Gomes
Micarla Natana Lopes Rebouças
Marcílio Lima Falcão

A coluna Hora H, escrita por Dorian Jorge Freire no jornal *O Mossoroense*, se configurou como espaço de circulação das discussões sobre o processo de abertura política brasileira no contexto político das críticas à censura e a repressão do Estado Autoritário do pós-golpe civil-militar de 1964. Voltada às questões políticas e sociais, a coluna Hora H reproduziu aos leitores mossoroenses a visão de altas autoridades e agentes públicos sobre as tensões que marcaram a relação entre militares no poder e grupos oposicionistas presentes no Congresso Nacional. Por esse olhar, o artigo tem como cerne perscrutar às articulações políticas tecidas nas páginas de *O Mossoroense* a partir da compreensão da associação entre o uso de matérias que circularam na imprensa (nacional e internacional), especialmente nos jornais do eixo Rio-São Paulo, como *O Estado de São Paulo* e o *Jornal do Brasil*, com os rearranjos políticos nas esferas estadual e municipal.

Palavras-chave: Dorian Jorge. Imprensa. Mossoró. Regime Militar

IGREJA E POLÍTICA NA REVISTA ADVENTISTA DURANTE O REGIME MILITAR (1969-1974)

Moizes Saboia da Silva¹

Marcílio Lima Falcão²

O presente artigo analisa as estratégias utilizadas pelos editores da *Revista Adventista* no sentido de mostrar como a imagem do Regime Militar e sua pretensa normalidade social, circulante no periódico, corroborou com os discursos veiculados pelos militares. Para isso utilizam-se de Deus, Pátria e Família como discurso de manutenção da crença dos assinantes da revista usando o discurso religioso. A relação política de “amizade” entre as lideranças da igreja e os políticos de posição ao governo são nítidas em diversos artigos para atingir o leitor do periódico no sentido de crer que o governo dos militares era o da igreja e o da igreja o dos militares, pois, ambos seriam defensores da moral e da fé. Em seu conjunto, expressavam os interesses em maximizar a crença no governo tornando o leitor acrítico ao regime como autoritário.

Palavras-chave: Igreja. Política. Revista Adventista. Regime Militar

SEMENTES CRIOULAS E CONHECIMENTO TRADICIONAL NA ERA DA AGRICULTURA MODERNA: UMA EXPERIÊNCIA EM APODI (RN)

Letícia Gabriele da Silva Bezerra

As sementes crioulas são um importante recurso genético para a agricultura familiar, garantindo a soberania alimentar das famílias, das quais são passadas de geração a geração pelo guardião de sementes, importante ator social para sua manutenção. Nesta direção, a pesquisa objetivou resgatar o conhecimento tradicional dos guardiões de sementes e ressaltar a sua importância para preservação de espécies de sementes no município de Apodi do estado do Rio Grande do Norte. Como procedimento metodológico foi utilizada a pesquisa exploratória, com a realização de entrevista semiestruturada com perguntas abertas, junto a um dos guardiões de sementes do município no ano de 2017, ademais foram utilizadas a pesquisa bibliográfica e documental sobre o tema. Verificou-se que, atualmente o entrevistado possui cerca de 470 variedades de sementes crioulas, dentre elas: milho, feijão, melancia, gergelim e plantas da Caatinga. Constatou-se a importância do conhecimento da tradição na conservação da biodiversidade in situ, uma vez que algumas dessas sementes, segundo o guardião, já possuem mais de 305 anos. Conclui-se, portanto, que a importância de se guardar essas sementes, reside sobretudo, na necessidade de manter viva a tradição cultural e o patrimônio genético associado as sementes crioulas; uma vez que, atualmente as sementes transgênicas dominam o mercado, levando os agricultores familiares a aderirem ao pacote tecnológico inserido pela Revolução Verde.

¹ Graduando em História na Universidade do Rio Grande do Norte. Membro do Grupo de Pesquisa Mnêmis. feziosa-boia01@gmail.com

² Professor do departamento de História da Universidade do Rio Grande do Norte (UERN).

A RESPONSABILIDADE CIVIL DO ESTADO BRASILEIRO PELOS CRIMES COMETIDOS DURANTE A DITADURA MILITAR (1964-1985): A OPÇÃO PELA REPARAÇÃO DE CUNHO INDENIZATÓRIO.

Lidiane Mendonça Alencar

O trabalho analisa a responsabilidade civil do Estado brasileiro em face dos danos que a Ditadura Militar provocou às suas vítimas. Para esse fim, debruça-se, a priori, sobre o estudo da tortura, o direito internacional e o princípio da dignidade da pessoa humana. Na sequência empenha-se sobre a natureza jurídica das violações cometidas durante o regime de exceção. Aborda a teoria da responsabilidade civil com o fim de verificar a sua aptidão para reparar os sujeitos por todos os danos provocados pelos atos lesivos dos agentes estatais, conforme o Princípio da Reparação Integral. Por fim, declina-se, em específico, sobre a noção de responsabilidade civil do Estado com o fim de analisar o processo de reparação civil efetuado às vítimas do regime ditatorial brasileiro. A metodologia utilizada consiste numa revisão bibliográfica sobre a Ditadura Militar, suas formas de repressão, as violações aos direitos humanos, a responsabilidade civil do Estado, o estudo das leis que visaram indenizar civilmente as vítimas do regime, mormente as Leis nº 9.140/1995, nº 10.559/2002 e a Lei nº 12.528/2011. A pesquisa evidencia a inércia estatal em reparar os danos sofridos pelas vítimas e que as indenizações não foram capazes de reparar os sujeitos na sua integralidade, pois os critérios definidos pelas leis não conseguiram abarcar a complexidade dos casos envolvendo as vítimas de morte, sequestro, tortura, desaparecimento e perseguição.

ST 07: FILOSOFIA, EDUCAÇÃO E LIBERDADE

Coordenação

Dr. Antonio Júlio Garcia Freire (UERN)

Dra. Maria José da C. Souza Vidal (UERN)

OS PACTOS DA NATUREZA (*FOEDERA NATURAE*) EM LUCRÉCIO: A FILOSOFIA NATURAL COMO FUNDAMENTO DE UMA VIDA SIMPLES E EQUILIBRADA

Antônio Júlio Garcia Freire

Os epicuristas propuseram com alguns séculos de antecedência, problemas relacionados à *philosophia naturalis* que poderiam muito bem fazer parte do rol de questões das ciências do século XX. Em Lucrécio (séc. I a.C.), discípulo tardio do filósofo grego Epicuro (341 – 270 a.C.), o conhecimento da constituição e o movimento dos corpos primordiais – os átomos – seriam determinantes para a apreensão do real na medida em que consolidava um método analógico para investigar a causa dos fenômenos. Os epicuristas estabeleceram alguns princípios metafísicos que colocaram em evidência as características dos elementos primordiais e dos fenômenos naturais, os quais compõem o todo (o macrocosmo e o microcosmo), num imanentismo singular. Para Lucrécio, alguns desses princípios estão relacionados aos pactos da natureza (*foedera naturae*), os quais oferecem um tipo especial de explicação teórica e conceitual tanto para o modo de realização do mundo natural como para os fenômenos e acontecimentos da vida do espírito. Os conceitos de corpos primevos (*corpora prima*) para descrever o mundo atômico, e o de declinação (*clinamen*), para explicar o movimento da vontade livre (*libera voluntas*) são basilares. Na escola epicurista, a finalidade da vida humana era o prazer e a ausência de perturbação anímica (*ataraxia*).

COMPETÊNCIA COMUNICATIVA E FORMAÇÃO DOCENTE

William de Macêdo Virgínio

O presente trabalho pretende uma discussão crítico-analítica dos limites e das condições de possibilidades do construto sócio-filosófico competência comunicativa do filósofo alemão Jürgen Habermas para uma formação profissional do professor. Toma-se como horizonte de compreensão que uma formação profissional em sociedades democráticas e marcadas pelo fenômeno da reflexividade nos termos de Giddens e Beck deve ser ampliada para além de uma racionalidade quer instrumental quer estratégica obstaculizadoras e/ou impeditivas de processos dialógicos ampliados. Pretende-se por conseguinte ensinar ao mesmo tempo uma crítica aos modelos tecnicista e neo-tecnista de formação de professores e as possibilidades de alcance de uma formação profissional ancorada numa competência comunicativa pelos empenhamentos dialógicos das pretensões de verdade, veracidade e sinceridade - ainda que apontando seus limites.

O FEMINISMO E A MORAL CRISTÃ EM SIMONE DE BEAUVOIR

Cícera Pinheiro Batista

Este trabalho objetiva apresentar o Feminismo teórico de Simone de Beauvoir e sua influência aos debates feministas do século XX, dando ênfase a moral cristã ao identifica-la como ferramenta de opressão da mulher. Com o intento de expor brevemente, a discussão da autora acerca do problema da mulher na ótica do existencialismo, num contexto que se predomina as interpretações da ciência e da história em relação a construção feminina, Beauvoir se propõe a partir do método fenomenológico compreender a condição da mulher na sua dimensão ontológica. Para tanto verificou-se em obras da autora, análises do contexto histórico vivenciado por ela, dilemas sociais e econômicos de determinado momento, assim como alguns conceitos sobre os quais se debruça. Pretendeu-se compreender essa discussão, realçando os argumentos da autora acerca da moral cristã, como forma de manter a mulher submetida ao autoritarismo do homem que esteve ao longo do tempo, orientado por preceitos divinos.

EDUCAÇÃO E LIBERDADE NO PROTÁGORAS DE PLATÃO

Miguel Pereira Neto

A noção de excelência (areté), que é a principal questão que norteia o diálogo Protágoras, é uma noção aprendida, ou inata da alma? O diálogo mostra como sendo excelência nos mais diversos aspectos, portanto, aretai em musiké, aretai em técnicas de comando, em construções náuticas e principalmente nas coisas relativas a política, segundo Protágoras a Eubolia. O sentido que vamos analisar é a variação que surge no fim do diálogo, em que essa excelência surge da condição para que essa natureza surja em equilíbrio com as condições de relação educacional para que essa natureza se aprimore. A partir das leituras de Gregory Vlastos, os comentadores na maioria tentam dialogar esse conhecimento a teoria da Unidade das Virtudes e o fim é citado por José Gabriel Trindade Santos como uma vitória de Pirro do logos, já que aparentemente Sócrates se rende a opinião do Sofista e o Protágoras se rende a opinião de Sócrates formando um final de texto aporético em que ambos abandonam o diálogo. Vemos que essa noção é algo que transita entre a liberdade de deixar a natureza aparecer e a relativa tensão para esse ensino como possibilidades construídas do que é excelência e é essa medida entre saberes que vamos expor no artigo.

A ILUSÃO DE AMOR E LIBERDADE NA METAFÍSICA DO AMOR EM SCHOPENHAUER

Maria Fernanda Santos da Silveira

Na Filosofia, foram poucos os que se preocuparam com a temática do amor, Arthur Schopenhauer é uma exceção. Para o filósofo alemão, o amor apaixonado é fundamentado em uma ilusão, a qual ele intitula por “Instinto”, fazendo com que o indivíduo pense estar agindo em benefício próprio, quando na verdade, está sendo orientado por uma intenção inconsciente, cujo o fim é a perpetuação da vida, ou seja, a procriação. No interesse da espécie, isto é, de uma objetividade ou exposição volitiva, é que atuam as pessoas em todo estar-enamorado. Schopenhauer afirma ser de grande relevância o tema do amor em função de ser pertinente à existência e à constituição do gênero humano e, através de intercursos metafísico e fisiológico, tenta elucidar o sofrimento, a posse, o prazer físico, enfim o que faz parte de toda esse arranjo que ele intitula de amor-paixão. Deste modo, surgem alguns questionamentos: De que forma esse amor-paixão interfere na liberdade emocional e sexual dos indivíduos? Existe espaço para a liberdade na constituição do amor-paixão? A proposta dessa pesquisa é analisar a obra “metafísica do Amor” de Schopenhauer, refletindo a forma de amor como instrumento da vontade e suas privações na liberdade dos enamorados em plena era dos amores tóxicos.

SARTRE E FOUCAULT: A FILOSOFIA COMO UMA NOVA POSSIBILIDADE DE EXISTÊNCIA

Jonatá dos Reis Lima
Gleicy Kelly de Moraes Lopes

A presente pesquisa tem por objetivo apresentar duas concepções filosóficas, embora que por vezes contrárias, que resgatem a existência e a experiência do indivíduo inserido em seu cotidiano, em sua própria vida, conduzindo-o um sentido e direcionamento a uma nova forma de existência. A princípio se elucidará sobre a questão central de seus pensamentos, a responsabilidade e a liberdade em Sartre e o diagnóstico do presente e as relações de poder em Foucault. Conduzindo a problemática para a noção e o entendimento daquilo que causa uma ruptura em seus pensamentos: a figura do Intelectual. Enquanto em Sartre o Intelectual engajado é universal, ocupa um lugar de fala, como o privilégio da escrita, teria como objetivo libertar as consciências; para Foucault o Intelectual é específico, não há mais uma pretensão de ser um transmissor de consciências mais a partir de um saber local se desprender de todo jogo de verdades, de uma noção de verdade absoluta. Direcionando posteriormente que, apesar das divergências tanto em Sartre como Foucault, há um ponto em comum em suas discussões: o sujeito. E diante uma sociedade aonde cada vez mais o sujeito pensante dá lugar a uma reprodução das grandes massas sem qualquer re-conhecimento de si, se faz preciso resgatar a conduta de cada existência singular, de fazer da Filosofia um modo de vida.

Palavras-chave: Existência. Sujeito. Modo de vida

LUCRÉCIO E OS CONFLITOS CIVIS NA ANTIGUIDADE

Cíntia Raquel Pereira Alves
Antônio Júlio Garcia Freire

O poema filosófico *De rerum natura* do epicurista Lucrécio (séc. I a.C.) foi escrito e publicado em um período de grande agitação social e política da República Romana. No início do poema, Lucrécio faz uma súplica à Vênus para a paz entre os romanos (DRN, I, 1-43), além de utilizar a expressão *hoc patriai tempore iniquo* (DRN, I, 41), indicando sua preocupação com os conflitos civis da sua época. Essa é uma posição de consenso entre a maioria das interpretações qualificadas do poema (FOWLER, 1989), as quais defendem que o poema é antes de tudo, um trabalho de filosofia política. Parece que tal interpretação é baseada, principalmente, na apropriação do conceito grego de stásis, usado na antiguidade para denominar o prenúncio de conflitos e guerras civis entre as cidades estado gregas. Por outro lado, outras análises sugerem que, considerando a audiência a que foi dirigida o *De rerum natura*, Lucrécio estava preocupado com um tipo particular de stásis, a saber, os embates entre os membros da elite aristocrática romana (McCONNELL, 2012), ávidos de poder e impulsionados por ambição e sede de riqueza. Esta comunicação tem o objetivo de discutir a noção de stásis e sua relação com os termos latinos *invidia* e *ambitionis*, propondo uma interpretação particular sobre os conflitos civis na antiguidade.

ST 08: COMUNICAÇÃO, MÚSICA E IDENTIDADE

Coordenação
Dr. Tobias Arruda Queiroz (UERN)

FESTIVAL MADA E A REPRESENTATIVIDADE DA MÚSICA AFRO-BRASILEIRA DECOLONIAL

Luane Fernandes Costa

No Rio Grande do Norte, o festival MADA é um referencial para a cena musical potiguar. A sua 21ª edição contou com uma line-up composta por uma maioria de artistas negros de múltiplos gêneros musicais, com performances políticas que evocam um discurso decolonial. Este artigo se propõe a investigar a escolha da curadoria do festival e analisar o discurso composto nas letras e manifestações dos artistas, a partir de entrevista com os curadores, revisão bibliográfica e de uma pesquisa participante através da ida ao festival. Como parte do discurso decolonial destes artistas, está o surgimento de divindades minoritárias como personagens de desconstrução (ARRUDA, 2018). Além das letras das músicas, a estética como os figurinos ou peças audiovisuais também expressam um conteúdo combativo, em tom de manifesto. Segundo Grada Kilomba (2008), raras as vezes foi dado a comunidade negra a condição de sujeito, tal posição de “outridade”, indica a falta de acesso a representação. Muitos destes estão postos a margem e são colocados ao centro através da música. A “margem”, neste sentido, são locais marginalizados, esquecidos pelo poder público e estigmatizados pela sociedade. Sendo um local tanto de repressão quanto de resistência. (bell hooks, 1990). Este objeto de estudo, ao ser majoritariamente composto e representado por artistas negros, os coloca ao centro e prova que a música pode ser um caminho para que os subalternos possam confrontar os sistemas opressores pelos quais são submetidos.

DE 1964 A 2019: A CENSURA DA DITADURA MILITAR NA CONTEMPORANEIDADE

Luiza Gurgel Queiroz de Almeida

A censura foi a forma de silenciamento utilizada no período da Ditadura Militar no Brasil (1964-1985), e muitas músicas foram barradas pelos militares com a justificativa de que as letras incitavam a população a combater a ideologia que eles pregavam. 34 anos depois, cantores estão sendo repreendidos/os, canções, impedidas, e shows, interrompidos: tudo indícios da censura. Pensando em analisar os dois momentos históricos, especificamente nas músicas censuradas de Chico Buarque em 1964 e no show da Linn da Quebrada na XVIII parada LGBT de João Pessoa em 2019 que foi impedido, este artigo buscará encontrar pontos que intersectam a censura musical do período militar com as censuras, segundo a própria Linn em nota divulgada nas suas redes sociais, que artistas estão sofrendo em pleno século XXI: por que shows estão sendo barrados? De que forma a censura contemporânea relaciona-se com a censura do período militar? Por que a liberdade de expressão pode ser vista como ameaça para o cenário político brasileiro atual? Para responder essas perguntas, foi realizada uma análise dialética e bibliográfica, além de uma pesquisa exploratória, confluindo os dois momentos históricos com documentações e a contemporaneidade. Para a análise de Chico Buarque, pegamos o artigo “A Censura às Músicas de Chico Buarque na Ditadura (1964-1985)”; e para a de Linn, a matéria “Linn da Quebrada tem apresentação cancelada em Parada LGBT: ‘censura’”, da edição de 03/08/2019 da Folha de São Paulo.

Palavras-chave: Censura; contemporaneidade; ditadura; música.

FRANCISCO EL HOMBRE: DO INDIE-ROCK AO POP

Yuri Rodrigues de Lira

Este artigo objetiva entender quais características rotulam a banda Francisco El Hombre como indie-rock, a partir de GUMES (2011), cuja autora conceitua o que é indie-rock e tenta compreender como um gênero se caracteriza e o que a indústria musical identifica como gênero dentro da cultura popular massiva. Além disso, buscamos compreender o que é gênero e como a banda passou por mudanças em sua sonoridade do primeiro para o segundo álbum de estúdio, levando em conta o tom e o discurso que vem assumindo desde então. A partir de discussões em fóruns virtuais, observamos como se deu a recepção do público a essa mudança e investigamos a que se deve essa transformação. Para isso, utilizaremos JANOTTI (2004).

RAUL SEIXAS E O OLHAR FIXO NO SEU TEMPO

José Gledson Nogueira Moura

O presente trabalho problematiza a condição de Raul Seixas como contemporâneo. Seria o cantor e compositor baiano um contemporâneo no sentido que Giorgio Agamben o define? “Contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro” (AGAMBEN, 2009, p. 62). O que significa ser contemporâneo? A contemporaneidade é uma singular relação com o tempo como afirma Agamben, que adere a este e ao mesmo tempo dele toma distância. Mais do que outros de sua época, Raul Seixas conseguiu compreender o seu tempo justamente por essa capacidade de deslocamento e essa possibilidade de manter fixo o olhar sobre ele. Foi capaz de perceber e apreender o seu tempo justamente porque não estava perfeitamente encaixado nele. Embora pertencesse a ele, ao mesmo tempo dele se distanciava. Suas composições, suas músicas,

suas atitudes como artista expressava a sua condição de pertencer ao seu tempo e dele se distanciar. Era um homem de seu tempo. Podia até detestá-lo, mas a ele pertencia.

Palavras- chave: Raul Seixas. Contemporâneo. Tempo

OS MUTANTES: ENTENDENDO A SUBVERSÃO E A PSICODELIA ATRAVÉS DA MÚSICA (1968 A 1978)

Lara Raquel de Souza e Maia

Este trabalho busca tratar da análise e compreensão da psicodelia, contracultura e subversão do conjunto musical Os Mutantes, composto por Arnaldo Baptista, Rita Lee e Sérgio Dias, através da análise de suas produções musicais, estéticas e fonográficas nos seus quatro primeiros álbuns (1969-1972), produzidos no contexto do Regime Civil- Militar. Através dessa análise, objetiva-se utilizar a memória de um contexto subversivo dentro de um momento de repressão cultural, compreender como se deu essa resistência, bem como quais heranças Os Mutantes deixaram ao cenário musical e a própria identidade subversiva que se formou após o fenômeno. O método para a construção desse trabalho se constitui no estudo das obras *A divina comédia dos Mutantes* (Carlos Calado) e *Rita Lee: uma autobiografia* (Rita Lee), documentários online e na observação da estética utilizada pelo referido grupo musical, nos âmbitos verbo-poéticos e parâmetros musicais da criação (NAPOLITANO, 2002).

Palavras- chave: Contracultura; Subversão; Psicodelia; Os Mutantes.

FEMIPOP NORDESTINO: DUDA *BEAT* E O EMPODERAMENTO FEMININO

Lilia Cristine Santana dos Santos

Conhecida como “a rainha da sofrência pop”, Duda Beat, mostra em suas letras músicas que mesmo com temas românticos, mostram o empoderamento da mulher. Em não ser mais aquela figura de “espera” e sim de agir para seu próprio prazer. A partir de sucessos das canções, “bixinho” e “bolo de rolo”, a cantora mostra em suas letras o novo pop feminino, e através do seu estilo musical, derivado do mangubeat. A musicalidade de Duda Beat deriva da cena cultural vivenciada na atualidade, onde questões de gênero e sociopolíticas estão sendo debatidas. Fazendo com que noções de identidade sejam debatidas. E de que maneira a mulher contemporânea, feminista, age em questões de relacionamentos, em uma sociedade patriarcal.

"PODE CENSURAR, ME PRENDER, ME MATAR! NÃO É ASSIM PROMOTOR, QUE A GUERRA VAI ACABAR": O EFEITO RICOCHETE NAS CENSURAS AO RAP NO BRASIL, ANGOLA E MOÇAMBIQUE

Francisco Carlos Guerra de Mendonça Júnior

Esta comunicação debate o efeito ricochete em casos de censura a rappers no Brasil, Angola e Moçambique. No Brasil, o foco será o clipe *Isso Aqui é Uma Guerra*, do Facção Central, censurado em 2000 e que havia sido veiculado apenas na MTV, mas os membros do grupo foram convidados para diversos canais de televisão. A repercussão pós-censura ajudou a projetar o Facção como um dos principais grupos de rap do país. Em Angola, aborda-se o assassinato de “Cherokee”, cometido por agentes da guarda presidencial em 2003. Cherokee estava reproduzindo uma música de MCK no centro de Luanda e os guardas gritaram em praça pública que aquilo era um exemplo para ninguém

voltar a se rebelar, mas o caso tornou-se um escândalo internacional e surgiram vozes de revolta no rap. Ainda em Angola, houve o caso conhecido como 15+2, em que 17 pessoas estiveram presas por um ano, entre 2015 e 2016. A repercussão fez aumentar a pressão sobre o presidente José Eduardo dos Santos, que deixou o poder após 38 anos. Em Moçambique, serão debatidas as censuras da Rádio Cidade de Maputo (estatal) as músicas País da marrabenta, do grupo GproFam, em 2004, e As mentiras da verdade, de Azagaia, em 2006. A mídia concorrente noticiou a proibição e a estatal veiculou novamente as músicas.

HIP-HOP MOSSOROENSE NO MEMORIAL DA RESISTÊNCIA: O “PERTENCER” ATRAVÉS DA MULTITERRITORIALIDADE

Amanda Veríssimo da Silva

A partir dos conceitos de território, territorialização e multiterritorialidade (HAESBAERT, 2007; 2014) o presente trabalho busca compreender como o hip-hop mossoroense se materializa de forma física e simbólica no Memorial da Resistência, ponto turístico da cidade de Mossoró/RN. A partir de entrevistas semiestruturadas, com sujeitos atuantes no território em questão, buscamos compreender como se configura a territorialidade do movimento hip-hop mossoroense e qual o papel do Memorial como manifestação física dessa territorialidade. Observamos que o território em questão possui uma multiterritorialidade por ser ocupado por outros grupos sociais com diferentes práticas e símbolos, portanto também buscamos pautar como a coexistência de diferentes movimentos culturais no Memorial influencia nas significações que este território carrega.

ST 09: EMOÇÕES, LUGARES E MEMÓRIAS EM CONTEXTOS URBANOS

Coordenação

Dr. Mauro Guilherme Pinheiro Koury (UFPB)

Dr. Raoni Borges Barbosa (UERN)

MEDO E SEGREDO: UMA ANÁLISE DO FILME A VILA DE M. NIGHT SHYAMALAN

Luciana Lobão Campos

Este trabalho é parte da minha pesquisa de mestrado e tem como premissa que o medo é uma emoção presente e, ao mesmo tempo, organizadora da sociedade, dando-lhe coesão. Trata-se de uma discussão teórica sobre o medo como uma emoção que permeia a análise do filme A Vila, de M. Night Shyamalan. O filme relata a história de um grupo de pessoas que passou por experiências traumáticas de violência urbana e, por esta razão, fundam uma Vila, isolada das influências da vida moderna, do dinheiro, das tecnologias, do individualismo, em suma, das relações capitalistas da atualidade. Serão abordados alguns aspectos da sociabilidade contemporânea, destacando conceitos como coesão social, segredo, cultura emotiva e outros conceitos que serviram de base para a ideia do medo como orquestrador do social.

NEURÓTICOS ANÔNIMOS (N/A): AS GRAMÁTICAS EMOCIONAIS QUE CONFIGURAM AS INTERRELAÇÕES DE ALGUNS INDIVÍDUOS NO CONTEXTO URBANO CONTEMPORÂNEO

Idayane Gonçalves Soares

Este trabalho tem como objetivo discutir, a partir de uma etnografia virtual, os conteúdos sociais presentes nas experiências emocionais singulares de participantes do "Fórum de Mensagens" do grupo online "Caminho Novo" pertencente ao "Grupo de Ajuda Mútua de Neuróticos Anônimos (N/A)", no quadro das novas configurações emocionais urbanas. Este grupo se apresenta como uma "Irmandade" anônima que procura ajudar seus membros no controle e administração de suas emoções que despontam como elemento disruptivo em suas vidas, posto que pela sua definição neurótica é qualquer pessoa cujas emoções interferem em seu comportamento. A subjetividade nessa dimensão se realiza dentro de uma cultura emotiva específica que emerge como produto das transformações advindas da modernidade, caracterizada pela condenação da dor em público e o seu recolhimento, economia emocional, privatização das emoções, distanciamento, indiferença e racionalidade. Assim, nesse contexto de códigos mais individualistas de intersubjetividade e autopercepção e de autocontrole emocional, o sentimento de pertença a uma comunidade e a rememoração cotidiana de suas trajetórias delimitadas pelo antes/depois da Irmandade, parecem apontar para um caminho novo para esses indivíduos citadinos que sofriam, segundo discurso oficial, de uma impotência perante as emoções.

SILÊNCIOS QUESTIONADOS, SILÊNCIOS DESEJADOS: UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE CONSTRUÇÕES DE MASCULINIDADES EM TORNO DA ESFERA DAS EMOÇÕES

Bárbara Celi de Souza Aguiar Cardoso

Ao trabalhar com problemáticas de gênero, é preciso ter em mente que não estamos acorrentados a padrões imutáveis: escolhas podem ser feitas, assim como ressignificações e estabelecimento de novas relações. Porém tais escolhas sempre serão feitas em contextos sociais concretos, o que significa afirmar que não existe uma essência em "ser homem". No que se refere especificamente às emoções e sentimentos masculinos não é diferente. Enquanto alguns grupos incentivam o controle emocional masculino através de um discurso de que os homens precisam ser fortes e seguros, outros questionam essa perspectiva, entendendo-a como um modelo de masculinidade que gera insegurança, violência e sofrimento. Desta forma, o presente trabalho tem como objetivo argumentar no sentido de existir uma pluralidade de masculinidades construídas em torno da esfera das emoções. Para tanto, foi analisado o documentário "O silêncio dos homens" (2019), assim como o vídeo "O que a mulher mais quer de um homem?" (2016), do canal no Youtube da Igreja Universal.

Palavras-chave: gênero; masculinidades; emoções

ESTRATÉGIAS DE RECONFIGURAÇÃO DA IMAGEM DA COMUNIDADE DO TIMBÓ: UMA ANÁLISE SOBRE O ACIONAMENTO DA NOÇÃO DE TIMBÓ HOJE PELOS MORADORES

Williane Juvêncio Pontes

Este trabalho é fruto de uma pesquisa de Dissertação em desenvolvimento na Comunidade do Timbó, cidade de João Pessoa-PB. O objetivo é discutir as estratégias de reconfiguração da imagem da comunidade a partir do jogo entre passado e presente acionado pelos moradores para indicar como a Comunidade do Timbó é atualmente, se diferenciando do seu passado. Passado este que contribuiu para a constituição de uma imagem negativa criada pelo bairro dos Bancários – onde a comunidade está situada – sobre o Timbó. O jogo entre passado e presente que os moradores acionam se cristaliza na noção de Timbó hoje, que é formulada a partir da apropriação do slogan Novo Timbó, criado pela Prefeitura Municipal de João Pessoa para anunciar a urbanização do lugar. O Timbó hoje surge, na narrativa dos moradores, como uma noção que representa a tranquilidade local, mas que também indica a tensão da diferenciação entre passado e presente, com situações consideradas do passado que, por vezes, se repetem no presente e colocam em risco a tranquilidade local que, para os moradores, é um dos principais elementos que norteiam a reconfiguração da imagem da Comunidade do Timbó. Busca-se, assim, analisar os elementos que envolvem a noção de Timbó hoje e como ela é elaborada e acionada pelos moradores da comunidade, sendo esta análise desenvolvida a partir dos resultados produzidos nas conversas com os moradores e nas observações realizadas durante o trabalho de campo na Comunidade do Timbó.

NOTAS SOBRE COTIDIANO E SENSO COMUM: UM OLHAR ATRAVÉS DA SOCIOLOGIA DA EMOÇÃO

Alexandre Paz Almeida

O presente trabalho busca discutir a possibilidade de interpretação da vida cotidiana e do senso comum através de um olhar metodológico da sociologia da emoção. Desse modo, pretendemos lançar reflexões a partir dos processos intersubjetivos que permitem o entendimento sobre a construção social subjetiva e objetiva do ser "humano comum", imerso na realidade cotidiana. Trata-se, pois, de construir um diálogo em que a sociologia da emoção pode contribuir para a produção e ampliação do conhecimento do senso comum na vida cotidiana. A perspectiva de intermediar um debate sobre cotidiano, senso comum e emoção também nos informa sobre os significados que abastecem os vínculos e relacionamentos sociais, sempre vistos sob um polo tensional entre a objetividade e subjetividade cultural e social (KOURY, 2017); (BORGES, 2015) onde fica mais evidente as noções de individualidade, individualismo e indivíduo na modernidade contemporânea. É neste panorama que buscamos olhar para a vida cotidiana não desprovido de sentidos, mas com significados de interações simbólicas compartilhadas e experienciadas no contexto relacional do senso comum.

AS JUVENTUDES DE MOSSORÓ: O GRUPO LGBTQI+ E SUAS TERRITORIALIDADES

Erik Albino de Sousa

Quando se trata das Ciências Sociais é um equívoco tratar as juventudes como juventude, pois, há uma ideia de que esta é única e homogênea, o que de fato não é real. A juventude assim como a sociedade, está em constante modificação e transformação. Dentre essas juventudes, se encontra o grupo LGBTQI+. As juventudes, em especial o grupo LGBTQI+, territorializam espaços, em busca de segurança e socialização. Diante disso, este trabalho apresenta como objetivo analisar os principais espaços públicos e/ou privados frequentados pelas juventudes do município de Mossoró/RN, destacando se existem espaços escolhidos pelo grupo LGBTQI+ como ambientes de socialização. Para a realização do trabalho foi-se necessárias leituras a respeito de juventudes, grupo LGBTQI+ e territorialidades, através disso fora desenvolvida a pesquisa com a aplicação de um questionário com as juventudes do município para analisar quais espaços são territorializados e os motivos que levam esse grupo a desenvolverem espaços seus que representam espaços de sociabilidade e aceitação. Por fim, notamos que as juventudes pertencentes ao grupo LGBTQI+ se sentem ou já se sentiram desconfortáveis em espaços públicos e/ou privados de Mossoró/RN em decorrência de sua orientação sexual.

Palavras-chave: Juventudes; juventude LGBTQI+; territorialidades

MEMÓRIAS E ICONOGRAFIAS MILITANTES: O PAPEL DA TRADIÇÃO NO EMPREENDIMENTO MORAL-EMOCIONAL DE LUGARES OFICIOSOS NA UERN – MOSSORÓ

Raoni Borges Barbosa
Djalma Lucas Mendes

Este artigo discute o papel da tradição de narrativas orais e visuais no processo estratégico (GOFFMAN, 2012) de construção e de empreendedorismo moral-emocional (BECKER, 2018) de três lugares (KOURY, 2001 e 2003) oficiosos (BOLTANSKI, 2012) em busca de afirmação social, pública e política (GUSFIELD, 1986) de suas pautas ideológicas (BOUDON, 1989; HARARI, 2019; VINCENT, 1995) desde o campus da UERN – Mossoró: o lugar PADOCA, o lugar BREJO e o lugar em rede do MOVIMENTO ANTIPROIBICIONISTA. Cada um ao seu modo, estes lugares declinam dialetos ideológicos provenientes da experiência política ocidental desde pelo menos o século XVIII (Liberdade – Igualdade – Fraternidade), mas reinventados no confronto com as demandas contemporâneas locais e nacionais do urbano individualista, globalizado e informacional. Estes lugares oficiosos acionam também narrativas visuais pautadas em reinvenções (WAGNER, 2010) iconográficas da tradição ocidental (GINZBURG, 2014), em um empreendimento moral-emocional de autoconstrução que combina a irreverência do novo transgressor com uma formatação familiar de signos (BARTHES, 2018) ocidentais de longa tradição.

Palavras-chave: UERN/Mossoró-RN. Memórias e Iconografias Militantes. Empreendedorismo moral-emocional. Lugares Oficiosos

CORREDOR CULTURAL DE MOSSORÓ E O PERFIL SOCIOECONÔMICO DE SEUS FREQUENTADORES

Rafael Silva de Souza
Victor Sales Ribeiro

O corredor cultural situado na cidade de Mossoró/RN, possui uma dinâmica espacial bastante ativa, distribuída entre pontos de lazer, comércio e serviço, tendo como público alvo moradores da cidade e turistas. Dessa forma, o objetivo desta pesquisa é traçar o perfil socioeconômico dos frequentadores dessa localidade central, no intuito de constatar se esse espaço se configura como local que abarca as mais variadas classes econômicas. A pesquisa realizada teve caráter quantitativa e fundamentação teórica através de pesquisa bibliográfica. Aplicou-se um questionário com 100 entrevistados divididos em 2 finais de semanas, fazendo perguntas objetivas, buscando compreender a renda salarial, ocupação profissional, zona da cidade em que mora e com que frequência visitava aquele espaço. Através dos dados adquiridos verificou-se que a média salarial dos consumidores varia entre 1 e 4 salários mínimos, se configurando como classe média baixa e alta. Por conseguinte, a ocupação profissional fixou-se no setor terciário ou estavam desempregados, apresentam distanciamento entre seu local de moradia e a área da pesquisa, e por fim, ao fazer análise da frequência de visita ao corredor cultural, percebeu-se que a maior parte se concentra nos finais de semana, no período de folga das atividades.

PERCEPÇÃO DO SOFRIMENTO, EMOÇÕES E SIGNIFICADO ENTRE PACIENTES ONCOLÓGICOS

Débora Maria Marques Bezerra

A sociologia das emoções parte do princípio de que as experiências emocionais vivenciadas e/ou sentidas são produtos das relações existentes entre os indivíduos, a cultura e a sociedade. Os sentimentos, amiúde, têm sido reduzidos a um fator meramente biológico quando, na verdade, é possível falar de emoções consonante situações sociais. Em pacientes oncológicos, as emoções se apresentam de maneiras conflitantes, visto que a doença é uma situação particular do indivíduo, na qual seus padrões de vida são afetados e consequentemente a segurança emocional também estará comprometida, pois o paciente apresenta medo do desconhecido, mudança da rotina ou alterações de autoimagem. O presente trabalho é parte de uma pesquisa monográfica em curso, realizada com pacientes oncológicos da Liga Mossoroense de Estudos e Combate ao Câncer, que recusaram o tratamento cirúrgico. Os resultados apresentados ora baseiam-se nos dados coletados até o momento, nos quais se pode atestar que a indicação da cirurgia foi relatada como um momento difícil, suscitando emoções negativas, desesperança em relação ao tratamento oncológico, preocupações com a autoimagem e com esferas relacionadas à reconhecimento social e estigma, incluindo o corpo como relevante esfera de significado e mediação.

ST 10 MÍDIA, CULTURA E INTERNET

Coordenação

Dra. Maria Cristina Rocha Barreto (UERN)

Dr. Geilson Fernandes de Oliveira (UERN)

A TEMPORALIDADE DO TEMPO PRESENTE: UMA LEITURA DO CONCEITO DE TEMPO NA TRADIÇÃO HUMANÍSTICA.

José Wilson Correa Garcia

O presente artigo tem por objetivo principal refletir sobre a noção de temporalidade do Tempo Presente, a partir da tradição humanística que influenciou consideravelmente o pensamento e a cultura ocidentais. Em um primeiro momento, apresentará as motivações para se trabalhar tal tema. Depois, buscará uma análise histórica, cultural e social sobre a forma como a noção de temporalidade vai se construindo e se transformando a partir do próprio ser humano, tendo como pressupostos reflexivos alguns contextos especificamente apresentados. Em seguida, mostrará abordagens de algumas perspectivas teóricas humanísticas, na tradição do pensamento filosófico e sociológico, para esclarecer e fundamentar como essa noção do Tempo, construída como temporalidade, vai se transformando, a partir do próprio ser humano, como fenômeno cultural e social contemporaneamente inserido em um Tempo presente, mostrando que o próprio ser humano, no contexto desse tempo presente, se revela como uma realidade existencialmente incompleta e, ao mesmo tempo, necessitada de sentido.

Palavras-chave: Tempo; Temporalidade; humanismo; Sociedade.

USOS E APROPRIAÇÕES DA INTERNET NO RURAL NORDESTINO: UMA ANÁLISE A PARTIR DA REDE XIQUE-XIQUE DE COMERCIALIZAÇÃO SOLIDÁRIA

Jhose Iale C. da Cunha Vieira

Em diferentes lugares do mundo, o espaço rural vem passando por mudanças decorrentes da evolução e difusão das tecnologias digitais. Dados do Global Digital Report 2018, aponta que mais da metade da população mundial tem acesso à internet. Paralelo a isso, no meio rural brasileiro observou-se um crescimento exponencial de mais de 1000% de acesso à internet. É nesse cenário globalizado em que a utilização das mídias digitais perpassa toda a vida social que o presente estudo vai investigar o uso da internet e suas repercussões sobre as atividades econômicas da Rede Xique-Xique de Comercialização Solidária – RXX. Localizada no Rio Grande do Norte, a RXX foi criada em 2003 com o objetivo maior de eliminar o atravessador, tendo a Agroecologia, o Feminismo e a Economia Solidária como pilares de sustentação. Adotaram-se múltiplos métodos para a obtenção de informações, desde entrevista com os representantes da RXX à análise dos espaços virtuais como o grupo de Comercialização via Whatsapp, página da RXX no Facebook, Instagram e site institucional. A internet pode ser considerada como um dos elementos centrais tanto para os processos de organização social, articulação política bem como para o processo de comercialização da produção, por meio das vendas pelo site e pelo Grupo de Consumo Solidário – RXX, administrados pela Rede.

Palavras-chave: Mídias digitais. Meio Rural. Comercialização.

CONTOS DO PATRIARCADO: A REPRODUÇÃO DO MACHISMO ATRAVÉS DOS FILMES DE PRINCESAS DA DISNEY

Thífanny Thais Alves Batista
Thássila Tamires Batista Alves

As animações dos estúdios Disney conquistaram o público com seus encantadores contos de fadas, entretanto esse modelo de produções cinematográficas tem construído e naturalizado normas e padrões culturais de feminilidade que alimentam o sistema patriarcal-machista e sexista que estamos inseridos. O presente trabalho irá tratar da legitimação do machismo através das animações de princesa da indústria norte-americana Disney, tendo recorte de animações que datam de 1937 a 2016. Centrando seu objetivo em analisar a narrativa dos filmes com o intuito de explicar como e porque eles influenciam na construção das noções de gênero nas crianças. Utiliza-se nos percursos metodológicos da pesquisa de cunho documental e bibliográfica. Nosso embasamento teórico dialogará com os seguintes autores (a): Farencena (2017), Medeiros (2019), Cisne (2014), Freire Filho (2005), Breder (2013), Dotto (2017). Ademais, o estudo direcionado propõe reflexões acerca de melhores compreensões, na perspectiva de entender como a indústria midiática pode afetar/influenciar na construção social dos sujeitos, principalmente o público infanto-juvenil feminino.

Palavras-Chave: Mídia. Machismo. Relações de Gênero.

A INTERNET E A POLÍTICA: DOS MOVIMENTOS SOCIAIS CONECTADOS AO USO DE BOTS NA PROPAGANDA POLÍTICA PARA AS ELEIÇÕES

Maria Cristina Rocha Barreto

As mídias sociais ajudaram a fomentar conversas democráticas sobre questões sociais e políticas: da Primavera Árabe, aos movimentos Occupy Wall Street e outros protestos civis. O Twitter e outras plataformas de mídia social pareciam desempenhar um papel instrumental em envolver o público na política e em conversas políticas ao enquadrar coletivamente as narrativas relacionadas a questões sociais específicas e coordenar as atividades online e off-line. Neste trabalho procuraremos discutir a incorporação e consolidação definitiva da internet como meio de divulgar a propaganda e as opiniões dos candidatos aos diversos níveis de governo; o uso de fake news e robôs que estimularam as discussões acaloradas e a propagação de ideias e o acirramento dos ânimos dos mais diversos matizes ideológicos nas eleições brasileiras de 2018.

O PAPEL DO FISIOTERAPEUTA PERANTE A EMERGÊNCIA DO CORPO FITNESS NAS REDES SOCIAIS

Lígia Valleria de Oliveira Silva
Élisson Bruno da Silva Bezerra

O presente trabalho tem como objetivo compreender o papel de atuação do fisioterapeuta perante a crescente busca pelo corpo fitness difundida pelas redes sociais. Para tanto, tomamos como aporte teórico as proposições do filósofo francês Michel Foucault (2009) acerca do sujeito, do saber e do poder. Conceitos estes que se relacionam com a questão da saúde coletiva, da produção de verdades e das relações de poder. Observando, portanto, os modos por meio dos quais os saberes, poderes entram em jogo para a construção das subjetividades no âmbito do espaço midiático digital. A metodologia parte de uma investigação bibliográfica em livros e artigos relacionados ao tema, com

vistas a uma melhor compreensão do significado de corpo e as suas percepções em épocas diferentes até os dias atuais, onde a influência exercida pelo espaço digital, principalmente as mídias sociais, se propaga a noção de que é necessário buscar incessantemente modelar e adequar o corpo a um arquétipo específico. A análise feita nos permite constatar o quão significativo é entender como de alguma forma as tecnologias e as mídias digitais tentam domesticar as pessoas na intenção de controlá-las em uma relação de poder. No entanto, para que se possam prevenir os danos psicológicos e físicos causados pelo senso comum, o Fisioterapeuta, é peça chave na saúde pública, mais precisamente na atenção básica.

Palavras-chave: Fisioterapia; Corpo; Poder; Redes Sociais.

CONSUMO CULTURAL: OS SERVIÇOS DE *STREAMING* E O NOVO MODO DE ASSISTIR FILMES E OUVIR MÚSICAS NA *INTERNET*

Maria Naftally Dantas Barbosa

Esse artigo busca estudar os efeitos das novas tecnologias e o seu poder de influência na cultura, principalmente no consumo de bens e serviços culturais. O trabalho irá focar nas plataformas de streaming, como ferramenta que vem modificando os modos e hábitos das pessoas em assistir filmes e ouvir músicas por meio da internet. Como metodologia, inicialmente foi realizado um estudo da literatura, com artigos correlatos e autores que abordaram essa temática anteriormente, e, por fim, foi realizado um estudo exploratório-descritivo com algumas plataformas de streaming musical e audiovisual, buscando compreender melhor como elas podem ser responsáveis por estimular as novas práticas de consumo de bens culturais da atualidade. Com isso, é possível dizer que as tecnologias da informação e comunicação ampliaram as práticas culturais, permitindo uma maior disponibilidade de bens culturais e, modificando o modo com que as pessoas consomem músicas e filmes na contemporaneidade.

ST 11: CONFLUÊNCIAS INTERDISCIPLINARES E O DIÁLOGO INTERSABERES, O ENSINO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E A IMAGINAÇÃO POÉTICA

Coordenação

Dra. Karlla Christine Araújo Souza (UERN)
Dr. Luan Gomes dos Santos de Oliveira (UFCG)

O FEMININO E A FORMAÇÃO HUMANÍSTICA: UM OLHAR PLURAL SOBRE EXPERIÊNCIAS DE MULHERES NO DIREITO

Pedro Henrique Bezerra De Farias
Karlla Christine Araújo Souza

Este trabalho é referente à pesquisa empírica realizada para construção de trabalho de conclusão do curso de Direito/UERN, em que foram entrevistadas 03 (três) mulheres vinculadas ao referido curso, as quais falaram sobre suas experiências de vida, após aprovação no Comitê de Ética em Pesquisa. A problemática a ser investigada na pesquisa consistiu em compreender como as experiências de emancipação social dessas mulheres, com itinerários diversos, podem contribuir para uma cultura de direitos humanos mais plural e contra hegemônica (SANTOS, 2009). A pesquisa realizada foi bibliográfica, explicativa e descritiva, e adotou o método dialético (BASTOS, 2009). Percebemos três aspectos presentes em suas experiências: o fato de estarem divididas entre a realização pessoal e a

demanda sociocultural a elas impostas na construção de suas identidades; o cuidado como estratégia emancipatória, pois essas mulheres, mesmo suprimidas, por meio do cuidado com algo ou alguém, puderam observar seus sentimentos e (re)existir; a necessidade do respeito ao direito delas fazerem suas escolhas. Por meio das experiências dessas mulheres, também realizamos um exercício de sociologia das ausências (SANTOS, 2009), em três artigos da Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948) e percebemos especificidades nas experiências das mulheres que não são abarcadas pelo discurso universal de direitos humanos.

ESCOLA SOB VIGILÂNCIA: A PATRULHA DO PROJETO ESCOLA SEM PARTIDO CONTRA PAULO FREIRE

Iuska Kaliany Freire De Oliveira

Este artigo tem o objetivo de analisar as ideias de Paulo Freire, focando o caráter emancipador da educação, e os ataques do projeto Escola Sem Partido ao patrono da educação brasileira. Em sua obra, Freire defende uma prática progressista e crítica na educação, o que se contrapõe ao conservadorismo do Escola Sem Partido. De acordo com esse projeto, que mesmo sem ter virado lei já se espalha pelo país, os professores atuam como doutrinadores em sala de aula praticando o que eles chamam de propaganda político-partidária. Exercitando o olhar interdisciplinar e reflexivo inerente ao ensino das Ciências Sociais, numa licença poética e distópica, iremos imaginar o que Paulo Freire diria, através de sua obra, sobretudo Pedagogia da Autonomia, ao ver o cartaz que sintetiza a ideologia do Escola Sem Partido e aponta os seis deveres dos professores. Os apoiadores do Escola Sem Partido defendem que esse cartaz deve ser fixado nas salas de aula, para que todos os alunos tenham conhecimento dos “seus direitos”. Analisando os seis pontos, observamos que o conteúdo restringe a liberdade de expressão dos professores e cria uma imagem distorcida da relação entre professor e aluno.

ANTÔNIO FRANCISCO: MEMÓRIAS, TRAJETÓRIAS E IMAGINAÇÃO POÉTICA

Allan Phablo de Queiroz
Ailton Siqueira de Sousa Fonseca

Buscando dialogar com a ciência e poesia popular, vida e ideias, sabedoria popular e reflexão filosófica, nosso foco, agora, centra-se na trajetória, na vida e obra, memórias e poesias do poeta cordelista Antônio Francisco. Essa pesquisa investe em duas perspectivas complementares: por um lado, estudar por meio de seus cordéis a realidade circundante do poeta, a sua leitura do mundo, da cultura, da natureza, do próprio homem, os desafios do dia-a-dia e, numa outra perspectiva, pesquisar as suas memórias de trajetórias, suas experiências de infância, seus devaneios poéticos e sua razão sensível numa tentativa de dialogar e perceber como vida se faz presente e em suas poesias e como as poesias se fazem presente ao longo de sua vida. Por se tratar de uma pesquisa sobre o itinerário, a vida e obra de um dos grandes poetas populares de Mossoró será necessário, por parte do pesquisador, exercitar o método da escuta sensível. A obra de Antônio Francisco chama atenção para valores intrinsecamente ligados a humanização do próprio homem e naturalização do mundo. Somente a realidade permite a construção de algo fantástico, irreal e verdadeiro como demonstra sua vida e obra. A realidade permite ao poeta construir suas verdades inventadas, as únicas possíveis na vida, aquelas que são suficientes para viver e encarar os desafios da vida cotidiana.

ENSINO DE SOCIOLOGIA: UMA ANÁLISE DA DISCIPLINA E DE SEUS RECURSOS DIDÁTICOS REALIZADA PELOS ALUNOS DA ESCOLA E. PROF. ABEL FREIRE COELHO

Carla Djaine Teixeira

Reconhecendo a necessidade de uma avaliação da disciplina de Sociologia no Ensino Médio, este trabalho teve como objetivo central perceber como os alunos da 1ª Série “C” da Escola Estadual Professor Abel Freire Coelho analisam a disciplina e as temáticas que são debatidas por ela. Para tanto, foi realizado um levantamento dos conteúdos que estavam sendo ministrados, buscando identificar quais são as temáticas e abordagens metodológicas que os alunos mais se identificam. Dessa forma, este trabalho buscou compreender se os recursos didáticos utilizados pelos professores vêm exercendo algum tipo de influência na percepção destes alunos. Os dados obtidos por meio da aplicação de questionários e da observação direta das aulas mostraram que os alunos reconhecem a importância da Sociologia e o conhecimento produzido por ela. No entanto, de acordo com os entrevistados, faltam recursos didáticos que melhorem a abordagem das aulas e desperte o interesse e participação dos alunos. Refletindo sobre as necessidades apresentadas pelos alunos, foram pensadas em formas de atendê-las e é neste contexto em que surgem os memes. A produção e utilização de memes sobre as teorias sociológicas são apresentados neste trabalho como uma abordagem de ensino que pode possibilitar o fortalecimento da relação entre os alunos e a disciplina de Sociologia.

Palavras-chave: avaliação; ensino de sociologia; percepção dos alunos.

SOCIOLOGIA E ARTE: DIÁLOGOS PERTINENTES NAS AULAS DE SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO

Antônio Elder Nolasco
José Alberto da Silva

O presente trabalho tem como propósito desenvolver pedagogicamente um diálogo entre as diferentes linguagens artísticas com o ensino de Sociologia no Ensino Médio. Através da utilização das artes: cinema, música e poesia, foi possibilitado aos alunos (as) da Escola Estadual Professora Maria Stella Pinheiro Costa, na cidade de Mossoró-RN, uma melhor compreensão dos conteúdos ministrados em sala de aula. Para abordar as temáticas e teorias sociológicas muitas vezes complexas para os jovens estudantes e contextualizá-las a sua realidade, foi utilizado cenas de filmes, documentários, músicas do cancionário popular brasileiro e poemas relacionados ao conteúdo de Sociologia nas três séries do Ensino Médio. O uso desses recursos funcionou como instrumento didático pedagógico, oportunizando uma maior integração dos discentes com o componente curricular de Sociologia, instigando a curiosidade e maior interesse pelos conteúdos e atividades realizadas. As aulas e oficinas foram realizadas por meio da parceria entre a escola e o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) de Ciências Sociais – UERN, permitindo uma aproximação entre a Universidade e a escola de educação básica.

Palavras-Chave: Sociologia; Artes; Mediação didática; Ensino

SABERES CIENTÍFICOS E SABERES DA TRADIÇÃO: POR UMA CONSTRUÇÃO DIALÓGICA ENTRE O CURAR E O REZAR.

Edione Rodrigues Batista

Pesquisa realizada no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas (PPGCISH) e fomentado por discursões no Grupo de Pesquisa do Pensamento Complexo (GECOM). O objetivo deste trabalho consiste em promover um diálogo entre os saberes tradicionais das rezadeiras e os saberes científicos em saúde. Neste sentido, não os colocando em posições dicotômicas e de enfrentamento, bem como não reduzindo ou inferiorizando um saber em detrimento do outro. A complementaridade entre os saberes é possível, desde que sejam respeitados e que se exercite formas menos autoritárias na interação entre os saberes pela relativização dogmática da verdade. Isso necessita de um trabalho que vise tanto identificar como suprir as carências que cada saber possui. Nenhum deles é totalmente completo, todos têm os seus aspectos positivos e suas carências. E, nenhuma das formas, isoladamente, conseguirá dar respostas absolutas, únicas e verdadeiras, sendo, pois, necessária uma relação de troca e complementariedade.

VIOLÊNCIA DE GÊNERO: A SOCIOLOGIA COMO FERRAMENTA DE DISCUSSÃO NO ENSINO MÉDIO

Brunna Thayse Alessandra Harlydavidson de Oliveira Silva do Rego

A violência de gênero contra a mulher vem crescendo em número alarmante no Brasil, todos os anos milhões de mulheres são mortas ou sofrem algum tipo de abuso pelo simples fato de serem mulheres. Tendo em vista este fato o presente trabalho se dispõe a formular uma proposta de discussão em forma de aula voltada para o ensino médio como tentativa de educar para o exercício da cidadania e com o objetivo de promover um debate crítico e contextualizado sobre o tema. Portanto, visando o desenrolar do estudo foi necessário realizar primeiramente uma pesquisa exploratória em uma instituição pública voltada para o atendimento de mulheres vítimas de violência específica de gênero no município de Mossoró tencionando entender a aplicação de políticas públicas específicas na cidade. A seguir, a elaboração de um plano de aula dinâmico que inclui o aluno como protagonista no processo de aprendizagem e o torna agente na construção do seu saber se tornou essencial para a promoção de uma discussão crítica de docente para discente. Desse modo, a pesquisa não se trata em si de um relatório de experiência da aplicação do plano de aula em sala, mas sim de uma proposta de ensino que contemple a sociologia como uma ferramenta de diálogo e discussão promovendo um debate sobre as questões de gênero, mais especificamente no âmbito da violência.

Palavras-chave: Violência de gênero, Sociologia, Ensino

DIÁLOGOS ENTRE A GASTRONOMIA E AS CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS

Libia Amaral Corrêa

Esse trabalho está inserido dentro do tema das Ciências Sociais e Humanas e busca encontrar pontos em comum entre as disciplinas dessas áreas e a Gastronomia. Comer é um ato social, extrapola o âmbito biológico dos valores vitais. Os comportamentos e hábitos alimentares dependem de escolhas inseridas em cada indivíduo através de gerações e às sensações de prazer e comunhão, por exemplo. Muitas disciplinas estudam o tema da Alimentação, sob aspectos da Saúde e da Nutrição. Aqui procurou-se, no entanto, diminuir o espectro disciplinar para as áreas das Ciências Humanas,

sobretudo a História, a Antropologia, a Sociologia, dentre outras. O recurso utilizado foi a revisão bibliográfica, discutindo com autoras e autores diversos, desde Lévi-Strauss e Certeau, como Poulain, Henrique Carneiro, Paula Pinto e Silva, além de Montanari e Câmara Cascudo. Discutiu-se como essas disciplinas enxergam o ato de comer e como lidam especificamente com a Gastronomia, seja como dimensão cultural, como escolha econômica e social ou como aspecto do cotidiano, imprescindível à humanidade. Por fim, conclui-se pela percepção de que, embora, várias áreas do conhecimento falem sobre Alimentação, a Gastronomia engatinha em conhecer a si mesma como dimensão desses conhecimentos.

ST 12: CULTURA BRASILEIRA: COMUNICAÇÃO, MERCADO E SONS

Coordenação

Dr. Paulo Santos Dantas (UERN)

Me. Pedro Arturo Rojas Arenas (UERN)

BOB MARLEY E O SEU BRILHO: MASSIFICAÇÃO E DIRECIONAMENTO POLITICO

Paulo Santos Dantas

Robson Martins Ramos Santos

Robert Nesta Marley, mais conhecido como Bob Marley, foi (e para muitos ainda é) um cantor, compositor e guitarrista nascido em 6 de fevereiro de 1945, em Nine Mile, Jamaica. Sua morte precoce aos 33 anos de idade, na Flórida, Estados Unidos, deu `sua imagem, à sua música e à sua mensagem um tom mítico, tornando-o enormemente popular em todo o mundo. No Brasil, Bob Marley e sua música são apropriados de diversas formas, sendo a massificação da Indústria Cultural, por um lado, e a sua mensagem colada à cultura rastafári, de outro, os argumentos centrais das análises neste artigo. Do ponto de vista metodológico o texto discute o contexto empírico da cidade de Aracaju - Sergipe, onde aquele artista e a sua música compõem o universo do Reggae, de onde são apropriadas de forma dinâmica as suas imagens e símbolos. Conclui-se, preliminarmente, que a massificação da imagem e dos símbolos que descrevem aquele artista também descrevem, em parte, o seu público e as maneiras como este último é percebido socialmente.

Palavras-chave: Bob Marley. Aracaju. Massificação.

O MERCADO E O SUCESSO DO SR. G: NOTAS SOBRE A AUSÊNCIA DE EDUCAÇÃO FORMAL

Arthur Alisson Carvalho do Nascimento

Situada no Médio Oeste Potiguar, a cidade de Mossoró ocupa a segunda posição econômica, depois da capital Natal. Em um ambiente onde se desenvolvem diversos costumes, linguagens e mercados, os pequenos negócios (como bares, restaurantes e lanchonetes) descrevem uma "paisagem" específica. Nesse contexto, alguns negócios são muito bem sucedidos, colocando seus administradores em uma posição de sucesso. O objetivo deste texto será analisar, por meio de investigação empírica e de diálogo com a literatura sociológica, os discursos sobre sucesso e formação escolar do sr. G, dono do Bar J, no bairro Macarrão.

A BRASILIDADE DO SEPULTURA: O CASO *ROOTS*

Francisco de Lima Ribeiro Junior
Paulo Santos Dantas

Sepultura é uma banda brasileira de *heavy metal*, formada em 1984, pelos irmãos Max e Igor Cavalera. O grupo ganhou fama e respeito durante a década de 1990, momento em que a “formação clássica”, composta também por Andreas Kisser e Paulo Xisto, foi consolidada. A banda já vendeu aproximadamente 50 milhões de discos, ganhando vários prêmios da música em todo mundo. A partir de *Roots*, sexto álbum de estúdio do Sepultura, no qual o grupo apresenta elementos tribais na musicalidade, participação de índios em algumas gravações e colaboradores como Carlinhos Brown, o objetivo do texto é analisar, à luz da literatura sobre cultura brasileira, a “brasilidade” que há neste aclamado álbum.

Palavras-chave: Sepultura. Heavy Metal. Roots. Brasilidade.

O SAMBA: SUA IDENTIDADE E SUA ESTÉTICA

Marcos Vinicius Carneiro de Lima
Diêgo Yvis Ávila Dantas

Levar a história do Samba de uma forma prática, mostrando todo o aspecto e principais características do estilo musical que move tantos brasileiros. Utilização do pandeiro e de instrumentos que fazem o "samba", tudo isso "fazendo o samba" propriamente acontecer na sala, e levar conhecimento à todos para um resultado magnífico de conhecimento.

A IMPORTÂNCIA DE APRENDER ESPANHOL NO BRASIL CONTEMPORÂNEO

Pedro Arturo Rojas Arenas
Alicia Karolina De Melo Henrique
Ítalo Lima Da Silva

Desde a colonização, países hispano falantes desempenham grande influência na cultura brasileira. Espanha, assim como outros países europeus, vieram para o Brasil em busca de explorar recursos da América do Sul, vista como uma terra em que tudo se produz, onde fixaram seu interesse e lutaram por ocupação da mesma.

Com essa conquista levou a dominação de nativos e instalação da colônia espanhola, que trouxe consigo seus costumes e artefatos culturais. Diante disso, se dá o surgimento de países hispano falantes na América Latina, que por variações presentes em determinadas regiões levaram a uma numeração e divisão de países que falam espanhol existentes nesse continente.

Esses países possuem uma influência socioeconômica, histórica e cultural na sociedade brasileira, muitos destes fazem fronteira com o Brasil e dividem a posse de um dos maiores e mais importantes ecossistemas de relevância ecológica global, fonte de pesquisas e de espécies características que apresentam um valor aquisitivo para todo o mundo. Este motivo infere que esses países mantenham uma comunicação direta, facilitada pela proximidade territorial, por meio da qual possibilita o turismo e o intercâmbio entre eles.

Outro contexto histórico a se considerar é que a língua mãe desses países (o espanhol) além de obter uma semelhança na fala também descende do latim, da Grécia antiga, que por esse fator, mesmo com variação presente entre ela e o português, há uma facilidade mútua na aprendizagem.

Decorrente da proximidade territorial, percebe-se uma extensa relação entre o Brasil e suas fronteiras, dando ampla possibilidade de escolhas no contexto educacional e artístico, em que muitos habitantes dessas regiões tem por requisito a modalidade bilíngue da fala. Por exemplo, esses habitantes podem dormir em seu país de origem e trabalhar ou levar seus filhos para estudarem no país vizinho, por melhores aspectos educacionais.

A influência desses países reflete na culinária brasileira, tornando-a ainda mais rica. Um exemplo dessa grande influência foi a instalação de restaurantes onde degustam-se pratos e ingredientes típicos desses países, como massas e vinhos.

No âmbito artístico também aparece muitas influências, no cinema, no teatro, na dança e na música. Exemplos a serem citados são o festival de cinema espanhol que acontece em Recife e as parcerias musicais que acontecem entre artistas musicais brasileiros e hispano falantes, como Anitta, artista brasileira que tem alcançado visualização internacional de sua carreira, que conta com parcerias como as de Maluma e J Balvin, os quais são artistas colombianos e de grande público hispano falante.

Diante disso, compreende-se a riqueza dessa troca cultural e de interesses mútuos, como também, da importância de se aprender espanhol no Brasil contemporâneo. Tendo em vista que todos os nossos vizinhos territoriais e de bloco econômico (o MERCOSUL) a tem como língua oficial.

Palavras-chave: Cultura; Linguagem; Países hispano falantes.

2. MINICURSOS

Sessões 27 e 28/11 - Horário: 07:30h a 11h

MC 1 – MEMÓRIA, HISTÓRIA E REVOLUÇÃO: O CONCEITO BENJAMINIANO DE EXPERIÊNCIA

Dr. Michel Zaidan Filho (UFPE)
Dr. Francisco Ramos Neves (UERN)

MC 2 – FILOSOFIA, NARRATIVAS SERIADAS E EDUCAÇÃO

João Moura Rocha Sobrinho (PPGCISH)
Stamberg José da Silva Júnior (PPGCISH)

MC 3 – CULTURA, ENSINO E DIVERSIDADE

Guilherme Luiz Pereira Costa (PPGCISH)
Rusiane da Silva Torres (POSENSINO)

MC 4 – SEXUALIDADE, SUBJETIVIDADE E ESTRATÉGIAS DE RESISTÊNCIA EM TEMPOS DE CÓLERA

Pâmella Rochelle Rochanne Dias de Oliveira (PPGL)
Glênio Rodrigues Ribeiro Neto (PPGL)
Kalem Kanyk Fernandes Gomes (PPGL)

MC 5 – O RUÍDO DA FAKE NEWS NA SALA DE AULA

Roberta de Almeida e Rebouças (PPGA-UnP)

MC 6 – ESTUDOS FEMINISTAS E ANÁLISE SEMIOLINGUÍSTICA DO DISCURSO

Dra. Verônica Aragão (UERN)

MC 7 – A EDUCAÇÃO PARA A CIDADANIA NO CONTEXTO ESCOLAR: POSSIBILIDADES DE IMPLEMENTAÇÃO DE PROJETOS NA PARCERIA ESCOLA E UNIVERSIDADE

Dra. Ana Maria Morais Costa (UERN)
Me. Priscilla Tatianne Dutra (POSEDUC)

MC 8 – “EU NÃO SOU MARXISTA”: MARX COMO CRÍTICO SOCIAL E TEÓRICO DA MODERNIDADE.

Me. Elder Lacerda (UERN)

MC 9 – SOCIOLOGIA DA PUNIÇÃO – APORTES CRÍTICOS ÀS TEORIAS DA PENA

Dr. Francisco Vanderlei de Lima (UERN)
Rodrigo Nunes da Silva (PPGCISH)

MC 10 – A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA PRIVACIDADE E SUAS TRANSFORMAÇÕES NA SOCIEDADE INFORMACIONAL

Dr^a. Maria Cristina Rocha Barreto (UERN)
Dr. Geilson Fernandes de Oliveira (UERN)

MC 11 - “E EU NÃO SOU MULHER?”: O FEMINISMO NEGRO E SUA IMPORTÂNCIA NA LUTA ANTIRRACISTA

Ailana Dellis Oliveira Nogueira (PPGCISH)
Débora Monique D’Angelo Lopes (PPGCISH)

MC 12 - INTELECTUAIS NO BRASIL: CULTURA E POLÍTICA (MÓDULOS I E II)

Dr. Aluizio Lins de Oliveira (UERN)

MC 13 – PSICANÁLISE E LITERATURA

Dr. Ailton Siqueira (UERN)
Me. Diego Menezes (Católica do RN)
Sala: Auditório FAFIC

DIÁLOGOS DA EXTENSÃO

1 - RODA DE CONVERSA MEDIANTE RELATOS DE EXPERIENCIA SOBRE OS DIÁLOGOS DA EXTENSÃO COM O ENSINO, A PESQUISA E A SOCIEDADE

Profª Dra. Ana Maria Moraes Costa (UERN)

Prof. Dr. Jefferson Garrido de Araújo Neto (UERN)

Prof. Dr. Leonardo Cândido Rolim (UERN)

Prof. Dr. Telmir de Souza Soares (UERN)

Debater as condições da extensão universitária e seu diálogo com o ensino, a pesquisa e a sociedade a partir dos relatos de experiência extencionista: 1) Quais os resultados e dificuldades da experiência? 2) Com qual área da sociedade o saber produzido na UERN está dialogando? 3) Como tal diálogo contribui na formação do futuro profissional? 4) Quais as dificuldades para tal diálogo? 5) Como ele pode ser aprimorado?

Data/local/horário: 27/11/2019 – Auditório da FAFIC – 14h às 17h

2 – PLENÁRIA DA EXTENSÃO

Diretrizes da extensão na FAFIC

Data/local/horário: 28/11/2019 – Auditório da FAFIC – 14h às 17h

ANNAIS

ENFOQUE DE GÊNERO E POLÍTICAS PÚBLICAS COMO FERRAMENTAS PARA DEBATER SOBRE A SAÚDE DAS TRABALHADORAS RURAIS

Annie Livia Torres de Albuquerque Araújo³

Lázaro Fabrício de França Souza⁴

1. Introdução:

Pensando na mulher camponesa, as particularidades envolvidas no cuidado à sua saúde incluem, além das questões referentes à sua inserção no meio rural, uma reflexão de gênero capaz de perquirir como as assimétricas relações entre homens e mulheres ressonam em sua saúde, subordinando-as, dificultando seu acesso a direitos fundamentais e sua participação na reorganização de tal cenário. Refletindo sobre a importância da atuação do Estado na regulamentação do acesso a direitos como a saúde, foi destacada aqui a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher, considerando seu intuito de proporcionar melhores condições de vida às mulheres brasileiras, em suas variadas interfaces.

Em virtude das particularidades implicadas na trajetória histórica do campo brasileiro, a situação vivenciada pelas mulheres rurais, especialmente aqui no que alude à sua saúde, apresenta elementos ímpares em sua composição. Pensando nos determinantes sociais da saúde e do adoecimento, aspectos como a invisibilidade, a falta de reconhecimento, a divisão sexual desigual do trabalho e a dominação masculina, por exemplo, além de aspectos inerentes ao próprio campo – como as distâncias geográficas –, interferem sobremaneira na saúde da camponesa.

Entendendo gênero como um elemento constituinte das relações sociais, baseado nas diferenças socialmente percebidas entre os sexos e como um primeiro modo de significar as relações de poder, questiona-se, aqui, as implicações de tal construção social na vida das mulheres e em sua saúde, partindo das possíveis interferências das políticas públicas nesta situação. Diante disto, objetivo proposto é o de discutir sobre a saúde da camponesa, em interlocução com um enfoque de gênero e com as políticas públicas que se voltam para este público.

³ Acadêmica do 8º período do curso de Medicina/ Universidade Federal Rural do Semiárido – UFERSA (CCBS/DCS), Mossoró-RN. annielivia2@gmail.com

⁴ Sociólogo e Professor da Universidade Federal Rural do Semiárido – UFERSA. Chefe do Departamento de Ciências da Saúde da mesma Instituição. Coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Humanidades e Saúde do Semiárido. Mossoró-RN. lazaro.souza@ufersa.edu.br.

2. Metodologia

O trabalho configura-se como um segmento de uma pesquisa monográfica em andamento, que envolve entrevistas com mulheres do Assentamento Sítio do Góis, situado no município de Apodi / Rio Grande do Norte, no semiárido nordestino, sobre a percepção delas acerca de seu acesso aos serviços de saúde. O presente trabalho parte de uma abordagem qualitativa e compreende um diálogo entre as obras estudadas, de um ponto de vista principalmente bibliográfico, mantendo o enfoque nos dois eixos propostos: gênero e políticas públicas, para examinar a situação de saúde das trabalhadoras rurais.

3. Resultados e Discussão

Observa-se que é forte o impacto das assimétricas relações de gênero na saúde das trabalhadoras rurais. Partindo de consequências mais diretas e palpáveis como a violência física, até em aspectos emblemáticos como a subordinação e a negação de direitos, como à saúde, percebe-se o enfoque de gênero como um significativo dispositivo para estudar a respeito da situação experimentada pelas camponesas, do ponto de vista da saúde.

Historicamente, verifica-se a relação entre a opressão de gênero e o patriarcado. Em momentos de revolta e conflito, nota-se uma flexibilização nos papéis exigidos de homens e mulheres, apontando a necessidade de uma reorganização de atribuições, com as mulheres assumindo tarefas tipicamente associadas a homens (como a defesa da comunidade), “substituindo-os” em suas atividades, o que tende a reforçar uma visão da mulher como sombra de lideranças masculinas, desconsiderando fatores como o metabolismo social e cotidiano de resistência do campesinato (CARVALHAES, 2011). Como destaca Amorim et al. (2010), desde a Idade Média, as mulheres participam de espaços públicos, encarregando-se de funções anteriormente atribuídas aos homens que guerreavam em conflitos. As autoras ainda associam esses processos ao início do acúmulo de funções por parte das mulheres e a uma representação da divisão sexual do trabalho, sendo o espaço público o local de supremacia masculina e o privado o destinado à família, à reprodução e à manutenção da propriedade.

Ainda em uma perspectiva histórica, Lucena (2002) discute a respeito das significações de gênero na pobreza e as interlocuções com a saúde, quando exemplifica regras de distribuição de elementos necessários para a sobrevivência e a qualidade de vida. Em situações de escassez, conforme cita a autora, as mulheres recebem menor quantidade e qualidade de alimentos que os homens, possuindo, também, cuidados de saúde, educação e lazer mais restritos quando se compara com os homens da família em situação de precariedade. Em tempo, ainda é reforçado que a situação de desigualdade se agrava em contextos de ruptura, como viuvez, separações e migrações, uma vez que as mulheres, em consonância com seu papel social de cuidadoras, assumem um compromisso prático

e emocional que demanda tempo, energia física e psíquica, mesmo em condições de escassez ou precariedade de serviços sociais.

Amorim et al. (2010) reitera que sob a ideologia patriarcal de mulher frágil, fraca e vitimizada, sem forças para realizar determinados trabalhos, solidificou-se a invisibilidade da mulher e de seu trabalho no campo. As autoras complementam que essa invisibilidade repercute no acesso à terra e à políticas públicas voltadas para a agricultura familiar, aposentadoria e sindicalização, na medida em que é invisibilizada, também, a condição de mulher como trabalhadora.

Em relação às tarefas desempenhadas por homens e mulheres, podem ser observadas diversas consequências do trabalho no campo para a saúde da mulher rural. Através da divisão sexual do trabalho, pode-se depreender a magnitude de uma jornada laboral excessiva e desvalorizada sobre a saúde geral e mental das mulheres. Organizada em torno dos princípios de separação (que assume a existência de trabalhos de homens e trabalhos de mulheres) e de hierarquização (é maior o valor do trabalho do homem que o da mulher) (KERGOAT, 2009), a divisão sexual do trabalho mostra-se como mais um símbolo da opressão vivenciada pelas mulheres do campo. Os homens se encarregam de atividades “produtivas”, mais voltadas para o mercado, como agricultura e pecuária, as mulheres responsabilizam-se pelo trabalho “reprodutivo”, como o cuidado com hortas e pequenos animais, atividades domésticas e outros serviços direcionados para o próprio consumo da família, entendidos como uma extensão de seu papel enquanto mulher (FARIA, 2005; NOBRE, 2005; HEREDIA; CINTRÃO, 2006). Com essa divisão desigual, a contribuição das mulheres para a renda, para as atividades “produtivas” e para o desenvolvimento rural acaba invisibilizado, ao mesmo tempo em que o trabalho doméstico, sem valor mercantil, para a ser desinteressante (MESQUITA, 2002) algo que se encaixa em uma lógica de subalternização das trabalhadoras rurais.

Existem, ainda, outras conexões entre a saúde e o trabalho rural, no que se refere às camponesas. Desde o ano de 2008, o Brasil se caracteriza, *exempli gratia*, como o maior consumidor mundial de agrotóxicos, fato que repercute na saúde de trabalhadores de diversas atividades, moradores dos arredores de fábricas e fazendas, além da população em geral, consumidora de alimentos contaminados (FACCHINI; SOUZA, 2015). De um modo geral, efeitos nocivos à saúde humana provocados por agrotóxicos incluem alterações no eixo endócrino da tireoide, alterações histopatológicas em órgãos do sistema reprodutor, aberrações cromossômicas, desregulação na produção endógena de corticosteróides e hormônios sexuais e no sistema imunológico, neurotoxicidade e carcinogênese, para citar alguns exemplos (CARNEIRO et al., 2015). É significativo enfatizar, conforme supracitado, que situações adversas afetam sobremaneira pessoas em situação de vulnerabilidade, como acontece com as mulheres rurais, e que os danos provenientes do uso de agrotóxicos, especialmente utilizados nos processos produtivos do agronegócio, acometem

as famílias rurais em diversos setores de suas vidas – econômico, social, cultural e, nomeadamente, em seu fenômeno saúde/doença.

Messing (*apud* Lucena 2002) refere que, por conta da forma como o trabalho no campo se organiza, com movimentos repetitivos, tempo prolongado em pé ou na mesma posição, além de questões relacionadas a precarização do trabalho e a turnos irregulares, as mulheres estão progressivamente sofrendo com problemas osteomusculares, como tendinites e problemas articulares. A questão, como completa a autora, agrava-se em virtude do fato de as mulheres dedicarem-se a tarefas de cuidado, o que causa forte estresse quando se leva em consideração, por exemplo, as frequentes mudanças de horário de trabalho.

As múltiplas obrigações das mulheres, seja em casa ou na rua, juntamente com a crescente feminização da pobreza no Brasil, colaboram com a precarização da saúde das mulheres, cada vez mais vítimas de doenças cardiovasculares, como hipertensão arterial, doenças cerebrovasculares e infarto (LUCENA, 2002). As bases para a distribuição valorativa desigual para o trabalho desempenhado por homens e mulheres podem ser compreendidas sob a lógica da dominação masculina.

Ao posicionar as mulheres em um lugar de passividade, submissão e fraqueza (admitindo, ao mesmo tempo, o homem como possuidor de status de ação, altivez e força), se assume que a opressão contra as mulheres é algo natural e, portanto, que tende a ser permanente e inalterável. Concomitantemente, tal lógica contribui com a essencialização das mulheres, ao defini-las em uníssono, detentoras de um comportamento, postura e posição social que seria, novamente, natural.

Como refere Bourdieu (2012), a dominação masculina legitima-se na medida em que inscreve suas causas na natureza biológica, isto é, nas diferenças biológicas entre homens e mulheres, a qual é, na verdade, uma construção social naturalizada. Em uma visão androcêntrica, define-se o corpo com base em diferenças de caráter biológico, quando, na verdade, tais diferenças se configuram, por sua vez, como produtos de uma construção simbólica, socialmente naturalizada. O falo, por exemplo, funciona como um símbolo de virilidade, algo caracteristicamente masculino. Nessa linha de pensamento, “ser feminina” corresponde a evitar todas as práticas e propriedades que podem ser interpretadas como sinais de virilidade, como por exemplo ser uma mulher de poder.

O trabalho de Costa, Lopes e Soares (2015), por exemplo, discute a respeito da violência contra as mulheres rurais tomando como elemento guia as representações sociais hegemônicas de masculinidades e feminilidades, como uma violência de gênero. Conforme a pesquisa, observa-se que a mulher rural ocupa uma posição de subalternidade na hierarquia familiar, assumindo papel de trabalhadora e mãe a serviço da família, desprovida de tempo e lugar próprio, em permanente disponibilidade, algo reforçado pela permanência das relações assimétricas de poder entre homens e mulheres. O masculino se consolida como o lugar de chefia, ação e decisão dentro das relações

familiares, assumindo uma posição (naturalizada) de agente de poder da violência, enquanto que a mulher surge em uma “condição” de submissão, obediência, reprodução, fidelidade, como cuidadora e responsável pela educação dos filhos. É possível então inferir que as desigualdades entre os sexos subalternizam as mulheres, atingindo sua capacidade de se autodeterminarem do ponto de vista sexual e social, tornando-as mais vulneráveis a abusos físicos e emocionais e configurando-se, portanto, como violências em si (COSTA; LOPES; SOARES, 2015).

O estudo supracitado cita, ainda, que a violência contra as trabalhadoras rurais passa por um processo de invisibilização, que se intensifica pela naturalização do espaço doméstico como um âmbito privado, de marido e mulher e, em parte, pelas limitações de acesso das mulheres aos serviços. No tocante a este segundo ponto, emerge o debate a respeito do direito à saúde e o acesso a esse direito, algo em que as políticas públicas assumem papel significativo.

A própria legislação que regulamenta a criação do Sistema Único de Saúde (SUS), define que é dever do Estado a garantia de acesso universal e igualitário aos serviços e ações de promoção, proteção e recuperação da saúde, uma vez que esta é considerada um direito fundamental do ser humano (BRASIL, 1990). Discute-se, então, as implicações práticas de tais deliberações na vida das trabalhadoras rurais. Se a saúde é entendida como algo fundamental, é necessário que esse direito seja seguramente garantido a todos e todas.

Este ponto adquire especial importância quando se considera a demanda por acesso a uma saúde integral, já que se entende que o fenômeno saúde/doença, pensando por exemplo nos determinantes sociais da saúde, engloba múltiplos aspectos da vida. Não se encaixa em uma redutora visão biologicista que atribui a processos orgânicos/individuais o papel de causadores exclusivos de adoecimento. A própria Organização Mundial da Saúde (WHO, 2014), é enfática em expressar que a saúde ultrapassa a simples ausência de doença, sendo, na verdade, um completo bem-estar físico, mental e social. O relevo dado aos fatores biológicos em detrimento de aspectos socioeconômicos, políticos e culturais configurou-se como algo hegemônico no que se refere aos significados de adoecimento dentro da sociedade machista. Essa compreensão, além de reforçar um entendimento totalizante da história feminina como “outro”, deixa de reconhecer a natureza social e histórica da saúde. Desconsidera, também, a possibilidade de enfrentamento de problemas de saúde partindo da educação e da política social (LUCENA, 2002).

Para se debater sobre a saúde das trabalhadoras rurais para além da superficialidade é necessário considerar uma série de particularidades envolvidas em seu modo de viver, de se relacionar e de ver o mundo. Por exemplo, para que a camponesa consiga acessar direitos sociais como a saúde, é necessária a construção da cidadania, algo que, no caso das mulheres rurais, exhibe expressiva associação com a visibilidade de seu trabalho (CARNEIRO, 1994; PORTELA; SALGADO, 2013; SALVARO; LAGO; WOLFF, 2013).

Percebe-se, dessa forma, a relevância de abordar alguns conceitos significativos na luta das mulheres por visibilização (delas e de suas demandas de saúde), aproximando-se da garantia de acesso à saúde, como gênero, vulnerabilidade e empoderamento. Em linhas gerais, gênero é entendido aqui, de acordo com Scott (1995), como um elemento constituinte das relações sociais, fundamentado nas diferenças que são percebidas entre os sexos e como um primeiro modo de significação das relações de poder. Ao sugerir uma ruptura com a binaridade, a autora distancia-se do enfoque restrito às diferenças físicas entre os corpos, inscrevendo uma perspectiva política no conceito e propondo a compreensão de gênero enquanto uma categoria útil de análise histórica.

Considerando a supracitada posição de subalternidade ocupada pelas camponesas na estrutura familiar, e o fato de que, no campo, as assimetrias de gênero são mais facilmente vistas e mais intensificadas (COSTA; LOPES; SOARES, 2015; SILVA; LAGE, 2012), depreende-se a indispensabilidade de desconstruir um cenário produtor de adoecimentos nas vidas das mulheres. Pensando na violência e em outros agravos, os entrelaçamentos entre gênero e saúde definem a necessidade de compreender o quadro em que se encontram as mulheres, para, então, refletir a respeito de alternativas e perspectivas e mudança. Para isto, pode-se lançar mão da noção de vulnerabilidade.

Segundo Ayres et al. (2012), o conceito de vulnerabilidade possui raízes relacionadas aos desafios produzidos pela epidemia de aids (síndrome da imunodeficiência adquirida) nos anos 1980, quando se buscava abranger o entendimento de outros aspectos, que não somente os individuais, na chance de exposição das pessoas ao vírus da imunodeficiência humana (HIV) e ao adoecimento pela aids. Dessa forma, os autores delineiam três dimensões principais de análises de vulnerabilidade. A dimensão individual associa-se ao modo de viver das pessoas, que pode contribuir ou não para a exposição a dado agravo, englobando também os mecanismos de proteção de que dispõe, como o grau e a qualidade da informação que possuem e a capacidade de elaborá-las e incorporá-las em seu cotidiano. A dimensão social da vulnerabilidade, em harmonia com a concepção de processo saúde/doença como um fenômeno social, refere-se ao acesso à informação, significados que ela assume, aspectos morais, materiais, culturais e políticos que se inter-relacionam na vida em sociedade, incluindo, por exemplo a disponibilidade de recursos materiais ou o poder de influenciar decisões políticas no sentido de metabolizar as informações e traduzi-las em mudanças práticas. Já a dimensão programática se relaciona com as instituições sociais, como família, escola ou serviços de saúde, que podem trabalhar para proteger as pessoas da exposição a riscos ou acabar criando cenários desfavoráveis. Em uma perspectiva de enfrentamento da vulnerabilidade, emerge o conceito de empoderamento.

Sardenberg (2009) define empoderamento a partir de dois eixos: uma concepção liberal e outra libertadora. Na primeira, o empoderamento das mulheres representa um instrumento para o

desenvolvimento de prioridades, pela construção da democracia ou erradicação da pobreza, vinculando-se a ideais liberais e postulando que ele pode ser ensinado. A segunda vertente, libertadora, possui maior enfoque nas relações de poder, em alcançar a autonomia e autodeterminação, funcionando como um meio de transformar a ordem de gênero da dominação patriarcal, erradicando o patriarcado.

O combate ao patriarcado constitui-se, portanto, como uma questão de saúde (também), uma vez que contribui com a desestruturação de um cenário que adocece as mulheres, tanto do ponto de vista mental, quanto da saúde como um todo. As relações desiguais de gênero auxiliam na sustentação de desigualdades em saúde, dificultando o acesso de mulheres aos serviços (de promoção, prevenção e recuperação da saúde) e sua organização na intenção de romper com essa situação de adoecimento. As iniquidades em saúde muitas vezes requerem a participação do Estado, para que sejam desconstruídas, o que pode ser operado através das políticas públicas.

Como ressaltam Heredia e Cintrão (2006), os movimentos de mulheres rurais possuíram e possuem um importante papel na visibilização desse grupo, impulsionando, através de suas reivindicações, a construção de políticas públicas que se concentrassem na atenuação das desigualdades de gênero. Um entrave, que pode ser citado em termos de acesso a políticas públicas por parte das trabalhadoras rurais é a ausência de identificação da mulher como produtora agrícola. Ao classificar a profissão da mulher como “do lar” ao invés de trabalhadora rural, revela-se um não reconhecimento de sua capacidade produtiva, resultando na ausência de integração em programas de desenvolvimento rural – que possuem como público, nomeadamente, produtores de agricultura familiar – e no afastamento das mulheres do acesso a serviços como a aposentadoria rural (HEREDIA; CINTRÃO, 2006; MESQUITA, 2002).

Em termos de saúde, elencou-se para o debate a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher (PNAISM), criada em articulação com o movimento de mulheres, o movimento negro, o de trabalhadoras rurais e a comunidade científica (entre outros setores), no intuito de garantir os direitos humanos das mulheres, diminuindo a morbimortalidade por causas evitáveis (BRASIL, 2004). A PNAISM inclui também em seus objetivos abranger as mulheres em todos os ciclos de vida e diferentes grupos populacionais, integrando a promoção da saúde, as necessidades de saúde das mulheres, o controle de doenças mais prevalentes nesses grupos e a garantia do direito à saúde e ressaltando o empoderamento, o respeito à autonomia e o enfoque de gênero.

No Brasil, a saúde da mulher inseriu-se nas políticas públicas federais no começo do século passado, sendo restrita, no entanto, a um pensamento biologicista que reduz a mulher a um papel de mãe e cuidadora, priorizando atividades voltadas para a saúde materno-infantil. No ano de 1983, sob intensa pressão do movimento de mulheres, criou-se o Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher (PAISM), pelo Ministério da Saúde, já inserindo em suas deliberações um conteúdo

antagônico ao desrespeito às mulheres nos serviços de saúde. O programa chega a incorporar, por exemplo, ações voltadas para a educação em saúde no sentido de construir com as mulheres conhecimentos sobre seu corpo e sexualidade. Rompe, dessa forma, com a visão de saúde da mulher limitada ao binômio mãe-filho, que tinha como foco a educação das mulheres para serem mães saudáveis de filhos saudáveis, reforçada em manuais de sexualidade, parto, amamentação e educação dos filhos (BRASIL, 2004; LUCENA, 2002).

Com o distanciamento do eixo materno-infantil como orientador único da saúde das mulheres (empreendido pelo PAISM, implementado em 1984), aproxima-se do conceito de integralidade em saúde, havendo um maior enfoque nas necessidades das mulheres e em suas demandas, contemplando questões como o planejamento reprodutivo (OSIS, 1998). O PAISM traduz-se em um avanço no sentido de empreender uma saúde compatível com as reivindicações das mulheres no tocante à saúde, reconhecendo a necessidade de incluir as questões de gênero no modo de pensar e fazer saúde da mulher.

No entanto, como destaca Lucena (2002), a implementação do programa não foi sistemática em todo o País. O modelo vigente de assistência à saúde, voltado para a especialização, não apresentava grande compatibilidade com os preceitos do programa. Verificando falhas, lacunas e descontinuidades na implantação do PAISM, com a identificação pela Área Técnica de Saúde da Mulher da necessidade de potencializar ações voltadas para o cuidado à saúde de mulheres rurais, negras, indígenas, presidiárias, lésbicas e portadoras de deficiência, surge, em 2004, a PNAISM (BRASIL, 2004).

Com essa política, busca-se atingir as mulheres em suas particularidades e multiplicidades. A inclusão das questões citadas acima em uma política pública federal revela o reconhecimento de sua importância no âmbito da saúde. Para que se construa uma saúde realmente integral, é necessário envolver ações que respeitem a autonomia das mulheres, alavancando seu empoderamento, sob uma ótica de enfrentamento de vulnerabilidades, para empreender uma reestruturação em sua situação de saúde, capaz de ouvi-las em suas reivindicações e entendendo-as como agentes nessas transformações.

4. Considerações Finais

Admitindo a saúde e a doença como produtos de interações sociais, entende-se a necessidade de implementar cuidados à saúde capazes de abranger tais questões, de uma maneira integral. Partindo da perspectiva da saúde das trabalhadoras rurais, vê-se que o enfoque de gênero auxilia na compreensão do quadro em análise, já que aborda questões como a desigual divisão sexual do trabalho, a autonomia e autodeterminação das mulheres, com o empoderamento e a vulnerabilidade.

Observando a influência exercida pela dominação masculina na vida e saúde das camponesas, e das mulheres de uma forma geral, vale destacar seu status de construção social. Sob esse caráter, entende-se que ela é, por sua vez, passível de redefinições e desconstruções.

A PNAISM, nesse contexto, surge como um fruto da organização e luta das mulheres. A proposta de entender a saúde da mulher para além do enfoque materno-infantil é essencial para garantir uma atenção à saúde que seja realmente integral. Nesse sentido, é significativo o compromisso em valorizar questões como a posição das assimetrias de gênero na produção de adoecimentos, e outras particularidades das camponesas, como no que tange à sua relação com a terra, com a natureza e com seus pares, seu modo de se inserir na sociedade, de entender e de viver a sua saúde, para que se consiga avançar rumo à dissipação das persistentes desigualdades em saúde.

5. Referências Bibliográficas

- AMORIM, É. O. *et al.* **Sindicalizadas rurais: uma nova face do empoderamento da mulher no meio rural**. In: VII CONGRESSO LATINOAMERICANO DE SOCIOLOGIA RURAL. Porto de Galinhas: Associação Latino-Americana de Sociologia Rural, 2010.
- AYRES, J. R. DE C. M. *et al.* Risco, vulnerabilidade e práticas de prevenção e promoção da saúde. In: **Tratado de Saúde Coletiva**. 2. ed. São Paulo: HUCITEC, 2012. p. 375–417.
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- BRASIL. LEI Nº 8.080, DE 19 DE SETEMBRO DE 1990. **Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências**. Brasília, DF, set. 2017. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18080.htm>. Acesso em: 4 mai. 2018.
- BRASIL. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher: Princípios e Diretrizes**. Ministério da Saúde, Brasília, DF, 2004. 82 p.
- BRASIL. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. **Política Nacional de Atenção Integral das Populações do Campo e da Floresta**. Ministério da Saúde, Brasília, DF, 2013. 48 p.
- BRASIL. **Tecendo a saúde das mulheres do campo, da floresta e das águas: direito e participação social**. Brasília: Ministério da Saúde, 2015.
- CARNEIRO, F. F. *et al.* **Segurança Alimentar e Nutricional e Saúde**. Rio de Janeiro: EPSJV, 2015.
- CARNEIRO, M. J. “Mulheres no campo: notas sobre sua participação política e a condição social do gênero”. **Estudos, Sociedade e Agricultura**, n. 2, p. 11-22, 1994.
- CARVALHAES, C. **Capítulo 1 - Todas as vidas... todas as vias camponesas! Mulheres Camponesas - Olhar Histórico**, 2011. Disponível em: <<https://www.claudiocarvalhaes.com/uncategorized-pt-br/mulheres-camponesas-olhar-historico-nancy-cardoso-pereira/>>. Acesso em: 22 abr. 2019.
- COSTA, M. C. DA; LOPES, M. J. M.; SOARES, J. DOS S. F. Violência contra as mulheres rurais: gênero e ações de saúde. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, v. 19, n. 1, p. 162–168, 2015.
- FACCHINI, L. A.; SOUZA, L. G. DA S. Apresentação. In: **Dossiê ABRASCO: um alerta sobre os impactos dos agrotóxicos na saúde**. Rio de Janeiro: EPSJV, 2015.

- FARIA, N. Gênero e Políticas Públicas: uma breve abordagem das relações de gênero. In: **Feminismo e luta das mulheres: análises e debates**. São Paulo: SOF, 2005. p. 31–38.
- HEREDIA, B. M. A. DE; CINTRÃO, R. P. Gênero e acesso a políticas públicas no meio rural brasileiro. **Revista NERA**, v. 9, n. 8, p. 1–28, 2006.
- KERGOAT, D. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: **Dicionário Crítico do Feminismo**. Rio de Janeiro: Sindicato Nacional dos Editores de Livros, 2009. p. 67–75.
- LUCENA, M. DE F. G. DE. **Mulheres da terra: um estudo sobre saúde e gênero na área rural de Pernambuco**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais)—Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2002.
- MACIAZEKI-GOMES, R. DE C.; NOGUEIRA, C.; TONELI, M. J. F. Mulheres em contextos rurais: um mapeamento sobre gênero e ruralidade. **Psicologia & Sociedade**, v. 28, n. 1, p. 115–124, 2016.
- MESQUITA, G. R. I. **Aspectos de gênero no meio rural. Revisão de Literatura**. Seminário (nível: Mestrado) – Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2002.
- NOBRE, M. Relações de gênero e agricultura familiar. In: **Feminismo e luta das mulheres: análises e debates**. São Paulo: SOF, 2005. p. 39–50.
- OSIS, M. J. M. D. Paism: um marco na abordagem da saúde reprodutiva no Brasil. **Cad. Saúde Pública**, v. 14, n. Supl. 1, p. 25–32, 1998.
- PORTELA, S. V.; SALGADO, R. DE C. F. **Direitos humanos e acesso à saúde: uma questão de bioética?** ANAIS da III JOINTH. **Anais...** In: III JORNADA INTERDISCIPLINAR DE PESQUISA EM TEOLOGIA E HUMANIDADES (JOINTH). Curitiba: Núcleo de Estudos em Bioética de Curitiba (NEB), 2013.
- PORTELA, S. V.; SALGADO, R. DE C. F. **Direitos humanos e acesso à saúde: uma questão de bioética?** ANAIS da III JOINTH. **Anais...** In: III JORNADA INTERDISCIPLINAR DE PESQUISA EM TEOLOGIA E HUMANIDADES (JOINTH). Curitiba: Núcleo de Estudos em Bioética de Curitiba (NEB), 2013. Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/3jointh?ddl=7721&dd99=view&dd98=pb>>. Acesso em: 30 abr. 2018.
- SALVARO, G. I. J.; LAGO, M. C. DE S.; WOLFF, C. S. “Mulheres agricultoras” e “mulheres camponesas”: lutas de gênero, identidades políticas e subjetividades. **Psicologia & Sociedade**, v. 25, n. 1, p. 79–89, 2013.
- SALVARO, G. I. J.; LAGO, M. C. DE S.; WOLFF, C. S. “Mulheres agricultoras” e “mulheres camponesas”: lutas de gênero, identidades políticas e subjetividades. **Psicologia & Sociedade**, v. 25, n. 1, p. 79–89, 2013.
- SARDENBERG, C. M. B. Liberal vs. Liberating Empowerment: A Latin American Feminist Perspective on Conceptualising Women’s Empowerment. **IDS Bulletin**, v. 39, n. 6, p. 18–27, 2008.
- WHO - WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Basic Documents**. 48. ed. Genebra: WHO, 2014.

VIOLÊNCIA IMPRESSA: UMA DISCUSSÃO SOBRE MULHERES E CRIANÇAS OPERÁRIAS NO BRASIL INDUSTRIAL DO SÉCULO XX NA SALA DE AULA

Antônia Milena Linhares de Oliveira⁵
Iara Cristina Soares Silva⁶

1. Introdução

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) do curso de História tem como objetivo elaborar projetos que disponham de ferramentas para contribuir com o conhecimento histórico, utilizando fontes históricas de diversas linguagens em sala de aula e aproximando os alunos do saber histórico de forma que o estudo se torne atrativo e instigante para eles.

A escola na qual se realizou as atividades foi a Escola Estadual Professor José de Freitas Nobre, na qual se trabalhou com os alunos do 2º ano. A escola fica situada em região periférica, o que denota uma área com maiores chances de violência, pouca estrutura e onde a desigualdade social se torna mais aparente.

O assunto utilizado para constituir a temática do projeto girou em torno da violência contra a mulher, utilizando como recorte histórico e temporal a Revolução Industrial no Brasil do século XX, tendo em vista ser a Revolução Industrial o assunto abordado em sala de aula pelo professor. Para isso foram realizadas leituras das autoras Zuleika Alvin e Mary Del Priore e utilizados como fontes os jornais *A classe operária*, *La Battaglia*, *A Terra Livre* e notícias atuais, principalmente do G1, que relatavam diversos tipos de violência contra a mulher, como a violência doméstica, física e moral. A temática das crianças neste período também foi explorada e os diversos tipos de violência praticadas contra elas.

Abordar o tema de violência permite a aproximação do passado com o presente, pois a história é pautada em cima de constante violência. No que concerne às mulheres e crianças o que se tinha como objetivo era fazer com que os alunos compreendessem os diversos tipos de violência que estes sofriam, o que mudou, o que permanece, como essa violência pode ser combatida e qual a perspectiva que os alunos possuem em relação a isso.

2. Fontes

O jornal é uma fonte riquíssima. “Possibilita ao historiador acompanhar o percurso dos homens através dos tempos”, já que resulta das práticas sociais e ideologias de uma época (CAPELATO, 1988, p. 13). Seu uso tornou-se frequente no contexto de renovação historiográfica, a partir, sobretudo, das proposições advindas com a chamada *Nouvelle Histoire*. Os *Annales*,

⁵ Graduanda em História na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. milena.linhares51@gmail.com

⁶ Graduanda em História na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. iaracristisilva@gmail.com

especialmente a partir de 1970, propuseram à História, por meio da interdisciplinaridade, novos objetos, problemas e abordagens. Ampliou-se, com isso, a noção de documento histórico, bem como os métodos de investigação.

No período de crescimento industrial no Brasil existiram vários jornais escritos por operários, nos quais eram colocadas suas demandas a respeito das más condições de trabalho nas fábricas. A circulação desse tipo de documento possibilitou a criação de uma unanimidade por parte dos trabalhadores, de modo a incentivarem a luta por mais direitos. Alguns deles forneciam espaços para as mulheres e traziam notícias também sobre o trabalho infantil. Deste modo, estudar os jornais operários permite tanto o conhecimento das condições de trabalho dos operários e operárias das fábricas, quanto seu modo de pensar e agir contra esses problemas.

Tendo em vista isso, foram escolhidos jornais do século XX, período em que ocorria o fortalecimento da implantação de indústrias no Brasil, mais especificamente trechos que descreviam situações de violência e inferiorização das mulheres e crianças no ambiente fabril. Para comentar brevemente cada um começaremos pelo jornal chamado *A classe operária*.

Este primeiro foi um jornal carioca, inicialmente semanal, fundado em 1925 pelo Partido Comunista Brasileiro, então Partido Comunista do Brasil (PCdoB). Circulou com várias interrupções como seu órgão oficial até 1952, quando foi fechado pelo próprio partido. Este jornal é um dos mais importantes periódicos de organizações partidárias de esquerda da história brasileira – e também o mais antigo ainda em circulação (FERREIRA, 2010). Segundo o site do PCdoB, *A classe operária* voltou a circular no primeiro de maio deste ano, em formato de encarte (quatro páginas). A partir desse jornal tratamos de temas como mulheres grávidas, desigualdade salarial e crianças, sendo que, em algumas matérias, as próprias operárias relataram a opressão vivida durante o trabalho.

Também usamos o jornal *La Battaglia*, que era aberto às manifestações individuais e coletivas de diferentes colaboradores, sendo um jornal do movimento anarquista. Ele publicou seu primeiro número em 1901 e circulou até 1913, quando fundiu-se ao jornal brasileiro *Germinal*, sob o título de *La Barricata*. A partir de alguns números dele trabalhamos a questão da agressão física nas indústrias e a violência doméstica, em relação às mulheres.

Para tratar do tema do assédio sexual no contexto industrial do século XX, escolhemos o jornal *A terra livre*. Este é um jornal editado em São Paulo, e também faz parte do movimento anarquista.

Em relação às notícias atuais, foram utilizadas manchetes dos jornais G1, O Globo e VG notícias, todos de origem brasileira.

3. Metodologia

O projeto foi elaborado tendo como base o conteúdo que estava sendo ministrado em sala de aula, ou seja, a Revolução Industrial, levando-se em conta o pouco espaço dedicado às mulheres e crianças nos livros didáticos. Foram realizados dois encontros. No primeiro foram realizadas a apresentação e problematização dos temas (violência física, moral e sexual), visando o desenvolvimento da criticidade e da consciência histórica dos alunos, no que diz respeito à percepção das permanências e rupturas. No segundo houve a elaboração de panfletos para fixação do conteúdo e posterior distribuição na escola. Ambos os momentos foram supervisionados pelo professor Kleber Eloi de Lima Mendes.

O primeiro encontro teve início com a discussão dos temas através de notícias dos jornais operários selecionados, cujos trechos serão abordados a seguir.

Uma notícia publicada no jornal *A Classe Operária*, no dia 30 de maio de 1925, traz como manchete “As operárias charuteiras da Bahia appellam para ‘A Classe operária’”. Dentre as reivindicações pode-se ver, além dos baixos salários, a condição das trabalhadoras grávidas, a quem não era dada a devida atenção.

Nossas aspirações são as seguintes:

(A) Econômicas:

1ª – Salario fixo de 4\$ diarios, por 250 charutos a pão ou 100 charutos a mão;

2ª – Nenhum desconto quando a conta passar de 100 charutos;

3ª – Nem um só charuto de quebra;

4ª – Pagamento semanal de todos os dias de trabalhados;

5ª – Extinção das empreitadas

6ª - Licença de 15 dias para as companheiras no parto e pagamento integral.

(B) Hygienicas:

7ª – Agua pura e copos;

8ª – Bancos especiaes para as companheiras gravidas.

(C) Politicas:

9ª – Direito de livre associação;

10ª – Não sermos despedidas quando commemorarmos o primeiro de maio.

Taes são as nossas aspirações immediatas (*A Classe Operária*, 30 de maio de 1925).

No mesmo jornal, operários da Companhia Manufactora de Biscoitos reclamam da alta carga horária e dos baixos salários, alegando serem explorados.

Nesta companhia, situada á rua do Livramento, nós, seus 200 operarios e operarias, somos oprimidos de uma forma barbara. trabalhamos 10 horas diárias. Isto quando não ha serão. As operarias ganham 2\$500, 3\$500, 4\$000. São muito poucas as que ganham 5\$000. Os operarios ganham 6\$ a 8\$000. Só alguns é que ganham 9\$000. De vez em quando trabalhamos 15 e 20 minutos depois da hora sem ganharmos um real (*A Classe Operária*, 13 de junho de 1925).

Neste trecho pode-se notar, além dos abusos dos patrões, a diferença salarial gritante entre homens e mulheres, chegando estas a ganhar menos da metade daqueles. Essa situação era comum

nas fábricas desse período, no qual a mulher era compreendida como menos capacitada física e intelectualmente em relação ao homem.

Ocorria muitas vezes de as operárias serem assediadas por seus colegas ou por homens que possuíam cargos mais elevados que os seus. Estes se aproveitavam de suas posições para pressioná-las e ameaçá-las.

Se em Sorocaba há gente de maus costumes, não será porém fácil encontrar aqui uma pessoa tão corrupta como esse D. Juan que abusa do lugar que ocupa para se aproveitar das pobres operárias que vão ganhar o pão naquela penitenciária (refere-se à fábrica Votorantin) tendo ainda que sofrer as exigências libidinosas de um sátiro..." (*A Terra Livre*, 13 de julho de 1906).

As agressões e insultos não se resumiam ao ambiente fabril. Ao reivindicarem direitos nas ruas ou por meio de greves as operárias eram agredidas, sem obter socorro das autoridades. "Uma líder grevista foi derrubada por um vigia e pisada sob os olhos dos policiais e das próprias companheiras de miséria..." (*La Battaglia*, 04 de março de 1906).

Além disso, tinham que enfrentar o descontentamento de seus familiares, que por vezes compartilhavam os preconceitos e ideologias impostos pela sociedade.

Começamos todos em nossas casas a não considerar a mulher como besta de carga, não considerá-la como seres inferiores, indignas de liberdade, pois se cada passo da mulher, cada aspiração sua depender de seus parentes, é inútil apelar para sua consciência (*La Battaglia*, 12 de agosto de 1906).

Salvo exceções, as mulheres são vítimas da própria família. (...)Devem recordar-se que na greve da Tecelagem D'Anhana e Penteado, foram os próprios genitores que acompanharam à prisão as próprias moças ao som de bofetões sob olhares benévolos da polícia (*La Battaglia*, 12 de agosto de 1906).

Em relação às crianças, eram obrigadas a realizar trabalhos pesados em troca de salários insignificantes, expostas à violência e demais perigos das fábricas.

Accidentes: constantemente se dão na capital os accidentes mais dolorosos. Ainda agora ha o caso do menino André Pellim - uma pobre criança de 13 annos de idade, - que, na fabrica de chocolate de M. Munhoz & C., apanhado pelo correia de uma machina, ficou sem um braço (*A Classe operária*, 27 de junho de 1925).

Os meninos: Ha, trabalhandonove horas comnosco muitos meninos de 12 a 13 annos. Existe um que ganha 1\$ diarios. Não ganhando bastante, almoçam laranjas, bananas e doces feitos commummente com ovos estragados. Vão enfraquecendo. E já se sabe o resultado... Pobre mocidade proletária!

As humilhações: Certos meninos são esbofeteados pelos mestres. Ou, no melhor dos casos, levam puxões de orelha. Ha meninos e mesmo homens que são despedidos sem mais nem menos (*A Classe Operária*, 13 de junho de 1925).

Posteriormente houve a problematização dessas notícias a partir das perguntas "Essa situação permanece nos dias atuais?" e "o que mudou?", para que os alunos percebessem as rupturas e continuidades dos eventos.

Em seguida, foram exibidas notícias atuais sobre violência contra as mulheres e crianças e feitas as seguintes perguntas: Vocês conhecem mulheres e crianças que passam por essas situações? Já presenciaram situações semelhantes? O que pode ser feito para mudar essa situação? As notícias estão reproduzidas a seguir.

Figura 1: violência sexual

Mulher é violentada sexualmente durante sequestro em Bom Jardim, no RJ

Caso aconteceu por volta das 21h desta segunda-feira (6).

Por G1 — Região Serrana

07/05/2019 10h37 · Atualizado há uma semana



Fonte: G1⁷

Figura 2: violência física/doméstica

Polícia prende 21 homens acusados de agredir mulheres em São Paulo

As prisões ocorreram em 6 cidades da Grande SP. Como o G1 e a GloboNews mostraram, 88 mulheres foram vítimas de agressão por dia em SP em 2019.

Por SP2 e G1 SP

15/05/2019 19h40 · Atualizado há uma hora



Fonte: G1⁸

Figura 3: Violência doméstica



Mulher relata agressões sofridas pelo marido durante oito anos

Jaqueline Andrade é uma das 40 mil mulheres que sofrem violência por dia no Brasil. Alana Oliveira, do Profissão Repórter, acompanhou por cinco meses a história dela.

16/05/2019 00h15 · Atualizado há 11 horas

Fonte: G1⁹

Figura 4: Violência sexual/doméstica

ESTUPRO DE VULNERÁVEL

Pai é preso após engravidar filha de 11 anos em Cuiabá

Por: Gislaíne Moraes/VG Notícias



Reprodução/Video PM



Fonte: VG notícias¹⁰

⁷ <https://g1.globo.com/rj/regiao-serrana/noticia/2019/05/07/mulher-e-violentada-sexualmente-durante-sequestro-em-bom-jardim-no-rj.ghtml>

⁸ <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/05/15/policia-prende-21-homens-acusados-de-agredir-mulheres-em-sp.ghtml>

⁹ <https://g1.globo.com/profissao-repórter/noticia/2019/05/16/mulher-relata-agressoes-sofridas-pelo-marido-durante-oito-anos.ghtml>

¹⁰ <https://www.vgnoticias.com.br/policia/pai-e-presos-apos-engravidar-filha-de-11-anos-em-cuiaba/56257>

Figura 5: Violência moral



Fonte: O Globo¹¹

5

Figura 6: Trabalho infantil



Fonte: G1¹²

Figura 7: Exploração sexual infantil



Fonte: G1¹³

Por fim, dividiu-se a sala em quatro grupos de 4 a 5 alunos para o sorteio dos temas dos panfletos: violência física, agressão moral e violência doméstica contra as mulheres, e violência contra as crianças, ficando cada orientadora responsável por um grupo. Inicialmente, discutiu-se o tema, verificando-se os conhecimentos prévios e acrescentando-se novos. Após elencados os pontos a serem abordados nos panfletos, partiu-se para a produção. Alguns alunos ficaram responsáveis por

¹¹ <https://oglobo.globo.com/celina/desigualdade-salarial-entre-homens-mulheres-maior-na-faixa-dos-40-anos-23506416>.

¹² <http://g1.globo.com/pa/para/noticia/2016/07/meninos-sao-flagrados-em-situacao-de-trabalho-infantil-na-br-010-no-pa.html>.

¹³ <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/05/23/policia-federal-cumpre-mandados-em-operacao-contr-a-exploracao-sexual-infantil-em-oito-estados.ghtml>.

elaborarem as imagens, enquanto outros produziam o texto. Os panfletos foram recolhidos para serem xerocados e distribuídos em outras turmas da escola.

4. Considerações Finais

No primeiro encontro os alunos relataram experiências que já haviam vivido ou presenciado e discutiram sobre elas, mostrando-se interessados. Frases como “Homem também é assediado”, “Conheço um menino que não quer saber de estudar, só trabalhar... mas ele gosta” foram mencionadas. Nota-se reinterpretações de alguns conceitos proporcionada pelos debates atuais, as quais consideramos, tentando sempre explicar tendo como base as fontes trabalhadas, destacando os maiores índices de assédio para com as mulheres, por exemplo.

Outros buscaram fazer uma relação entre os períodos históricos denotando as diferenças, em frases, como por exemplo, “os salários antes eram mais baixos, hoje não”, “o trabalho infantil hoje é proibido”, “ainda hoje somos assediadas”. Portanto, houve a percepção das permanências e rupturas.

No que concerne à elaboração dos panfletos, o grupo da violência física, demonstrou ter conhecimentos prévios, embora alguns não tivessem pesquisado anteriormente sobre os temas. Foram apontadas questões discutidas em sala, como o assédio e a condição das mulheres grávidas. Este grupo conseguiu relacionar o contexto histórico com o presente, fazendo uso das leis trabalhistas levadas pela bolsista para tratar dos direitos das mulheres grávidas na atualidade, tratando da insistência do assédio no ambiente de trabalho e destacando a importância da lei Maria da Penha (Figura 8).

Em relação ao grupo cujo tema era violência moral, alguns tiveram interesse e outros não. O grupo era composto por três meninas e dois meninos, mas apenas as meninas participaram, sendo que os garotos insistiram em dizer que não possuíam as habilidades para a produção do trabalho, incluindo a de desenho, mas permaneceram até o fim da produção. Eles não fizeram nenhuma pesquisa prévia sobre o assunto, como foi sugerido, mas uma menina tinha acesso à internet e fez uma rápida pesquisa no momento.

Apesar da bolsista responsável ter feito sugestões como a de incluir trechos da lei trabalhista no panfleto, elas não acataram, não aceitando a ajuda e incluindo outros textos. Em alguns momentos da discussão sobre o que colocar no panfleto elas desviaram do assunto para a violência física e foi preciso orientá-las nesse sentido. Houve também uma preocupação com a parte artística do trabalho por parte delas, que pediram ajuda alegando que estavam tendo dificuldades em escolher um símbolo que representasse melhor a mensagem do panfleto; por fim optaram por desenhar uma mulher negra em atitude de protesto (Figura 9).

O grupo que abordou violência doméstica contra a mulher não fez as pesquisas prévias e não demonstrou tanto interesse, o que resultou em um panfleto com poucas informações, composto por apenas uma frase que não permitia o reconhecimento do tema. Uma das alunas questionou o fato de apenas mulheres serem tratadas na temática, visto que crianças também sofriam violência doméstica, o que podemos considerar em oficinas futuras. Contudo, não apresentou exemplos ou levou essa discussão adiante, de forma que o leitor do panfleto tivesse acesso a essa discussão. Diálogos com o passado não foram realizados (Figura 10)

No que diz respeito ao grupo que tratou crianças, a maioria dos integrantes participou, colaborando com informações úteis. A pesquisa prévia de uma das estudantes facilitou e agilizou o processo, permitindo também o diálogo com a bolsista. Este grupo também fez a conexão do passado com o presente, identificando as continuidades e rupturas (Figuras 11 e 12).

É interessante colocar alguns fatores externos que se mostraram empecilhos para a atividade, tais como a pressa de ir embora por parte dos alunos e a desmotivação de muitos deles, bem como, porque não dizer, o contexto político e social atual, que mais uma vez questiona a emergência de direitos por parte das mulheres e a criminalidade do trabalho infantil.

Figura 8: Panfleto sobre a violência física contra a mulher

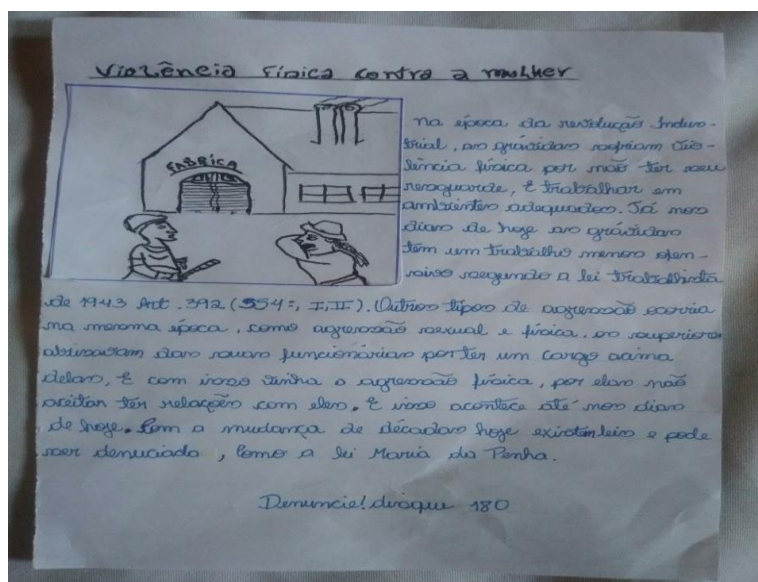


Figura 9: Panfleto sobre a violência moral contra a mulher

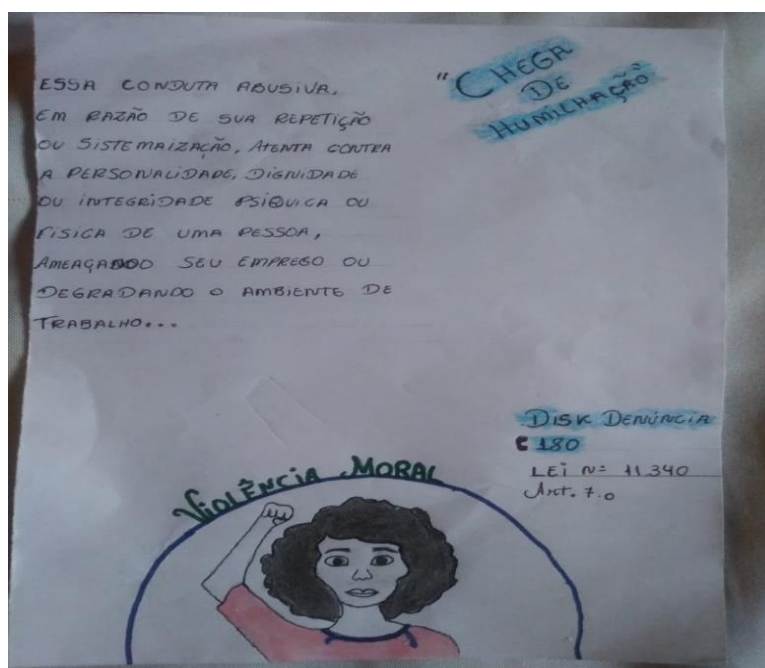


Figura 10: panfleto sobre a violência doméstica

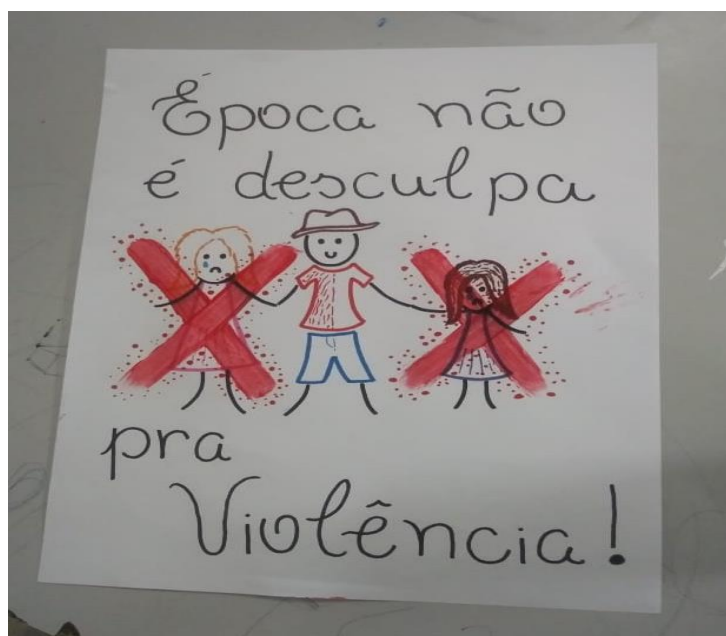


Figura 11: Panfleto sobre a violência contra as crianças (frente)

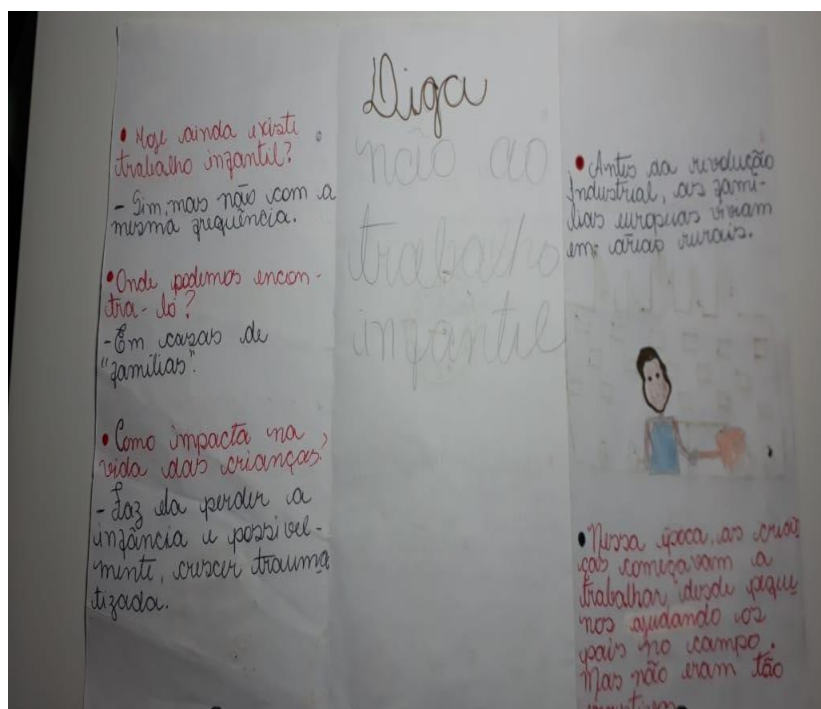
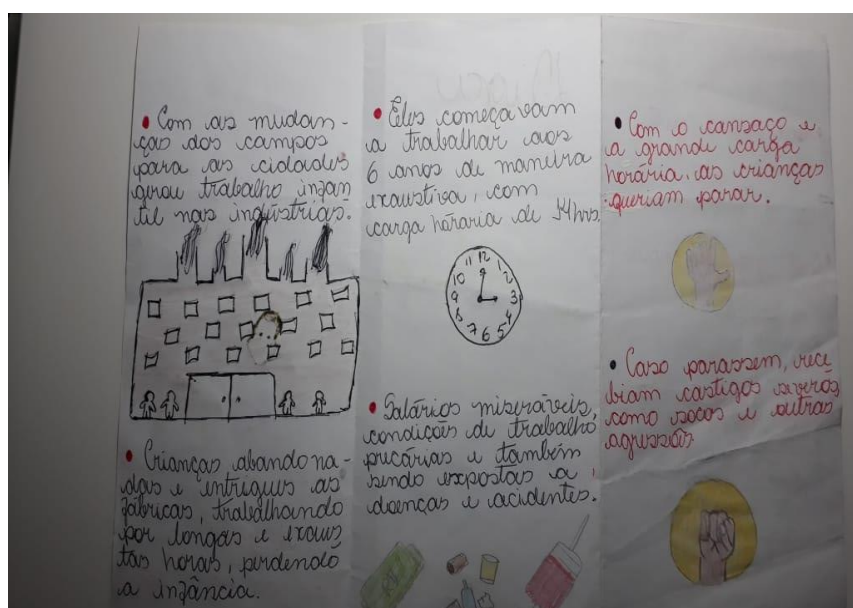


Figura 12: Panfleto sobre a violência contra as crianças (verso)



5. Referências Bibliográficas

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **A Imprensa na História do Brasil**. São Paulo: Contexto, EDUSP, 1988.

FERREIRA, Marieta de Moraes. A Classe Operária. In: ABREU, Alzira Alves et al. (Coords.) **Dicionário histórico-biográfico brasileiro - pós-1930**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010

SOCIOLOGIA E ARTE: DIÁLOGOS PERTINENTES NAS AULAS DE SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO

Antonio Elder Nolasco¹⁴
José Alberto da Silva¹⁵

1. Introdução

O atual contexto em que se encontra o processo de ensino aprendizagem tem se constituído em um tema de suma importância no campo do ensino da Sociologia. Em razão disso, surge a necessidade de elaboração de um conjunto de reflexões que compreendam e dinamizem este processo a partir da implementação de novas abordagens e práticas de ensino que a caracterizem.

Nesse trabalho, pretendemos apresentar algumas dentre as diversas possibilidades técnicas para o trabalho didático, sendo essas técnicas de ensino entendida como “um conjunto prático de procedimento que se escolhe para conduzir uma determinada atividade de ensino” (SARANDY, 2012, p. 28).

Por tanto, com base nesse enfoque, relataremos experiências vivenciadas em sala de aula, que nos proporcionou um novo olhar sobre a prática de ensino da Sociologia, capaz de despertar professores e alunos, para a efetivação de aulas mais dinâmicas e prazerosas, desvencilhando-se de um modelo mais clássico da prática pedagógica o qual se baseia exclusivamente na aula expositiva, na absorção mecânica dos conteúdos dos manuais e no professor como centro do conhecimento.

Em tempo, é importante ressaltar que a aula expositiva, que alguns julgam como ultrapassada se constitui em nosso trabalho como uma importante técnica pedagógica para abordagem introdutória de um determinado conteúdo, sendo inclusive considerado um essencial instrumento de todo e qualquer trabalho didático.

Por sua vez, o componente curricular da Sociologia no Ensino Médio no Brasil tem sua trajetória marcada por muitos elementos, entre eles, políticos, ideológicos e culturais. Seu percurso de luta pela consolidação na educação básica está relacionado à formação do pensamento social brasileiro que transita entre a importação de teorias ao modelo nacional até as mudanças no imaginário da cultura e identidade brasileiras.

Todavia, essas situações históricas perpassam também, pelas possibilidades de se pensar em uma educação diferenciada, participativa e de qualidade, onde seja possível construí-la com o

¹⁴ Professor de Sociologia da rede pública de ensino do estado do RN. eldernolasco68@gmail.com

¹⁵ Bacharel em Ciências Sociais, mestrando do PPGCISH – UERN. josebetojs@hotmail.com

compromisso ético, com a paixão em socializar conhecimentos, utilizando a criatividade, capaz de envolver educadores e educandos em um processo dinâmico de ensino e aprendizagem.

Despertar nos alunos o interesse pelas questões sociológicas, através de temas esclarecedores, estimulantes, práticos e desafiadores, tendo como suporte os conteúdos do livro didático é um dos grandes desafios do professor de Sociologia no Ensino Médio.

Nessa perspectiva, Teixeira (2013), nos alerta, para os cuidados que devemos ter, com o que ela denomina de “eclipse didático”, muito presente no livro ou manual escolar, que tende a abolir, na mediação do professor, a criatividade, a capacidade de contextualização e adequação das atividades pedagógicas. Para isso, a autora aponta para a necessidade de uma leitura mais crítica do manual escolar pelos professores, a fim de permitir o seu uso mais adequado, crítico e pessoal.

Nesse sentido, o presente trabalho visa desenvolver pedagogicamente a partir dos conteúdos propostos no manual escolar, um diálogo entre as diferentes linguagens artísticas nas aulas de Sociologia no Ensino Médio. Para isso, utilizamos as artes (cinema, música e poesia), no intuito de possibilitar aos estudantes da Escola Estadual Professora Maria Stella Pinheiro Costa, na cidade de Mossoró-RN, uma maior interação e melhor compreensão dos conteúdos ministrados em sala de aula.

Inicialmente fizemos um levantamento das diferentes formas de artes que pudessem fundamentar o nosso trabalho, tendo como referência o conteúdo programático de cada unidade do livro didático.

Em seguida, a partir da abordagem teórica dos conteúdos programáticos em sala de aula, desenvolvemos um cronograma de atividades distribuídas em grupos, de acordo com os encontros a serem realizados durante os bimestres, onde os alunos realizaram um conjunto de atividades, mediadas pelo professor, através do diálogo e do conhecimento sociológico sistematizado, com as artes e contextualizado com a realidade social dos mesmos.

Assim, buscamos instigar a capacidade criativa, reflexiva e crítica dos educandos, tornando as aulas mais dinâmicas, atrativas e participativas através da correlação entre as diferentes linguagens artísticas e o ensino de Sociologia.

2. Diálogos entre Sociologia e Artes

O espaço escolar é um ambiente onde os alunos aprendem a executar suas habilidades cognitivas, que são organizadas através de um cronograma de atividades, desenvolvidas com o objetivo de estabelecer a interação pessoal em seu ambiente social, buscando uma proximidade de trocas de ideias e conhecimentos.

No presente trabalho, essa interação, se dar através de ações recíprocas entre Sociologia e arte, estabelecendo relações que visam facilitar o aprendizado do conteúdo programático trazido pelo livro didático.

Consciente de que os temas no ensino de sociologia “não podem ser tratados sem o recurso a conceito, temas e a teorias sociológicas, senão se banaliza (...)”, (OCN/MEC), percebemos também, apoiados nas Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, que “a teoria *a seco* só produz, para os alunos, desinteresse” (OCN/MEC, p. 117, 2008).

Deste modo, se faz necessário pensar a atividade docente como um momento no qual o professor articula seus conhecimentos para desempenhar a sua prática em sala de aula, implicando na renovação de metodologias que é indispensável para que o professor passe a construir outras formas de ação.

Logo, o nosso intuito visa alcançar um dos principais objetivos da disciplina de Sociologia no ensino médio, que por sua vez estão relacionadas as mudanças cognitivas expressas nos termos “estranhamento”, “desnaturalização” e “imaginação sociológica”.

Com isto, cabe ao educador diante das dificuldades de fazerem uso de uma linguagem mais próxima ao universo do aluno, possibilitar novos métodos de ação e inovar nas práticas educativas, o que representa para o professor desafios que se superam com os limites postos pela forma de organização e desenvolvimento do sistema.

Em nossas experiências em sala de aula nas três séries do Ensino Médio, da Escola Estadual Professora Maria Stella Pinheiro Costa, os estudantes foram estimulados a colaborar de maneira participativa e discursiva, com as temáticas e teorias sociológicas, ao desenvolver pedagogicamente um diálogo entre as diferentes linguagens artísticas com o ensino de Sociologia.

Nas aulas com os temas sobre Democracia, Cidadania e Direitos Humanos, com a turma da 2ª série do ensino médio, introduzimos os conteúdos por meio de narrativas, poemas e músicas, (“O resto do mundo” - Gabriel o Pensador, está entre uma delas).

Os poemas foram escritos pelos alunos, em seguida apresentados em forma de recital em sala de aula, posteriormente, os trabalhos foram publicados em mural/exposição durante um evento realizado na escola, de modo que as poesias fossem apreciadas pelos alunos de outras séries.

Com relação à música “O resto do mundo”, após a audição e análise da letra, foi feita uma roda de conversa para debater a canção relacionando-a com a realidade vivida pelos jovens que vivem nas ruas e nas favelas da cidade de Mossoró e depois foram confeccionados painéis reflexivos sobre a temática abordada.

Assim, foram distribuídas entre os alunos cópias com a letra da música¹⁶ “O resto do mundo”,

Eu queria morar numa favela,
O meu sonho é morar numa favela.
Eu me chamo de excluído como alguém me chamou,
Mas pode me chamar do que quiser seu dotô,
Eu não tenho nome,

¹⁶ Álbum: “Gabriel o pensador”. Sony, 1993.

Eu não tenho identidade,
 Eu não tenho nem certeza se eu sou gente de verdade,
 Eu não tenho nada,
 Mas gostaria de ter,
 Aproveita seu dotô e dá um trocado pra eu comer...
 Eu gostaria de ter um pingô de orgulho,
 Mas isso é impossível pra quem come o entulho
 Misturado com os ratos e com as baratas
 E com o papel higiênico usado
 Nas latas de lixo,
 Eu vivo como um bicho ou pior que isso,
 Eu sou o resto,
 O resto do mundo,
 Eu sou mendigo um indigente um indigesto um vagabundo
 Eu sou... Eu não sou ninguém
 Eu tô com fome,
 Tenho que me alimentar,
 Eu posso num ter nome mas o estômago tá lá,
 Por isso eu tenho que ser cara-de-pau,
 Ou eu peço dinheiro ou fico aqui passando mal,
 Tenho que me rebaixar a esse ponto porque a necessidade é maior do que a moral,
 Eu sou sujo eu sou feio eu sou anti-social,
 Não posso aparecer na foto do cartão postal,
 Porque pro rico e pro turista eu sou poluição,
 Sei que sou um brasileiro,
 Mas eu não sou cidadão (...)

Outra atividade audiovisual foi a apresentação do clip/Musical: “Muros e grades”¹⁷ (1991), do grupo Engenheiros do Havaí, na abordagem do conteúdo “Sociedade e espaço urbano” (3ª série). Com base no clip, os alunos produziram curtas-metragens e clips, tendo como pano de fundo os principais problemas urbanos vividos na cidade de Mossoró.

Segue trechos da canção muros e grades,

Nas grandes cidades do pequeno dia-a-dia
 O medo nos leva a tudo, sobretudo a fantasia
 Então erguemos muros que nos dão a garantia
 De que morreremos cheios de uma vida tão vazia
 Então erguemos muros que nos dão a garantia
 De que morreremos cheios de uma vida tão vazia
 Nas grandes cidades de um país tão violento
 Os muros e as grades nos protegem de quase tudo
 Mas o quase tudo quase sempre é quase nada
 E nada nos protege de uma vida sem sentido
 O quase tudo quase sempre é quase nada
 E nada nos protege de uma vida sem sentido
 Um dia super uma noite super
 Uma vida superficial

¹⁷ Música do álbum Várias variáveis. RCA/BMG Music. Rio de Janeiro, 1991.

Entre as sombras entre as sobras
 Da nossa escassez
 Um dia super uma noite super
 Uma vida superficial
 Entre cobras entre escombros
 Da nossa solidez
 Nas grandes cidades de um país tão irreal
 Os muros e as grades
 Nos protegem de nosso próprio mal
 Levamos uma vida que não nos leva a nada
 Levamos muito tempo pra descobrir
 Que não é por aí não é por nada não
 Não, não, não pode ser é claro que não é será? (Será?)
 Meninos de rua, delírios de ruína
 Violência nua e crua, verdade clandestina (...)

Nas turmas da 3ª série, foi ouvida e debatida a música “Eu sou problema meu” (2016) da cantora e compositora Clarice Falcão¹⁸. Através da canção mencionada, foram discutidos conceitos de dominação masculina (relações de gênero), a coisificação da mulher, dentro do conteúdo de “Gênero, sexualidade e identidades”. Após análise e debate, foram confeccionados cartazes reflexivos afixados em pontos estratégicos da escola.

Trecho da música de Clarice Falcão, Eu sou problema meu,

Não sei de ninguém que me vendeu
 Por dois camelos pra você
 Em um negócio armado no meio da rua
 Nem cartório algum reconheceu
 Um documento que explicita em papel
 Que legalmente eu sou sua
 Quando eu disse sim aquela hora
 Eu disse sim aquela hora
 Eu não disse sim por toda a eternidade
 Eu não sei se você tá por fora
 Mas eu não tenho registro
 Compra e venda feito uma propriedade pessoal
 Não me leve a mal
 Mas você não me tem
 Eu não sou um chapéu
 No armário de alguém
 Não valho um real
 Também não valho cem
 Eu sou problema meu
 Eu nasci pessoa, gente
 Eu não nasci coisa
 Eu não sou brinde de criança
 Nem presente de natal (...)

¹⁸ Atriz, cantora, compositora e roteirista brasileira. Em 2013 foi indicada ao Grammy Latino na categoria Artista Revelação.

O material produzido pelos alunos foi considerado bastante relevante pela sua diversidade, ampliando-se as temáticas exploradas para os demais capítulos do livro didático do ensino médio¹⁹.

Conforme, CANDAU (1983), LIBÂNEO (1986), e SAVIANI (1984), pela contextualização, por intermédio de uma prática de ensino mais ampla e especificamente pela ação docente da mediação, é possível tornar desejável e assimilável o objeto do conhecimento.

A partir dos autores supracitados, os estudos apontam para um movimento crítico de revisão da didática como momento importante de superação de uma perspectiva instrumentalista que se fez presente no Brasil durante décadas.

Assim, consideramos que as mediações didáticas desempenham um papel decisivo na facilitação do aprendizado, pois além de desencadeadoras da ação docente são partes integrante do conhecimento.

Nesse sentido, de acordo com as Orientações Curriculares Para o Ensino Médio – Ciências Humanas e suas Tecnologias – Conhecimentos de Sociologia (2008), “(...) a mediação pedagógica, se assim se pode chamar, parece tão necessária quanto mais varia o público no tempo e no espaço, quanto mais diverso é o público em relação ao professor”. (OCN/MEC, 2008, p. 108).

Desse modo, a prática de ensino torna-se um elemento mediador entre professores, alunos e o conhecimento, na medida em que a ação é efetivada pelos saberes, sejam eles prévios (experiência de vida do aluno), ou mesmo adquirido pelas teorias sociológicas (através dos estudos contextualizados a realidade social), compreendendo que a escola possui funções que determinam a aprendizagem e a efetividade para o desenvolvimento cultural e social do indivíduo.

Diante do exposto, cabe perceber que o conhecimento sociológico tem como atribuições básicas, investigar, identificar, descrever e interpretar os fatos relacionados à vida social. Logo deve permitir ao aluno a capacidade para que possa decodificar a complexidade da realidade social.

Conforme Carvalho (2004), pela via do conhecimento sociológico sistematizado o educando poderá,

construir uma postura mais reflexiva e crítica diante da complexidade do mundo moderno. Ao compreender melhor a dinâmica da sociedade em que vive, poderá perceber-se como elemento ativo, dotado de força política e capacidade de transformar e, até mesmo, realizar por meio do exercício de sua cidadania, mudanças estruturais que apontem para um modelo de sociedade mais justo e solidário (CARVALHO, p. 315, 2004).

Assim, a partir de uma proposta dialógica de ensino, realizamos com as turmas da 1ª série, dentro da temática “Socialização e Controle Social”, a atividade denominada de cinema sociológico

¹⁹ Sociologia em movimento. 2ª ed. São Paulo: Moderna, 2016.

– onde projetamos o documentário do Programa de TV “Domingo Espetacular”, (2010), cujo tema: “Crianças criadas por animais” abordava questões do processo de socialização, controle e isolamento social. O uso desse documentário foi acompanhado de explicações teóricas, sendo necessário oferecer aos alunos elementos conceituais para que pudessem problematizar tais processos expostos no filme.

Ainda referente aos recursos visuais, utilizamos o cinema, através de cenas do filme “Tempos modernos” (1936), para tratarmos de conceitos ligados ao conteúdo “Trabalho e sociedade” (2ª série), onde buscamos através da utilização do cinema não apenas um novo recurso metodológico, mas sim “submetê-lo a procedimentos escolares – visando o estranhamento e desnaturalização” (OCN/MEC, 2008, p. 129).

Posteriormente os alunos foram orientados para realização de atividades em grupos, que consistiu em que cada equipe registrasse pelo menos três fotos sobre um cenário que retratasse as formas de socialização, isolamento, controle e desigualdades sociais, percebidas na comunidade onde moram ou em outros lugares da cidade. Após registrar a imagens, os alunos deveriam revelá-las, escolher uma legenda para cada uma delas (Fazer anotações em caderno das impressões) e levá-la para a escola a fim de montar uma exposição fotográfica.

O método da utilização das fotografias do cotidiano para a montagem de exposição em sala de aula, juntamente com as anotações em seus respectivos cadernos, permitiu uma reflexão acerca das influências que recebemos dos mecanismos de controle através dos quais se garante conformidade à ordem social vigente. Isso possibilitou uma conjectura sobre situações e ações ligadas ao dia a dia, pois, “as fotografias não são documentos neutros: sempre expressam olhar do fotógrafo e o que ele quis documentar (...) (OCN/MEC, 2008, p.130).

Além disso, proporcionou momentos em que os alunos se mobilizaram para a realização das atividades através dos conhecimentos teóricos, temas e conceitos sociológicos abordados em sala de aula, compreendendo a realidade social e o modo como os indivíduos e grupos agem na sociedade.

Assim, partindo das perguntas: Como os processos de socialização e do controle social, se manifestam em nosso cotidiano? Por que existe tantas desigualdades na sociedade? Os alunos foram estimulados a desenvolver suas habilidades, para compreender os processos de integração dos indivíduos à sociedade, os diferentes grupos sociais e as principais causas das desigualdades sociais.

Para LUKESI (2008), os conhecimentos assimilados pelos educandos sevem de suporte para a formação das habilidades, hábitos e convicções. Ainda de acordo com o autor,

As habilidades são modos adequados de realizar atos, modos de agir e modos de fazer, que demonstram que cada educando tornou efetivamente seu os conhecimentos transmitidos, possibilitando autonomia e independência (LUKESI, p.127, 2008).

Ainda falando das fotografias, o registro de imagens, representa para Trigueiro (2001), mensagem e análise em todos os níveis e formas e possui ainda vários outros sinais que são transmitidos, interpretados e codificados. A imagem, enquanto um destes códigos, também é capaz de comunicar, além de múltiplas possibilidades dada a mente dos alunos, que podem ser visualizadas em imaginações.

A arte como ferramenta concretizam as ideias e significados a partir do painel montado pelas fotografias, na qual possibilitou aos alunos o desenvolvimento do processo conhecido como “artesanato intelectual” Mills (1990) através da imaginação sociológica assim como o estímulo ao desenvolvimento de competências,

a imaginação sociológica capacita seu possuidor a compreender o cenário histórico mais amplo, em termos de seu significado para a vida íntima e para a carreira exterior de numerosos indivíduos. Permite-lhe levar em conta como os indivíduos, na agitação de sua experiência diária, adquirem frequentemente uma consciência falsa de suas posições sociais (MILLS, p.11, 1975).

O conhecimento do conteúdo e um nível considerável de “imaginação sociológica” proposta por Wright Mills, gerou nos alunos uma satisfação e a ratificação de seu sentimento de pertencimento a um projeto maior do ensino de sociologia, pela qual os alunos estabelecem uma relação com o real e consigo mesmo.

Portanto, podemos afirmar que no processo de mediação didática docente, como não poderia deixar de ser, dadas as condições materiais da escola e de formação dos professores das licenciaturas, nossas experiências na prática pedagógica tiveram forte influência que indicam, entretanto, um potencial criativo que possibilita, ainda mais que pode ser despertado à luz de melhores condições para o ensino de sociologia.

3. Considerações Finais

A aula ou conjunto de aulas, no sentido mais usual da palavra requer do professor além da técnica e do zelo quanto a definição dos conteúdos, a sua preparação didática através de um bom programa. No entanto, como bem sugere Tomazi (2004), a aula deve ser algo mais que o cumprimento ritual do planejamento.

Nesse sentido, o autor nos alerta para transformar as aulas em algo diferente das práticas rotinizadas, que podem ser concretizadas a partir do momento que passamos a ver e ouvir o outro com os quais nos defrontamos na atividade docente.

Assim, diante do trabalho realizado na Escola Estadual Professora Maria Stella Pinheiro Costa nas três séries do Ensino Médio, através da construção de um diálogo entre as diferentes linguagens

artísticas com o ensino de Sociologia, podemos constatar que houve um significativo avanço na participação nas aulas e compreensão dos conteúdos ministrados.

No entanto, como o novo sempre traz um certo impacto, percebemos que inicialmente alguns alunos ficaram receosos e até mesmo resistentes em realizar as atividades, uma vez que o trabalho exigia organização, planejamento e período determinado para a execução, além das mudanças na metodologia e os recursos utilizados. Contudo, na medida em que os colegas foram se envolvendo, o interesse foi ganhando corpo ao ponto dos demais se sentirem estimulados a participarem realizando os trabalhos de forma eficiente, atingindo as expectativas esperadas, quanto a uma maior participação nas aulas; mais interesse pelos assuntos desenvolvidos (Perceptivo pelos comentários, envolvimento, debates e questionamentos feitos pelos alunos entre si e ao professor).

Por meio dos recursos utilizados, problematizamos os conteúdos com a realidade cotidiana dos alunos, proporcionando uma melhor assimilação das teorias, temas e conceitos sociológicos.

Portanto, podemos afirmar que o desenvolvimento destes recursos nas atividades, promoveu a elevação da autoestima dos mesmos, pois contribuiu para o desenvolvimento da retórica e do poder de argumentação dos alunos. E ainda, o sucesso dessas experiências didáticas aqui relatadas, pôde se reverter em processos muito satisfatórios pelo aspecto lúdico e experiencial, já que boa parte classificaram as aulas muito legais. Isto, nos apontam como diferencial para o uso das artes apresentadas para esses conteúdos trabalhados em aulas, a expectativa e motivação em estar no local de produção do conhecimento científico, legitimado, e de muita validade para o desenvolvimento de novas práticas de ensino no campo educacional.

4. Referências Bibliográficas

CANDAU, V. M. (org.) et al. **A didática em questão**. 4ª edição. Petrópolis: Vozes, 1983.

CARVALHO, Lejeune Mato Grosso (Org.) **Sociologia e ensino em debate: experiências e discussão de sociologia no ensino médio**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2004.

D'ÁVILA, Cristina Maria. **Decifra-me ou te devorarei**: o que pode o professor frente ao livro didático. 2. ed. Salvador: EDUFBA; EDUNEB, 2013. v. 1. 278p

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1986.

LUCKESI, Cipriano C. **Avaliação da Aprendizagem Escolar**. 19ª ed. São Paulo, SP: Cortez, 2008.

MILLS, C. Wright. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios**; seleção e introdução Celso Castro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2009.

_____. **A Imaginação Sociológica**. 4.ª ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1975.

Orientações Curriculares para o Ensino Médio. **Ciências Humanas e suas Tecnologias/Conhecimentos de Sociologia**. Secretaria de Educação Básica – Brasília: Ministério da Educação, p. 101 a 132, 2008.

SARANDY, Flávio. **A prática de ensino em sociologia**. IN: CARNIEL, Fagner; FEITOSA, Samara (Org.) **A Sociologia em sala de aula: diálogos sobre o ensino e suas práticas**. Curitiba: Base editorial, 2012.

SAVIANI, D. **Do senso comum à consciência filosófica**. 4ª edição. São Paulo: Cortez, 1984.

SILVA, Afrânio. et.al. **Sociologia em movimento**, 2ª edição, São Paulo: Moderna, 2016.

TOMAZI, Nelson Dacio. **Sociologia para o ensino médio**. São Paulo: Editora Atual, 2007.

TRIGUEIRO, Osvaldo. **O estudo científico da comunicação**: avanços teóricos e metodológicos ensejados pela escola Latino-Americana. In: PCLA, volume 2, número 2, 2001.

SILÊNCIOS QUESTIONADOS, SILÊNCIOS DESEJADOS: CONSTRUÇÕES DE MASCULINIDADE EM TORNO DA ESFERA DAS EMOÇÕES

Bárbara Celi de Souza Aguiar Cardoso²⁰

Ao trabalhar com problemáticas de gênero, é preciso ter em mente que não podemos nos acorrentar a padrões imutáveis: escolhas podem ser feitas, assim como ressignificações e estabelecimento de novas relações. Porém tais escolhas sempre são feitas em contextos sociais concretos, o que significa afirmar que não existe uma essência em ‘ser homem’ (Connell 1995; Gutmann, 1999; Vale de Almeida, 1996) ou em ‘ser mulher’. Masculinidades podem, então, ser pensadas como configurações de práticas construídas e transformadas ao longo do tempo, nas diferentes relações, em diferentes contextos (Connell, 1995; Connell & Messerschmidt, 2013). No entanto, não são quaisquer práticas, mas sim, conforme nos coloca Gutmann (1999) aquelas que se relacionam com pensamentos e ações dos homens, seja de forma mais ampla ou como uma maneira de reafirmar que se ‘é homem’.

Vinte anos atrás, Gutmann (1999) afirmou que, naquela época, a masculinidade era ignorada ou considerada a norma em grande parte das etnografias. O autor buscou então desconstruir esse entendimento, afirmando que “os estudos dos homens como homens” devem ser desenvolvidos a partir de um “contexto de um quebra-cabeças multigênero” (Gutmann, 1999, p. 270), tendo em vista que, assim como os estudos de etnicidade, “nunca podemos estudar um gênero sem estudar os outros” (Gutmann, p. 267). Antes mesmo dessa crítica, Vale de Almeida (1996, p. 164) já afirmava que é a partir dessa “negociação cotidiana, das interações carregadas de poder, das reformulações das narrativas de vida, que o gênero como processo e prática pode ser apreendido”. Fica claro, portanto, que não podemos perder de vista a ideia de que masculinidades são contextuais e relacionais, não somente nas relações entre os homens, mas também entre homens e mulheres.

Estudos mais recentes reforçam tal entendimento. Como Ceccheto (2004, p. 70), por exemplo, que chama atenção para o fato de que, ao lançar o olhar para tais relações e contextos, é preciso levar em consideração, também, um conjunto de dimensões, como “raça, etnia, orientação sexual, classe social e geração, entre outras”. Tais elementos se entrecruzam formando diferentes configurações. Há, portanto, como afirmou Vale de Almeida (1996, p. 162), uma “diversidade de experiências e identidades dos homens” que, por sua vez, apontam “no sentido de existirem várias masculinidades”.

²⁰ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense (PPGA-UFF). E-mail: barbaraceli@gmail.com. O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Essa pluralidade nos significados de ‘ser homem’ pode ser construída de diversas formas, sendo uma das possibilidades aquela relativa à esfera das emoções e sentimentos masculinos.

A partir da perspectiva de uma teoria da prática, Vale de Almeida (1996, p. 164), em diálogo com as formulações de Connell, afirma que “a divisão do trabalho, a estrutura do poder e a estrutura da *cathexis* (grosso modo, os sentimentos e as emoções)” deveriam fazer parte dos estudos antropológicos sobre masculinidades. Neste sentido, voltando-me especificamente para este último aspecto e baseando-me especialmente nas formulações de Le Breton (2009), o presente artigo tem como objetivo argumentar no sentido de existir uma pluralidade de masculinidades construídas em torno da esfera das emoções. Para tanto, foi lançado um olhar antropológico para o vídeo “O que a mulher mais quer de um homem?” (2016), do canal no *Youtube* da Igreja Universal, e para o documentário “O silêncio dos homens” (2019).

O vídeo “O que a mulher mais quer de um homem?” (2016), disponibilizado no canal da Igreja Universal no *Youtube*, é fruto de uma das palestras ministradas pela igreja em questão e tem como público alvo casais. Seu tema central, tal como sugere o título, gira em torno das expectativas femininas em relação aos homens no âmbito da vida familiar, e possui uma questão que perpassa todo o discurso: a segurança que os homens precisam passar para as mulheres. Segurança esta não somente financeira, mas, como é reiterado diversas vezes no decorrer do vídeo, “segurança em todos os seus sentidos” (O que a mulher..., 2016), o que também abarca a âmbito das emoções.

O documentário “O silêncio dos homens” (2019) é parte de um projeto produzido pelo Instituto Papo de Homem e realizado pela Monstro Filmes, que ouviu cerca de quarenta mil pessoas acerca de questões voltadas para masculinidades. São abordados temas como vida familiar, paternidade, masculinidades negras, papéis sociais, sexualidade, amizade entre homens, violência contra a mulher, entre outros. A problemática das emoções perpassa todo o filme, no intuito de pensar sobre a não expressão dos sentimentos pelos homens.

Enquanto o primeiro grupo incentiva o controle emocional masculino através de um discurso de que os homens precisam ser fortes e seguros, o segundo questiona essa perspectiva, entendendo-a como um modelo de masculinidade que gera insegurança, violência e sofrimento.

Afinal, homem chora ou não chora?

Segundo Le Breton (2009), ao pensar na questão da afetividade, não é possível trabalhar com uma dicotomia entre razão e emoção, como se esta última representasse descontrole e irracionalidade, tal como é o entendimento do senso comum. Tampouco podemos pensar que a emoção é algo estritamente individual e espontâneo: “mesmo quando ela é sincera e genuinamente oferecida, a afetividade permanece uma emanção característica de certo ambiente humano e de determinado

universo social de valores” (Le Breton, 2009, p. 112-113). Ou seja, os estados afetivos, isto é, os sentimentos e as emoções²¹, possuem lógicas próprias que são construídas socialmente: “elas têm também sua razão” (Le Breton, 2009, p. 116). A afetividade, então, se relaciona à ordem moral que perpassa as relações estabelecidas do indivíduo com o mundo.

O que Le Breton (2009) chama de ordem moral nada mais é que as normas coletivas implícitas e as orientações de comportamento que tem origem nos valores, crenças e princípios de dada cultura e que promovem um vínculo social. Ora, se as emoções se relacionam com as normas que, por sua vez, podem variar de acordo com os valores culturais, a forma como os indivíduos pertencentes a diferentes grupos expressam (ou não) seus sentimentos e emoções também vai ser plural. As emoções são manifestadas, portanto, pelos indivíduos a partir do aprendizado social e da identificação com os outros com quem se estabelece relações: as dimensões individual e social “alimentam conjuntamente a sociabilidade a assinalam ao sujeito o que ele deve sentir, de qual maneira e em quais condições precisas” (Le Breton, 2009, p. 118) e, por isso, é possível afirmar que as emoções são, enfim, manifestações sociais ritualmente organizadas ligadas a diferentes ordens morais e às sensibilidades particulares dos indivíduos (Le Breton, 2009).

Essas formulações nos ajudam a refletir sobre como os homens (des)constróem suas masculinidades em relação à questão da afetividade. Como mencionado anteriormente, enquanto alguns grupos compreendem que para ser um ‘homem de verdade’ é necessário não demonstrar determinados sentimentos, outros problematizam esse entendimento, defendendo que o fato dos homens se expressarem no que tange à afetividade não faz deles ‘menos homens’. Para uns os silêncios são desejados; para outros, questionados.

Em relação ao vídeo “O que a mulher mais quer de um homem?”, a ordem moral que influencia diretamente na construção das formas de afetividade e, conseqüentemente, no entendimento do que é ‘ser homem’ é perpassada por valores religiosos. Certamente os homens que compõem o grupo social em questão constroem suas masculinidades não se restringindo à esfera religiosa. No entanto, cabe salientar que o vídeo é a gravação de uma palestra ministrada na Igreja Universal no âmbito de um projeto chamado ‘Terapia do Amor’. Logo, a argumentação ali apresentada tem forte viés religioso.

A Igreja Universal do Reino de Deus é uma Igreja protestante neopentecostal, que tem Edir Macedo como fundador e líder. Sua esposa, Ester Bezerra, é quem inicia a palestra, deixando claro

²¹ Le Breton (2009, p. 113-114) afirma que ambos, sentimentos e emoções, se integram e decorrem da mesma ordem moral. No entanto, faz uma breve diferenciação, na qual a emoção seria, grosso modo, a expressão de algum sentimento, como alegria, tristeza, raiva, surpresa, etc. A emoção é, então, “a recitação moral do acontecimento” podendo, desta forma, ser expresso de diferentes maneiras dependendo do meio social.

desde o princípio que “o mais importante para uma mulher é segurança, é ter um homem ao lado que sabe o que quer, que não tem dúvida, e isso faz a mulher se sentir segura” (O que a mulher..., 2016).

Após essa fala introdutória, é chamado ao palco Renato Cardoso, que é casado com Cristiane Cardoso, filha de Edir Macedo. Renato inclusive tem um canal próprio no *Youtube* onde disponibiliza vídeos nos quais ele aborda diversas questões sobre relacionamentos, sempre sob a ótica da moralidade conservadora da Igreja da qual ele faz parte. Tais vídeos são gravados na maioria das vezes com a participação de Cristiane.

Renato reforça que segurança, em todas as suas dimensões, é o que a mulher mais quer de um homem. E completa, afirmando que quando a mulher se sente insegura, a culpa é do homem que não está cumprindo bem o seu papel. Cristiane então entra no palco e fala, mais uma vez, sobre a importância da mulher se sentir segura. Ela afirma que “a mulher é naturalmente insegura, não dá pra casar com um homem inseguro, não tem como dar certo” (O que a mulher..., 2016). Cristiane defende que “a mulher quer um homem firme, um homem forte, que tem visão, que tem liderança, que é o cabeça, que sustenta e cuida da família” (O que a mulher..., 2016), sendo este o papel do homem de acordo com a vontade de Deus, segundo a ordem moral da Igreja. Renato então retoma a palavra e enfatiza o fato de que o homem precisa ser forte e seguro de si:

Ele pode estar cheio de problema, mas tem garra pra lutar... pode estar na dívida, no fundo do poço, mas ele passa segurança pra sua mulher. Ele pode estar lá embaixo, mas ele passa segurança pra mulher. Ele não demonstra fraqueza, ele sabe o que quer, tem objetivo, **ele não pode passar a fraqueza, o que ele está sentindo**, pra esposa. As vezes você está cheio de problema e você não sabe o que fazer, mas você nunca pode falar pra sua mulher que você não sabe o que fazer, **você não tem esse direito**, você é o cabeça. Você não pode falar pra sua mulher ou deixar sua mulher sentir que você não sabe o que fazer. É isso mesmo, o líder não tem esse direito não. O líder, se ele não sabe o que fazer, ele procura, ele busca, ele vai a Deus ‘oh, Deus, me ajuda’, mas ele não passa insegurança pra mulher, porque se ele passar, já era! (O que a mulher..., 2016, **ênfases minhas**)

É interessante observar que Renato em nenhum momento nega que os homens possam se sentir fracos, estressados, nervosos, ansiosos, confusos, etc. O que ele deixa claro é que o homem não tem o direito de demonstrar esses sentimentos para a esposa de forma a não lhe transmitir a segurança que ela tem direito e merece. Le Breton (2009, p. 142), ao discorrer sobre a representação das emoções em sociedade, afirma que em diversos contextos, as pessoas se esforçam para apresentar suas emoções de acordo com “os sinais socialmente esperados para não perturbar nem decepcionar seu público”. Tal formulação leva ao entendimento de que a afetividade se manifesta através do desempenho de papéis sociais e, por isso, “a emoção expressa pode estar em dissintonia com o sentir, já que o indivíduo não deseja expor-se e pretende responder aos seus companheiros por intermédio de uma série de sinais que exprimem outra situação” (Le Breton, 2009, p. 142).

Percebe-se que a ordem moral da Igreja Universal é bastante conservadora na delimitação desses papéis sociais de homens e mulheres e o que se espera de cada um na dinâmica social. Não por acaso Ester disse em dado momento que “a mulher espera que o homem faça o papel já constituído, que é o papel que Deus determinou para o casamento” (O que a mulher..., 2016). Como Bourdieu nos coloca:

A divisão entre os sexos parece estar ‘na ordem das coisas’, como se diz por vezes para falar do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável: ela está presente, ao mesmo tempo, em estado objetivado das coisas (na casa, por exemplo, onde as partes são todas ‘sexuadas’), em todo o mundo social e, em estado incorporado, nos corpos e nos *habitus* dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação (Bourdieu, 2011, p. 17).

Sendo esta ordem moral a ‘ordem das coisas’, não é espantoso que isso se reflita também no entrelaçamento entre a esfera das emoções e a construção das masculinidades. Há um momento do vídeo bastante emblemático que ajuda a pensar como essas masculinidades são construídas a partir da ordem moral da Igreja Universal. Cristiane conta que uma vez estava em um voo com seu pai, Edir Macedo, e começou uma turbulência muito forte. Ela então olhou para o pai, a fim de se sentir segura. No entanto, ela o viu nervoso e, por isso, acabou por também se desesperar: “se meu pai está bem, eu sei que nada vai acontecer, mas se ele se desesperar, aí é que eu vou ficar desesperada mesmo!” (O que a mulher..., 2016), ela diz. Ricardo completa, afirmando que mesmo que o homem esteja numa dificuldade, ele precisa ter força e, caso se sinta enfraquecido, que busque essa força em Deus, mas nunca pode demonstrar suas fraquezas para a esposa, pois um ‘homem de verdade’ precisa cumprir seu papel. E, segundo Ricardo, esta não é uma tarefa fácil “porque ele tem que ser homem pra ele e ele tem que ser homem pra mulher” (O que a mulher..., 2016). Cristiane demonstra sua total adesão aos valores do sistema ao afirmar que

O líder tem o respeito porque ele conquista o respeito, e é isso que a mulher quer, ela quer se sentir segura ao ponto de querer... olha... ‘você pode ser meu cabeça’. Não é difícil pra mim me submeter ao Renato, porque ele é um bom cabeça, ele faz bem pra mim, ele cuida de mim, ele me protege. **Mas se o Renato fosse fraco, se o Renato fosse inseguro, um homem emotivo, eu não ia conseguir me submeter a ele**” (O que a mulher..., 2016, ênfases minhas)

Mauss (1981, p. 148), ao realizar um estudo do ritual oral dos cultos funerários australianos, aborda a questão da expressão obrigatória dos sentimentos, chegando à conclusão de que as emoções são marcadas “por manifestações não-espontâneas e da mais perfeita obrigação”. Ao lançarmos um olhar para a fala de Cristiane, e fazendo um diálogo com a proposta de Mauss, podemos pensar que enquanto algumas manifestações emotivas são obrigatórias culturalmente falando – como ele afirma ser o caso dos cultos funerários australianos –, teremos contextos em que a obrigatoriedade recai justamente sobre a não-manifestação dos sentimentos para que a “ordem das coisas” seja mantida.

Pois, como Cristiane deixa claro, se Renato fosse “um homem emotivo” ela não conseguiria se submeter a ele, tal como preconiza a ordem moral que estrutura o grupo do qual fazem parte.

Le Breton (2009) chama atenção para o fato de existirem pessoas com quem estabelecemos relações que exercem um papel de modulação no que tange à manifestação das emoções. No exemplo acima, Cristiane tem claramente esta função, uma vez que ela faz uma advertência em relação às consequências de um homem não ser capaz de se controlar emocionalmente e, por conseguinte, não passar segurança para sua esposa e família. Um homem, ao transgredir “as regras afetivas comuns segundo os graus de reação coletiva” (Le Breton, 2009, p. 148) é um forte candidato a não ser considerado um ‘homem de verdade’ e, com isso, acaba por perder sua reputação, sua autoestima, sua dignidade.

Sendo “a sociedade dividida em grupos ou classes que sustentam diferentes *etos*” (Le Breton, 2009, p. 146), podemos deduzir que existem variadas formas de lidar com os sentimentos e as emoções e, conseqüentemente, diferentes significados do que é ‘ser homem’, já que, como vimos, tais esferas têm estreita ligação. Neste sentido, é interessante trazer para o diálogo o documentário “O silêncio dos homens”, que nos ajuda a fazer um contraponto com o modelo de masculinidade proposto pela Igreja Universal.

Entre as diversas entrevistas que o documentário apresenta, destaco aqui a fala de Ed René Kivitz, pastor da Igreja Batista de Água Branca, na qual ele afirma que:

Esses estereótipos, de que eu não preciso de ajuda, homem não chora, que aparentemente são expressões de força, de potência, na verdade são grandes expressões de covardia, de medo, de temor. De ser, explícita e publicamente, fraco e vulnerável. Quebrar o silêncio, a respeito de sua própria fraqueza e vulnerabilidade é uma forma de humanizar-se (O silêncio..., 2019).

Esta fala é interessante na medida em que foi proferida por um líder de uma Igreja cristã, o que de pronto deixa claro que mesmo no campo da moralidade cristã iremos encontrar formas variadas de lidar com a afetividade e, conseqüentemente, diferentes possibilidades de ‘ser homem’. Percebe-se, como afirma Le Breton (2009), que nenhuma sociedade é poupada de julgamento crítico. No entanto, o documentário vai muito além da esfera religiosa. Transita por diferentes recortes, contextos, grupos sociais e temáticas que são atravessadas pela questão de como os homens lidam com seus sentimentos e emoções.

A partir da questão “O que os homens estão escondendo por trás de tantos silêncios?” (O silêncio..., 2019), o documentário tem como argumento central a ideia de que a repressão da afetividade masculina gera sofrimento, uma vez que os homens, em geral, são incentivados a não expressar seus sentimentos. A opinião de Fred Mattos, um dos entrevistados, caminha neste sentido:

Acho que um problema que pode surgir quando a gente fala em silêncio dos homens, é pensar ‘bom, os homens estão o tempo todo falando, se impondo, interrompendo as mulheres em tudo que elas estão falando, eles estão em lugares de poder, como assim os homens estão em silêncio? O que eu mais ouço é a voz de homem falando.’ **É que tem uma diferença entre falar e se revelar de fato.** Então quando um homem fala verbalmente, ele está ocultando muitas camadas de profundidade emocional que ele tem. **Ele fala pra sustentar uma imagem** (O silêncio..., 2019, ênfases minhas).

Dadas as especificidades de cada contexto, a lógica é a mesma daquela que vimos anteriormente quando foi analisado o vídeo da Igreja Universal, isto é, o repertório cultural de cada grupo, como afirma Le Breton (2009), influenciará fortemente na forma como um sentimento pode (ou não) ser experimentado e expressado. E é exatamente isso que o documentário busca problematizar com o intuito de repensar as masculinidades. A fala de Guilherme, fundador do *blog* Papo de Homem, é emblemática neste sentido: “Quando você escolher falar do que tem dentro, você não vai ser menos homem por isso” (O silêncio..., 2019). Ou seja, justamente pelo fato das variadas ordens morais serem construídas socialmente, elas podem também ser criticadas, repensadas e reorganizadas, o que leva à criação de outros arranjos morais. E, no caso que aqui interessa, na reafirmação da existência de diferentes possibilidades de ‘ser homem’ no que tange à esfera das emoções.

Mas essas novas masculinidades não buscam seu lugar na sociedade em geral sem receber críticas. Voltando-me rapidamente para o vídeo analisado anteriormente, retomo uma fala de Renato, para quem os homens estão ficando bobos, pois “a imagem do homem forte não existe mais”. E vai além ao afirmar que “homem hoje em dia está sendo afeminado, a sociedade está afeminando o homem” (O que a mulher..., 2016). Neste sentido, Le Breton (2009, p. 131) nos lembra que “os integrantes de uma sociedade questionam-se sobre as maneiras adotadas nas outras, pois, sem saber, constroem sua própria cultura afetiva numa referência universal”. E os homens que aparecem no documentário buscam romper justamente essa pretensa universalidade.

O documentário apresenta a informação de que “apenas três em cada dez homens possuem o hábito de conversar sobre seus maiores medos e dúvidas com seus amigos”. E completa, afirmando que “os homens sofrem, mas sofrem calados e sozinhos” (O silêncio..., 2019). Baseando-se nesta realidade, e com o intuito de pensar sobre esse sofrimento, que acaba não sendo somente masculino, tendo em vista que as construções de gênero são relacionais, grupos de homens começaram a ser formados para que estes possam refletir sobre as possibilidades de ‘ser homem’.

Alguns movimentos visando a discussão sobre homens e masculinidades foram mapeados, como o “Homens em conexão”. Fernando Rezende, um dos participantes do encontro, relata que não se identificava com o modelo masculino segundo o qual ele foi criado. Desta forma, espaços como este do encontro em questão o ajudou a não se sentir deslocado: “estar nestes espaços, com esses

outros homens, com essa pluralidade de homens, de masculino, essa sensação de pertencimento... quem eu sou também é bom” (O silêncio..., 2019), ele afirma. Esta fala nos leva novamente à Le Breton (2009, p. 148), que afirma que “alguns espaços sociais acolhem a expressão de sentimentos que não poderiam ser abertamente vividos em outros lugares”.

No entanto, espaços como esse não existem somente como uma espécie de escape da ordem moral estabelecida. Esses homens, ao questionarem o comedimento calculado que tem como função a integração no meio social e manutenção da imagem que o grupo espera que eles tenham, acabam por se desvincular desse grupo no que tange à moralidade que estabelece os significados do que é ‘ser homem’. Como Fernando disse, não há sensação de pertencimento. Desta forma, espaços como o “Homens em conexão” acabam por criar moralidades outras, uma vez que “o desencadear das emoções é necessariamente um dado cultural tramado no âmago do vínculo social” (Le Breton, 2009, p. 117). Logo, esses homens não se veem simplesmente fora de uma dada estrutura moral; eles constroem e reconstróem outras estruturas as quais se sentem pertencentes enquanto homens que são. E essas moralidades outras acabam por favorecer o surgimento de novas masculinidades. Ao ressignificar as afetividades, ao se ligar a um novo sistema de valores e ter acesso a interpretações outras acerca dos sentimentos e emoções, surge, então, novas possibilidades de ‘ser homem’ legitimadas por vínculos sociais.

Cada contexto sociocultural, conforme afirma Ceccheto (2004, p. 70), construirá seus “modelos de homens aceitáveis e valorizados, assim como aqueles desprezados”. Como vimos, o modelo de homem idealizado pela Igreja Universal, no que tange à esfera das emoções, é aquele que não chora, não demonstra seus medos e fraquezas e, com isso, passa segurança para esposa. E isso não significa afirmar que os homens não tenham tais sentimentos: a proibição social gira em torno de sua expressão. E é neste sentido Le Breton (2009, p. 143) afirma que “a face social sobrepõe-se, de certa forma, à interioridade do sentimento”.

Os homens que aparecem no documentário apresentam justamente o comportamento desprezado pelo modelo de masculinidade da Igreja: eles sequer seriam considerados ‘homens de verdade’ segundo aquela perspectiva cristã específica. O documentário apresenta homens que se sentiam inadequados ao meio social, tendo em vista que precisavam a todo o tempo controlar suas emoções para que não fossem julgados. Em casos como esse, o indivíduo manifesta “os sinais aparentes de uma emoção que não sente” a fim de corresponder às expectativas coletivas (Le Breton, 2009, p. 142). O que esses homens reivindicam é o fato de não serem ‘menos homens’ por não se enquadrarem em determinados padrões de masculinidade. Os silêncios são, portanto, questionados.

Diante do exposto, é possível perceber que “é difícil destacar as emoções da trama entre significado e valores e sobre a qual elas se inserem” e, justamente por isso, é necessário compreender como se configura a ordem moral do coletivo para que se possa apreender as atitudes afetivas (Le

Breton, 2009, p. 127). E, no caso que interessou aqui em particular, como tais atitudes afetivas influenciam na construção dos diferentes significados de ‘ser homem’.

Referências Bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2011.

CECCHETO, Fátima. *O debate contemporâneo sobre a masculinidade*. In: **Violência e estilos de masculinidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p. 51-72.

CONNELL, R. *The Social Organization of Masculinity*. In: **Masculinities**. Berkeley: University of California Press, 1995. p. 67-86.

_____. MESSERSCHMIDT, James W. *Masculinidade hegemônica: repensando o conceito*. In: **Revista Estudos Feministas**, v. 21, n. 1, janeiro-abril 2013, p. 241-282.

GUTMANN, Matthew. *Traficando con Hombres: la Antropología de la Masculinidad*. In: **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, n. 10, 1999, p. 245-286.

LE BRETON, David. *Antropologia das Emoções 1*. In: **As paixões ordinárias**. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 111-177.

MAUSS, Marcel. *A expressão obrigatória dos sentimentos*. In: **Ensaio de Sociologia**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1981. p. 325-335.

O QUE A MULHER mais quer de um homem? Igreja Universal. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=SV-5JZnoRZ8>>.

O SILÊNCIO dos homens. Direção: Ian Leite, Luiza Castro. Produção: Papo de Homem, Instituto PdH. Monstro Filmes, 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=NRom49UVXCE>>.

VALE DE ALMEIDA, Miguel. *Gênero, masculinidade e poder: revendo um caso do sul de Portugal*. In: **Anuário Antropológico**, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 161-189, 1996.

VIOLÊNCIA DE GÊNERO: SOCIOLOGIA COMO FERRAMENTA DE DISCUSSÃO NO ENSINO MÉDIO

Brunna Thayse Alessandra Harlydavidson de Oliveira Silva do Rego

1. Primeiras palavras

O primeiro esboço deste artigo surgiu a partir da experiência fruto de uma disciplina do curso de ciências sociais, habilitação licenciatura que se encontra por ser laboratório III. A discussão proposta na mesma foi totalmente voltada para a educação e como ela pode ser uma ferramenta poderosa no combate a ignorância e na construção de uma criticidade tão importante para o processo de ensino-aprendizagem. A temática violência foi escolhida com o intuito de entender e desmistificar questões relacionadas ao gênero ao mesmo tempo que visava também promover um debate contextualizado dos índices de violência contra a mulher e das políticas públicas específicas na cidade de Mossoró.

Este trabalho se desenvolveu com o objetivo de educar sob a ótica da sociologia visando discutir as questões de gênero relacionadas ao âmbito da violência. Isso se tornou claro durante o desenrolar da pesquisa, pois, foi percebido que muitos alunos não chegam a ter contato com a temática e sua necessidade de problematização tão real e urgente na sociedade. Esse artigo entende a sociologia como uma ferramenta essencial na promoção de um debate contextualizado sobre o tema que vise a construção de uma criticidade necessária quando se trata de discutir violência contra a mulher.

O objetivo final deste trabalho foi a produção de um plano de aula que visasse discutir as questões de gênero voltadas para a violência no ensino médio e para isso foram elencados alguns conteúdos essenciais para a promoção de um debate crítico e problematizado. Portanto, discutir a desconstrução do termo gênero e como o movimento feminista foi essencial para as primeiras discussões problematizadoras em relação a violência contra a mulher é de suma importância para desmistificar questões que muitas vezes são usadas como justificativas na prática da violência. Podemos citar questões relacionadas aos papéis sociais e como eles desde cedo são limitantes das múltiplas capacidades tanto do que é ser mulher quanto do que é ser homem.

2. Discutindo a temática

A violência é um fenômeno complexo e está intimamente relacionada as relações humanas. Ela existe desde os primórdios da humanidade e provoca reações ambíguas entre aqueles que praticam e aos que sofrem. A violência tende a ser pensada de acordo com o contexto na qual está inserida, podendo assim ser considerada ou não como aceitável. Um exemplo disso foi o processo de

escravidão que durou milhares de anos e que foi por muito tempo considerado como uma forma aceitável de dominação de alguns povos sobre outros.

Quando relacionada a categoria de gênero o termo pode ser discutido sobre o âmbito da violência contra a mulher, que se caracteriza por uma centralidade de ações violentas sobre a mulher, quer sejam elas de cunho físico, sexual, psicológico, patrimonial ou moral, acontecendo tanto no âmbito privado-familiar como em espaços públicos como o trabalho. Os estudos acerca da temática não possuem um olhar vitimador, mas procuram antes de tudo um olhar crítico em relação a expressiva concentração desse tipo de violência que ocorre historicamente sobre os corpos femininos (BANDEIRA, 2018).

A análise problemática da violência contra a mulher ocorreu na medida em que o movimento feminista desconstruiu a ideia corrente de que o fator sexual estava intimamente relacionado ao ser feminino e masculino, colocando as concepções fora do âmbito biológico e transformando-as em construção histórica. Foi fundamental a desconstrução do termo gênero relacionado a sexo, sob a qual se dava o senso comum, para que se começasse a refletir suposições relacionando a mulher a submissão e fragilidade (BANDEIRA, 2018).

O movimento feminista brasileiro se ateve principalmente a questões relacionadas a violência contra a mulher, o que proporcionou que uma ampliação do diálogo sobre a temática para além dos espaços acadêmicos. A atuação da militância feminista e a reivindicação dos movimentos sociais trouxe o reconhecimento necessário da gravidade da situação e a mudança de políticas públicas dentro do país. Uma grande conquista do movimento feminista foi a criação, através do estado, de delegacias especiais de atendimento às mulheres (DEAM) (BANDEIRA, 2018).

Mais recentemente foi instituída a lei nº 11.340, mais conhecida como “lei Maria da Penha”, visando a erradicação, coibição, punição e prevenção da violência doméstica e intrafamiliar. Todavia, é preciso salientar que o problema da violência ainda se apresenta de forma latente na sociedade brasileira e que por mais que leis tenham sido impostas ainda há uma grande parte da população feminina que não presta queixa. Os motivos vão desde medo de retaliação por parte do parceiro/agressor até receio do julgamento da própria sociedade.

Os estudos feministas entendem o patriarcado como uma das causas do problema da violência contra a mulher. Na medida em que o ser mulher é imbuído de significados como: ser mãe, esposa, filha, cuidadora, frágil, dentre outros, expectativas frustradas a respeito do papel social que é imposto a mulher geram atos violentos por uma parte dominante que chegam ao extremo em casos de morte (BANDEIRA, 2018).

O papel do estado através de instituições públicas especializadas no atendimento de mulheres em situação de risco é justamente atender, dar apoio e direcioná-las aos mecanismos responsáveis por

juízo e punição dos agressores. O bom atendimento em um encontro inicial com as vítimas é essencial para que elas não se caíam e entendam.

3. A pesquisa de campo

Nesta etapa do trabalho foi essencial a realização de uma pesquisa exploratória visando construir o conhecimento necessário para entender a aplicação de algumas políticas voltadas para o atendimento e prevenção da violência de gênero na cidade. A instituição escolhida para fazer o recorte da pesquisa foi O CRM que se apresenta por ser um centro de referência da mulher que tem por objetivo atender mulheres que estão em situação de risco e que procuram o espaço para utilizar os seus serviços.

O CRM se designa por ser uma instituição pública e municipal que funciona como um centro de prevenção, mas principalmente de encaminhamento a mulheres em diferentes situações de violação de seus direitos realizando um trabalho diferenciado dependendo de cada caso apresentado. O órgão trabalha tanto com instituições privadas quanto com públicas, o que pode facilitar no que diz respeito ao alcance dentro da cidade. Todavia, O centro ainda não é divulgado de forma ampla, pois, além de haver pessoas que não o conhecem ainda há um número pequeno de atendimentos em relação ao índice real de violência contra a mulher dentro do município de Mossoró.

A pesquisa de campo se deu principalmente através de entrevistas, mais especificamente um roteiro de perguntas semiestruturado que possibilitou a abertura para novas indagações que foram surgindo durante a conversa. A psicóloga e a assistente social forneceram todas as informações necessárias para entender de maneira satisfatória o atendimento da instituição, o que proporcionou, nesta etapa um bom andamento da pesquisa. Elas foram questionadas a respeito do tipo de atendimento que realizam lá, qual o protocolo para cada caso, quais bairros são atendidos com maior frequência e se há uma eficácia em relação ao índice de denúncias contra os agressores.

Me dirigindo a psicóloga questionei se ela realizava um protocolo de atendimento diferente de uma assistente social, por exemplo. Ela discutiu que o primeiro contato com a mulher se caracteriza no ouvir a demanda da vítima para entender qual a perspectiva que a mulher tem sobre a violência e que, geralmente, a primeira conversa que a mulher tem é com a assistente social ou com a psicóloga. Durante o primeiro diálogo é preenchido um prontuário com o maior número de informações possíveis, ou seja, a composição familiar, de renda, grau de escolaridade, documentação e etc. A partir de todos esses dados colhidos os profissionais irão fazer um planejamento do que é necessário para o atendimento, pois, existem particularidades em cada caso.

Um exemplo disso é que algumas mulheres podem vir a ser encaminhadas para o atendimento psiquiátrico, podem ser direcionadas para instituições que realizam o cadastro único ou em casos

extremos de risco de morte, em que a mulher deseja denunciar e sair de casa elas são encaminhadas para a casa de passagem, que se caracteriza por ser uma instituição municipal que acolhe crianças, idosos e mulheres por até 45 dias. Entretanto, há mulheres que não desejam denunciar o que demanda um protocolo diferenciado que não inclui necessariamente a denúncia ao agressor.

No ano de 2018 foram atendidos 36 casos de violência contra a mulher em bairros espalhados pelo município de Mossoró. 13 desses casos foram em mulheres de 18 a 29 anos, 10 em mulheres de 30 a 39, 6 de 40 a 49 e 4 de 50 a 59 anos. Dessas ocorrências 35 foram classificadas como sendo violência psicológica, física foram 23, sexual 16, moral 22 e patrimonial 16. Analisando o total de casos e a perspectiva a partir dos tipos de violência foi analisado que algumas dessas violências perpassam as outras. Inclusive a psicóloga do CRM discutiu que há estudos que tratam que a questão da violência passa pelo âmbito psicológico e que pode, consequentemente, gerar danos a ele.

Foram colhidas informações relacionadas aos tipos de agressores para justamente identificar qual a frequência de casos em que o agressor se caracteriza por ser o parceiro da vítima. Dos episódios colhidos, 16 foram cometidos pelo companheiro, 16 pelo ex-companheiro, 3 por outros e 1 não declarado. Portanto, percebe-se claramente que a violência no âmbito privado, ou seja, dentro do seio da família, se apresenta com maior frequência em Mossoró.

O CRM trabalha com atividades de conscientização sobre a violência contra a mulher, seja no âmbito público ou privado, o que inclui atividades externas que se caracterizam pela divulgação do serviço e rodas de conversa com a intenção de promover uma desconstrução da temática violência de gênero. Essas programações podem acontecer em CRAS, UBS, em escolas, em empresas privadas e até mesmo no espaço do Centro. Portanto, o CRM trabalha com duas frentes, o acolhimento de mulheres direcionado ao atendimento e atividades preventivas em diferentes instituições, sejam elas públicas ou privadas.

4. Uma proposta de discussão no Ensino Médio

Tendo sido realizado o trabalho de campo o próximo passo seria, obviamente elencar uma proposta de discussão da temática para as séries do ensino médio. Portanto, a formação de um plano de aula que contemplasse as questões necessárias para um debate crítico foi essencial neste passo do trabalho, entretanto, este plano de aula não se trata de mais um modelo convencional, ele é inspirado no caderno de metodologias da universidade do Pará e feito por professores da área de sociologia. O uso desse plano possibilita uma dinamicidade que os outros não proporcionam, ele contempla a possibilidade da construção dos saberes tanto no que se refere ao docente e discente, antes, durante e depois da aula em si.

Os conteúdos propostos seguem uma ordem lógica que visa contemplar todas as questões essencialmente necessárias de serem discutidas na atualidade. Portanto, o primeiro passo é promover uma discussão contextualizada no que diz respeito a “origem” do termo gênero da maneira como a sociologia o discute, e para isso é essencial trazer à tona a história do movimento feminista e como a problematização de várias questões relacionadas as mulheres possibilitou a mudança do termo. Ou seja, como essa organização feminina trouxe a luz reflexões acerca de assuntos relacionados ao ser mulher como a maternidade, o trabalho e a vida doméstica sob uma ótica que ia contra os padrões impostos na época.

Já no passo seguinte é essencial classificar o que é a violência de gênero em si e quais as suas ramificações e consequências tanto no âmbito privado quanto no público, Lourdes Maria Bandeira se revelou essencial nesta etapa quando discute a violência de gênero como uma centralidade de atos violentos sob a mulher, quer sejam eles de cunho físico, sexual, psicológico, patrimonial e moral, acontecendo tanto no espaço familiar quanto no espaço público. É neste ponto da discussão que inserir estatísticas de espaços em que ocorrem a violência contra a mulher com mais frequência se revela crucial. Isto se deve ao fato de esses dados promoverem uma contextualização de onde e como começa a violência em si e provoca o pensar sobre quais as possíveis causas dela.

A exposição desses dados vem com o objetivo de promover uma reflexão a respeito do aumento dos índices de violência contra a mulher nos últimos tempos e suas reais consequências no âmbito social. Desse modo, os alunos tem a possibilidade de eles mesmos avaliarem o contexto em que o fenômeno se encontra e quais as políticas propostas pelos órgãos governamentais. É nesse sentido que entra a discussão sobre as leis existentes que trabalham com o objetivo de combater e erradicar esse fenômeno e quais os possíveis órgãos a serem buscados em situação de violação de direitos. Por fim, o plano de aula proposto neste artigo visa construir o conhecimento tanto no que diz respeito ao docente quanto ao discente. Propõe-se o estudo do fenômeno sob a ótica da dimensão histórica, social e política. Mais especificamente discutindo a origem das discussões a respeito do tema, quais as suas causas e implicações na sociedade e como os órgãos responsáveis tratam as questões relacionadas a violência contra a mulher.

Em síntese, o foco desta proposta de discussão é a problematização e a construção de um olhar crítico sob ambos os lados desse fenômeno, é antes de tudo promover uma reflexão sociológica sobre o tema. E pensar sociologicamente sobre a temática da violência de gênero é vê-la não como algo inevitável e superficial, mas sim procurar a fundo suas origens, causas e efeitos no âmbito social. Destarte, este trabalho não pretende trazer todos os aspectos da violência contra a mulher, crê-se que seria inviável e impraticável, principalmente no ensino médio e no tempo diminuto que cada aula tem. A ideia é sair da superficialidade e dos preconceitos que rondam as discussões que tratam não só desse assunto, mas de vários outros envolvendo questões sobre a mulher.

5. Conclusão

A proposta deste trabalho consistia antes, em uma ideia de discussão em formato de plano de aula a respeito da temática violência de gênero e não da aplicação efetiva da aula em si. A experiência do trabalho de campo incluindo o contato com um espaço que lida diretamente com mulheres em situação de risco e violação se tornou essencial para compreender quais as temáticas que necessitam ser abordadas para os alunos do ensino médio. Vale ressaltar que em nenhum momento este trabalho teve a pretensão de afirmar que a discussão proposta é a melhor, ao contrário, ele se revela um entre tantos outros modos de abordar a temática no ensino básico.

Foi preciso antes de tudo compreender que o processo de ensino-aprendizagem se realiza de melhor maneira no sentido democrático, ou seja, tanto o aluno quanto o professor têm a liberdade de opinar e criticar. Crê-se que uma educação arbitrária, que torna o professor o detentor do conhecimento e o aluno como somente uma “máquina de receber conteúdo” impossibilita o desenvolvimento de um senso crítico tão importante, principalmente nas discussões sociológicas. Paulo Freire discute que uma educação que se fecha dentro das paredes de uma instituição e não abre caminho para se pensar o contexto em que se vive torna-se limitante, maçante e verdadeiras redutoras das capacidades críticas e reflexivas do ser humano.

Portanto, discutir uma temática tão urgente, atual e conflitante como a violência contra a mulher não pode se basear somente em conceitos supérfluos e separados da realidade em que se vive. O contexto é essencial para se pensar como o fenômeno se apresenta e como ele foi ou está sendo modificado, é crucial também para entender as perspectivas dos indivíduos e quais os mecanismos responsáveis por gerar, coibir e erradicar a violência em si. O plano de aula aqui proposto se trata de uma tentativa de sair da superficialidade das discussões baseadas nos preconceitos através da informação e da reflexão sob as ações praticadas que reforçam as tipificações equivocadas.

6. Referências Bibliográficas

- BANDEIRA, Lourdes Maria. Violência de Gênero: a construção de um campo teórico de investigação. Brasília: Revista sociedade e estado, 2005.
- BONI, Valdete; QUARESMA, Silvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em ciências sociais. Santa Catarina: Em tese, 2005.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. Pesquisa social: Teoria, método e criatividade. São Paulo: Vozes, 2009.
- Mossoró tem mais de mil processos de violência contra a mulher em um ano. Disponível em: < <https://tj-rn.jusbrasil.com.br/noticias/111945495/mossoro-tem-mais-de-mil-processos-de-violencia-contra-a-mulher-julgados-em-um-ano> >. Acesso em: 20 ago. 2019
- Mossoró tem alta taxa de violência. Disponível em < <http://www.tribunadonorte.com.br/mossoro-tem-alta-taxa-de-violencia/219690> >. Acesso em: 20 ago.2019.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*: saberes necessários à prática educativa. 36 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

ENSINO DE SOCIOLOGIA: UMA ANÁLISE DA DISCIPLINA E DE SEUS RECURSOS DIDÁTICOS REALIZADA PELOS ALUNOS DA ESCOLA PROF. ABEL FREIRE COELHO

Carla Djaine Teixeira²²

1. Introdução

O presente trabalho é fruto da avaliação da disciplina de Sociologia realizada pelos alunos da rede estadual de ensino matriculados na 1ª Série do Ensino Médio da Escola Estadual Professor Abel Freire Coelho no município de Mossoró/RN.

Partindo da necessidade de compreender a importância que vem sendo atribuída à Sociologia enquanto ciência e disciplina da educação básica, faz-se necessário identificar se os alunos, que estão no centro deste debate, reconhecem a importância desta base teórica em sua formação, e não apenas avaliar as contribuições da disciplina na perspectiva de professores e Cientistas Sociais.

Embora o papel que a Sociologia desempenha em um sistema educativo comprometido com o desenvolvimento acadêmico e social dos alunos venha sendo objeto de constantes debates pelos teóricos da área, pouco se tem pesquisado esta problemática a partir da ótica dos alunos da educação básica (COSTA, 2011)

Reconhecendo a carência de estudos que apresentem a percepção dos alunos sobre a disciplina de Sociologia e seus conteúdos, este trabalho tem como objetivo central identificar como os alunos do 1º Série da referida escola analisam a disciplina e os conteúdos abordados. Busca, então, responder a seguinte questão: qual a percepção destes estudantes sobre a Sociologia e as temáticas debatidas por ela em sala de aula?

Assim, a pesquisa se propõe a realizar um levantamento dos conteúdos que são ministrados, buscando identificar se é feita uma relação entre as teorias sociológicas e a realidade empírica dos estudantes, e quais são as temáticas e abordagens metodológicas que os alunos mais se identificam.

Além de analisar de que forma a disciplina está sendo vista pelos alunos do ensino médio, busca compreender se os recursos didáticos utilizados pelo professor vêm exercendo algum tipo de influência na percepção destes alunos.

Esta pesquisa apresenta, então, uma tripla contribuição para as pesquisas realizadas na área: indica os conteúdos que os alunos mais se identificam; aponta os recursos metodológicos que mais se adequam as preferências dos alunos; e, por último, apresenta a forma como os estudantes veem a Sociologia e sua importância no seu processo de formação. Possibilitando, dessa forma, a construção

²² Aluna do curso de Ciências Sociais (Lic.) vinculado ao Departamento de Ciências Sociais e Política (DCSP), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Bolsista do Programa de Educação Tutorial em Ciências Sociais (PETCIS). E-mails: carladjaine@gmail.com; carladjaine@hotmail.com

de debates e conhecimentos significativos, a aproximação entre teoria sociológica e realidade empírica e a potencialização do interesse e aprendizagem dos estudantes, e a identificação de recursos e temáticas que aproxime professor e alunos.

O conjunto de teorias sociológicas abordadas na educação básica possibilita a compreensão dos alunos do ensino médio sobre a complexidade da realidade social, fornecendo subsídios para o entendimento da estrutura da sociedade, e seus aspectos culturais e políticos. Nesse sentido, a Sociologia desempenha um papel fundamental no desenvolvimento destas competências (BRASIL, 2001).

Assim, um sistema educativo comprometido com o desenvolvimento de uma formação crítica, reflexiva e instrumental que prepara o estudante para atuar e compreender a vida em sociedade deve ter “uma proposta curricular voltada para a cidadania deve preocupar-se necessariamente com as diversidades existentes na sociedade, uma das bases concretas em que se praticam os preceitos éticos” (BRASIL, 2001, pág. 35-36).

Para além de problematizações teóricas, é necessária uma aproximação entre teoria e prática. Esta é a tarefa que as Orientações Curriculares Nacionais (2006) estabelecidas pelo Ministério da Educação apresentam ao professor.

Assim, o desafio que se coloca ao docente é abordar o conjunto de conceitos e teorias próprios das Ciências Sociais de maneira adequada para os alunos, uma vez que as teorias sociológicas trabalhadas por si mesmas, distantes da realidade empírica, podem não ser suficientes para despertar nos estudantes o interesse de compreender as estruturas e o funcionamento da sociedade (BRASIL, 2006).

Uma forma que pode assegurar esta formação dentro de um contexto de sociedades distintas é unir as temáticas sociológicas à realidade sociocultural na qual os estudantes estão inseridos, fazendo uso de aspectos da vida coletiva que são comuns a professores e alunos.

A importância desta aproximação vem sendo pensada por alguns teóricos como uma forma de potencializar as capacidades pessoais, intelectuais e profissionais. Um dos defensores desta ideia é o sociólogo norte-americano Wright Mills que em suas obras parte da crítica a produção de teorias sociológicas vazias de conteúdos reais, atreladas mais a codificações de procedimentos rígidos à escrita cuidadosa e compreensiva (MILSS, 2009).

A crítica a estas produções vagas da ciência também pode ser aplicada no campo educacional quando se percebe que o vem sendo discutido em sala de aula se distancia da realidade vivencial dos alunos, perdendo a essência de um conhecimento significado por não estar atrelado à realidade (MILSS, 2009).

A compreensão dos conteúdos trabalhados em sala de aula se dá, de maneira significativa, tomando como base o contexto em que os estudantes estão inseridos. Parte-se do pressuposto que “tudo aquilo que os homens comuns têm consciência direta está limitado pelas órbitas privadas em que vivem” (MILLS, 1982, p. 9).

A estrutura social e os problemas enfrentados pelos indivíduos podem ser compreendidos pelos alunos a partir de suas próprias experiências, uma vez que a realidade cotidiana pode fornecer exemplos práticos das teorias, leva-se em consideração que

o indivíduo só pode compreender sua experiência e avaliar o seu próprio destino localizando-se dentro de seu período; só pode conhecer suas possibilidades na vida tornando-se cômico das possibilidades de todas as pessoas nas mesmas circunstâncias (MILLS, 1982. p. 9).

Assim, a utilização de aspectos da vida cotidiana compartilhados tanto por professores quanto alunos podem ser utilizados como suporte para a explanação do conteúdo científico, potencializando o interesse dos alunos pela disciplina (MILLS, 2009).

A partir de uma linguagem comum, que aproxima aluno e professor, se cria uma esfera comunicacional propícia para o debate entre alunos e professor. Esta aproximação permite ao docente identificar as preferências teóricas e metodológicas dos alunos e aplica-las da melhor forma, tendo em vista as limitações da própria disciplina. Além disso, pode auxiliar no reconhecimento de recursos que melhor se adequem as necessidades e preferências dos estudantes.

2. Metodologia

Com o intuito de apresentar a avaliação da disciplina de Sociologia realizada pelos alunos da educação básica e perceber se há uma correlação entre as teorias sociológicas e as práticas cotidianas, a coleta de dados desta pesquisa se deu por meio da revisão de literatura, análise documental – do livro didático –, da observação direta e aplicação de questionários.

A primeira etapa desta pesquisa, a revisão de literatura, serviu como base para a compreensão dos objetivos da Sociologia enquanto disciplina da educação básica. Possibilitando analisar o que é elaborado nas Orientações e Parâmetros Curriculares Nacionais, no que concerne a conteúdos, recursos didáticos e metodológicos, e o que é posto em prática na Escola Estadual Professor Abel Freire Coelho.

Para a coleta dos dados empíricos, recorreu-se a observação das aulas ministradas pela professora de Sociologia na turma da 1ª Série, realizadas consecutivamente nos dias 03 de Setembro e 01 de Outubro de 2019. Além disso, foi entregue um questionário com onze questões para os 23

alunos da turma – 12 estudantes do sexo feminino e 11 do sexo masculino – com idades que variavam entre 13 e 17 anos.

As perguntas do questionário abordam a importância atribuída pelos alunos à disciplina; os conteúdos que são discutidos, suas preferências e a percepção destas temáticas na realidade; os recursos didático-metodológicos utilizados; e, por fim, as sugestões que podem melhorar a abordagem da disciplina.

3. Resultados e discussão

As onze perguntas contidas no questionário aplicado na turma buscaram seguir uma ordem de pensamento que se inicia com o reconhecimento da importância da Sociologia, os conteúdos que são abordados e os recursos utilizados. Esta elaboração foi pensada de maneira a promover uma avaliação completa da disciplina por partes dos estudantes.

A primeira questão tem por objetivo perceber se os alunos reconhecem a importância da Sociologia e o grau de relevância que atribuem a ela. As alternativas partem de uma sequência crescente que variam entre “nada importante” a “muito importante”. As respostas fornecidas pelos estudantes para esta questão podem ser vistas na Tabela 1, enquanto os resultados do questionário completo podem ser vistos no Quadro 1.

Tabela 1: Importância da Sociologia

Grau de importância atribuído à disciplina de Sociologia pelos alunos da 1ª Série da Escola E. Prof. Abel Freire Coelho	
Muito importante	4
Importante	12
Pouco importante	5
Indiferente:	2
Nada importante	0
Total	23

Fonte: Elaboração própria, 2019.

A segunda questão, formulada para identificar se os alunos percebem que a Sociologia pode possibilitar melhor compreensão da sociedade, fornecendo suporte teórico para o entendimento dos problemas e estruturas sociais, apresenta uma contradição em suas respostas, uma vez que os 23 alunos da turma afirmam que a disciplina fornece bases teóricas para a compreensão da realidade social.

A terceira questão, por sua vez, diz respeito à relação entre teoria e prática, isto é, a percepção dos alunos entre as teorias estudadas e o seu cotidiano. Além das alternativas

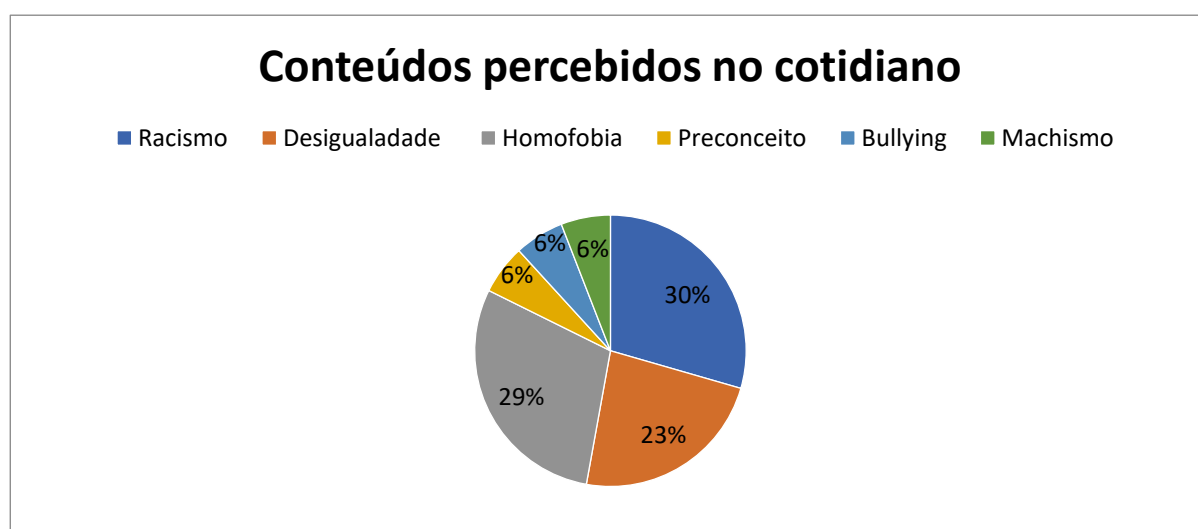
objetivas “sim” e “não”, os alunos tinham espaço para discorrer sobre as temáticas sociológicas percebem no cotidiano.

Diante disso, 17 dos 23 estudantes afirmaram identificar questões como desigualdade social, racismo e machismo em seu convívio, enquanto 06 afirmaram não presenciar ou identificar questões discutidas pela Sociologia no contexto em que estão inseridos.

Ainda nesta questão, é necessário apresentar uma subdivisão dos dados, uma vez que os resultados das estudantes do sexo feminino descreveram, de maneira mais detalhada, as questões sociológicas que identificam na prática cotidiana. Das 17 respostas afirmativas, 10 eram de alunas, 07 de alunos. Enquanto todas as alunas apontaram os problemas sociais que percebem, apenas 04 dos 07 alunos do sexo masculino descreveram o que percebem na realidade concreta.

As problemáticas sociais discutidas na sala de aula mais apontadas foram o racismo, identificado por 5 estudantes, sendo 4 sexo masculino e 1 do sexo feminino; homofobia identificado, também, por 5 estudantes, sendo 4 do sexo feminino e 1 do sexo masculino; desigualdade social identificado por 4 estudantes, sendo 3 do sexo feminino e 1 masculino; seguido por preconceito mencionado por 1 aluno; machismo, apontado por 1 aluna; e bullying apontado também por 1 único aluno. Estes resultados podem ser melhor analisados no Gráfico abaixo.

Gráfico 1



Fonte: Elaboração própria, 2019.

A análise das três primeiras questões (Quadro 1) mostra contradições já mencionadas entre o a relevância que os alunos atribuem disciplina e o que ela representa na prática. Isso significa dizer que, embora sete alunos tenham afirmado que a Sociologia é pouco importante ou indiferente, estes mesmos estudantes não deixam de reconhecer, implicitamente, que a Sociologia fornece meios para compreender e explicar a estrutura da sociedade, organização dos indivíduos, os problemas econômicos e sociais que geram desigualdade, preconceito, discriminação e outras tantas temáticas abordadas pelas Ciências Sociais.

No entanto, quando se observa atentamente os resultados da terceira pergunta, percebe-se que um número superior de meninas afirma presenciar ou vivenciar algumas situações em que as temáticas das Ciências Sociais se manifestam.

No total, 83% das participantes do sexo feminino fizeram tal afirmação, enquanto apenas 57% dos estudantes do sexo masculino apontaram alguma temática na prática. Este resultado pode estar vinculado à relação que é estabelecida entre os indivíduos e o seu meio.

Uma das formas que pode-se interpretar estes dados é partindo da suposição que as estudantes observam de modo mais atento o que acontece a sua volta, por este motivo seriam capazes de perceber detalhes que passam despercebidos e são alheios aos homens. Ainda neste ponto deve-se ressaltar que das 05 pessoas que afirmam presenciar casos de homofobia, 2 se assumem como vítimas diretas por serem pertencentes à comunidade LGBTQI+.

Outra hipótese que pode servir de base para justificar as diferenças encontradas nas respostas, é o fato de que as meninas identificam muito dos problemas abordados pela Sociologia porque são vítimas deles. Podendo estar também fundamentado no fato de que as alunas encararam com mais seriedade os questionamentos da pesquisa.

Quadro 1: Resultados

RESULTADOS DO QUESTIONÁRIO				
Gênero: (12) Feminino		(11) Masculino		
1. Como você avalia a importância da Sociologia no Ensino Médio?				
(0) Nada Im- portante	(4) Muito impor- tante	(5) Pouco Im- portante	(2) Indi- ferente	(12) Im- portante
2. A Sociologia lhe ajuda a compreender a sociedade e os problemas ela enfrenta?				
(23) Sim		(0) Não		
3. Você identifica ou presencia na sua vida algum dos conteúdos abordados? (Ex.: desigualdade social e de gênero; questões LGBTQI+; racismo etc.)				
(18) Sim		(5) Não		

Se a sua resposta for “Sim”, cite exemplo(s): racismo, desigualdade, homofobia, preconceito, machismo, bullying.

4. Você gosta da disciplina de Sociologia e dos temas abordados por ela?

(11) Sim (0) Não (12) Mais ou menos

Marque os conteúdos de sua preferência: (8) Juventude: uma invenção da sociedade; (2) A cultura e as suas raízes; (8) Tecnologia, trabalho e mudanças sociais; (7) Cidadania, política e Estado; (4) Educação, escola e transformação social; (7) A família no mundo de hoje; (10) O meio ambiente como questão global.

5. Existe algum tema que você gostaria de estudar e não está incluso no livro didático?

(2) Sim (8) Não (14) Não sei

Se a sua resposta for “Sim”, cite exemplo(s): 1 aluna: “as diferenças nos dias atuais.

6. Quais são os recursos didáticos mais utilizados na aula de Sociologia?

(6) Slides (8) Fotos (0) Vídeos (0) Músicas (0) Tirinhas
(1) Filmes (4) Todos os anteriores (6) Sem resposta

7. Quais são os recursos que você prefere que sejam utilizados e não são?

(4) Slides (1) Fotos (9) Vídeos (5) Músicas (1) Tirinhas
(4) Filmes (2) Outros: “só não são utilizados fotos”; “não lembro de nenhum sendo *utilizado*”.

8. Dos recursos utilizados qual você mais gosta?

Slides (4); fotos (2); filmes (2); vídeo (3); música (2); livro (1); aula (1); não sei (1).

9. Estes recursos influenciam na forma que você se relaciona com a disciplina?

(12) Sim (2) Não (8) Mais ou menos

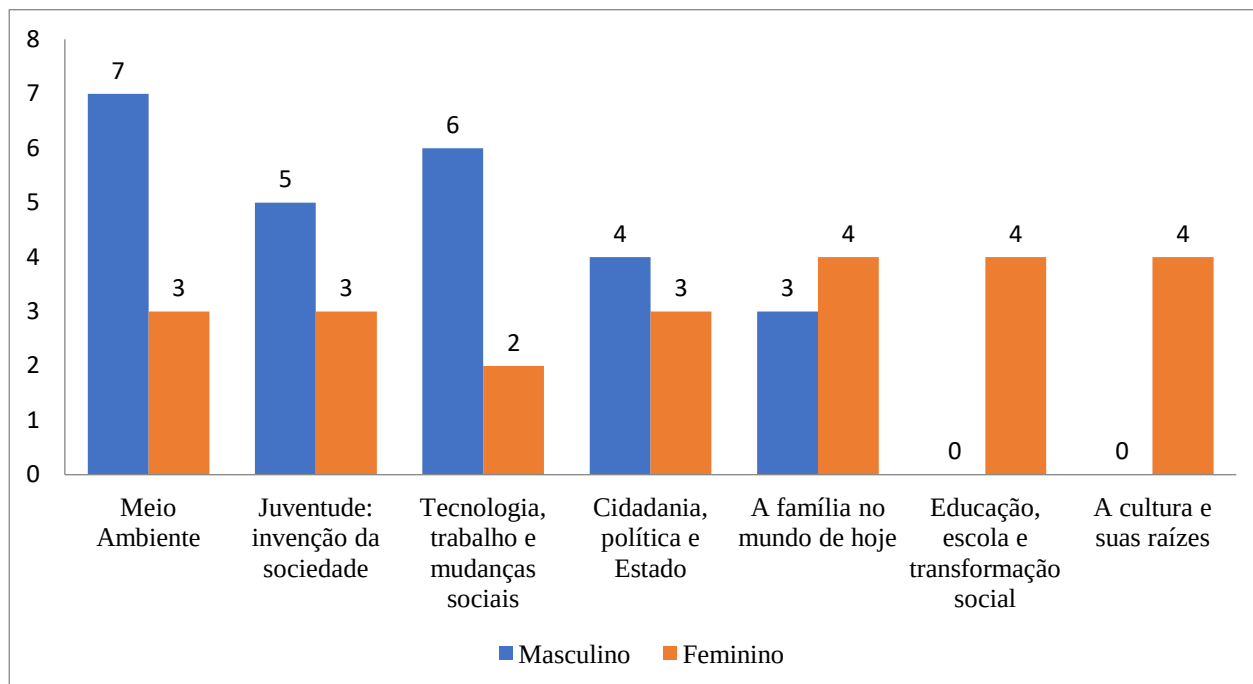
10. Você acha que o tempo destinado às aulas de Sociologia interfere na forma como ela é abordada?

(5) Sim (11) Não (7) Mais ou menos

Fonte: Elaboração própria, 2019.

No que concerne aos dados relativos aos conteúdos de preferência dos alunos, abordados na questão quatro, percebe-se que há uma inclinação dos estudantes do sexo masculino voltada para as temáticas que tratam de questões ambientais, tecnológicas, políticas, e relacionadas à juventude. As alunas, embora também demonstrem interesse por estas temáticas, no entanto, em menor grau, dão ênfase a questões familiares e juvenis, educacionais e culturais. Ver Gráfico 2.

Gráfico 2: Conteúdos de Preferência dos Alunos



Fonte: Elaboração Própria, 2019.

Estas preferências podem estar relacionadas ao contexto e as pessoas com quem os alunos se relacionam e estão inseridos. Podendo também apresentar estas diferenças por, como foi apontado anteriormente, perceberem de maneira mais acentuada os problemas que circundam as temáticas apontadas.

Com relação aos recursos didáticos mais utilizados, abordados na sexta questão, fotos e slides foram os mais destacados pelos alunos. Embora tenham apontado, nas questões sete e oito, que gostariam que vídeos, filmes e músicas fossem utilizados, a escola não dispõe de equipamentos como projetor e caixa de som que atendam a demanda do grande número de turmas existentes na instituição, fazendo com que, muitas vezes, a utilização destes recursos seja inviabilizada e a dinâmica das aulas de Sociologia se restrinja a aula expositiva. Assim, de acordo com os estudantes, a ausência destes recursos influencia a relação que os alunos estabelecem com a disciplina.

Outro fator que inviabiliza a utilização de abordagens alternativas é a carga horária da disciplina. Embora 21% dos alunos tenham apontado que a carga horária da disciplina de Sociologia seja suficiente para trabalhar seu conteúdo, as respostas relacionadas aos recursos didáticos mostram o contrário, uma vez que estes mesmos alunos apontaram “filmes” como um dos recursos que mais gostariam que fosse utilizado.

O ponto contraditório reside no fato que, diferente das aulas de Sociologia, que duram 50 minutos, a maioria dos filmes e também alguns documentários duram, em média, 90 minutos. Em contrapartida aos 21% que partiram da afirmação que a carga horária da disciplina é suficiente, 47%

dos alunos apontaram que o tempo era, de fato, insuficiente, seguido por 30% que afirmaram ser “mais ou menos” suficiente.

A limitação da carga horária aliada aos poucos recursos didáticos disponíveis na escola dá origem a crítica sobre o caráter “sério” que a disciplina assume, deixando implícito que a professora não busca interagir e dinamizar as aulas. Neste ponto deve-se levar em consideração a postura que a própria turma assume diante do professor e da própria disciplina de Sociologia.

A prática da professora de Sociologia, conforme percebido na observação das aulas, parte de uma abordagem metodológica histórico-crítica, da tentativa de interação dos alunos, da ruptura de conhecimento por meio do debate (SILVA, 2009). No entanto, a turma em sua maioria é introspectiva e pouco participativa. Portanto, a avaliação do caráter sério da disciplina feita pelos alunos por estar ligada à relação que foi estabelecida entre os alunos e a professora e, principalmente, a forma como eles posicionam diante da disciplina.

As aulas são iniciadas com uma “prática social inicial do conteúdo” que tem como objetivo identificar os posicionamentos e dúvidas dos alunos com relação à temática a ser estudada. De acordo com Silva (2009, p. 25), essa prática “consiste no primeiro diálogo que o professor mediará entre os alunos e os conhecimentos, pois nessa fase o professor deve buscar compreender as práticas dos sujeitos do conhecimento, os alunos”.

Assim, a professora parte do conhecimento prévio dos estudantes, buscando elementos da realidade vivenciada pelos estudantes para exemplificar conceitos e teorias sociológicas.

Embora a estrutura das aulas de Sociologia possibilitasse, do início ao fim, a participação ativa dos alunos na discussão dos conteúdos, eles preferiam não participar. Eram poucos os mostravam-se dispostos a compartilhar suas opiniões e questionamentos. Além de não estabelecerem uma participação efetiva nas aulas e uma boa relação com a professora e sua didática, os estudantes da turma observada não interagiam entre si tampouco com a professora.

Por fim, na última questão, foi pedido para que os alunos deixassem sugestões de como melhorar as aulas de Sociologia, onde 4 deixaram sem resposta, e 3 afirmaram não saber. Diante da singularidade de cada resposta, as contribuições de cada aluno poderão ser vistas na Tabela 2.

Tabela 2: Lista de Sugestões

Sugestões dos Alunos da 1ª Série para tornar as aulas de Sociologia mais dinâmicas	
Aluna 1: “Nem um recurso, pois está sendo legal na maneira que está sendo dada”	Aluno 1: “Todo mundo debater”
Aluna 3: “Interagir mais com os alunos, <i>fazer</i> -los participarem da aula”	Aluno 4: “Coisas que possam fazer os alunos interagirem mais nas aulas”
Aluna 4: “Fazer mais brincadeiras, rodas de conversas”	Aluno 5: “Vídeos”
Aluna 5: “Dinâmica e interação com os alunos”	Aluno 6: “Bom não sei porque não <i>mim</i> interesse por essa disciplina”
Aluna 7: “Conversas tipo, falar sobre o que acontece, os fatos que convivemos nos dias atuais etc”	Aluno 7: “Mais trabalhos em grupo”
Aluna 8: “Slides e vídeos”	Aluno 8: “Mídias (qualquer tipo)”
Aluna 9: “Filmes”	Aluno 11: “Mais aulas práticas com assuntos bons”
Aluna 10: “Tópicos, questões simples, interpretação”	
Aluna 11: “Fazer dinâmica com os alunos, garantindo que a maioria vai gostar”	
Aluna 12: “Serem menos sérias”	

Fonte: Elaboração própria, 2019.

A abordagem metodológica comumente utilizada pela professora é a aula expositiva com o suporte do livro didático “Sociologia: volume único – ensino médio” das autoras Silvia Maria de Araújo, Maria Aparecida Bridi e Benilde Lenzi Motim.

O livro didático escolhido pela professora é dividido em 12 capítulos que abordam temas sobre a constituição das Ciências Sociais, as instituições sociais, os problemas que a sociedade enfrenta, como desemprego, desigualdade social, racismo, a relação do homem com a natureza.

O Quadro 2 apresenta a lista completa dos conteúdos de cada capítulo do livro. Entre as questões já discutidas estão “O surgimento das Ciências Sociais” (capítulo 1); os desafios de viver em sociedade (capítulo 2); a educação como uma forma de transformação social (capítulo 10); e a família no mundo de hoje (capítulo 3). Nas aulas subsequentes serão discutidos “o sentido do trabalho” (capítulo 4) e “tecnologia, trabalho e mudanças sociais” (capítulo 5).

Quadro 2: Conteúdos

Capítulo 1: As Ciências Sociais nasceram com a modernidade;
Capítulo 2: Viver em sociedade: desafios e perspectivas das Ciências Sociais;
Capítulo 3: A família no mundo de hoje;
Capítulo 4: O sentido do trabalho;
Capítulo 5: Tecnologia, trabalho e mudanças sociais;
Capítulo 6: A cultura e as suas raízes;
Capítulo 7: Sociedade e religião;
Capítulo 8: Cidadania, política e Estado;
Capítulo 9: Movimentos sociais;
Capítulo 10: Educação, escola e transformação social;
Capítulo 11: Juventude: uma invenção da sociedade;
Capítulo 12: O ambiente como questão global;

Fonte: Elaboração própria, 2019.

4. Considerações Finais

Assim como foi proposto, fez-se o levantamento das temáticas que os alunos mais gostam de discutir, dos recursos didáticos e metodológicos que são adotados nas aulas e os que os estudantes gostariam que fossem utilizados. Na avaliação da turma, percebeu-se o interesse que os alunos têm que as aulas sejam mais dinâmicas e possibilite o debate e a participação de todos.

Parte da hipótese formulada foi negada antes mesmo da aplicação dos questionários. Partiu-se do pressuposto que não se fazia a relação entre os conteúdos e a realidade vivencial dos alunos, no entanto, a professora da disciplina buscava ilustrar as temáticas com exemplos do cotidiano dos alunos. Em contrapartida, a segunda parte da hipótese que diz respeito à insuficiência da carga horária da disciplina, foi confirmada pela maior parte dos alunos.

Diante dos resultados analisados, uma das conclusões que se pôde chegar foi que, apesar de algumas insatisfações demonstradas, a disciplina é vista de maneira positiva pela maior parte dos alunos e atende um dos pilares da matéria Sociologia, que é proporcionar aos alunos um suporte teórico que os ajude a compreender e relacionar as suas discussões à prática cotidiana.

Ainda desta análise pode-se afirmar que a forma como os alunos veem e se relacionam com a disciplina de Sociologia sofre influência dos recursos didáticos que são utilizados nas aulas. Portanto, a relação que os alunos estabelecem com a Sociologia pode ser aprimorada a partir da utilização de

recursos que deem suporte e dinamize as aulas expositivas. Podem ser utilizados, para isso, os próprios recursos apontados pelos alunos, sobretudo aqueles de caráter lúdico.

Levando em consideração os recursos destacados pelos estudantes – fotos, vídeos e mídias sociais –, a limitação de carga horária da disciplina e a importância de um vínculo entre a abordagem científica e a linguagem criativa, a utilização de memes pode atender aos requisitos dos estudantes e da própria disciplina, uma vez que parte de uma realidade comum, em que professores e alunos encontram-se inseridos por meio das redes e mídias sociais, trazendo narrativas curtas e conteúdos dinâmicos que podem despertar o interesse e curiosidade dos estudantes.

Os memes se apresentam como um recurso que desconstrói a seriedade da disciplina apontada pela maioria dos alunos. Os memes trazem informações e conteúdos em forma de textos, imagens e vídeos, tendo como principal característica a comunicação baseada no humor. No contexto educacional, este recurso tem sido utilizado para estreitar laços entre professores e alunos, melhorando a comunicação e potencializando a aprendizagem dos estudantes e o interesse dos estudantes pelos conteúdos (DUQUE-PEREIRA, 2019).

5. Referências Bibliográficas

- ARAÚJO, Silvia Maria de; BRIDI, Maria Aparecida; MOTIM, Benilde Lenzi. **Sociologia**: volume único: ensino médio. 2 ed. São Paulo: Scipione. 2016;
- BRASIL, Secretaria de Educação Básica. **Orientações Curriculares Nacionais**. Brasília: Ministério da Educação. Vol. 3. 2006. p. 101-132;
- BRASIL, Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade Cultural e Orientação Sexual** (temas transversais). Brasília: MEC/SEF, 2001. p. 35-57;
- BRASIL, Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros Curriculares Nacionais Ensino Médio: Parte IV – Ciências Humanas e suas Tecnologias**. Brasília: MEC/SEMTEC, 2000. p. 36-43;
- COSTA, Diogo Valença de Azevedo. **Florestan Fernandes e o Ensino da Sociologia na Escola Média Brasileira**. Revista Inter-Legere, n. 9, 2011. p. 21-60;
- DUQUE-PEREIRA, Ives da Silva. **O lugar dos memes nos cursos de licenciaturas: formação docente para o uso de tecnologias digitais de informação e comunicação**. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Docência no Século XXI: Educação e Tecnologias Digitais). Fluminense: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia. 2019. 47p.;
- MILLS, Wright. **A Imaginação Sociológica**. 6ª Edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1982. p. 09-33;
- MILLS, Wright. **Sobre o Artesanato Intelectual e Outros Ensaios**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed., 2009. p. 7-59;
- PAIVA, Isadora Barreto. JIMENEZ, Susana. **A Sociologia no Ensino Médio: uma revisão crítica de estudos selecionados**. Revista Eletrônica Arma da Crítica. 2010. p.277-292.
- SILVA, Ileize Luciana Fiorelli. **Metodologias de Ensino de Sociologia na Educação Básica: aproximações com os fundamentos pedagógicos**. Londrina: UEL. 2009. p.15-35.

PERCEPÇÃO DO SOFRIMENTO, EMOÇÕES E SIGNIFICADO ENTRE PACIENTES ONCOLÓGICOS

Débora Maria Marques Bezerra²³
Lázaro Fabrício de França Souza²⁴

1. Introdução

O câncer é um conjunto de doenças desencadeadas pelo crescimento desordenado de células tumorais, que podem invadir tecidos e órgãos em todo o corpo. Essa é uma doença antiga e que, mesmo com o avanço da medicina, ainda é socialmente definida como uma doença incurável, implicando ao paciente uma sentença de morte desde o momento de seu diagnóstico. Os registros mais antigos associados ao câncer são atribuídos a Hipócrates (460 a.C.), enquanto a agressividade e letalidade da doença foi relatada pelo médico grego Galeno (130 d.C.), que foi o primeiro pesquisador a considerar o câncer como um mal incurável (SILVA, 2005).

O sofrimento do paciente oncológico não está relacionado apenas com a dor física e com os sintomas da doença, mas ao contexto no qual os pacientes são inseridos e aos problemas emocionais, sociais e comportamentais que são vivenciados por eles (MENOSSI e LIMA, 2000). Embora a ciência determine que cerca de 50% dos casos de câncer são passíveis de cura ou controle, a imagem de uma doença dolorosa e mortal ainda persiste (VENÂNCIO, 2004).

Por se tratar de uma doença onde o paciente é, perante a sociedade, digno de pena, o câncer desperta reações tanto orgânicas como emocionais, desencadeando sentimento de frustração, raiva, vergonha, ansiedade, medo e a expectativa de morte no paciente. Além do momento do diagnóstico, o paciente também vivencia perdas e sintomas, ao longo do tratamento, que podem aumentar sua ansiedade e incerteza em relação ao futuro (VENÂNCIO, 2004). Com o avanço da tecnologia médica, os métodos diagnósticos ficaram mais precisos e os tratamentos mais eficazes, entretanto, os sentimentos e as necessidades emocionais dos pacientes oncológicos foram ignoradas e negligenciadas pelos médicos (SILVA, AQUINO e SANTOS, 2008).

O biólogo Charles Darwin (1809 – 1882), ao abordar as emoções, propôs que algumas delas possuiriam uma base neural inata, pois seriam expressas universais, nas mais diferentes culturas. Essas emoções seriam as “primárias”, que incluiriam nojo, medo, pânico, tristeza, surpresa, interesse,

²³ Discente do curso de graduação em Medicina da Universidade Federal Rural do Semiárido (UFERSA). E-mail: debora.dmb@gmail.com.

²⁴ Sociólogo e Professor da Universidade Federal Rural do Semiárido – UFERSA. Chefe do Departamento de Ciências da Saúde - DCS (Curso de Medicina) da mesma Instituição.
E-mail: lazaro.souza@ufersa.edu.br.

felicidade e desgosto. Durante o crescimento humano aprendemos a manipular essas emoções seguindo as normas e expectativas sociais (GIMENEZ e BERVIQUE, 2006).

Já para a sociologia das emoções, como explicitado pelo antropólogo Mauro Koury (2004), a definição das emoções alude à sentimentos dirigidos a outros e causados pela interação com outros em um contexto social e culturalmente determinados. Até mesmo as emoções primárias estariam sujeitas a esses processos relacionais envolvendo o contexto sociocultural. As experiências emocionais, sentidas e vivenciadas por um indivíduo, seriam produto das relações existentes entre o sujeito, a cultura e a sociedade nas quais ele está inserido. Destarte, as emoções levam em consideração as normas sociais, os costumes, as tradições e as crenças de um contexto social específico.

Para o antropólogo Emerson Sena da Silveira, os sentimentos têm sido reduzidos a uma questão pessoal ou meramente biológica, sendo abordada na sua natureza inata ou no seu caráter genético ao invés de compreendida e estudada como um fenômeno social. A sociologia das emoções parte do princípio de que as emoções são formadas por características do próprio indivíduo e características socioculturais. Sendo assim, as experiências emocionais também são produtos das normas, costumes, tradições e crenças da sociedade na qual o indivíduo está inserido (SOUZA e BARRETO, 2010).

O sociólogo Norbert Elias defende que a sociedade, ao passar por um processo civilizador, desenvolveu uma tendência a reprimir seus sentimentos e emoções, escondendo da vida social, ainda mais, a causa desses sentimentos. As funções naturais expressadas pelos homens passaram a ser modeladas, formando novas regras de conduta e comportamento, para as quais a expressão de sentimentos como tristeza, raiva, vergonha, constrangimento e pena não são bem vistos na sociedade (SOUZA e BARRETO, 2010).

Nas interações, as pessoas estão constantemente avaliando e interpretando as reações emocionais próprias e das outras pessoas, frequentemente de maneira não consciente. Por isso, as emoções teriam um papel crucial no desenvolvimento e manutenção das relações sociais. Devido a sua importância, as emoções sentidas pelo sujeito nem sempre são coerentes com a sua expressão corporal, reforçando a busca pela manutenção de um código de conduta e comportamento, que controla suas expressões emocionais (MIGUEL, 2015).

As emoções se refletem no funcionamento do indivíduo como um todo, tanto de maneira positiva como negativa, sendo assim, um estado emocional negativo de um paciente pode interferir na sua vulnerabilidade às doenças, dificultar sua recuperação ou, até mesmo, causar transtornos psicológicos (GIMENEZ e BERVIQUE, 2006). Esses sentimentos negativos são enfrentados pelo paciente oncológico no decorrer de sua doença, desde o diagnóstico ao tratamento e, pelo impacto generalizado que apresentam, devem ser adequadamente compreendidos e abordados pelos

profissionais de saúde. Sendo assim, esse estudo objetiva analisar as vivências emocionais e a percepção da doença e do sofrimento por pacientes oncológicos.

2. Metodologia

Esse empreendimento investigativo se trata de um estudo qualitativo, que surge como parte de uma pesquisa monográfica, realizado na Liga Mossoroense de Estudos e Combate ao Câncer (LMECC), localizada no município de Mossoró/RN. A pesquisa foi realizada com 4 pacientes oncológicos, que recusaram o tratamento cirúrgico para a neoplasia que apresentavam. Ao participar da pesquisa, cada paciente foi informado acerca do tema e da importância de sua realização, também lhe foi apresentado e explicado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme determina a resolução da lei 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. O projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte e aprovado com o parecer CAAE nº 3.351.942.

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevista semiestruturada e audiogravada, onde o entrevistado era questionado sobre os sentimentos que apresentou ao receber o diagnóstico de câncer e ao receber a indicação de tratamento cirúrgico. Além disso, o entrevistado também era questionado sobre a reação da família e sobre o motivo que o fez recusar o tratamento cirúrgico. As entrevistas foram realizadas individualmente no ambiente de escolha do paciente, podendo este ser sua própria residência ou uma sala disponibilizada pelo hospital.

Para concretizar a construção das informações, as entrevistas foram transcritas e analisadas, permitindo, posteriormente, a interpretação dos resultados obtidos. Cada informação desprendida das entrevistas foi discutida conforme os dados presentes na literatura científica. O método utilizado para analisar os dados coletados foi a análise temática de conteúdo, que consiste em procedimentos especializados e científicos, sistemáticos e objetivos que permitem o processo de inferência sobre o conteúdo manifesto em comunicações.

A análise temática de conteúdo acontece em três etapas: a pré-análise, na qual escolhe-se os documentos que serão analisados; a exploração do material, no qual o pesquisador busca encontrar expressões ou palavras significativas, que serão usadas posteriormente para organizar o conteúdo; e o tratamento dos resultados obtidos e interpretação, que corresponde à etapa de submissão dos resultados brutos a operações estatísticas simples ou complexas, que permitem ressaltar as informações obtidas. A partir do tratamento dos resultados, o pesquisador pode propor inferências e interpretar as informações obtidas, inter-relacionando-as com o referencial teórico prévio à coleta dos dados.

3. Resultados

Foram identificados e entrevistados quatro pacientes que recusaram o tratamento oncológico cirúrgico. Os pacientes apresentaram diferentes tumores, como câncer de mama, câncer de orofaringe, câncer de esôfago e câncer de pulmão. Foram entrevistados um homem e três mulheres, com idades que iam de 60 a 80 anos. Todos apresentavam religião, mas apenas um paciente praticava a religião ativamente no período da entrevista. Os outros três pacientes deixaram de participar das atividades religiosas que exerciam em decorrência do adoecimento.

Dos quatro pacientes entrevistados, dois recusaram o tratamento cirúrgico por receio de suas consequências e de seus efeitos no corpo, uma recusou pela desesperança na possibilidade de cura de sua doença, enquanto outra paciente recusou por não acreditar na importância da realização da cirurgia no momento do diagnóstico. Três pacientes apresentaram histórico familiar de câncer correspondente ao mesmo tipo de tumor apresentado pelos entrevistados.

4. Discussão

O organismo humano se comporta como um todo unificado, no qual não existem completas distinções entre o corpo físico e a mente. Sendo assim, um efeito físico pode refletir um efeito emocional e vice-versa. Uma mente repleta de estados emocionais negativos atua no corpo de maneira nociva, causando sintomas passageiros ou, até mesmo, transtornos psicológicos (GIMENEZ e BERVIQUE, 2006).

A expressão de emoções positivas resulta em interações positivas, por exemplo, a emoção da alegria pode ocorrer diante do ganho de algo valioso. O que se ganha pode ser desde um objeto até uma situação que seja valorizada e, como consequência da expressão da alegria, tem-se o ganho de recursos e uma interação positiva com o que proporcionou essa situação. Já a tristeza surge quando há perda de algo ou alguém de valor, como a perda da saúde, o que pode causar uma sensação de abandono, que mais frequentemente se manifesta como choro, afastamento e silêncio, e é uma das emoções mais duradouras e mais relatadas pelos pacientes oncológicos (MIGUEL, 2015).

Os pacientes oncológicos, a partir do diagnóstico, apresentam sentimentos negativos que precisam ser adequadamente trabalhados e compreendidos. Nos depoimentos dos pacientes entrevistados, percebeu-se que o período do diagnóstico pode ser traumático, principalmente ao confirmar uma doença como o câncer, que é socialmente definida como uma ameaça à vida. Uma das pacientes entrevistadas já apresentava uma visão pré-determinada sobre a doença e a considerava incurável. Essa crença da paciente fez com que ela recusasse o primeiro tratamento oferecido, que, no caso em questão, foi o tratamento cirúrgico.

Emoções negativas, que podem ser desencadeadas pela crença na incurabilidade da doença podem influenciar o comportamento e as decisões dos pacientes. A construção dessas crenças se dá a partir de experiências anteriores e vão se fortalecendo ao longo da vida, tornando-se cada vez mais consolidadas na vida adulta, mesmo que a realidade atual não a confirme (SILVA, AQUINO e SANTOS, 2008).

As emoções decorrentes do diagnóstico de uma doença crônica e estigmatizante como o câncer pode resultar em transtornos psicológicos, sendo estes decorrentes do modo distorcido de se perceber os acontecimentos, sendo, então, denominados distorções cognitivas. Essas distorções podem se apresentar de diversas maneiras: por catastrofização (pensar sempre que o pior irá acontecer), por abstração seletiva (focar em um aspecto negativo), por adivinhação (antecipar problemas e situações que talvez nem venham a existir), por personalização (assumir a culpa dos acontecimentos negativos), entre outros (SILVA, AQUINO e SANTOS, 2008).

Geralmente, os pensamentos ativados no momento do diagnóstico do câncer são pensamentos distorcidos de catastrofização e adivinhação, pois os pacientes relatam pensamentos relacionados à morte, antes mesmo de considerar dados importantes para o prognóstico da doença, como o tipo de tumor e o estágio de evolução (SILVA, AQUINO e SANTOS, 2008).

Esses pensamentos distorcidos podem apresentar-se na forma de crenças intermediárias e centrais, como é o caso da crença na incurabilidade do câncer. Essas crenças refletem ideias enraizadas e, por isso, são difíceis de serem modificadas. A construção dessas crenças se dá a partir das primeiras experiências e vão se fortalecendo ao longo da vida. A abordagem e a resignificação dessas crenças podem facilitar a aderência ao tratamento, melhorar o suporte emocional frente ao diagnóstico, prevenir comportamentos de risco à saúde, entre outros benefícios (SILVA, AQUINO e SANTOS, 2008).

O impacto emocional dessas crenças pode ser percebido no discurso da paciente ao relatar que sua irmã apresentou o mesmo tumor que ela apresenta atualmente (câncer de mama) e que, no caso da irmã, o desfecho clínico foi desfavorável, levando-a a óbito em decorrência do câncer. A paciente entrevistada recordava todo o sofrimento pelo qual a irmã passou durante o processo de adoecimento e, por isso, reforça a visão do câncer como uma doença letal.

Especialmente nos casos de mulheres com câncer de mama, os profissionais de saúde devem formar um vínculo com a paciente, de forma que ela se sinta à vontade para partilhar seus desconfortos, medos e ansiedades, diminuindo, assim, o estresse emocional causado pela doença (GOMES e SILVA, 2016).

As emoções também apresentam um papel importante no processo de tomada de decisões, implicando na adesão ao tratamento, na escolha do tipo de tratamento e na maneira de lidar e enfrentar a doença. Pacientes com expressões emocionais de medo, por exemplo, avaliam o diagnóstico e a sua

situação como ameaçadora, gerando a interpretação de incerteza ou falta de controle em relação ao que pode ocorrer, caracteristicamente resultando em uma resposta de fuga com o objetivo de se colocar novamente em segurança (MIGUEL, 2015).

O paciente oncológico também pode apresentar um sofrimento emocional em decorrências das limitações desencadeadas pela doença, como também pelo estigma que essas limitações apresentam. Ser doente ou estar doente em nossa sociedade é sinônimo de improdutividade que passa a caracterizar a pessoa enferma como incapaz ou inútil (SILVA, RUAS, *et al.*, 2013). O paciente pode se sentir incapaz de exercer as atividades que antes faziam parte de sua rotina ou pode necessitar de auxílio para desempenhar tarefas básicas do dia-a-dia, como tomar banho, se alimentar ou ir ao trabalho.

A sensação de inutilidade também é um diagnóstico emocional presente nos pacientes oncológicos e, muitas vezes, também é um dos receios durante o diagnóstico. A maioria dos pacientes necessitam de afastamento do seu emprego em consequência do tratamento, por apresentar alguma incapacidade de exercer suas atividades ou pelos sintomas decorrente da doença e do tratamento, como fadiga e náuseas (SILVA, RUAS, *et al.*, 2013).

Os sintomas decorrentes do tratamento podem aumentar a reclusão e prejudicar, ainda mais, as relações sociais dos pacientes. Os sintomas podem se apresentar com consequências metabólicas (perda de secreções estomacais e intestinais), psicossociais (incapacidade de executar tarefas cotidianas), comportamentos e fisiológicas (anorexia), que podem causar sofrimento e ser um fator de discriminação para os pacientes (MENOSSI e LIMA, 2000).

O paciente entrevistado também reforçou o receio das limitações que a doença e, mais especificamente, o seu tratamento traria para seu cotidiano. Sendo assim, o participante do estudo negou o tratamento cirúrgico devido ao alto risco de perda da voz após o procedimento. As experiências emocionais singulares, vivenciadas e/ou sentidas por um indivíduo específico são produtos da relação entre o próprio indivíduo, sua cultura e a sociedade, levando em conta as normas sociais, os costumes e as crenças em torno das próprias emoções (KOURY, 2004).

Assim, percebe-se que a cultura desenvolvida, na qual o homem reprime o que sente na tentativa de esconder os sentimentos negativos, estimula um comportamento que causa vergonha e constrangimento nos pacientes oncológicos, pois é formado um código de conduta e comportamento, determinando o que deve ou não ser exposto para a sociedade. Devido ao caráter estigmatizando do câncer, os pacientes se sentem reprimidos por mostrar ao outro seu próprio corpo, pelo receio do “olhar diferente” e até da exclusão social, visto que é um corpo afetado pela doença e alterado pelos tratamentos realizados (SOUZA e BARRETO, 2010).

Para alguns pacientes, o câncer pode estar relacionado com uma grande e intensa quantidade de emoções negativas, resultando em um transtorno mental, como a depressão, que está entre os

problemas psicológicos mais frequentes entre os pacientes com câncer, sendo o grau da depressão independente do estágio ou do grau de malignidade do câncer, pois apenas o diagnóstico já é necessário para causar abalos emocionais significativos na vida do paciente. Essas emoções negativas podem resultar em um comportamento de fuga da doença física, fazendo com que o paciente oncológico veja o suicídio como uma alternativa para sair da situação de doença, por não saber como enfrentá-la (SILVA, AQUINO e SANTOS, 2008).

A história da família e sua relação com o membro portador da doença são fatores que podem intervir na forma de lidar com a doença e nos cuidados que serão tomados durante o tratamento. A família contribui para a transformação de conceitos, comportamentos, posicionamento social e cultural, sendo um suporte, não só afetivo, mas também no sentido de ajuda física e emocional no cuidado do paciente.

A importância do núcleo familiar foi perceptível na terceira paciente entrevistada, pois o processo de decisão do tratamento que a paciente iria realizar envolveu toda a família. A família representa um suporte positivo para tomada de decisões, permitindo que ela ocorra de forma íntima e harmoniosa. O núcleo familiar representa um ponto de apoio para o crescimento interior do paciente, proporcionando melhores mecanismos de enfrentamento da situação do adoecimento (SILVA, RUAS, *et al.*, 2013).

É importante mencionar que foram encontrados pacientes que não relataram a vivência de sentimentos negativos no momento do diagnóstico do câncer. De maneira geral, os pacientes que mencionam ter enfrentado o diagnóstico de maneira natural também apresentam uma forte relação com a religião e relatam terem tido pensamentos religiosos, ao invés de pensamentos negativos. A religiosidade e a espiritualidade são estratégias utilizadas com frequência entre os pacientes oncológicos como formas de enfrentar o diagnóstico, o tratamento e todo o processo do adoecimento (SILVA, AQUINO e SANTOS, 2008).

A última paciente recusou o tratamento cirúrgico por não acreditar que, no momento da indicação, seria importante realizar o procedimento, demonstrando um comportamento de negação do adoecimento e da necessidade de tratamento. A situação de estar doente repercute diretamente na vida dos indivíduos e, geralmente, é evidenciada pelas emoções intensas e negativas, como o medo do futuro e a da dor. Porém, o indivíduo também se preocupa com as expectativas da sociedade e busca se manter em atitudes condizentes com essas expectativas.

Ponderamos nossas ações e atitudes para que sejam bem aceitas e não causem espanto e indiferença em nossos semelhantes. A busca por uma vida em sociedade livre de tensões e conflitos desencadeia um comportamento artificial, visando manter a satisfação da comunidade. Sendo assim, somos coagidos pela própria sociedade, de modo que possamos estar dentro do padrão de conduta, da mesma forma que também exercemos sanções (SOUZA e BARRETO, 2010).

O tratamento oncológico causa sofrimento que, embora não traga dor física, causa dano afetivo e emocional. Para muitos pacientes, a doença está relacionada com a possibilidade mais concreta de morte e, ao final do tratamento, esse risco se torna inexistente. Porém, mesmo ao fim do tratamento ainda é necessário conviver com o medo da recidiva e com as limitações decorrentes do tratamento, como amputações, cicatrizes e mutilações que deixam os pacientes eternamente “marcados” pela doença (MENOSSI e LIMA, 2000).

O estar doente, na oncologia, e seu tratamento provocam sentimentos e emoções negativas por viver com uma doença estigmatizante, que gera olhares de julgamento e causa vergonha, medo e desconforto perante as relações sociais. Ainda assim, os pacientes oncológicos demonstram esperança, ânimo e vontade de lutar pela vida (SILVA, RUAS, *et al.*, 2013).

5. Conclusão

Este estudo tornou possível compreender que as emoções possuem grande importância na saúde, na melhoria da qualidade de vida e no desenvolvimento pessoal do indivíduo. As emoções refletem-se no funcionamento do ser humano como um todo, seja de maneira positiva ou negativa. Os estados emocionais negativos interferem na vulnerabilidade a doenças, como também dificulta o processo de aceitação da condição atual do paciente. Enquanto estados emocionais positivos melhoram o bem-estar e o sistema imunológico do indivíduo.

O diagnóstico de câncer gera reações emocionais como desesperança, medo e tristeza, que, quando não trabalhados, podem dificultar a aceitação do paciente à situação de adoecimento e, conseqüentemente, influenciar nas tomadas de decisão e no modo de enfrentamento da doença pelo indivíduo doente.

É importante ressaltar a necessidade de perceber cada paciente como um sujeito único e que, mesmo passando por uma situação de adoecimento comum a outras pessoas, apresenta uma maneira singular de interpretá-la e vivenciá-la. Por isso, a abordagem, o tratamento e todas as intervenções também devem ser individualizadas, de modo que o trabalho possa ser centrado no sujeito e não na doença.

Dessa forma, o evento causador de suas emoções, sejam elas negativas ou positivas, pode ser adequadamente abordado pelos profissionais de saúde, revelando dados importantes sobre como o paciente se percebe e se relaciona com o mundo e qual o impacto que a doença tem e terá nos mais diversos aspectos de sua vida. A abordagem das emoções também permite ao paciente ressignificar e reavaliar a situação na qual ele se encontra, estimulando o enfrentamento das situações de tristeza e angústia encontradas durante o período da doença.

6. Referências Bibliográficas

- GIMENEZ, R. M.; BERVIQUE, J. D. A. Relação entre as emoções e o organismo como um todo. **Revista Científica Eletrônica de Psicologia**, v. 7, p. 1-6, 2006.
- KOURY, M. G. P. **Introdução à sociologia da emoção**. João Pessoa: Manufatura/GREM, 2004.
- MENOSSEI, M. J.; LIMA, R. A. G. D. A problemática do sofrimento: percepção do adolescente com câncer. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 34, n. 1, p. 45-51, 2000.
- MIGUEL, F. K. Psicologia das emoções: uma proposta integrativa para compreender a expressão emocional. **PsicoUSF**, v. 20, n. 1, p. 153-162, 2015.
- SILVA, P. L. N. D. et al. O significado de câncer: percepção de pacientes. **Revista de Enfermagem UFPE On Line**, v. 7, n. 12, p. 6828-6833, 2013.
- SILVA, S. D. S.; AQUINO, T. A. A. D.; SANTOS, R. M. D. O paciente com câncer: cognições e emoções a partir do diagnóstico. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**, v. 4, n. 2, p. 73-88, 2008.
- SOUZA, L. F. D. F.; BARRETO, M. C. R. **Uma perspectiva sociológica das emoções e o processo civilizador**. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Mossoró. 2010.
- VÍCTORA, C.; COELHO, M. C. A antropologia das emoções: conceitos e perspectivas teóricas em revisão. **Horizontes Antropológicos**, v. 54, p. 7-21, 2019.

O HOMEM IRRACIONAL E A REFLEXÃO EXISTENCIALISTA NO ENSINO MÉDIO

Everton de Santana Sousa²⁵
Domício Gabriel Costa do Vale²⁶
Francisco Ramos Neves²⁷

1. Introdução

Para que se possa exibir o produto da experiência escolar, é necessário esclarecer devidamente do que se trata o projeto de extensão, a saber, o Cinesofia. Tal projeto consiste em apresentar temas filosóficos e sociais a alunos de escolas, seja do ensino fundamental ou médio, a luz de uma contextualização cinematográfica. O projeto é aberto para todos do ambiente acadêmico participarem, mas há uma predileção pelos estudantes de filosofia, o qual os autores do presente resumo estão inseridos. O objetivo é levar o cinema para as escolas com a finalidade de apresentar a filosofia de uma maneira mais palatável para gerações que estão mais habituadas com a cultura audiovisual do que com a análise literária. Assim, antes, durante e depois da atuação os componentes do projeto reúnem-se para discutir pautas significativas para o projeto, e os resultados de suas experiências.

2. Metodologia

A exibição foi realizada na escola Hermógenes Nogueira da Costa situada em Mossoró-RN para alunos do primeiro ano do ensino médio, tendo como obra cinematográfica o filme O Homem Irracional, escrito e dirigido pelo premiado diretor Woody Allen. Como o título sugere, a filosofia existencialista foi escolhida como tema de discussão para a presente exposição, dada a influência do tema na vida cotidiana acentuada pelas dúvidas provocadas presentes no período ao qual a juventude se insere. Isto posto, pudemos analisar a referida obra e estabelecer diálogos visando a reflexão filosófica acerca do caráter e das situações em que os protagonistas se encontram, podendo elucidar suas condutas e motivações pessoais, indicando as correlações filosóficas presentes em uma obra de evidente abundância artística.

3. Fundamentação teórica ou discussões

²⁵ Graduando em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, Rio Grande do Norte, desantanaeverton@gmail.com.

²⁶ Graduando em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, Rio Grande do Norte, domiciogabrielcostadovale@hotmail.com.

²⁷ Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de Pernambuco, Recife. professor.ramos@hotmail.com.

O filme se dá em um cenário norte-americano, onde o aclamado professor universitário de filosofia Abe Lucas se muda de cidade para lecionar em uma nova universidade. Antecipadamente, os moradores relatam rumores sobre a vida do professor, inclusive sobre o seu trágico passado, o que pode explicar o caráter depressivo e aguado do personagem, o que é possível perceber na deficiência de suas atividades cotidianas, como lecionar, prosseguir com seus escritos, debater sobre temas clássicos da filosofia, e até mesmo a sua vida sexual. É evidente que o vazio existencial e a descrença sobre a concretude das verdades, também chamado de niilismo, estava consumindo a vida de Abe Lucas.

Em um certo dia, Abe recolhe os trabalhos de alguns alunos e elogia em específico o texto da aluna Jill Pollard, desde então eles desenvolvem uma aproximação que culmina em uma relação íntima para os padrões de relações entre alunos e professores. Consequentemente, Jill começou a se apaixonar pelo professor, mas sem sucesso devido ao notório desânimo de Abe. Ela quis o ajudar a sair desse estado niilista se envolvendo romanticamente, mesmo Jill estando envolvida em outro relacionamento sério. Ainda assim, uma outra professora da universidade chamada Rita Richards, tentou se relacionar sexualmente com Abe, mas não obteve êxito devido a disfunção erétil pela qual Abe vinha sendo conturbado.

Todavia um fato inusitado fez Abe mudar de atitude e perspectiva. Durante o decorrer de um dia comum, Abe e Jill foram para um restaurante, e no meio da interação ela chamou a atenção para a conversa que estava havendo entre um grupo de pessoas atrás de sua mesa. Se tratava de um caso judicial onde a pauta em questão referia-se a guarda dos filhos de uma mãe que seria entregue ao seu ex-marido devido a relação entre o pai das crianças e o conhecido juiz Spangler. No local, a mãe se encontrava aos prantos relatando o caso. Aquilo chocou tanto Abe quanto Jill, apesar de a história impactar mais o primeiro fazendo-o refletir de maneira mais séria. Ao longo da conversa, a mulher citou que desejaria que o juiz tivesse um câncer e morresse. Abe logo pontuou (mentalmente) que desejar não resolve nada, se quer algo, deve fazer. Foi aí que, aparentemente abalado com o caso e se sentindo em uma situação privilegiada, pois além de não conhecer ninguém dali, não possuía nenhuma relação com os envolvidos, isso o leva a importante decisão de assassinar o juiz, entendendo que ajudaria aquela mulher e livraria o mundo de mais um juiz corrupto. A partir desse momento, envolto pelo ideal que alimentava, a vida de Abe Lucas muda radicalmente, assumindo o romance com Jill, e com a professora Rita, sem se importar com qualquer consequência das ações que tomava e que tomaria.

Minuciosamente ele arquiteta a morte do juiz Spangler, até o momento em que coloca o veneno no copo com suco do juiz, matando-o, o que momentaneamente o abala e posteriormente converte-se em bem-estar emocional para Abe. Depois disso, Abe desenvolve um ânimo que há muito não sentia, tal como para retomar questões da sua vida. Ele não esperava, porém, que o seu “crime

perfeito” não fosse tão perfeito assim. Uma vez que concluíram que a morte do juiz Spangler se deu por meio de envenenamento, a justiça local apontou um culpado, mesmo que esse culpado fosse inocente. Jill descobre que foi Abe que matou o juiz e pediu para que ele se entregasse, mas depois de ter resgatado a vontade de viver ele não queria passar o resto da vida em uma cadeia, o que resultou em conflitos morais para Abe. No fim, ele decide fugir com Rita para a Europa, mas para isso teria que impedir que Jill o entregasse para a polícia, tendo que cometer o segundo crime de sua vida ao planejar a morte de Jill, e fugir logo em seguida. No entanto, por ironia do destino, em meio ao ato criminoso, Abe escorrega em uma lanterna que havia sido entregue como um presente por ele para Jill, fazendo que este nela escorregasse e caísse no fosso do elevador que havia sido destinado para a sua vítima.

Dado o desenrolar do filme, cabe entender o que é o existencialismo e como este implica nos pontos de discussão da obra citada. O existencialismo (também conhecido como filosofia da existência) tem suas raízes no século XIX, quando as grandes metanarrativas da história e da vida humana esmiuçavam grandes discussões no âmbito social e espiritual. Os intelectuais refletiram isso muito bem, sugerindo que outra alternativa poderia substituir as doutrinas moribundas, afinal, não existe vácuo no poder ou em visões de mundo. Se uma doutrina cai, outra entra no lugar, e foi nesse contexto que o existencialismo ascendeu. Foi investigando as institucionalizações tradicionais religiosas pela forma como lidavam com o decorrimento da vida humana e do pós-vida, bem como através das doutrinas políticas e de filosofias totalizantes que o existencialismo entrou em vigor por enfatizar experiências concretas e individuais dos seres humanos. Concomitante, Kierkegaard (2010, p. 25) propõe o homem como uma síntese do finito e do infinito, da temporalidade e da eternidade, o homem, portanto, é a liberdade e a necessidade. É no desenrolar da vivência que o ser humano se norteará, não seguindo dados estabelecidos histórico, religioso ou biologicamente. Assim, como essa filosofia pressupõe subjetivismo, ela não poderia deixar de ser diversa em suas representações e principais autores. Por isso haverá variações como o “existencialismo cristão”, diferenciando-se de autores ateus que compartilham de uma visão existencialista centrada na experiência sensível.

Ao falar de existencialismo, é incontestável a contribuição e autores como Jean-Paul Sartre, Friedrich Nietzsche, Søren Kierkegaard, Albert Camus, Gabriel Marcel e Fiódor Dostoiévski. Entretanto, a exposição tratada na mencionada escola usou como referência apenas os dois primeiros pensadores. Por se tratarem de calouros secundaristas, foram utilizados conceitos básicos e contextualizações das ideias dos autores com cenas do filme para que pudesse haver uma fácil compreensão e o entusiasmo fosse o motor dessa discussão.

A começar por Sartre, uma vez que este é ateu, não há complacência por parte dele para com pressupostos religiosos. Sua ausência de fé é fundamental para se entenda em que consiste o seu pensamento. Sartre defende que o homem está *condenado* a ser livre, querendo dizer que a liberdade

é algo inevitável e não necessariamente boa, pressupondo que todas as formas de determinismo são negadas e vistas como *má-fé*. Este conceito foi utilizado por Sartre para caracterizar a tendência humana de atribuir a fatores externos aquilo que é de sua responsabilidade. Seja a história, a genética, a cultura ou o milagre, não devemos usar nenhum desses conceitos para nos isentarmos das nossas ações. Por não querer aceitar que é livre e responsável por tudo que faz, o ser humano convenientemente culpabiliza algo exterior a ele próprio.

Para Sartre não há uma natureza que estabeleça a priori o que vamos fazer ou deixar de fazer, por isso a sua famosa frase: “a existência precede a essência”. A existência significa possibilidade, a essência representa o determinismo, isso leva a Sartre trabalhar outro conceito como a *angústia* sendo está a sensação quando tomamos ciência da liberdade que nos é inerente. Ao obter consciência da própria liberdade, o que há a se fazer? Ora, o mundo é um espaço aberto para possibilidades, não há pressupostos que determinem aquilo que podemos fazer. Tais afirmações suscitam desconfortos, pois não se pode mais se dar ao luxo de esperar que os outros façam o que o próprio sujeito pode fazer, nem que algo sobrenatural ou natural determine o que é de responsabilidade humana. Nesse quadro, o ser humano se angustia diante de si mesmo e de sua condição existencial.

Por outro lado, Friedrich Nietzsche lida com a existência humana a partir do processo de construção que o indivíduo passa pelo decorrer de sua vida, em outras palavras, todos os seres humanos são constituídos por ideais falsos que são repassados por meio das tradições. A exemplo disso temos os valores socráticos, a compaixão, o perdão, as religiões, e tudo aquilo que objetiva uma vida centrada em princípios que visam uma existência além da que se tem por certeza, como a vida eterna por meio da salvação cristã, ou o mundo inteligível teorizado por Platão. Acerca disso, Nietzsche (2017, p. 12) questiona se os “imoralistas” prejudicariam a virtude, comparando o seu impacto ao que os anarquistas causariam aos príncipes. Apenas depois de serem alvejados eles sentam firmemente no trono, afirmando a moral como um dos alvos de suas críticas.

É notória a imprevisibilidade da vida e as dores que esta provoca por meio das dificuldades a que expõe o sujeito, entretanto, a crença em uma vida melhor ao final desta, alimenta uma ilusão que consome a existência uma vez que se dedica a cultivar os presentes valores. Assim sendo, Nietzsche propõe a extinção dos falsos valores a partir da aceitação integral da vida propondo a arte como ferramenta a lidar com essa tragicidade, neste processo, o sujeito adentrará no niilismo de forma a aceitar o vazio na qual o autor trata em sua obra de forma crítica, mas necessária ao processo de afirmação da vida, após isto, ao elaborar os verdadeiros valores, o sujeito torna-se o que Nietzsche chamará de *Übermensch*, também conhecido como *super-homem*, tal que vive sobre os próprios valores afirmando a vida como ela é, o que descreve o conceito de *amor fati* incorporado pelo autor.

Afinal, como a filosofia existencialista se relaciona com o filme? Bem, primeiramente fica claro que Abe Lucas adquiriu “sentido” após algo bem particular da sua experiência, ignorando totalmente barreiras sociais, morais e jurídicas que se sobrepunham ao seu ato assassino. O cenário niilista em que o personagem se encontra antes do ato determinante representa bem o vazio que o existencialismo apontava desde o seu início. Apesar dos títulos e oportunidades prazerosas, o professor não se entusiasmava até que algo inédito o fez levantar, o alimentar de um ideal que, mesmo sendo absolutamente condenável, o propôs uma nova perspectiva de vida. A respeito do desprezo que se dá a vida, Nietzsche declara que:

Em todos os tempos, os homens mais sábios fizeram o mesmo julgamento da vida: *ela não vale nada...* Sempre, em toda parte ouviu-se de sua boca o mesmo tom — um tom cheio de dúvida, de melancolia, de cansaço de vida, de resistência à vida. Até mesmo Sócrates falou, ao morrer: “Viver — significa há muito estar doente: devo um galo a Asclépio, o salvador”. [...] — Ainda falaremos assim hoje? *Podemos* falar assim? “De todo modo, deve haver alguma *doença* nisso” — é o que nós respondemos: esses mais sábios de todos os tempos, é preciso antes observá-los de perto! Talvez todos eles já não tivessem firmeza nas pernas? Fossem tardios? titubeantes? *décandents*? Talvez a sabedoria apareça na Terra como um corvo, que se entusiasma com um ligeiro odor de cadáver? (NIETZSCHE 2017, p. 14).

Porém, conforme o tempo passa, ele não quer assumir a responsabilidade por ter matado o juiz. Sartre não diz que devemos agir independente da sociedade, pelo contrário, nós definimos nossa vida, porém, com o objetivo de melhorar a humanidade, enquanto Nietzsche certifica os ideais que alimentam o amor pela vida, mas não os justifica quando eles interferem a liberdade de outrem, mesmo que estes alimentem os deploráveis valores tradicionais. Destarte Abe pensa ter feito um bem para a humanidade matando o juiz, porém, fica indiferente diante da possível prisão de um inocente, cuja a causa da prisão foi a assassinato que o próprio Abe cometeu, isso daria início a uma cadeia e eventos com base em uma conduta de notório egoísmo e irresponsabilidade, o que temporariamente lhe traz satisfação, não garante um bem-estar imperecível. Que coerência há em matar um juiz alegando melhorar o mundo sendo que para isso a liberdade de outra pessoa com tantos problemas quanto os seus teria que pagar pelo que o assassino fez, se isto causaria sofrimento não só para o preso, mas para as pessoas relacionadas ao mesmo? Não há prudência. No fim, ele tenta matar a ex-companheira também, o que impediria outra pessoa de prosperar e seguir com a vida.

O existencialismo se põe a fazer análises a respeito da liberdade humana, uma vez que Abe percebe a abrangência de sua liberdade, ele opta por decisões que, apesar de alimentar a sua existência com um ideal objetivo, acaba por infligir a liberdade alheia, o que não converge com a análise de Sartre, Nietzsche ou qualquer outro existencialista notável.

4. Considerações Finais

Após a exposição do filme e da ponte entre ele e a análise filosófica, pôde-se perceber resultados ao final do processo. Durante a exposição das ideias, os alunos interagiram demonstrando interesse e dúvidas tanto em relação ao filme quanto no que diz respeito ao conteúdo filosófico. Posto que são do primeiro ano do ensino médio, dificilmente fariam grandes considerações no que tange a exposição geral da filosofia. Certa aluna pontuou inclusive que caso não fosse por essa intervenção, ela nunca teria assistido o referido filme, pois o costume sobre filmes contemporâneos exige algo menos dramático ou mais imagético (muitas imagens fantásticas, predominantemente presentes em filmes de super-heróis). Não obstante, é possível concluir que o cinema é um veículo conveniente caso se queira fixar a atenção de alunos do ensino médio sobre algum tema, em especial ligado a temática filosófica.

5. Referências Bibliográficas

- SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. 3ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Crepúsculo dos Ídolos**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2017.
- KIERKEGAARD, Søren. **O desespero humano: Doença Até a Morte**. São Paulo: Unesp, 2010.

A IMPORTÂNCIA DO FARMACÊUTICO DIANTE DO SUICÍDIO POR INTOXICAÇÃO MEDICAMENTOSA : UMA ABORDAGEM BISSOCIAL

Elias Fernandes da Silva Neto²⁸
Letícia Suyane Bento de Lima²⁹

1. Introdução

O suicídio é um fenômeno complexo que tem chamado a atenção de sociólogos, filósofos, médicos, farmacêuticos, psicólogos e teólogos devido seu grande impacto social, seja pelos dados estatísticos, seja em relação aos grupos sociais - principalmente, família e amigos - que participam da vida das pessoas que fazem uma tentativa ou ameaçam cometer suicídio. A Organização Mundial de Saúde (OMS) mostra que nas últimas quatro décadas o suicídio tem aumentado significativamente em todo o mundo, envolvendo todas as faixas etárias e contextos socioeconômicos.

No Brasil, o suicídio está entre as cinco principais causas de morte e é a segunda principal em jovens com idade entre 15 e 29 anos (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2013). O país ocupa a 4º colocação no ranking de países latino-americanos com maior crescimento em número de suicídio entre 2000 a 2012, segundo a Organização Mundial da Saúde, no entanto, o ministério da saúde traz que o aumento do número de suicídio no Brasil (5,8 por 100 mil habitantes) é praticamente a metade da média mundial (11,8 por 100 mil habitantes) (WHO, 2014).

Segundo a OPAS/OMS Brasil (2018), cerca de oitocentas mil pessoas morrem por suicídio todo ano, aproximadamente uma morte a cada quarenta segundos. Estima-se, ainda, que a quantidade de tentativas de suicídio é cerca de 10 a 20 vezes maior do que o suicídio consumado. Esses dados poderiam ser mais alarmantes, visto que há um grande distanciamento da porcentagem real, uma vez que muitos desses óbitos ou tentativas não são notificados como suicídio.

Para Stevenson (1994), existe alternância nos meios empregados que variam de acordo com estado mental do suicida, profissão, das condições financeiras e sociais. O método mais utilizado no suicídio consumado no Brasil é o enforcamento, seguido da morte por projétil de arma de fogo. Enquanto nas tentativas de suicídio com sobrevivência, o mais comum são as intoxicações endógenas, em que se encontram ingestão de inseticidas, superdosagem de medicamentos, produtos químicos industriais, entre outros (VIANA et al., 2008).

O Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas (SINITOX) afirma que dos casos de óbitos registrados de intoxicação humana em 2017, 33% tiveram como circunstância a tentativa

²⁸ Graduando em Farmácia na Faculdade Nova Esperança de Mossoró. elias-fds.neto@hotmail.com.

²⁹ Graduanda em Farmácia na Faculdade Nova Esperança de Mossoró. leticiasuyane@hotmail.com.

de suicídio, em que, aproximadamente, 30% tinham o medicamento como agente utilizado (FIOCRUZ, 2017).

Com o aumento significativamente de ocorrências deste fenômeno tão complexo, surge a necessidade de falar sobre o suicídio e de como a atenção de saúde, em destaque do profissional farmacêutico, pode ajudar na diminuição desses altos índices. Sendo assim, o primeiro passo para que isso ocorra é debater sobre a problemática em questão uma vez que

uma hipótese para o aumento do suicídio no Brasil seria o “tabu” de se falar no tema sob a justificativa de se evitar imitação.

Para tentar compreender melhor o suicídio, os estudiosos criaram posicionamentos que o consideram desde um ato individual do ser humano até os que o entendem como uma decorrência associada à sociedade, ao coletivo – o que esvazia a individualidade –, além daqueles que pretendem relacionar as dimensões individuais e sociais (RIBEIRO; MOREIRA, 2018).

No âmbito dos que analisam o suicídio em uma perspectiva individual, destacam-se os que estudam os aspectos clínicos, em que o suicídio é considerado um grave transtorno da saúde do indivíduo em particular e, portanto, é imprescindível ser analisado por profissionais relacionados à saúde mental e pelas diversas escolas de psiquiatria e psicologia.

Não distanciando-se dessa abordagem, o célebre sociólogo francês Émile Durkheim considera que em suicídios em que os indivíduos apresentam transtornos mentais são casos para apenas a psicologia e psiquiatria. Contudo, para ele, cada sociedade, em determinado tempo histórico, tem uma disposição para o suicídio formada por pessoas que não apresentam transtornos mentais. Nestes casos, o suicídio é uma consequência de uma estrutura social doentia que causa uma ruptura imensurável na sociedade. Nessa perspectiva, não se deve abordar o suicídio apenas sob um viés de saúde individual, mas também como uma problemática econômica e social (RIBEIRO; MOREIRA, 2018).

Associado à isso, a Comissão Nacional sobre os Determinantes Sociais da Saúde (CNDSS), define os Determinantes Sociais de Saúde (DSS) como os fatores sociais, econômicos, culturais, étnicos/raciais, psicológicos e comportamentais que influenciam a ocorrência de problemas de saúde e seus fatores de risco na população. Nessa perspectiva, no contexto do suicídio deve-se levar em consideração tanto questões sociais quanto psicológicas - próprias da subjetividade de cada indivíduo. (BUSS; PELLEGRINI FILHO, 2007)

Situando-se neste campo, o presente artigo tem como objetivo contribuir para uma melhor compreensão do suicídio por intoxicação medicamentosa, evidenciando a importância do profissional farmacêutico frente à essa problemática global. Além de entender como os fatos sociais descritos no final do século XIX por Durkheim, somado à mudança da visão de saúde-doença sobre os comportamentos antrópicos, têm grande impacto no contexto suicida do mundo hodierno.

2. Metodologia

Para o desenvolvimento deste trabalho foi realizada uma revisão bibliográfica, a partir da análise entre as reflexões e teorias trazidas por autores das Ciências da Saúde e das Ciências Sociais, a saber: Sigmund Freud e Émile Durkheim, que foram primordiais para o arcabouço teórico deste trabalho. Foi realizado uma pesquisa nas bases de dados da *Scientific Eletronic Library Online (SciELO)*, na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Foram selecionados estudos publicados no período de 1995 a 2019. Os descritores utilizados na busca foram: Intoxicação medicamentosa, suicídio e assistência farmacêutica. Foram selecionados e analisados 67 artigos dos quais 29 foram selecionados para o estudo baseados nos critérios de escolha, pelo período de tempo ou pela contribuição sobre o tema proposto.

A partir da análise desses artigos foi possível constituir algumas categorias como:

considerações da Sociologia acerca do suicídio a partir de Émile Durkheim, contribuição das Ciências da Saúde para o estudo do suicídio e importância do farmacêutico diante do suicídio por intoxicação medicamentosa.

3. Discussões e Resultados

1- O suicídio sob a perspectiva sociológica em Émile Durkheim.

A obra “As Regras do Método Sociológico”, escrito por Émile Durkheim, determina como objeto de estudo da Sociologia os fatos sociais que são caracterizados como realidades exteriores ao indivíduo, logo devem ser estudados como coisas. Acrescentado a isso, esses fatos sociais são tratados como imposições sobre a vontade individual, exercendo pressão e coerção sobre as pessoas, de forma a ordenar-lhes a vida (DURKHEIM, 2004).

Nesse viés, o sociólogo dedica-se a analisar o suicídio, tendo como um de seus objetivos comprovar como aquela que seria a ação estritamente individual do ser humano pode ser observada como um fato social. Com isso, pretende-se demonstrar que as causas do suicídio estão direta ou indiretamente relacionadas à sociedade, uma vez que a formação do indivíduo se dá pelas relações sociais entre os grupos presentes em sua vida. Sob essa análise, é imprescindível avaliar o contexto suicida de hoje a partir uma visão não apenas biológica, mas também social.

Assim, se, em vez de vermos neles [nos suicídios] apenas acontecimentos particulares, isolados uns dos outros e que necessitam cada um por si de um exame particular, considerarmos o conjunto dos suicídios cometidos numa sociedade dada durante uma

unidade de tempo dada, constatamos que o total assim obtido não é uma simples soma de unidades independentes, um todo de coleção, mas que constitui em si um fato novo e sui generis, que possui a sua unidade e a sua individualidade, a sua natureza própria por conseguinte, e que, além disso, tal natureza é eminentemente social (DURKHEIM, 2000).

Sob essa perspectiva sociológica, Durkheim (2000), ao estudar o suicídio, trata o fenômeno como fato social e coletivo e não como fato individual e psicológico, com exceção nos casos de transtornos psicológicos.

Para Émile Durkheim, o suicídio pode ser definido como:

Todo caso de morte que resulta direta ou indiretamente de um ato positivo ou negativo, praticado pela própria vítima, ato que a vítima sabia dever produzir este resultado. A tentativa de suicídio é o ato assim definido, mas interrompido antes que a morte daí tenha resultado (DURKHEIM, 2000).

Somado a isso, ele defende uma teoria chamada de “taxa de mortalidade-suicídio própria à sociedade considerada” no qual cada sociedade possui uma disposição definida de indivíduos para o suicídio em determinados momentos históricos, o que leva acreditar que a própria estrutura social faz com que isso ocorra (DURKHEIM, 2000).

Nos seus estudos de cunho descritivo, Durkheim determinou quatro classes de suicídio fundadas nas causas sociais com a intenção de explicar como as variações nas taxas do suicídio entre grupos diferentes eram influenciadas além dos transtornos psicológicos, clima e etnia, por exemplo, mas também no encorajamento de algo relacionado ao próprio grupo social.

O primeiro tipo de suicídio descrito pelo sociólogo é o egoísta, caracterizado pelas condições de isolamento exacerbado, quando o indivíduo é excluído de um grupo social importante para ele. Um exemplo disso é quando uma pessoa não consegue ser aceita no seu grupo de parentesco, mantendo-se em ostracismo (DIAS, 2005).

O segundo é o suicídio altruísta que, ao contrário do suicídio egoísta, acontece em casos de apego excessivo. Quando um indivíduo se identifica tanto com um grupo que sua própria vida não tem mais importância independente. É exemplo desse tipo, os camicases da Segunda Guerra Mundial e os terroristas suicidas do Oriente Médio (DIAS, 2005).

O terceiro, o suicídio anômico, acontece em situações de anomia ou ausência de normas, constitui-se um momento de desorganização social. Um exemplo são os suicídios cometidos por jovens que têm suas famílias desfeitas abruptamente pela separação dos pais (DIAS, 2005).

O quarto e último é o suicídio fatalista, caracterizado pela persuasão de um grupo social a partir do alto controle das emoções dos indivíduos pertencentes a ele. Como exemplo disso têm as seitas suicidas, como a do pastor americano Jim Jones (DIAS, 2005).

A partir dessa tipologia, é notório a intenção de Durkheim em explicar que a sociedade é mais do que um conjunto de pessoas. Para ele, o tema ilustra como forças sociais são fatos sociais, e como estas forças influenciam um modo de comportamento, que a maioria das pessoas, enxerga como algo particular do indivíduo.

Como lembram Cruz Neto e Moreira (1998), o que Durkheim pretendeu foi demonstrar que um ato individual como o suicídio pode ter razões e motivações sociais. Bem como, compreender as causas que levam ao aumento da taxa de suicídios, uma vez que indicam, em última instância, que a coesão social está perdendo seu poder organizativo da vida, que, na teoria de Durkheim, representa o grande risco com que as sociedades convivem.

2- O suicídio sob a perspectiva da saúde clínica:

É importante entender que o suicídio, apesar de um ato individual, é fruto de um processo multidimensional resultante de uma complexa interação entre fatores ambientais, sociais, fisiológicos e genéticos (OMS, 2006).

Existem outros fatores de riscos determinantes para o suicídio. De acordo com Meleiro e Teng (2004) no Brasil, existe uma prevalência de gênero no índice de mortalidade por suicídio, em que são registradas 7,1 mortes por cada 100.00 habitantes do sexo masculino e 1,9 mortes por cada 100.000 do sexo feminino. Segundo o ministério da saúde (Brasil, 2006) existe um risco maior de comportamentos suicidas em pessoas com transtornos de personalidades: borderline, narcisista ou antissocial. Segundo Abreu (2010), o risco para o comportamento suicida é uma união entre o biológico e o psicossocial, um potencializando o outro.

Sigmund Freud, neurologista e psiquiatra criador da psicanálise, afirma a respeito da magnitude do traumático em seu texto de 1920: "Um acontecimento como um trauma externo está destinado a provocar um distúrbio em grande escala no funcionamento da energia do organismo e a colocar em movimento todas as medidas defensivas possíveis" (p.13). Sendo assim, propõe-se ser a tentativa de suicídio, naquelas situações nas quais se encontra na vida do sujeito um contexto de predomínio do traumático, uma forma de dar vazão a esse excesso é, justamente, o ato de tentar tirar a própria vida.

Seguindo a ideologia da psicanálise, o ato suicida é considerado como um evento no qual a pulsão da morte prevalece sobre a pulsão da vida, em que sempre há uma luta entre a vida e a morte

e, nesse caso, a última vence. Para Freud, é imprescindível que haja um equilíbrio entre as pulsões, em que a pulsão da morte trabalha em conjunto com a pulsão da vida.

Somando-se a isso, é notório o constante mascaramento do sofrimento ao indivíduo, há de certo modo o impedimento de sofrer a dor de existir, e isso se dá, muitas vezes, aos avanços da indústria psicofarmacológica. A clínica contemporânea prioriza que o indivíduo viva apenas do gozo e não da escassez dele. Para isso, é buscado rapidamente o consumo de medicamentos, bebidas alcoólicas e outras drogas para omitir essa falta (JUSTUS, 2003).

Para Chin e Holden (2013) o comportamento suicida pode ser constituído pela associação de ideação, tentativa e suicídio propriamente dito. Diante disso, faz-se necessário distinguir a ideação suicida, tentativa de suicídio e o suicídio real. De acordo com estudos de Mann, Waternaux, Haas e Malone (1999) existe uma diferença entre esses comportamentos, onde ideação contempla as ideias e desejos de estar morto, o suicídio é a morte como consequência do ato e a tentativa está situada entre a ideação e o suicídio propriamente dito. Meleiro e Bahls (2004) interpretam a tentativa de suicídio como uma ação que ameaça a vida cometida consciente na intenção de interromper a própria vida.

Dessa forma, um histórico de tentativas ou a existência de algum transtorno mental podem ser considerados como principais fatores de risco. Segundo Botega et al. (2006) ainda que o suicídio envolva questões socioculturais, genéticas, psicodinâmicas, existenciais e ambientais, o transtorno mental é o principal fator de vulnerabilidade, que somado a outros fatores culmina no suicídio. Bertolote e Fleischman (2002) desenvolveram uma revisão sistemática de 31 artigos publicados no período de 1959 a 2001. No total de 15.629 casos estudados, dos quais 97% foram observados a presença de um transtorno mental diagnosticável.

Dados da Organização Mundial da Saúde (2000) apontam que o suicídio normalmente surge associado a doenças mentais, mais comumente a depressão, responsável por 30% dos casos em todo o mundo. Cardoso (2012) analisou 53 artigos publicados entre 2000 e 2010 sobre suicídio, ideação e tentativa de suicídio. Ele concluiu que dos 53 artigos, 41 associaram o suicídio com outros construtos em que a depressão ocupou o primeiro lugar nos construtos (BAPTISTA; BORGES; BIAGI et al CARDOSO, 2012). Cavalcante e Minayo (2010) realizaram uma revisão sobre a relação entre a depressão e o suicídio em pessoas idosas apontando que cerca de 71% a 95% de idosos que cometiam suicídios eram acometidos por algum tipo de transtorno mental, dos quais 60% desses sofriam com depressão.

Portanto, observa-se que a depressão se configura como um fator de risco considerável na tentativa de atentar contra a própria vida. Entretanto, Solomon (2002) defende que a depressão

sozinha não é responsável pela incidência dos atos de tentativa e suicídio consumado. O autor ainda afirma que ambas coexistem, agindo uma sobre a outra simultaneamente.

3- Importância do farmacêutico diante do suicídio por intoxicação medicamentosa:

De acordo com a OPAS/OMS Brasil (2018), distúrbios suicidas e mentais, como depressão e abuso de álcool, são as principais causas do fenômeno, que também pode ocorrer de forma impulsiva ou em decorrência do enfrentamento de conflitos pessoais. Crises, estresse, problemas financeiros, término de relacionamento, dores crônicas e doenças, desastres, violência, abusos, perdas e senso de isolamento contribuem para a elevação das taxas. Grupos vulneráveis que sofrem discriminação, como refugiados e migrantes, indígenas, LGBTQI+, pessoas privadas de liberdade também estão mais propensas. Além dos já tentaram suicídio, pois esses apresentam o risco mais relevante.

Para a farmacêutica Ane Rosalina Trento Costa, "Indivíduos com pensamentos suicidas, muitas vezes, apresentam algum tipo de transtorno mental, diagnosticado ou não". Nessa perspectiva, o profissional farmacêutico, que está presente em todo o tratamento participando da equipe multidisciplinar, pode auxiliar tanto no cuidado, orientação e atenção farmacêutica, quanto na dispensação de medicamentos (CRF-GO, 2019).

Outrossim, além do contato com o paciente ser importante, o farmacêutico, bem como toda a equipe, deve trabalhar também com as famílias, com a finalidade de compreender o convívio social. Acrescentado a isso, é necessário fazer, através do diálogo, com que o paciente reflita e traga à consciência os fatores protetores, que são a família e os relacionamentos interpessoais. Tudo isso com o objetivo de resgatar no paciente a sensação de bem-estar e um sentido de vida (BOTEGA et al., 1995).

Diante disso, um modelo relevante do profissional farmacêutico é o cuidado farmacêutico, que Conselho Federal de Farmácia descreve como:

Prática que orienta a provisão de diferentes serviços farmacêuticos diretamente destinados ao paciente, à família e à comunidade, visando à prevenção e resolução de problemas da farmacoterapia, ao uso racional e ótimo dos medicamentos, à promoção, à proteção e à recuperação da saúde, bem como à prevenção de doenças e de outros problemas de saúde (CONSELHO FEDERAL DE FARMÁCIA, 2016).

Outro ponto em destaque é que o tratamento com este tipo de paciente vai muito além do medicamentoso. O farmacêutico, ao lidar com casos de tentativas ou idealização de suicídio, deve identificar sintomas, fatores de risco, assim como indicar outros profissionais de saúde para acompanhamento, em destaque, o psicólogo e psiquiatra. O farmacêutico também pode fazer

intervenções não farmacológicas, como recomendação da prática de atividades físicas, terapias alternativas, psicoterapia, entre outros.

Para Ane Costa, (2019):

É difícil trabalhar diretamente com o paciente que tem a intenção ou tem tentado o suicídio, pois em casos graves o contato é raro ou a resposta ao tratamento medicamentoso ainda não foi alcançada. Por isso, falamos também com a família e a recomendação dada é nunca deixar o paciente sozinho e estar atento aos sinais de que ele pode estar querendo tirar a própria vida.

O medicamento é um produto farmacêutico produzido com finalidade profilática, paliativa, curativa ou para fins de diagnóstico. Entretanto, seu uso inadequado pode acarretar uma intoxicação medicamentosa provocando sérios danos à saúde. Compreende-se como intoxicação medicamentosa uma série de sintomas causados pela ingestão de medicamento acima da dose terapêutica prescrita (GONÇALVES et al., 2017).

Essa intoxicação pode ocorrer por vários motivos, seja ela acidental, abuso, administração da dose errada ou até mesmo tentativa de suicídio. Segundo Gandolfi (2006) as intoxicações por medicamentos corresponderam como uma das principais causas de atentado a própria vida. Essas circunstâncias podem ser explicadas pela facilidade de adquirir medicamentos. De acordo com a Associação Brasileira das Indústrias Farmacêuticas (AB IFARMA) cerca de 80 milhões de pessoas no Brasil praticam automedicação (ARRAIS et al., 1997).

De acordo com o Conselho Federal de Farmácia:

O profissional farmacêutico deve zelar pela saúde pública, promovendo ações que implementem a assistência farmacêutica em todos os níveis de atenção à saúde, conforme alínea "p", do artigo 6º, da Lei Federal nº 3.820/60 com as alterações da Lei Federal nº 9.120/95

Dessa forma, afere-se que o profissional farmacêutico tem papel fundamental na racionalização do uso de medicamentos, garantindo a segurança e eficácia do tratamento medicamentoso promovendo o bem-estar da população. É a partir disso que se dá a importância de uma das áreas de atuação do farmacêutico, a farmácia clínica. Segundo Santos (2017) a farmácia clínica é uma área mais ampla direcionada a prática do URM, de modo que o farmacêutico esteja prestando assistência ao paciente garantindo uma farmacoterapia eficiente e sem riscos.

4. Considerações finais

Entendendo a complexidade do suicídio e suas diversas origens, é necessário a atuação de toda a sociedade diante dessa problemática. Dessa forma, faz-se necessário a criação de estratégias

de prevenção ao suicídio, especialmente na identificação dos fatores como histórico de tentativas, distúrbios mentais e abuso de álcool ou outras substâncias.

Os profissionais de saúde têm papel importante na promoção da educação quanto ao uso indiscriminado de medicamentos. Como forma de prevenir a tentativa de suicídio por intoxicação medicamentosa, a assistência farmacêutica deve ser aliada na dispensação de medicamentos, servindo como apoio ao paciente na administração e principalmente na educação quanto ao consumo seguro desses produtos. Além disso, de acordo com as diretrizes da política nacional de medicamentos, é necessário o acompanhamento farmacoterapêutico feito pelo profissional farmacêutico, garantindo a eficácia e segurança do medicamento.

Portanto, através da assistência farmacêutica, esse profissional passa a ser corresponsável pela saúde do paciente, devido ao seu conhecimento acerca dos riscos e ações da ingestão indiscriminada de medicamentos, intervindo de forma consciente, evitando o risco de intoxicação medicamentosa.

5. Referências Bibliográficas

ABREU KP, LIMA MAD, KOHLRAUSCH E, SOARES JF. **Comportamento suicida: fatores de risco e intervenções preventivas** Rev. Eletr. Enf. [Internet]. 2010;12(1):195-200. Disponível em: <<http://fen.ufg.br/revista/v12/n1/pdf/v12n1a24.pdf>> acesso em: 09 dez. 2019.

BOTEGA, N. J., WERLANG, B. S. G., CAIS, C. D. S., & MACEDO, M. M. K. (2006). **Prevenção do comportamento suicida**. Psico, 37, 213-220. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5161562>> acesso em: 09 dez. 2019.

_____, et al. **Tentativa de suicidio e adesao ao tratamento: um estudo descritivo em hospital geral**. 1995. Disponível em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/brasil/resource/pt/psi2818?lang=en>>. Acesso em: 11 nov. 2019.

BUSS, Paulo Marchiori; PELLEGRINI FILHO, Alberto. **A Saúde e seus Determinantes sociais**. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/physis/v17n1/v17n1a06.pdf>>. Acesso em: 04 nov. 2019.

CAVALCANTE, Fátima Gonçalves; MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Suicídio entre pessoas idosas: revisão da literatura**. Revista de Saúde Pública, São Paulo, v. 44, n. 4, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S003489102010000400020> acesso em: 10 dez. 2019

CHIN, J., & HOLDEN, R. R. (2013). Multidimensional Future Time Perspective as Moderators of the Relationships between Suicide Motivation, Preparation, and Its Predictors. **Suicide and Life-Threatening Behavior**, 43, 395-405. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/sltb.12025>> acesso em: 08 dez. 2019.

CONSELHO FEDERAL DE FARMÁCIA. Serviços farmacêuticos diretamente destinados ao paciente, à família e à comunidade: contextualização e arcabouço conceitual. **Brasília:**

Conselho Federal de Farmácia, v. 200, 2016. Disponível em:

<http://www.cff.org.br/userfiles/Profar_Arcabouco_TELA_FINAL.pdf> acesso em: 11 dez.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Conselhos Regionais de Psicologia. **O Suicídio e os Desafios para a Psicologia**. Brasília, 2013. 152 p. Disponível em: <<https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2013/12/Suicidio-FINAL-revisao61.pdf>>. Acesso em: 25 out. 2019.

CRUZ NETO, Otávio; MOREIRA, Marcelo Rasga. **De Durkheim, Dolly e outros dinossauros: o museu das grandes novidades**. De Durkheim, Dolly e outros dinossauros: o museu das grandes novidades. Contribuição ao Debate sobre o artigo de Everardo Duarte Nunes. 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102311X1998000200023>. Acesso em: 11 nov. 2019.

DIAS, Reinaldo. A perspectiva sociológica. In: DIAS, Reinaldo. **Introdução à Sociologia**. [S. I.]: Pearson, 2005. Cap. 1. p. 9-11.

DURKHEIM, Émile. **AS REGRAS DO MÉTODO SOCIOLOGICO**. 9. ed. Lisboa: Editorial Presença, 2004. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2018/05/AsRegras-Do-Metodo-Sociologico-Emile-Durkheim.pdf>>. Acesso em: 7 nov. 2019.

_____. **O suicídio**: Estudo de Sociologia. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

Disponível em:

<https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4239077/mod_resource/content/0/%C3%89mile%20Durkheim%20-%20O%20Suicidio%20%282000%29.pdf>. Acesso em: 08 nov. 2019.

FIOCRUZ. SISTEMA NACIONAL DE INFORMAÇÕES TÓXICOFARMACOLÓGICAS. **Dados de intoxicação**. 2017. Disponível em:

<<https://sinitox.iciet.fiocruz.br/dados-nacionais>>. Acesso em: 29 out. 2019.

FREUD, Sigmund. **Além do Princípio de Prazer**. 1920. Disponível em: <<http://lacan.orgfree.com/freud/textosf/alemdoprincipiodeprazer.pdf>>. Acesso em: 11 nov. 2019.

GANDOLFI, A. MGG. **Eventos toxicológicos relacionados a medicamentos no Estado de São Paulo**. Rev. Saúde Pública 2006;40 (6):1056 - 64. Disponível em:

<https://www.scielo.org/article/ssm/content/raw/?resource_ssm_path=/media/assets/rsp/v40n6/14.pdf> acesso em: 11 dez. 2019

GOIÂNIA. CRF-GO. **Farmacêuticos podem atuar no combate ao suicídio**. 2019.

Disponível em: <<http://www.crfgo.org.br/noticia/id/380/noticia-titulo/farmaceuticos-podematuar-no-combate-ao-suicidio>>. Acesso em: 22 nov. 2019.

GONÇALVES, C. A.; GONÇALVES, C. A.; DOS SANTOS, V. A.; SARTURI, L.; TERRA JÚNIOR, A.T. **Intoxicação medicamentosa**. Revista Científica da Faculdade de Educação e Meio Ambiente, v. 8, n. 1, p. 135-143, 2017. Disponível em:

<<http://www.faema.edu.br/revistas/index.php/Revista-FAEMA/article/view/449/442>> acesso em: 10 dez. 2019

JUSTUS, Daisy. **O suicídio nosso de cada dia**. 2003. Disponível em:

<<https://docero.com.br/doc/svsxe8>>. Acesso em: 11 nov. 2019.

MANN, JJ, WATERNAUX, C., HAAS, GL, & MALONE, KM (1999). **Rumo a um modelo clínico de comportamento suicida em pacientes psiquiátricos**. American Journal of Psychiatry, 156, 181-189. Disponível em: <<https://ajp.psychiatryonline.org/doi/full/10.1176/ajp.156.2.181>> acesso em: 08 dez. 2019

MELEIRO, AMAS E BAHLS, S. (2004). **O comportamento suicida**. Em AMAS MELEIRO, CT TENG E YP WANG (ORGS.), **Suicídio: estudos fundamentais** (pp.13-36). São Paulo: Segmento Farma.

_____. AMAS, TENG, CT (2004). **Fatores de risco de suicídio**. Em AMAS MELEIRO, CT TENG E YP WANG (ORGS.), **Suicídio: estudos fundamentais** (pp.109-132). São Paulo: Segmento Farma.

Organização Mundial da Saúde. Departamento de saúde mental e abuso de substâncias (2006). **Prevenção de suicídio: um recurso para conselheiros**. Disponível em:

<https://www.who.int/mental_health/media/counsellors_portuguese.pdf> acesso em: 07 dez.

2019

OMS. **The World Health Report 2000**. Suicide. Genebra: OMS, 2000. Disponível em:<<http://www.who.int/topics/suicide/en/>. Acessado em dezembro de 2006.> acesso em: 10 dez. 2019.

OPAS/OMS Brasil. **Folha informativa - Suicídio**. Disponível em:

<https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5671:folhainformativa-suicidio&Itemid=839>. Acesso em: 25 out. 2019.

RIBEIRO, José Mendes; MOREIRA, Marcelo Rasga. **Uma abordagem sobre o suicídio de adolescentes e jovens no Brasil**. 2018. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/csc/v23n9/1413-8123-csc-23-09-2821.pdf>>. Acesso em: 25 out. 2019.

SOLOMON, Andrew. **O Demônio do meio-dia: uma anatomia da depressão**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

STEVENSON, J. M; **Suicídio**. Em: TALBOTT, J.; HALES, R.; YUDOFKY, S. **Tratado de psiquiatria**. Primeira reimpressão. Porto Alegre: Artes médicas, 1992. Acesso em: 03 dez.

2019

VIANA, Greta Nazario et al. **Prevalência de suicídio no Sul do Brasil, 2001-2005**. 2008. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S004720852008000100008&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 26 out. 2019.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Preventing suicide: a global imperative**. 2014 [periódico na Internet]. Disponível em: <https://www.who.int/mental_health/suicide-prevention/world_report_2014/en/>. Acesso em: 04 dez. 2019.

O PAPEL DO FISIOTERAPEUTA PERANTE A EMERGÊNCIA DO CORPO *FITNESS* NAS REDES SOCIAIS

Éllison Bruno da Silva Bezerra³⁰
Ma. Lígia Valleria de Oliveira Silva³¹

1. Introdução

O homem é o principal objeto de poder e segundo Foucault (2009) quanto mais dócil for o corpo humano mais fácil será de moldá-lo e aperfeiçoá-lo segundo algum interesse. “um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado” (p.118). O pensamento de Foucault remete o aumento do mundo virtual e como as redes sociais vem se tornando um importante ‘modelador’ de estereótipos nesse século XXI, quanto mais controlados os indivíduos, maior será a transformação sobre eles.

O interesse por esse tema surgiu da observação especulativa em analisar as relações de poder entre a busca por corpo perfeito, a influência midiática e o papel do fisioterapeuta diante das emergências que afetam diretamente o corpo físico, por causa do excesso de exercício, muitas vezes sem orientação especializada.

Dessa forma, buscaremos responder ao seguinte questionamento: qual a relação existente entre o poder da mídia e a idealização do corpo perfeito dentro de um padrão pré-estabelecido? Em busca dessa resposta, traçamos como objetivo deste trabalho, compreender como se constrói essa relação de poder e corpo, a partir de um estudo bibliográfico, dialogando com autores como Foucault (2009), Vani Costa (2004) e José Júnior (2007). Assim, tentaremos compreender de forma conceitual e histórica o discurso sobre a funcionalidade do corpo biológico, do corpo ferramenta e do corpo simbólico, e, qual a projeção disso na busca por um ‘corpo ideal’.

A cada dia as pessoas expõem seus corpos como uma vitrine, atraindo milhares de seguidores através das mídias sociais, apresentando um estereótipo de corpo perfeito (magro, musculoso e esguio) que deve ser alcançado para que o indivíduo se enquadre no padrão de beleza do momento. Parece surgir uma emergência, onde àqueles que não seguirem tal modelo, que estiverem fora deste, será visto como errado, estigmatizado, descontextualizado.

As consequências dessa busca incessante podem afetar o psicológico e físico de quem segue essas regras, em algumas situações onde exercícios e dietas são praticados sem nenhum acompanhamento profissional, colocando em risco a própria saúde, tudo para se obter resultados, nem sempre eficazes, no menor tempo possível.

³⁰ Aluno da Faculdade de Enfermagem e Medicina Nova Esperança (FACENE). ellisonbruno96@gmail.com

³¹ Professora da Faculdade de Enfermagem e Medicina Nova Esperança (FACENE). ligia_oliva@hotmail.com

2. Métodos

Compreendemos que o processo de pesquisa tem um percurso contínuo sendo assim, a forma como vamos interpretá-lo é e será influenciada por uma série de fatores relacionados à pesquisa bibliográfica, ao resgate histórico do papel do fisioterapeuta e suas esferas de atuação, assim como, leituras direcionadas para o tema proposto.

Este trabalho lançou mão de metodologia bibliográfica, analisando conceitualmente, o olhar sobre o Corpo. Para tanto, alguns autores foram relevantes referências, como: Vani Costa (2004) mostrando o Corpo como uma unidade biológica, Goldenberg (2011) que estuda o corpo nos dias atuais, José Júnior (2007) analisando o Corpo enquanto ferramenta física e, o Corpo em Foucault (2009) e suas relações de poder, enquanto simbologia. Dentro desses conceitos, inserir a percepção, a abordagem e a atuação do Fisioterapeuta na atenção básica à saúde.

3. Resultados e discussões

Para melhor compreensão da referência teórica, apresentaremos alguns conceitos e autores que comporão a base discursiva deste trabalho.

O primeiro conceito a ser abordado foi sobre o sentido epistemológico da palavra corpo em seu âmbito biológico, que é a porta principal de comunicação verbal ou não verbal entre as pessoas, pois, é através do corpo que podemos interagir em uma sociedade, segundo os pensamentos de Costa (2004) assim é possível perceber que o corpo biológico remete a um conjunto de organismos que tem suas funções fisiológicas, sociais, energéticas, culturais e históricas bem definidas que garantem o seu funcionamento como um todo. Ao longo da história o corpo ganha múltiplas significações: de ferramenta para proteção de seus bens, de peça fundamental para busca do conhecimento e de beleza que vão além dos conceitos científicos.

O segundo conceito é a abordagem do corpo enquanto ferramenta no auxílio à sobrevivência do homem. Dentro desta discussão o diálogo será com o autor Eylesfeld (1977), que estabelece desde a era primitiva uma relação do corpo com os modos de vidas e as transformações ocorridas nas sociedades ou de grupos sociais. Tal concepção de corpo o prevê como um mecanismo de sobrevivência validado por sua eficácia e utilidade. Assim, se este valioso utensílio não estivesse bem fisicamente, o homem não conseguiria sobreviver.

O corpo do homem primitivo estava em sintonia e intimidade com o ambiente, com a satisfação das necessidades e a solução dos problemas imediatos do cotidiano, no tempo em que não existiam tantos instrumentos, o corpo, em si, era o instrumento de mediação do homem com o mundo (COSTA, 2004, p. 248).

A terceira abordagem se dedicou a perceber a visão do corpo como símbolo. Já no período clássico, mais precisamente na Grécia Antiga, Costa (2004) fala que o corpo parece surgir com uma nova simbologia que o associa a ideia de belo e do cuidado de si, que envolve cuidado do corpo e da mente. Neste cenário, o corpo é pensado como uma importante peça na busca do homem pela sabedoria havendo, portanto, a necessidade de se exercitar tanto o corpo como a mente. De acordo com essa compreensão, Costa (2004) salienta que para Aristóteles “o corpo tem movimento e por isso produz causa e efeito” (p.250), no entanto, o conceito de corpo está além de sua materialidade, pois possui o poder para transformar as coisas, ao mesmo tempo em que transforma a si próprio. Trata-se, portanto, de uma ferramenta essencial para o homem modificar as coisas em sua volta, entendimento esse que se estende até os dias atuais, porém mais evidentes, em vista ao amplo acesso às informações.

Contudo, na idade média, as palavras de Costa (2004) mostram que o corpo é conhecido pela tentativa de ligação entre fé e ciência, o avanço de métodos medicinais, a preocupação com a saúde e tentativa de manutenção do corpo não se mostram mais evidentes pela sociedade, principalmente, por causa do alto número de mortes ocorridas por causas de doenças devastadoras como a peste negra, e, as guerras, que aconteciam constantemente a essa época.

A ideia de manutenção do físico acompanha a humanidade, desde a revolução industrial (séc. XIII), o corpo aparece como parte das relações econômicas, uma vez que, o corpo era um elo direto das forças produtivas, era preciso mantê-lo ‘saúdável’ para o trabalho.

As compreensões acima apontam para noção de que os padrões estéticos e de beleza são resultantes de construções históricas e sociais que se modificam ao longo do tempo, a fim de responder aos anseios exigidos em cada época e para funcionalidades específicas. Como mudanças de estereótipos das sociedades, o conceito do belo surge com perspectivas e significados diversos e, deste modo, aquilo que foi considerado belo em uma determinada época, pode, com o passar dos anos, deixar de sê-lo, tal qual ocorre ao significado e função do corpo.

Ao se observar a conjuntura histórica e social do século XIX é possível perceber que o padrão estético dominante remetia a formas mais arredondadas. Deste modo, o modelo corporal aceito como o ideal naquela época, era o que remetia a um corpo mais saliente e marcado por contornos, sendo este um símbolo, um sinal de saúde e beleza.

Na contemporaneidade, com a disseminação do capitalismo, o avanço das relações mercado lógica se as modificações socioeconômicas, culturais e políticas, o padrão de estética corporal também se altera até chegar ao paradigma atual de beleza centrado no corpo esguio e esbelto, ou chamado pelo termo da língua inglesa *fitness*.

Difundida incessantemente no ciberespaço, a construção do senso comum ou consenso que elegeu o corpo *fitness* como o ideal a ser buscado por todos, ganha força, sobretudo pela propagação da ideia de que o seu alcance acarretará um impacto extremamente benéfico para a saúde do sujeito.

Tal compreensão possibilitou a construção de um entendimento quase que universal de que a manutenção de hábitos saudáveis tem como finalidade alcançar um corpo esbelto, padronizado e aceito pela maioria das pessoas.

Segundo Silva (2017), “as tecnologias digitais incidem de modo prodigioso sobre as sociabilidades, sobre os modelos por meio dos quais os sujeitos constroem suas subjetividades, sobre maneiras de ser e de estar no mundo digital” (p.13). Neste sentido é possível analisar que com a expansão do ciberespaço por meio das mídias digitais e, com o impulso das divulgações tanto do processo de busca pelo corpo ideal como dos desatinos pela obtenção dos resultados satisfatórios, proporcionaram a cultura do ‘músculo’, do ‘definido’ um crescente número de adeptos a essas práticas.

O espaço digital, de acordo com Silva (2017, p.13) intensifica a liberdade de interação e de construção dos sujeitos ao passo que permitiu e elevou ainda mais o desejo de mostrar uma consonância com os padrões de beleza dominantes na rede e, com isso, a necessidade de expor um corpo que esteja em conformidade com aquele determinado.

De acordo com Goldenberg (2011) o corpo determinado como padrão é visto como um objeto de desejo pelas pessoas das classes médias, bem como das camadas mais pobres. Observa-se que estes indivíduos notam seu corpo como uma importante ferramenta de crescimento na sociedade e, também, como um capital nos mercados de trabalho. Portanto, além de ter uma simbologia de capital físico, o corpo também é um objeto capital econômico e social idealizando um estilo de vida a ser seguido. Porém, é preciso salientar que este corpo capital não é um corpo comum como os outros. É um corpo que deve ser rigorosamente sempre, jovem, magro e em boa forma de acordo os estereótipos que vemos hoje de forma abundante nas mídias sociais em geral. Um corpo conquistado por meio de um gasto financeiro, muito trabalho e bastante de sacrifício para se adequar. Goldenberg (2006, p. 118) afirma que:

Se o corpo é a imagem da sociedade, que sociedade é essa que está representada nos corpos dos brasileiros? Na última década, tenho me preocupado em pensar sobre que modelo de corpo tem prestígio em nossa cultura e, conseqüentemente, qual é o corpo que é imitado (ou desejado) pelas mulheres e, também, pelos homens (GOLDENBERG, 2006, p. 118).

O que se desenha neste cenário é a luta para atingir uma formatação corporal aos moldes do arquétipo ideal, que a coloca como um objetivo a ser seguido e perseguido, sem que para isso se meça os perigos para alçá-la. É a compreensão de que o homem contemporâneo pode estar preso às amarras e as frustrações de uma relação conflituosa com o seu próprio corpo. O que por sua vez, pode acarretar práticas excludentes de si e do todo, e de qualquer corpo que esteja aquém do dominante, além de trazer riscos a sua saúde.

O corpo aparece, portanto, intimamente relacionado às construções sociais e sua inserção na história, o coloca relacionado a uma multiplicidade de temas.

Como toda área de atuação da saúde, é prioridade do profissional cuidar da qualidade de vida do indivíduo utilizando de campanhas junto com o poder público para tratar determinado assunto. Segundo Júnior (2007), o Fisioterapeuta desde o início de atuação tem como características principais a prevenção e reabilitação das pessoas por isso têm uma posição privilegiada ante esses parâmetros na sociedade por atuar na intervenção primária do Sistema Único de Saúde (SUS) mais precisamente no Programa de Saúde da Família (PSF) sua presença na equipe se faz indispensável por conta do aumento no índice de lesões na população.

Hoje (séc. XXI) os países, principalmente os que têm pouco acesso as tecnologias estão enfrentando um novo perfil de doenças como: postura ruim, má alimentação e a busca do corpo ideal, que são superdimensionadas no ciberespaço, e que se mostra como um novo desafio a ser enfrentado pela Fisioterapia.

4. Conclusão

Este artigo propõe uma reflexão histórica e conceitual sobre as diferentes abordagens pelas quais o corpo perpassou ao longo das transformações sociais, culturais e econômicas na história. Buscou apresentar sua funcionalidade e sua simbologia ao longo do tempo e, como este se modificou para atender aos anseios e exigências de cada momento.

Em tempos mais remotos o corpo era visto como unidade biológica, somente, o qual sua funcionalidade se refletia na busca pela sobrevivência. Vimos também o corpo como ferramenta do laboro, como uma unidade de defesa de si próprio e/ou do grupo. Por fim, em tempos contemporâneos, o corpo como unidade simbólica, outra vertente de seu uso, voltado para a valorização estética em um segmento padronizado de beleza.

Esse ‘novo’ conceito de corpo, onde o sujeito responde a uma cobrança externa, por um corpo ideal, pode ser em tese, consequência da propagação midiática excessiva, de interesse econômico, programado para despertar o desejo pelo ‘belo’, instigando um perfil humano muitas vezes surreal, associando a um modelo de saúde *fitness* dissociado do modelo de saúde biopsicossocial.

Dentro desta discussão, é preciso que o profissional da fisioterapia saiba como agir e intervir diante das emergências que lhes forem surgindo. E isso só será possível, se este profissional, tiver acima de tudo, conhecimento e consciência de que os seus pacientes são sujeitos acometidos também por um processo histórico, além do biológico, que traz em seus sintomas a influência da sua vida vivida, a carga do trabalho, da família, da sua etnia, da cultura, da sua condição econômica e social.

Com isso em mente, é possível afirmar que o papel do fisioterapeuta, vai para além de tratar a doença, mas, perpassa pelo conhecimento e visão holística do seu paciente e do contexto que está

inserido. É assumir a responsabilidade de tratar o outro em sua dor, limitação física, mas também tentar promover a qualidade de vida e de bem-estar.

5. Referências Bibliográficas

COSTA, V. M. M. **Corpo e História**. Revista Ecos, 2011. v. 10, n. 1. p.245-258.

DELAI, K. Da; WISNIEWSKI, M. S. W. **Inserção do fisioterapeuta no Programa Saúde da Família**. Ciência & Saúde Coletiva, v.16. Rio de Janeiro, 2011. p.1515-1523. Em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141381232011000700087&lng=en&nrm=iso. Acesso em 06 Out. 2019.

EIBESFELDT. Eibl, **O homem pré-programado**. Alianza Editora, Madri 1977.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 25ed. Trad. Roberto Machado. São Paulo: Graal edições, 2008.

FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In: Hubert L. Dreyfus e Paul Rabinow. MICHEL Foucault Uma Trajetória Filosófica. *Para além do estruturalismo e da hermenêutica*. 2ª. Edição Revista. Tradução de Vera Portocarrero e Gilda Gomes Carneiro. Introdução: Traduzida por Antonio Cavalcanti Maia. Revisão técnica de Vera Portocarrero. Coleção Biblioteca de Filosofia. Coordenação editorial: Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

GOLDENBERG, Mirian. **Afinal, o que quer a mulher brasileira?**. Rio de Janeiro, 2011. p.47-64. Em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pc/v23n1/a04v23n1.pdf>. Acesso em 13 de Dez. 2019.

GOLDENBERG, Mirian. **O corpo com capital: para compreender a cultura brasileira**. Rio de Janeiro, 2006. Revista eletrônica da Escola de Educação Física e Desportos – UFRJ, 2006. Vol. 2. Nº2. p.115-123.

JÚNIOR, José Patrício Bispo. **Fisioterapia e saúde coletiva: desafios e novas responsabilidades profissionais**. Ciência & Saúde Coletiva, 2007. p. 1627-1636.

SILVA, Francisco Vieira da. Da imagem estelar do *selfie* gym ao sonho das “veias saltadas”: observações arqueogenealógicas sobre o corpo na rede digital. In: SILVA, Francisco Vieira da; SILVA, Dalexon Sérgio. **Pêcheux e Foucault: caminhos cruzados na análise de discurso**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017.

AS JUVENTUDES DE MOSSORÓ: O GRUPO LGBTQ+ AS TERRITORIALIDADES

Erik Albino de Sousa³²

1. Introdução

Quando se trata de ciências sociais é um equívoco tratar as juventudes como juventude, pois, há uma ideia de que esta é única e homogênea, o que de fato não é real. A juventude assim como a sociedade, está em constante modificação e transformação. Segundo Soares (2015, p.113), o termo juventude deve ser empregado no plural, haja vista que “o que existe, de fato, são grupos juvenis múltiplos e diversos, que constituem agregados sociais propensos às variações frequentes no seu perfil”. Todavia o autor ainda ressalta que reconhecer a pluralidade da juventude “não implica em negar a existência de uma provável ‘condição juvenil’ como resultante da criação dos próprios grupos juvenis” (SOARES, 2015, p.113).

Uma música do grupo musical Legião Urbana, *Aloha*, enfatiza que “[...] a juventude sofre e ninguém parece perceber [...] a juventude está sozinha, não há ninguém para ajudar”², de fato, são diversos os problema sociais vivenciados pelas juventudes, em especial, as que compõem o grupo LGBTQI+ (utilizamos essa sigla para abarcar representatividade dos demais gêneros além das Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Intersexual). O símbolo + diz respeito à inclusão de outras orientações sexuais, identidades ou ainda expressões de gênero. Utilizamos esse grupo por reconhecer que é um dos mais vulneráveis das juventudes e que mais desenvolvem territorialidades.

Para Vicente (2015), o grupo LGBTQI+ é um grupo que desenvolve suas territorialidades em busca de espaços de acolhimento e afastamento de pressões sociais, onde “os territórios ‘criados’ são associados à sociabilidade do grupo, bem como a liberdade de exercer esta socialização de forma segura” (VICENTE, 2015, p.53). O autor ainda destaca que os lugares frequentados pelo grupo LGBTQI+ podem variar de acordo com as finalidades, onde “os territórios apropriados pela população LGBT abarcam uma grande diversidade de funções, de formas de sociabilidade e espaços de consumo” (VICENTE, 2015, p.53).

Diante do apresentado, o objetivo desse trabalho consiste em analisar os principais espaços públicos e/ou privados frequentados pelas juventudes do município de Mossoró – RN, destacando se existem espaços escolhidos pelo grupo como ambientes de socialização. Assim, dividimos o trabalho em seções, as quais articuladamente permitem-nos desenvolver o objetivo proposto. Na primeira seção trabalhamos autores da Geografia, com autores como Milton Santos (2007), Marcelo Lopes de Souza (2012) e Rogério Haesbaert (2004) para explicar o conceito de territorialidade. No segundo

³² Graduando em Geografia, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) – erikalbino2018@gmail.com

² “Aloha”, música e letra do grupo Legião Urbana no álbum “A tempestade” (1996).

item apresentamos os procedimentos metodológicos adotados na pesquisa, por fim, no último momento, apresentamos e debatemos os dados obtidos em por meio de questionário realizado com 39 jovens de diversos bairros do município de Mossoró/RN.

2. Territorialidades e Sociabilidade

A ideia de território se apresenta como conceito-chave na área da Geografia, este, diz respeito às relações de poder que um/os indivíduo(s) exercem sobre o espaço que por estes é apropriado. Para Haesbaert (2004, p.1), o conceito de território surge “com uma dupla conotação, enquanto materialidade (terra, concreto, físico, palpável) e símbolo (satisfação por parte de quem o possui e/ou de quem não o possui)”, o autor descreve que o território deve ser visto em três perspectiva: a econômica, a política e a cultural.

De acordo com Souza (2012), o território não imutável, seus limites e temporalidades sofrem constantes mudanças de acordo com a apropriação dos grupos sobre ele, este pode ser apropriado por horas, dias ou anos, e pode ser uma praça, uma rua ou um bairro.

Para o autor, este espaço apropriado pelos indivíduos, ou seja, o território, é composto de elementos não somente materiais, mas também abstratos, haja vista que, a partir do momento que os grupos sociais se apropriam de um espaço este começa a ser palco das relações de identidades e sociabilidade com o espaço e com o próprio grupo.

Haesbaert (2004) ressalta que os elementos abstratos que são desenvolvidos pelos grupos geram a identidade e o pertencimento ao território, criando não somente o território, mas a territorialidade, que para o autor “mais do que território, territorialidade é o conceito utilizado para enfatizar as questões de ordem simbólica-cultural” (HAESBAERT, 2004, p.73-74).

Ideia semelhante a apresentada por Santos (2007, p.13), que enxerga território como “o lugar em que desembocam todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças, todas as fraquezas, isto é, onde a história do homem plenamente se realiza a partir das manifestações de sua existência”. Logo, a ideia de territorialidade está ligada as questões culturais identitárias ali desenvolvidas, onde para Milton Santos (2004) a territorialidade de um grupo é onde para este prevalece suas características de identidade.

Observa-se que as territorialidades se fazem importantes para as juventudes, pois são nesses espaços em que estas, em específico as juventudes pertencentes ao grupo LGBTQI+, foco de estudo do trabalho, sentem-se “pertencer aquilo que nos pertence” (SANTOS, 2007, p.13). São nessas territorialidades que os grupos sociabilizam, criam laços de pertencimento, segurança, acolhimento e identidade, são seus refúgios do mundo real.

De acordo com Vicente (2015), a identificação do grupo LGBTQI+ com um espaço apresenta um valor sentimental, uma vez que “os territórios ‘criados’ são associados à sociabilidade do grupo, bem como a liberdade de exercer esta socialização de forma segura” (VICENTE, 2015, p. 53). Assim, além de se identificar em um determinado espaço, o grupo LGBTQI+ busca exercer a socialização de forma segura e harmoniosa.

3. Metodologia

Como metodologia de pesquisa fizemos uso de entrevistas. Segundo Gil (2008), a entrevista é uma das técnicas de coleta de dados mais utilizada no âmbito das Ciências Sociais e Humanas. O modelo de entrevista adotado na pesquisa se enquadra no perfil de questionários. “Pode-se definir questionários como a técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses” (GIL, 2008, p.121).

O questionário foi elaborado em forma digital, por meio do *Google Formulários*, posteriormente o link foi compartilhado em Redes Sociais. O questionário contou com os seguintes questionamentos:

- 1- Idade
- 2- Endereço (Bairro)
- 3- Sexo
- 4- Orientação sexual
- 5- Lugares que costumam frequentar no município de Mossoró
- 6- Alguma vez você já se sentiu desconfortável em algum lugar devido sua orientação sexual?
Se sim, qual/is lugares?
- 7- Existe ou existiu algum lugar específico que você se sente ou se sentiu mais confortável em expressar sua orientação sexual? Qual/is?

Vale frisar que na pergunta 5 foram apresentadas algumas opções, tais como: Bares e restaurantes, praças públicas, casas de show, Parque Municipal de Mossoró Maurício Oliveira, Shopping, dentre outras, no entanto, existia um espaço adequado para o/a entrevistado/a inserir espaços que não estavam nas opções sugeridas. Com a aplicação do questionário buscamos compreender a relação estabelecidas entre os lugares e as juventudes de Mossoró/RN.

4. Resultados e Discussão

Tivemos a adesão de 39 jovens com idade entre 15 a 30 anos, sendo 27 do sexo feminino (62,2%) e 12 do sexo masculino (30,8%). Uma vez que divulgamos o questionário nas Redes Sociais,

conseguimos obter dados de moradores de distintos bairros de Mossoró conforme apresentada na tabela 1.

Tabela 1: bairro dos entrevistados

Bairro	Número de participantes
Abolições (1, 2 e 3)	3
Alto São Manoel	4
Barrocas	1
Boa Vista	2
Bom Jardim	3
Centro	1
Costa e Silva	6
Dom Jaime Câmara	2
Doze Anos	3
Maria Odete Rosado	1
Paredões	2
Santo Antônio	5
Sumaré	4
Zona Rural	2

Fonte: Elaborada pelo autor (2019).

Com relação à orientação sexual, 18 dos/as entrevistados se consideram pertencentes ao grupo LGBTQI+, 18 se consideram heterossexuais e 3 dos/as entrevistados/as preferiram não identificar sua orientação sexual. Para Cardoso (2008), o conceito de orientação sexual pode variar muito de área para área ou ainda de autor/a para autor/a. Entretanto, na maioria das vezes, esse conceito está relacionado ao sentido do desejo sexual: seja para pessoas do sexo oposto, do mesmo sexo ou para ambos.

Com relação aos lugares frequentados pelos/as jovens entrevistados/as, a Praça de Convivência foi o ambiente mais citado, seguido do Partagem Shopping Mossoró. A tabela 2 apresenta os lugares citados pelos/as participante da pesquisa.

Tabela 2: Bairros dos entrevistandos

Lugares mossoroenses	Número de citações
Bares e restaurantes	22
Praças públicas	28
Partagem Shopping Mossoró	30
Casas de show	14
Teatros	15
Parque Municipal Maurício Oliveira	12
Trapiche	4
Praça de Convivência	32
Memorial da Resistência	17
Praça dos Esportes	16

Fonte: Elaborada pelo autor (2019)

Quando questionados se alguma vez o/a jovem já tinha se sentido desconfortável em algum lugar devido sua orientação sexual, observamos que enquanto os/as entrevistados/as héteros relataram não haver desconforto em nenhum local, em contrapartida, metade do grupo LGBTQI+ relataram que já presenciarem ou sentirem-se desconfortáveis, principalmente nos espaços públicos, como a praça de Convivência, logo o espaço mais frequentado pelas juventudes entrevistadas.

A praça de Convivência em Mossoró (Imagem 1), fora o espaço mais citado pelos entrevistados, este está inserida no chamado “Corredor Cultural” do município. O Corredor Cultural mossoroense está localizado na Avenida Rio Branco, no centro da cidade, constituído pela praça da Criança, Estação das Artes, Teatro Municipal, Memorial da Resistência, praça de Convivência e praça de Esportes, o qual oferecem serviços de entretenimento, cultural, bem como bares e restaurantes, este espaço como um todo foi citado diretamente por 42% dos jovens como espaços de territorialidades.

Perguntados/as se existe ou existiu algum lugar específico que o/a jovem entrevistado/a se sente ou se sentiu mais confortável em expressar sua orientação sexual, observamos que os espaços territorializados pelo público LGBTQI+ foram a praça do Memorial da Resistência e espaços como as Universidades e espaços de eventos a comunidade LGBTQI+, como o Villa-Oeste.

A praça da Resistência ou Memorial da Resistência (Imagem 2), também inserida no “Corredor Cultural”. O espaço ao ar livre é formado por “galerias e sistema audiovisual, que se reposta à história da resistência da cidade de Mossoró à invasão de Lampião (considerado um dos mais temidos cangaceiros do Nordeste brasileiro) na década de 1920” (CASTRO, 2012, p.138). O espaço costuma promover apresentações culturais, tais como, saraus, rodas musicais, de capoeira (Imagem 3), dentre outras.

Imagem 1: Memorial da Resistência à noite



Fonte: Autor (2019)

Imagem 2: Roda de Capoeira no memorial



Fonte: Autor (2019)

Observou-se que os espaços são buscados pelos jovens como territorialidades onde estes sentem-se seguros para expressar sua orientação sexual (Vicente, 2015), para Soares (2015) as territorialidades são desenvolvidas como forma de lazer e sociabilidade onde hajam interações, solidificação de laços de amizade entre grupos que se identificam.

Os territórios desenvolvidos pelos jovens LGBTQI+ são territórios de ordem cultural/simbólica, logo, uma territorialidade onde há um “movimento dotado de significados, de expressividade, isto é, que tem significado determinado para quem o constrói e/ou para quem dele usufrui” (HAESBAERT, 2004, p. 281).

Soares (2015) ressalta que muitos jovens têm dificuldades em conseguir acesso à esses espaços, devido à falta de transporte público no horário noturno, todavia como demonstrado na pesquisa demonstra que apesar das dificuldades estes jovens frequentam esses espaços pois buscam a sociabilidade e lazer em espaços que sentem-se seguros.

Quando analisados os espaços e divididos entre espaços públicos e privados observou-se que 65% dos espaços mais frequentados pelos jovens foram espaços públicos, isso ocorre pois de acordo com Hannah Arendt (2014), o espaço público é aquele comum entre todos/as, é o espaço de encontro de todos/as os indivíduos não importa as diferenças de cor, sexo, idade, gênero ou classe. Para Gomes (2012) os espaços públicos devem ser vistos não apenas como espaços físicos (como uma praça, um parque ou um jardim) mas também como sua essência abstrata que é a de ser o espaço democrático, de acesso à toda e qualquer classe e categoria social, logo, os espaços públicos devem ser vistos como “condição de reprodução da vida humana” (CARLOS, 2008, p. 46).

Todavia, segundo Carlos (2011), esse espaço de encontro entre sujeitos distintos não implica em sociabilidade entre todos, mas o é caracterizado também como espaço de rejeição e negação do outro, fato evidenciado no questionário entre os/as jovens LGBTQI+. Observa-se isso nas falas dos jovens quando questionados se já sentiram-se desconfortáveis em algum espaço:

São vários os espaços, a rua e espaços públicos, tem ainda os eventos noturnos promovidos pela prefeitura, por exemplo, como o Mossoró Cidade Junina, lá presenciei e vivi situações desagradáveis devido minha orientação sexual (PARTICIPANTE DA PESQUISA).

Todo local que não seja normalmente composto de maioria LGBTQI+ é como um perigo em potencial (PARTICIPANTE DA PESQUISA).

Já fui ameaçada por ser lésbica na Praça da Convivência e em festas da Estação das Artes, ou melhor, em quase todos aqueles lugares que formam o Corredor Cultural, (PARTICIPANTE DA PESQUISA).

Com os relatos dos jovens observa-se que “esse espaço público é o terreno permanente de tensão entre as diferenças” (GOMES, 2012, p. 30), logo as territorialidades desenvolvidas pelos

jovens LGBTQI+ estão longe de serem territorialidades passivas mas sim como espaços de resistência, de acordo com Carlos (2008) podemos ver então esse espaço é a materialização social, local de encontro de distintos grupos com distintos desejos, características e necessidades dessemelhantes, onde essas diferenças podem, na maioria das vezes, gerar conflitos.

Com isso, perceber as territorialidades dos jovens como espaços de resistência é perceber que “o espaço da cidade é assim, e também, o cenário e o objeto das lutas sociais, pois estas visam, afinal de contas, o direito à cidade, à cidadania pela e igual para todos” (CÔRREA, 2002, p. 9).

As territorialidades são, logo, pontos de segurança que esses jovens encontram para resistir a (re)produção do conservadorismo homofóbico social, mesmo que de forma nem sempre vencedora, haja vista que o território não é homogêneo, este o é, de acordo com Souza (2012) uma superposição de diversos territórios, onde as territorialidades dos espaços públicos não são apenas espaços de relações apenas dos grupos juvenis mas também de diversos grupos onde possa haver contradições com os grupos LGBTQI+.

Entre essa contradição de facilidade e exposição dos grupos sociais de um lado nos espaços públicos e não aceitação do mesmo é que há as juventudes que ressaltaram os espaços privados como espaços de sociabilidade (35% dos entrevistados), todavia, segundo Soares (2015) esses espaços privados não são democráticos como os espaços públicos, os espaços como o Partage Shopping Mossoró se caracteriza principalmente como espaço acessível para um grupo seletivo de jovens com maior poder aquisitivo, o autor caracteriza o shopping center assim como os demais espaços privados como “ambientes fechados ou pouco acessíveis aos demais jovens de outras camadas sociais” (Soares, 2015, p. 149), onde não há aqui um espaço de convivência e sociabilidade entre a diversidade, mas sim, sendo espaços de consumo e sociabilidade entre indivíduos de classes semelhantes.

5. Considerações Finais

Diante do apresentado no trabalho, podemos notar que os espaços, em especial os públicos, são responsáveis em promoverem uma interação das juventudes, isso ocorre devido ao fato de ser o espaço público o espaço de maior acessibilidade a toda a população, onde todos são impostos em comuns não importa sua categoria, cor, idade ou classe social, todavia devido a heterogênea e diversificada sociedade esse espaço de convivência e de encontro entre todos se torna um espaço de negação do diferente, no caso, de negação das juventudes LGBTQI+.

Devido essa negação do outro nos espaços públicos as juventudes LGBTQI+ sentem-se na necessidade de desenvolverem territorialidades próprias, espaços onde estes sentem-se em segurança e criam laços de aceitação e sociabilidade entre iguais, à exemplo a Praça do Memorial da Resistência.

Estes espaços se caracterizam como formas de refúgios ao meio social que estes jovens se encontram, como ilhas de resistência e elos de comunhão entre semelhantes.

Com a aplicação do questionário, podemos perceber que mesmo com essas territorialidades a negação do diferente no espaço público se torna presente até mesmo nesses espaços de refúgios, fazendo com que esses grupos precisem territorializar eventos/espços privados como fora citado os eventos do Villa-Oeste onde são desenvolvidos eventos voltados para o público LGBTQI+.

A partir disso, nota-se, que a cidade é a materialização social, e como materialização social reflete seus problemas e conflitos, sua heterogeneidade de grupos distintos com desejos, necessidades e pensamentos diferentes que muitas vezes sentem-se ameaçados e/ou incômodos com o grupo que o difere.

6. Referências Bibliográficas

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 12. Ed. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 2014.

CARDOSO, Fernando Luiz. O conceito de orientação sexual na encruzilhada entre sexo, gênero e motricidade. **Interam. j. psychol.** Porto Alegre, v. 42, n. 1, p. 69-79, abr. 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-96902008000100008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 28 ago. 2019.

CARLOS, Ana Fani. **A cidade**. 8. Ed. São Paulo. Ed. Contexto. 2008.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A condição espacial**. São Paulo. Ed. Contexto. 2011.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. Rio de Janeiro. Ed. Ática. 2002.

CASTRO, Carla Yara Soares de Figueirêdo. **Corredor Cultural: Espaço de materialização e exclusão social em Mossoró-RN**. (Tese -doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, Natal, 2012.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. – São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES. Paulo César da Costa. **Olhares geográficos: modos de ver e viver o espaço**. (org.) CASTRO, Iná Elias de, GOMES, Paulo César da, CORRÊA, Roberto Lobato. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil. 2012.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2004.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. 4 ed. São Paulo. Ed. Universidade de São Paulo, 2004.

SANTOS, Milton. **Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

SOARES, Jamilson Azevedo. **A juventude nos enredos da cidade, da cultura e do lazer:** panis et circenses no ‘país de Mossoró’? (Tese -doutorado). Universidade Federal de Pernambuco – Recife, 2015.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Geografia:** conceitos e temas. Org: CASTRO, Iná Elias de, GOMES, Paulo César da Costa, CORRÊA, Roberto Lobato. 15ªed – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

VICENTE, Tiago Augusto Silva. **Espaço urbano e sexualidade:** a territorialização da população LGBTQI+ no largo do Arouche e na rua Frei Caneca (São Paulo/SP). (Trabalho de graduação individual apresentado ao Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo). São Paulo. 2015.

DO RITO À VIVÊNCIA CARNAVALESCA NAS NARRATIVAS DE ANCESTRALIDADE AFRICANA À PRESERVAÇÃO DOS SABERES DA TRADIÇÃO

Euclides Flor da Silva Neto³³
Ana Lúcia Oliveira Aguiar³⁴

1. Os ritos dos maracatus mossoroenses na vivência carnavalesca

O maracatu se configura como uma cultura viva, presente na vida, rito e vivência de cada folião. Traz heranças de ancestralidade africana e preserva os saberes atravessados pela tradição. A sua preservação depende do frágil contato dos mais velhos e a irreverência dos jovens. O maracatu é sábio, ele se realimenta e garante seu lugar no futuro. Uma cultura pode fascinar tanto por sua força, quanto por sua fragilidade. Os saberes de um povo estão sob risco constante e para que se mantenham vivos, precisam ser valorizados, só o amor de uma gente por sua cultura pode fazer com que ela sobreviva. “O maracatu nação é uma forma de expressão enraizada em um complexo sociocultural que não pode ser facilmente transposto para qualquer outro local, conferindo-lhe um sentido de pertencimento e de identidade” (DOSSIÊ, 2013, p. 30). Através dessa afirmação, reconstruo as narrativas simbólicas e culturais das raízes afrodescendentes na preservação dos saberes da tradição, por meio dos rituais de ancestralidade africana, nas manifestações locais que envolvem os festejos carnavalescos e maracatus através dos dois blocos existentes na cidade de Mossoró/RN. DaMatta (1997) ressalta que [...] “o mundo do carnaval pode ser entendido como o mundo da metáfora”, nas crenças, nas divindades cultuadas, nos elementos que envolvem a ligação de raças, na cultura indígena, negra e europeia que também formam o maracatu, nos ancestrais, nos personagens, na procissão, no cortejo e coroação da rainha, conto a historiografia pertencimento e ancestralidade do povo mossoroense.

2. Diferenças das expressões do maracatu

Para a reconstrução do maracatu mossoroense, é pertinente frisar as diferenças existentes na atualidade sobre os maracatus. Alguns surgem como prática educativa e cultural, outros são

³³ Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação – POSEDUC na Universidade do Rio Grande do Norte – UERN, Mossoró-RN, Brasil. E-mail: euclidesbudista@gmail.com

³⁴ Graduada em Licenciatura em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) Mestrado em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e Doutorado em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Pós-doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Ceará (UFC). É professora do Programa de Pós-Graduação, Mestrado em Educação, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: oliveiraaguiarpetro@gmail.com

absolutamente tradicionais, atravessam os saberes ancestrais e traduzem elementos de identidade e pertencimento. Há uma diferença entre os maracatus considerados “Nação”, são os assim chamados de “raiz” e os, fundados, fora dos terreiros denominados estilizados, como bem salienta Silva (2004, p. 42):

Contemporaneamente, podemos observar o crescimento de grupos que surgiram apenas como forma de expressão cultural, e não necessariamente foram fundados dentro de um terreiro. Esses maracatus são considerados não tradicionais, são grupos estilizados. A tradição religiosa é quem daria legitimidade para um grupo ser considerado tradicional. Atualmente muitos maracatus estão preferindo usar a denominação de grupo afro, ao invés de maracatu-nação, reconhecendo a diferença que de fato existe, por não terem a mesma formação dos maracatus tradicionais. Apesar de seguir a linha rítmica dos tradicionais, tais grupos introduzem outros ritmos em sua formação, ou seja, são grupos que apresentam manifestações de origem afro-brasileira, incluindo o maracatu-nação. Outros grupos- influenciados por uma crítica negativa ao crescimento de grupos sem fundamentos religiosos, mais comprometidos com a expressão artística e a comercialização- tentam buscar esses fundamentos, fazendo obrigações religiosas, como dar comida à calunga, buscando assim se igualar às velhas nações africanas, para poder manter a denominação de maracatu-nação. Desta forma dentro dos maracatus-nação iremos encontrar diferentes tipos de maracatus, como os chamados maracatus-nação estilizados e os chamados de grupos afros.

Na cidade de Mossoró/RN, especificamente, trata-se de uma tradição cheia de representações, signos, símbolos, na qual revela sua grande importância significativa, considerado de maracatu “Nação”, pois traz consigo toda a tradição religiosa, numa rítmica dos tradicionais terreiros, preservando os saberes atravessados pela tradição do candomblé.

Cada brincante mossoroense por sua vez, é sujeito nesse processo, carregado de identidades, de modos de existir e de pensar, de múltiplas expressões, que compõe o cenário interpretativo do maracatu. Ao som do bumbo os brincantes seguem num imenso cortejo, que o corpo responde, fazendo bater o coração e tocar a alma, numa harmoniosa e festiva brincadeira.

Realizo um passeio pelas contribuições dos estudos de DaMatta (1984), o qual ressalta os festejos e ritos que fazem parte do carnaval de rua. O rito neste sentido é peça fundamental, pois retoma as antigas expressões, incorporando elementos do passado embutidos nas figuras no imaginário nos personagens, fazendo com que o maracatu assuma também papel de religião, como bem salienta DaMatta (1936, p. 30-31) “É como se o domínio ritual fosse uma região privilegiada para se penetrar no coração cultural de uma sociedade, na sua ideologia dominante e no seu sistema de valores”, e acrescenta:

O rito assim, entre outras coisas, pode marcar aquele instante privilegiado em que buscamos transformar o particular no universal (comemorando por exemplo, nossa independência de uma nação matriz, colonizadora); o regional no nacional (quando

festejamos um santo local que, naquele momento pode representar todo o país) o individual no coletivo (como ocorre numa festa de aniversário, onde a ênfase é colocada nas relações entre gerações) ou, ao inverso, quando diante de um problema universal mostramos como resolvemos, nos apropriamos dele por um certo ângulo e o marcamos com um determinado estilo).

Estas práticas culturais, em lócus o maracatu nos blocos carnavalescos, que envolvem saberes, memórias, e ancestralidades, despontam como ferramentas essenciais para o crescimento sócio educativo das pessoas, tendo, portanto, caráter pedagógico.

A partir de Merleau-Ponty (2004) trago o conceito do corpo e movimento, despontando como ferramenta fundamental para o estudo do maracatu. Os brincantes e *maracatuzeiros* que saem as ruas e desfilam ao som do bumbo, na dança e no passo, no envolvimento ao som das toadas. Por meio dos estudos de Dantas (1999) em seu conceito do corpo que dança e constrói memórias, formas, performance, movimentos e gestos que dialogam com a arte e educação, descrevo todos os gestuais e preparação para o cortejo carnavalesco do maracatu, a batucada armorial, movimento que junta o tradicional e o novo de forma a construir um ritmo único, harmônico, numa festa carnavalesca entre o profano e o sagrado, na exaltação dos reis e rainhas negros trazidos da África, membros de uma mesma irmandade, no mesmo traço característico, ressalto o protagonismo negro nas danças e coroação como símbolo marcante do rito principal do maracatu. Brincantes que desfilam no passo e compasso, aos sons dos tambores, do ganzá, dos chocalhos num desfile real, nesta solenidade de reminiscências na preservação dos saberes e memórias tradicionais. Em Pernambuco, por exemplo, onde o maracatu é efervescente, o Dossiê do Maracatu Nação (2013, p. 24) ressalta:

Maracatu nação tem esses mistérios! É uma manifestação cultural predominantemente praticada por negros e negras, que compartilham entre si memórias e práticas culturais responsáveis pela constituição da identidade cultural de uma parcela significativa desses membros. Mais do que isso, os maracatus nação têm sido responsáveis pela afirmação da identidade negra em Pernambuco, através de uma constante militância dos movimentos negros que, desde o final dos anos 1970 e início dos anos 1980, se empenharam para que os maracatus não desaparecessem e para que tivessem visibilidade e reconhecimento por toda a sociedade. Os maracatus nação possuem extrema e intensa vinculação com práticas religiosas dos terreiros de candomblé (ou xangô), jurema e umbanda. Vinculação que não é dada, mas historicamente constituída, e é apresentada na presença da calunga ou da ala dos orixás, por exemplo.

Essa efervescência cultural, mística de práticas religiosas oriundas dos terreiros, reflete numa construção identitária do maracatu nas suas representações simbólicas de origem afro-brasileira. Para Motta (1995, p. 199) entender a simbologia é entender a cultura, pois a [...] “cultura é um sistema de símbolos e significados compartilhados, que serve como mecanismo de controle. A ação simbólica necessita ser interpretada, lida ou decifrada para que seja entendida”. Motta (1995, p. 201) acrescenta

e chama atenção à necessidade de se pensar a cultura como sistema de relações, contextos e significados.

No maracatu essa ação simbólica, significativa em suas práticas cotidianas, é refletida nos espaços de danças e festas carnavalescas onde acontecem todo o rito e preparação para a saída do bloco na rua, permeia o imaginário popular, ligado às dimensões religiosas, manifestações de um povo, pertencimento racial, sendo o mundo dos *maracatuzeiros*, um universo de vivências, palavras, sentidos, significados, memórias. “Entretanto, caracterizar os rituais a partir de determinadas peculiaridades constitui-se em exercício útil para uma compreensão mais acurada e qualificada de tais expressões sociais” (JESUS, 2013, p. 47). Por meio da coroação dos reis e rainhas do Congo são transformadas em ritos, rituais reconhecidos como cultura de resistência, de encontros, de agrupamentos, em torno das diversas representações sociais, o qual o maracatu faz parte.

3. Das matrizes culturais simbólicas ao legado de ancestralidade e tradição

O maracatu traz em sua gênese as influências das várias matrizes culturais afrodescendentes, um verdadeiro legado de ancestralidade e tradição. Ligado a religiões afro-brasileiras como umbanda e africana, o candomblé, os barações onde acontece a preparação para o rito carnavalesco, estabelecem uma reconstrução cultural e dialogicidade com a comunidade, seja nas festas realizadas, seja na saída para o desfile na rua. Cria-se então um sincretismo religioso, em sentido antropológico, uma junção e fusão de ritos e tradições para saída na avenida. Nesse sentido Valdeci carnavalesco afirma:

O baração onde acontece as festividades, carrega por essência a tradição consagrada do maracatu. É sobretudo uma missão popular tradicional. Pois existe elementos como a boneca que representa a ancestralidade, perpassada por várias pessoas e por vários momentos, não deixando morrer esse saber e conhecimento do maracatu para as gerações. Afirmo que o maracatu se faz presente desde a vida do baração, da vida dos brincantes, da vida que brota na avenida. Porém é preciso que esse saber popular não morra, nem se perca no esquecimento. É preciso (re)significar, dar sentido e vida a tradição carnavalesca, pois esta perpassa vários momentos históricos. A tradição se intensifica quando segue um ritual, como se fosse uma missa. Um rito que tem início, meio e fim. Não se perde, mas segue um padrão estabelecido, nisso se faz a tradição. Digo com toda alegria de viver, maracatu é tradição, é ancestralidade, é vida. (Narrativa de Valdeci Freire de Araújo, Mossoró 2017).

Fortalecido por diversos ritos e rituais tradicionais, o maracatu nas palavras de Valdeci Freire se configura como uma prática social de preservação e valorização da cultura ancestral afrodescendente, com suas raízes africanas. Nesse discurso, se percebe a fraternidade presente nos barações, o respeito pelas divindades que compõem o universo do maracatu, ressaltados como “seres” supremos,

que servem de luz e esperança, tendo como fundamento à dignidade da pessoa humana e o direito a liberdade religiosa, como princípio para a preservação dos saberes atravessados pela tradição carnavalesca.

A dinâmica gramatical e processos rituais presentes na vida cotidiana dos barracões carnavalescos remonta diversas formas de tempo e espaço “coexistirem” no sentido do outro, quando o maracatu fixa parte de um contexto na vida de cada brincante na saída nas ruas representando nos seus trajes, paramentas e adereços, os reis e rainhas do Congo. Um lugar de criação e improvisação traduzidas nos modos corporais, na batucada, na dança e gestual figurativo em que o *ethos* corporal carnavalesco ganha forma e movimento. Nesse sentido, o Dossiê do Maracatu Nação (2013, p. 23-24-25) ressalta:

A intensa circulação entre os maracatuzeiros e maracatuzeiras também contribuiu para que os saberes pudessem ser repassados, não apenas a respeito dos preceitos religiosos, mas também na prática musical, nos modos de confeccionar os instrumentos ou as fantasias. Da mesma forma, as histórias circulam entre os grupos, e reis e rainhas, mestres e damas do paço são conhecidos por quase todos. Cada grupo de maracatu tem um toque musical específico que lhe confere identidade única, nem sempre percebida pelos leigos. Mas quem é maracatuzeiro ou maracatuzeira reconhece ao longe o grupo que está tocando, pelo seu baque. [...] Não obstante, os maracatus nação não se resumem a relações com o sagrado. Durante muito tempo, esses grupos foram denominados como nação por sua vinculação com o terreiro de uma religião dos orixás. Tal afirmação, por sinal, é expressa em obra famosa de Guerra Peixe, quando este declara “a gente do maracatu tradicional – “nagô”, como dizem, no sentido de “africano” – é constituída, na maioria, por iniciados nos Xangôs (...)”. Esta é uma afirmação presente no senso comum daqueles que circulam no universo dos maracatus nação. Pode ser ouvida até mesmo nas declarações dos dirigentes desses maracatus.

Entender o rito é perceber os modos e maneiras da vida cotidiana, demarcada por uma infinidade de movimentos, articulada em hábitos, construída em crenças e símbolos, traduzida em acontecimentos, linguagens verbais ou não verbais as quais se comunicam e diversificam suas práticas sociais dos grupos e ambientes, uma condição dinâmica de existência, e “para entender os rituais, torna-se imprescindível, assim, a compreensão dos diferentes elementos constituintes rito, os símbolos componentes a cada tipo de ritual” (JESUS, 2013, p. 46). No carnaval, por exemplo, DaMatta (1997, p. 32-46-53) vai salientar ser “um ‘rito sem dono’ (um festival com múltiplos planos), encontramos quem está mais perto dos seus centros: da música, do canto, da dança, do foco dos desfiles e dos gestos que fazem sua harmonização e realidade”. O rito tão bem conceituado por DaMatta (1997), funciona também como ferramenta de interação, possibilidade, comunicação, instrumentalização, “potencialmente organizado a partir de uma repetição e recorrência de determinados signos que o caracterizam, e que, durante todo o tempo, articulamos nossa percepção

do ritual a partir do que sentimos, pensamos e vivemos” (JESUS, 2013, p. 48). O rito funciona então, como instrumento transformador, pois tem o poder de ampliar suas dimensões fazendo que o regional se transforme no nacional e o particular no universal.

Nesse sentido o maracatu obedece a uma cadência ritmada através dos tambores tocados na avenida, um rito ancestral tradicional, “um chamamento”, toada para aproximar as divindades afro, para o desfile em homenagem aos reis e rainhas que saíra na avenida. O cortejo se concentra na rua, para o momento tão esperado, a saída do rei e rainha que trazem a boneca também chamada de calunga, representa todos os deuses ancestrais. Essa celebração acende o candeeiro dos inúmeros lampiões *maracatuzeiros*, de todos/as os maracatus existentes no mundo. Uma força mística e cósmica ressaltada por Francisco Freire Neto:

Sair na avenida é sentir que nossa cultura maracatuzeira, se faz viva e presente, que não morreu, que estamos vivos. Essa força que nos move e nos faz vibrar e reverenciar as divindades, traduz toda nossa tradição, todo nosso empenho o ano todo nos barações para a saída na avenida. Momento este tão esperado por toda a família maracatuzeira. Sinto o amor e alegria ao falar desse rito, pois percebo o quanto ele está presente na vida dos brincantes. Que realmente não morreu. Embora não tive forças para continuar com o legado da minha mãe. Sei que existem grupos que não deixam essa tradição se acabar, por isso amo todos/as aqueles que fazem do carnaval um momento ímpar de amor, fraternidade, igualdade, paz e brincadeira. De tradição as divindades, trazendo axé para todos/as. (Narrativa de Francisco Freire Neto, Mossoró, 2017).

Um saber simbólico, de pertencimento e ancestralidade é afirmado nas palavras de Francisco Freire Neto. Fala sobre a sobrevivência do maracatu na vida de cada brincante carnavalesco. Imprime alegria e amor ao rito do maracatu como espaço de aprendizados e saberes, reconhece como cultura afrodescendente se fazendo no respeito, na igualdade e na paz. Elabora significados de vínculo com o sagrado, com as divindades, com as religiões afro-brasileiras. Adentra a esfera dos barações como território de preparação para o acontecimento ímpar do maracatu, a saída na avenida. Também fala dos barações como espaço onde os fundamentos religiosos do maracatu são passados para as gerações, uns para os outros, como parte da tradição popular existente nesse rito carnavalesco.

4. O território ritual do maracatu mossoroense

O ritual por sua vez, representa um território cheio de descobertas, na intensificação de valores e possibilidades da ação, parte mais tocante e intensa, lugar privilegiado, sensação pura de forma da vivência, movimento, paixão. De acordo com Turner (1974, p. 19):

Os rituais revelam os valores no seu nível mais profundo [...] os homens expressam no ritual aquilo que os toca mais intensamente e, sendo a forma de expressão convencional e obrigatória, os valores do grupo é que são revelados. Vejo no estudo dos ritos a chave para compreender-se a constituição essencial das sociedades humanas.

As sociedades contemporâneas caracterizam os rituais na maioria das vezes por uma ação repetitiva ou hábitos cotidianos, como por exemplo: levantar, vestir-se, ir ao supermercado, ao trabalho, ir à missa, ir à escola, dormir, etc. No entanto, essa repetição não consegue explicar a dimensão ritualística, pois essa engloba não somente práticas diárias, mais um conjunto de saberes/fazer, relações, situações e condições presentes nos procedimentos e rotinas das pessoas. O ritual precisa ser visto como prática distinta em sua ação, tanto isolado, como pertencente à determinada cultura.

O carnaval e o maracatu embora sejam manifestações culturais, há uma tradição por trás de tudo isso, ou seja, todo um processamento que podemos chamar de ritual. Desde sua preparação que acontece no barração, até a saída, por exemplo, no cortejo, é repleta de muitas fases, chamamos de cerimônia. Para mim, viver e desvendar essa história, esse ritual carnavalesco, cheio de mistérios e religiosidade, de encantamentos e tradições, é saber que eu Valdeci Freire, carrego uma identidade africana, podemos dizer afrodescendente né. Essa tradição cultural é presente não somente nos espaços onde acontecem os festejos do carnaval, mas na vida e herança de cada um dos brincantes. Posso dizer que está na minha vida diária, mesmo com todas as dificuldades. (Narrativa de Valdeci Freire, Mossoró, 2017)

Caboclo de lança, gonguê, alfaia, vassalos, catirinas, reis e rainhas, chequeré, calunga, dama do passo, ganzá, maracatu. Uma das manifestações mais importantes da cultura popular é o maracatu. Esta traz em seu legado um rito atravessado pela tradição. Um fabuloso patrimônio da cultura brasileira. Espetacular e único, carregado de referências culturais e ainda sim uma manifestação sem similar em qualquer ponto do planeta. Uma arte brasileiríssima, equilíbrio perfeito entre tradição e improviso. Valdeci ao narrar sobre essa manifestação cultural, a denomina como cerimônia, pois para se chegar até a avenida, se processa todo um ritual, presente desde o barração, onde acontece todo o aprendizado.

Os maracatus são muitos, centenas de grupos, guiados por duas tradições, o maracatu de baque virado, ou o maracatu nação. E o maracatu de baque solto, também chamado de maracatu rural. O Maracatu de Baque Virado, segundo Valdeci, se orgulha de ter grupos, ou nações, fundados ainda no início do século XIX. Mas a influência, a tradição, que acabou gerando o Maracatu Nação mais tarde, veio da África. Centenas de anos antes. Sua origem esta na coroação de reis e rainha do Congo, nos séculos XVII e XVIII, quando o Brasil era uma nação escravagista. A coroação era uma prática tolerada pelos senhores de escravos, por se tratar de uma tradição europeia. Com muita dignidade

Valdeci comenta que “os escravos foram transfigurando a coroação, trazendo para dentro do folguedo suas cores, personagens e crenças.

Esse ritual, descrito por Valdeci Freire, expressa posições, interpretações, pertencimento, identidade, como modos de ser, pensar e existir. Na vivência, experiência e ideologia de cada cultura, de cada sociedade, articulando hábitos e expressões em vários contextos sociais onde as pessoas estão inseridas, demarcando espaços e tempos, como bem salienta Van Gennep (1978, p. 16) o rito vem a ser um “fenômeno dotado de certos mecanismos recorrentes (no tempo e no espaço) e também de certo conjunto de significados”, e acrescenta que sua função essencial e básica, primordial assim dizendo, seria de “realizar uma espécie de costura entre posições e domínios, pois a sociedade é concebida [...] como uma totalidade dividida internamente”.

Na compreensão experiencial e afirmativa dos saberes/fazeres como abertura e disponibilidade fundamental do detalhar dos rituais, Van Gennep descreve uma análise minuciosa e concentrada das etapas e transições da vida permeada pela sociedade e sujeitos, definida por ele como “Ritos de Passagem”. Dois recortes são importantes serem pontuados, um inicial diz respeito à festa como rito carnavalesco nacional e o outro, a passagem do bloco carnavalesco do maracatu nas ruas, o desfile, o momento ímpar, compreendido desde a preparação até a saída do bloco na avenida. Nesses dois momentos, é perceptível observar a existência de uma passagem ritual, esta por sua vez definida por como “liminaridade”. Van Gennep (1978, p. 31) divide em três momentos essa tomada de consciência, essa passagem constituinte do processo de liminaridade:

Acredito ser legítimo distinguir uma categoria especial de Ritos de Passagem, que se decompõem, quando submetidos à análise, em Ritos de Separação, Ritos de Margem e Ritos de Agregação. [...] Os ritos de separação são mais desenvolvidos nas cerimônias dos funerais, os ritos de agregação, nas do casamento. Quanto aos ritos de margem, podem constituir uma secção importante, por exemplo, na gravidez, no noivado, na iniciação, ou se reduzirem ao mínimo na adoção, no segundo parto, no novo casamento, na passagem da segunda para a terceira classe de idade, etc. Se, por conseguinte, o esquema completo dos ritos de passagem admite em teoria ritos preliminares (separação), liminares (margem) e pós-liminares (agregação), na prática estamos longe de encontrar a equivalência dos três grupos, quer no que diz respeito à importância deles quer no grau de elaboração que apresentam.

Esses ritos sejam preliminares, liminares ou pós-liminares assim conceituados por Van Gennep (1978), são ritos de passagem, atravessados pela constituição transitória dos processos os quais criam uma relação interativa e dinâmica nos modelos, modos e contornos da arquitetura da vida, da alma, do ser de cada brincante, “desde a participação eventos que antecedem o período carnavalesco [...] a preparação do corpo para participar do carnaval e [...] dos ambientes onde acontecerão as festividades carnavalescas, entre outros” (JESUS, 2013, p. 53).

Na divisão desses três momentos, temos os ritos preliminares, configura-se como momento preparativo que antecede o a festa carnavalesca do maracatu, a construção e confecção dos figurinos, das paramentas, as místicas e oferendas às divindades religiosas e ancestrais, os ensaios para o cortejo e desfile na avenida, a preparação do corpo, da voz, a realização da maquiagem, tudo isso fazendo comparação das noções de Tunner (1974) ao estudo.

Outro estágio é considerado liminar, este é entendido como estado, momento ou fase de margem, onde tudo se concretiza. Ainda em comparativo aos estudos de Tunner (1974), por exemplo, descrevo da seguinte forma: sair na avenida em pleno cortejo carnavalesco, dançar, “pular o carnaval”, “brincar”, beber, descontraír-se, se fantasiar, vestir aquele figurino de rei e rainha do maracatu para homenagear os reis e rainhas do Congo. Turner (1974, p. 32) salienta: “as entidades liminares não se situam aqui nem lá; estão no meio e entre as posições atribuídas e ordenadas pela lei, pelos costumes, convenções e cerimonial”. A fase de límen, segundo o autor, “não está nem aqui, (presente), nem lá (futuro)”, mas permeia todo esse universo, todos os saberes/fazeres e práticas educativas, para tanto “seus atributos ambíguos e indeterminados exprimem-se por uma rica variedade de símbolos, naquelas várias sociedades que ritualizam as transições sociais e culturais”.

Fase de límen, “não está nem lá, (passado), nem adiante (futuro)”, mas no presente. O momento de juntar, reagregar tudo isso é conceituado como os ritos pós-liminares, o retorno. Em comparação as noções de Tunner (1974) ao estudo, descrevo da seguinte forma: o caminho de volta, fase esta em que passando o momento festivo, descontraído da saída do bloco do maracatu na avenida, vem à ressaca do dia seguinte, marcado pelo cansaço, porém permeado pelo pensamento de dever cumprido, realizado, na projeção da próxima saída e desfile do maracatu na rua.

5. Considerações Finais

Para tanto, o rito carnavalesco e os rituais, evidenciam cenários e territórios de aprendizagens, de saberes/fazeres. Evocam metáforas da vida cotidiana, modos de ver, ser e existir, rompendo estruturas sociais pré-estabelecidas, rotinas diárias e ingressando num universo da subjetividade, da brincadeira, considerando o mundo do carnaval, do maracatu como firmamento, meio de possibilidades, vinculado ao contexto social onde cada indivíduo esta inserido.

Esses ritos e rituais presentes na vivência carnavalesca do povo *maracatuzeiro*, é universo simbólico, onde a ancestralidade e a tradição são seus componentes construtivos. Nesse território foi possível perceber que o maracatu surge como uma prática cultural afrodescendente, como manifestação religiosa que se reconfigura ao longo da história dos negros/as. Sendo essa cultura um sistema de representações individuais e coletivas que dão sentido a sua prática. Nas relações cotidianas e na vivência carnavalesca o maracatu mossoroense por meio dos seus ritos e rituais, de

sua simbologia, é resistência, se faz religião, aciona memória ancestral e cria novos sentidos numa dinâmica de luta cultural, na preservação e valorização de toda a tradição *maracatuzeira*.

6. Referências Bibliográficas

DA MATTA, Roberto. **O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

_____, Roberto. 1936 – **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia de dilema brasileiro**. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DANTAS, M. **Dança: o enigma do movimento**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1999.

DOSSIÊ. **INRC-Inventário Nacional de Referências Culturais**. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/DOSSIE_MARACATU_NA%C3%87%C3%83O.pdf Acesso em 05/12/2018.

GENNEP, Arnold van. **Os ritos de passagem: estudo sistemático dos ritos da porta e da soleira, da hospitalidade, da adoção, gravidez e parto, nascimento, infância, puberdade, iniciação, ordenação, coroação, noivado, casamento, funerais, estações, etc...** Petrópolis: Vozes, 1978.

JESUS, Thiago Silva de Amorim. **Corpo, ritual, Pelotas e o carnaval: uma análise dos desfiles de rua entre 2008 e 2013** /Universidade do Sul de Santa Catarina, 2013.

MERLEAU-PONTY, M. **Conversas-1948**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MOTTA, F. C. P. **Cultura organizacional**. In: DAVEL, E.; VASCONCELOS, J. *Recursos Humanos e Subjetividades*. Petrópolis: Vozes, 1995.

SILVA, V. G. da (Org.). **Artes do Corpo**. São Paulo: Selo Negro Edições, 2004.

TURNER, Victor W. **O processo ritual: estrutura e anti-estrutura**. Petrópolis: Vozes, 1974.

IGREJA E POLÍTICA NA REVISTA ADVENTISTA NO REGIME MILITAR (1969-1974)

Moizes Saboia da Silva³⁵

Marcílio Lima Falcão³⁶

1. A serviço de Deus, pátria e família

O governo dos militares utilizou-se da ideia de Deus, pátria e família como objetivo de manter-se no poder. Nesse aspecto a família era a base. Deus estaria no topo sendo o protetor da Pátria e da família, mas, o alvo que se buscava atingir era a família. Assim, os militares trabalharam para que o projeto de poder que tinham para a nação se consolidasse.

Utilizando-se da crença em Deus, da ideia de nação e da construção da família pronunciou-se durante o Governo Médici diversos discursos em defesa da família, da nação e das crenças em Deus etc., que buscavam atingir diretamente as famílias à obediência e crença no governo militar.

Manter a imagem de governo honesto e em constante prosperidade para que se continuasse tendo aprovação de grande parcela da sociedade era necessário para a governabilidade. O Brasil do “Milagre Econômico”, da Copa do Mundo (1970) e das ações educacionais voltadas ao controle tinha no MOBRAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização) grande força para que se pudesse estar vinculado o desejo dos militares a que a população acreditasse que o Brasil vivia tempos áureos agora com os militares.

O país vivia dois lados de um mesmo governo, o crescimento econômico e a repressão representados pela censura e tortura. “Ao mesmo tempo em que uma parte da sociedade acreditava no governo com suas grandes obras, taxas de crescimento elevadas com média anual de crescimento do PIB entre as maiores do mundo” (EARP, 2013, p.209). Por outro lado, à oposição ao governo militar foi censurada, espancada, torturada ou morta nos porões de órgãos como DPOS “O projeto global de repressão e controle supunha não apenas a espionagem e a polícia política, mas também a censura, a propaganda política e o julgamento sumário de pretensos corruptos. “(FICO, 2004, p. 82).

Para o general Médici os militares haviam salvado o Brasil da ameaça comunista que estaria implantando no país bases para a tomada do poder, o que eleva o governo a aplicar a lei de Segurança Nacional “das instâncias de controle, vigilância e repressão do Estado [...] endossavam a prática policial” (OLIVEIRA, 2013, p. 87).

³⁵ Graduando em História na Universidade do Rio Grande do Norte. Membro do Grupo de Pesquisa Mnêmis. feziosa-boia01@gmail.com

³⁶ Professor do departamento de História da Universidade do Rio Grande do Norte (UERN).

A visão de que os brasileiros estariam salvos e a caminho do desenvolvimento foi reforçada com o discurso ufanista da propaganda do governo que fazia circular a ideia do Brasil Potência EARP (2013). Foi nesse contexto que os editores da revista não pouparam esforços em fazer circular artigos que abordavam disciplinamento das famílias e a obediência dos adventistas a visão sociopolítica do governo. Reforçavam nas páginas da *Revista Adventista* o processo de distanciamento crítico dos fiéis em relação às atitudes arbitrárias e antidemocráticas do governo ditatorial quando publicavam o trabalho do governo em beneficiar a fé adventista como, por exemplo, a autorização para se marcar exames de vestibulares em datas que não coincidissem com a guarda do sábado.

No início de setembro enviamos ao Ministro Jarbas Passarinho memorial que traduzia o interesse da juventude adventista em obter acesso aos cursos de nível superior, salientando que o maior dos impedimentos a esse legítimo desejo seria o de se marcarem exames vestibulares para a sexta-feira à noite ou para o sábado. Solicitamos os bons ofícios de Sua Excelência no sentido de ser levado em conta esse impedimento, não se marcando, então, provas nos períodos mencionados. Enviamos, simultaneamente, cópias desse memorial aos departamentais de Educação de Associações e Missões de todo o país, solicitando-lhes a mesma medida junto aos reitores das Universidades Federais locais, afim de termos bastante ampliados os raios de ação e influência da Igreja. [...] No mês de dezembro recebemos o telegrama que consta no clichê da página anterior. Somos gratos ao Sr. Ministro que, compreendendo o problema da mocidade adventista pré-universitária, tomou providência que muito nos beneficiou.

A *Revista Adventista* estampou inúmeros artigos buscando disciplinar a vida dos membros da igreja nos moldes da moral e dos “bons costumes”, obediência da mulher ao marido, amor à pátria, crença em Deus etc. Não existia contradição entre o que o governo discursava e o que os editores da revista publicavam, pois, o discurso que os editores estampavam nas páginas da revista visava “mascarar a alteridade social, criando-se uma imagem de sociedade harmônica, livre de conflitos.” (AQUINO, 1999, p.209.).

Aliado a essa visão, reforçam para a igreja que o tempo, o pensamento e a fé devem estar ligados às coisas divinas e não terrenas. Com esse discurso reduziam o senso de criticidade dos leitores para questionar os abusos que os militares praticavam. Os artigos contribuíam em manter os leitores distantes e apáticos em relação a tudo que fosse referente ao cotidiano político repressivo no país realizado pelo governo. A imagem de Deus que a revista usa para o periódico era a de um ser perfeito que possuía poderes além da medicina humana e estava sempre pronto a socorrer aqueles em harmonia com fé e moral bíblica. Acreditava no futuro promissor:

Deus conhece o futuro tão bem como o passado. Jamais devemos duvidar deste fato ou esquecê-lo. Sempre tenhamos isto em mente ao fazermos planos para o futuro. Se formos obrigados a modifica-los ou abandoná-los devido a circunstâncias imprevistas, coloquemo-los perante o Senhor e esperemos então pacientemente pela revelação de Sua vontade. (MILLS, Merle L. Esperando no Senhor. *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 65, nº 3, p.3, março de 1970).

Merle L. Mills, pastor norte-americano e autor do artigo acima, enfatiza para os membros que Deus é senhor do tempo e reforça para o leitor que o mesmo deve crer somente no divino. Essas ideias lançadas pelos editores levavam os membros da igreja ao conformismo fazendo com que houvesse uma situação acrítica no mundo adventista em relação ao governo.

Não havia reflexão política, pois, os discursos religiosos publicados na revista distanciavam os fiéis fazendo com que a corroboração da Igreja fosse ao regime, eficaz. Isso era tudo que os militares queriam porque a ordem era mantida “[...] o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível no qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem.” (BOURDIEU, 1989, p. 8).

A censura aos meios de comunicação era constante e os órgãos de fiscalização das notícias eram presentes nos mais diversos meios midiáticos. Pelo país “a censura à imprensa foi tão sistemática que rotinizou-se [...] a imprensa escrita foi uma das grandes vítimas da censura.” (FICO 2001, p. 168). Não se deveria publicar nada que fosse considerado contrário aos ideais dos militares.

A tentativa de publicar quaisquer mensagens consideradas “perigosas” eram logo barradas ou censuradas e “ao manter a censura [...] o Estado desejava bloquear o risco, que eles representavam, para o projeto de desenvolvimento econômico delineado nas metas da Doutrina de Segurança Nacional.” (AQUINO, 1999, p. 220.) Buscou-se evitar e barrar tudo que fosse considerado de ordem subversiva, ou seja, tudo que não era a favor do regime seria considerado pernicioso e passível de tachar como proibido.

Assim, pátria era o lugar, um grande lugar de destaque nas falas dos militares juntamente com a ideia de família. Era importante juntar o tripé “Deus, pátria e família”, pois, buscava-se gerar unidade na sociedade. Buscava-se criar na população brasileira a consciência de que o Brasil era terra que deveria ser amada e cuidada contra todos os que não fossem obedientes ao regime. Não há dúvidas de que o general Médici foi o mais ufanista do período em que os militares estiveram na Presidência da República.

Slogans como: “Ame-o ou deixe-o”, “Ninguém mais segura este país”, “Este é um país que vai pra frente” dentre outros circulavam na propaganda oficial do governo para consolidar a imagem de que seguia-se a passos largos rumo ao progresso em equiparação aos países modernos do mundo e tendo como exemplo primário “o grande irmão do Norte”, os Estados Unidos.

A mídia servia para mostrar uma sociedade perfeita e em plena harmonia omitindo-se a tortura e censura nos porões da ditadura. O crescimento econômico contribuiu para a aprovação de Médici. Pesquisa feita pelo IBOPE em 1971 dizia que havia 82% de aprovação e “no ano seguinte, a economia veio a crescer 11,9%, [...] a maior taxa de todos os tempos. A renda per capita dos brasileiros havia aumentado 50%”. (FIGUEIRÓ, 2014, p.41).

O governo conseguiu manter-se no poder utilizando-se do “milagre econômico” como moeda de discurso afirmando que o país crescia constantemente. A propaganda servia para formar a imagem de governo próspero e era voltada para todos. Os números positivos ajudavam a fortalecer a mensagem e a crença no governo escondendo ou encobrindo os abusos do golpe militar de 1964.

Não se deixou de atuar com foco na família brasileira. Era crucial manter os cidadãos crentes no governo. Manter a moral e os bons costumes era importante para que o governo se mantivesse e isso era feito com discursos que elevavam a importância que a família tinha para a nação. Em discurso proferido em 1970, Garrastazu Médici, fortalece a crença de que os brasileiros são fundamentais para o progresso da nação. A família era o centro a ser atingido. Médici é enfático em seu discurso intitulado “A semente da continuidade”:

NESTE dia 8 de dezembro consagrado à família, venho trazer à família brasileira a minha homenagem, menos na condição passageira de Chefe de Estado que na permanência do chefe de família de toda uma existência. Chefe de família, quero dizer aos muitos iguais a mim a minha compreensão de que a família é o universo onde se realizam e se sublimam as formas essenciais do amor: amor entre o homem e a mulher, o amor pelos filhos, o amor dos filhos, o amor dos irmãos, o amor a Deus. Encontro na família brasileira a vocação da solidariedade e da justiça, da serenidade, do consenso e da paz, com que o nosso homem haverá de dar a sua contribuição para o tempo e o mundo em que haja menos egoísmo e discriminação, instabilidade, conflito e agressão. Chefe de Estado, quero dizer à família brasileira a minha compreensão de que o Estado não pode substituir-se à Família, nem penetrar a essência de sua intimidade, mas que é de seu dever dar-lhe apoio e proteção para que nela o homem recolha as sementes de sua realização individual e os ideais de cumprir sua vocação como povo. E entendendo na família o fio de que se tece a sociedade, encontro, na família brasileira, a certeza de estarmos construindo, no Brasil, uma sociedade livre e generosa. (mensagem do presidente Emílio Garrastazu Médici, lida em rede de rádio e televisão, no dia da família, a 8/12/1970).

Percebe-se na mensagem de Médici que a família é o universo dos sentimentos nobres que a nação deveria ter. É de se notar que ele faz questão no discurso de dizer que sai da condição de Chefe de Estado e se põe como chefe de família. O mesmo busca se aproximar do ouvinte ao buscar se colocar no mesmo patamar de igualdade. Enfatiza para o ouvinte da mensagem que o amor à pátria é essencial. Busca-se uma sociedade obediente e acrítica.

Médici clama e enfatiza ainda que o amor é a forma essencial para se manter as relações entre as famílias e termina dizendo que isso vai dar no amor a Deus. Ele se utiliza da fé dos brasileiros em Deus para formar a mensagem e fortalecer a ideia de governo abençoado.

É importante frisar ainda no discurso que a família é elevada a um patamar único, a um patamar singular para a nação, pois, essa é responsável, segundo Médici, pela solidariedade, justiça, serenidade, consenso, paz etc. Para Médici a família era um órgão importante para a manutenção do governo, pois, era nesta que havia o disciplinamento e o controle para a obediência ao regime. O

presidente deixa claro ainda que embora a família seja uma entidade íntima, o Estado interviria nela para o próprio bem e proteção da mesma. Assim:

Encontro na família as sementes da continuidade, da educação de base e da promoção da pessoa humana, atento ao anseio de perpetuação do indivíduo e da comunidade, à criação de hábitos indispensáveis à vida social e à plenitude psíquica e biológica com que a paternidade e a maternidade completam a realização integral do ser. (Mensagem do presidente Emílio Garrastazu Médici, lida em rede de rádio e televisão, no dia da família, a 8/12/1970).

Médici é enfático ao afirmar que estão na família as bases da educação e da formação humana. A família brasileira era vista como um processo importante para que o governo pudesse levar adiante o sistema ideário militar de governo no Brasil. Era necessário cultivar nos lares brasileiros ideias de amor à pátria, ao governo e a Deus, pois, esses aspectos fariam com que os homens e mulheres do país cressem que realmente o país estava nas mãos certas para ser levado ao rumo do progresso europeu e estadunidense.

A *Revista Adventista* publicou inúmeros artigos direcionados para as famílias brasileiras adventistas. Os pastores que escreviam buscavam além de manter as famílias fiéis aos costumes e moral adventista também tinha sua contribuição com o governo ao disciplinar como as famílias deveriam agir na sociedade brasileira reforçando o amor à pátria. Em artigo publicado *O Altar da Família* em novembro de 1969, Kenneth H. Wood, pastor e editor da *Revista Adventista* norte-americana, em que afirma:

O esposo (ou pai) tem a responsabilidade de tomar a iniciativa de estabelecer o culto familiar e dirigi-lo duas vezes por dia. Se o homem é realmente o chefe da casa, esse é um legítimo lugar em que deve assumir as suas responsabilidades! Os patriarcas servem de exemplo neste sentido. Abraão tomava a liderança do culto prestado a Deus. Dificilmente se pode imaginar que esse patriarca confiasse a Sara a responsabilidade de estabelecer o altar da família e imolar o cordeiro sacrificial. (WOOD, Kenneth H. O altar da família. *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 64, nº 11, p.13, novembro de 1969).

O pastor incentiva que os homens não deixem de fazer orações e gerenciem os lares para que os mesmos estejam em constante obediência aos mandamentos divinos e consequentemente a doutrina da Igreja. É importante frisar que nesse artigo diz que a liderança pertence ao homem e não a mulher, pois, como responsável pelo lar, o pai deveria moldar e disciplinar a casa para que esta permaneça fiel. Reforçando assim o patriarcalismo. (WOOD, Kenneth H. O altar da família. *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 64, nº 11, p.13, novembro de 1969). Deveriam agir assim os homens nos lares, pois, as mulheres restariam cuidar da casa e educação dos filhos.

Os lares brasileiros eram muito importantes para o governo e o lar adventista não deixa de ser um segmento importante, no entanto, a própria Igreja fazia o trabalho de manter os membros

obedientes aos “bons costumes e a moral”. Os lares adventistas eram disciplinados com discursos bíblicos diversos. Os autores sabiam como trabalhar as histórias bíblicas e moldavam as narrativas bíblicas para que se enquadrassem no contexto que almejam atingir.

Os avanços tecnológicos que os anos 1970 trouxeram como a televisão, os eletrodomésticos associados ao cinema, atingiam as famílias, o que alertava com mais intensidade a igreja a ampliar a disciplina. O pastor Kenneth H. Wood afirma no artigo publicado em dezembro de 1969:

Satanás fará todo o possível para evitar que as famílias realizem o culto e orem juntas. Sabe muito bem que seus planos não podem ter êxito se o poder da oração batalha contra ele. No entanto, se o pai e a mãe tomarem a firme decisão de erigirem o altar da família, serão bem sucedidos. Algumas famílias alegam não ter tempo para o culto. Isso, por certo, dificilmente é verdade. Todos têm a mesma porção de tempo. A maioria das pessoas não têm falta de tempo, e, sim, de organização. Precisam traçar planos mais definidos e pô-los em execução. (WOOD, Kenneth O altar da família. *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 64, n° 12, p.19, dezembro de 1969).

O pastor critica os membros que não fazem a revisão/leitura da bíblia nos lares afirmando que estes possuem tempo, mas, não organização reforçando o poder disciplinador que a igreja buscava manter até mesmo no interior dos lares adventistas. Reforça que é necessário estar inteirado com a leitura da bíblia afirmando que o sucesso seria dos que se mantiverem firmados na fé.

Dessa forma, se constrói um corpo de fiéis que segue as ordens dos líderes das igrejas até mesmo dentro dos lares fazendo com que os mesmos sejam obedientes ao que se proclamar dentro das igrejas levando com isso o fortalecimento do apoio ao governo do General Médici.

3.

4. O apoio a Médici

Dentre os meios de comunicação que deram apoio ao regime militar inicialmente, estão, por exemplo, os jornais *Correio da Manhã* (RJ), *Diário da Noite* (SP) e revistas como *Fatos & Fotos* (RJ), *O Cruzeiro* (RJ) etc. Esses impressos buscavam em troca do apoio benesses do governo:

Em sua maioria, os meios de comunicação compartilhavam com o regime [...]. O governo exercia um forte controle sobre esses meios de comunicação que tendiam, obviamente, a apoiá-lo. Através de uma política de concessão de licenças ou registros para a atuação de emissoras de televisão, jornais, revistas etc., o governo criava uma espécie de vínculo político que, de certa forma, convertia o apoio inicial dado pelo Estado aos donos das empresas de comunicação em dividendos políticos, criando assim uma poderosa infra-estrutura no nível da propaganda ideológica. (MARTINS, 1999, p.15.)

Para Martins (1999) os meios de comunicação não apoiaram o golpe sem um retorno, pois, ao mesmo tempo em que se buscava o controle da mídia pelo governo era necessário ceder algo. O

governo controlava a mídia de massa e está recebia incentivos fiscais do regime. Essa negociação era possível, porque:

O poder, na verdade, não se exerce sem que custe alguma coisa [...] se a violência for grande, há o risco de provocar revoltas; ou, se a intervenção for muito descontínua, há o risco de permitir o desenvolvimento, nos intervalos, dos fenômenos de resistência, de desobediência, de custo político elevado.” (FOUCAULT, 2012, p. 330).

Sabe-se que o regime militar não iria conseguir calar a mídia do país apenas com a repressão, pois, isso só traria mais desordem e o regime não iria conseguir manter-se por muito tempo, porque os meios de comunicação são raízes que chegam a vários lugares disseminando notícias, moldando, contribuindo ou não com o que querem.

A mídia não estava permitida publicar tudo que queria. Era necessário passar pelo crivo dos censores do governo para ser aprovado ou não o que se deveria chegar à casa dos brasileiros. Nada poderia trazer dúvidas de que o governo estava no caminho certo e havia sido o melhor para o Brasil, mesmo que isso tenha sido um tiro na democracia, um rasgo na Constituição de 1946.

O Executivo publicou o AI-5, concentrando e conferindo excepcionalidade maior ao presidente; limitando ou extinguindo liberdades democráticas e suspendendo garantias constitucionais [...] o Congresso Nacional foi fechado por tempo indeterminado. (AQUINO, 1999, p.206)

A *Revista Adventista* não encontrou barreiras ou empecilhos para as publicações e demais notícias que eram publicadas nos diversos artigos que os pastores e editores do periódico divulgavam, pois, estavam compactuados. Ao longo do período em que os militares estiveram no comando do Brasil à revista circulou de modo frequente e presente sendo cada vez mais implantados recursos modernos e moldes para que os fiéis continuassem na permanência como assinantes.

Com o pretexto dado para que o governo pudesse ser mais firme na execução do plano de governo que tinha para o país, Costa e Silva, junto com 15 ministros, no palácio Laranjeiras, no Rio de Janeiro, 7 oficiais gerais e o vice-presidente, decidiram instituir o AI-5:

O presidente da República, que se considera ainda um legítimo representante da Revolução de 31 de março de 1964, vê-se em um momento crítico, em que ele tem de tomar uma decisão optativa: ou a Revolução continua ou a Revolução se desagrega (...) Ainda há poucos dias, falando a um grupo de deputados, eu usei uma imagem: a maré é violenta contra as costas nossas, procurando eclodir a área revolucionária, a área política, levando o país à desagregação. Desagregação material, moral e política. Não há dúvida de que tratam de fazer isso por todos os meios e modos. Então, é um momento histórico em que devemos ter uma definição clara e insofismável de que o Brasil precisa dessa união. Meus senhores, quando o fenômeno se me apresentou, eu repeli uma decisão imediata, porque compreendo

que um fato como esse, um ato como esse, exige reflexão, mas também exige, após a reflexão, uma decisão.³⁷

Costa e Silva evoca a defesa da área moral e política do país. Desse modo, ele afirma que a luta contra os “inimigos” é por todos os lados, pois, estes buscariam destruir por todos os meios o governo e com “a edição desse ato tornou possível cassar mandatos, suspender direitos políticos e garantias individuais e criou condições para a censura à divulgação da informação, à manifestação de opiniões e às produções culturais e artísticas. Começa aí o período chamado “anos de chumbo”. (REIMÃO, 2014, 76). Clama ainda a necessidade de que o Brasil precisa unir-se em favor de si mesmo, pois, o medo do comunismo era constante. No entanto, sua fala tem a finalidade, na verdade, de fortalecer os poderes do Executivo no Brasil “a partir desse momento, com o endurecimento político propugnado pelo Ato, torna-se claro que as rédeas da condução do país, no âmbito militar, haviam mudado definitivamente de posição” (AQUINO, 1999, p. 206).

Com esse Ato, os presidentes que seguiram governando o Brasil como Médici e Ernesto Geisel, por exemplo, passaram a ter poderes plenos podendo fechar o Congresso, acabar com o direito de *habeas corpus* entre outras medidas autoritárias que feriam diretamente a democracia. O próprio Médici, sucessor de Costa e Silva, que participou da reunião fala:

Eu me sinto perfeitamente à vontade, senhor presidente, e por que não dizer com bastante satisfação em dar o meu ‘aprovo’ ao documento que me é apresentado. Acredito, senhor presidente, que com sua formação democrática, foi Vossa Excelência tolerante por demais. Porque, naquela oportunidade, eu já solicitava a Vossa Excelência que fossem tomadas medidas excepcionais para combater a contra-Revolução que estava na rua.³⁸

Com a morte de Costa e Silva houve muitos burburinhos e tramas para alocarem o novo comandante do Executivo Nacional. Não havia paz e harmonia entre os golpistas, mas, sim, vários interesses particulares que se mesclavam entre benefícios e perdas, porém, era preciso escolher o quanto antes quem iria comandar a nação e acabou-se firmando o nome de Emílio Garrastazu Médici que assumiu a presidência da República ocupando o 28º posto de chefe do Executivo Nacional e terceiro do regime militar em 30 de outubro de 1969:

Todos os presidentes da ditadura militar repetiram que chegaram ao palácio sem terem desejado o cargo. Em todos os casos, em graus variáveis, isso foi uma falsidade. Deles, o que me menos se mexeu para vestir a faixa foi Emílio Garrastazu Médici. Quando seu amigo Costa e Silva perdeu a fala, ele estava no comando do III Exército. Apesar de ser visto desde alguns meses como uma nítida alternativa militar para a sucessão de 1971, era improvável que se impusesse num quadro normal. Na anarquia de setembro de 1969, pareceu talhado para o cargo. (GASPARI, 2002, p.125)

³⁷ Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/folha/treinamento/hotsites/ai5/>> acesso em 02 de julho de 2019 às 9h.

³⁸ Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/folha/treinamento/hotsites/ai5/>> acesso em 02 de julho de 2019 às 9h.

As páginas da *Revista Adventista* estão recheadas de passagens políticas mostrando o relacionamento bastante amigável que os editores tinham com o governo. A revista de janeiro de 1970 estampa o desfile da comemoração do dia 7 de setembro mostrando que compactua com as datas cívicas do país. No pequeno artigo intitulado *Comemorações Cívicas* de autoria Günther H. Bleck, professor do Instituto Adventista de Ensino de São Paulo, afirma que:

Ao se apagarem as luzes de 1968, percebemos que as que mais brilharam nestas colinas foram as das comemorações cívicas. Existe aqui uma Comissão de Civismo que começa dando o exemplo. A presença do espírito cívico no IAE é bem real, e em se tratando da máxima data, o 7 DE SETEMBRO, nosso educandário se engalana mesmo, como demonstram os flagrantes que ilustram o noticiário deste mês. (BLECK, Gunther H. Comemorações cívicas. *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 65, nº 1, p.34, janeiro de 1970).

Percebe-se que o pastor deixa claro que as comemorações cívicas são importantes e dessa forma acabam trazendo para si o agrado dos militares. O autor busca deixar claro que os membros da Igreja Adventista são patriotas e estão a favor do Brasil. É importante lembrar que a revista não divulgou mortes, torturas ou quaisquer notícias que viessem a desagradar o regime. Buscou trabalhar para manter-se viva, circulando. Utilizou-se do patriotismo, discurso conservador autoritário e do discurso religioso como estratégia de sobrevivência ao regime.

Enfatizar que eram patriotas, os editores na revista, era muito importante para ganhar a estima do governo, afinal, a pátria era muito importante para o discurso dos militares, pois, era o Brasil, a terra dos brasileiros que teriam sido salvos pelos “heróis de 1964”.

É importante frisar que é escrito em letra de forma a data que se comemora para que fique claro que o civismo da Igreja Adventista é real, como o próprio pastor faz questão de deixar claro. Traz à tona que os jovens estão sendo educados a amar à pátria e a obedecer ao regime. Na imagem que a revista pública é possível ver estudantes segurando faixas que simbolizam o governo do Brasil.

Figura 4 – Desfile cívico do Instituto Adventista de Ensino.



Fonte: Acervo digital da Igreja Adventista do Sétimo dia. *Revista Adventista*, p.34, janeiro de 1970.).

Ainda é possível ver que os responsáveis pelo desfile dos alunos do Instituto Adventista de Ensino (IAE) fizeram uma espécie de coreografia para apresentar o respeito e a obediência às datas cívicas, afinal, os símbolos são importantes pela função pedagógica de disciplinamento.

A Igreja Adventista manteve uma aproximação amigável com o governo militar. Isso fica claro na fala do pastor Antônio A. Nepomuceno que ao tratar no artigo sobre o *Departamento de Assuntos Cívico-Religiosos da Confederação das Uniões Brasileiras da IASD* em abril de 1971 comenta que:

Em todas as entrevistas mantidas com autoridades militares e civis procuramos deixar clara a posição da Igreja Adventista do Sétimo Dia, e de seus membros, de fielmente trabalharem por Deus e pelo nosso Brasil. É notável o grau de simpatia que desfruta nossa Igreja no mundo oficial. O nome adventista do sétimo dia, longe de ser um empecilho, é hoje uma recomendação. Sentimos essa atitude amiga entre militares, senadores, deputados etc. (NEPOMUCENO, Antonio A. *Departamento de Assuntos Cívico-Religiosos da Confederação das Uniões Brasileiras da IASD. Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 66, n° 4, p.37, abril de 1971).

A Igreja Adventista do Sétimo se tornou uma recomendação no meio dos militares, pois, a mesma estava em sintonia com o projeto de governo que havia para o Brasil.

Ela vira uma referência, pois, corrobora no sentido em que quer uma sociedade ajustada, uma família ajustada estrategicamente associando o discurso religioso para isso. Faz isso na medida em que faz circular o discurso que corroborava no amoldamento das relações intrafamiliares, à medida que busca posicionar o papel dos homens e mulheres na sociedade.

Em diversas ocasiões, líderes da igreja estão juntos em inaugurações de novas igrejas, escolas, centros de saúde. A corroboração que havia não era somente nas páginas da *Revista Adventista*, pois, ela também estava junta nos espaços sociais em apoio ao governo.

Nas páginas da revista é possível encontrar diversas situações em que autoridades religiosas adventistas da igreja estão juntas em diversas inaugurações de novas igrejas, escolas ou centros de saúde com a presença de militares, governadores, deputados e até mesmo o próprio general Emílio Garrastazu Médici. Dentre governadores estão o pernambucano, Nilo Coelho, estampado na revista de fevereiro de 1970, o goiano, Otávio Lage de Siqueira e a primeira Dama do Estado, Sra. Marilda Siqueira e o paranaense Leon Peres, na edição de fevereiro de 1971.

As lideranças da igreja não estão apenas na revista. Elas aparecem no mundo social ativamente em áreas em que a população se identifica como escolas, hospitais, universidades. Todos esses campos são pontos de grande importância na sociedade brasileira. Esses são laços de afetividade pelos equipamentos urbanos. Não são solenidades quaisquer. No mundo social se congratulavam.

Em uma ocasião especial, o concurso bíblico, a presença do general Médici é destacada nas páginas do período na comemoração em que uma das vencedoras, Gerda de Burgo, pertencente à

Igreja Adventista, recebe de Médici e o presidente da Academia Brasileira de Letras, Dr. Austregésilo de Atayde, as congratulações pela vitória:

Às 11h de 5.a feira, 9 de setembro, no Palácio das Laranjeiras, o General Emílio G. Médici, patrono nacional do Concurso, recepcionava a Comissão composta pelo Dr. Erasmo Martins Pedro, Vice-governador da Guanabara, do Prof. Benjamim Moraes, Presidente da Sociedade Bíblica do Brasil e do Presidente da Comissão-promotor a que acompanhavam a irmã Gerda de Burgo. Sua Excelência palestrou com todos gentil, afável e tranquilamente. A pedido da campeã autografou uma Bíblia especial que Gerda recebeu de lembrança da Sociedade Bíblica do 'Brasil, dizendo que lhe era um a honra fazê-lo. O irmão Lobo deu ao Presidente alguns esclarecimentos sobre a mecânica do concurso, e entregou-lhe uma pasta contendo as folhas mimeografadas com perguntas e respostas bíblicas das três provas do Concurso. O Presidente animou-os a prosseguirem com essa feliz providência estimulante à leitura e atenção ao Livro dos livros. Ao final do encontro o Vice-Governador revelou ao Presidente que as igrejas evangélicas oram por êle como primeiro mandatário da República, necessitado que é, naturalmente, da graça e da proteção divinas. Sua Excelência agradeceu apertando a mão de todos ao despedir-se e declarou que realmente necessita as orações de todos para poder, com segurança, prosseguir no lema da Presidência do Brasil. (LOBO, Haroldo F. O Presidente da Academia Brasileira de Letras entrega o título de campeã a irmã Gerda de Burgo. *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 67, nº 1, p.17, janeiro de 1972).

A imagem que a revista constrói de Emílio Garrastazu Médici é de um homem gentil, afável e tranquilo. Os editores constroem esse lado, pois, estão dentro do projeto de governo, possuem os mesmos ideais. Mostrar Médici como um homem gentil, afável e dócil desvirtua a imagem de tortura, de opressão e de autoritarismo aproximando assim a ideia de governo abençoado e legitimado. Levar um Médici amigável para as páginas da revista é importante para distanciar o senso crítico de um governo que censurava, torturava e matava opositores.

A revista estampa uma comemoração no Palácio das Laranjeiras com a vencedora, Gerda de Burgo, mostrando a congratulação de Médici e a Igreja. Houve uma congratulação de ambos. A igreja busca firmar que querem que o governo tenha sucesso dizendo que não são inimigos dos militares, pois, possuem os mesmos objetivos.

A IASD travou uma batalha ao lado de Médici contra os mesmos inimigos. A igreja apoiou o regime, pois, o sucesso do governo era o sucesso da mesma. A batalha que os editores travavam era contra os subversivos em busca da liberdade, mas, não a liberdade individual de crença e decisão racional, mas, a liberdade que buscava a eliminação do comunismo, dos contrários a doutrina adventista e militar. A igreja buscava expandir-se e investia no nacionalismo como estratégia para que a juventude fosse disciplinada e educada à obediência.

Possuía dois políticos importantes que atuavam diretamente em favor dela, o deputado federal, Igor Losso, e o irmão, Ezequias Losso, deputado estadual pelo Paraná. A igreja ainda destaca nas páginas do periódico o nome de Luiz Losso, pai dos deputados citados. Todos eram pertencentes ao

quadro da IASD e a Igreja faz questão de divulgar nas páginas do impresso a atuação dos três em favor da mesma.

Era importante ter membros no Congresso representando interesses dela, afinal, a congregação possuía interesses em expandir-se pelo Brasil e aumentar o número de fiéis, mas, também manter-se livre para cultivar a fé que possuía. Mostrar que a igreja tinha representantes políticos no Congresso era uma forma de mostrar poder ao leitor do periódico.

A família Losso foi divulgada nas páginas da revista como forma de mostrar que a Igreja estava dentro do seio político atuando em favor dos membros, mas, não somente dos membros, e sim, do crescimento e expansão de sua literatura e doutrina.

Atuava de modo forte dentro do Congresso Nacional através dos deputados para aprovar leis que pudessem beneficiar os membros da IASD como liberdade de não fazer exame durante o sábado. Os editores publicam a obra do deputado federal, Igo Losso, para mostrar que estavam cuidando dos interesses dos membros também. O projeto iria beneficiar diretamente todos os fiéis e, claro, se expandiria para as demais religiões que tem a guarda do sábado como quesito de fé.

Igo Losso pertenceu a Comissão de Constituição e Justiça sendo suplente em 1975. Pertenceu a comissão de economia e comércio, membro efetivo em 1975, 1979 e 1980 e membro efetivo como parecerista do código civil. Era um apoiador do regime militar e acreditava que o governo dos militares havia sido o melhor que aconteceu no Brasil:

[...] Em 1964, quando no grito de Independência foi dado, marca também um momento sério de nossa vida política, pois o país naqueles dias foi arrancado das mãos de quantos não se importavam de conduzi-lo à morte e ao caos inconsequente, e a sua consequente dependência. Assim Senhor Presidente, 1822 está para os patriotas e nacionalistas da época, tanto quanto 1964 está para os patriotas e nacionalistas de nosso tempo. Graças a Deus que o grande ímpeto hoje existe, mais vivo do que nunca.³⁹

O deputado deixa claro o apoio que dava ao regime militar. Ele tece elogios e incita o louvor ao ano de 1964. Comparava essa data com a Independência para dizer que o Brasil se livrou de um mal, o comunismo. Não havia censura para as falas do deputado, pois, o mesmo falava a língua do regime apoiando o governo elevando a mensagem conservadora de disciplinamento e obediência com o uso do discurso religioso:

A família precisa ser preservada, apoiada e consolidada dentro de seus mais elevados princípios morais. Ela é a célula mater de toda a estrutura social. Uma sociedade será tanto mais sã, quanto melhor for a conduta dos membros que a integram e será tanto mais corrupta à medida que a família for atingida em sua constituição. Concito todos, autoridades e povo, para que juntos pensemos na magnitude de um lar bem

³⁹ **Diário do Congresso Nacional** (seção I), 7 de março de 1975. Disponível em: <http://imagem.camara.gov.br/dc_20.asp?selCodColecaoCsv=J&txPagina=2287&DataIn=05/09/1975&txSuplemento=#/> Acesso em 08/09/2019 às 19h15minh.

organizado e bem ordenado. Isso só poderá ser obtido quando todos os homens e seus governantes voltarem suas atenções e pensamentos ao Criador de todo o Universo, que foi também o Criador do Lar⁴⁰.

A *Revista Adventista* era mais uma frente de auxílio, pois, contribuiu de maneira eficaz para que o governo se consolidasse e se mantivesse.

O deputado se utiliza do tripé Deus, pátria e família para que sua mensagem seja aceita. Com as palavras e atitudes que possuíam dentro do Congresso Nacional se tornou uma força de reforço tanto para os editores da revista quanto para o governo. Igo Losso atuou de duas formas, pois, preocupava-se com a Igreja e também em uma de suas falas no Congresso apontou que:

Esperamos trazer a esta Câmara muitos problemas, debatê-los e discuti-los, numa linha de atuação que não peque pelo excesso e impertinência e nem pela omissão ou indiferença. mas, sim, que represente o irrestrito cumprimento do dever, para com Deus. para com a Pátria e para com o povo que em nós confia. Ansiamos por viver os mais altos sentimentos de civismo e nacionalidade, na magnitude dos debates e resoluções legislativas. Nesta esplêndida tarefa, estamos desde já integrados, defendendo intransigentemente os princípios dos ideais cristãos e democráticos de servir com zelo e lealdade. Tudo o que for justo e bom, tudo o que contribuir para o entendimento entre os homens, tudo o que for pelo respeito à dignidade humana e às autoridades constituídas. tudo o que vi-se ao atendimento e ao amparo ao pobre e ao necessitado, ao trabalhador e ao funcionário público, ao lavrador e ao empresário, tudo o que for para a defesa de nossa soberania e ordem pública, tudo o que contribuir para um crescente desenvolvimento nacional, tudo o que contribuir para o soerguimento moral e espiritual do povo brasileiro merecerá nosso integral apoio, como também, por outro lado, combateremos tenazmente tudo quanto vise direta ou indiretamente, ao retrocesso, à estagnação ou à insegurança nacional, com a quebra da paz e tranquilidade em que vive o nosso povo⁴¹.

O deputado discursa fortemente enfatizando que o país será defendido contra tudo o que levar a insegura e mal estar, contra todos os opositores. Para o deputado o país estava vivendo tempos de paz e era o momento de trabalhar pelo bem da população. É perceptível o alinhamento com o governo em seu discurso na medida em que busca fortalecer a ideias de que o país vive tempos áureos com os militares. Reforça ainda o discurso religioso para solidificar seu discurso da tríade, Deus, Pátria e Família.

A atuação do deputado em favor da igreja vai de propostas de projetos para tornar o sábado possível de cumprimento pelos fiéis da igreja a projetos na área da educação. Ele propôs um projeto de lei com o propósito de suprimir as aulas e todas as atividades curriculares aos sábados em todo o território nacional⁴². “Assim, a educação adventista se tornou uma parte consistente da estrutura da

⁴⁰ **Diário do Congresso Nacional** (seção I), 7 de março de 1975. Disponível em: <<http://imagem.camara.gov.br/Imagem/d/pdf/DCD08JUN1976.pdf#page=22>> Acesso em 08/09/2019 às 19h15minh.

⁴¹ **Diário do Congresso Nacional** (seção I), 7 de março de 1975. Disponível em: <<http://imagem.camara.gov.br/Imagem/d/pdf/DCD07MAR1975.pdf#page=6>> Acesso em 08/09/2019 às 19h15minh.

⁴² **Diário do Congresso Nacional** (seção I), 7 de maio de 1975. Disponível: < <http://imagem.camara.gov.br/Imagem/d/pdf/DCD07MAI1975.pdf#page=76>> Acesso em 08/09/2019 às 19h24minh.

Igreja Adventista do Sétimo Dia [...], alcançando, em meados da década de 1970, o número de 4.300 escolas, nas quais empregava 19.500 professores e atendia a 437.000 estudantes”. (Ferreira, P. V., & Souza, R. M. de Q. p, 7, 2018). No entanto, o principal campo de embate dos editores era a revista, pois, era nela que se buscava atingir os jovens.

À juventude da igreja eram levados diversos artigos que enfatizavam o modo como deveriam se vestir, andar e portar-se nos lares, escolas, universidades “para os adventistas, a educação desempenha um papel vital no contexto dos acontecimentos finais da terra, de modo [...], pretendendo ser redentora da humanidade [...]”. (Ferreira, P. V., & Souza, R. M. de Q. p, 13, 2018) Os editores possuíam ampla liberdade de publicar artigos nas páginas da *Revista Adventista* passando por todo o período censório sem mudar a forma de publicar suas páginas, pelo contrário, algumas vezes aumentando páginas e corroborando com a imagem que os militares expressavam em seus discursos nos mais diversos lugares.

5. Referências Bibliográficas

- AQUINO, Maria Aparecida de. **Censura, Imprensa e Estado Autoritário (1968-1978):** o exercício cotidiano da dominação da resistência: O Estado de São Paulo e Movimento. Bauru: EDUSC, 1999.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** Tradução Fernando Tomaz; revisão da tradução Fernando Portugal. – Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.
- FICO, Carlos. **Além do golpe:** a tomada do poder em 31 de março de 1964 e a ditadura militar. – Rio de Janeiro: Record, 2004.
- FICO, Carlos. **Como eles agiam:** os subterrâneos da Ditadura Militar: espionagem e polícia política. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- FIGUEIRÓ, Francisca Bruxel. **Médici e a comunicação:** propaganda política durante o regime militar no Brasil. 2014. Monografia – Centro Universitário Univates, 2014. Disponível em: <<https://www.univates.br/bdu/bitstream/10737/686/1/2014FranciscaBruxelFigueiro.pdf>> acesso em 18/08/2019 às 16h.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso:** aula inaugural no Collège de France, pronunciado em 2 de novembro de 1970. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. – 22. Ed. – São Paulo: Edições Loyola, 2012.
- GASPARI, Elio. **A ditadura escancarada.** . – São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina de. (Org's.). Vários autores. **História da imprensa no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2008.
- MARTINS, Ricardo Constante. **Ditadura Militar e Propaganda Política: A Revista Manchete Durante o Governo Médici.** Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Federal de São Carlos, 1999.
- OLIVEIRA, Nilo Dias de. **A Configuração do Sistema Nacional de Repressão no Governo JK (1956 a 1961).** Tese (Doutorado em História). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2013.
- REIMÃO, Sandra. “**Proibido a publicação e circulação...**” – Censura a livros da ditadura militar, 2014. Disponível em <https://www.researchgate.net/publication/269920036_Proibo_a_publicacao_e_circulacao_-_censura_a_livros_na_ditadura_militar> Acesso em 13/03/2020 às 14h14.

A BRASILIDADE DO SEPULTURA: O CASO ROOTS

Francisco de Lima Ribeiro Júnior⁴³

Paulo Santos Dantas⁴⁴

1. Introdução

Na medida em que Sepultura é uma banda brasileira de heavy metal, que foi formada em 1984, produz suas músicas e canta em inglês, o presente artigo teve como objetivo apontar e analisar o que há de “brasileiro”, basicamente a partir do disco *Roots* (Raízes), que foi produzido em 1996 e contou com a presença de Índios Xavante e do cantor e compositor baiano Carlinhos Brown. Para esta análise utilizamos como ponto de partida a autobiografia de Max Cavalera, ex-vocalista do Sepultura, membro fundador e idealizador do álbum, o minidocumentário produzido durante a visita à aldeia Xavante, no Mato Grosso em 1996, bem como outras entrevistas concedidas ao longo dos anos.

No primeiro capítulo discute-se a incursão da banda na Aldeia Xavante, bem como as observações que foram feitas por produtores, empresários e críticos do universo do heavy metal, ao mesmo tempo em que considera a presença e as contribuições da sua produtora naquele momento histórico. Os tópicos analisam algumas canções e influências incorporadas pela banda durante a sua trajetória. Há também a presença marcante das reflexões de Max Cavalera, especialmente a partir de sua autobiografia, algo que resulta num documento interessantíssimo para os fãs, o universo do metal e para a própria história da banda.

O segundo capítulo discute a estrutura do disco *Roots*, o qual é composto por 16 músicas, inclusive instrumentais. *Ratamahatta* é uma das músicas emblemáticas do álbum. Cantada em português e citando personagens brasileiros como Zé do Caixão, Lampião e Zumbi dos Palmares, é marcada por uma precursão poderosa, fechando aquilo que consideramos uma influência, apropriação, mas também um legado da cultura brasileira para aquele projeto. Recupera-se a impressão que Max Cavalera teve da experiência na Aldeia Xavante: para ele, nenhum membro da banda foi julgado por sua aparência, sendo, por isso, aceitos do jeito que eles são. Discute-se ainda a saída de Max do Sepultura, depois que os outros três membros da banda resolvem demitir a empresária, à época esposa do referido líder. Finalmente, analisa-se o legado do disco *Roots*, que a despeito das desconfianças de alguns empresários, representa um recorte extraordinário na trajetória do Sepultura.

Considerou-se que o resultado final de *Roots* agradou tanto aos músicos do Sepultura, quanto aos fãs, à crítica e ao mercado, haja vista que o álbum é ainda aclamado depois de 20 anos de sua

⁴³ Graduando em Jornalismo, na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Campus Central, Mossoró. E-mail: contato.juniorribeiro96@gmail.com

⁴⁴ Doutor em Antropologia Social (PPGAS/USP), professor adjunto da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Campus Central, Mossoró. E-mail: paulodantasbr@yahoo.com.br

produção. As desconfiças do mercado e dos críticos, os quais fizeram com que a “discrição” de indígenas como os Xavante e pretos como Carlinhos Brown não passassem despercebida, acusam o que há de Brasil, de brasileiro e de brasilidade no disco. Assim, a rejeição de indígenas e pretos produziu uma leitura e uma cosmovisão que o mercado, empresários e críticos não podem ver, na medida em que o incursão na Aldeia Xavante represente a percepção e legitimação de epistemologias que, em si mesmas, representam a própria crítica ao mercado e aos bens capitalistas. Matas, rios e florestas, tambores, inquices e patuás, metaleiros, indígenas e pretos são, portanto, os porta-vozes de visões e mistérios que não podem ser mensurados pelo mundo do mercado e dos seus agentes.

2. Das raízes do Sepultura

Este artigo tem como objetivo discutir o conteúdo de “brasilidade” nas composições do disco *Roots*, da banda Sepultura, no âmbito das motivações que resultaram naquele álbum, bem como das influências de sonoridade que integram o projeto musical. A banda de heavy metal Sepultura é uma banda brasileira que foi formada em 1984, pelos irmãos Max e Igor Cavalera. *Roots* (que em português significa raízes) é o sexto e, talvez, o mais emblemático álbum (de estúdio) do Sepultura. O disco, que marca a incursão e partilha da banda no território Xavante, no Mato Grosso, incorpora à sua produção a participação dos indígenas, de modo que apresenta elementos tribais em algumas de suas gravações. A banda já vendeu aproximadamente 50 milhões de discos, ganhou vários prêmios da música e se consolidou no cenário mundial do Metal.

A experiência com os índios Xavantes em 1996 foi importante para traçar o rumo da temática e o legado deixado por aquele quarteto, ou seja, por Max Cavalera, Igor Cavalera, Andreas Kisser e Paulo Xisto – o único membro da formação original ainda no grupo. A formação do grupo que produziu e lançou *Roots* seria dissolvida naquele mesmo ano, depois que três, dos quatro membros do grupo, em reunião, decidem demitir Glória Cavalera, empresária da banda e esposa de Max Cavalera. Conta-se que, para os outros três membros do grupo, Glória Cavalera deixou de representar a banda como um todo, o que teria resultado em um conflito de interesses. Com a demissão da empresária, Max Cavalera considerou que estava sendo injustiçado e resolve separar do grupo, iniciando a criação de um imaginário acerca das incertezas sobre o futuro da banda.

O *Roots*, segundo a crítica, representa um dos álbuns mais aguardados da banda Sepultura. O álbum mostraria um lado mais experimental da banda, na medida em que vai incorporar ao longo do disco percussão, berimbaus e batidas tribais. Do ponto de vista estético e musical, o Sepultura é uma banda de um gênero considerado *underground* (subterrâneo) em seu país de origem. No entanto, o sucesso fez a banda de Belo Horizonte obter respeito e reconhecimento dentro e fora do Brasil. Ao

incorporar elementos xavantes à sua música, o Sepultura produziu o que seria para muitos o seu trabalho mais emblemático.

De um lado, a banda mineira produz e canta as suas músicas em língua inglesa, o que constitui uma barreira linguística e problematiza a noção de “brasileira”, vindo a alcançar um pequeno nicho de fãs bilíngues, basicamente no interior das classes médias brancas⁴⁵ brasileiras. De outro, o Sepultura faz uma incursão de tal maneira profunda na comunidade indígena Xavante, que ao tornar tais indígenas colaboradores nas músicas *Jasco* e *Itsari*, e ao convidar Carlinhos Brown para participar na canção *Ratamahatta*, produziu um mergulho profundo no interior de um Brasil igualmente profundo e desconhecido, especialmente no âmbito das culturas indígenas e negras, vindo a incomodar alguns empresários para os quais tal imersão causaria um problema para a própria projeção da banda.

Contudo, antes de passarmos para a experiência e a aventura da banda Sepultura na Aldeia Xavante, o que marcará a produção do álbum *Roots*, faremos um breve resgate das influências “do” Sepultura (como nos referimos no Brasil), bem como de algumas de suas mudanças internas. O objetivo é aproximar o leitor de uma das bandas *underground*, no que diz respeito ao convencional da música brasileira, mais proeminentes em todo o mundo. Esta “aproximação” será realizada pela escolha de algumas músicas da banda e a sua análise por parte dos autores do artigo.

2.1 Algumas das raízes do Sepultura

O thrash metal visto em *Arise* (1991) transformou-se em um groove metal, subgênero mais lento do thrash, com outras influências, no álbum “*Chaos A.D.*”, de 1993. Suas letras, que são voltadas para críticas sociais, também surgiram neste período. A letra de “*Refuse/Resist*” (Recusar/Resistir) retrata manifestações políticas e tem como intuito ser uma marcha para protestos. O início daquela música contém os batimentos cardíacos de Zyon, filho do então vocalista Max Cavalera. “*Territory*” é uma canção baseada no conflito entre palestinos e israelenses, embora não tome partido ou se posicione sobre o assunto.

Destacam-se de “*Chaos A.D.*” também “*Manifest*” e “*Kaiowas*”. A primeira relata o massacre do Carandiru, uma crítica a ação da Polícia Militar do Estado de São Paulo na chacina que causou a morte de 111 detentos, em 2 de outubro de 1992. A outra é uma música instrumental com claras referências tribais e sertanejas, notando-se o distanciamento desta das outras músicas. Vê-se

⁴⁵ Esses segmentos devem ser, no entanto, pensados também do ponto de vista de suas experiências empíricas. Uma das questões a serem respondidos, no interior dos contextos empíricos, diz respeito às posições de classe social, mas também ao lugar simbólico que tais segmentos bilíngues representam, aceitando que a banda Sepultura pode representar uma contracultura capaz de burlar as visões “burguesas” de mundo.

claramente que “Chaos A.D.” tinha um cunho muito mais político que seus antecessores, mostrando o amadurecimento de Max e Igor Cavalera, Paulo Xisto e Andreas Kisser. Em sua autobiografia, Max Cavalera relata o processo de criação de “Kaiowas”, gravada posteriormente nas ruínas do Castelo Chepstow, no País de Gales:

Tive a ideia pra “Kaiowas” quando um amigo me mostrou alguns artigos e fotografias sobre a tribo Kaiowá, que preferiu cometer suicídio em massa em vez de permitir que o governo tomasse as suas terras. Foi uma história muito triste: a tribo inteira morreu. Eu disse a Andreas que deveríamos gravar uma faixa instrumental em homenagem a eles. Igor criou uma levada de bateria usando ritmos brasileiros, Andreas e eu tocamos violões, e Paulo, um baixo acústico. Ficou excelente quando a tocamos no estúdio de ensaio (CAVALERA, 2013, p. 103).

Aquele instrumental, somada à boa repercussão e recepção do último lançamento, deu segurança ao vocalista para tentar propor algo mais “experimental”. Max Cavalera fomentou o desejo de conhecer os índios a partir de “Kaiowas”, mas a iniciativa de gravar um álbum voltado para esta temática veio de um filme visto pelo músico: “Brincando nos Campos do Senhor”, filme de 1991 do diretor Hector Babenco. O filme trata de missionários tentando catequizar uma aldeia na Amazônia, ao mesmo tempo em que uma dupla de mercenários busca bombardear o local para interesses comerciais e exploratórios.

Decidido a conhecer a cultura indígena, Max falaria sobre a ideia com sua esposa e empresária da banda, Glória Cavalera, que ponderou sobre os custos exorbitantes que todo o processo de criação e gravação levaria. Cees Wessels, fundador da gravadora, foi ainda mais conservador quando soube da proposta. O seu medo representava a possibilidade da banda mais famosa da empresa mudar de estilo no melhor momento da carreira o assustou.

Max Cavalera estava decidido a por Quando contei a Cees Wessels, da Roadrunner, que queríamos trabalhar com os índios, ele pensou que estivéssemos loucos. Perguntou: “O que o heavy metal tem a ver com um bando de índios pelados?” Respondi: “Você vai ver. Tenho um plano e, quando todas as partes estiverem juntas, você vai ver. É algo que nunca foi feito antes. Você vai ter que confiar em mim.” Ele disse: “Tudo bem, mas, pra mim, parece uma compilação de reggae. Não sei se os fãs de metal vão curtir.” Rebatí: “Me deixe tentar” (CAVALERA, 2013, p. 120),

em prática sua ideia. Buscou ajuda com a jornalista Angela Pappiani, que trabalhava no Departamento de Assuntos Indígenas. Inicialmente, ele visava se aproximar da tribo Caiapó, mas foi decidido que a tribo Xavante seria melhor pela proximidade de Angela com um líder chamado Cipassé. Enquanto maturavam o plano de ir à floresta, os quatro membros da banda iniciaram seus trabalhos para o disco. Atentos não apenas ao conceito do tema, o Sepultura estava preocupado com as tendências que surgiam no mercado mundial do Metal.

O produtor escolhido foi Ross Robinson, que trabalhou com o Deftones e Korn. O estúdio selecionado era em Malibu - Califórnia. Para garantir que o álbum representaria o que há de mais

brasileiro e genuíno, decidiram trazer Carlinhos Brown. Algumas demos – gravações iniciais ainda em fase de finalização – já estavam prontas, incluindo “Straighthate”, primeira a ser concebida e que conta com uma percussão inicial somada ao baixo, e guitarra com distorção. Andreas Kisser e Max trabalharam em novas afinações após a primeira gravação de Roots, antes do processo no estúdio.

Ross fez um trabalho fantástico com a gente no estúdio. A banda estava elétrica. Estávamos tão empolgados durante aquelas sessões que a energia era contagiante: dava para senti-la no ambiente. Todos estavam envolvidos pra valer. Paulo superou o seu medo de gravar e, embora tenha levado incontáveis horas para que ele e Ross conseguissem chegar ao resultado esperado, deu certo. Funcionou bem porque o som do baixo em Roots é alto e potente. Não ficava enterrado sob as guitarras, como nos anos 1980. O tom-tom de Iggor e o baixo de Paulo, juntos, soavam imensos (CAVALERA, 2013, p. 121).

Até então, Paulo Xisto não gravava as linhas do baixo no estúdio, deixando a tarefa para Andreas e Max nos discos anteriores. Ao encarar o processo criativo de frente com o produtor, o instrumento ganhou peso e esteve muito presente no disco, tendo importante papel complementando as batidas de Igor Cavalera.

2.2 – As influências do Nu Metal e temas brasileiros explicitados

“Lookaway” conta com famosas participações, onde se percebe nos primeiros segundos de música o estilo Nu Metal, subgênero do Heavy Metal que mistura elementos do hip-hop e possui influências de outros estilos, dentro do Rock e fora dele. Não poderia ser diferente, afinal a letra foi composta por Jonathan Davis, vocalista do Korn, referência neste subgênero que se tornou popular ao longo dos anos 1990 e era tendência na época em que “Roots” estava sendo concebido. DJ Lethal, do Limp Bizkit, uma das principais bandas do Nu Metal, também esteve presente nesta música, tal qual Mike Patton, do Faith No More.

Max Cavalera, em 1997, já como líder do Soulfly, gravou a música Headup juntamente com o Deftones no disco Around the Fur. Soulfly significa “Alma Livre” e está presente no refrão da canção que Max Cavalera gravou com o Deftones. “Lookaway” é consequência da segurança que a banda possuía naquilo que estava produzindo, pois além de perceber a importância de incluir a brasilidade em um álbum temático, também era necessário abrir os olhos para o que estava se consolidando no cenário do Metal. A canção se assemelha bastante ao estilo produzido pelo Slipknot, banda composta por nove membros que surgiu no final dos anos 1990 e se consolidou como um dos grandes grupos de Metal do Mundo na década seguinte.

O disco homônimo (1999), dos estadunidenses de Iowa, também foi produzido por Ross Robinson, no Indigo Ranch, Califórnia – o mesmo estúdio de “Roots”, e tornou-se um sucesso da gravadora Roadrunner. As semelhanças estão no vocal variando do pesado para o melódico, o estilo

da composição, o clima sombrio em alguns momentos, a utilização de percussão – sendo dois percussionistas no Slipknot, e a liberdade de utilizar um DJ como um membro ativo. Ross Robinson também produziu os dois primeiros discos do Korn, o homônimo lançado em 1994 e “Life Is Peachy”, de 1996. As bandas que influenciaram Max Cavalera na sonoridade de “Roots” surgiram através de Dana, enteado do vocalista, que sempre buscava por novidades e apresentava ao padrasto. O sucesso do disco pavimentou o caminho para as demais bandas de Nu Metal, embora o Sepultura não tenha embarcado de vez neste subgênero.

“Born Stubborn” fala sobre raízes, assim como a faixa título, e aborda a teimosia e o direito à vida. Esta música é encerrada com um coro indígena. “Ambush” é um grito de socorro pela Amazônia, uma música em defesa da floresta, enquanto enaltece a luta daqueles que a protegem, mesmo que com a própria vida. “Dictatorshit” é curta, porém muito clara em seu título: ditadores de merda. Traduzida, a letra tem a seguinte forma: “1964, golpe de estado, força militar, centena de mortos. Por que eles desaparecem? Tortura nunca mais! 1995. Nós ainda estamos vivos. Nós ainda ouvimos o choro daqueles que sobreviveram”.

“Jasco” é um instrumental composto por Andreas Kisser, no qual o violão introduz Itsári, música gravada com a tribo Xavante – misturando cantos indígenas com violões. O disco é encerrado com “Canyon Jam”, explicada pelo ex-vocalista do Sepultura em sua biografia:

Havia uma gigantesca ravina próxima ao estúdio, com cerca de trezentos metros de profundidade, e Ross e eu pensamos que ali seria um bom lugar para uma jam com instrumentos de percussão, onde poderíamos utilizar o eco natural. Fomos até lá e tocamos por cinco horas com Carlinhos. Os microfones estavam apontados para o vale, para captar o eco. Carlinhos fumou um pouco de maconha e eu bebi vinho pra entrar no clima, porque era uma sessão hipnótica e durou bastante tempo. No álbum, utilizamos apenas 13 minutos do que foi gravado. Dá pra ouvir também o barulho estranho de um disparo no início do disco, que foi provocado quando Carlinhos jogou um dos seus instrumentos na ravina. (p. 126).

A capa pode passar despercebida pelas gerações mais novas. Entretanto, certamente trás lembranças para quem viveu o período do Cruzeiro como moeda no Brasil. O índio em questão foi retirado por Max Cavalera da nota de mil cruzeiros e enviada para o ilustrador Michael Whelan, que acrescentou outros elementos.

3 - A estrutura do Roots – Zé do Caixão, Zumbi e Lampião

Roots possui 16 músicas, algumas instrumentais, e conta também com participações especiais. Carlinhos Brown foi fundamental em “Ratamahatta”, tocando Berimbau, Timbau, Wood Drums, Djembê, Xequerê e Surdo, além de escrever a letra juntamente com Max Cavalera. Além disso, DJ Lethal, do Limp Bizkit, Jonathan Davis, do Korn, e Mike Patton, do Faith no More, gravaram

“Lookaway”. O vocalista do Korn foi, inclusive, o autor da letra. “Attitude”, iniciada com um berimbau, foi escrita por Dana Wells, enteado de Max e filho de Glória, que faleceu pouco tempo depois do lançamento do disco em um acidente automobilístico nos arredores de Phoenix, Arizona.

Andreas Kisser também compôs a letra de “Breed Apart”, outra em que a introdução conta com tambores vibrantes – tal qual “Cut-throat”, assim como no meio da música. “Breed Apart”, como o título explica, aborda a separação das etnias e trás um refrão marcante: “abra sua mente e trilhe o seu próprio caminho”. Como citado, o baixo de Paulo Xisto está mais presente e dá peso às músicas. Kisser soube casar muito bem os solos com as batidas. *Roots Bloody Roots* é a principal canção, e representa a ideia que motivou todo o tema do disco. O videoclipe foi gravado em Salvador, Bahia, com o grupo Timbalada.

“Roots” fazia a terra tremer. Eu fechava os olhos e via cem mil pessoas pulando ouvindo a música. A pergunta era: o que mais éramos capazes de fazer? Que outras cartas poderíamos colocar na mesa? Que tal algo realmente pesado? “Roots” era uma faixa de abertura bastante diferente em relação aos nossos álbuns anteriores, principalmente pelo andamento. Ela tem um loop hipnótico, com o riff se repetindo o tempo todo, e uma levada de bateria contagiante criada por Iggor. Sabíamos que tínhamos em nossas mãos algo de especial. Íamos nos reformular e nos transformar num Sepultura diferente, mais ainda do que aquele de Chaos A.D. As regras do jogo estavam sendo completamente reescritas (CAVALERA, 2013, p. 120).

Dentre as canções, uma das mais emblemáticas e controversas – sob a ótica dos fãs de death e thrash metal mais conservadores – é *Ratamahatta*. Essas controvérsias aparecem em depoimentos ordinários entre os fãs da banda. Assim, a percussão marcante, cantada em português e, por isso, com uma grande influência da cultura brasileira, citando personalidades como Zé do Caixão, Zumbi dos Palmares e Lampião, destacam as mudanças pelas quais passaram o Sepultura. Carlinhos Brown, conforme os registros, levou diversos instrumentos para o estúdio na região de Los Angeles, incluindo o berimbau⁴⁶ – utilizada na introdução de *Attitude*.

A improvisação, segundo Max Cavalera, deu início à canção. Ele tinha um riff de guitarra, enquanto o irmão fez algumas batidas na percussão, e Brown trouxe algumas palavras-chave. O produtor Robinson aprovou a sonoridade. Max relata o processo criativo: “Foi como se Carlinhos e eu tivéssemos entrado num transe. Estávamos juntos na cabine de gravação e começamos a entoar um cântico indígena, criando tudo na hora.” (CAVALERA, 2013, p. 125). Em entrevista publicada pelo UOL, Carlinhos Brown contou sua visão da música. Segundo o baiano, ele ficou impressionado com os ratos em Manhattan, chegando a comparar com os sariguês, da Bahia, algo próximo do Gamba.

⁴⁶ Berimbau é um instrumento central na Capoeira, arte negra inventada pela população escravizada em cativeiro no Brasil. O instrumento, que tem uma madeira própria para envergar como a beriba, é amarrando de uma ponta a outra com um fio de aço, formando um arco. Após ser envergada, uma caixa de ressonância chamada cabaça é amarrada há um palmo e meio da base da madeira. Em grupos tradicionais de Capoeira Angola da cidade de Salvador ou Aracaju, onde um dos autores do texto teve a oportunidade de treinar, o berimbau acompanha uma baqueta, um caxixi e uma moeda de pedra ou metal.

As palavras garagem, biboca e favela estão presentes para mostrar que os ratos não estão apenas em grandes centros, como em todos os lugares. Brown explica que o rato de Manhattan percorre o mundo e se conecta com todos.

Os instrumentos de percussão estavam em todo lugar, era como um playground. Carlinhos era demais. Sabia como tudo funcionava, então fomos experimentando os instrumentos com ele. (...) Ross estava adorando, porque Carlinhos tinha muita energia. Era como uma lata de Red Bull em pessoa (CAVALERA, 2013, p. 124-125).

A banda ousou e teve coragem, quebrou as barreiras das fórmulas pré-determinadas do Metal. A aproximação com Carlinhos Brown veio durante o prêmio VMB 1995, da MTV Brasil, quando o grupo tocou “Kaiowas” ao vivo e ao lado de vários músicos, incluindo o compositor baiano.

3.1 – Aventura na aldeia e a resistência da gravadora

A visita à tribo Xavante aconteceu em novembro de 1995. O grupo, composto pela banda, a empresária, o produtor, um fotógrafo e Angela, além dos pilotos e outros membros de apoio, partiu de Goiânia até Pimentel Barbosa, no Mato Grosso, para uma jornada de três dias. O processo de imersão após a chegada e recepção foi intenso. Como que em um mergulho, acolheram e foram acolhidos pela cultura xavante, pintaram os rostos e corpos, conversaram com membros da tribo e fizeram aquilo que tinham que fazer: produzir conteúdo para o disco.

Porém, antes disso, os indígenas pediram para ouvir o Sepultura. Trezentos índios acompanharam uma simples apresentação de Paulo, Andreas, Igor e Max de “Kaiowas”, com violões e tambores. O resultado foi bem aceito pelos nativos que pediram por mais. O grupo levou um gravador de oito canais e um gerador, ou seja, o tempo era limitado, então decidiram passar a canção duas vezes antes de iniciar a gravação. Um mini documentário⁴⁷ foi produzido a partir desta visita. A direção e fotografia é de Silvestre Campi, depois lançada pela Cine Mauro Produções. A obra exhibe a experiência dos membros da banda, traz um relato de Cipassé e mostra como as músicas foram captadas. Este momento é descrito com detalhes por Max em sua biografia:

A faixa que escolhemos para gravar foi “Itsári”, que na língua xavante significa “raízes”. A música foi composta pela tribo e lançada por Angela em CD, então eles já a haviam cantado muitas vezes e sabiam exatamente o que estavam fazendo. O trabalho que nos coube foi acrescentar as nossas partes e fazer a nossa música se encaixar com a deles. Seguimos as vozes dos índios com violões e bateria, embora ninguém soubesse exatamente quanto tempo durava a música, já que não tínhamos cronometrado e também porque cada vez a cantavam de um modo diverso. Ross cronometrou o tempo uma vez e a canção durou cinco minutos, mas logo em seguida a duração foi de sete minutos (CAVALERA, 2013, p. 123).

⁴⁷ Conferir <https://www.youtube.com/watch?v=iBF1VmGAvgc>

Um dos pontos altos da gravação aconteceu quando o produtor Ross Robinson queria mais entusiasmo dos índios na canção e começou a correr em círculos e, ao tropeçar, resultou em gargalhadas de todos os presentes. Foi uma troca de experiências culturais profundas. Enquanto alguns índios estavam intrigados com as tatuagens dos visitantes, o grupo buscava absorver todos os detalhes do que aconteciam ao seu redor. Ao fim do período de três dias, registros em vídeo e várias fotos, os músicos doaram seus instrumentos aos índios.

Max resumiu em texto aquele momento e a conversa com Cipassé: “Ali, ninguém nos julgou pela nossa aparência. Nos aceitaram exatamente como éramos, desde o momento da nossa chegada.”. Nas palavras do próprio músico, o quarteto e o produtor, após aquela experiência, todos tinham consciência do que estavam fazendo. Posteriormente, a versão gravada de “Kaiowas” na tribo surgiu como faixa bônus no relançamento de “Chaos A.D.”, em 1996, incluindo o som ambiente e aplausos surpresos no final da música. A passagem pela tribo foi fundamental para a banda ter a certeza do caminho que deveriam seguir para lançar o disco. Max conta que a banda fez um acordo com Angela Pappiani para que os xavantes recebessem pela colaboração. A aldeia tinha o objetivo de construir uma escola com os recursos. A resistência dos executivos da gravadora ainda seguia, como aponta o próprio Monte Conter, um dos chefes da empresa, em declaração para o livro de Max:

Sepultura reescreveu as regras do jogo outra vez com Roots. Passaram por uma mudança de estilo absurda. Quando ouvi as demos de “Roots Bloody Roots” e “Dusted”, com Max balbuciando as palavras, já que as letras ainda não estavam prontas, fiquei chocado e preocupado. Achei que o som era completamente anticomercial e disse a Max: “Acho que estão cometendo suicídio comercial.” — que foi de onde ele tirou o título para o segundo álbum do Nailbomb, Proud To Commit Commercial Suicide. Depois de ouvi-lo melhor, obviamente, acabei captando a ideia e dei todo o meu apoio, mas de início achei a mudança um tanto drástica (p. 126).

Os produtores, bem como os empresários, são um capítulo à parte e um mal necessário a uma banda que pretende se consolidar no universo da música. Afinal, tradicionalmente, produz e alimenta padrões cuja natureza deve ser apreendida por tais agentes. Contudo, a racionalidade com a qual dirigem os negócios e intervêm junto às produções artísticas funcionam, por vezes, como ferramentas eficientes para reprimir *injustamente* as criatividade e intuitividade dos grupos musicais e artísticos como um todo. Roots representa uma aposta e uma resposta criativa, intuitiva e profunda a um desejo que, como que uma metáfora, representa um sentimento cultural, brasileiro, de retribuir ou “devolver” ao Brasil e ao seu povo aquilo que, talvez, seja apenas dos brasileiros: um sentimento de pertencimento a um mesmo e distinto povo, constituído num território continental, marcado pela ideia de nação e de Estado, mas também por territórios negros, e nações e territórios indígenas.

Ha que se dizer, entretanto, que a imersão do Sepultura na Aldeia Xavante talvez responda à nossa noção, muito à brasileira, de moralidade. Ou seja, o que em algumas nações devem ser descrito como comportamentos contidos, discretos e moderados, se passa na cultura brasileira como permissivo, “frouxo”, liberado (HEILBORN, 1999). Maria Luiza Heilborn estaria tratando em seu artigo de corpos, sedução e sexualidade no Rio de Janeiro, o que deveria nos desencorajar de tais aproximações. Contudo, é também de cultura brasileira e de identidade nacional que a mesma trata quando se remete à nossa noção cultural de moralidade, entendendo esta última como uma maneira de criar um sendo do que é ou não permitido.

Assim, em *Roots*, a cultura brasileira que acompanha os músicos do Sepultura realiza este procedimental moral, de permitir-se ir ao encontro dos índios Xavante e de Carlinhos Brow, os quais os acolhem e abraçam. No âmbito do processo civilizatório brasileiro, que no texto da autora está em diálogo e na contraposição ao processo civilizatório francês (este marcado por encobrimentos ritualizados dos corpos), percebe-se que, na cultura brasileira, tal impedimento padrão não se realiza aqui de forma plena. (HEILBORN, 1999).

3.2 – Os meses seguintes e a turnê mundial de *Roots*

A “*Tribalism Across The World*”, turnê do álbum “*Roots*”, começou em 30 de janeiro de 1996, em Temple, Arizona. A banda estava estabelecida naquele estado, na cidade de Phoenix, desde o início da década. Posteriormente, prosseguiram para a Europa em fevereiro. Com o lançamento oficial do disco, em 20 de fevereiro daquele ano, os trabalhos se intensificaram. De acordo com o site “*Setlist FM*”, especializado em catalogar turnês e espetáculos musicais, o Sepultura realizou 113 apresentações em 1996 – levando em consideração participações em programas televisivos e shows ao vivo. Foram 46 nos Estados Unidos e quatro no Brasil. A banda mineira participou de festivais de grande repercussão e destaque, como na Alemanha, o “*Rock am Ring*” e “*Rock in Park*”. Na Holanda, o “*Pinkpop*”. O grupo retornou ao “*Monsters of Rock*”, na Inglaterra, país que ficaria marcado pelo último show da formação clássica – Max, Igor, Paulo Xisto e Andreas Kisser. No Brasil, os shows no Olympia, em São Paulo, foram elogiados pelos fãs e pela crítica, como conta o repórter Thales de Menezes:

A primeira apresentação do Sepultura na turnê brasileira do álbum “*Roots*” foi a performance musical mais energética do ano. Depois de dois anos longe dos palcos brasileiros, a banda que saiu de Belo Horizonte para virar cidadã do mundo rock despejou todos os hits sobre um público que recebia o Sepultura como heróis que voltam da guerra. Para dar mais um toque nacionalista, a banda foi apresentada ao público por Zé do Caixão (...). “*Roots Bloody Roots*”, “*Spit*” e “*Territory*”. Poucas bandas podem escalar um trio de mísseis como esse para abrir um show. A plateia, já devidamente esquentada por meia hora de barulheira perpetrada pelo Ratos de Porão, se entregou totalmente (...). Para quem acompanha a carreira dos rapazes há tempos, o que mais surpreende é ver como eles melhoraram como músicos. “*Pegada*”

a banda sempre teve, mas agora o quarteto agrega altas doses de virtuosismo a seu som (Folha de S. Paulo, em 9 de novembro de 1996).

Nesta turnê, o Sepultura incorporou ao setlist dois covers de bandas brasileiras: um trecho de Monólogo ao Pé do Ouvido, de Chico Science & Nação Zumbi, e Polícia, dos Titãs – esta última já tradicional desde os tempos de Arise. O último show aconteceu na Brixton Academy, em Londres, em 16 de dezembro de 1996. A apresentação se tornaria icônica por ser a derradeira de Max Cavalera com a banda, e pelo disco ao vivo “Under a Pale Grey Sky”, controversamente lançado pela Roadrunner Records em 2002, quando o ex-vocalista já tinha três álbuns com o Soulfly e o Sepultura, com Derrick Green, buscava se firmar já fora de contrato com a Roadrunner. Naquela ocasião a banda não sabia que estava sendo gravada. Monte Conner justifica que as tensões entre os membros e os conflitos fizeram a empresa tomar a decisão de gravar o show, temendo que os rumores de um possível problema fossem verdadeiros. O contrato de Glória Cavalera como empresária da banda acabara naquele dia e era do conhecimento de todos que aquele poderia ser o seu último show que aquela gerenciaria o grupo. Andreas Kisser, em entrevista a Gastão Moreira, relatou o contexto daquela decisão.

Fugiu do controle, mas por certas divergências de visão e de planos. Glória e o Max viam a banda de uma forma e nós três víamos de outra, como sempre foi. Uma banda de quatro caras. O Max foi tirado disso, nem no camarim ele ficava mais, viajava com ônibus próprio (...). Tivemos que cancelar turnê no Japão, o Big Day Out na Austrália, isso tudo em janeiro e fevereiro de 1997 (...). O ego sempre tem, se você tirar o ego disso você é mentiroso. A gente teve grandes momentos na turnê do Roots, apesar de tudo (Andreas Kisser, 2018, Canal Kazagastão – Youtube).

O tópico que segue retoma o contexto da ruptura interna que resultou na saída do líder do Sepultura, Max Cavalera. Discutem-se algumas controvérsias e finaliza com o legado de Roots.

3.3 - A dissolução e o legado de Roots

A insatisfação de Andreas, Igor e Paulo com o tratamento especial dado a Max, os problemas internos, o ultimato dado ao vocalista para escolher entre a banda e sua esposa (a partir daquela noite ex-empresária do Sepultura), somado a fatores como a fase difícil após o falecimento do enteado de Max e os egos inflados, resultaram na saída do mais velho dos irmãos Cavalera do Sepultura. Naquele instante viviam o seu auge e estavam prontos para atingirem o próximo patamar e se estabelecerem como a maior banda de Metal do mundo, naquele período.

A gente sofreu muita pressão, por que o Max saiu, entra os advogados, assinaram os papéis e ele já saiu como Soulfly. Então ele meio que já estava se preparando, até antes de sair da banda. Mas perdemos empresária, gravadora praticamente, por que

tudo que a gente fazia era com o Cees Wessels, que era o dono da gravadora (...). Não tinha aquela burocracia de passar aqui e ali. Coisa que a gente teve que começar a fazer com a Roadrunner pelos próximos dois discos. Empresário novo, produtor novo, por que a Roadrunner escolheu tudo que a gente usou pro Roots para o Max (...) (Andreas Kisser, 2018, Canal Kazagastão – Youtube).

Shows foram cancelados e o que restou da banda, que decidiu manter o nome, tentou seguir até encontrar uma solução, enquanto que Max lançou o projeto Soulfly. Em 1998, após um processo de escolha, o trio escolheu o estadunidense Derrick Green para ser o novo vocalista do Sepultura. Posteriormente, em 2006, Igor deixou a banda e voltou a falar com seu irmão após 10 anos, iniciando o Cavalera Conspiracy.

A brasilidade, isto é, a incursão na Aldeia Xavante e nos seus mistérios, a presença de um artista do “Axé”, com seus xequerês, tambores e berimbaus, incorporada pelo Sepultura em “Roots” deixou um legado importante para a banda. Aclamado pela crítica especializada e por boa parte dos fãs, o disco segue sendo cultuado mais de duas décadas depois de seu lançamento. As influências – tanto no som quanto na coragem em apostar e ousar em temáticas que fogem do conservadorismo do Metal – podem ser percebidas ao longo dos anos na sequência da banda, desde então liderada por Andreas Kisser.

Cultura brasileira e identidade nacional são, como sugere Ruben Oliven, temas cuja relação dinâmica entre si é indeclinável. Não haveria como referir-se à cultura brasileira sem falar de nós mesmos enquanto Povo, Estado e Nação. O mesmo se aplica na relação inversa (identidade nacional e cultura brasileira), o que implicaria em considerar que, sendo brasileiro, alguém carrega consigo o que é do Brasil e de sua cultura. (OLIVEN, 2002). Entretanto, a singularidade de nossa formação (enquanto Povo, Estado e Nação), demasiada diferenciada da formação de povos latino-americanos na medida em que, conosco, a Independência proclamada em relação a Portugal (em 1822) não nos privou da pecha que foi a Escravidão, bem como não destituiu a Monarquia, discorre sobre quem nós somos especialmente enquanto Estado e Nação. Essa característica, que marca o caráter e a autoproteção de nossas elites, deve configurar, todavia, como um argumento central para o projeto de problematização sobre “quem nós somos” sob o prisma da noção de Estado e Nação. (ARRUDA, 2002).

Como na concepção de álbuns totalmente conceituais, tal qual “Dante XXI”, lançado em 2006, baseado por completo na obra “Divina Comédia”, de Dante Alighieri, serviu como uma trilha sonora das histórias. Assim como “A-Lex” (2009), inspirada em “A Laranja Mecânica”, de Anthony Burgess, o título do disco lançado em 2013, “The Mediator Between Head and Hands Must Be the Heart”, surgiu do filme Metrópolis (1927). Embora não seja um álbum conceitual sobre tal obra cinematográfica, conta com o retorno de Ross Robinson na produção. De “Machine Messiah” (2017) podemos citar a sonoridade de “Phantom Self”, que trás uma “pegada” de maracatu na introdução,

bem como de música clássica. Max Cavalera também levou muito da vibe “Sepultribe” – tribo do Sepultura – para o Soulfly. Em 2008, o Sepultura gravou os arranjos de “Dança das Borboletas” ao vivo com Zé Ramalho. Parceria que voltaria a se repetir em 2013, no Rock in Rio. Em 2013, a banda lançou sua versão de “Da Lama ao Caos”, de Chico Science, que foi incluída em “Mediator...”.

6. Considerações Finais

O presente texto teve como objetivo analisar o impacto que o disco *Roots*, da banda brasileira Sepultura, causou sobre a própria banda e aos seus integrantes, uma vez que a movimentação que causou fez criar a hipótese de que o estilo Metal deixaria de ser o seu centro e a sua identidade. Para a análise utilizou-se, como ponto de partida, o minidocumentário produzido durante a visita à aldeia Xavante, no Mato Grosso em 1996, a autobiografia de Max Cavalera, ex-vocalista, membro fundador e idealizador do Sepultura, e do álbum *Roots*, bem como outras entrevistas sobre a referida produção.

Em 1996 a banda fez uma incursão na Aldeia Xavante, situada em Mato Grosso, convidou o baiano Carlinhos Brown, que trouxe consigo tambores, xequerês e patuás para participar de uma das faixas, o que de imediato chocou alguns críticos, enquanto entusiasmou uma parte dos fãs. O resultado final foi extraordinário, agradou aos músicos da banda e produziu um legado, sendo, por isso, ouvido e celebrado depois de duas décadas de sua produção. No âmbito das discussões acadêmicas por onde passam as músicas populares brasileiras, mas também os debates acerca do que é ou não “popular” e “brasileiro”, sob a ótica de contextos e sujeitos nordestinos, interioranos e periféricos, emerge o olhar segundo o qual há que se referir ao Sepultura quando o tema diz respeito à presença da cultura brasileira, ou da brasilidade como chamamos no título do trabalho.

Ou seja, se de um lado, mesmo entre os “especialistas”, não há o que se perceber de brasileiro no Sepultura, senão o fato de que os músicos que criaram o grupo são brasileiros, não podendo-se negar que cantam, em inglês, um estilo “nada popular”, por outro lado, no interior do universo do Metal e do mercado que o cerca, chama a atenção uma audição e percepção daquilo que, no álbum *Roots*, é notadamente “brasileiro” e poderia desaguar em uma variante passível de ser rejeitada pelos fãs e pelo mundo do metal, resultando em um projeto desaprovado pelos produtores da banda. A fala do “mercado” e a rejeição nela contida chamou a nossa atenção nos chamou a atenção no contexto da disciplina Cultura Brasileira desenvolvida em 2019, dado que “casou” com a possibilidade de discuti-la no âmbito da IV Semana de Humanidades, evento que fora organizado pela Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais (FAFIC) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN.

A questão levantada e a ser respondida era a seguinte: há algum elemento, precisamente no álbum *Roots*, a partir do qual seja possível considerar alguma “coisa” que seja de fato “brasileira”? Esta questão estava, de saída, marcada por conceitos e preconceitos acerca do seria “genuinamente

brasileiro”. As discussões ali desenvolvidas produziram respostas muito abertas e generosas acerca daquilo que comumente é qualificado ou não como sendo “próprio da cultura brasileira”. Considerou-se a possibilidade de Roots sinalizar para a presença de “alguma coisa de Brasil”, o que mereceria uma atenção mais acurada. Eis que aqui estamos.

O Brasil e a cultura brasileira, como vemos em Roots (basicamente na realização de tal projeto), emergem das profundezas daquilo que é, sob novos horizontes, o que há de mais brasileiro na cultura brasileira: povo, gente indígenas, gente preta, artefatos, espiritualidade, magia, berimbaus e patuás, baterias, guitarras e baixos, rios, matas e florestas, todos eles e elas desenhados sob o signo de civilizações e epistemologias não eurocêntricas e meramente capitalistas. Assim, embora discreta, se comparada a toda obra do Sepultura ou mesmo em relação ao álbum como um todo (posto que xavantes e baianos participaram apenas de duas faixas no rol de 16 músicas), a presença desses “outros” e de sua força musical, espiritual e cultural, descreve um recorte e uma contribuição inestimável a uma trajetória Metal que emociona e produz um orgulho profundo em quem deles se aproximam: headbangers (fãs de heavy metal e suas variantes), indígenas e pretos nunca mais serão os mesmos depois de banharem-se nesses rios e embrenharem-se nessas matas.

7. Referências Bibliográficas

ARRUDA, Maria Arminda do N. “Cultura brasileira e identidade nacional (Comentário Crítico)”. In: MICELI, Sérgio (org.). *O que se ler na ciência social brasileira (1970 - 2002)*. São Paulo: ANPOCS: Editora Sumaré: Brasília, DF: CAPES, p. 45-51, 2002.

BELGRANDE, Nacho. Nü-Metal: De onde veio? Para onde foi? A culpa é do Sepultura?. Whiplash.net. 2015. Disponível em: <<https://whiplash.net/materias/biografias/228857-sepultura.html>>. Acesso em: 21 nov. 2019.

CAMPI, Eric. Sepultura: 'Chaos A.D.' e a brasilidade no metal. Wikimetal. 2019. Disponível em: <<http://www.wikimetal.com.br/sepultura-chaos-a-d-26-anos/>>. Acesso em: 20 out. 2019.

CAVALERA, Max. *My Bloody Roots: toda a verdade sobre a maior lenda do heavy metal brasileiro*. 1. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2013.

DEHO, Maurício. Há 20 anos, visita a índios e choque cultural criavam clássico do Sepultura. UOL. 2016. Disponível em: <<https://musica.uol.com.br/noticias/redacao/2016/02/19/ha-20-anos-visita-a-indios-e-choque-cultural-criaram-classico-do-sepultura.htm>>. Acesso em: 15 out. 2019.

DEHO, Maurício; RODRIGUES, Leonardo. "Roots": dez curiosidades do disco brasileiro que mudou o metal mundial. UOL. 2016. Disponível em: <<https://musica.uol.com.br/noticias/redacao/2016/02/20/roots-dez-curiosidades-do-disco-brasileiro-que-mudou-o-heavy-metal.htm>>. Acesso em: 15 out. 2019.

HEILBORN, Maria Luiza. “Corpos na cidade: sedução e sexualidade”. In: VELHO, Gilberto (org.). *Antropologia urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*. Rio de Janeiro: Jorge Zaar Ed., p. 98-108, 1999.

MENEZES, T. Sepultura no Olympia é apenas rock'n'roll, mas a molecada adora. Folha de S. Paulo. 1996. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/11/08/ilustrada/15.html>>. Acesso em: 22 nov. 2019.

MOREIRA, Gastão. ANDREAS KISSER em Kaza! - entrevistado por Gastão Moreira. Youtube. 2018. (37m55s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=iQZf2fZcNJE>>. Acesso em: 5 nov. 2019.

OLIVEN, Ruben G. “Cultura brasileira e identidade nacional (O Eterno Retorno) ”. In: MICELI, Sérgio (org.). O que se ler na ciência social brasileira (1970 - 2002). São Paulo: ANPOCS: Editora Sumaré: Brasília, DF: CAPES, p. 15-43, 2002.

Sepultura Concert Map by Tour: Tribalism Across The World. Setlist FM. Disponível em: <<https://www.setlist.fm/stats/concert-map/sepultura-bd699d6.html?tour=33d608f5>>. Acesso em: 22 nov. 2019

Sepultura e Índios Xavantes 1996 (CineMauro Produções). Youtube. 2013. (15m17s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=iBF1VmGAvgc>>. Acesso em: 5 nov. 2019.

AS MULHERES NA FILOSOFIA: ONDE ESTÃO AS FILÓSOFAS NOS LIVROS DIDÁTICOS?

Jéssica Caren da Silva Melo⁴⁸

1. Introdução

A ausência das mulheres na história da filosofia é algo bastante comum nos cursos de filosofia no Brasil, infelizmente, ainda é normal na graduação haver menções apenas aos filósofos, e o desconhecimento de algumas filósofas é perceptível. A intenção deste trabalho é poder dar visibilidade a essas mulheres, além de mostrar a existência delas ao longo da história. Falar sobre elas é uma forma de tentar desfazer a tradição filosófica misógina que foi imposta desde a antiguidade, que ocultou toda a contribuição dessas pensadoras para a história da filosofia. Mencionar as filósofas é demonstrar que a Filosofia não é apenas um privilégio para os homens, mas para todos que querem realizar o exercício do filosofar.

Para entender como se deu o ocultamento das mulheres, iremos voltar à Grécia Antiga, onde o lugar reservado ao feminino era o espaço doméstico, o *oikos*⁴⁹. A vida pública era apenas destinada aos homens que se dedicam a vida política na pólis, Atenas tinha uma ríspida separação entre os gêneros, as mulheres não tinham autorização para a participação na política. A maioria dos documentos produzidos nesta época foram feitos por homens, sendo a assim, a visão que temos das mulheres é masculina, é possível perceber isso em algumas obras em que elas aparecem inesperadamente por atraírem atenção dos homens pelas suas participações na vida pública mesmo não sendo destinada a elas.

Com o passar dos anos não acontece muitas mudanças para promover a viabilização da presença de mulheres. Em sua grande maioria nas graduações de Filosofia quando as disciplinas de História da Filosofia Medieval e Moderna são ministradas nenhuma filósofa é citada, apesar de haver diversas comprovações de mulheres que contribuíram para filosofia tanto no período medieval quanto o moderno. O pensamento filosófico ocidental foi construído exclusivamente por homens, apesar de existir várias evidências da contribuição das mulheres seja direta ou indiretamente.

É possível é conhecer filósofas e seus sistemas filosóficos já na contemporaneidade, algumas são bem conhecidas como a Hannah Arendt, Simone de Beauvoir, Judith Butler, Ângela Davis e no Brasil temos a Marilena Chauí. Apesar dessas mulheres terem conquistado espaço na área, e que nos

⁴⁸ Graduanda do curso de Licenciatura em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, caren.jessica@hotmail.com.

⁴⁹ Tem sua etimologia grega, sendo traduzido pela palavra casa, família ou ambiente habitado.

últimos anos diversas pesquisas estão tentando recuperar e divulgar o pensamento dessas filósofas ainda é preciso continuar buscando meios de dar os devidos créditos pelas contribuições que foram feitas por elas ao pensamento filosófico.

Sempre pensamos nos grandes filósofos como pessoas que criaram teorias revolucionárias e em vários casos estando bem à frente de seu tempo, porém eles têm a responsabilidade pelo silenciamento das filósofas ao longo dos anos, visto que a visão da maioria deles sobre as mulheres era a de sua época, as mulheres não tinham uma posição tão privilegiadas quanto a deles. É possível ver quais eram as opiniões deles em relação às mulheres em suas obras, como o Platão no seu livro *Timeu* (41d-42d) que afirmava que o castigo de um homem não se portou bem na vida, era o de reencarnar no corpo de uma mulher, o Agostinho de Hipona nas confissões assegurava que as mulheres não teriam que ser educadas e que deveriam ser segregadas por ser a causa de pecado dos homens, o Kant na obra *O que é o iluminismo?* Considera que é difícil a passagem das mulheres à maioria intelectual, o Hegel na *Filosofia do Direito*, afirma que a mulher pode ser educada, mas sua mente não é adequada às ciências mais elevadas, à filosofia e algumas das artes. Juliana Pacheco (2015, p.17) afirma que:

Alguns filósofos escreveram de forma direta suas aversões em relação à mulher, outros buscaram eufemismos para explicar a condição feminina. Apesar desses discursos “regulantes” ao longo dos anos, mostrando indiferença e desprezo às mulheres, existiram alguns filósofos – ainda que poucos – que demonstraram uma visão oposta.

É necessário romper com a visão da condição feminina de submissão e inferioridade intelectual em relação ao homem que foi construída ao longo dos anos. Desse modo, alguns intelectuais de modo infeliz internalizam o discurso de que a filosofia era um espaço exclusivamente masculino não se considerando filósofas, a própria Hannah Arendt alegou não se considerar uma filósofa, em razão de ver este papel apenas como algo reservado os homens. Na entrevista realizada por Günter Gaus em 1964 para o programa de tv já extinto *Zur Person*. Ela declara que “Receio ter de protestar, não pertenço ao grupo dos filósofos. A minha profissão, se assim pode dizer, é a teoria política. Nem me sinto filósofa, nem penso ter sido admitida no círculo dos filósofos, como tão amavelmente supõe.”

Portanto, o propósito desta pesquisa é enfatizar a produção intelectual que essas mulheres criaram ao longo dos anos. E tirá-las do ocultamento mostrando que elas mesmo que direta ou indiretamente em vários casos auxiliaram os grandes filósofos conhecidos hoje e não tiveram seus méritos reconhecidos. Maria Luísa Ribeiro (2009, p.18) declara que:

Restituir a voz a filósofas do passado, dando-lhes visibilidade e mostrando o impacto que tiveram. Habitualmente catalogadas como discípulas deste ou daquele nome

sonante, começa-se a reconhecer nelas um pensamento autônomo, expresso através dos meios em que lhes era possível divulgá-lo, quer se trate de ensaios, de tratados, ou simplesmente de cartas.

Sendo significativo o trabalho que os grupos de pesquisa sobre a presença feminina na Filosofia estão desenvolvendo atualmente, reunindo doxografias, recuperando obras, criando livros para veicular fragmentos que chegaram até nós, sendo este um meio bastante eficaz de inserir esta discussão pertinente ao âmbito acadêmico.

2. As mulheres na filosofia

Quando examinamos a história do pensamento filosófico dificilmente vemos a aparição das mulheres, é um pensamento essencialmente masculino. Como afirma a Clarissa Castro (2016, p. 26) “ao analisar o pensamento filosófico, percebe-se que ele é guiado por um sujeito universal que é tudo o que a diversidade não é: um modelo único, masculino, com a pretensão de estar acabado.” Existiram filósofas apesar de seus nomes não constarem nos currículos escolares ou em livros da área, há uma falta de conhecimento nosso sobre essas pensadoras, elas não foram apenas ocultadas, mas tiveram sua existência negada. Precisamos ressignificar os nossos modos de pensar a representação do feminino diferente da tradição clássica. Essa representação é derivada desde a Grécia onde, as mulheres eram vistas como o segundo sexo, pensar o feminino como dominado pelo masculino, e isto aceito pacificamente, porém, ao longo do trabalho será possível observar que não houve uma submissão por parte de todas, diversas mulheres não aceitaram essa condição e se opuseram.

Os discursos de Beauvoir sobre a desnaturalização da condição da mulher no mundo levaram as feministas a estudarem cada vez mais as armadilhas do patriarcado, pois se mostrou necessário saber contra o que era preciso rebelar-se. Isso porque o debate acerca da desigualdade entre homens e mulheres crescia no âmbito do pensamento filosófico, não sendo mais discussão exclusiva da política ou da ciência. Embasadas nessa nova forma de pensar, mais mulheres passam a denunciar as estruturas sociais responsáveis por dar continuidade ao sexismo (CASTRO, 2016, p.21).

Para Simone, o ser mulher foi um estereótipo gerado por um processo histórico no qual os interesses masculinos conceberam um padrão considerado como o comportamento ideal para o feminino, e este padrão foi imposto às mulheres ao longo dos anos modificando apenas para adequar-se a cada época. Ela defendia a igualdade entre os sexos, hoje a procura pelo reconhecimento das mulheres continua sendo uma das pautas mais pertinentes.

A ocultação da figura feminina na vida pública nos faz crer que as mulheres da Grécia Antiga se limitaram ao espaço privado, o doméstico, os gineceus⁵⁰ e que os homens impuseram sua dominância sobre as mulheres, seguindo a ordem natural das coisas, exprimindo a visão da época. Mas, é perceptível que várias mulheres seguiram caminhos diferentes desses, externando que elas são iguais aos homens em nível intelectual assim tenha as mesmas oportunidades e espaço que eles possuíam.

E fica a dúvida de quantos pensamentos filosóficos deixaram de serem feitos por falta de oportunidade, espaço ou reconhecimento? Como seria a história da Filosofia se as filósofas não tivessem que despender tanto esforço para justificar e disputar sua presença em um território que lhes era negado? Enfim, o fato é que as relações entre homens e mulheres são desiguais e por isso o estudo do conhecimento através da categoria de gênero mostra-se necessário. Mas se não podemos mudar o passado, que sejamos justas e justos a sua memória, para que outra configuração das relações humanas seja possível, para que possamos fazer do tempo que está aí e virá algo novo, não apenas a repetição de preconceitos passados (CASTRO, 2016, p.26).

Como forma de reconhecer as contribuições destas intelectuais será seguida uma linha temporal, da qual abordará alguns nomes de algumas filósofas da idade antiga à contemporânea. Temistocléia, considerada a primeira filósofa do ocidente e mestre do famoso filósofo Pitágoras de Abdera. Ela era além de filósofa, matemática, e profetisa do templo de Apolo em Delfos no século 6 a.c, sendo sacerdotisa em Delfos era mais famosa que o próprio Pitágoras, porém lamentavelmente ela não é renomada dentro da filosofia na atualidade. A maior parte dos ensinamentos das doutrinas éticas do Pitágoras foram instruídos por ela, citado no livro *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres* do Diógenes Laércio.

Os relatos sobre mulheres filósofas da Antiguidade aos quais temos acesso são escassos e foram escritos por homens, de forma que possibilitam apenas uma visão parcial e masculina sobre o tema. Nesse contexto, as fontes históricas tratam das mulheres incidentalmente, quando, por alguma razão especial, seus feitos atraíam a atenção dos homens, o que acaba por relegar muitas informações ao esquecimento (PACHECO, 2016, p. 44).

Várias outras filósofas das ilhas da Grécia também se destacaram na antiguidade. Apesar de toda sua contribuição ao pensamento filosófico, a maioria delas não são associadas como grandes eruditas. Grande parte dos registros que temos sobre elas estão nas obras dos filósofos. Ruth Hangenruber (2019) em uma entrevista para o jornal *Le Monde Diplomatique Brasil* afirma que “Diotima e Aspasia têm um papel crucial em toda a História da Filosofia. Elas não são institucionalizadas, mas são lembradas pelas suas posições sociais. Isto é o caso de muitas mulheres

⁵⁰ Local da casa onde os gregos acomodavam as mulheres, separada dos homens, em consequência passou a significar também uma instituição em que só as mulheres participam.

eminentes e extraordinárias na Filosofia”. A Safo (séc. VII-VI ac.), nasceu em Mitilene, capital da ilha de Lesbos. É considerada uma das maiores poetisas de todos os tempos. Durante o século III a.c. sua obra foi reunida em dez livros pelos eruditos da escola de Alexandria reuniram sua obra em dez livros, mas infelizmente só é possível hoje ter acesso apenas a um poema completo dela, o Ode a Afrodite.

Aspásia de Mileto, é relacionada por seu vínculo amoroso com o Péricles, teve grande influência sobre ele. Ela mostrou que em Atenas poderia existir outras formas de ser mulher, em vez do comum papel de submissa de qualquer ateniense. Foi a única mulher a se destacar na vida pública da cidade de Atenas, mesmo não sendo permitido sua participação, era intermediada pelo Péricles. Era uma mulher independente e livre, porém com sua atuação na esfera política foi bastante atacada e ridicularizada, recebendo o título de hetaera, atribuído às mulheres que ofereciam prazeres amorosos e intelectuais aos homens. As únicas mulheres livres da Grécia Antiga, não estavam submetidas ao patriarcado da época, a maior parte delas compreendiam poesia, tocavam algum instrumento, em quesito de formação elas estavam acima das demais mulheres que viviam submissas aos seus maridos, mas sempre eram recordadas pela sedução como cortesãs. Aspásia estava vinculada à filosofia e à arte de argumentar, era considerada uma sofista, seu nome aparece nas obras do Aristófanes e Platão.

Theano nasceu no século VI a. C, era uma filósofa e matemática, teve o privilégio que muitas mulheres na Grécia não tinham, foi enviada a academia pitagórica. Aprendeu vários temas filosóficos, astronomia, física e matemática. Destacou-se como aluna tornando-se professora na academia. Foi casada com Pitágoras de Samos, ela escreveu diversos tratados de matemática, astronomia e física, difundiu seu sistema matemático e filosófico pela Grécia.

Diotima de Manteneia (427-347 a. C.) foi uma filósofa e sacerdotisa de Atenas, muitos contestam sua existência pela circunstância dela ser citada apenas no Banquete de Platão, correlacionando-a a uma personagem criada pelo próprio filósofo. É conhecida pelos diálogos sobre o amor, na obra de Platão há uma passagem em que ele se refere a ela quando debate sobre esse tema. Sócrates declara ter sido iniciado pela Diotima na filosofia do amor em sua juventude. Ela afirma que há dois tipos de amor, o físico e espiritual.

Hipátia de Alexandria (415 d. C.) foi uma filósofa, matemática, astrônoma, professora na Academia de Alexandria, atraía um grande número de jovens que deslumbrados com seu talento intelectual a acolhiam como mestra. Como seu pai era um homem instruído, Teón de Alexandria que também era astrônomo, ela recebeu uma formação educacional, obteve noções de ciência e literatura, tornando-se superior aos filósofos de seu tempo. Sua morte é uma questão extremamente polêmica, o arcebispo Cirilo de Alexandria, viu um tumulto enquanto passava pela casa da filósofa e descobriu que as pessoas iam até lá escutá-la, isso lhe causou fúria com isso ele planejou a morte da Hipátia. Além do fato de que ela era amiga do Orestes, um cristão, sendo considerada uma influência negativa

para ele. Um certo dia enquanto retornava para casa um grupo de cristão obstruiu a passagem de sua carruagem, arrastando-a de dentro até uma igreja e a despiram, mas até hoje não se sabe se ela foi esfolada viva ou espancada até a morte.

Na idade medieval há aquela crença que as mulheres assim como na antiguidade não possuíam espaço na participação da sociedade. É evidente que o número de intelectuais que contribuíram de uma alguma forma com a filosofia, ciência, literatura, medicina não é grande como na contemporaneidade, pois devido ao pensamento da época as mulheres não dispunham de tanta autonomia como hoje.

Há um desconhecimento – não dizemos profundo – das mulheres que deixaram sua marca na Idade Média. Pensamos que, graças ao obscurantismo que é atribuído a este período, muitos ainda mantêm arraigada à crença de que nele não houve uma efetiva participação feminina (PACHECO, 2016, p. 85).

Os conventos foram lugares que possibilitaram a leitura e escrita das mulheres. Hildegard de Bingen (1098-1179) foi ofertada como uma pessoa a serviço de Deus ao mosteiro Disibodenberg, educada por uma jovem de linhagem nobre. Aprendeu os elementos básicos do latim por meio dos salmos e manipulação de ervas medicinais, quando sua superior Jutta faleceu ela foi eleita abadessa aos 38 anos. Tentou adquirir autorização para construir seu próprio mosteiro em Rupertsberg, unicamente feminino. É autora de dois livros de medicina.

Heloíse de Argenteuil (1101-1164) ela foi mandada a Paris para estudar aos cuidados de seu tio, o cônego Fulbert aos 17 de anos. Aos 17 anos de idade, Heloíse de Argenteuil foi a Paris para estudar, sob os cuidados de seu tio, o cônego Fulbert. Anos depois ela foi enviada a Pedro Abelardo para ser o seu mentor, porém, a relação entre eles transformou-se em amor, ocasionando uma grande tragédia. O cônego planejou o casamento de Heloíse com um jovem de família nobre como forma de separá-los. Mas eles casaram escondido de todos e tiveram um filho, Astrolábio. Ao saber do casamento o tio a expulsa de casa, ela se refugia em um convento de Pallet, o tio revoltado com a notícia manda castrar o Pedro Abelardo. Esses relatos estão escritos na obra autobiográfica do próprio Abelardo *A história das minhas calamidades*. O pouco que sabemos dela é por meio das obras dele. A Heloíse criou vários questionamentos filosóficos e teológicos, era extremamente inteligente renomada por suas habilidades com o latim, grego, hebraico, impressionou seu tio com sua aptidão para as letras, ele sempre se dedicou na sua educação, buscando os melhores tutores.

Christine de Pisan (1364-1430) foi uma filósofa que sempre buscou em suas obras a valorização da mulher pela educação, em sua obra *A Cidade das Mulheres*, indaga sobre a autoridade masculina de sua época. Seu pai era astrônomo, Thomaz de Pisan, ensinou a ela algumas matérias que não estavam contidas na educação das mulheres, o latim e a filosofia. Com a morte de seu marido

Etienne Castel, precisou transformar seu saber das letras em profissão como forma de sustento, é considerada como a única mulher no medievo a ganhar a vida apenas escrevendo.

Na idade moderna a presença das mulheres continua raro, pois o papel das mulheres na sociedade ainda continua como a que deve cuidar do lar, do marido e filhos. Olympe de Gouges (1748-1793) foi uma filósofa francesa que teve sua notoriedade pelos seus escritos revolucionários em defesa das mulheres e negros. Montou um teatro para a dramaturgia feminina. Sempre preocupada com várias causas, se fez presente na Assembleia dos Três Estados que teve um papel significativo na Revolução Francesa, essa revolução foi um símbolo mundial, promovendo os ideais de igualdade, liberdade e fraternidade entre todos, porém infelizmente as mulheres não estavam incluídas neste processo. Lutou na revolução francesa que derrubou a monarquia.

A Declaração de 1791 não é uma simples imitação da Declaração de 1789, onde a palavra Homem é apagada e substituída por Mulher. Olympe de Gouges inscreve a mulher até então esquecida, demonstrando, dessa forma, que a nação é efectivamente bissexuada e que a diferença sexual não pode ser um postulado em política, nem na prática da cidadania (ESCALLIER, 2012, p. 226).

A Olympe criticou os abusos do antigo e novo regime. Ela escreveu a *Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã*, foi escrita com 17 artigos, com base nos 30 artigos da *Declaração Universal dos Direitos Humanos*, aprovada pela ONU em 1948, porém não foi aceita suas críticas sobre a república, Robespierre a condenou na guilhotina sem direito a defesa. Ela argumentava sobre a emancipação das mulheres, o fim da escravidão, debatia suas ideias em peças em que escrevia, distribuía e colava seus cartazes pela cidade.

Mary Astell (1666-1731) foi uma filósofa inglesa que se declarou feminista. Unificou sua perspectiva filosófica e religiosa em uma concepção feminista. Estudou com os filósofos neoplatonistas renascentistas na Universidade de Cambridge. Ela utilizou a ideia do dualismo do racionalismo cartesiano, a noção de mente e corpo, fez com que ela desenvolva a concepção de que tanto os homens como as mulheres foram abençoadas com a razão.

Mary Wollstonecraft (1759-1797) é uma filósofa inglesa que escreveu a obra *Reivindicação dos Direitos da Mulher* em 1792 faz um julgamento de alguns pensadores, o Rousseau é um deles, visto que ele pressupunha a inferioridade das mulheres em relação aos homens, além do que apresentava uma educação diferenciada para as mulheres.

É, de fato, bastante natural que uma menina, condenada a permanecer sentada, durante horas ouvindo a tagarelice ociosa de amas débeis e assistindo à toalete de sua mãe, tratará de juntar à conversação; e, sem dúvida, o fato de que ela imitará a mãe ou as tias e se entreterá enfeitando a boneca sem vida- como fazem com ela, pobre garota inocente! – é uma consequência natural (WOLLSTONECRAFT, 2016, p. 65).

Para ela esses comportamentos que as mulheres adquirem são consequências de uma construção social, não havendo uma distinção natural entre os sexos. As mulheres se sujeitavam a subordinação de seus maridos, e dos homens que são representantes sociais. Para a Mary é necessário haver espaços onde as mulheres se desenvolvam não ficando submetidas aos homens, ela acredita que deveria ocorrer uma revolução na sociedade em prol de mudança nos costumes das mulheres para que eles consigam ter seus direitos que lhe são negados.

Com a contemporaneidade as mulheres passam a ganhar mais espaço e visibilidade. Lou Andreas-Salomé (1861-1937) foi uma filósofa, poeta, escritora e psicanalista Russa. Iniciou seus estudos na área da Teologia e História da Arte em Zurique apenas com dezenove anos. Escreveu várias obras relacionadas com suas experiências amorosas, dentre algumas dessas obras estão *O Erotismo*, *A Humanidade da Mulher*, *Reflexões sobre o problema do amor*. Ela comparecia a debates psicanalíticos como forma de unir seus interesses pelas experiências amorosas e arte. Em 1880 na cidade de Zurique, ela estudou lógica, metafísica e a história das religiões. Conheceu o filósofo Nietzsche quando foi a Roma junto de uma amiga. Lou tinha compatibilidade intelectual com ele, tornando-se grandes amigos. Nietzsche se apaixonou pela Lou, mas ela apenas era interessada nele mais como filósofo.

Rosa Luxemburgo (1871-1919) filósofa marxista, uma das ilustres mulheres da contemporaneidade, conhecida pelas suas ações revolucionárias, a fundação do Partido Social-Democrata da Polônia e Lituânia. Ela tece críticas ao feminismo burguês. Suas obras são ligadas a economia capitalista, *Acumulação do Capital* (1913) vista uma obra significativa pelos intelectuais da esquerda, ela apresenta o motivo do declínio inevitável do capitalismo, *Greve de Massas* (1906), *Reforma ou Revolução* (1899).

E ainda que Rosa tenha como formação e preocupação inicial a Economia e as teses da teoria econômica, suas reflexões sobre a ação política, o colapso do capitalismo, a Revolução socialista e outros temas relevantes, a tornam uma pensadora fundamental para a Filosofia Política (PACHECO, 2016, p.152).

Apesar de não ter a formação em Filosofia, é imprescindível a menção de seu pensamento na Filosofia Política, pois ela é uma intelectual fundamental nessa área. Além dela outra filósofa relevante nessa área é a Hannah Arendt (1906-1975). Ela deixou um vasto legado, a magnitude de seu pensamento pode ser verificada em pesquisas realizadas nas diversas áreas, direito, ciência política, literatura, educação e a filosofia. Ela tenta compreender os acontecimentos de seu tempo fazendo reflexões intensas a respeito das consequências da situação social contemporânea, foi recriminada pelo meio filosófico pela ausência de uma metodologia e identificação clara com alguma disciplina, além da omissão de um posicionamento político de pensar. Diversas obras suas são conhecidas como a *Condição Humana* (1958), *As Origens do Totalitarismo* (1951), *Eichmann em*

Jerusalém (1963), Sobre a revolução (1963), O conceito do amor em Santo Agostinho: Ensaio de uma interpretação filosófica (1929).

Simone Lucie-Ernestine-Marie Bertrand de Beauvoir (1908-1986) nasceu em Paris. Sempre esteve preocupada com vários problemas sociais de seu tempo. Em 1929 concluiu o curso de Filosofia na Universidade de Sorbonne, onde ela conviveu com outros intelectuais como o Jean-Paul Sartre, ela teve um relacionamento longo com ele. Suas principais obras são: *O romance A Convidada (1943), O romance Todos os homens são mortais (1946), o ensaio Por uma Moral da Ambiguidade (1947), O Segundo Sexo (1949), O Pensamento de Direita Hoje (1955), A força da Idade (1960), A Mulher Desiludida (1967), Balanço Final (1972); A Cerimônia do Adeus (1981).* Ela teve muita influência do existencialismo de Sartre, e era ligada às questões da busca da mulher por independência, estudos da opressão que as mulheres sofriam diante da sociedade.

Marilena de Souza Chauí filósofa brasileira que nasceu no dia 4 de setembro de 1941, na cidade de São Paulo. Ela relatou que sua primeira experiência com a filosofia foi aos 15 anos por meio de um curso de lógica ministrado pelo professor João Eduardo Rodrigues Villalobos, na Escola Estadual Presidente Roosevelt em São Paulo. Formou-se em Filosofia na Universidade de São Paulo em 1965, defende sua dissertação de mestrado sobre Merleau-Ponty e a crítica do humanismo orientada por Bento Prado Júnior em 1967, logo após sua defesa foi admitida para ocupar o cargo de professora no departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo.

Ela tem várias obras publicadas nas mais diversas áreas da Filosofia, é renomada pela sua acessibilidade linguística, suas obras podem ser estudadas tanto por universitários como estudantes da rede básica de ensino. Suas áreas mais assíduas são ética e política. Suas obras mais significativas são: *O que é Ideologia (1989), Cultura e Democracia, o Discurso Competente (1989), Introdução à História da Filosofia (1994), O Convite à Filosofia (1994), Espinosa: Uma Filosofia da Liberdade (1995), Brasil: Mito Fundador e Sociedade Autoritária (2000), Escritos Sobre a Universidade (2001), Experiência do Pensamento ensaios sobre a obra de Merleau-Ponty (2002), Política em Espinosa (2003), Paixão e Ação na Ética de Espinosa (2011), O Ser Humano é um Ser Social (2013), A Ideologia da Competência (2014), Conformismo e Resistência (2014)*

Angela Yvonne Davis é uma filósofa estadunidense nascida em 1944, cursou Literatura Francesa na Universidade de Brandeis em Massachusett, seu doutorado foi em Filosofia pelo Instituto para Pesquisas Sociais na Universidade Frankfurt. Foi orientada por Hebert Marcuse, também foi influenciada pelo Theodor Adorno e Oskar Negt. Angela é Davis é internacionalmente reconhecida por sua luta ao combate a todas as formas de opressão, seja nos Estados Unidos como em outras partes do mundo. É uma militante política, professora, escritora e pesquisadora. Em 1968 se filiou ao Partido Comunista e aos Panteras Negras. Suas principais obras são: *Angela Davis: An Autobiography (1974), Women, Race and Class (1981), Femmes, race et classe (1983), Violence Against Women and*

the Ongoing Challenge to Racism (1985), Women, Culture & Politics (1989), Blues Legacies and Black Feminism (1998), Are Prisons Obsolete (2003), Abolition Democracy: Beyond Empire, Prisons, and Torture (2005).

Judith Butler é uma filósofa estadunidense que nasceu em 24 de fevereiro de 1956 na cidade de Cleveland, em Ohio. É graduada em Filosofia pela Universidade Yale, conquistou o título de doutora em Filosofia na mesma instituição, tendo em 1987 sua tese publicada: *Subjects of Desire: Hegelian Reflections in Twentieth-Century France*. Em sua área de pesquisa estão os temas de gênero, teoria queer, filosofia judaica, feminismo, filosofia política, ética. Ela é militante da causa transexual e intersexo. Faz uma reflexão a respeito das análises das identidades de gênero que são resultados de diversos fatores, indivíduos que não se identificam com as normas de uma estrutura de binarismo dentro da sociedade. Ela assegura que:

Se o sexo é, ele próprio, uma categoria tomada em seu gênero, não faz sentido definir o gênero como a interpretação cultural do sexo. O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de um significado num sexo previamente dado [...]; tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos. Resulta daí que o gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza; ele também é o meio discursivo/cultural pelo qual “a natureza sexuada” ou “um sexo natural” é produzido e estabelecido como “pré-discursivo”, anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura (BUTLER, 2013, p. 25).

Ela considera o gênero é estabelecido socialmente pelo sexo biológico, logo associam um ao outro. Aceita, o sexo como determinado naturalmente e o gênero construído culturalmente, mas de uma forma também já determinada, o gênero produziria a essência no sujeito. Suas principais obras são: *Gender Trouble: Feminism And the Subversion of Identity (1990), Undoing Gender (2004), Excitable Speech: A Politics of the Performative (1997), The Psychic Life of Power (1997), Bodies That Matter (1993).*

3. A presença das filósofas nos livros didáticos

Foi realizada uma análise em alguns livros didáticos de Filosofia aprovados no Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) que são utilizados no ensino médio da rede estadual de ensino da cidade de Mossoró no Rio Grande do Norte. Os livros analisados foram o *Filosofando: introdução à filosofia*, das autoras Maria Lúcia de Arruda Aranha e Maria Helena Pires Martins, o *Fundamentos de Filosofia*, do Gilberto Cotrim e Mirna Fernandes, e o *Filosofia: experiência do pensamento*, do Sílvio Gallo.

Assim, como nos cursos de graduação onde as mulheres são um pouco invisibilizadas e ocultadas, nos livros didáticos acontece o mesmo, o aparecimento dela são poucos ou algumas vezes

são apenas citadas, sem explicação de seu pensamento, o contrário de como ocorre com os filósofos. Algo interessante que foi observado nos livros é que eles trazem antropólogos, sociólogos, físicos, químicos, historiadores, poetas, astrônomos, neurologistas, mas não tratam sobre as mulheres que contribuíram com o pensamento filosófico. É interessante perceber que o lugar designado às filósofas em grande parte dos livros didáticos, elas são apresentadas apenas como uma forma de auxiliar a compreender os pensamentos dos outros filósofos, e não suas próprias teorias. Infelizmente, elas aparecem na maioria das vezes apenas em citações.

No livro do Gilberto Cotrim quase não aparece as pensadoras, nem mesmo aquelas que são bastante conhecidas na contemporaneidade. A Simone de Beauvoir é apenas citada como filósofa existencialista, mas sua teoria nem se quer é explicitada. A Hannah Arendt não tem sua teoria política exposta, ela é mencionada em um capítulo sobre estética, o que é estranho, pois sua teoria política é bem difundida na filosofia. As únicas filósofas citadas e que são apresentados seus conceitos, é a brasileira Marilena Chauí, onde sua teoria filosófica sobre ideologia é exposta e a norte-americana Susanne Langer com sua teoria estética sobre a mente humana.

O Filosofando das autoras Maria Lúcia e Maria Helena, foi um dos mais diversificados, em que a presença das mulheres é um pouco mais visível do que nos demais, nele a Diótima de Manteneia, uma filósofa da antiguidade é citada com uma passagem da obra *O Banquete* de Platão. As brasileiras Scarlett Marton e Marilena Chauí são apresentadas, sendo respectivamente, sobre o pensamento de Nietzsche, e a outra com sua teoria sobre poder e democracia. A Hannah Arendt tem sua teoria política exposta, a Simone de Beauvoir tem suas considerações sobre a condição das mulheres apresentada. E em um capítulo do livro a temática feminicídio é abordada com dados recentes, uma discussão muito pertinente para a nossa sociedade atual.

O livro do Silvio Gallo também é um livro onde é bem perceptível a presença das filosofas, ele apresenta em um capítulo inteiro sobre gênero, a teoria da Simone contida em sua obra *O Segundo Sexo* é exposto, uma pensadora da antiguidade é evidenciada, a Hipátia de Alexandria, sua biografia é elucidada em um capítulo. A Hannah Arendt tem sua crítica sobre o totalitarismo e sua teoria política explanada em um capítulo inteiro reservado para ela. As intelectuais contemporâneas também são mencionadas, a húngara Agnes Heller Discípula que foi discípula do György Lukács, e a belga Isabelle Stengers que é uma filósofa da ciência.

4. Considerações Finais

É necessário e importante que instituições como o Centro de História de Mulheres Filósofas e Cientistas, em Paderborn, na Alemanha. Grupos de Trabalhos na Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (ANPOF) com o tema gênero e filosofia vários investigadores continuem

tentando organizar e recuperar obras ou criando doxografias para que os pensamentos das filósofas da antiguidade, período medieval e moderno não se percam. E que seja possível elas estarem inseridas nas discussões filosóficas, seja na academia, como no ensino básico.

Encontros Nacionais e Internacionais, Colóquios, Simpósio, Semanas de Filosofia tenham como o tema as Mulheres na Filosofia para que essa discussão a cada dia possa ser inserida nas academias, despertando o interesse dos acadêmicos para conhecê-las, reunindo o que se tem publicado sobre elas, que o pensamento misógino que foi construído ao longo dos anos dentro da filosofia e da ciência, possa ser desconstruído, e que a crença da inferioridade da mulher seja superada. Discussões sobre essa temática são necessárias para que a desigualdade de gênero seja exposta a todos, como forma de demonstrar como de milhares de mulheres foram e ainda são vítimas do sistema patriarcal.

Um objetivo desse trabalho era o de também questionar se de fato os profissionais de Filosofia estão preparados para lecionar sobre as filósofas, visto que ao longo do seu processo de formação elas não lhe foram apresentadas. A presença dessas novas obras e encontros nas academias com essa temática é significativo para que as mulheres que contribuíram com o pensamento filosófico sejam expostas nos cursos de Filosofia, fazendo assim com que elas apareçam nos livros didáticos utilizados na rede básica de ensino. Textos sobre a presença das filósofas é uma forma de contribuir com história e vida dessas mulheres, tornando-as visíveis.

Infelizmente não é possível divulgar uma quantidade maior de mulheres na Filosofia, partindo da antiguidade à contemporaneidade, pelo fato de a pesquisa ter a necessidade ser apresentada de uma forma reduzida. Foi possível verificar que os livros didáticos seguem o mesmo método dos cursos de graduação, onde as mulheres não são apresentadas, como se em toda a história do pensamento ocidental elas não estivessem presentes e colaborando de alguma maneira.

É notável o trabalho que as mulheres ao redor do mundo vêm fazendo, na América Latina há a Rede de Mulheres Filósofas da América Latina foi um projeto do Programa de Filosofia e Humanidades do Setor de Ciências Sociais e Humanas da Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura. Foi criada com o intuito de apoiar às atividades filosóficas das mulheres filósofas da América Latina, proporcionando os meios para que haja legitimidade, reconhecimento e visibilidade para elas.

A rede é composta por discentes, docentes, pesquisadoras, divulgadoras, escritoras que esteja atuando dentro da filosofia. A sede fica na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires na Argentina. No Brasil existe a Rede Brasileira de Mulheres Filósofas que assim como a anterior tem a finalidade de combater a discriminação acadêmica, dar visibilidade às obras das filósofas, além de debater as questões de feminismo e gênero.

5. Referências Bibliográficas

- ARANHA, Maria Lúcia Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando**: introdução à filosofia. 6. ed. São Paulo: Moderna, 2016.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2013.
- CASTRO, Clarissa Petry. **Repensando as mulheres e a filosofia**: uma análise dos livros didáticos de Filosofia de Ensino Médio. 2016. 59 p. Tcc (Especialização) - Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, Instituto de Estudos de Gênero do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina., Florianópolis, 2016.
- COSTA, Marcos Roberto Nunes; COSTA, Rafael Ferreira. **Mulheres intelectuais na idade média**: entre a medicina, a história, a poesia, a dramaturgia, a filosofia, a teologia e a mística. Porto Alegre: Editora Fi, 2019.
- COTRIM, Gilberto; FERNANDES, Mirna. **Fundamentos de Filosofia**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2013.
- ESCALLIER, Christine. **Olympe de Gouges**: Uma Humanista Sob o Terror. Gênero na Amazônia. Belém, n.2 jul./dez. 2012.
- FERREIRA, Maria Luísa Ribeiro. **As Mulheres na Filosofia**. Lisboa: Colibri, 2009
- GALLO, Sílvia. **Filosofia**: experiência do pensamento. 1. ed. São Paulo: Scipione, 2013.
- HAGENGRUBER, Ruth. As mulheres sempre existiram na Filosofia. **Le Monde Diplomatique Brasil**. São Paulo. 3 jul. 2019. Disponível em: <<https://diplomatique.org.br/as-mulheres-sempre-existiram-na-filosofia/>>. Acesso em: 27 dez. 2019.
- PACHECO, Juliana (Org.). **Filósofas: a presença das mulheres na filosofia**. Porto Alegre: Editora Fi, 2016.
- _____. **Mulher e filosofia**: as relações de gênero no pensamento filosófico. Porto Alegre: Editora Fi, 2015.
- WOLLSTONECRAFT, Mary. **Reivindicação dos direitos da mulher**. São Paulo: Boitempo, 2016.

USOS E APROPRIAÇÕES DA INTERNET NO RURAL NORDESTINO: UMA ANÁLISE A PARTIR DA REDE XIQUE-XIQUE DE COMERCIALIZAÇÃO SOLIDÁRIA

Jhose Iale C. da Cunha Vieira⁵¹

1. Introdução

Estamos vivendo em um contexto globalizado em que Castells (2019) chama de sociedade em rede. As mídias digitais vem sendo uma grande impulsionadora dessa era da informação. A criação e o desenvolvimento da internet resultaram de um processo de fusão entre estratégias militares, inovação tecnológica, grandes cooperações científicas e inovação contracultural, sendo o mais revolucionário meio tecnológico da era da informação, nas últimas décadas do século XX.

Para Recuero (2000) a internet é uma nova tecnologia de informação que vem causando grandes e profundas revoluções no interior da sociedade, permitindo combinar características dos meios de comunicação anteriores como a interatividade e a massividade, fazendo com que seja possível que todos os indivíduos sejam emissores e receptores das mais diversas mensagens que circulam na rede, sendo portanto emissores massivos em potencial.

Para demonstrar a capacidade e a força que a internet tem de distribuir informações em todos os domínios da atividade humana, Castells (2003) faz uma analogia da tecnologia de informação hoje com a eletricidade na Era Industrial, destacando que a internet estaria equiparada a uma rede elétrica ou um motor elétrico, naquela época. A principal característica da internet é, portanto, permitir a comunicação a distância e em rede, através da digitalização de conteúdos e mensagens (MISKOLCI; BALIEIRO, 2018). A internet e as redes sociais, assim como a robótica e a inteligência artificial, estão redefinindo os processos de interação social e modificando profundamente as condições espaço-tempo em que se dão as relações sociais.

Nesse sentido o presente trabalho procura abordar o uso da internet e suas repercussões sobre as atividades econômicas da Rede Xique-Xique de Comercialização Solidária – RXX, com sede localizada em Mossoró, Rio Grande no Norte - RN. Tal grupo é composto por agricultores que residem predominantemente no meio rural. Para tal foram utilizados múltiplos métodos para a obtenção de informações, desde entrevista com os representantes da RXX, à análise dos espaços virtuais como o grupo de comercialização via WhatsApp, e perfis no Facebook, Instagram e site institucional. Por fim, o presente artigo se dividiu em três partes além da presente introdução, a saber: informações contendo dados referentes ao crescimento da internet e suas repercussões na sociedade,

⁵¹ Doutoranda da Pós-Graduação em Sociologia da UFRGS. jhoseiale@gmail.com

a apresentação da RXX e alguns resultados e discussões acerca do uso da internet pela mesma, finalizando com as considerações finais.

2. O Crescimento da internet e suas repercussões

Em um cenário globalizado em que as mudanças estão acontecendo a todo momento, as pessoas recorrem cada vez mais aos meios de informação para guiar seu processo de tomada de decisão e ordenar sua interação social. Segundo Castells (2003, p.13) a criação da internet representa “a história de uma aventura humana extraordinária”, porque ela possibilita transformações inimagináveis, nas mais diferentes esferas: social, econômica, política e educacional.

As pessoas estão cada vez mais conectadas. Nos últimos anos com a disseminação dos smartphones as pessoas passaram a inserir tais dispositivos em suas rotinas fazendo com que esses fiquem presos aos seus corpos como relógios (CASTELLS, 2007). Os reflexos desse uso fazem com que ocorra redefinições nas categorias de espaço e tempo. A internet permite que se estabeleça uma maior ligação entre as pessoas. De acordo com Recuero (2000) com a internet é possível que as pessoas se aproximem-se mesmo estando geograficamente separados, reduzindo distâncias. No ciberespaço não existem distâncias físicas, fazendo com que haja novas formas de sociabilidade e relações com o espaço, sendo possível interagir com pessoas e coisas que estão a quilômetros de distâncias.

O crescente acesso as tecnologias digitais, possibilita que boa parte da população tenha acesso a informações e conhecimentos em tempo real. Com a internet, é possível obter informações sobre acontecimentos no instante que eles estão correndo, mesmo que estes sejam do outro lado do planeta. É possível visitar museus e conhecer lugares assim como interagir com pessoas de outras nacionalidades que muitas vezes, não seria possível se não fosse a internet. E isso acarreta mudanças e reconfigurações também nas relações sociais. Algumas vezes, perde-se a noção do tempo quando se navega na internet em salas de bate-papos ou grupos e fóruns que reúnem pessoas com os mesmos gostos, ideias e pensamentos. Como destaca Lanier (2010, p. 81) “os sofisticados designs da web 2.0 do início do século XXI já começam classificando as pessoas em bolhas, para que você se encontre com pessoas similares a você.”

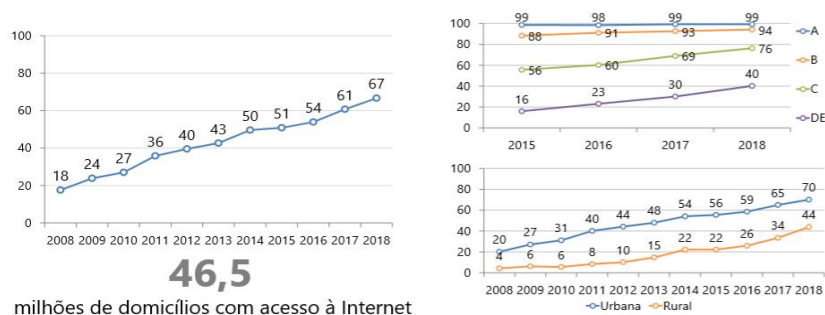
Diariamente milhares de indivíduos interagem através das mídias sociais. Dados de outubro de 2019, do último Relatório Digital (*Global Digital Report 2019*⁵²), divulgado pelos serviços online

⁵² Dados do site **We Are Social**: <https://wearesocial.com/blog/2019/10/the-global-state-of-digital-in-october-2019>

Hootsuite e We Are Social, apontam que mais da metade da população mundial, aproximadamente 4,5 bilhões de pessoas (que representa 58%), já conta com acesso à internet⁵³.

Os Dados do Comitê Gestor de Internet (2019) apontam que 67% dos domicílios brasileiros (46,5 milhões de lares) já estão conectados à internet, conforme figura 1.

Figura 1 – Domicílio com acesso à internet % - Total Brasil, Classe Social e Área



Fonte: CGI.br/NIC.br, Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br) / (Pesquisa TIC Domicílio 2018), 2019

É interessante destacar ainda sobre a figura 1, aspectos ligados a questão da área em que fica evidente o crescimento da internet tanto no contexto urbano como rural, sendo visível o aumento significativo no meio rural, comparado ao meio urbano, onde em 2017, o percentual de domicílios conectados era de 34% passando para 44% em 2018, ocorrendo um crescimento de 10 pontos percentuais no espaço rural, o dobro do que ocorreu no espaço urbano (5%). A inserção dos dispositivos móveis nesse contexto rural colabora em grande medida para tal crescimento. Ao observar os dados do Censo Agropecuário de 2017, fica evidente o crescimento exponencial, de quase 2.000% de acesso à internet, quando comparado ao Censo Agropecuário anterior, de 2006, conforme tabela 1.

Tabela 1 – Comparativo da expansão da internet no Censo Agro 2006 e 2017

	Internet Rural 2006	Internet Rural 2017	Aumento %
Brasil	75.407	1.430.156	1.900%

Fonte: IBGE, Censo Agropecuário, 2006 e 2017

A partir de tal crescimento é possível observar que a internet faz parte desse contexto rural, fazendo com que ocorra modificações uma vez que, com o seu uso, as pessoas passam a ter acesso a

⁵³ A população mundial tem aproximadamente 7.734 bilhões de usuários.

diferentes formas de lazer, cultura, educação, a novas fontes de renda e oportunidades por meio do uso dos dispositivos móveis digitais conectados a rede.

As plataformas digitais como destaca Van Dijck (2013) além de aproximar as pessoas, informações e bens permitindo interações, possibilita a geração de uma infinidade de dados (*BigData*) que passam a ser apropriados economicamente. Frazer (2019) vai destacar que tais dados são muitas vezes utilizados por grandes empresas que dominam os mercados como Google, Facebook, Amazon. Hoje as empresas e as grandes corporações estão preocupadas em conhecer os seus usuários bem com as suas preferências e gostos de forma detalhada pois tais dados tornam-se preciosos para o mercado.

Nesse sentido, Abramovay (2019, p. 1) destaca que “a mais importante consequência da revolução digital sobre a vida econômica é que os preços vão sendo substituídos pelos dados como vetores fundamentais de funcionamento dos mercados.” Isso porque as empresas depois de armazenar, minerar e analisar os dados, elaboram amostras de perfis com base em várias categorias (gostos, temperamentos, necessidades, condições financeiras, nível educacional, etc.), e passam a conhecer que produtos e serviços serão oferecidos a determinados grupos de potenciais consumidores, conforme destacou Silveira (2017).

É interessante destacar que em diferentes lugares do mundo, a agricultura digital ou agricultura 4.0 já é uma realidade, como destaca Carolan (2019) e Wilkinson (2019) ao apontarem os sistemas de drones, os sensores, as estufas climatizadas, os sistemas de georreferenciamento, que além de auxiliarem no monitoramento da produção permite o aumento da previsibilidade dos riscos, tudo isso decorrente da evolução e difusão das tecnologias digitais nesse contexto rural que também influencia no consumo dos produtos.

As tecnologias digitais, na forma de aplicativos de smartphones, aceleram a difusão das transformações já em curso no consumo alimentar, possibilitando novas relações entre consumidores, produtores e novos atores de serviços em alimentação, como os *deliverys* (WILKINSON, 2019). Com a compra da rede norte-americana de supermercados *Whole Foods*, em 2017, a *Amazon* teve um crescimento da oferta de alimentos no Brasil pelos canais eletrônicos de grandes redes varejistas como WalMart, Carrefour (também em 2017), fazendo com que inúmeros consumidores realizassem os seus pedidos de alimentos pela internet (LIMA, 2018). Isso mostra as modificações que o mercado tem pela frente e as mudanças na maneira como o consumidor terá acesso ao alimento, escolha, aquisição e distribuição dos produtos.

A economia internacional é controlada pelos gigantes planetários de negociações de commodities, porém Dowbar (2016) ao defender essa ideia aponta que, com a conectividade há uma transformação na própria estrutura de poder e nas formas de organizações dos chamados mercados, uma vez que hoje imperam os intermediários e não os produtores. Em contrapartida, tal sistema não impede que outras dinâmicas ocorram em concomitância, como o caso da Rede Xique-Xique aqui

abordado no presente trabalho, que faz uso de uma lógica que envolve as cadeias agroalimentares curtas.

Nesse sentido é importante destacar algumas definições referentes aos diferentes mecanismos para estender as cadeias agroalimentares curtas no tempo e espaço. De acordo com Renting, Marsden e Banks (2003) há basicamente três tipos de cadeias curtas: (a) face a face, (b) de proximidade espacial e (c) as cadeias espacialmente estendidas. Nesse primeiro tipo é possível haver um contato entre produtor e consumidor, em que há muitas vezes uma troca de experiência entre ambos, como as compras diretas, pela internet ou aplicativos. Já o segundo tipo se refere a um tipo de circuito em que o consumidor é informado no ponto de venda sobre a origem e procedência do produto, em que região específica em foi produzido, que geralmente é próximo ao local de produção. Por fim, o último tipo que é a cadeia estendida, são as que passam por um processo de certificação, tendo um selo de qualidade ou de origem.

Hoje quem detém informação e conhecimento acerca de seus negócios ampliam suas possibilidades de inserção a novos mercados, aumentando, também, os circuitos de cadeias curtas e contato com os consumidores. Assim, Assad e Pancetti (2009) destacam que as TICs estão inseridas como um fator de competitividade no meio rural, influenciando as operações das organizações modificando os resultados econômicos e financeiros. O desenvolvimento digital tem feito com que alimentos de procedência rural sejam promovidos e vendidos nas áreas urbanas por meio de sites e aplicativos de comunicação sendo a internet um elo de ligação importante no processo de comercialização dos produtos, como o caso que será apresentado.

3. Rede Xique-Xique de Comercialização Solidária e a Internet

A Rede Xique-Xique é uma organização que surge em 2003, de um contexto sócio histórico geograficamente determinado, em que se debate as estratégias de convivência com o semiárido. Composta por produtores rurais do oeste potiguar que procuram uma forma mais justa de comercializar os produtos, tendo a intenção de escoar a produção sem a interferência de um atravessador, buscando eliminá-lo deste processo. Segundo França et al (2011, p. 2), a Rede Xique-Xique “possui um alto potencial de expansão da diversificação da agricultura familiar, indispensável na criação de mercados e de oportunidades no meio rural, e no fortalecimento dos mercados local e regional”.

O bioma da caatinga, presente no Nordeste é frequentemente simbolizado pelo Xique-Xique, planta que resiste a seca e próspera mesmo em contextos de clima e solo mais adversos. Foi a resistência dessa planta que deu nome à Rede Xique-Xique, pois de acordo com entrevista realizada com a coordenadora, “a rede representa resistência, a falta de dinheiro, a falta de produtos, a tudo

que pode vir pela frente”. A Rede tem como princípios norteadores a **agroecologia**, a **economia solidária** e o **feminismo**, onde há uma preocupação com princípios de respeito mútuo e autonomia da mulher, assim como a princípio de uma economia justa em que o processo de produção se caracteriza pela igualdade, respeitando as pessoas envolvidas.

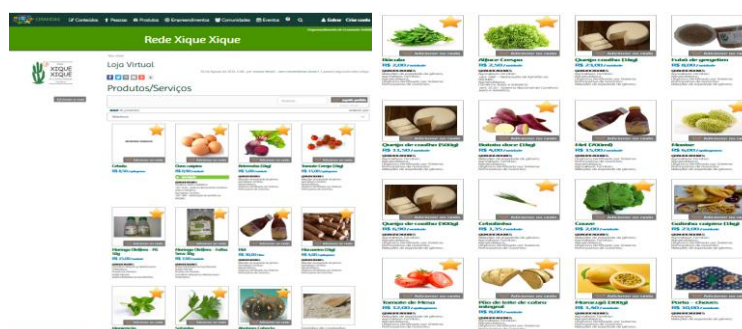
O grupo base do empreendimento é formado por agricultores familiares, com uma participação mais ativa das mulheres na comercialização. Há uma presença majoritária de grupos rurais (80%) e de mulheres (90%), porém há também a representação de grupos urbanos dedicados ao artesanato, grupos de pescadores que também fazem artesanatos e vendem produtos, bem como o grupo da pesca.

A rede foi pensada para além de um espaço de comercialização, sendo também um espaço de formação onde são desenvolvidos cursos de capacitações para os seus associados, eventos onde ocorre grupos de discussões em que é possível haver a troca de informação entre os seus integrantes. Nesse sentido, Santos (2017) destaca que a possibilidade de articulação em rede permite o fortalecimento mútuo de processos, troca de informações e experiências proveniente da relação de reciprocidade e cooperação que são marcas desses empreendimentos de economia solidária.

No que se refere a utilização da internet no contexto da Rede Xique-Xique de Comercialização Solidária é importante destacar que a mesma se encontra em diferentes espaços como será relatado adiante. Possuindo uma loja virtual na plataforma Cirandas.net, fazendo uso do aplicativo do *WhatsApp* tanto para comercialização dos seus produtos como para a articulação com os seus integrantes em termos de organização e mobilização política. Além disso possui um blog institucional e páginas nas Redes sociais como Facebook e Instagram que serão abordados mais adiante.

Com relação ao processo de comercialização é importante destacar o espaço da plataforma do Cirandas.net no qual a RXX é integrada. O endereço da loja virtual é: <<https://cirandas.net/redexiquexique/loja-virtual>>, conforme figura 2.

Figura 2 – Imagem do site *Cirandas.net* onde se tem a Loja Virtual da RXX



Fonte: Imagens obtidas pelo autor a partir das páginas da RXX, 2019

O Cirandas é uma iniciativa do Fórum Brasileiro de Economia Solidária – FBES⁵⁴, que tem como objetivo oferecer ferramentas na internet para promover a articulação econômica, social e política de quem gosta da Economia Solidária ou vive dela. Por meio dessa plataforma os seus integrantes potencializam o fluxo de saberes, produtos e serviços da economia solidária, oferecendo ferramentas para a constituição e consolidação de redes e cadeias solidárias. Tal plataforma também é um espaço de divulgação onde pode ser comercializado produtos e serviços para consumidores individuais ou coletivos. É interessante destacar ainda que esse ambiente virtual permite que os consumidores realizem suas compras e montem as suas sacolas sem sair da comodidade de suas casas, tais dados chegam até a RXX e a mesma sistematiza tais informações e na sexta-feira o consumidor vai buscar os produtos escolhidos na sede da RXX.

Além da loja virtual há um outro espaço de comercialização que faz uso da internet, a saber, o Grupo *Consumo Solidário – RXX*, conforme figura 3.

Figura 3 – Interfaces do Grupo do aplicativo do *WhatsApp* intitulado: *Consumo Solidário –*



RXX a esquerda e a direita as instruções para a solicitação e retirada dos pedidos.

Fonte: Imagens obtidas pelo autor a partir das páginas da RXX, 2019

É interessante destacar que os pedidos são realizados durante os dias de segunda e a terça-feira, conforme figura 3, no horário das 7 às 17h, em tal processo, é possível se observar uma interação por parte dos corpo administrativo da rede, que anotam todas as solicitações, com os consumidores, que realizam os seus pedidos, que vão compor a cesta que irá receber ao final da semana). Os pedidos são feitos com base em uma tabela de preço, tal preço é ajustado anualmente em reunião com os associados.

Depois do fechamento e sistematização dos pedidos, as informações referentes a demanda são repassadas aos produtores da rede, que ficam responsáveis de produzir e entregar tal produção no dia

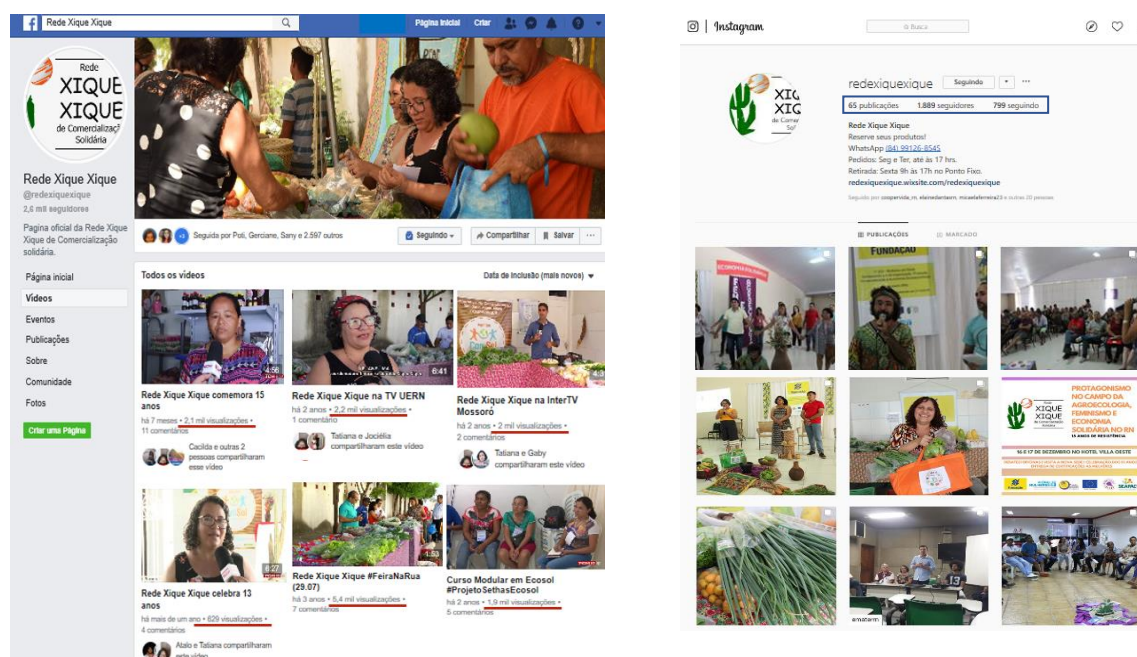
⁵⁴ Dados extraídos do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=RI3ZU6bPxII>

estabelecido, no caso a sexta-feira. Tal demanda é distribuída entre os produtores fazendo com que a produção seja dividida, de modo que todos os produtores participem do processo de venda de sua produção, não havendo o beneficiamento de A ou B, e sim respeitando a lógica igualitária do processo de produção.

O grupo do aplicativo no *WhatsApp* também é usado para a divulgação das atividades da Rede conforme figura 3 onde é possível observar mobilizações referente a campanha “Feira sem sacolas plásticas” onde o responsável pela comunicação da rede elabora pequenos textos informativos referente as ações, destacando sempre os princípios e pilares que norteia a RXX.

Além dos espaços citados acima é importante destacar a atuação da RXX nas plataformas de Redes Sociais como o Facebook e Instagram, conforme figura 4.

Figura 4 – Interfaces das páginas da Rede Xique-Xique nas plataformas do Facebook e Instagram retiradas em dezembro de 2019



Fonte: Imagens obtidas pelo autor a partir das páginas da RXX, 2019

É possível observar que a páginas do Facebook é utilizada para a divulgação das ações da rede, assim como para expor vídeos que retratam momentos de divulgação ou realização de alguma ação, bem como entrevistas concedidas que destaquem algumas mobilizações ou campanhas. É interessante observar ainda o alcance que tais vídeos têm, sendo alguns deles com mais 2 mil visualizações, um deles chega a 5,4 mil visualizações, conforme figura 4.

Nesse espaço ainda é possível observar que as postagens e compartilhamentos são referentes a assuntos ligados aos princípios da RXX, como foi a postagem sobre a Macha das Margaridas⁵⁵ que faz uso de algumas hashtags como: #marchadasmargaridas #feminismoemmarcha #RXX15anos, como pode ser visto no seguinte texto:

Mulheres dos diversos núcleos da Rede Xique Xique estiveram participando da Marcha das Margaridas de 10 a 14 de agosto de 2019 em Brasília - DF, a marcha esse ano levantou a temática "Margaridas na luta por um Brasil com soberania popular, democracia, justiça, igualdade e livre de violência". #marchadasmargaridas #feminismoemmarcha #RXX15anos.

Com relação ao perfil da RXX na plataforma do Instagram é possível observar que o mesmo já conta com quase 2 mil seguidores, conforme figura 4. Segundo Lemos e Sena (2018, p. 7) “o Instagram é a rede social mais importante para compartilhamento de fotografia, comparando o uso da galeria (área de publicação padrão) e do Stories (área de publicações que se apagam em 24h)”. É interessante ainda destacar o caráter efêmero dessa plataforma. “O Instagram tem no seu nome a palavra instantâneo. A presença e o uso do Stories são hoje uma comprovação de que as noções de instantaneidade no compartilhamento de imagens estão em constante movimento” (LEMOS; SENA, 2018, p. 22).

Vale ressaltar ainda outra característica interessante dessa plataforma, a saber o fato de não ocorrer a exibição de conteúdo sem que o usuário clique para vê-lo. Isso provoca uma sensação de curiosidade fazendo com que o usuário clique logo antes que aquele conteúdo desapareça já que o mesmo tem horário estabelecido para sumir, a menos que fiquem nos destaques. Entre um stories e outro, é comum o aparecimento de propagandas com o intuito de fazer com que aquele potencial consumidor adquira determinados produtos, bens ou serviços decorrentes da ação dos algoritmos como já foi tratado anteriormente.

Com relação ao perfil da RXX nessa plataforma, é interessante destacar que muitas vezes as imagens publicadas nesse perfil são compartilhadas no perfil do Facebook. No Instagram as publicações da RXX centram-se também em divulgar as ações desenvolvidas pela rede, as suas atividades e os produtos nos quais são realizadas a comercialização. No dia da feira, há uma intensificação dos Stories, divulgando a feira que ocorre nas sextas-feiras no Ponto Fixo de Comercialização Solidária localizado na Rua Dr. Almino Afonso, 29 – Centro, Mossoró/RN, conforme figura 5.

⁵⁵ <https://www.brasildefato.com.br/2019/08/14/marcha-das-margaridas-se-encerra-com-mostra-de-forca-de-100-mil-mulheres-camponesas/?fbclid=IwAR0ZbvoqWesEPMPzswjGN-t7pyRKc8ubbynZlodNARpaiBscK4GqPpAFgHo>

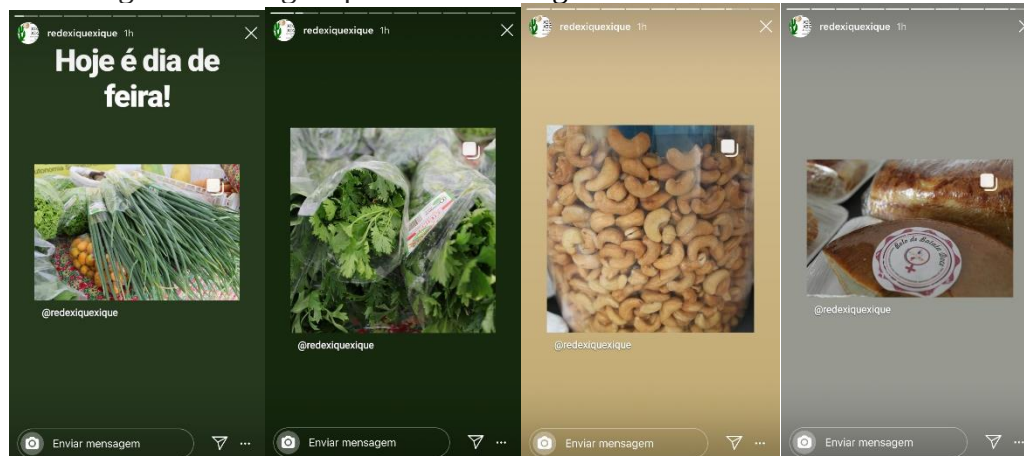
Figura 5 – Imagem postada no perfil do Instagram da Rede Xique-Xique no dia 06/01/2020



Fonte: Reprodução da página do Instagram da RXX, 2020.

Tal imagem se refere as cestas que são retiradas no mesmo dia que ocorre a feira livre no Ponto Fixo de Comercialização. Nesse dia, é comum observar a utilização maior dos recursos de Instagram Stories, presente nessa plataforma conforme mencionado acima, para a divulgação dos produtos disponíveis durante a feira, conforme pode ser observado na figura 6.

Figura 6 – Imagem postada no Instagram Stories no dia 29/11/2019

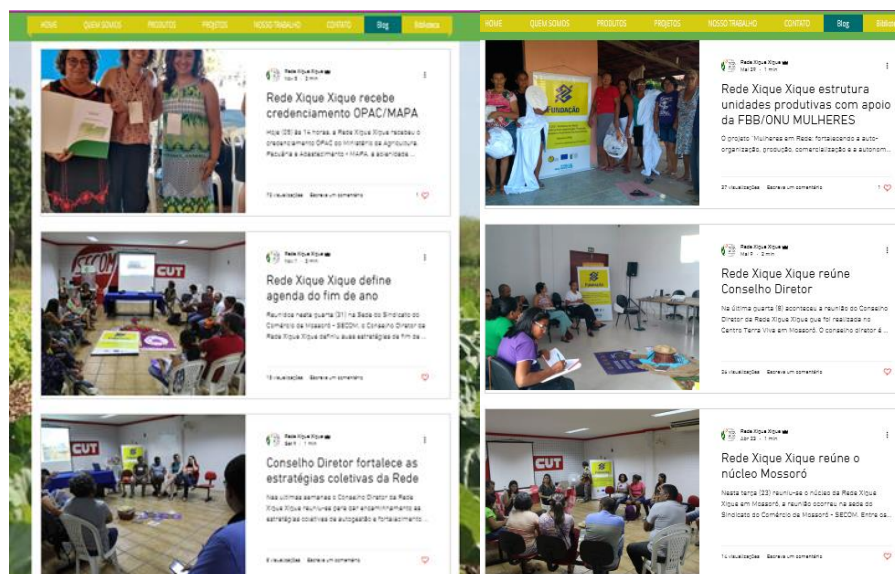


Fonte: Reprodução da página da RXX nessa plataforma, 2019.

É possível notar ainda o site institucional da RXX hospedado na plataforma Wixsite.com⁵⁶ que permite a criação de sites de forma rápida e personalizada. O site apresenta algumas abas, como: Home, Quem Somos, Produtos, Projetos, Nosso Trabalho, Contato, Blog e Biblioteca, conforme a parte superior apresentada na figura 7.

⁵⁶ <https://redexiquexique.wixsite.com/redexiquexique>

Figura 7 – Imagem extraída do site institucional da RXX, na aba do Blog.



Fonte: Reprodução da página da RXX nessa plataforma, 2019.

No item “Quem Somos”, é apresentado os princípios norteadores da RXX, em seguida na aba “Produtos” é exposto informações sobre os produtos que são comercializados pela RXX. Na sequência, há o item “Projetos”, onde são listados os projetos que a RXX é vinculada, a saber: Mulheres em Rede, Redesenhando a Vida, Geração Solidária, CESE Dupla participação e Rede Feminista. Na aba “Nosso Trabalho” existem várias fotos dos Produtos da Agricultura Familiar de base Agroecológica, Orgânica e da Economia Solidaria.

Já no item “Contato” contém as informações de como encontrar a RXX, sendo apresentado além do endereço e telefone, o horário de funcionamento do Ponto Fixo da sede, localizada em Mossoró. Observa-se também uma caixa de diálogo em que se deve colocar Nome, E-mail, Assunto e Mensagem, tal espaço se configura como um meio de interação entre a RXX e os possíveis consumidores e simpatizantes da causa.

Há ainda o item referente ao “Blog” onde são divulgados pequenos textos com relatos de ações desenvolvidas pela Rede, o foco maior dessa produção é a divulgação de ações como reuniões de mobilizações dos núcleos, do Conselho Diretor, bem como o planejamento anual e relatos sobre o processo de certificação OPAC/MAPA⁵⁷, dentre outras ações que envolvem a RXX, conforme figura 7. Por fim, existe e Biblioteca onde é possível encontrar artigos, monografias, teses e dissertações sobre a Rede.

⁵⁷ Organismo Participativo de Avaliação da Conformidade (OPAC) credenciados pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA)

4. Considerações Finais

Vale ressaltar que a comunicação com alguns dos agricultores precisa ser realizada por meio de áudios via aplicativo no *WhatsApp*, uma vez que alguns produtores possuem um baixo índice de escolaridade (analfabetos), dificultando um pouco o processo de comunicação, entretanto, acredita-se que o aplicativo possui essa via “inclusiva” na medida em que permite que haja essa comunicação de fácil compreensão.

As atividades da Rede Xique-Xique compreendem formações diversas, práticas agroecológicas, intercâmbios, acompanhamento a comercialização, vendas de produtos e feiras, o que implica na luta pela autonomia e melhoria da qualidade de vida dos trabalhadores do campo e da cidade.

Assim, é possível observar que a internet pode diminuir custos de produção, evitando deslocamentos desnecessários na medida em que encurtando distâncias, se apresenta como a abertura de novos mercados por meio de sistemas alimentares alternativos, contribuindo para o desenvolvimento dos espaços locais e fazendo com que os consumidores urbanos, que estão cada vez mais em busca de uma alimentação saudável, possam consumir alimentos frescos e saudáveis, fruto de uma produção livre de agrotóxicos.

A internet trouxe importantes formas de transformações aos indivíduos permitindo que os mesmos tenham voz para expressar quando quiser as suas indignações, e se articulem com os mais diferentes atores sociais. Porém, ela permitiu também a elaboração de um contexto em que a preponderante lógica do capital se apropria com destreza dessa poderosa ferramenta que é a internet e vem consolidando uma nova forma de operar o poder por meio da coleta e análise dos dados.

Assim, o uso e a apropriação da internet por parte dos integrantes da Rede Xique-Xique a partir do caso mencionado, se apresenta como uma possível forma de resistência a esse mercado ligados as grandes corporações, na medida em que se utiliza para o processo de comercialização da produção uma economia solidária preocupada com a igualdade e justiça das pessoas envolvidas, bem como com os princípios da agroecologia e do feminismo.

5. Referências Bibliográficas

ABRAMOVAY, Ricardo. **As commodities na era da economia de dados**. 2019. **Ricardo Abramovay**: Para juntar economia e ética, sociedade e natureza. Disponível em: <<http://ricardoabramovay.com/as-commodities-na-era-da-economia-de-dados/>>. Acesso em: 04 jan. 2020.

ASSAD, L.; PANCETTI, A. A silenciosa revolução das TIC na agricultura. **Com Ciência**, n. 110, 2009. Disponível em: <<http://comciencia.scielo.br/pdf/cci/n110/a05n110.pdf>> Acesso em: abr. 2017

CAROLAN, Michael. Automated agrifood futures: robotics, labor and the distributive politics of digital agriculture. **The Journal Of Peasant Studies**, [s.l.], p.1-24, 8 abr. 2019

CASTELLS, M. **A sociedade em rede: A era da informação: economia, sociedade e política**. 20. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

CASTELLS, Manuel et al. **Mobile communication and society: a global perspective**. Cambridge: MIT Press, 2007.

CASTELLS, M. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

DOWBOR, Ladislau. Articulações em rede na era do conhecimento. In: JUNQUEIRA, Luciano Prates; CORÁ, Maria Amélia (Org) **Redes e intersectorialidade**. São Paulo: Tiki Books, 2016. Cap. 1. p. 13-40.

FRANÇA, A. R. M. de et al. A Dinâmica da Agricultura Familiar e a Economia Solidária: a experiência de inserção em mercados e a diversificação da Rede Xique Xique (RN). In: **Anais do I Circuito de Debates Acadêmicos – CODE 2011**, Brasília, IPEA, 2011, p. 6.

FRASER, Alistair. The digital revolution, data curation, and the new dynamics of food sovereignty construction. **The Journal Of Peasant Studies**, [s.l.], p.1-19, 2 maio 2019.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2016**. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <<http://ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2005/tabsintese.shtm>>. Acesso em: 10 set. 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Censo agropecuário 2017: agricultura familiar: Brasil, Grandes Regiões e Unidades da Federação: primeiros resultados**. Rio de Janeiro, 2018.

LANIER, Jaron. **Gadget: você não é um aplicativo!** Tradução Cristina Yamagami. São Paulo: Saraiva, 2010.

LE MOS, André; SENA, Catarina de. Mais livre para publicar: efemeridade da imagem nos modos “galeria” e “stories” do Instagram. **Revista Mídia e Cotidiano**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p.6-26, ago. 2018. (Artigo Seção Temática)

LIMA, Fabiana da Silva. **Venda direta como forma de posicionamento estratégico na distribuição de alimentos da produção rural**. 2018. 116 f. Trabalho de Dissertação (Mestrado em Agronegócios e Desenvolvimento) – Faculdade de Ciências e Engenharia, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Tupã, 2018.

MISKOLCI, Richard; BALIEIRO, Fernando de Figueiredo. Sociologia Digital: balanço provisório e desafios. **Revista Brasileira De Sociologia**, v. 6, p. 132-154, 2018.

RECUERO, Raquel. A internet e a nova revolução na comunicação mundial. **Raquel Recuero**, artigos, 2000. Disponível em: <<http://www.raquelrecuero.com/revolucao.htm>>. Acesso em: 05 dez. 2019.

RENTING, H.; MARSDEN, T.; BANKS, J. Understanding alternative food networks: exploring the role of short food supply chains in rural development. **Enviromental & Planning**, v. 35, n. 3, p. 393-411, 2003.

SANTOS, C. J. **Entrelaçando redes e tramas**: a importância das práticas educativas na participação social e política das mulheres 2017, (Dissertação de Mestrado). Mestrado em em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/24849> Acesso em: 10 set. 2019.

SILVEIRA, Sergio Amadeu da. **Tudo sobre tod@s**: Redes digitais, privacidade e venda de dados pessoais. 1. ed. São Paulo: Sesc SP, 2017.

VAN DIJCK, J. **The culture of connectivity**: A critical history of social media. Oxford: Oxford University Press, 2013.

WILKINSON, John. O setor privado lidera inovação radical no sistema agroalimentar desde a produção até o consumo In: **Sistemas y políticas de innovación para el sector agropecuario en América Latina** / compilação Frédéric Goulet, Jean-François Le Coq, Octavio Sotomayor. Rio de Janeiro: E-papers, 2019.

EXPERIÊNCIAS DO PIBID/UERN: RELATOS PEDAGÓGICOS COM ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL I

João Paulo Jales dos Santos⁵⁸

1. Introdução

A presente pesquisa relata experiências a partir de atividades realizadas por bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), que tiveram a oportunidade de compreender, através do programa, o importante alicerce para a formação acadêmico-docente, compreendendo que a inserção durante a graduação no espaço escolar constitui ponto de extrema relevância na capacitação teórico-prática do licenciando.

Os bolsistas do PIBID interdisciplinar, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), trabalharam com crianças do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental I. Ressalta-se que o PIBID interdisciplinar reunia estudantes provenientes de diferentes cursos de graduação, onde alguns bolsistas tiveram contato com a educação de crianças pela primeira vez. As ações do subprojeto interdisciplinar tinham como fundamento o objetivo e a justificativa do subprojeto, que tinha o norteamento da temática, “A educação ambiental na perspectiva da promoção da saúde como eixo articulador da formação interdisciplinar”. Conforme a própria justificativa do subprojeto:

O projeto “A educação ambiental na perspectiva da promoção da saúde como eixo articulador da formação interdisciplinar” traz como objeto, o papel formativo da educação ambiental e da promoção da saúde, enquanto conhecimentos que se articulam em função de objetivos comuns. A problemática ambiental constitui-se em um dos temas mais relevantes da atualidade. O processo de desenvolvimento tem aprofundado os problemas ambientais e a Universidade, enquanto espaço de formação tem um compromisso com a sustentabilidade ambiental. Este compromisso ainda não representa uma realidade consolidada nos diversos cursos da nossa IES. Constatando-se essa realidade propomos um subprojeto que amplie a formação docente inserindo a abordagem da temática proposta em cursos de licenciatura e nas escolas parceiras. Esse projeto interdisciplinar pretende identificar os nexos entre a formação específica de cada curso, descobrindo o que determina a proposta curricular em relação a educação ambiental e saúde, elaborando a partir do diagnóstico, estudos teóricos e experiências e proposições para essa abordagem pelos professores do ensino básico, bem como no âmbito das licenciaturas. Essa proposta não está restrita a dimensão ecológica, mas recupera o princípio de totalidade considerando o ser humano como parte do meio ambiente e afetado com problemas que não sendo ecológicos são socioambientais, tais como o racismo, a

⁵⁸ Graduado no curso de Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). joaao.joaao-paulo@gmail.com

² Professor adjunto do curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). alessandronobrega@uern.br

homofobia, o machismo, dentre outros que impedem a sadia qualidade de vida (SUBPROJETO..., 2013, p.2).

Como as experiências do PIBID interdisciplinar na escola Estadual Jerônimo Vingt Rosado Maia impactaram no processo de formação docente dos bolsistas da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)? Como a diversidade de graduandos de diferentes cursos gerou trocas contínuas de aprendizagem, tanto nos bolsistas, quanto nas crianças envolvidas nas atividades do PIBID? São estas perguntas que o trabalho procurará responder.

A escola Estadual Jerônimo Vingt Rosado Maia está localizada no conjunto Vingt Rosado, a instituição oferta o ciclo do Ensino Fundamental nos turnos matutino e vespertino. Pelo turno matutino funciona o Ensino Fundamental I, no qual os bolsistas realizaram as atividades. No turno vespertino funciona o Ensino Fundamental II. A escola ainda trabalha com a Educação de Jovens e Adultos (EJA), no turno noturno. As ações do PIBID na escola se deram na dualidade, planejamento-execução, ocorrendo ao longo do ano de 2017, período de atividades que se deterá o artigo, onde foram realizadas doze ações na escola.

Ressalta-se que o PIBID interdisciplinar, do Campus Central da UERN, realizava suas atividades desde o ano de 2014, quando foi aprovado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), seguindo os critérios do edital nº 061/2013. O último ano das ações na escola Jerônimo Vingt Rosado Maia foi o ano de 2017, no qual se justifica ser o ano a ter as ações relatadas na pesquisa. O edital da CAPES nº 061/2013, que tinha um fluxo contínuo, foi encerrado em janeiro de 2018, quando já no governo de Michel Temer, que decidiu interromper o edital para reformular o PIBID.

No momento da execução do que fora planejado é que se detém o objeto proposto a ser analisado. A interação entre bolsistas e alunos constitui circunstância em que o contato com as crianças torna possível que o planejado possa ser efetivamente executado como fora pensado. Corsaro (2009), compreende que as crianças assimilam criativamente informações do mundo adulto para construir culturas singulares. Para o autor, as culturas de pares infantis são entendidas como “um conjunto de atividades ou rotinas, artefatos, valores e preocupações que as crianças produzem e partilham na interação com os seus pares.” (CORSARO, 2009, p.32)

Valendo-se do uso do método qualitativo da narrativa, a pesquisa recorre a esse método para amparar os relatos pedagógicos, bem como descrever as relações que aconteceram entre bolsistas e crianças, pois se compreende que nestas relações, entre o objetivo institucional do PIBID e a subjetividade das crianças:

Pesquisa Narrativa é uma forma de compreender a experiência. É um tipo de colaboração entre pesquisadores e participantes, ao longo de um tempo, em um lugar ou

série de lugares, e em interação como *milieus*. Um pesquisador entra nessa matriz no durante e progride no mesmo espírito, concluindo a pesquisa ainda no meio do viver e do contar, do reviver e do recontar; as histórias de experiências que compuseram as vidas das pessoas, em ambas as perspectivas: individual e social (CLANDININ; CONNELLY, 2011, p.51).

Da relação entre graduandos e crianças surge a faceta institucional do PIBID, a formação docente, tema contumaz em debates acadêmicos, institucionais e de diferentes setores da sociedade civil preocupados com a temática. O PIBID, enquanto programa alicerçado em contemplar bolsas para que estudantes atuem na escola, constitui ensinamento imprescindível para inserir o graduando no futuro espaço de atuação profissional. Através desta vivência, o aluno passa a conhecer e compreender os desafios que terá quando estiver exercendo o magistério. O PIBID contempla para o aluno a construção de sua identidade profissional, colocando a teoria das aulas e dos livros em dialética com a prática docente. Como presente no decreto que regulamentou o PIBID:

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID, executado no âmbito da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, tem por finalidade fomentar a iniciação à docência, contribuindo para o aperfeiçoamento da formação de docentes em nível superior e para a melhoria de qualidade da educação básica pública brasileira (HOLANDA; SILVA apud DECRETO N° 7.219, 2010).

Neste sentido, cabe ao PIBID interdisciplinar, eixo estruturante da modalidade da qual os graduandos estiveram sob égide, uma peculiaridade ímpar, ao reunir diferentes cursos em uma mesma escola, acabou por propiciar um debate enriquecedor, onde diferentes visões pedagógicas convergiram para que a qualidade das tarefas pudesse almejar um diálogo profícuo no desenvolvimento das ações. Para fins elucidativos, no eixo estruturante interdisciplinar, os discentes do turno matutino que trabalharam na escola Jerônimo Vingt Rosado Maia, são provenientes das seguintes licenciaturas: Ciências Biológicas, Ciências Sociais, Geografia e Pedagogia.

Na experiência escolar, pôde-se perceber através das atividades o quão mútuo é o processo de ensino-aprendizagem. Graduandos e crianças puderam desfrutar de trocas de informações e assimilações que tornaram prazerosas as ações que foram pensadas para o contexto do Ensino Fundamental I, evidenciando o alcance da perspectiva pedagógica do PIBID, ao permitir que diferentes visões pedagógicas se agrupassem e canalizassem uma pedagogia da práxis no ato das tarefas. Eis uma instância íntima do PIBID, fazer com que a formação docente dos bolsistas esteja em contínua dialética com os saberes pedagógicos, com os sujeitos envolvidos em todo o processo das atividades, com os desafios encontrados na instituição escolar e com o momento de concretização das ideias propostas. Como diz Zabala:

Um dos objetivos de qualquer bom profissional consiste em ser cada vez mais competente em seu ofício. Geralmente se consegue esta melhoria profissional mediante o conhecimento e a experiência: o conhecimento das variáveis que intervêm na prática e a experiência para dominá-las. (ZABALA, 1998, p.13).

Neste contato entre a escola e o PIBID interdisciplinar, se percorre aquilo que nesta pesquisa denominar-se-á de relatos pedagógicos. E o que são estes relatos? São notas que a partir da experiência do PIBID formam a espinha dorsal das vivências que se deram na escola. São relatos de experiências que fizeram com que os bolsistas compreendessem a elaboração da teoria, aliada a prática do saber pedagógico. Como bem observa Freire:

Rigorosidade metódica, pesquisa, respeito aos saberes dos educandos, criticidade, ética e estética, corporificar as palavras pelo exemplo, assumir riscos, aceitar o novo, rejeitar qualquer forma de discriminação, reflexão crítica sobre a prática, reconhecimento e assunção da identidade cultural, ter consciência do inacabamento, reconhecer-se como um ser condicionado, respeitar autonomia do ser educando, bom senso, humildade, tolerância, convicção de que mudar é possível, curiosidade, competência profissional (FREIRE, 1996, p.14).

De teor descritiva, consolidada no uso de metodologia qualitativa, esta pesquisa, direciona-se a professores, graduandos e demais interessados na docência, que terão nos relatos a oportunidade de comprovar o quão bem funciona o PIBID inserido numa escola, formando professores e contribuindo para o ensino-aprendizagem dos envolvidos nos processos pedagógicos da rotina do programa.

2. Relatos pedagógicos: as experiências do PIBID na Escola Estadual Jerônimo Vingt Rosado Maia

Como relatar processos pedagógicos que confluem para uma mesma vertente quando cursos diferentes participam de uma mesma etapa de elaboração do saber? Esta indagação compreende um ponto nevrálgico no PIBID interdisciplinar, pois perpassa as ações desenvolvidas pelos bolsistas. A dualidade, planejamento-execução, ocorre sobre visões distintas que surgem com a gama de diversidade dos cursos presentes no PIBID. São visões que se muitas das vezes se chocam entre si, conseguem encontrar caminhos que dialogam para um entendimento de como solucionar as discórdias teóricas pertinentes nos processos pedagógicos.

Quando bolsistas estão inseridos na prática escolar, a dedicação nas situações faz surgir barreiras a serem transpostas, desafios estes, que foram sendo solucionados nos procedimentos pedagógicos das experiências na escola. Experiências estas, que serão relatadas a partir de agora, em forma da execução das atividades planejadas.

Para Delorme (2012), é nos momentos de brincadeira que as crianças podem nos informar como elas são e o que elas acreditam e vivenciam juntamente com os adultos que as cercam e,

principalmente, como elas entendem o mundo ao seu redor. Os momentos das ações, propiciou tanto para as crianças quanto para nós bolsistas, aprendizagens riquíssimas.

Nós bolsistas, procuramos desenvolver com os alunos atividades lúdicas, que chamassem suas atenções, pois desta forma, o aluno interage mais, se sente mais seguro e aprende brincando.

Brincar favorece a auto-estima, a interação com seus pares e, sobretudo, a linguagem interrogativa, propiciando situações de aprendizagem que desafiam seus saberes estabelecidos e destes fazem elementos para novos esquemas de cognição. Através do jogo simbólico a criança aprende a agir e desenvolve autonomia que possibilita descobertas e anima a exploração, a experiência e a criatividade. (ANTUNES, 2004, p.32).

Foram realizadas doze atividades durante todo o ano de 2017, que tiveram como temática, o objetivo e a justifica da proposta do PIBID interdisciplinar, “A educação ambiental na perspectiva da promoção da saúde como eixo articulador da formação interdisciplinar”. A temática foi desenvolvida buscando uma conscientização crítica, refletida no espaço escolar e buscando transpor-se para a vida social ampla das crianças, mediada através de diálogos que foram ancorados em cientificidade. Como afirma Segura:

Para a EA vista como aposta de vida, prática cidadã e construção cotidiana de uma nova sociedade, este conceito parece mais “iluminado” de sentido pois estabelece uma série de outras conexões importantes: a relação eu-nós pressupõe envolvimento, solidariedade e a própria participação. Poderia ter sido escolhida “conscientização” ou “sensibilização”, talvez as expressões mais citadas quando se fala em EA, mais foi buscada no conceito de pertencimento uma síntese dessas duas idéias. (SEGURA, 2001, p.48).

As atividades que aqui chamar-se-ão de experiências, formam os relatos pedagógicos que serão transcritos. São atividades que no ato da execução transpõem a gênese do planejamento para a práxis. Serão descritas em ordem de realização cronológica, e formam o objeto relacional entre bolsistas e crianças que é investigado no trabalho.

2.1 Atividade ‘Higiene Pessoal’

Relevância justificada porque, nós bolsistas, pudemos perceber a necessidade de tratar com os alunos sobre um tema que, dada as devidas condições sociais das crianças, é de suma importância. Realizada com as turmas do 1º ao 5º ano, a atividade foi pensada a partir do momento em que se constatou que as crianças possuíam aparência de uma higiene debilitada. Em muitos casos, crianças

chegavam na escola sem condições mínimas de higiene. Disso, viu-se, o quanto as crianças precisavam aprender sobre a importância para a saúde de uma higiene pessoal bem realizada.

Foi bastante importante a realização da atividade, causando nas crianças uma reflexão significativa. Através de exposições orais e de vídeos, abordou-se o assunto, onde na interação entre bolsistas e crianças, perguntas destas surgiram, e foram sendo respondidas no transcorrer da manhã que se desenvolveu a ação. A atividade serviu para que as crianças tivessem conhecimento e começassem a praticar hábitos saudáveis de higiene.

No próprio andamento da atividade, constatou-se que os conteúdos abordados deveriam ser explorados com mais rigor e estímulo pela equipe pedagógica da escola, haja vista que muitos alunos não têm esse aprendizado em casa. Tal constatação foi encaminhada à equipe pedagógica da escola, para que a equipe pudesse conceber orientações as crianças sobre a importância de se ter uma saudável higiene pessoal.

2.2 Atividade ‘Alimentação Saudável’

Integrando as turmas do 1º ao 5º ano, a ação partiu da necessidade de se trabalhar esse assunto, devido ao horário de 07h da manhã que as crianças chegam para a aula. Ao verificar que as crianças chegavam comendo salgados com refrigerante num horário como este, constatou-se que seria necessário conscientizá-las a praticar uma alimentação saudável, mesmo que isso recorresse em ‘comprar briga com a praticidade’, pois a comodidade para os pais comprarem um lanche industrializado ao invés de prepará-lo em casa para os filhos, certamente é uma resposta rápida.

Esta atividade se deu com um diálogo fazendo contraponto e demonstrando através de material técnico-científico o que acontece com alguém que não faz uso de alimentação saudável. Os alunos interagiram bastante contando o que realmente gostavam de comer e o que de fato consumiam diariamente. Através disso, nós bolsistas, percebemos como os alunos se alimentavam de maneira inadequada, num hábito de consumo frequente. Desse modo, a conversação com os alunos se deu nas prováveis consequências que uma má alimentação pode causar na vida das pessoas.

A maioria das crianças ficou surpresa com o exposto, se comprometendo a falar com os pais para haver uma mudança na alimentação da casa, fazendo uso de uma dieta saudável. A educação alimentar foi um diálogo que visou contribuir para que os alunos levassem a seus pais a influência e importância de uma alimentação balanceada para a saúde física e neurológica dos membros das famílias.

2.3 Atividade ‘Dos Sentidos’

Executada com alunos do 1º ao 3º ano, fazendo uso dos sentidos, as crianças deveriam identificar diferentes tipos de alimentos. A atividade foi proposta como um espécime de extensão da atividade da ‘Alimentação Saudável’. A proposta era que alunos aguçassem os sentidos para descobrir que tipo de alimento era aquele que estavam cheirando. A atividade se desenvolveu num ambiente de curiosidade e entretenimento, onde os alunos se divertiram e interagiram com muitos sorrisos.

Essa prática educativa se deu por meio do incentivo e engajamento, auxiliando os alunos e explicando a importância daquele aprendizado para o processo de maturação. A avaliação foi de que a atividade conseguiu ter êxito prático, ao demonstrar alimentos saudáveis, buscando ampliar a conscientização do que já havia sido iniciada na atividade da ‘Alimentação Saudável’.

2.4 Atividade ‘Jogos Dos Pratos’

Desenvolvida com alunos do 4º e 5º ano, assim como a atividade ‘dos Sentidos’, a do ‘Jogo dos Pratos’ também foi uma espécie de extensão da atividade da ‘Alimentação Saudável’. Cada aluno deveria colocar no prato cinco alimentos mais consumidos durante a semana. A proposta tinha o intuito de fazer com que as crianças percebessem o grau de alimentação saudável que possuíam. O resultado mostrou que a prática da alimentação saudável das crianças ainda era um exercício contumaz a ser aprimorado, visto que os alimentos elencados nos pratos não constituíam, em sua maioria, uma dieta saudável.

Ao término da atividade, o diálogo foi exortado, onde, nós bolsistas, mais uma vez, lembramos sobre a conscientização de se ter uma dieta saudável, enfatizando o uso do material técnico-científico que fora usado na atividade da ‘Alimentação Saudável’. Material que continha consistência teórica sobre a necessidade de se fazer uso de uma alimentação verdadeiramente saudável. Tal recurso metodológico teve uma grande contribuição, pois o uso do material serviu para reforçar uma didática de táticas educativas em sala de aula.

2.5 Atividade sobre ‘Bullying’

A ação foi pensada a partir de relatos que chegaram de crianças que foram vítimas de bullying. Na realização da ação, com as turmas do 4º e 5º ano, foi apresentado o filme, “Um grito de socorro”, que acabou causando impacto emocional nas crianças. A proposta era que com o filme os alunos pudessem perceber a importância do respeito para com o outro.

Ao término da exibição do filme, foi aberto diálogo, onde algumas crianças chegaram a relatar que já haviam tanto praticado quanto sofrido bullying em casa e na escola. Por ser um tema pertinente, os alunos se envolveram no diálogo, relatando seus anseios, medos, experiências e frustrações com casos de bullying. Os sentimentos, aflorados como ficaram, acabaram tomando de conta da ação, através do que era relatado.

Como é uma temática sensível no ambiente escolar, abordar o bullying foi crucial. Um dos elementos produtivos no PIBID interdisciplinar é que os diferentes cursos se intercalam nas discussões das temáticas escolhidas, e posteriormente, as discussões confluem para a ação em si. No término da atividade se chegou à conclusão de que os relatos de bullying deveriam ser repassados para a coordenação pedagógica da escola para que alguma ação conscientizadora fosse feita em relação a prevenção do bullying, tendo impactos tanto na escola como na vida social dos alunos.

2.6 Atividade ‘Semana do Meio Ambiente’

Integrada com toda escola, a ação teve como objetivo alertar os alunos para os cuidados com a conservação ao meio ambiente, buscando sensibilizá-los sobre os cuidados com a natureza, desenvolvendo neles, responsabilidades. No ato da ação surgiu a proposta de que plantas fossem cultivadas para que as crianças regassem e as protegessem.

As plantas foram providenciadas junto a coordenação do PIBID e da escola, e alguns dias após a execução da ação, dez mudas foram plantadas no interior da escola, onde começaram a ser semeadas, ficando acordado que os alunos as regariam, acordo que foi sendo desenvolvido ao longo das semanas, resultando no crescimento das plantas.

2.7 Atividade ‘Medo de Sapo? Eu não!’

A iniciativa ocorreu com as turmas do 1º ao 5º ano, surgiu quando foi visto que as crianças costumavam maltratar sapos que tinham na escola. O objetivo da iniciativa foi apelar a consciência dos alunos para a importância dos sapos na natureza. Na realização da tarefa, foram expostos sapos na fase de metamorfose, e um em espécie viva, e ainda sapos confeccionados com biscoito. Fazendo uso de cartazes informativos e dialogando com as crianças, a tarefa foi realizada nas salas de aula, onde as crianças foram fazendo perguntas que foram sendo respondidas pelos bolsistas.

2.8 Atividade ‘Cuidados no São João’

A atividade teve como base, informar sobre os cuidados acerca dos perigos com fogueiras e fogos de artifício, visto que durante o diálogo com as crianças, soubemos a partir de suas falas, o que seus familiares praticavam no período junino, onde na maioria das vezes, jogavam fogos de artifício e/ou bombinhas perto de eletricidade por possuírem falta de informação. Foi gratificante executar a atividade, pois pôde-se fazer com que os alunos pudessem refletir sobre o que estavam fazendo e levar essa reflexão para casa para ser compartilhada junto com seus familiares.

A atividade foi desenvolvida com as turmas do 1º ao 5º ano. Foram preparados cartazes informativos sobre os cuidados que se deve ter com os fogos e as fogueiras. Aproveitou-se o intervalo para o desenvolvimento de objetos a partir de materiais recicláveis, relacionados com a temática junina. As crianças aproveitaram o clima junino, e algumas no decorrer do intervalo improvisaram danças de São João.

2.9 Atividade ‘Boneco Cabeça de Grama’

Tarefa executada com as turmas do 4º ano, unindo a reciclagem com o plantio de mais algumas mudas, além daquelas já plantadas na atividade da ‘Semana do Meio Ambiente’. Para a tarefa confeccionou-se garrafas com rostos de bonecos com furos no fundo para saída da água e com adubo, areia e alpiste. Os alunos ao longo das semanas regavam as plantas para que pudessem crescer.

O objetivo da atividade foi de conscientizar as crianças da relevância da reciclagem, com isso, se teve como ideia pensar na reciclagem unindo-a com algo que despertasse a curiosidade nas crianças, para tanto pensou-se então em fazer um boneco cabeça de grama com material reciclável e a partir dele, fazer plantio.

A tarefa buscou despertar o desenvolvimento da consciência da sustentabilidade e da preservação ao meio ambiente. Tal intervenção foi desenvolvida trazendo exemplos das consequências que os humanos causam ao meio natural quando não se tem a devida preocupação com a natureza.

2.10 Atividade ‘Anedota Popular’

Apresentada pelos bolsistas, com os ensaios ocorrendo na escola, a encenação da anedota se chamava, “Dois cegos briguentos”, que foi apresentada na ‘Semana de Arte e Cultura’ da escola. Como era esperado, houve muita gargalhada das crianças e do público em geral presente na encenação, vide que a anedota possuía teor cômico. No entanto, apesar da comicidade da anedota, que tinha o fio

condutor dos protagonistas com deficiência visual, ao fim da apresentação, abriu-se dialogo para conscientizar, sensibilizar e buscar gerar empatia nas crianças sobre a necessidade e a imprescindibilidade de acolher os colegas com deficiências. Os incluindo nas atividades na sala e na escola, integrando-os nas relações escolares.

2.11. Atividade ‘Do Desenho’

A tarefa foi feita com os alunos para apurar a opinião deles em relação aos trabalhos realizados pelo PIBID interdisciplinar. Indagando os alunos sobre quais atividades mais gostaram, e principalmente, dialogando com as crianças para ver como percebiam o PIBID na rotina escolar, servindo como um momento de reflexão entre bolsistas e crianças de todo o planejamento e execução do PIBID até aquele momento.

Com um canal de diálogo entre bolsistas e crianças, a comunicação fluiu para um debate de avaliação das perspectivas e limites do PIBID na escola. Esse episódio, foi muito construtivo para nós bolsistas, uma vez que percebemos as contribuições que deixamos para os alunos.

Os recursos metodológicos utilizados nas diferentes ações na escola tiveram um teor de aprendizagem que podem repercutir ao longo da vida escolar das crianças. Assim, salientamos a imprescindibilidade do PIBID na formação docente, pois é por meio da prática de atividades, seja na escola ou especificamente dentro da sala de aula, que superamos nossas carências e nos tornamos educadores mais qualificados.

2.12 Atividade ‘Cantada de Natal’

Pensada para o encerramento das aulas na escola, no momento da confraternização do último dia de aula do ano, a cantata foi planejada para ser um momento de congregação entre professores, equipe gestora e demais servidores, alunos e seus responsáveis. Foram escolhidas as músicas “Marcas do que se foi” e “Vem chegando o natal”, para serem dançadas. Os ensaios foram realizados com as crianças das turmas do 4º e 5º ano. Os ensaios para não parecerem cansativos, foram transformados numa espécie de lazer no pátio da instituição.

A apresentação transcorreu em clima festivo, congregando todo o ano escolar. Além da equipe gestora e dos professores, também estavam presentes na encenação da cantata as mães das crianças. As outras turmas, também realizaram atividades e encenações para comemorar o espírito natalino.

3. Considerações Finais

A pesquisa teve como ponto de partida responder a duas indagações, o impacto das experiências na escola Jerônimo Vingt Rosado na formação docente dos bolsistas, e a diversidade de graduandos de cursos diferentes resultando em trocas de ensino-aprendizagem entre bolsistas e crianças. Propôs-se conduzir a pesquisa a partir das experiências na escola, pois compreende-se que as atividades desenvolvidas pelo PIBID foram o motor ativo pedagógico de realização do projeto interdisciplinar na instituição. A interação entre bolsistas e crianças constituiu cerne teórico do objeto analisado, justamente por recair na faceta ímpar onde bolsistas e crianças se unem e encontram o caráter pedagógico da presença do PIBID na escola. As experiências das atividades, que aqui serviram como relatos pedagógicos, são a liga que fazem com que bolsistas e crianças, possam se fundirem numa perspectiva educacional para atingir qualidade no ensino-aprendizagem.

A formação docente sendo o desafio que é no Brasil, encontra nesse contato do universitário com a escola, por meio do PIBID, a manifestação da docência no seu ambiente genuinamente de atuação, o espaço escolar. É a manifestação da teoria das aulas se encontrando com a prática escolar, formando a dialética da práxis. Contribuindo, de sobremodo, para a formação dos bolsistas do PIBID na escola Jerônimo Vingt Rosado Maia, como professores dotados de senso crítico e se preparando para os desafios educacionais que virão. Como afirma Schmied-Kowarzik:

Cada vez mais, também a prática educacional é presa de processos de socialização e obrigações sistêmicas “naturalmente” desenvolvidas, de tal modo que os indivíduos, em vez de serem formados como portadores autônomos da práxis social, são determinados como portadores funcionais das relações sociais tomadas como dadas. Portanto, a teoria não pode se vincular diretamente de modo positivo e afirmativo a uma prática de socialização anterior, esclarecendo-a acerca de sua base ética, para fornecer desta maneira ao educador possibilidades de uma orientação e realização consciente de sua prática. Ela precisa, em primeiro lugar, revelar analiticamente de modo crítico as contradições sociais, os momentos da alienação na práxis educacional e de socialização anteriores, para desta maneira criar a pré-condição teoricamente consciente para uma revolução prática desta alienação. (SCHMIED-KOWARZIK, 1983, p.133).

Outro determinante na experiência do PIBID na escola Jerônimo Vingt Rosado Maia é o caráter diversificado dos cursos de onde advêm os bolsistas. Atuando no Ensino Fundamental I, o diálogo entre diversidade e séries iniciais, confluiu para um processo mútuo de ensino-aprendizagem. Num momento em que cursos de Ciências Biológicas e Sociais, de Geografia e Pedagogia se encontram sob um mesmo espaço de atuação para pensar e executar ideias com crianças, abre-se um leque de possibilidades onde os bolsistas se veem iniciando suas jornadas no magistério, aprendendo com visões distintas nas experiências, encarando a prática dialogando com a teoria.

Aprendizagem é efetivada pelas trocas sociais, onde a mediação torna-se relevante. Quanto mais profícua for essa ligação, maiores serão as condições de o estudante desenvolver-se. A ação do mediador não é a de facilitar porque mediar processos de aprendizagem é, sem sombras de dúvidas, provocar, trazer desafios, motivar quem vai aprender. Um dos principais escopos da mediação é criar vínculos entre educando, o professor e o espaço escolar. (CUNHA, 2012, p.82).

Fica o registro de grandes lições vivenciadas no PIBID interdisciplinar, lições que repercutem na formação pessoal, e dos impactos do PIBID nos contextos profissional e formativo-acadêmico. Na formação pessoal se compreende que os bolsistas com suas singularidades enquanto sujeitos foram impactados pessoalmente na repercussão das experiências de sociabilidade presente nas trocas relacionais envolvidas na interação com as crianças. Na relação bolsistas-alunos, a empatia foi característica essencial para encaminhar um caráter na formação pessoal dos bolsistas.

No que concerne aos contextos profissional e formativo, pôde-se compreender que a formação docente foi sendo paulatinamente concebida nas experiências dos relatos pedagógicos, estruturados nos momentos de planejamento, e da execução das ações. É a escola e o PIBID interdisciplinar sendo atores do contexto formativo-profissional, esboçando desse modo a constituição da docência nos bolsistas.

As atividades relatadas no presente artigo, se deram num momento em que o PIBID sofria profundos cortes instituições no seu orçamento, onde já se sabia de antemão, que no ‘novo’ PIBID que viria a partir do segundo semestre de 2018, o eixo estruturante interdisciplinar não mais estaria presente no programa. Num momento em que a ciência do país caminha com enormes dificuldades estruturais, é de suma importância relatar as experiências de bolsistas do PIBID interdisciplinar na escola Estadual Jerônimo Vingt Rosado Maia. Nesses relatos pedagógicos fundamentam-se formações acadêmica, pedagógica, de magistério e de caráter de sujeitos envolvidos nas trocas de experiências, que confirmam quão valiosa é a presença do PIBID nas universidades e escolas-parceiras.

4. Referências Bibliográficas

ANTUNES, C. **Educação infantil: Prioridade Imprescindível**. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. **Pesquisa narrativa: experiencia e história em pesquisa qualitativa**. Uberlândia: EDUFU, 2011.

CORSARO, W. A. Reprodução interpretativa e cultura de pares. MÜLLER, F.; CARVALHO, A. M. A. (Org.). In: **Teoria e prática na pesquisa com crianças: diálogos com Willian Corsaro**. São Paulo: Cortez, 2009, p.31-50.

CUNHA, A. E. **Praticas Pedagógicas para a inclusão e diversidade**. Rio de Janeiro: Wak, 2012.

DELORME, M. I. C. Infância e ludicidade. In: **Educação Infantil 2**. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2010, p.111-122.

EDITAL Nº 061/2013. Brasília: Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, 2013.

FACCI, M. G. D. A periodização do desenvolvimento psicológico individual na perspectiva de Leontiev, Elkonin e Vigostki. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 24, n. 62, p.64-81, 2004.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HOLANDA, D. S.; SILVA, C. S. M. A contribuição do PIBID na formação docente: um relato de experiência. In: **XI Encontro Nacional de Educação Matemática, 2013, Curitiba. Educação Matemática: Retrospectivas e Perspectivas**. Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2013, p.1-10.

PAULILO, M. A. S. A Pesquisa Qualitativa e a História de Vida. **Serviço Social em Revista**, Londrina, v. 2, n. 1, p.135-145, 1999.

SCHMIED-KOWARZIK, W. **Pedagogia dialética: de Aristóteles a Paulo Freire**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SEGURA, D. S. B. **Educação ambiental na escola pública: da curiosidade ingênua à consciência crítica**. São Paulo: Annablume, 2001.

SUBPROJETO INTERDISCIPLINAR. Mossoró: Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, 2013.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2007.

VIGOTSKII, L. S; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 2010.

ZABALA, A. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

SARTRE E FOUCAULT: A FILOSOFIA COMO UMA NOVA POSSIBILIDADE DE EXISTÊNCIA

Jonatá dos Reis Lima⁵⁹
Gleicy Kelly de Moraes Lopes⁶⁰

1. Introdução

Talvez pudéssemos começar nossa problemática com a seguinte questão: o que grandes pensadores do século XX, como Sartre e Foucault, podem contribuir para nossas questões atuais e contemporâneas, nossas relações consigo mesmo e com os outros, com o nosso próprio cotidiano? Qual a principal atualidade desses grandes intérpretes da existência, da vida?

Acreditamos que falar de uma filosofia para o sujeito, de buscar um desprendimento e uma forma outra de construção e constituição desse sujeito que se desvincula de um padrão determinista de verdade e conservador e se centre numa liberdade de criação, de uma filosofia que cada vez mais saia desses grandes sistemas formados, dessa racionalidade absoluta, e se centre no próprio cotidiano, permitindo o reconhecimento de si mesmo, suas falas e seus atos, que de forma precisa, é nossa grande necessidade atual. É aquilo que enxergamos tanto em Sartre como Foucault, fazer da filosofia um resgate da existência.

Sartre em desenvolver sua filosofia existencialista, conduz o sujeito a sua própria autonomia, ele é aquilo que faz de si, conduzindo assim a liberdade e em consequência a responsabilidade, ele é responsável por seus atos e palavras, por conduzir uma vida ética. Foucault em desenvolver seu diagnóstico do presente, enfatiza a necessidade de se falar das relações atuais, de fazer uma genealogia do sujeito moderno e buscar entender as práticas que nos constitui. Sacudir as evidências, mostrar que o saber é produto do poder. Assim, embora se trate na verdade de duas concepções filosóficas contraditórias, ambos se centram e buscam uma liberdade na formação e constituição do sujeito.

E diante uma sociedade aonde cada vez mais o sujeito pensante dá lugar a uma reprodução das grandes massas sem qualquer re-conhecimento de si, se faz preciso resgatar a conduta de cada existência singular, de fazer da filosofia um modo de vida.

2. Sartre e a existência como responsabilidade

⁵⁹ Graduando em Licenciatura em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. jonatareis-lima@gmail.com

⁶⁰ Graduanda em Licenciatura em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. gleicykm@outlook.com.br

A dúvida sobre o ser e a sua essência existe desde muito tempo na história da filosofia. Diversos pensadores buscaram um tipo de essência universal que pudesse ser identificada em todos os seres humanos, portanto, procurava-se um elemento comum entre todos os seres humanos que provavelmente seria indicado como sua essência. Contudo, para Sartre não devemos pensar em uma natureza humana, na qual estabelece uma essência à priori sobre os indivíduos, assim como alguns dos filósofos anteriores a ele pensavam, mas sim que a existência precede a essência: “Em primeira instância, o homem existe, encontra a si mesmo, surge no mundo e só posteriormente se define” (SARTRE, 1987, p. 6).

Considerando essa concepção existencialista sobre o ser, na visão de Sartre o existencialismo torna-se um humanismo, pois nele se reflete um conceito antropológico, visto que o indivíduo está sempre por construir-se. Ainda segundo ele, por meio do existencialismo a vida humana torna-se uma possibilidade⁶¹.

Dessa maneira, no existencialismo o sujeito transforma-se no principal autor da ação e da verdade e não mais é atribuído à uma concepção de criação divina baseado em um modelo. O existir vem em primeiro, pois é fundamental ao ser, como Sartre apresenta:

O existencialismo ateu, que eu represento, é mais coerente. Afirma que, se Deus não existe, há pelo menos um ser no qual a existência precede a essência, um ser que existe antes de poder ser definido por qualquer conceito: este ser é o homem, ou, como diz Heidegger, a realidade humana (SARTRE, 1987, pp. 5-6).

O existencialismo de Sartre possui um caráter ateu, pois ele descarta qualquer possibilidade de que a essência precede a existência, ou seja, ele retira a possibilidade de haver um ser superior que atribui uma forma universal aos seres. Desse modo, o sujeito é o criador do seu próprio ser. É nele que incide a responsabilidade da sua própria essência, pois “a sua elaboração em referência à existência escapa a todas as regras preconcebidas, uma vez que, para o pensador, não existe sentido fora daquilo que o próprio homem dá à sua vida” (SANTIAGO, 2016, p. 11).

Primeiramente o indivíduo existe, é lançado ao mundo, mas ainda não possui características que definam quem ele é. Segundamente ele se define ao decorrer da existência, fazendo escolhas, adotando uma essência. Dessa forma, o que existe é um sujeito em processo de subjetivação, na construção de sua essência, sempre fazendo-se e não advindo de uma natureza humana. É nesse

⁶¹ De qualquer modo, o que podemos desde já afirmar é que concebemos o existencialismo como uma doutrina que torna a vida humana possível e que, por outro lado, declara que toda verdade e toda ação implicam um meio e uma subjetividade humana (SARTRE, 1987, p. 03).

raciocínio que observamos que o ser humano nada mais é do que aquilo que ele faz de si mesmo, existindo ao mesmo tempo que se lança para o futuro e tendo a consciência que se projeta para isso.⁶²

O pensamento existencialista designa ao sujeito a responsabilidade total por aquilo que ele é, sendo assim, ele não pode atribuir a nenhum outro ser exterior a si a culpa por seus fracassos, desapontamentos, decepções, etc. O indivíduo é o maior e único responsável por aquilo que ele é: “Se realmente a existência precede a essência, o homem é responsável pelo que é. Desse modo, o primeiro passo do existencialismo é o de pôr todo homem na posse do que ele é de submetê-lo à responsabilidade total de sua existência” (SARTRE, 1987, p. 06).

Como consequência dessa grande responsabilidade, Sartre vai afirmar que “o homem é angústia” (1987, p. 07). Cada um traz consigo o peso da responsabilidade, o peso que é se construir na sociedade e, diante disso, percebemos que não escolhemos apenas para nós mesmos, mas que devemos sempre escolher aquilo que é bom tanto para si próprio tanto para toda a humanidade. Qualquer ação malevolente que é praticada, pode ser motivo de uma devastação não só pessoal, mas também coletiva e nisso decorre a angústia. Mas essa angústia pode ser também positiva, pois através dela, mostramos a nossa preocupação e o comprometimento de fazer escolhas que sejam boas para todos⁶³.

Como uma consequência da existência, a angústia faz parte do indivíduo, pois se o sujeito está condenado a existir, ele também está condenado a angustiar-se, por mais que ele tente camuflar de si próprio essa angústia. Se o indivíduo não pergunta a si mesmo se seus atos são bons ou ruins para a humanidade, ele estará tentando disfarçar a sua angústia e conseqüentemente se encontrará na condição da má-fé.

[...] é a própria angústia que constitui a condição de sua ação, pois ela pressupõe que eles encarem a pluralidade dos possíveis e que, ao escolher um caminho, eles se dêem conta de que ele não tem nenhum valor a não ser o de ter sido escolhido. Veremos que esse tipo de angústia – a que o existencialismo descreve – se explica também por uma responsabilidade direta para com os outros homens engajados pela escolha. Não se trata de uma cortina entreposta entre nós e a ação, mas parte constitutiva da própria ação (SARTRE, 1987, p. 08).

⁶² Ao considerarmos que a existência não está determinada por nada, a não ser por ela mesma, isso revela que esse ser é absolutamente livre. A existência é projeto, é, portanto, saber-se existindo no mundo. Ela descobre-se como ser contingente. Assim, a existência entende que o mundo e seu próprio destino dependem, unicamente, de suas escolhas. [...] Nesse sentido, as ações do homem devem ser livres, responsáveis com a realidade, consigo e com as outras existências. Entendemos que no mundo o homem encontra obstáculos. Contudo, independentemente desses, o homem está condenado à liberdade, ou seja, ele é forçado a decidir, a inventar-se, a encontrar o seu significado (SANTIAGO, 2016, p. 12).

⁶³ Escolher isto ou aquilo é afirmar, concomitantemente, o valor do que estamos escolhendo, pois não podemos nunca escolher o mal; o que escolhemos é sempre o bem e nada pode ser bom para nós sem o ser para todos. Se, por outro lado, a existência precede a essência, e se nós queremos existir ao mesmo tempo que moldamos nossa imagem, essa imagem é válida para todos e para toda a nossa época. Portanto, a nossa responsabilidade é muito maior do que poderíamos supor, pois ela engaja a humanidade inteira (SARTRE, 1987, pp. 6-7).

A angústia seria, portanto, um elemento natural do humano, visto que esse possui responsabilidade, constrói-se e existe no mundo. Dessa forma, constatamos que a angústia existencialista está baseada nas decisões e nas ações do indivíduo. Ainda nessa perspectiva, o sujeito possui o sentimento do desamparo, pois, Sartre ao excluir a existência de um Deus, aquele no qual possamos nos apoiar e apontar a nossa responsabilidade para ele, o indivíduo acaba por perder, digamos, um ponto seguro no qual ele deseja se sustentar em diversas proporções humanas, inclusive na moral.

O existencialista, pelo contrário, pensa que é extremamente incômodo que Deus não exista, pois, junto com ele, desaparece toda e qualquer possibilidade de encontrar valores num céu inteligível; não pode mais existir nenhum bem *a priori*, já que não existe uma consciência infinita e perfeita para pensá-lo; não está escrito em nenhum lugar que o bem existe, que devemos ser honestos, que não devemos mentir, já que nos colocamos precisamente num plano em que só existem homens (SARTRE, 1987, p. 09).

O existencialismo então descarta a ideia de haver um Deus e um céu inteligível e estabelece que o próprio ser humano produz os valores do seu devido mundo e por isso ele sente-se desamparado por não possuir outro ser, que seria seu “porto seguro” para se apoiar.

3. Foucault e o diagnóstico do presente

Talvez para compreendermos o desprendimento de Foucault a tudo aquilo que é posto como uma verdade natural e indubitável, esse desprendimento que faz resgate a existência e experiência do indivíduo inserido em seu próprio cotidiano, é preciso buscar entender o que Foucault determina por filosofia e como a conduz na realidade presente.

Muito diferentemente do que a cultura moderna atribuiu a filosofia, como a busca, a analítica da verdade, Foucault evidencia que ela vai muito além dessa busca, a filosofia é um modo de vida, um conhecimento que precisa ser praticado. E essa prática, em resgate ao pensamento antigo, consiste num exercício espiritual que modifica o sujeito em seus atos e palavras. Modifica a existência diante do acontecimento⁶⁴.

Assim, na obra *História da Sexualidade vol. II* apresenta Foucault (1984, p. 13):

Mas o que é filosofar hoje em dia – quero dizer, a atividade filosófica senão o trabalho crítico do pensamento sobre o próprio pensamento? Se não consistir em tentar saber de que maneira e até onde seria possível pensar diferentemente em vez de legitimar o que já se sabe? Existe sempre algo de irrisório no discurso filosófico quando ele quer, do exterior, fazer a lei para os outros, dizer-lhes onde está a sua

⁶⁴ [...] Foucault faz ver que filósofos da antiguidade grega e do período helenístico e romano não dissociavam a questão da *filosofia* (a saber, ‘como ter acesso à verdade’) da questão da *espiritualidade* (a saber, quais são ‘as transformações necessárias no ser mesmo do sujeito que permitirão o acesso à verdade’) (MUCHAIL, 2004, p. 9).

verdade e de que maneira encontrá-la, ou quando pretende demonstrar-se por positividade ingênua; mas é seu direito explorar o que pode ser mudado, no seu próprio pensamento, através do exercício de um saber que lhe é estranho.

Dessa forma Foucault critica uma tradição filosófica que encerra uma essência e uma verdade data, um conjunto de declarações que já estão postas e o indivíduo deve apenas estruturar e modificar seu pensamento para atingi-las. Mas consiste num “trabalho crítico do pensamento pelo próprio pensamento”; não é legitimar o que já se sabe, mas “saber de que maneira e até onde seria possível pensar diferente”. É direito da filosofia, como enfatiza Foucault “explorar o que pode ser mudado”.

E nessa perspectiva de mudança, conduzimos o deslocamento feito por Foucault ao entendimento do poder. Foucault não visa uma teoria do poder, até porque ele faz o inverso⁶⁵, mas entender *como* esse poder recai e se desenvolve sobre o sujeito e seus corpos. Em contraponto a uma tradição de pensamento que encerra o poder no campo da opressão, a noção de Estado, de Soberania, uma força que nos cala e nos impede de ser, Foucault inverte a situação, e se o poder não fosse somente repressivo, mas fosse também positivo, se o poder produzisse sujeitos, produzisse também o real. Assim a problemática se desloca para uma camada menor da relação, para um direcionamento outro, para a própria vida do indivíduo. Em Foucault não há poder de forma estática e imposta, mas relações de poder⁶⁶.

Assim, é preciso entender que o poder não só se desenvolve de cima, mas também pode começar por baixo. Dessa forma “[...] para que haja um movimento de cima para baixo, é preciso que haja, ao mesmo tempo, uma capilaridade de baixo para cima” (FOUCAULT, 2012, p.372). É preciso que na própria relação e vida cotidiana seja assumida os mecanismos de controle, a fala que “exclui a loucura” e que “reprime e proíbe a sexualidade”. Dessa forma, em entrevista intitulada “*Poder e saber*” na obra *Ditos e Escritos IV* enfatiza Foucault sobre o que seria o poder do Estado “[...] aquele que impõe, por exemplo, o serviço militar, se não houvesse, em torno de cada indivíduo, todo um feixe de relações de poder que o liga a seus pais, a seu patrão, a seu professor – àquele que sabe, àquele que lhe confiou na cabeça tal ou tal ideia?” (2015, p.226).

Poderíamos dizer então que a filosofia para Foucault, e como nosso francês assumiu ser este o seu empreendimento, seria diagnosticar o presente: “Diagnosticar o presente, dizer o que é o presente, em que nosso presente difere de modo absoluto de tudo o que não é ele, ou seja, de nosso

⁶⁵ Foucault nunca trata o poder como uma entidade coerente, unitária e estável, mas como ‘relações de poder’ que supõem condições históricas de emergência, complexas, e implicam múltiplas consequências, inclusive fora do que a análise filosófica identifica tradicionalmente como campo do poder (REVEL, 2011, p. 120).

⁶⁶ O que faço é o inverso: examinar historicamente, partindo de baixo, a maneira como os mecanismos de controle puderam funcionar; por exemplo, quanto à exclusão da loucura ou à repressão e proibição da sexualidade, ver como, no nível efetivo da família, da vizinhança, das células ou níveis mais elementares da sociedade, esses fenômenos de repressão ou exclusão se dotaram de instrumentos próprios, de uma lógica própria, responderam a determinadas necessidades [...] (FOUCAULT, 2012, pp. 286-287).

passado. Talvez seja isso, talvez essa a tarefa atribuída nos dias de hoje ao filósofo” (FOUCAULT, 2011, p. 172). Assim a questão fundamental para Foucault é falar da atualidade, é falar das práticas que nos constitui, fazer uma genealogia do sujeito moderno: quem somos, de onde viemos, de onde vem essas práticas que nos formam. Muito embora o poder tenha uma grande influência em seu pensamento, não é o poder mais o sujeito⁶⁷ que norteiam as questões foucaultianas.

O historiador Philippe Artières em seu artigo “*Dizer a atualidade: o trabalho de diagnóstico em Michel Foucault*” presente na obra *Foucault: a coragem da verdade* tenta esclarecer essa postura de diagnóstico do presente através dos anos em que Foucault integrou o GIP – *Grupo de Informações sobre as Prisões*, e de onde se fez emergir uma força diferente, permitir que os próprios detentos falassem de suas experiências e reivindicassem um sistema prisional menos desumano. Chamar a atenção para esse momento de sublevação.

Partindo da constante de revoltas e motins que se desencadeou na detenção central de Toul, no início do outono de 1971, após um anúncio do Ministério da Justiça francês de que os detentos não receberiam pacotes de víveres para as festividades natalinas, Philippe Artières evidencia que tais movimentos não chocou Foucault, não porque o desejasse que acontecesse, mas porque a meses ele e animadores do GIP através de pesquisas de questionários informavam e alertavam das situações extremas no interior das prisões. E esclarece Artières: “Em nome do GIP, Foucault indicou, em várias ocasiões, que essa ação jamais visou encorajar as revoltas, mas a ‘dar a conhecer’ a situação dos presos [...]” (2004, p.18).

E diante das constantes reivindicações por partes dos detentos que os grandes pensadores da época só foram capazes de identificar e enquadrar o ocorrido no âmbito da revolta, da famosa revolução, em tentar criar uma teoria e interpretação externa desse movimento, Foucault atenta para outra questão, os presos não pretendiam essa revolução entendida como a luta direta pela tomada de posição “[...] os presos não queriam tomar o poder, eles ‘se recusavam a ser fora da lei em nome da lei’” (FOUCAULT *apud* ARTIÈRES, 2004, p. 19). Trata-se de uma análise mais direcionada e menos totalizante, a singularidade que surge dessas reivindicações, a *sublevação*, um movimento coletivo que buscava não a tomada da prisão mais uma condição melhor de existência e convivência nesse ambiente. “Os detentos, exatamente porque detentos e humilhados e usados e explorados, tornaram-se uma força coletiva em face a administração” (FOUCAULT *apud* ARTIÈRES, 2004, p. 19). É justamente essa sublevação que precisava ser evidenciada, essa força coletiva que surge de dentro de uma instituição que humilha e explora. “Pouco importava que os detentos dissessem ou não a verdade,

⁶⁷ *O Sujeito e o Poder*. “Assim, não é o poder, mas o sujeito que constitui o tema geral de minha pesquisa” (FOUCAULT, 1993, p.232).

pois o que emergia através dessa sublevação era uma nova subjetividade coletiva e eram esses acontecimentos no porão da história, que o intelectual tinha por tarefa distinguir” (ARTIÈRES, 2004, p. 19).

4. A figura do intelectual em Sartre e em Foucault: ruptura

Assimilado a figura de um intelectual⁶⁸ universal, Sartre sai em defesa do papel do intelectual, alegando que “o intelectual é alguém que se mete no que não é de sua conta e que pretende contestar o conjunto das verdades, e das condutas que nelas se inspiram, em nome de uma concepção universal do homem e da sociedade” (SARTRE, 1994, p. 14). É nesse sentido que Sartre vai defender essa ideia de que o intelectual é aquele que se engaja, participa ativamente da história e, se põe favorável a alguma causa moral através de um posicionamento político.

Um ponto que devemos ressaltar quando falamos sobre a figura do intelectual em Sartre é o meio pelo qual o autor usa para expressar a realidade, o gênero literário. Sartre foi autor de diversas obras literárias que foram marcadas pela sua própria experiência vivida e, algumas de suas obras como *As moscas* e *A prostituta respeitosa*, expressaram os dilemas vivenciados em uma França ocupada, bem como as escolhas que os franceses vieram a tomar em se tornando resistentes ou participantes do regime associado à dominação nazista. Em sua obra denominada *Que é a literatura?*, podemos analisar a questão do engajamento, termo utilizado pelo autor àqueles que não estão apenas preocupados com a estética literária, mas sim, de defender uma compreensão crítica da realidade incorporando em si mesma uma compreensão político-social das questões humanas.

Nesse sentido, ele vai afirmar que “o escritor engajado sabe que a palavra é ação: sabe que desvendar é mudar e que não se pode desvendar senão tencionando mudar. Ele abandonou o sonho impossível de fazer uma pintura imparcial da sociedade e da condição humana” (SARTRE, 2015, p. 29). Portanto, a literatura engajada serve como um modo de denunciar a realidade, aquilo que se vive na história e o próprio Sartre que viveu num contexto onde o nazismo e o fascismo tentavam estabelecer as bases de um mundo sob o domínio do ódio, do medo e da dominação das pessoas, tendo sido até mesmo prisioneiro em um campo de concentração, conseguiu expressar em suas obras as diversas emoções que presenciou naqueles anos e, superando a censura, lançou textos e tornou

⁶⁸ Foi a partir do Affaire Dreyfuss (nome inspirado no capitão Alfred Dreyfuss que foi acusado de alta traição por supostamente vender informações aos alemães e recebeu pena de prisão perpétua em 1894) que a noção de intelectuais se populariza. No dia seguinte à publicação pelo jornal *L'Aurore* da conhecida carta *J'Accuse*, de Émile Zola ao presidente da república, em 13 de janeiro de 1898, o mesmo jornal começou a publicar a lista de personalidades favoráveis à revisão do processo, que ficou conhecida como *Manifeste des intellectuels* (BIANCHI, apud LIMA, 2017, p. 41).

possível a exibição de peças teatrais que denunciavam a ocupação, o colaboracionismo e promoviam, por outro lado, o engajamento dos franceses na resistência.

Sartre ainda se manifesta em explicar o que seria um verdadeiro intelectual e também o que não seria esse verdadeiro intelectual. Primeiramente, o que Sartre entende como um intelectual de fato, é sendo aquele que “constata e contesta a alienação dos homens, apoia o radicalismo das ideias e se engaja na defesa dos oprimidos” (ALMEIDA, 2012, p. 32), isto é, ele é alguém que está preocupado em mostrar a “verdade” que aos oprimidos é escondida e guia-los, digamos, a uma forma de libertação; já os falsos intelectuais para o filósofo são aqueles que

[...] não querem considerar a alienação dos homens e, ainda, aqueles que não se engajam politicamente [...] que condenam a violência, tanto a dos colonizados como a dos colonizadores, pois reivindicam valores universais, portanto, abstratos e não uma ‘paz localizada’, concreta (ALMEIDA, 2012, p. 32).

Sendo assim, os falsos intelectuais recusam o engajamento e prendem-se a valores universais e abstratos que passam longe de conscientizar as massas e os oprimidos. Podemos, inclusive, associar os presentes conceitos de falso e verdadeiro intelectual, ao que Gramsci fala sobre o seu intelectual orgânico como sendo aquele que possui papel revolucionário de orientar as massas para sair da alienação e começarem a assumir uma visão crítica da sua própria realidade, saindo do que ele chama de “visão de mundo simplória”.⁶⁹ À vista disso, é desse modo que podemos compreender o conceito desse intelectual universal: “como aquele que pretende levantar o véu que encobriria as verdades do mundo” (LIMA, 2017, p. 43).

Diante a figura de um intelectual universal em Sartre, que tem por objetivo resgatar as consciências e transmitir um saber; de forma inversa, Foucault fala de um intelectual específico que não tem por função transmitir um saber, mas problematizar aquilo que já se sabe. Ele não parte de concepções totais, mais localiza e direciona sua visão a uma problemática específica, um olhar direcionado como quem aponta um objeto, “[...] ele vai além do que vê; as formas imediatas do sensível não o enganam; pois ele sabe atravessá-las; ele é desmistificador por essência” (FOUCAULT *apud* ARTIÈRES, 2004, p.27). Assim apresenta Judith Revel (2011, p. 189) em *Jean-Paul Sartre* na obra *Dicionário Foucault*:

[...] Os intelectuais não têm mais por tarefa serem ‘transmissores’ de consciência, isto é, ajudar os homens a alcançar o espírito objetivo, mas pelo contrário, aqueles que, por estarem presos a uma determinada economia dos saberes e dos poderes, procuram fazer-lhes o levantamento cartográfico, procuram indicar os possíveis pontos fracos, suas fragilidades, suas zonas cegas. Não são assim intelectuais universais que falam em nomes de verdades absolutas, mas sábios que agem em

⁶⁹ GRAMSCI, Antonio. **Concepção Dialética da História**. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização-Brasileira S. A., 1981.

nome de saberes situados e que laboram, ao mesmo tempo que outros homens, a fim de reafirmar em todas as partes onde for possível a historicidade dos jogos de verdade e a possibilidade de se desligar deles.

Escapa a figura do intelectual sartreano os jogos de verdades na qual ele está inserido. Ele fala em nome de uma consciência exterior como resgate a vida cotidiana dos “oprimidos”, ele separa verdade do poder; mas lhe escapa a compreensão de que essa verdade pode ser um produto do poder, e logo uma forma outra de “dominação”. A problemática de se encerrar declarações universais e objetivas é que enquadra e direciona o sujeito dentro desse limite. Dessa forma a questão proposta por Foucault é que não há uma verdade absolutizada, mas verdades históricas, e em cada momento e acontecimento tem sua urgência de declarações, e aí a especificidade e não a universalidade do intelectual, situar o problema da sociedade atual, diagnosticar o presente. Assim “[...] o problema não é alterar a consciência das pessoas ou o que elas têm em mente, mas alterar o regime político, econômico, institucional de produção da verdade. [...]” (FOUCAULT *apud* REVEL, 2011. p. 88).

E através desse deslocamento da problemática da verdade, Foucault descentraliza a figura do intelectual, não há um representante que fala para as pessoas e em seus nomes, como o escritor e o privilégio da escrita, mas justamente a figura de um sábio que fala de um saber local.

[...] onde Sartre concebia um privilégio à escrita – a ao escritor – com o objetivo de libertar as consciências, denunciar o poder e valorizar a liberdade, Foucault acredita que não existe nenhuma diferença entre um escritor e um militante qualquer – nem, de um modo mais amplo, entre um intelectual e um não-intelectual: seja ele filósofo, jornalista, detento, operário, professor, paciente psiquiátrico ou assistente social, é sempre na resistência e na ação política comum que procuramos nos reapropriar – e até reinventar – daquilo que somos (REVEL, 2011. pp.87-88).

Acreditava-se, na sociedade capitalista de Marx, que para lutar em favor do proletariado e dessa situação de submissão, se fazia preciso exatamente se incorporar nessa massa, ir para o chão da fábrica, e absorver seus direitos. Mas em Foucault independentemente do lugar que ocupa, mas claro que em favor dos oprimidos e submissos, é possível, e preciso, que se desprenda de todo jogo de verdade e dominação e se permita viver de uma forma diferente, ou abrir espaço para que outros também possam se desprender. E aqui para evidenciar essa singularidade em Foucault, enquanto integrante do Grupo de Informações sobre as Prisões (GIP), é possível resgatar o caso da Dra. Édith Rose, psiquiatra da prisão de Toul, que indignada com fatos intoleráveis dentro da detenção resolve denunciar e apontar nomes aos responsáveis. “Essa mulher que, afinal de contas, exceto por seu saber, era ‘do’ poder, estava ‘no’ poder, teve a coragem única de dizer: ‘Eu vi, eu ouvi’” (FOUCAULT *apud* ARTIÈRES).

Em entrevista intitulada “*Os intelectuais e o poder*” presente na obra *Microfísica do poder* enfatiza Deleuze sobre Foucault: “ao meu ver, você foi o primeiro a nos ensinar – tanto em seus livros

quanto no domínio da prática – algo de fundamental: a indignidade de falar pelo outros”⁷⁰ (1979, p. 72).

Tomando como base as análises feitas por Foucault sobre as prisões, esse direcionamento e direito a fala não de uma autoridade, ou especialista no assunto, mas também daqueles que justamente viviam e estavam submetidos aos regimes prisionais permite uma abordagem diferenciada e uma profundidade maior da questão, são os próprios detentos, os tidos “delinquentes” quem conduz a urgência do que deve ser pensado e revisto, “eles [também] tinham uma teoria da prisão, da penalidade”. “Se discursos como, por exemplo, os dos detentos ou dos médicos de prisões são lutas, é porque eles confiscam, ao menos por um momento, o poder de falar da prisão, atualmente monopolizado pela administração e seus compadres reformadores” (FOUCAULT, 1979, p.76). E essas falas surgem então como uma resistência, uma luta diante do sistema prisional, se direcionando a própria sociedade como denúncia, e dessa forma, reivindicação por mudança.

E assim Foucault sonhava em 1977 com ‘um intelectual destruidor das evidências e das universalidades, aquele que localiza e indica nas inércias e restrições do presente os pontos frágeis, as aberturas, as linhas de força, aquele que, incessantemente, se desloca, não sabendo mais ao certo onde estará nem o que pensará amanhã, por estar completamente atento ao presente’ (FOUCAULT *apud* ARTIÈRES, 2004, p. 16).

A grande questão do intelectual para Foucault está em justamente falar do presente, do que somos e de que forma nos diferimos de nosso passado. E ainda em conformidade com Philippe Artières não se trata “de enunciar verdades proféticas para o futuro, mas de levar seus contemporâneos a perceber o que estava acontecendo” (2004, p. 16).

5. A Filosofia como uma nova possibilidade de existência

Embora a diferença entre nossos filósofos seja constante, tanto na compreensão histórica e interpretação dos fatos, como no direcionamento e condução da vida e da existência de cada indivíduo inserido na realidade presente, é possível perceber que tanto Sartre como Foucault parte de uma filosofia que se centra no sujeito e nos modos de existir, são permeados por questões éticas que se apresentam como um apelo a viver de uma forma diferente.

Podemos apresentar, na filosofia de Sartre, a questão da responsabilidade. Uma responsabilidade que vai além do que imaginamos, pois ela não guia o sujeito para uma

⁷⁰ Ao passo que responde Foucault: E quando os prisioneiros começaram falar, viu-se que eles tinham uma teoria da prisão, da penalidade, da justiça. Essa espécie de discurso contra o poder, esse contradiscurso expresso pelos prisioneiros, ou por aqueles que são chamados de delinquentes, é que é fundamental, e não uma teoria *sobre* a delinquência (1979, p. 72).

individualidade, mas o conduz para o público, para o coletivo. Isso porque o indivíduo não é apenas responsável por si, mas por todos os indivíduos. Ao escolher-se ele escolhe os outros, dessa forma a ideia de responsabilidade caminha de um campo limitado apenas a um sujeito para uma esfera maior, a do coletivo. Quando ele menciona que a nossa responsabilidade é muito maior do que poderíamos supor⁷¹, ele quer dizer que as consequências das nossas escolhas podem não ter efeito apenas sobre mim, mas também àqueles que me cercam.

Quando o indivíduo faz uma escolha para si próprio, seja no âmbito da ética, moral, etc., ele compromete-se com toda a humanidade, consequentemente a sua responsabilidade engloba todo o coletivo e não apenas a si próprio. Essas escolhas particulares demonstram o ponto de referência para as decisões que englobam a humanidade, pois quando escolho ser isso ou ser aquilo, demonstro para todos os outros que é bom ser de tal maneira.⁷²

Em consequência de toda essa responsabilidade das nossas escolhas, Sartre nos apresenta a ideia de má-fé, que podemos considerar como uma “deslealdade” a essa responsabilidade, ou seja, na tentativa de fugir da angústia o indivíduo mente para si mesmo, como Sartre coloca “E cada homem deve perguntar a si próprio: sou eu, realmente, aquele que tem o direito de agir de tal forma que os meus atos sirvam de norma para toda a humanidade? E, se ele não fizer a si mesmo esta pergunta, é porque estará mascarando sua angústia” (1987, p. 08). A má-fé se manifesta justamente quando o sujeito deseja se aliviar da angústia de sua liberdade, que se refere à responsabilidade e às escolhas; ela, a má-fé, é uma mentira que contamos a nós mesmos, mas que lá no fundo sabemos que é uma mentira usada para nos livrarmos dessa angústia que nos cerca⁷³, de acordo com o autor “aquele que mente e que se desculpa dizendo: nem todo mundo faz o mesmo, [...] não está em paz com sua consciência, pois o fato de mentir implica um valor universal atribuído à mentira” (SARTRE, 1989, p. 07).

Foucault em desenvolver esse desprendimento a uma realidade normatizada, em direcionar a constituição do sujeito à criação de outra forma de existência, vai buscar nos gregos antigos a noção de “cuidado de si” – *epimeleia heautou*. É preciso entender esse cuidado de si não como a cultura moderna assumiu ser uma prática narcisista de apego a si, mas uma prática e ética de governar a si

⁷¹ SARTRE, Jean-Paul. **O Existencialismo é um humanismo**. Os Pensadores. 3. ed. – São Paulo: Nova Cultural, 1987, p. 07.

⁷² Mas, por mais que o sujeito tente fugir dessa responsabilidade, a angústia sempre irá se manifestar, Sartre deixa bem claro ‘aquele que mente e que se desculpa dizendo: nem todo mundo faz o mesmo, é alguém que não está em paz com sua consciência, pois o fato de mentir implica um valor universal atribuído à mentira. Mesmo quando ela disfarça, a angústia aparece’ (1987, p. 07).

⁷³ Não pode se dar o mesmo no caso da má-fé, se esta, como dissemos, é mentir a si mesmo. Por certo, para quem pratica a má-fé, trata-se de mascarar uma verdade desagradável ou apresentar como verdade um erro agradável. A má-fé tem na aparência, portanto, a estrutura da mentira. Só que – e isso muda tudo – na má-fé, eu mesmo escondo a verdade de mim mesmo (SARTRE, 2015, p. 94).

mesmo, no sentido de ser coerente em seus atos e palavras, e assim também na relação não somente consigo, mas com o outro. Muito diferentemente de nossa conduta moral moderna, da necessidade de um padrão de verdade e uma moral universal, Foucault vai dizer que os gregos tinham morais individuais, tinham suas regras; eles têm arte do viver. E nessa análise atribui a figura de Sócrates, a sua constante necessidade de permitir que cada cidadão, sem distinção, ascendesse à luz da ideia⁷⁴.

Essa arte do viver é resgatada em Foucault através de um conjunto de práticas e exercícios espirituais que permitem ao sujeito uma conduta reta de sua própria existência, uma ligação entre bem, liberdade e realidade. São regras criadas de forma estrategicamente a fim de não se perder diante das adversidades da vida. Para os gregos antigos o indivíduo precisava ser livre, temperante e ético, ou seja, ter equilíbrio. Dominar as paixões (*apatheia*). Não podia ser submisso a alguém e muito menos submisso a si mesmo. E aí temos a figura de Diógenes, o cínico, diante da filosofia a figura que melhor representa uma vida nua, livre de qualquer ornamento e submissão. Aquele que possui a coragem da verdade. E assim, através desse desprendimento e desse exercício coerente sobre si mesmo e seus atos, em interpretação a Foucault evidencia Frédéric Gros (2018, p. 181) “[...] É pelo cuidado de si que nos impedimos de cometer abominações, de participar de empreitadas criminosas”.

Thoreau restabelece a ideia de que a filosofia, antes de ser uma disciplina de saber, um conjunto de conhecimentos, é uma arte de viver. Se a filosofia não passasse de um conjunto de proposições, um sistema de verdades, teses para discussão, “filosofar” seria essencialmente ler livros, comentar, criticar e escrever. A filosofia seria um *corpus*. Thoreau (“hoje só vejo professores de filosofia, mas nenhum filósofo”) lembra que o verdadeiro sábio *presentifica* a filosofia com sua vida, suas ações. Ele a resume em sentenças curtas que não são conclusões de demonstrações, mas provocações, apelos a viver de outra forma (GROS, 2018, pp.151-152).

Assim, preferimos a ligação entre Sartre e Foucault ao invés de centrar suas diferenças, de fazer, a partir de ambos, um resgate a filosofia como um novo modo de vida. Eles não só permitiram através de suas filosofias resgatar a vida e existência do sujeito, pondo em questão um conjunto de crenças e saberes que pareciam inquestionáveis, apresentando uma forma outra de viver. Mas presentificaram com suas próprias vidas e suas próprias experiências essa figura engajada e diagnóstica, essa figura subversiva que tanto problematiza e provoca.

6. Considerações Finais

Apesar das divergências existentes entre o pensamento de Sartre e posteriormente e de forma inversa o pensamento de Foucault, dessa figura do Intelectual que assume uma postura diferente de

⁷⁴ [...] o cuidado de si não consiste mais em um conhecimento da alma como parte divina em si, mas o objeto do cuidado é o *bios*, a vida, a existência, submeter a própria vida a regras, a uma técnica, a pô-la à prova segundo procedimentos: é a filosofia como arte de vida, técnica de existência, estética de si (GROS, 2004, p.161).

um para o outro, muito mais que apresentar uma ruptura pretendemos apresentar um ponto de encontro, uma possível ligação entre Sartre e Foucault. Há um ponto em comum, e colocamos o sujeito. E isso não quer dizer que equiparamos o sujeito existencial de Sartre ao sujeito histórico de Foucault, até porque é uma relação bem divergente e complexa. Mas buscamos apresentar que o centro de suas filosofias se desenvolve na constituição do sujeito, em um reconhecimento de si e de seus atos, uma ruptura com a tradição, um desprendimento das normas estabelecidas, uma conduta ética que não se centra numa essência de homem universal, mas uma conduta singular de existência. Ser responsável por seus atos e palavras.

Mesmo que tenhamos evidenciado a figura do intelectual, apresentando como a ruptura de seus pensamentos – e é quase sempre essa questão que é abordada pelos comentadores quando se trata de falar de Sartre e Foucault –, e tenhamos deixado um pouco de lado o atrito que há também na própria concepção do sujeito, a nossa grande questão não foi apresentar a diferença como distância e caminhos que se separam como uma curva, mas apresentar uma diferença que se aproxima e caminhos que embora por vezes um por cima e outro por baixo se cruzam. E a figura do intelectual nos permite essa ligação de forma forçada. São posturas e atitudes que buscam uma reformulação das relações políticas, são militantes das causas humanas e sociais. Tanto Foucault como Sartre participaram de protestos e foram as ruas, em 1968, assim como no início da década de 1970 participaram da experiência lado a lado no GIP, como denúncia ao abuso do poder e os sistemas prisionais.

Seja uma filosofia que embora partindo da existência imediata sem um direcionamento com o passado, permite ao sujeito se construir a partir do que projeta de si mesmo, ou uma filosofia que partindo exatamente de um estudo do passado como compreensão de como o sujeito foi construído e do que ele se difere hoje permitindo uma alternativa para liberdade, são filosofias que permitem ao sujeito um reconhecimento de si, de seus atos e de sua vida, que reformula os padrões estabelecidos, invertendo uma essência e uma natureza encerrada, mas que o sujeito pode criar alternativas e ser diferente, tomar a filosofia como uma nova possibilidade de existência.

7. Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Rodrigo Davi. **Ensaio sobre as contribuições teórico-metodológicas de JeanFrançois Sirinelli, Jean-Paul Sartre e Norberto Bobbio para a história, a definição e a função social dos intelectuais**. Mato Grosso: UFMT, 2012.

FOUCAULT, Michel Foucault. **Microfísica do poder**. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. 25 ed. São Paulo: Graal, 2012.

_____. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. 13 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. **História da sexualidade 2: O uso dos prazeres.** Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. 8. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

_____. Arte, epistemologia, filosofia e história da medicina. **Ditos e Escritos Vol. VII.** Organização e seleção de textos Manoel Barros da Motta, tradução vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

_____. Estratégia, poder, saber. **Ditos e Escritos Vol. IV.** Organização e seleção de textos e revisão técnica Manoel Barros da Motta, tradução Vera Lucia Avellar Ribeiro. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

GROS, Frédéric (org.). **Foucault: a coragem da verdade.** Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

_____. **Desobedecer:** Frédéric Grós. Tradução Célia Euvaldo. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

LIMA, Daniela. **Foucault contra Sartre:** a visão do intelectual. Primeiros escritos. São Paulo, n. 8, 2017.

REVEL, Judith. **Dicionário Foucault.** Tradução de Anderson Alexandre da Silva, revisão técnica de Michel Jean Maurice Vincent. Rio de Janeiro: Florense Universitária, 2011.

SANTIAGO, Silvana Maria. **Absurdidade, liberdade e formação humana em Sartre.** Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará. Fortaleza-CE, 2016.

SARTRE, Jean-Paul. **Em defesa dos intelectuais.** São Paulo: Editora Ática, 1994.

_____. **Que é a literatura?** Coleção Textos Filosóficos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

_____. **O Existencialismo é um humanismo.** Os Pensadores. 3. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

_____. **O ser e o nada:** ensaio de ontologia fenomenológica. 24. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

RAUL SEIXAS E O OLHAR FIXO NO SEU TEMPO

José Gledson Nogueira Moura⁷⁵

1. Introdução

O presente trabalho problematiza a condição de Raul Seixas como contemporâneo. Seria o cantor e compositor baiano um contemporâneo no sentido que Giorgio Agamben o define? O que significa ser contemporâneo?

A partir desta perspectiva, o artigo explora aspectos da narrativa musical do artista e reflete sobre a contemporaneidade da sua obra partindo da concepção de contemporâneo do filósofo italiano Giorgio Agamben (2009). Na primeira entrada realizo uma problematização acerca da importância da música para Raul como um operador fundamental da mensagem a ser transmitida. Influenciado pelo que denominava subcultura do rock'n'roll, Raul Seixas afirmava que o rock era o melhor ritmo para se dizer uma porção de coisas. Até tomar consciência disso nunca havia pensado o quanto a música poderia ser um veículo importantíssimo para dizer o que queria. Na segunda entrada, discuto a concepção de contemporâneo de Agamben tanto a partir da condição de que contemporâneo é aquele que consegue manter fixo o olhar no seu tempo, como pela característica de que a contemporaneidade é uma singular relação que se estabelece com o tempo. Finalizo o texto, reafirmando a condição de Raul Seixas como contemporâneo. Alguém que conseguiu manter fixo o olhar no seu tempo e estabeleceu uma relação singular com ele. Embora pertencesse a ele, ao mesmo tempo dele se distanciava.

2. Uma narrativa musical do contemporâneo Raul Seixas

Em entrevista a Ana Maria Bahiana realizada em 1975, Raul disse que até que o rock o pegasse, a música era uma coisa secundária. O que o preocupava eram os problemas da vida e da morte, do homem, de onde vim, pra onde vou. “Não que eu não gostasse. Mas era uma coisa intuitiva, e eu só cantava o que me entrava no ouvido, não me preocupava em saber, procurar letra para aprender, nunca fui fã. Apenas cantava” (SEIXAS apud PASSOS, 2012, p. 13). Raul escutava o que se ouvia em casa. Luiz Gonzaga, música cubana, mexicana, guarânias, carnavais, boleros e o que tocasse no rádio.

⁷⁵ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS - UFRN). Membro do Grupo de Estudos da Complexidade (GRECOM), orientando da professora Dra. Maria da Conceição Xavier de Almeida. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. gmourasocial@gmail.com

Seu contato com o rock'n'roll ocorreu praticamente no calor dos acontecimentos que estavam repercutindo nos Estados Unidos em meados da década de 1950. Foi apresentado ao rock graças a sua proximidade com o consulado norte americano em Salvador, Bahia.

Tendo como referência os discos e revistas que eram lhe passados as mãos pelos garotos americanos com os quais tinha interação, começou a conhecer o fenômeno musical do rock'n'roll que acabara de nascer na América do Norte e o blues dos negros americanos antes mesmo das músicas terem chegado ao Brasil. Com nove, dez anos passou a falar o que ele denominava de inglês caipira a partir do convívio com os garotos americanos do consulado e graças aos discos de rock que escutava.

Tempos depois a música se converte em uma maneira de expressar as inquietações, angústias e interrogações que o acompanharam desde a adolescência. Por volta dos onze anos já estava preocupado com a filosofia sem o saber. Questões de ontologia, metafísica e outras já o incomodavam. Pensava que era maluco e que ninguém queria lhe contar sobre essa condição, confessa numa entrevista a Jay Vaquer em 09 de agosto de 1972. Ficava sozinho pensando por horas e horas trancado no quarto criando seu próprio mundo. Um mundo interior, desinteressado do mundo externo (PASSOS, 2012, p. 74).

Devido a esse contato com os americanos do consulado passou a ouvir discos de Elvis Presley, Little Richard, Fats Domino, Chuck Berry, Jerry Lee Lewis, Gene Vicent, entre outros. Passou a conhecer de fato o rock'n'roll.

Eu ouvia os discos de Elvis Presley até estragar os sucos. O rock era como uma chave que abria minhas portas que viviam fechadas. O rock era muito mais que uma dança para mim, era todo um jeito de ser. Eu era o próprio rock. Eu era James Dean, o Rebel Without a Cause. Eu era Elvis Presley quando andava e penteava o topete (SEIXAS apud PASSOS; BUDA, 1992, p.76).

“Foi nesse contato que eu mergulhei no rock'n'roll, como quem acha o caminho, aquele sonho maluco de ser cantor” (SEIXAS apud PASSOS, 2012, p. 43). Dizia-se atraído pela batida, pelo ritmo tribal que a música provocava. Passava a assumir um comportamento novo produzido pelo descobrimento do rock'n'roll.

O que me pegou foi tudo, não só a música. Foi todo o comportamento rock. Eu era o próprio rock, o Teddy Boy da esquina, eu e minha turma. Porque antes a garotada não era garotada, seguia o padrão do adulto, aquela imitação do homenzinho, sem identidade (SEIXAS apud PASSOS, 2012, p. 15).

O rock passou a ser percebido por Raul como uma porta de saída, como a vez de falar para o mundo, de subir num banquinho e dizer que estava ali. Ser cantor de rock passou a ser seu desejo.

Os comportamentos assumidos pela atitude advinda do rock se caracterizavam pela maneira de vestir, pelo modo de falar, de agir e das atitudes que faziam parte da tendência comportamental dos jovens adolescentes da época. Raul por exemplo, afirmava que era o Elvis Presley quando andava

e penteava o topete. Em depoimento a Luciane Alves (1993), a mãe de Raul, Maria Eugênia Seixas afirmou que o adolescente só queria saber de música e namoradas.

Encarava o rock'n'roll como uma revolução dos padrões comportamentais, como uma rebeldia pura sem a consciência exata do que se estava fazendo. Mas principalmente, como uma maneira de demarcar uma identidade distinta dos pais. Raul achava que os jovens iriam dominar o mundo e que a revolução seria inevitável.

A relação com a música foi ficando cada vez mais intensa. Passou a não frequentar mais escola para ouvir música numa loja de discos em Salvador o que lhe rendeu várias reprovações no colégio. Sua mãe no mesmo depoimento a Luciane Alves (1993), diz que Raul foi um ótimo aluno durante o curso primário o que lhe rendeu algumas medalhas de honra ao mérito. No segundo grau, porém, deu trabalho. Pois foi quando começou a se dedicar profissionalmente a música.

Tornou-se um apaixonado pelo rock. Chegou a dizer que nunca aprendeu nada no colégio. Apenas a odiá-lo. “Eu era um fracasso na escola. A escola não me dizia nada do que eu queria saber. Tudo que aprendia era nos livros, em casa, ou na rua” (SEIXAS apud PASSOS; BUDA, 1992, p. 77). Gostava de ficar em casa lendo e escrevendo.

O gosto pela leitura o acompanhou desde cedo e talvez por influência da biblioteca do pai, leu livros de astronomia, sobre o universo e outros mistérios que envolvem a vida. Ler e escrever sempre estiveram presentes na vida de Raul, paixões que o acompanharam por toda a vida. O Livro dos Porquês do Tesouro da Juventude era um de seus preferidos. Além de viver no quarto trancado fazendo suas leituras, desenhava revistas em quadrinhos aos nove anos para vender a seu irmão quatro anos mais novo. Criava, roteirizava a história, desenhava, vendia e lia para o irmão o gibi produzido, e isso lhe rendia alguns trocados da mesada do irmão.

Um personagem sempre estava presente nos quadrinhos desenhados por ele. Era um cientista maluco chamado Mêlo que viajava no tempo pelo universo. “Era uma parte de mim, o cara imaginativo, buscando as respostas, o eu fantástico, viajando fora da lógica em uma maquinazinha em que só cabia um só passageiro... Mêlo-eu” (SEIXAS apud PASSOS, 2012, p.13).

A ideia de ser escritor como Jorge Amado era algo que lhe atraía muito. Escrever o dia todo, viver dos livros, camisa aberta no peito e um cigarro caindo do lado eram tudo que queria. “Eu achava lindo sentar em frente à máquina com aquela camisa branca bem largona, sabe? Como nas fotos de Jorge Amado” (SEIXAS apud PASSOS, 2012, p.129).

Foi por meio da música que tomou consciência de que a forma de comunicação proporcionada seria muito mais rápida que a literatura, especialmente num país que não gosta de ler como o Brasil. A música teria uma potência muito maior e mais rápida como forma de dizer de maneira direta o que se pensava. Por meio da música Raul Seixas expunha seu ponto de vista sobre a humanidade. Dizendo o que queria dizer ao mundo pela poesia de suas letras e pela sonoridade de suas músicas.

Incitado certa vez a falar de suas composições, Raul disse que era difícil falar das coisas que escrevia, pois o que queria dizer já estava nas letras, já estava lá. Como por exemplo, na letra da música Ouro de Tolo que diz o seguinte em determinado trecho:

Eu devia estar contente
 Porque eu tenho um emprego
 Sou um dito cidadão respeitável
 E ganho quatro mil cruzeiros
 Por mês
 Eu devia agradecer ao Senhor
 Por ter tido sucesso
 Na vida como artista
 Eu devia estar feliz
 Porque consegui comprar
 Um Corcel 73
 Eu devia estar alegre
 E satisfeito
 Por morar em Ipanema
 Depois de ter passado fome
 Por dois anos
 Aqui na Cidade Maravilhosa

Ah!
 Eu devia estar sorrindo
 E orgulhoso
 Por ter finalmente vencido na vida
 Mas eu acho isso uma grande piada
 E um tanto quanto perigosa
 Eu devia estar contente
 Por ter conseguido
 Tudo o que eu quis
 Mas confesso abestalhado
 Que eu estou decepcionado

Porque foi tão fácil conseguir
 E agora eu me pergunto
 "E daí?"
 Eu tenho uma porção
 De coisas grandes pra conquistar
 E eu não posso ficar aí parado

Trecho da música '*Ouro de Tolo*'
 (Raul Seixas. Álbum: Krig-Há Bandolo - 1973)

A insatisfação, o inconformismo, a crítica à classe média estão evidentes na letra da canção. O que para Raul era difícil de acordo com suas palavras dissecar o trabalho numa análise para além do que já estava dito nas letras de suas músicas. "Já está lá. Tudo expresso nas letras" (SEIXAS apud PASSOS, 2012, p. 76).

3. Luzes na Escuridão – Raul e o olhar fixo no seu tempo

Raul Seixas seria um contemporâneo no sentido que Giorgio Agamben o define? O que significa ser contemporâneo? As composições de Raul podem ser problematizadas a partir da ideia do que é contemporâneo? O que Raul disse a partir da sua música pode ser encarado como contemporâneo? Raul é um homem do seu tempo?

Ou um homem distante do seu tempo? Num relato sobre a sua própria existência diz:

Minha existência caminha muitos anos a frente do meu corpo, e é justamente meu corpo frágil, magro, esquelético e desprovido de reservas de energia que tem que suportar as demandas da mente atribulada, terrivelmente neurotizada pela civilização (SEIXAS apud SOUZA, 1993, p. 25).

Agamben entende que pertence verdadeiramente ao seu tempo, é verdadeiramente contemporâneo, aquele que não coincide perfeitamente com este, nem está adequado as suas pretensões, sendo, portanto, nesse sentido, inatual (AGAMBEN, 2009, p. 58). Esta definição nos coloca diante de um deslocamento e de um anacronismo que está presente na relação do homem com o seu tempo.

Aí eu penso: como viver o momento presente se o futuro não me deixa seguir sossegado? Bem que eu gostaria de não saber de nada, de não entender as coisas tão profundamente ao ponto de fazer uma energia nociva ao meu mundo já agitado por si só! (RAUL apud SOUZA, 1993, p. 25).

Raul foi capaz de perceber e apreender o seu tempo justamente porque não estava perfeitamente encaixado nele. Embora pertencesse a ele, ao mesmo tempo dele se distanciava. Suas composições, suas músicas, suas atitudes como artista expressava a sua condição de pertencer ao seu tempo e dele se distanciar. Era um homem de seu tempo. Podia até detestá-lo, mas a ele pertencia.

A contemporaneidade é uma singular relação com o tempo como afirma Agamben, que adere a este e ao mesmo tempo dele toma distância. O tempo acaba se caracterizando como aquele que adere e ao mesmo tempo se distancia por meio de uma dissociação e um anacronismo. Mais do que outros de sua época, Raul conseguiu compreender o seu tempo justamente por essa capacidade de deslocamento e essa possibilidade de manter fixo o olhar sobre ele.

Na letra da música A Ilha da Fantasia, expressa essa relação de alguém que não está adequado às pretensões de seu tempo, mas que ao mesmo tempo, consegue compreendê-lo.

Vamos logo que já tá na hora de zarpar
Vem sem medo que não vamos naufragar
Navegador!
Não se esqueça, meu amigo, de chamar o seu vizinho
Navegador!
Vê se na praça tem alguém para vir
A barca de Noé já vai partir, navegador
A barca de Noé já vai partir

Navegador!
 Não se esqueça, meu amigo, de chamar o seu vizinho
 Navegador!
 Vê se na praça tem alguém pra vir
 A barca de Noé tá pra sair, navegador
 A barca de Noé já vai partir

Vamos escolher bem melhores condições
 Longe desse triste carnaval de ilusões
 Navegador!
 Deixa os que sonham em ser felizes
 Habitando o paraíso
 Navegador! Já faz tempo que esperou
 Vivendo sob leis que não criou
 Navegador
 Vivendo sob as leis que não criou

Letra da música ‘A Ilha da Fantasia’ (Raul Seixas e Oscar Rasmussem.
 Álbum: Por Quem os Sinos Dobram - 1979).

Para Agamben, o contemporâneo assim como o poeta deve manter fixo o olhar no seu tempo. A partir deste argumento, Agamben nos propõe outra entrada para refletir sobre o que é contemporaneidade. “Contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro” (AGAMBEN, 2009, p. 62).

Contemporâneo é aquele que sabe ver na obscuridade, que sabe ver nas trevas, que sabe ver no escuro. Mas o que é tudo isso? O que é ver na escuridão? O que significa ver na obscuridade? Raul de fato conseguiu enxergar na escuridão? Consegui olhar para além da claridade da luz?

Eu já estou cansado de descobrir as coisas e meus vinte e quatro anos representam a própria eternidade diante da vida. A fossa existencial é uma constante, e não há alternativa de fuga, pois os momentos são momentos e a felicidade – já está claro – não existe em tempo eterno (RAUL apud SOUZA, 1993, p. 25).

O escuro nem sempre é aquilo que não enxergamos ou aquilo que deixamos de ver. A escuridão pode ser a própria luz. De acordo com Agamben, contemporâneo é o sujeito que não se deixa cegar pelas luzes da razão e que consegue enxergar a parte da sombra. Luz e escuridão são inseparáveis. Raul Seixas faz essa pergunta numa música chamada Que luz é essa?

Que luz é essa que vem vindo lá do céu?
 Que luz é essa que vem vindo lá do céu?
 Que luz é essa?
 Que vem chegando lá do céu?

Que luz é essa que vem vindo lá do céu?
 Brilha mais que a luz do sol

Vem trazendo a esperança
 Prá essa terra tão escura
 Ou quem sabe a profecia das divinas escrituras
 Quem é que sabe o que é que vem trazendo esse clarão

Se é chuva ou ventania, tempestade ou furacão
 Ou talvez alguma coisa que não é nem Sim nem
 Não Que luz é essa, gente
 Que vem chegando lá do céu
 É a chave que abre a porta
 Lá do quarto dos segredos
 Vem mostrar que nunca é tarde
 Vem provar que é sempre cedo
 E que prá todo pecado sempre existe um perdão
 Não tem certo nem errado
 Todo mundo tem razão
 E que o ponto de vista
 É que é o ponto da questão
 Que luz é essa que vem chegando lá do céu?

Letra da música 'Que Luz é essa?' (Raul Seixas e Cláudio Roberto).
 Álbum: O Dia em que a Terra Parou (1977).

4. Considerações Finais

Perceber o escuro do presente nessa luz que procura nos alcançar e não pode fazê-lo como afirma Agamben, significa ser contemporâneo.

Por isso, os contemporâneos são raros.

E por isso ser contemporâneo é antes de tudo, uma questão de coragem: porque significa ser capaz não apenas de manter fixo o olhar no escuro da época, mas também de perceber nesse escuro uma luz que, dirigida para nós, distancia-se infinitamente de nós (AGAMBEN, 2009, p. 65).

Raul Seixas conseguiu provocar uma fratura e uma ruptura com o seu tempo. Suas composições conseguiram não só manter fixo o olhar no seu tempo percebendo a escuridão de sua época, como também identificou a luz que se aproximava diante do contexto vivenciado e experimentado pela sua existência.

5. Referências Bibliográficas

- AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** E outros ensaios. Trad. Vinícius Nicastro Honesko. – Chapecó, SC: Argos, 2009.
- ALVES, Luciane. Raul Seixas: **O Sonho da Sociedade Alternativa**. São Paulo – SP: Martin Claret, 1993.
- PASSOS, Sylvio. (Org.). **Raul Seixas por ele mesmo**. - 2 ed.- São Paulo: Martin Claret, 2012. – (Coleção o autor por ele mesmo; 4).
- PASSOS, Sylvio; BUDA, Toninho. **Raul Seixas: uma antologia**. São Paulo: Martin Claret, 1992.
- SEIXAS, Raul. **Ouro de Tolo**. In: Krig-Há Bandolo! PHILIPS, 1973.
- SEIXAS, Raul; ROBERTO, Cláudio. Que luz é essa? In: **O Dia em Que a Terra Parou**. WEA, 1977.
- SEIXAS, Raul; RASMUSSEM, Oscar. Ilha da Fantasia. In: **Por Quem os Sinos Dobram**. WARNER BROSS, 1979.
- SOUZA, Tárík de. (Org.). **O Baú do Raul**. Seleção de Kika Seixas. – 17 ed. São Paulo: Globo, 1993.

A TEMPORALIDADE DO TEMPO PRESENTE: UMA LEITURA DO CONCEITO DE TEMPO NA TRADIÇÃO HUMANÍSTICA

José Wilson Correa Garcia⁷⁶

1. Introdução

O ser humano sempre demonstrou formas de interação com aquilo que, comumente e ao longo das suas diversas expressões históricas, se compreendeu como “Tempo”⁷⁷. Seja o Tempo compreendido de forma física, cósmica, biológica, teológica, existencial, social ou qualquer outra noção possível e passível de classificação. Porém, isso não exclui o fato de haver uma intercessão entre tais classificações, indicando uma realidade comum entre elas: o próprio Tempo. Em contrapartida, principalmente no contexto em que nos inserimos atualmente, é muito comum referir-se ao Tempo como uma realidade que, de uma forma ou de outra, muda. Expressões do tipo: “Como o tempo está passando rápido!”; “O ano já está no final?”; “O tempo voa!”; assim como outras, indicam uma postura compreensiva onde o Tempo parece ser caracterizado como uma realidade que está em constante mudança. Mais do que isso, concebe-se o Tempo como se tivesse encurtado, pois tudo aparentemente sugere rapidez, urgência. E o ser humano, por mais que se multiplique em muitos “eus”, permanece com a impressão de nunca ter tempo para tudo que deseja e para tudo que necessita.

As muitas compreensões contemporâneas sobre o Tempo, particularmente orientadas pelo senso comum, revelam-se imprecisas e confusas. Muitas dessas imprecisões e confusões parecem se relacionar às imprecisões e confusões do próprio ser humano, que vive incompreendido e confuso em um mundo exatamente da mesma forma.

Mas, afinal de contas, o que é o Tempo? Por que as pessoas têm a percepção de que o Tempo muda? Até que ponto o Tempo pode e deve ser pensado como uma realidade objetiva, de alguma forma condicionada a mudanças e transformações impostas pela natureza ou pelo próprio ser humano? Ou o será que o Tempo é uma realidade absoluta e imutável, que existe independentemente da forma como é pensado pelo próprio ser humano?

Mais recentemente, a Física e a Astronomia contemporâneas parecem ter colocado um ponto final e definitivo na dúvida acerca da objetividade do Tempo, sugerindo estudos científicos, matemática e fisicamente comprovados, que indicam o Tempo como uma realidade relativa. Por

⁷⁶ Graduado em Filosofia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE; Graduando de Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN. E-mail para contato: josewilsongp@gmail.com

⁷⁷ A partir de agora, o presente trabalho sempre usará a palavra “Tempo”, enquanto objeto conceitual que está sendo estudado aqui, sem aspas e iniciando com a primeira letra maiúscula.

exemplo, a descoberta de que, em determinadas condições no universo e sob determinadas circunstâncias físicas e gravitacionais, o Tempo muda, tem ampliado a compreensão científica acerca do Tempo. Como não é o caso de vivermos sob tais condições, pelo menos até onde se sabe, faremos, neste estudo, a opção de analisar a realidade do Tempo sob uma ótica fundamentalmente humanística.

As chamadas humanidades, compreendendo assim o conjunto dos procedimentos epistemológicos das diversas ciências que tem o ser humano pensado de forma social e culturalmente ampla (Filosofia, Sociologia, História, Geografia, Antropologia...), oferecem uma rica possibilidade de olhares interpretativos sobre a forma como a realidade do Tempo foi sendo assimilada ao longo da(s) história(s) humana(s). Da mesma forma, possibilita perceber como esse mesmo processo de identificação do próprio ser humano com o Tempo está íntima e profundamente relacionado com as transformações e mudanças advindas da relação entre sua subjetividade e o mundo sociocultural onde está inserido, ou seja, de si mesmo, enquanto realidade integral. Dessa forma, pensar o Tempo nessa perspectiva, pode ser uma rica possibilidade de pensar o próprio processo de humanização pessoal e coletivo. Mais ainda, se compreender como fruto de uma sociedade onde o Tempo é constantemente compreendido como uma realidade que muda e se transforma, de alguma forma porque parece estar condicionada à própria existência humana, que parece ter também como marca fundamental a vivência de um constante processo de transformação e mudança. Este é o caminho que o presente trabalho se propõe a fazer, ao mesmo tempo em que ampliará este caminho para a exposição das consequências e possibilidades desse processo de construção da temporalidade do Tempo presente como fonte de sentido para o ser humano contemporâneo.

2. A temporalidade do tempo na história humana.

As primeiras civilizações humanas não sabiam medir e nem tinham consciência do Tempo. Parece evidente que tal consciência surge, paulatinamente, com o desenvolvimento do próprio ser humano, de suas potencialidades racionais e através dos mecanismos e técnicas que ele foi desenvolvendo nas suas diversas expressões históricas e sociais.

A origem do ser humano, de acordo com as fontes humanísticas disponíveis, está intimamente relacionada à forma como ele mesmo percebe, entende e interage com o mundo à sua volta. De acordo com tais fontes, os primeiros hominídeos, surgidos a 4,4 milhões de anos, já demonstram uma predisposição de percepção de si mesmo, de interação e transformação do mundo à sua volta, que será a responsável pelo salto evolutivo que culminou no surgimento do homem racional. Tal desenvolvimento se explica pela racionalização dos fenômenos naturais, que o ser humano passa a fazer para garantir suas necessidades vitais: alimentação, segurança, abrigo, organização, afeto, transcendência.

Tal racionalização da natureza, mesmo que em um primeiro momento ainda “primitiva”, se aperfeiçoa através de rituais, mitos e interpretações dos ciclos dos fenômenos naturais, que se repetem num processo de renovação ou degradação constantes. Atribuindo regularidades aos processos naturais, o ser humano foi redescobrimdo as melhores épocas para plantar, caçar, pescar, etc. Porém, também foi atribuindo regularidades vitais, não somente à natureza circundante, mas também à natureza de si próprio: nos ciclos de nascimento, períodos de fertilidade, de humor, de se comunicar com o sagrado, etc. Enfim, o ser humano vai aprendendo a atribuir um conjunto de sentidos ao mundo e à si mesmo.

É neste processo de construção de significados, para compreender a si mesmo e para viver no mundo que o cerca, que a consciência do Tempo vai evoluindo na consciência humana, quase como um impulso natural e de garantia de sua própria sobrevivência. E, da mesma forma como a institucionalização de processos coletivos dão lugar à vida solitária e nômade, os significados temporais atribuídos ao mundo também se institucionalizam de forma coletiva.

Muitas culturas, em seus processos históricos “primitivos”, encontram nas mitologias a forma coletiva e institucionalizada de expressar a compreensão que aquela determinada cultura e povo têm dos processos regulares do mundo e, conseqüentemente, do Tempo. Para muitas delas o Tempo passa a existir como entidade superior: seja ela divina ou cósmica. Seria até interessante um estudo mais aprofundado sobre como a realidade do Tempo é concebida a partir das diversas mitologias de distintas culturas, bem como da construção mítica de expressões temporais lineares ou cíclicas, porém, este seria um caminho que fugiria do objetivo principal deste trabalho. Exatamente por isso, nos limitaremos às duas proposições importantes a seguir.

Primeira: pode-se dizer que a diversidade de mitologias tem o elemento comum de manifestarem a ideia de PRINCÍPIO, MEIO e FIM que se mistura à consciência temporal de PASSADO, PRESENTE e FUTURO, mesmo que de forma não necessariamente explícita. As diversas divindades e forças superiores das diversas mitologias que se conhece, atribuem tais forças ao princípio, desenvolvimento ou degradação do mundo e do ser humano.

Segunda: é na cultura grega (e depois Romana) que o Tempo aparecerá, primeiramente, como entidade mitológica objetiva. *Chronos* na mitologia grega – e sua equivalência romana conhecida como *Saturno* – são as divindades que regem essa realidade objetiva concebida, posteriormente, como Tempo. Exatamente por isso, mesmo que ainda não enquanto um problema a ser desvendado, é na cultura grega que a realidade do Tempo aparece, pela primeira vez, de forma racionalmente problematizada. Por isso, se faz necessário uma aproximação à origem dessa problematização, situada no contexto do nascimento da filosofia grega, bem como de sua posterior ampliação à fontes teóricas humanísticas que problematizaram o Tempo de forma racional e que se tornaram a base influente da nação de Tempo da cultural ocidental.

3. Contribuições humanísticas teóricas sobre o tempo

O mundo sempre existiu ou foi criado? Quem transformou a percepção mítica do tempo em problemática racional foram os primeiros filósofos, também conhecidos como pré-socráticos.

A eternidade do mundo é uma percepção compartilhada por grande parte dos povos da cultura grega. Muitas das suas mitologias reconhecem o mundo como uma morada eterna dos Deuses. Sabe-se que a ideia de eternidade e da finitude das coisas é uma problemática filosoficamente situada nas diversas escolas de pensamento que antecederam Sócrates e Platão. Eles, os chamados pré-socráticos, representam a sistematização teórico e racional de uma nova forma de compreensão sobre o mundo, que foi se desenvolvendo de forma paulatina nas colônias gregas, em superação às explicações míticas. A compreensão racional, não mais mitológica, passa a afirmar a existência de regularidades propositais nos acontecimentos e nos fenômenos naturais. Cada uma das escolas filosóficas deste período, atribuiu, da sua forma, respostas para explicar a origem e o fundamento dessas regularidades, construindo argumentações que buscavam justificar uma percepção originária para os fenômenos naturais que afirmavam a existência do mundo como realidade plural ou una. Quem, primeiramente, buscou fazer uma síntese das diversas e distintas explicações pré-socráticas, responsáveis por construir a oposição entre Monismo e Pluralismo, a partir de um problema racional do Tempo, foi o filósofo Platão.

Platão, diante da problemática levantada pelos pré-socráticos sobre a dupla percepção pré-socrática de que as regularidades do mundo são regidas por uma compreensão pluralista ou monista, propõe uma conciliação de ambos os pontos de vistas. Em sua obra *Timeu*, o filósofo contextualiza a criação do mundo usando a imagem do que ele chama de *Demiurgo*, que significa, a partir da conceitualização grega proposta, artífice supremo. Segundo Platão, a criação do mundo se dá a partir da criação de modelos reais que são criados como cópias dos modelos ideias. Os modelos ideais, eternos por natureza, é que dão ao *demiurgo* a possibilidade também de criar uma espécie de imagem móvel da eternidade. E é exatamente quando forma e organiza o céu, que ele, o *demiurgo*, cria, segundo a sua própria eternidade e unidade, uma imagem da pluralidade e do movimento constante a que todas as coisas criadas passaram a se submeter, ritmadas - acrescenta Platão - por uma relação numérica. É exatamente isso que passou-se a denominar Tempo, ou seja, uma realidade contraposta e subjugada pela eternidade. Assim Platão se expressa:

Ora, quando o pai que o engendrou se deu conta de que tinha gerado uma representação dos deuses eternos, animada e dotada de movimento, rejubilou; por estar tão satisfeito, pensou como torná-la ainda mais semelhante ao arquétipo. Como acontece que este é um ser eterno, tentou, na medida do possível, tornar o mundo também ele eterno. Mas acontecia que a natureza daquele ser era eterna, e não era possível ajustá-la por completo ao ser gerado. Então, pensou em construir uma

imagem móvel da eternidade, e, quando ordenou o céu, construiu, a partir da eternidade que permanece uma unidade, uma imagem eterna que avança de acordo com o número; é aquilo a que chamamos tempo (PLATÃO, 2011. p. 109).

De acordo com Platão, o Tempo existe no mundo como lugar de passagem: de passado, presente e futuro. Evidentemente, tanto na tradição Platônica como na tradição Aristotélica o idealismo filosófico de ambos sugere a existência de duas realidades (ou mundos) separadas por aquilo em que uma limita a outra. O mundo das ideias, onde estão as formas puras e verdadeiras de tudo, sustenta a aparência do mundo material e finito, onde o Tempo existe como parte de uma realidade também objetiva e finita.

Essa problemática da percepção de limitação finita e objetiva do Tempo chegou na tradição humanística medieval e foi problematizada de forma brilhante, e de certa forma nova, por Santo Agostinho. Segundo ele, na sua obra *Confissões*, o Tempo é afirmado como realidade criada, por isso

nunca se acaba o que estava sendo pronunciado nem se diz outra coisa para dar lugar a que tudo se possa dizer, mas tudo se diz simultânea e eternamente. Se assim não fosse já haveria tempo e mudança, e não verdadeira eternidade e verdadeira imortalidade (AGOSTINHO, 1987, p. 213-4).

Mesmo assim, e talvez exatamente por isso, o Tempo pode parecer ao ser humano, que é constituído por uma condição radicalmente diferente e inferior da realidade criadora do Tempo, tão estranho e confuso, com afirma a seguir:

Quem poderá explicá-lo clara e brevemente? Quem o poderá apreender, mesmo só com o pensamento, para depois nos traduzir por palavras o seu conceito? E que assunto mais familiar e mais batido nas nossas conversas do que o tempo? Quando dele falamos, compreendemos o que dizemos. Compreendemos também o que nos dizem quando dele nos falam. O que é, por conseguinte, o tempo? Se ninguém me pergunta, eu sei; se o quiser explicar a quem me fizer a pergunta, já não sei (AGOSTINHO, 1987, p. 218).

Para Agostinho, a confusão e estranheza acerca do tempo revela a própria incapacidade humana de se perceber como instante incompreensível. Por exemplo, quando se pensa no passado, em última instância não se pode conhecer, pois já passou. Quando se pensa no futuro, também não se pode conhecer, pois ainda não chegou. Qual a única realidade que pode ser conhecida? O presente. Mas o que é o presente? O instante que acabou de se tornar passado e o futuro que ainda não chegou. Essa percepção estranha e confusa se torna participante da própria existência humana. Então o que sobra para ser compreendido? Já que o passado não existe, o futuro nunca chega e o presente é só este instante imaginário, porque então perder tanto tempo contando e tentando entender o Tempo que não existe?

Com Agostinho a realidade do Tempo, também, ganha implicações cósmicas. Para ele, mesmo sem saber ou conhecer, o Tempo é o local onde o ser humano vai sendo aprimorado, aperfeiçoando. Mais do que isso, local onde o mundo, a humanidade se aprimoram. Seria aqui a predefinição da ideia de progresso do Tempo, que será construída a partir do século XVIII? O presente trabalho partirá dessa compreensão e se situará neste período em que a concepção de Tempo tem em Kant a sua radical problematização.

Kant percebe o Tempo como categoria presente de forma anterior (*a priori*) na consciência humana. Segundo ele, “o tempo é simplesmente uma condição subjetiva da nossa alma (humana), intuição (que é sempre sensível, isto é, na medida em que somos afetados por objetos), em si, fora do sujeito, não é nada” (KANT. 1987, p. 51).

Isto é, o Tempo é uma das categorias necessárias para que o ser humano possa ser capaz de conhecer. Dizendo de uma forma mais clara: o Tempo não está nas coisas, mas está nas pessoas. O Tempo não existe enquanto realidade objetiva, mas pertence à categorias subjetivas presentes na interioridade e percepção de cada indivíduo e sem a qual não é possível ao indivíduo conhecer. Não se trata de uma categoria diferente em cada indivíduo, mas de uma realidade universal presente de forma *a priori* como condição de possibilidade para que todo indivíduo seja capaz de conhecer. Ou seja, a noção de Tempo é condição necessária para que o ser humano se reconheça historicamente NO e COMO Tempo.

Segundo Kant (1987, p. 44): “Ele [o Tempo] possui uma única dimensão: diversos tempos não são simultâneos, mas sucessivos (assim como diversos espaços não são sucessivos, mas simultâneos)”. Essa homogeneidade do Tempo, onde as partes do Tempo fazem parte de um e mesmo Tempo, como categoria humana, a partir do século XIX parece sofrer, talvez, a maior de todas as suas ressignificações. O ser humano, através da ressignificação e manipulação do Tempo, passa a ser determinado de acordo com o ritmo da sociedade recém industrializada e, posteriormente, informatizada e virtualizada.

4. O Tempo Presente como Tempo Líquido

A sociedade técnica científica, a partir do século XIX, insere uma novidade na perspectiva do tema explorado neste trabalho. A manipulação da percepção do Tempo, mediada por máquinas e instrumentos técnicos. O Telefone, o avião e o carro aparecem como instrumentos para se poupar o Tempo. Rádios, *players*, televisão, aparecem como instrumentos para enriquecer o Tempo. Computadores, *drives*, secretárias eletrônicas aparecem como instrumentos para se estocar o Tempo. Despertadores, cronômetros, agendas eletrônicas aparecem como instrumentos para programar o tempo.

As consequências e desdobramentos do processo técnico, potencializados pela chamada revolução industrial, parecem ter reconfigurado não somente os limites e noções físicos/geográficos, como também existenciais e temporais. O ambiente técnico fabril contribuiu nessa reconfiguração. O Tempo da fábrica é o Tempo disciplinado pela produção, ritualizado e transformado no que o ser humano passa a chamar de vida cotidiana. O Tempo, manipulado pela lógica do mercado, passa a ter a função de instigar tanto a produção, a comercialização como o consumo.

Somada a essa mudança e manipulação da noção de Tempo, o aparecimento de tecnologias digitais e virtuais radicalizam definitivamente a forma como o ser humano passa a se perceber no mundo. A comunicação e a informação se tornam mais rápidas, imediatas e instantâneas. O Tempo cibernético, dos meios de informação e comunicação virtual, potencializaram a percepção existencial de que tudo está muito rápido, porque de fato está. Tais mudanças parecem produzir no ser humano uma nova percepção de si como realidade física, metal, afetiva. Quem percebeu isso, de uma forma inovadora, foi Bauman.

O sociólogo polonês Zygmunt Bauman acreditava que a principal característica da sociedade contemporânea é de derreter sólidos, isto é, estruturas políticas, sociais, econômicas e subjetivas até então sólidas, recebidas da sociedade tradicional, que são dissolvidas e modificadas em um molde diferente. Sua obra aborda uma série de fenômenos sociais, entre eles a globalização, e o grande avanço nas tecnologias de comunicação, que modificou as relações humanas de diversas formas.

Bauman usa o termo *modernidade líquida* para tratar da liquidez das relações contemporâneas, usando a metáfora dos líquidos, que são instáveis, passageiros e estão em contínuas transformações, assim como as relações da sociedade atual. Segundo o pensador polonês, “A modernidade líquida em que vivemos traz consigo uma misteriosa fragilidade dos laços humanos – um amor líquido. A segurança inspirada por essa condição estimula desejos conflitantes de estreitar esses laços e ao mesmo tempo mantê-los frouxos” (BAUMAN, 2001. pág. 43).

Pelas constantes mudanças da modernidade líquida, percebidas por Bauman, é possível interpretar e observar uma mudança, fundamentalmente na percepção de Tempo. Pode-se compreender, aqui, o Tempo como um elemento capaz de ser manipulado, encurtado, ressignificado. Como exemplo, pode-se destacar as tecnologias que possibilitaram que informações possam percorrer, de forma mais rápida, distâncias cada vez maiores. Viagens que até então eram feitas em um Tempo muito maior, com as inovações nos meios de transporte, possibilitaram a percepção de encurtamento no Tempo de viagem. Não parece ser somente uma percepção objetiva e física, mas também existencial e da própria consciência. A revolução tecnológica e cibernética parece ter dissolvido as noções de espaços com a percepção de um Tempo que, ao mesmo tempo que é instantâneo, está em constante manipulação e controle.

Mesmo diante de toda essa instrumentalização e controle do Tempo, o ser humano continua, mais do nunca, em constante estado de alerta, como que esperando pela próxima urgência. Tudo parece acontecer de forma mais rápida. Transformações que aconteciam em períodos de milhões de anos, passaram a acontecer em períodos de milênios de anos. Descobertas que demoravam milhares de anos, passaram a ser feitas em séculos. Mudanças que aconteciam entre um século e outro, acontecem hoje em períodos de anos. E a mudança na compreensão do Tempo não é somente objetiva, como se viu até aqui, mas também subjetivamente. A mudança acontece na consciência humana. É a partir dela que o Tempo se torna mutável e manipulável. E é a partir dela que o próprio ser humano se ressignifica. Por isso, sua identidade se diluiu nas percepções temporais em que está inserido.

Quando falamos de identidade há, no fundo de nossas mentes, uma tênue imagem de harmonia, lógica, consistência: todas as coisas que parecem – para nosso desespero eterno – faltar tanto e tão abominavelmente ao fluxo de nossa experiência. A busca da identidade é a busca incessante de deter ou tornar mais lento o fluxo, de solidificar o fluido, de dar forma ao disforme. Lutamos para negar, ou pelo menos encobrir, a terrível fluidez logo abaixo do fino envoltório da forma; tentamos desviar os olhos de vistas que eles não podem penetrar ou absorver. Mas as identidades, que não tornam o fluxo mais lento e muito menos o detêm, são mais parecidas com crostas que vez por outra endurecem sobre a lava vulcânica e que se fundem e dissolvem novamente antes de ter tempo de esfriar e fixar-se (BAUMAN, 2001. pág. 97).

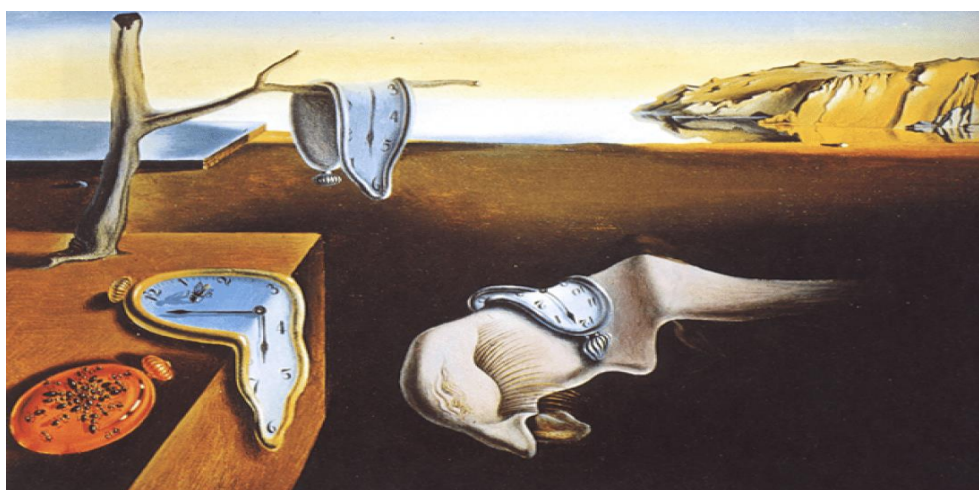
A manipulação das noções de Tempo, neste contexto contemporâneo, é a mudança e manipulação da própria identidade humana no mundo. Por isso, a percepção de que momentos cotidianos, quem eram vividos afetivamente de uma forma, podem ser experimentados de outras formas, dependendo das condições existenciais do próprio indivíduo. A noite de nossa infância, que era gasta nas relações de proximidade familiar, hoje em dia parece quase não existir mais. As duas horas que uma pessoa religiosa gastava para contemplar uma paisagem no seu momento de oração em silêncio há dez anos atrás, hoje é absolvida pela incapacidade de ficar no mesmo silêncio e quietude em um período de dez minutos. São alguns exemplos para mostrar que a mudança e manipulação da percepção do Tempo, no contexto em que se vive hoje, produz essa percepção de constante incompletude. O homem e a mulher contemporâneos se sentem incompletos, menores diante de um Tempo cada vez mais transformado e manipulado. Se sentem liquefeitos em um mundo também líquido. Se sentem sem sentido em um mundo onde os sentidos são também mudados e manipulados, como o Tempo.

5. Conclusão

O caminho percorrido até aqui, revelou que o ser humano, de uma postura passiva e natural em relação ao tempo, assumiu histórica e racionalmente uma atitude ativa, ou seja, de participação e

reconhecimento de que, não somente pertence ao Tempo, como também É Tempo. Ele não vê o Tempo de forma exatamente igual e homogênea. Cada um vê a partir de sua própria existência. Por isso os significados existenciais de cada um parecem oferecer percepções potencialmente humanizadoras. Enxergamos e sentimos um Tempo e desejamos outro. Porque? É neste momento que se revela importante retornar exatamente a percepção que deu origem ao problema aqui delimitado: o indivíduo contemporâneo se depara constantemente com a percepção de que tudo está mudando muito rápido, de que o Tempo está cada vez mais curto. Porque? Porque é essa a percepção que também tem de si mesmo. A manipulação e mudança da percepção do Tempo representa a fragmentação de si mesmo como indivíduo que está em constante mudança e se sentindo cada vez menor.

Quem expressou artisticamente esta noção de temporalidade do tempo presente foi o pintor surrealista Salvador Dalí em uma de suas obras chamada “A persistência da Memória”.



(DALÍ, 1931.)

Na obra, Salvador Dalí, assimila a influência de um estilo artístico que rompe com os padrões racionais e assume uma postura que tenta comunicar uma determinada verdade considerando a integralidade da vida humana, particularmente expressa nas forças ocultas do inconsciente, onde os símbolos expressam-se por si próprios.

É o que se apresenta em primeiro plano a imagem dos relógios derretidos. Neles está a noção contemporânea de tempo líquido, impreciso, distorcido. O único relógio que não se apresenta liquefeito está virado de cabeça para baixo, mas cheio de formigas por cima, como se estivesse preso a um tempo carcomido pelo próprio tempo.

Logo abaixo, desforme, como que dormindo sob um relógio liquefeito, está a figura de uma pessoa. E, nela, a noção subjetiva do Tempo presente que parece a subjugar a pessoa dentro do plano geral da obra que parece revelar que a temporalidade do mundo é a temporalidade do próprio ser humano, imprecisa, frágil, volátil, em busca de sentido.

O presente trabalho, longe de querer oferecer uma resposta definitiva sobre tal problema, quis mostrar, na verdade, que a inconstância e ressignificação da noção humana do Tempo, na verdade, demonstra uma necessidade existencial e real de se auto ressignificar de uma forma que se sinta feliz e realizado. A necessidade de buscar sentido para sua própria existência produz no ser humano a fluidez na sua percepção de Tempo, porque íntima e inconscientemente, sente-se pequeno e sabe que necessita desacelerar e se tornar maior do que se sente. Essa mudança parece lançar o ser humano em busca de sua própria autonomia, no seu próprio Tempo, neste tempo presente, reconhecendo a manipulação social, cultural, ideológica, econômica etc. de necessidades que, na verdade não são necessariamente suas, assumindo aquilo que realmente produz sentido para sua existência.

O desejo de viver um Tempo onde se aprenda a viver um instante de cada vez, da melhor forma possível, é o anseio mais profundo do homem e mulher contemporâneos. Esperemos que ainda tenhamos Tempo...

6. Referências Bibliográficas

AGOSTINHO. **Confissões**. São Paulo: Nova Cultural, 1987. (Os Pensadores).

DALÍ, Salvador. **The Persistence of Memory**. 1933. Óleo sobre tela, 24x33. MOMA, Museu de Arte Moderna de Nova York. In. https://www.moma.org/collection/works/79018?artist_id=1364&locale=pt&page=1&sov_referrer=artist Acessado em 23 de Novembro de 2019.

PLATÃO. **Timeu-Crítias**. Coimbra: CECH. 1ª Edição, 2011.

KANT, I. **Crítica da razão pura**. São Paulo: Nova Cultural, 1987. (Os Pensadores).

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed 2001.

OS MUTANTES: ENTENDENDO A SUBVERSÃO E A PSICODELIA ATRAVÉS DA MÚSICA (1968 A 1972)

Lara Raquel de Souza e Maia⁷⁸

1. Introdução

No final da década de 60, o mundo passava por conflitos e revoluções de nível global, tais quais a Guerra Fria, a mobilização hippie estadunidense contra ela, e o movimento estudantil do Maio de 68. Também emergiam os movimentos de contracultura, com expressões culturais que visavam “buscar saídas alternativas para expressar seu descontentamento e fazer valer suas crenças e sua voz”⁷⁹, representados por movimentos como o Festival de Woodstock, e ascensão de novas manifestações culturais experimentais e psicodélicas, estas últimas significando o rompimento e o afronte aos velhos costumes:

[...] o uso de drogas, era por definição uma atividade prosrita, e o próprio fato de a droga mais popular entre os jovens ocidentais, a maconha, ser provavelmente menos prejudicial que o álcool e o tabaco tornava o fumá-la (tipicamente uma atividade social) não apenas um ato de desafio, mas de superioridade em relação aos que a proibiam (HOBBSAWN, 1995, p. 326-327).

No âmbito cultural do contexto de Regime Militar da década de 1960, a música se destacava com a realização do Festival de Música Brasileira da TV Record, onde os artistas defendiam suas músicas, sendo vaiados ou aplaudidos, postos a um júri que decidia quais as melhores músicas e suas colocações.

Vale destacar que o público dos festivais era um personagem a parte, uma juventude de classe média, universitária, politizada, que estava em sintonia com os acontecimentos políticos do país, vivendo sob um regime militar vigente (MONTEIRO, 2017).

Em sua terceira edição, realizada em 1967, Gilberto Gil junto aos Mutantes, defendem a música “Domingo no Parque” (que junto a canção Alegria, alegria de Caetano inauguram o novo estilo musical que banhará a produção do álbum Tropicalismo ou Panis et Circense de 1968)⁸⁰. O III Festival foi a “estreia” dos *Mutantes* ao grande público, o trio composto por Rita Lee e os irmãos

⁷⁸ Graduanda em Licenciatura em História pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte- UERN larasm2012@gmail.com

⁷⁹ Ver: PEREIRA, Carlos Alberto M., 1980, p. 42

⁸⁰ O novo estilo musical se caracteriza pela junção de vários elementos e diferentes gêneros e ritmos brasileiros ou de influências do exterior, junção de sons da roda de capoeira, tambores de macumba, guitarras distorcidas e outras miscelâneas que romperam com a estética musical vigente, principalmente com a chamada “MPB tradicional”. Sobre isso ver *História & Música* (NAPOLITANO, 2002)

Arnaldo Baptista e Sérgio Reis, mostraram sua ousadia e suas guitarras distorcidas que seriam por anos seguintes sua grande marca registrada.

A originalidade das músicas dos Mutantes, desde sua estética musical, suas letras, a forma como se apresentava e o que eles representaram para a música nacional, foi classificado como um fenômeno inovador e, mesmo depois de 50 anos, não foi superado. A subversão dos *Mutantes* se encontrava desde os instrumentos que eles utilizavam, a maneira como se apresentavam nos palcos e a psicodelia no uso de sintetizadores em músicas consagradas como “Ando meio desligado” e “Tudo foi feito pelo Sol” e o uso de drogas pelos seus integrantes (LEE, 2016)⁸¹.

A produção musical reflete as práticas da época, sendo então um objeto viável à análise historiográfica a fim de compreender o contexto de sua produção. Por muitas vezes, a música como fonte é vista com certa relutância, todavia, a dita “*surdez dos historiadores*” (CHIMÈNES, 2007, p.15-29) vem sendo quebrada ao passar dos anos. De acordo com Napolitano (2002) essa ruptura se dá pela busca frenética da história contemporânea por novas fontes, que tem resultado no uso da música popular como alternativa viável ao uso da construção histórica.

Partindo do pressuposto supracitado, a análise da discografia da banda “Os Mutantes” no recorte temporal de 1968 a 1972 se torna atraente pois possibilita o entendimento das temáticas trabalhadas pelos *Mutantes* em suas músicas. Questões estas que estavam em auge na esfera global que a nível nacional eram mal vistas pela Ditadura Civil- Militar que estava em vigência⁸². Visto que os ideais que permeavam *Os Mutantes* eram considerados como antagônicos às exigências da Ditadura, a análise da sua obra permite o resgate dos hábitos e comportamento de uma sociedade subversiva à Ditadura. Também torna viável o entendimento da estreia e a evolução fonográfica dos *Mutantes*, que se trazem inovações na produção musical nacional no final década de 60, trazendo a psicodelia experimental em sua música.

2. Objetivo

Entendendo que:

A canção ocupa um lugar muito especial na produção cultural. Em seus diversos matizes, ela tem sido termômetro, caleidoscópio e espelho não só das mudanças sociais, mas sobre tudo das nossas sociabilidades e sensibilidades mais profundas. (NAPOLITANO, 2002, p. 78)

⁸¹ Na autobiografia da ex-integrante, bem como na biografia da banda produzida por Carlos Calado, podemos encontrar variadas menções ao uso de drogas, maconha e LSD principalmente, no dia a dia dos integrantes e até durante a composição das músicas. Ver CALADO (2012) e LEE (2016).

⁸² “Quem Tem Medo de Brincar de Amor (cujo título original, “Quem Tem Medo de Brincar de Amor”, teve de ser alterado por causa da censura, [...])” (CALADO, 2012, p. 2003)

Objetiva-se realizar a análise de um movimento subversivo dentro de um momento de repressão cultural, compreender como se configurava essa resistência, bem como quais heranças dos *Mutantes* deixaram ao cenário musical e a própria identidade subversiva que se formou após o fenômeno. Através da análise de suas produções fonográficas, estéticas e comportamentais, utilizando-se do historiador Marcos Napolitano como principal aporte teórico para realizar a análise “verbo-poética” e os “parâmetros musicais de criação” (NAPOLITANO, 2002). Também buscamos entender quais as heranças que *Os Mutantes* deixaram nos âmbitos musicais e sociais.

3. Metodologia

Para entender o objeto de pesquisa proposto é necessário fazer a “articulação ‘texto’ e ‘contexto’” (NAPOLITANO, 2002) e a problematização do uso das fontes biográficas, sendo estas a autobiografia da ex-integrante Rita Lee, da *Divina Comédia dos Mutantes*, de autoria do jornalista Carlos Calado, e de entrevistas disponíveis no Youtube.

A articulação texto-contexto proposta por Napolitano, consiste em fazer uma análise dos parâmetros verbo-poéticos e os parâmetros musicais da criação, objetivando através dessa análise compreender quais os conteúdos semióticos que estão presentes na canção, bem como através desta análise. Napolitano também nos instiga a outro exercício: pensar sobre o veículo musical utilizado na temporalidade estudada, a fim de compreender “a experiência musical de uma época ou sociedade.” (NAPOLITANO, 2002, p. 87)⁸³, os shows e performances são *Mutantes* analisados nesta perspectiva.

A interpretação verbo-poética busca compreender o que tais canções representavam dentro do contexto do Regime Militar de 1964, entendendo que a questão ideológica é bastante presente na produção musical brasileira, principalmente como resistência ao regime militar (NAPOLITANO, 2002, p. 103). E por fim, entender o local de produção dos *Mutantes*, tanto local quanto social, sendo de suma importância também entender quais eram suas motivações, bem como suas influências, pois tais fatores afetaram a sua produção, pois “o artista, ao criar uma obra, procura passar uma mensagem diante não só de um contexto específico, mas tendo em mente um grupo social ou um campo sociocultural determinado[...]” (NAPOLITANO, 2002, p. 101).

O uso da biografia e de entrevistas como fonte requer alguns cuidados mais específicos. As entrevistas gravadas, em áudio ou vídeo, fazem parte da História Oral moderna (ALBERTI, 2008), utilizadas como fonte são encontradas em registros audiovisuais de programas de televisão. A autora Verena Alberti, em seu artigo intitulado *Histórias dentro da História* nos chama atenção para o fato de que a entrevista, assim como outras fontes necessitam de problematização e análise. Através da análise

⁸³ O autor cita os festivais da canção dos anos 60. Sobre isso, ver o documentário *Uma noite em 67* (Direção Renato Terra e Ricardo Calil, 2010).

do conteúdo das entrevistas, podemos cruzar tais informações com outras fontes com o objetivo de compreender sobre as memórias dos integrantes da banda, bem como dos produtores e pessoas próximas, se constituíam.⁸⁴

Tal exercício pode ser realizado também com as outras fontes utilizadas: a autobiografia de Rita Lee e a biografia dos Mutantes produzida por Carlos Calado. Em ambas as obras podemos constatar similaridades de conteúdo, como eventos aos quais *Os Mutantes* participaram, como festivais e shows, porém com ópticas diferentes. Em sua autobiografia, Rita Lee versa sobre a sua trajetória desde pequena, ao começar no mundo da música e até a carreira solo. A narrativa nesta obra é de suma riqueza de informações pois, além do uso da fonte musical, podemos entender através da fala da própria artista sobre o processo de criação poética e musical, bem como o signo que tal música tinha dentro do contexto temporal em que foi composta. Sobre *A Divina Comédia dos Mutantes*, Rita Lee tece sua crítica, afirmando “pretencioso autor que melhor faria calado.”. As narrativas biográficas, além de nos oferecer várias informações sobre o tema estudado: “A própria vida do biografado fornecerá pistas para outras fontes, como sua produção no campo da arte, da indústria, da política, da ciência etc.” (PACHECO BORGES, 2008, p. 214).

4. Resultados

Para entender o objeto de pesquisa proposto é necessário fazer a “articulação ‘texto’ e ‘contexto’” (NAPOLITANO, 2002).

A primeira aparição dos *Mutantes* ao grande público foi no III Festival de Música da TV Record, em 1967. Na ocasião, eles acompanharam Gilberto Gil na execução da música “Domingo no Parque”. O depoimento de Rita Lee sobre a apresentação nos dá uma noção de como parte da juventude da época acatou os *Mutantes*:

“Tudo bem que aquilo não foi nenhum Woodstock, mas o primeiro festival da vida a gente nunca esquece. A primeira via, idem. Aliás, ser vaiado em um festival de música para os Mutantes foi uma honra, afinal, éramos tudo que os puristas escravocratas do violão e do banquinho da MPB repudiavam como imperialismo colonizador. Militância bocejante” (LEE, 2016, p. 71).

Nesse trecho, constatamos que *Os Mutantes* eram vistos como subversivos dentro do próprio meio subversivo (a MPB, que produziu e foi um dos meios de protesto contra a Ditadura) e que eram

⁸⁴ Exercício proposto em ALBERTI, Verena. FONTES ORAIS: Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 155-202.

mal vistos como “imperialistas colonizadores” pois trouxeram influências que estavam em auge no mundo musical, principalmente influências americanas e inglesas.⁸⁵

Em outros momentos, a receptividade do público para com os *Mutantes* não foi positiva. Em documentário, Arnaldo Baptista conta que por várias vezes foram xingados, e em outros momentos foram muito bem aplaudidos, mas o que importava para ele era o público que os Mutantes alcançavam.

Um episódio que merece destaque é a apresentação dos *Mutantes* junto a Caetano Veloso no III Festival Internacional de Música (FIC) em 1968, quando Caetano interpretou a música “É proibido proibir” sob vaias do público, que em dado momento ficou de costas ao palco. Na ocasião, Caetano profere seu famoso discurso, revoltado com as vaias que foram direcionadas a Gilberto Gil: “Essa é a juventude que diz que quer tomar o poder? Se vocês forem em política como são em estética, estamos feitos”. Rita Lee, em sua autobiografia, cita o ocorrido:

“Entram Caetano e os Mutantes vestidos de plástico e a plateia explode com desacatos desacatando de volta com tomates e outras delicadezas comestíveis. Mutantes viram de costas para proteger os instrumentos e continuam a tocar; num dado momento, Caetano, mordido com as vaias e solidário à desclassificação de Gil, começa a discursar de improviso sobre nosso fundo musical. A frase mais memorável, e que também poderia ser perfeitamente aplicada hoje, foi: ‘Então é essa juventude que quer tomar o poder?’. Não foi desclassificado, Caetano se retirou do festival. Rock ‘n’ roll na veia” (LEE, 2016, p.78).

Imagem 1: Diário da Noite - 1968



Fonte: *DIÁRIO DA NOITE*, 1968, p.0 6.

⁸⁵ As principais influências musicais dos Mutantes eram bandas inglesas ou norte-americanas, como os Beatles, Jimi Hendrix (CALADO, 2012).

Outro que merece destaque é o episódio da Boate Sucata, no Rio de Janeiro, onde os *Mutantes* iriam acompanhar o Gil e Caetano em uma apresentação. Porém, a noite foi interrompida pela polícia que invadiu a boate alegando que a dupla baiana estava cantando o Hino Brasileiro distorcido e fazendo zombarias com a bandeira da pátria. Durante a invasão, os *Mutantes* fugiram pela porta de trás, e como punição, Gilberto Gil e Caetano Veloso são convidados ao exílio.

A estética dos *Mutantes* também os destacou. Os trajes usados pela banda eram destaque por serem totalmente incomuns aos figurinos usados por outras bandas nos shows. O trio ousava fazendo misturas de trajes aparentemente sem nexos (como Rita Lee vestida de noiva e os irmãos vestidos de toureiro e Hamlet)⁸⁶. No show da FIC de 1968, na companhia de Caetano, os *Mutantes* se apresentaram trajados de plástico. Em outra ocasião, Rita Lee usa o vestido de noiva junto a uma barriga de grávida falsa, o que afrontou o público e a própria família da cantora. O atentado à moral tradicional que estava em vigência se encontrava nas capas e contracapas dos álbuns como “A divina comédia ou ando meio desligado”, onde os *Mutantes* aparecem juntos e nus numa cama de casal, e o baterista trajado de militar tomando café com eles.

Seguindo a análise proposta por Marcos Napolitano (NAPOLITANO, 2002), analisamos os parâmetros verbo-poéticos e os parâmetros musicais de criação analisando as temáticas de algumas faixas deste álbum:

Ave Lúcifer (Os Mutantes, 1970)

“As maçãs envolvem os corpos nus
Nesse rio que corre
Em veias mansas dentro de mim
Anjos e Arcanjos repousam neste
Édem infernal”

Posso perder minha mulher, minha mãe e desde que eu tenha o Rock’n’Roll

(Os Mutantes, 1970)

“E o meu cigarro apagou
E o meu dinheiro acabou
Posso perder minha mulher, minha mãe
Desde que eu tenha o rock and roll”

Quem tem medo de brincar de amor (Os Mutantes, 1970)

“Ah! Deixa pra lá meu amor
Vem comigo e esquece
Este drama ou o que for
Sem sentido”

Ando meio desligado (Os Mutantes, 1970)

“Ando meio desligado
Eu nem sinto os meus pés no chão
Olho e não vejo nada
Eu só penso de você me quer”

⁸⁶ O trio usou esse figurino para a foto da capa do seu segundo álbum, lançado em 1969, intitulado de “Mutantes”.

Ave Lúcifer satiriza conceitos tidos sagrados como o Éden; Posso perder minha mulher, minha mãe e meu dinheiro, desde que eu tenha o Rock'n Roll, relativiza a importância da família frente a algo mundano; Quem tem medo de amar, trata da repressão das famílias cristãs para que as filhas não tivessem relações sexuais pré-matrimoniais; e, por fim, a faixa que dá nome ao álbum: Ando meio desligado, que foi escrita a base de cigarros de maconha (CALADO, 2012).

A relação dos artistas da época com substâncias ilícitas também influenciou os *Mutantes* em seus trabalhos. Como exemplo, os *bauretz* de Tim Maia foram homenageados no título do álbum *Os Mutantes e seus cometas no país dos bauretz* (1971). “O fumacê era tão grande que o trabalho novo ganhou o nome de *Mutantes e seus cometas no país dos bauretz* (LEE, 2016, p, 109). Rita Lee fala sobre o surgimento do termo:

A produção entra no camarim preocupada com os gritos, os dois mengalas entram atrás e Tim interpreta a situação: ‘Eu só canto se me descolarem um bauru,entendeu? Bauru! Bauretz! Eu quero um bauretz, sacou? Bauretz! Sim, a produção ‘sacou’ perfeitamente. A solução foi dar uma grana para os dois meganhas com a missão de comprar o famosos sanduiche antes que a apresentação daquela note fosse para o brejo. ‘Ni qui’ a rapaziada de uniforme saiu, a rapeize do beise deitou e rolou. Naquele momento histórico, a *cannabis* foi oficialmente batizada de nos meios artísticos de baurets (LEE, 2016, p. 104).

5. Considerações Finais

A pesquisa está em procedimento, sem conclusões fechadas e passível de novos estudos. A problemática voltada ao estudo da Música como fonte apresenta lacunas, resultantes do próprio distanciamento entre as disciplinas musicologia e história. Tal objetivo pode ser aplicado em outros recortes e com outras tentativas de compreensão, com a adição de novas fontes e novas problemáticas. *Os Mutantes* possuem um vasto trabalho, e ainda há muito o que ser estudado sobre eles. As questões sobre subversão, contracultura e psicodelia também poderão ser trabalhadas de forma mais aprofundada a fim de investigar a historiografia que pode ser feita com as produções dos *Mutantes*.

6. Fontes

CALADO, Carlos. **A divina comédia dos Mutantes**. 3 ed. São Paulo: Editora 34, 2012.

GARCIA, Lisboa Lauro. **A COMÉDIA DOS MUTANTES A DOIS PASSOS DO INFERNO**. 08/ 01/2011. Disponível em: <<https://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,a-comedia-dos-mutantes-a-dois-passos-do-inferno-imp-,663472>>. Acesso em: 07 dez. 2018.

LEE, Rita. **RITA LEE: uma autobiografia**. 1 ed. São Paulo: Globo, 2016.

LUZ, CÂMERA, CANÇÃO: ARNALDO BAPTISTA. Dirigido por Paulo Henrique Fontelle. Canal Brasil: 2005. Disponível em:

< https://www.youtube.com/watch?v=TE_H3cxoUWI>. Acesso em: 09 dez. 2018.

MUTANTES, Os. **A DIVINA COMÉDIA OU ANDO MEIO DESLIGADO**. Polydor: 1970. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=dDZqzsOvvf4&index=2&list=PL3IfvYSK4XMOpDlwXRQnJosgGuZDDaXHz>>. Acesso em: 06 dez. 2018.

MUTANTES, Os. **JARDIM ELÉTRICO**. Polydor Records: 1971. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xHexScRhRcE&index=2&list=PLInl5NXr06Rnpvbt4yUdIxtN62coWwX4u>>. Acesso em: 06 dez. 2018.

MUTANTES, Os. **MUTANTES**. Polydor: 1969. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=XT72c7zxxo8>> . Acesso em: 05 dez. 2018.

MUTANTES, Os. **OS MUTANTES**. Polydor: 1968. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=S-S2v9GoQjc&list=PLRQKT-Cu2_2S26KTGzg8b_E2-dxllwEL->. Acesso em: 05 dez. 2018.

MUTANTES, Os. **OS MUTANTES E SEUS COMETAS NO PAÍS DOS BAURETS**. Polydor Records: 1972. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5KENlkJaSEM>>. Acesso em: 07 dez. 2018.

MUTANTES, Os. **TUDO FOI FEITO PELO SOL**. Som livre: 1974. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8DjDC19QeY0>>. Acesso em: 08 dez. 2018.

OLIVEIR, Flávio. **Os Mutantes- A DIVINA COMÉDIA OU ANDO MEIO DESLIGADO (1970)**, Estadão, 06/11/14. Disponível em: <<http://ahistoriadodisco.blogspot.com/2014/11/os-mutantes-divina-comedia-ou-ando-meio.html>>. Acesso em: 07 dez. 2018

Uma Noite em 67. Direção: Renato Terra e Ricardo Calil. Duração: 85 minutos. Brasil, 2010.

7. Referências Bibliográficas

CHIMÈNES, Myriam. **Musicologia e História:** fronteiras ou “terra de ninguém” entre duas disciplinas? In: REVISTA DE HISTÓRIA. Departamento de História da FFELCH-USP. São Paulo: Humanitas/ FFLCH-USP, nº 157, 2º semestre de 2007, p. 15- 29.

HOBBSAWN. Eric. **Era dos Extremos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MONTEIRO, José Fernando Saroba. **Festival da Record de 1967- 50 anos**, Música Brasilis, 05/09/17. Disponível em: <musicabrasilis.org.br/temas/festival-da-record-de-1967-50-anos>. Acesso em: 07 dez. 2018.

NAPOLITANO, Marcos. **História & Música:** história cultural da música popular. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

OS MUTANTES. Disponível em< <http://files.supergel57.webnode.com.br/200000738-d1f85d2f1c/Os%20Mutantes.pdf>>. Acesso em: 07 dez. 2018.

PEREIRA, Carlos Alberto Messenger. **O que é Contracultura**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

PINSKY, Carla Bassanezi (org). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.

TRAMMEL, Matthew. **MUTANTES'S PSYSCHEDELIC SUBVERSION**, The New Yorker, 27/02/17. Disponível em:

<<https://www.newyorker.com/magazine/2017/02/27/os-mutantes-psychedelic-subversion>>. Acesso em: 05 dez. 2018.

DE 1964 A 2019: A CENSURA DA DITADURA MILITAR NA CONTEMPORANEIDADELuiza Gurgel⁸⁷**1. Introdução**

O Brasil está vivendo um período onde notícias como “espetáculo teve sessão barrada” ou “banda teve show invadido por PMs” está cada vez mais comum. Isso num país que enfrentou situações semelhantes em meados da década de 60 até meados de 80, e que conquistou a liberdade de expressão e os direitos de ir e vir novamente posteriormente a isso. O fato de o Brasil estar revivendo de forma direta e indireta períodos de tentativas de abafamento cultural e social, não nasce do acaso. Existem motivos que o leva a isso. Motivos estes principalmente políticos e ideológicos. Um ser humano que tem a fala do outro como ameaça ao seu poder, se não consegue fazer o outro se calar, ele mesmo cala-o. E a forma que essas pessoas têm para realizá-lo é através da censura, ferramenta que ganhou força e popularidade no período militar no país tropical. Durante estes momentos, a arma que os artistas encontraram maior força de contra-ataque foi a música. Não anulando o teatro, o cinema, as artes plásticas, a dança, as novelas, o jornalismo, que foram, também, plataformas de resistência, mas a música foi o meio mais fácil de chegar nas outras pessoas e que passava um recado com mais nitidez. Um dos cantores mais respeitados até hoje, e temidos durante a Ditadura foi Chico Buarque, autor de canções como “Cálice” e “Apesar de Você”, ambas símbolos de luta e reivindicações sociais.

O ano hoje é 2019, e implícito e gradativamente, a censura retorna à rotina dos brasileiros. Não só ela, mas elementos que compuseram o Regime Militar no Brasil estão voltando à conversação popular, como o AI-5, medida que intensificou e legitimou a tortura, a própria censura e a perseguição política em 1968. O atual Deputado Federal Eduardo Bolsonaro, também filho do atual presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, citou o Ato Institucional nº 5 numa entrevista à jornalista Leda Nagle ao criticar a gestão do seu pai. Com a evocação, não só os simpatizantes de esquerda, mas também a direita, viés ideológico do deputado e do presidente, repugnaram a colocação. Logo em seguida, o ministro da economia da federação brasileira, Paulo Guedes, durante entrevista na capital dos Estados Unidos da América, falando sobre a necessidade de uma democracia independente de partido, disse “não se assustem se alguém então pedir o AI-5. Já não aconteceu uma vez?”, subentendendo que a volta do Ato seria a solução para tal crise.

Retomadas de citações como essas para o inconsciente popular gera uma divergência de pensamentos e atiza a sensação de superiorização de quem apoia os ideais bolsonaristas, e de extrema direita. Nesse contexto, a censura ganha força, e consequentemente, aumenta-se os casos opressão de

⁸⁷ Estudante do curso de Comunicação Social – Jornalismo, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró/RN.

às mais diversas linguagens artísticas. São 99 ataques à imprensa só em 2019, de acordo com a Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ); inúmeras peças de teatro canceladas em São Paulo, Rio de Janeiro, e até no Rio Grande do Norte; são cantores, cantoras e bandas que estão tendo as suas músicas barradas e shows impedidos. Por que isso está acontecendo? A censura da Ditadura Militar voltou? Ou nunca deixou de existir? De que forma a censura contemporânea relaciona-se com a censura do período militar? Por que a imprensa, o teatro, o cinema e a música (além de outras linguagens) são alvos da censura, tanto em 1964 quanto em 2019? Por que a liberdade de expressão pode ser vista como uma ameaça para o cenário político atual? Essas e outras questões serão discutidas e analisadas no presente artigo, no qual será de fundamental importância para o debate do contexto não só cultural e artístico do país, mas também educacional, econômico, histórico, e principalmente político-social. Para isso, será analisado em que ponto o cantor e compositor Chico Buarque, um dos artistas mais atuantes do período militar e considerado “inimigo” do regime, e a cantora Linn da Quebrada, que teve seu show em João Pessoa cancelado de forma inesperada, encontram-se, utilizando o método dialético e bibliográfico, além de uma pesquisa exploratória.

2. 1964-1985: contexto histórico

2.1 Pré-ditadura

Logo depois de Juscelino Kubitschek, foi a vez de Jânio Quadros governar o Brasil – o 22º presidente do país após o início do período republicano. No dia 31 de janeiro de 1961, ele assume a presidência com 5,6 milhões de votos e apoiado pelo partido UDN (União Democrática Nacional), este considerado de centro-direita e simpatizante aos ideais norte-americanos. Embora certo autoritarismo, o então governante contribuiu na consolidação do regime democrático no país, atacando muitas vezes camadas mais ricas da sociedade em defesa das mais populares. Com isso, tomou medidas como: proibição do uso de biquínis nas praias; suspensão das rinhas de galo; e a fiscalização do uso de lança perfume. Tais ações o levaram ao fracasso, perdendo popularidade, e posteriormente, levando-o a renunciar o cargo em 25 de agosto do mesmo ano.

O vice de Jânio Quadros era o terceiro político na linha dos “J’s” a governar o país: João Goulart. Jango, como era conhecido, foi eleito como vice-presidente duas vezes consecutivas anteriormente: uma com Juscelino Kubitschek e outra com o seu antecessor. Antes dele assumir o cargo em 7 de setembro de 1961, o presidente da câmara da época, Ranieiri Mazzilli, ocupou-o, já que João Goulart estava em viagem à China. Alguns militares e membros das Forças Armadas não concordavam com a posse de Jango. Esses acreditavam que com o novo governante, o comunismo poderia acabar sendo instalado no Brasil. Por isso, acreditavam que novas eleições era a melhor solução.

Quase três anos depois de governo, João Goulart realizou um comício no Rio de Janeiro defendendo a urgência de reformas políticas e, principalmente, agrárias, como uma mudança constitucional referente à desapropriação de terras com pagamento a longo prazo. Tal ato foi defendido por classes estudantis, trabalhadores rurais e o CGT (Comando Geral dos Trabalhadores). Com a possível reforma, a classe média, empresarial e grandes proprietários não teriam quaisquer privilégios ou poderes de fala. Foi o suficiente para que essas camadas sociais, juntamente com integrantes das Forças Armadas e o apoio estratégico dos Estados Unidos, comessem a planejar um golpe contra o então presidente. Assim, começa-se a caminhada que tinha como linha de chegada o início de um dos períodos mais assombrosos da história do Brasil: a Ditadura Militar.

Durante o governo de Jango, o mundo vivia uma espécie de dualismo ideológico. Mais especificamente, os Estados Unidos da América e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Com o fim da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), a Guerra Fria surge para atizar ainda mais essa cultura do duelo bipartidarista. De um lado, um país representando os valores capitalistas e de livre mercado, e do outro, uma nação que buscava a consolidação do sistema comunista. Porém, mesmo com toda essa tensão, a Guerra Fria caracteriza-se pela sua disputa ideológica, cultural, científica, econômica, política e militar entre União Soviética e EUA, mas sem ter tido um embate físico e direto entre as duas superpotências.

Com os ideais mais esquerdistas e apoiados por classes sociais minoritárias, como os estudantes e os trabalhadores rurais, João Goulart declarava um certo apoio à relação política entre Brasil e União Soviética, o que aguçou a revolta dos militares e da classe média-alta, além de lideranças políticas e econômicas do país. Quando Jango anuncia as possíveis reformas políticas que ele vinha esquematizando, incluindo reformas sociais e agrárias, a classe burguesa do Brasil, assim como investidores estadunidenses, veem a necessidade de medidas drásticas e rápidas contra Jango.

Entre o período de 1954 e 1996, mais de 300 militares brasileiros passaram pela Escola das Américas, um instituto de guerra localizado na cidade do Panamá, na época. Lá, esses militares tiveram aulas práticas e teóricas sobre tortura, de acordo com o relatório final da Comissão Nacional da Verdade, o que mais tarde seria implementado no Brasil, a partir de 1964. Enquanto isso, no Brasil, a economia do governo de Jango ia perdendo ainda mais força. Os dois presidentes anteriores, JK e Jânio Quadros, tinham deixado uma grave crise financeira no país, caracterizada com grande endividamento externo. Segundo o portal Memórias da Ditadura, um acervo virtual da história do Regime Militar no Brasil, criado e produzido pelo Instituto Vladimir Herzog em parceria com a Secretaria de Direitos Humanos e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, a economia crescia 1,5% ao ano, em contraste com a média de 7% na década anterior. Em consequência disso, enfrentava a queda da produção e dos salários. Além da impopularidade gerada pela proposta

de reformas políticas de base, a gestão do então presidente foi caracterizada por um descontrole de gastos públicos, um alto índice inflacionário e o desemprego.

Com todos esses fatores sociais, políticos, econômicos, militares e ideológicos, os militares com o apoio do empresariado, da burguesia e dos Estados Unidos, só esperavam o momento certo para tomar o poder. Assim, em 31 de março de 1964, o golpe foi instaurado, e a Ditadura Militar marcava começo.

2.2 Ditadura

Ao longo dos seus 21 anos de duração, A Ditadura Militar passou por três períodos diferentes: o primeiro foi a instauração de uma nova constituição e a legalização de um regime autoritário baseado em decretos-lei (1964-1968); a segunda fase caracterizada pela repressão e agravamento da violência estatal contra os opositores do regime (1969-1978); e o terceiro período definido pela implementação da Lei da Anistia e novas eleições diretas para a presidência (1979-1985).

2.2.1 Primeira Fase

Enquanto a Ditadura no Brasil existiu, os militares deixavam explícito quem estava no comando. Mesmo cinco políticos terem passado pelo poder executivo, quem tinha a última palavra eram os homens de uniforme. Nesse momento, 452 sindicatos trabalhistas sofreram intervenção, seguidos de prisões. Alguns dias depois do golpe, foi iniciado a série de implementações de Atos Institucionais, mecanismo que legitimaram o poder dos militares, já quando o Marechal Castello Branco estava à frente do Poder Executivo. No dia 09 de abril, o tenente-brigadeiro Francisco de Assis Correia de Melo, o general Artur da Costa e Silva e o almirante Augusto Rademaker oficializaram o AI-1, que dava propriedade de modificação no Poder Legislativo brasileiro. No dia 27 de outubro de 1965, o Ato Institucional nº 2 estava sendo efetivado, determinando eleições indiretas para a presidência, suspendendo direitos políticos, extinguindo partidos e reafirmando as cassações. Nessa mesma medida, o presidente da República passaria a ter autoridade de proclamar estado de sítio e intervir nos estados brasileiros. Providências como eleições indiretas também para governantes dos estados e a implantação do bipartidarismo, restringindo apenas à Aliança Renovadora Nacional (ARENA) e ao Movimento Democrático Brasileiro (MDB), partidos, respectivamente, de situação e de oposição, foram estabelecidas pelo AI-3.

O presidente Castello Branco decretou, no dia 07 de dezembro de 1966, o quarto Ato Institucional, este tendo como principal característica a aprovação de uma nova constituição, instituída em março do ano seguinte, no mesmo dia em que o outro presidente do período militar tomava posse: general

Costa e Silva. A partir de ações como a privatização do ensino superior, a classe estudantil mobilizou-se ainda mais contra a ditadura, o que fortaleceu a resistência. O assassinato de um jovem universitário durante uma manifestação atizou a revolta deles contra o regime autoritário. Em 12 de outubro de 1968 a polícia cercou aproximadamente mil estudantes que participavam de um Congresso da UNE. Todos foram presos. Em meio a tanto estardalhaço, a resposta do governo foi decretar o quinto e mais aterrorizante Ato Institucional. No dia 13 de dezembro de 1968, a fase mais terrível do período ditatorial estava sendo consolidada. A partir do AI-5, o Poder Executivo tinha liberdade para: fechar o Congresso Nacional (como o fez no mesmo dia); cassar mandatos de todas as instâncias; demitir ou remover juízes e funcionários civis e militares; confiscar bens; legislar por decreto e baixar atos institucionais e complementares; além de tirar o direito de habeas corpus de pessoas acusadas de crimes contra a segurança nacional, estas sendo julgadas por tribunais militares sem recursos. Foi com o Ato Institucional nº 5 que a tortura e a censura tornaram-se ainda mais fortes, levando à morte e ao desaparecimento de muitos brasileiros.

2.2.3 Segunda Fase

A partir desse momento, a Ditadura Militar entra num período de extremo autoritarismo e poderes absolutos. O Brasil afunda num poço aparentemente sem fundo e sem chance de uma possível retomada da democracia. Costa e Silva ainda presidia o país, e realizou todas as medidas radicais que consistia no AI-5. Foi nessa época que Juscelino Kubitschek foi preso, e outros doze atos institucionais e outros 59 complementares foram instituídos. Com tantas tentativas contra o governo, este elaborou uma versão mais rígida da Lei de Segurança Nacional, prevendo pena de morte por fuzilamento, prisão perpétua, prisão autorizada para qualquer cidadão, penas pesadas para reprimir manifestações de pensamento – teatro, música, rádio, TV, jornais escritos, cinema e literatura.

No dia 25 de outubro de 1969, após problemas de saúde, o então presidente do Brasil é afastado do cargo e o general Emílio Garrastazu Médici torna-se o terceiro governante no período ditatorial. O grupo que dominava o território brasileiro estava tão cego de poder, que mesmo com todas as medidas e imposições estatais que vinham implementando, extrapolaram suas próprias leis, praticando ações ilegais e crimes previstos na constituição. Esse momento da Ditadura Militar foi o mais desumano, no qual a aplicação do terror ideológico e físico foi a maior arma de poder. Pessoas eram mortas sem motivos plausíveis; mulheres e homens foram desaparecidos sem até hoje ter paradeiro; casas eram invadidas; e famílias, destroçadas.

Até 1973, em contrapartida ao retrocesso político e social, o Brasil encontrava-se num crescimento econômico, devido aos investimentos internacionais desde o fim do governo Jango, e o petróleo barato. Este último fator foi determinante, posteriormente, para a formação da OPEP –

Organização dos Países Exportadores de Petróleo, que fez as nações árabes produtoras do óleo a elevar os preços dele. Com isso, o EUA elevou os juros, e o Brasil, dependente do país norte-americano, entrou em uma crise financeira. Em meio ao cenário turbulento, a oposição cresceu, e o jeito que os militares viram para sair do buraco era nomeando outra pessoa para o cargo da presidência. Assim, de forma indireta, o general Ernesto Geisel tomou posse em março de 1974. Uma das primeiras atitudes foi suspender o jornal O Estado de São Paulo da censura, que vinha sendo perseguido. Além de ter convocado eleições parlamentares para a Câmara dos Deputados. Até o momento, Geisel mostrava-se deliberadamente democrático, mas com a vitória de 16 das 22 vagas disponíveis nas casas eleitorais do MDB – partido opositor –, o recém-presidente sentiu-se ameaçado, e logo fechou tudo novamente e ascendeu a chama da perseguição política. A partir de tudo isso, uma série de manifestações, confusões, protestos, greves e divergências políticas aconteceram. Antes de Geisel finalizar o mandato, revogou a censura de alguns jornais, aboliu as penas de morte e prisão perpétua, restabeleceu o direito de habeas corpus e revogou o AI-5, cessando-o de vez a partir de 1979. Depois disso, tomou posse o último político que presidiu esse período militar foi o general João Batista Figueiredo.

2.2.4 Terceira Fase

“Fazer deste país uma democracia”: esse foi o slogan de Figueiredo, quinto e último presidente do Regime Militar. O que um dia atingia seu ápice, dessa vez alcançava decadência contínua. O período foi de redução gradativa dos aspectos mais autoritários da Ditadura, mas sem ceder à oposição e aos seus ideais. Mesmo sem apoio do governo, esses grupos que iam de encontro à ideologia dominante da presidência brasileira cresceram e ganharam força. Surge o Comitê Brasileiro pela Anistia (CBA), responsável pelo aparecimento de grupos de manifestantes por todo o país. A pressão a favor da anistia, ou seja, o esquecimento de crimes cometidos por um determinado período, foi tão grande, e por todos os lados do mundo e vinda de entidades não só sociais e políticas, mas também religiosas, que Figueiredo sancionou a Lei da Anistia, em 28 de agosto de 1979. Os integrantes do CBA diziam que “a medida [é um] primeiro passo para a justiça e para a investigação das violações aos direitos humanos cometidas pelo regime em nome do combate à subversão”, trecho do portal Memórias da Ditadura. Ainda que limitada, a Lei permitiu que milhares de pessoas que foram perseguidas ou que tiveram seus direitos políticos cassados recuperassem sua cidadania.

Antes de finalizar o período da Ditadura, o pluripartidarismo foi implementado, revoltas oriundas de inconformidades vindas de militares que não concordavam com o momento político que o Brasil vivia agora aconteceram, e manifestações em todo o país que tinha o objetivo de retomar as eleições diretas para a presidência. As Diretas Já arrastaram milhões de pessoas às ruas a fim de reivindicar

direitos básicos de cidadania política. O movimento começou em maio de 1983 e terminou só no ano seguinte. Depois de muito ir e vir no cenário político do Brasil, o próximo presidente eleito foi Tancredo Neves, mas não chegou a tomar posse, pois acabou falecendo, e quem assume é seu vice, José Sarney, em 15 de março de 1985.

3. Censura e Chico Buarque

Um dos elementos que rondou todo o pesadelo da Ditadura Militar no Brasil foi a censura. Surgindo paralelamente ao Golpe em 1964, a censura foi ganhando intensidade até 1968, com a implantação do Ato Institucional nº 5. Nesse momento, a perseguição à oposição e às tentativas de subversão dos ideais militaristas e autoritários foi extrema. Quaisquer que fossem as formas de liberdade de expressão e pensamento que a população tivesse, a Ditadura tentava oprimir e reprimir. Assim foi com o cinema, a TV, a rádio, o teatro, a literatura, o jornal impresso, as diferentes linguagens artísticas, e principalmente, com a música. A censura foi o instrumento que os militares encontraram para silenciar as críticas ao governo, e entre 1972 e 1988, criou-se o Departamento de Censura de Diversões Públicas (DCDP), órgão estatal que aprovava ou recusava quaisquer obras. Além da Lei da Imprensa e da Lei da Censura Prévia, que punha militares em redações de jornais a fim de fiscalizar todo o material produzido pela imprensa. Enquanto a situação utilizava artifícios ideológicos, físicos, emocionais, sexuais, entre outros, para a opressão, a oposição usava as diversas formas artístico-comunicacionais como armas contra o regime ditatorial. Assim, artistas foram mortos e exilados; shows, reprimidos; filmes, barrados; novelas, recortadas; cantores, torturados; redações de jornais, invadidas e canceladas; etc.

Um jornalista e escritor chamado Zuenir Ventura passou dez anos de sua vida apurando obras que foram censuradas no regime militar brasileiro. Chegou à conclusão de que 500 filmes, 450 peças, 200 livros e mais de 500 letras de música foram vetadas. O principal motivo: sugestão de propaganda política. No caso, contra o governo dominante. Alguns exemplos de censura foram: o cancelamento da encenação de Romeu e Julieta pelo ballet Bolshoi que seria transmitida ao vivo em 1976; os 33 livros proibidos de um total de 36 escritos pela autora Cassandra Rios; a censura à canção “Para não dizer que não falei das flores”, que teve como compositor Geraldo Vandré, o qual acabou sendo exilado – a música é um símbolo de luta e resistência até hoje; cineastas como Glauber Rocha, Joaquim Pedro de Almeida e Rogério Sganzerla tiveram pelo menos um de seus filmes proibido; em 1968, assim que a apresentação da peça Roda Viva, escrita por Chico Buarque, finalizou, um grupo a favor dos militares invadiu o teatro depredando todo o cenário, posteriormente, a atriz do espetáculo foi sequestrada e agredida, e a peça foi proibida de circular em todo o país; as HQs que foram censuradas e tiveram cenas vetadas, levando a uma incompreensão das histórias; a novela Roque

Santeiro que estava prevista para estreiar em 1975, mas foi vetada quando os censores descobriram que era uma adaptação do texto teatral “O Berço do Herói”, escrito por Dias Gomes, em 1963. Esses são só alguns exemplos do grande memorial de obras impedidas, proibidas, censuradas nesse momento que o Brasil viveu.

Quando o assunto era música, uma das alternativas que os cantores e cantoras encontraram para levar as suas canções à população sem que os fiscais da censura as repreendessem foi introduzindo mensagens nas entrelinhas das letras, através de metáforas, figuras de linguagem e jogos de palavras. “Tiro ao Álvaro”, de Adoniran Barbosa; “Hoje é dia de El-Rey”, de Milton Nascimento e interpretada por Dorival Caymmi, que teve como justificativa de veto o “conteúdo nitidamente político”, como diz a plataforma musical Tenho Mais Discos Que Amigos; “Meu Novo Sapato”, escrita por Paulinho da Viola; “Mosca na Sopa”, de Raul Seixas são algumas das canções vetadas e censuradas. Além de Gilberto Gil, Caetano Veloso, Blitz, Toquinho, Odair José, Elis Regina, Kid Abelha, entre tantos outros.

Acima de todos esses exemplos, o artista considerado inimigo da Ditadura Militar, que teve pelo menos 10 canções censuradas foi Chico Buarque de Hollanda. A primeira vez que Chico teve um episódio de censura foi quando a sua canção “Tamandaré” foi proibida após seis meses em cartaz. Com o decreto do AI-5, Chico é exilado para a Itália, e em 1970, quando retorna ao Brasil, tem a música “Apesar de Você” aceita pelo Departamento de Censura e gravada logo em seguida, para a sua surpresa. Os censores não perceberam a mensagem subjetiva que continha na música. Imediatamente, ela obteve sucesso absoluto e foi regravada inúmeras vezes. Quando o exército brasileiro soube que a música se referia ao antigo presidente Médici, a produtora que tinha gravado a música foi invadida e todas as cópias foram destruídas, menos o registro original de “Apesar de Você”.

Chico chegou a utilizar pseudônimos – Julinho de Adelaide e Leonel Paiva – para escrever suas músicas sem que fosse percebido pelos censores. Além de que no seu disco “Calabar” (1973) – já idealizado a partir da peça teatral “Calabar, ou o elogio à traição”, censurada pelo regime –, a grande maioria das músicas foram vetadas: “Vence na Vida Quem Diz Sim”; “Ana de Amsterdam”; “Não Existe Pecado Ao Sul do Equador”; “Fado Tropical” foram algumas das faixas inteira ou parcialmente censuradas. No mesmo ano, o cantor lança “Cálice”, música composta em parceria com Gilberto Gil. Talvez um dos maiores símbolos de resistência até hoje. “Chico Buarque e Gilberto Gil tiveram muito cuidado na hora de escrever Cálice. Queriam de qualquer forma levar à população o que passavam dia a dia com a repressão dos militares, todo o sofrimento de ter que fugir para outro país, não poder falar o que queriam e, principalmente, alertar a população do que estava acontecendo no Brasil”: trecho do artigo A Censura Às Músicas de Chico Buarque na Ditadura (1964-1985).

4. 2019 e a censura contemporânea

Em pleno século XXI, O Brasil enfrenta um momento político de ideologia semelhante ao antigo 1964. O atual presidente do país, Jair Messias Bolsonaro, que foi empossado no dia 01 de janeiro de 2019, tem uma ligação de longa data com o militarismo. Capitão reformado do Exército, Bolsonaro serviu à guarnição entre 1973 e 1988 – anos que coincidiu com quase metade da Ditadura Militar – quando decidiu engatar na carreira como político, sendo eleito vereador do Rio de Janeiro. Em 1991, tornou-se Deputado Federal permanecendo até 2018, quando neste ano se filiou ao Partido Social Liberal (PSL) para lançar-se como candidato à Presidência da República, sendo eleito no dia 28 de outubro de 2018.

Desde antes, durante e depois da campanha eleitoral, o agora presidente Jair Bolsonaro dava indícios de simpatia a ideais militaristas e conservadores presentes também no regime militar brasileiro. No ano de 2016, quando a ex-presidente Dilma Rousseff enfrentava um impeachment contra a sua candidatura, Bolsonaro, ao votar, enaltece a memória de Carlos Alberto Brilhante Ustra, primeiro militar condenado por sequestro e tortura durante a Ditadura Militar. Na mesma fala, ainda acrescenta: “o pavor de Dilma Rousseff”, já que a ex-presidente foi militante contra as barbaridades do período ditatorial, e acabou sendo presa e torturada. Além desse episódio, Bolsonaro voltou a citar o torturador outras vezes. Em outro momento, no dia 31 de março deste ano de 2019, Jair ordenou ao Ministério da Defesa que fossem realizadas comemorações ligadas à mesma data em 1964, marco de início ao golpe civil-militar no Brasil.

Desde o início do mandato, Jair Bolsonaro vêm tomando medidas que, propositalmente ou não, de uma certa forma acabam por cessar direta ou indiretamente produções de cunho artístico-comunicacionais, como o cinema, o teatro, os jornais, entre outras, assim como foi a censura nas décadas de 60, 70 e 80. As produções audiovisuais com temática LGBT são as mais afetadas. Segundo matéria da revista VEJA, publicada em 17 de agosto de 2019, Bolsonaro declarou em vídeo que “garimpou” e vetou produções desse tipo. Ele sugere ainda que essas produções procurem uma iniciativa privada e nega que a atitude é uma espécie de censura. Em seguida, na mesma transmissão, passou uma lista de filmes que deveriam ter essas “iniciativas privadas”. Mais um exemplo foi a desautorização pelo atual presidente da exibição da propaganda do Banco do Brasil que estimulava a abertura de conta corrente através do aplicativo da entidade bancária, e o vídeo é marcado pela diversidade racial e sexual. Logo que a propaganda foi veiculada, o diretor de comunicação e marketing do banco foi afastado.

Com tantas atitudes mascaradas por espécies de fiscalizações do que pode ou não ser propagado, principalmente nesse cenário da liberdade de expressão, pensamento e arte, órgãos, entidades e os próprio cidadãos quem tem um certo poder na sociedade que aprovam essa ideologia da censura vai

pôr em prática esses mesmos mecanismos. Dessa forma, a frequência de peças, músicas, shows, livros, filmes, jornais repreendidos está cada vez mais. E essa constante repetição é o que mais preocupa a população. Só em 2019, a imprensa sofreu 99 ataques, sendo diretos a jornalistas ou à forma como o meio de comunicação trabalha, segundo a Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ). Alguns desses ataques vindos até do próprio presidente. No dia 06 de setembro, a revista Fórum realizou um apanhado de matérias que atestam que a censura voltou: repórter amazonense que denunciou “Dia do Fogo” tem sofrido ameaças de produtores rurais (05/10/2019); bar de refugiados da Síria em SP sofre ataque fascista com bombas e gás de pimenta (31/10/2019); filme protagonizado por Bruna Marquezine tem investimento bloqueado pela Ancine, e tem como justificativa o choque a padrões morais de Bolsonaro; o presidente declarou censura a qualquer discurso sobre gênero nas escolas públicas de ensino fundamental. A afirmação foi dada pela conta do próprio político do Twitter (03/11/2019); a Secretaria de Educação de Dória, governador de SP, promete revisar e apurar o recolhimento de apostilas e livros didáticos acusados de “ideologia de gênero” (04/11/2019); entre outras manchetes.

O teatro também está sendo bastante afetado com a censura contemporânea: o grupo de teatro A Motoserra Perfumada teve sua peça RES PÚBLICA, que já tinha dia de estreia, retirada da programação de apresentações do Complexo Cultural da FUNARTE em São Paulo; três eventos culturais que já estavam programados foram suspensos numa mesma semana: a mostra da cineasta Dorothy Arzner, o ciclo de palestras do evento Aventuras do Pensamento, e a peça “Caranguejo Overdrive”. Segundo o Observatório da Censura À Arte, projeto jornalístico que visa mapear os casos de censura às expressões artísticas no Brasil, já foram mais de 15 casos registrados só no segundo semestre de 2019, entre os mais recentes estão uma exposição de charges censurada pela Câmara de Vereadores de Porto Alegre, a Bienal no Rio de Janeiro que foi invadida por censores a mando do prefeito Marcelo Crivella para retirar todos os livros que tivessem temática homossexual das prateleiras, e o show da cantora Linn da Quebrada que foi cancelado às vésperas sem motivo algum.

5. Censura sofrida por Linn da Quebrada

“Bicha, trans, preta, periférica. Nem ator, nem atriz, atroz. Bailarinx, performer e terrorista de gênero”: é assim que Linn da Quebrada descreve-se em site da cantora. Por si só, Linn já é fonte de resistência e incômodo aos cidadãos mais conservadores. Ela “encontrou na música uma poderosa arma na luta pela quebra de paradigmas sexuais, de gênero e corpo”, segundo seu site. O seu primeiro hit chama-se “Enviadescer”, e foi feito em 2016. De lá para cá, outros sucessos foram lançados, como “blasFêmea”, “Mulher”, Bixa Preta”, e sua última música “Oração”. Linn da Quebrada não manifesta

as suas mensagens apenas nas letras, mas também nas melodias, nos videocliques, e principalmente, no seu corpo. Recentemente, ela ingressou no campo das minisséries.

No dia 29 de setembro de 2019 aconteceu a 18ª Parada LGBT de João Pessoa, e Linn da Quebrada era uma das atrações confirmadas. Em 02 de agosto, a cantora recebeu o aviso de cancelamento do seu show e explicou em nota oficial divulgada pela própria artista em sua conta do *instagram* que a Fundação Cultural de João Pessoa (FUNJOPE) vetou o show por considerar o discurso de Linn “muito pejorativo” – palavras da instituição – para a ocasião. No texto, a cantora afirma que as negociações para a Parada aconteciam desde julho e todos os processos burocráticos foram cumpridos. Foi só depois de uma reunião da organização do evento juntamente com a Fundação, que a equipe da performer recebeu a notícia do cancelamento do show. Ela acrescenta que a co-organizadora do evento, Frankla, afastou-se de suas funções, “justamente por ver nesse trâmite um processo de censura do nosso trabalho”, declarou em nota. Não foi questões de documentação, e sim apenas orientação, segundo equipe do setor de ação cultural da parada. E a cantora finaliza dizendo: “se me calam, é porque de alguma forma minha voz assusta [...] Quando me calam e nos censuram, é porque têm medo do que nossa voz pode causar. [...] A censura não me abala, mas me impulsiona a continuar fazendo com ainda mais coragem e integridade meu trabalho”.

6. Conclusão

Analisar ambas as situações políticas abrangendo todo um contexto histórico nos mostra que o fato de ter uma classe conservadora, autoritarista e com princípios militares no poder supremo de uma nação, aumenta-se a possibilidade de um silenciamento explícito ou não, na base da força física ou ideológica, ou até mesmo através de medidas e implementações. Silenciamento este disfarçado de censura. Dizer que a censura deixou de existir do período militar para os dias atuais é fechar os olhos para muitas situações de opressão e discriminação que acontece diariamente no país. Uma mulher que é proibida de sair de casa devido a uma roupa é censura; uma mulher trans que é proibida de entrar em um estabelecimento é censura; um cantor que tem o microfone desligado enquanto canta é censura. A liberdade de expressão nesse contexto social e histórico que o Brasil vive em 2019 acaba sendo uma ameaça ao grupo político de direita que conquista a hegemonia no Congresso e nos poderes legislativos e judiciário, pois os movimentos artísticos e comunicacionais penetram o imaginário social levando a população a pensar, e tais políticos não querem que a sociedade pense, mas sim obedeça, sem pestanejar. O teatro, o cinema, a música, a literatura e outras expressões artísticas são alvos da censura porque são as ferramentas mais eficazes para a transmissão de uma mensagem, e todas aquelas que querem o contrário disso têm medo. E é aí onde a censura da contemporaneidade mais se encontra com a censura da Ditadura Militar.

7. Referências Bibliográficas

CAFÉ DA MANHÃ, **O que foi o AI-5, evocado por Eduardo Bolsonaro**. São Paulo, 01 nov. 2019. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/65TATTeCgxvi10xJyf2dW3>. Acesso em 10 dez. 2019.

JÚNIOR, Valter Gonçalves. 1964: pouco antes do golpe, reforma agrária esteve no centro dos debates no Senado. **Senado Notícias**, Brasília, 25 mar. 2014. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2014/03/24/1964-pouco-antes-do-golpe-reforma-agraria-esteve-no-centro-dos-debates-no-senado>. Acesso em: 09 dez. 2019.

Escola das Américas. **Enciclopédia Latino Americana**. São Paulo. Disponível em: <http://latinoamericana.wiki.br/verbetes/e/escola-das-americas>. Acesso em: 12 dez. 2019.

Períodos da Ditadura. **Memórias da Ditadura**. Disponível em: <http://memoriasdaditadura.org.br/periodos-da-ditadura/>. Acesso em 10 dez. 2019.

CARVALHO, Stephanie; ROCHA Luana Paula; SILVA, Jéssica Natália; TOSO, Stephany. A censura às músicas de Chico Buarque na Ditadura (1964-1985). **Observatório da Imprensa**, 2015. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/diretorio-academico/a-censura-as-musicas-de-chico-buarque-na-ditadura-1964-1985/>. Acesso em: 07 dez. 2019.

BERNARDO, André. Quais obras foram censuradas na Ditadura? **Superinteressante**, 08 mai. 2013. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/quais-obras-foram-censuradas-na-ditadura/>. Acesso em: 10 dez. 2019.

PINHEIRO, Pedro Henrique. 7 Músicas que Foram Censuradas pela Ditadura Militar. **Tenho Mais Discos Que Amigos**, 2019. Disponível em: <http://www.tenhomaisdiscosqueamigos.com/2019/04/03/musicas-censuradas-ditadura-militar/>. Acesso em: 12 dez. 2019.

Jair Bolsonaro. **Estadão**, São Paulo. Disponível em: <https://tudo-sobre.estadao.com.br/jair-bolsonaro>. Acesso em: 11 dez. 2019.

Observatório de Censura À Arte. Disponível em: <http://censuranaarte.nonada.com.br/>. Acesso em: 11 dez. 2019.

Bolsonaro Veta Propaganda do Banco do Brasil, e Diretor É Afastado. **VEJA**, São Paulo, 25 abr. 2019. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/bolsonaro-veta-propaganda-do-banco-do-brasil-e-diretor-e-afastado/>. Acesso em: 10 dez. 2019.

SMANIA, Mariana. Linn da Quebrada tem apresentação cancelada em parada LGBT: ‘censura’. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 03 ago. 2019. Disponível em: <https://f5.folha.uol.com.br/musica/2019/08/linn-da-quebrada-tem-apresentacao-cancelada-em-parada-lgbt-de-joao-pessoa.shtml>. Acesso em: 08 dez. 2019.

A DEPRESSÃO COMO DOENÇA DA CONTEMPORANEIDADE E O PAPEL DO FARMACÊUTICO ENQUANTO PROFISSIONAL CIDADÃO

Maria Vitória Dantas Sampaio⁸⁸
Marcela Vitória Dantas Sampaio⁸⁹

1. Introdução

A depressão é um transtorno de humor grave, causando mal-estar aos indivíduos acometidos, através de alterações cognitivas, psicomotoras e vegetativas, estando presente em todas as faixas etárias, principalmente em jovens e idosos. Na contemporaneidade é considerada a doença mais frequente, apontada como “mal do século” (OLIVEIRA, 2015).

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS) mais de 300 milhões de pessoas sofrem com a depressão no mundo. No ano de 2011, o Brasil foi o país com maior ocorrência da depressão, com dados alarmantes em que 10,8% da população foi diagnosticada com o distúrbio, sendo que cada organismo se expressa de uma forma, se diferenciando nas causas, sintomas e tratamentos (OMS, 2019).

Por muito tempo, as pessoas identificadas com doença mental recebiam tratamentos em instituições onde tinham como principal terapia o isolamento, com o intuito de afastá-los do convívio social, ocasionando a exclusão dos mesmos no âmbito familiar e social, o que consequentemente potencializava os sintomas depressivos nos pacientes, visto que nos dias atuais em uma sociedade cada vez mais individualista a depressão se torna ainda mais presente (GUIMARÃES et al, 2010)

Nas décadas de 1970 e 1980, ocorreram mobilizações políticas e sociais no Brasil com reivindicações ao modelo de saúde, incluindo críticas aos manicômios, internações extensas, como também o pensamento excludente entre o indivíduo com transtorno mental e a sociedade.

Posteriormente foram criadas legislações com o objetivo de aprimorar o apoio aos enfermos, com novas formas de cuidados e tratamentos, fundamentadas na Reforma psiquiátrica, que começou a ser desenvolvida no início da década de 1990, sendo atualmente o modelo de atenção à saúde mental no Brasil (PAES; MAFTUM, 2013).

Com a incorporação da Reforma psiquiátrica, houveram diversas mudanças na área da saúde mental, como a criação de serviços que substituíssem e diminuíssem os leitos psiquiátricos no Brasil, tendo como exemplo, a criação dos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) e o programa “de volta

⁸⁸ Graduanda em Farmácia – FACENE. maria.dantas2000@hotmail.com

⁸⁹ Graduanda em Farmácia – FACENE. marcela.vitoria1@hotmail.com

para a casa”, com o objetivo de reinserir o paciente na sociedade, tornando-o sujeito participante para decidir sobre o tratamento, onde ele passaria a ter direitos e responsabilidades, afirmando seu papel de cidadão, no qual deveria ser respeitada a singularidade e subjetividade de cada paciente, como também proporcionar a inclusão à família e comunidade (GOMES, 2013).

Junto às propostas da reforma, está o estímulo a participação de uma equipe de saúde multiprofissional e interdisciplinar com fim de somar os conhecimentos e habilidades que melhorem nas intervenções terapêuticas, desmistificando que apenas o psiquiatra e psicólogo possam contribuir ao portador de doença mental (ALENCAR et al, 2012).

Um dos profissionais da equipe da saúde que deve participar de forma ativa é o farmacêutico, trabalhando de forma integrada e humanizada com os demais, sendo responsável por manter a comunicação com os pacientes e promover uma educação acerca da farmacoterapia a partir do acompanhamento do tratamento, uma vez que o número de brasileiros com transtornos mentais aumenta a cada ano, no qual resulta em uma elevação do consumo de medicamentos (AIRES, MARCHIORATO, 2010), diante disso, o farmacêutico deve ter por finalidade garantir um método terapêutico mais indicado, de forma efetiva e segura para todos os pacientes (CORRER, 2002).

O principal objetivo desse trabalho foi compreender a importância da atuação do profissional farmacêutico enquanto cidadão na saúde mental, evidenciando o uso dos medicamentos antidepressivos no tratamento de indivíduos com depressão e como o farmacêutico pode contribuir no uso racional dessas substâncias, através da assistência farmacêutica a fim de promover uma educação farmacológica para esses pacientes.

2. Metodologia

Foi desenvolvida uma revisão bibliográfica utilizando bases de dados científicos, como: SCIELO Brasil, Google acadêmico e Lilacs, buscando artigos que dialogassem sobre o tema. Para a pesquisa de artigos científicos nas bases de dados, buscou-se temas gerais que envolvesse a assistência farmacêutica na saúde mental, assim como, uma visão sociológica acerca da depressão. Tendo como principais pontos: Contextualização histórica dos modelos de saúde mental; Definição e elementos característicos da depressão; Papel do farmacêutico nesse contexto.

3. Discussão

Para o sociólogo Alain Ehrenberg (2004), o quadro generalizado de depressões nervosas resulta das mudanças sucedidas na sociedade está cada vez mais individualista, em que cada cidadão

se preocupa apenas com o seu bem-estar, esquecendo do coletivo, o que estaria acarretando uma pressão psíquica nas pessoas, levando em consideração os ideais de ação desse individualismo.

A grande difusão da depressão e de outras doenças mentais está diretamente ligado às transformações na contemporaneidade, incluindo as transformações no cenário político global, junto também na vida cotidiana, da qual os laços sociais e afetivos são parte fundamental (CURVINA, 2012).

Para Bauman (2000), vivemos em uma sociedade pós-moderna líquida, em que ocorre a inversão de valores, sentimentos e relações líquidas, havendo a produção das incertezas que possuem direta relação com o desenvolvimento de novos medos, ansiedades, angustias que são vivenciados e sofridos individualmente, sendo sintomas que ocasionam diversos transtornos mentais.

As consequências desse cenário egocêntrico potencializam ainda mais o surgimento de transtornos mentais, dentre eles, a depressão, em que se intensificam os sintomas depressivos levando ao consumo abusivo de medicamentos psicotrópicos. Com o aumento significativo no número de pacientes depressivos, ocorre o uso indiscriminado de medicamentos psicotrópicos.

Dentre esses medicamentos, estão os antidepressivos que ampliam os riscos à saúde por se tratar de uma classe medicamentosa que age diretamente no sistema nervoso central, que podem gerar dependência física e psíquica, contribuindo para uma utilização compulsiva resultando em um vício, muitas vezes alteram a postura comportamental do sujeito que os consomem, interferindo nos valores éticos e sociais (PAULO, ZANINI, 1997).

De acordo com Freire (2013), os transtornos mentais necessitam de um tratamento contínuo, sendo fundamental que ocorra uma adesão, para que o controle dessas doenças seja efetivo. Porém, a literatura relata diversos problemas relacionados com medicamentos (PRMs), em especial para os antidepressivos, no qual apresentam uma alta taxa de morbimortalidade, podendo causar resultados clínicos negativos e o não alcance do objetivo terapêutico desejado (OLIVEIRA, 2012).

Por isso, quando se trata de doenças mentais, existe uma baixa adesão, devido, aos efeitos colaterais do medicamento, a administração constante e as próprias características dos transtornos psiquiátricos (MARQUES, 2013). Diversos motivos também estão relacionados a falta de aderência, como a não aceitação da doença e a escassez de informações sobre a terapia.

Diante desse quadro, surge a necessidade da participação do profissional farmacêutico na terapia dos pacientes com depressão. Segundo SANTOS (2007), a atenção farmacêutica ao depressivo é relevante, uma vez que se constitui em um processo, onde o farmacêutico colabora com o paciente e a equipe de saúde no monitoramento de um plano farmacoterapêutico, podendo ocorrer, na dispensação dos medicamentos em drogarias, na farmácia hospital e comunitária. Agindo, assim, como uma relação direta entre o profissional farmacêutico e o paciente, cooperando para sua recuperação.

A atenção farmacêutica incentiva o indivíduo a uma maior adesão ao tratamento, visto que acontece um diálogo entre o profissional e o paciente, essa conversa geralmente acontece durante a dispensação do medicamento, possibilitando uma educação acerca da farmacoterapia, através de informações indispensáveis sobre a posologia adequada, interações medicamentosas com alimentos e outras substâncias, como também a respeito das possíveis reações adversas, que é uma das principais causas de abandono do tratamento.

Torna-se importante a comunicação entre farmacêutico e paciente, principalmente em relação às reações adversas, visto que é uma das causas prevalentes no abandono da terapia. Uma vez que essas reações podem causar sonolência constante, perda do prazer, entre outros efeitos, afetando negativamente a vida social do paciente.

Como também, há uma demora na manifestação dos efeitos destes medicamentos, a resposta clínica significativa do antidepressivo não é rápida e costuma ocorrer entre a segunda e a quarta semana de uso, podendo gerar a impressão de inefetividade da ação terapêutica do medicamento, colocando em risco a credibilidade do medicamento e o tratamento do indivíduo (OLIVEIRA, 2015).

Dessa forma, é importante que nesse processo educacional o profissional farmacêutico esclareça o porquê de o paciente necessitar daquele tratamento e utilizar o medicamento, orientando o paciente e seus familiares sobre os preceitos relacionados aos medicamentos antidepressivos, como também a necessidade de tempo para o surgimento da melhora clínica do quadro depressivo para apresentarem seus efeitos, tornando o indivíduo participante de toda a terapia, promovendo uma maior segurança e permitindo que as dúvidas sejam sanadas (OLIVEIRA, 2012).

O Conselho Federal de Farmácia (2010) recomendou a participação dos profissionais farmacêuticos na IV Conferência Nacional de Saúde Mental, visto que os resultados publicados sugerem que essas intervenções farmacêuticas nos estudos da saúde mental são positivas, porém ainda existem dificuldades para a promoção de um suporte ao paciente de saúde mental, principalmente relacionados a deficiência de entendimento do usuário, a falta de habilidade do farmacêutico comunitário e a escassa participação desse profissional nos programas de serviço à saúde.

Sendo assim, é indispensável que o profissional busque um maior conhecimento sobre a área da psicologia, e estudos sobre como entender o indivíduo que se encontra com uma patologia mental, visto que o ponto principal da atenção farmacêutica não é o antidepressivo em si, mas o paciente, sendo fundamental a compreensão sobre a singularidade de cada um, entendendo que cada doente apresenta histórico, sintomas e reações diferentes, a partir disso, favorecer uma melhor comunicação na hora da dispensação ou visita domiciliar aos enfermos.

Além disso, esse profissional deve retomar ao seu papel de cidadão e se colocar como sujeito da história, aprendendo a lidar com o sofrimento psíquico do doente, entender sua subjetividade e particularidade, como também, ter consciência de que essas pessoas não precisam apenas de

medicação para que seus problemas sejam diminuídos, mas necessitam de um apoio psicológico (GOMES, 2013).

4. Considerações Finais

O farmacêutico quando retoma ao seu papel de cidadão, tem muito a contribuir na melhoria da qualidade de vida dos pacientes com depressão, quando promove uma verdadeira educação acerca da farmacoterapia, desmitificando o ato de apenas dispensar um antidepressivo, mas mantendo uma comunicação sobre o tratamento, incluindo o enfermo e seus familiares, proporcionando uma inclusão social dos indivíduos com esse transtorno mental, agindo contrário a sociedade individualista descrita pelos sociólogos Alain Ehrenberg e Zygmunt Bauman.

Diante o exposto, fica clara a importância do farmacêutico na área da saúde mental, assegurando a promoção e prevenção da saúde, na assistência farmacêutica é interessante a participação desde a seleção até a distribuição e armazenamento dos medicamentos, garantindo que o paciente receba com segurança e eficácia, junto a isso, na atenção farmacêutica o profissional pode sugerir um acompanhamento farmacoterapêutico para a resolução dos possíveis PRM's, que sejam capazes de surgir durante o seu tratamento farmacológico e afetem a não aderência do paciente.

Entretanto, essa participação na área de saúde mental ainda é restrita e de acordo com Luccheta e Mastroianni (2012) as informações são escassas sobre a inserção do farmacêutico na área da atenção farmacêutica em saúde mental, identifica-se que o exercício do farmacêutico junto com a população portadora dessas doenças é muito reduzido.

Contudo, é relevante a presença do profissional farmacêutico na equipe dos serviços de saúde mental, especialmente nos CAPS e unidades de saúde da família, favorecendo a realização das atividades de promoção a saúde e no uso racional dos medicamentos, indo de encontro aos princípios propostos pela reforma psiquiátrica, para a integração do doente como ser participante no tratamento e também para incorporação na sociedade, contrariando o antigo modelo manicomial.

5. Referências Bibliográficas

AIRES, C. C. N. F.; MARCHIORATO, L. Acompanhamento farmacoterapêutico a hipertensos e diabéticos na unidade de saúde Tereza Barbosa: análise de caso. **R. Bras. Farm. Hosp. Serv. Saúde** São Paulo v.1, set./dez. 2010.

ALENCAR, T. O. S.; CAVALCANTE, E. A. B.; ALENCAR, B. R.. Assistência farmacêutica e saúde mental no Sistema Único de Saúde. **Revista de Ciências Farmacêuticas Básica e Aplicada**, v. 33, 2012.

BAUMAN, Zygmunt (2000/2001). *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

CONSELHO FEDERAL DE FARMÁCIA (CFF). CFF orienta a participação de farmacêuticos na Conferência Nacional de Saúde Mental. 2010. Disponível em: < <http://www.cff.org.br/noticia.php?id=385>>. Acesso em: 10 dez. 2019.

CORRER, C. J. Os Problemas Relacionados aos Medicamentos no contexto da Atenção Farmacêutica: Uma avaliação de Conceitos. **Rev. Infarma**. Brasília, v.14, n.5/6, mai-jun. 2002.

CURVINA, I. Depressão no ambiente laboral. Jus Naveandi. abr. 2012. Disponível em: <<http://www.jus.com.br/artigos/21438>>. Acesso em: 16 out. 2014.

EHRENBERG, A. (2004). Depressão, doença da autonomia? Entrevista de Alain Ehrenberg a Michel Botbol. *Ágora* v. VII n. 1 jan/jun 2004.

FREIRE, E. C.; FEIJÓ, C. F. C.; FONTELES, M. M. F.; SOARES, J. E. S.; CARVALHO, T. M. J. P. Adesão ao tratamento medicamentoso em usuários com transtorno do humor de centro de atenção psicossocial do nordeste do Brasil. *Revista de Ciências Farmacêuticas Básica e Aplicada*, v. 34, 2013.

GOMES, E. F. Importância da assistência e da atenção farmacêutica aplicada a pacientes com transtornos mentais. Vitória, 2013.

GUIMARÃES, N. A.; FOGAÇA, M. M.; BORBA, L. O.; PAES, M. R.; LAROCCA, L.M.; MAFTUM, M. A. O tratamento ao portador de transtorno mental: um diálogo coma legislação federal Brasileira. *Texto Contexto Enfermagem*, v.19, 2010.

LUCCHETTA, R. C; MASTROIANNI, P. C. Intervenções farmacêuticas na atenção à saúde mental: uma revisão. *Rev Ciênc Farm Básica Apl*, v. 33, n.2. Disponível em: < erv-bib.fcfar.unesp.br/seer/index.php/Cien_Farm/article/view/2085/1231 > Acesso em: 12 dez. 2019.

MARQUES, L. X. F. A intervenção farmacêutica como ferramenta do acompanhamento farmacoterapêutico visando melhor qualidade de vida em portadores de transtornos psicossociais. Teresina – Piauí, 2013.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). Relatório Mundial da Saúde: Saúde mental: nova concepção, nova esperança. 2002. Disponível em: <http://www.who.int/whr/2001/en/whr01_djmessage_po.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2019.

OLIVEIRA, Juliana; FONTELES, Marta; PONCIANO, Ângela. Depressão: um olhar farmacêutico para o “mal do século”. 2015. 28 v. TCC (Graduação) - Curso de Farmácia, Centro de Estudos em Atenção Farmacêutica, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

OLIVEIRA, F. R. A. M.; Freitas, R. M. Atenção farmacêutica a um portador de depressão. *Revista Eletrônica de Farmácia* Vol. IX (3), 2012.

SANTOS, H.M; FERREIRA, P.I; RIBEIRO, P.L; CUNHA, I. **Introdução ao Seguimento Farmacoterapêutico**. Lisboa: Versão Online, 2007.

PAES, M. R.; MAFTUM, M. A.. Dificuldades da equipe de enfermagem de um hospital geral no cuidado ao paciente com transtorno mental. **Revista de Enfermagem UFPE online.**, v. 7, n. 9, Recife, 2013.

PAULO, L.G.; ZANINI, A.C. Compliance: sobre o encontro paciente/médico. São Roque-SP: **Ipex**, Cap. VII, 1997.

UMA ALTERNATIVA PARA O ENSINO DE HISTÓRIA AOS ALUNOS COM TEA NA REALIDADE DO ENSINO MÉDIO

Maria Leidiane Santana⁹⁰
Moisés Emanuel Ribeiro⁹¹
Rayanne Leite Duarte⁹²

1. Introdução

Sabe-se que o ambiente educacional é um campo que enfrenta inúmeros desafios para sua execução. As péssimas condições de ensino em que muitos educadores estão submetidos nas escolas, somadas ao descaso por parte dos governantes com as estruturas físicas desses ambientes educacionais não contribuem em nada para que essa gama de adversidades enfrentada diariamente pelos professores se cesse. Contudo, uma outra problemática que tange nessa ótica de desafios perante o ensino encontrada pelos educadores é de como trabalhar com a educação especial para alunos portadores de necessidades especiais. Muitos educadores não conseguem atender a essa demanda, tendo em vista que é necessário processos de capacitação e treinamento para lidar com as particularidades desses alunos. Trazendo para a realidade do presente trabalho, os alunos que possuem o Transtorno do Espectro do Autismo ou TEA, necessitam de cuidados e de uma atenção diferenciada por parte do educador para que o aprendizado se desenvolva de maneira coerente. Nesse caso, como aponta Ambrós “É relevante argumentar o quanto é importante a inclusão do aluno com transtorno do espectro autista, pois auxilia positivamente em seu desenvolvimento social, afetivo e cognitivo.” (AMBRÓS, 2017)

No que concerne o campo da legislação brasileira, existem leis que incluem e que defendem o ensino transposto aos portadores de necessidades especiais. Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB nº 9.394 de 1996, tem-se um capítulo inteiro dedicado à educação especial. O artigo 59 traz os seguintes dizeres: “Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação: I - currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específica, para atender às suas necessidades;” (BRASIL, 1996). No entanto, na realidade o que se encontra são muitos professores sem a devida formação para lidar com essas situações, muitos educadores que sequer dispõem de conhecimento

⁹⁰ Graduanda do curso de Licenciatura em História pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN; email: leidianemaria67@gmail.com

⁹¹ Graduando do curso de Licenciatura em História pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN; email: moisesemanuelribeiro@gmail.com

⁹² Graduanda do curso de Licenciatura em História pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN; email: rayanny-duarte@hotmail.com

para transpor o conteúdo ministrado em suas aulas para os alunos autistas. Dessa forma, muitos educandos com o espectro acabam que por não se situarem corretamente nas discussões em sala de aula durante as aulas de História e com isso tendem a não absolverem o conteúdo de forma correta. Fica evidente então a necessidade do professor além de se especializar e se informar sobre essa situação trabalhar de forma acessível como bem aponta Ambrós:

Assim, é fundamental o professor incluir formas alternativas de ensinar esses alunos, trazendo adaptações pedagógicas que consiga fazê-los socializar e interagir a partir de trocas de experiências com seus pares. Proporcionando, assim, um trabalho de desenvolvimento social, efetivo e intelectual do aluno com autismo, além do trabalho interativo de inclusão efetiva (AMBRÓS, 2017).

Com esses conhecimentos sobre a necessidade de uma acessibilidade aos alunos autistas durante o processo de transposição didática realizado pelo professor, pensou-se então em de que modo esses alunos chegam ao terceiro ano do Ensino Médio, como eles participam das discussões históricas em sala de aula, como eles se situam no tempo e se entendem como sujeitos históricos, tendo em vista que esse é o período de preparação dos alunos ao Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM.

Desse modo, buscou-se a elaboração de uma alternativa que viesse a atender as necessidades do aluno com o espectro do autismo, na realidade do terceiro ano do Ensino Médio, que ao transpor o conteúdo presente no currículo escolar com métodos e técnicas adequadas, obtivesse uma boa compreensão perante esses alunos, tendo em vista que:

[...] o aluno com transtorno do espectro autista necessita de um ensino em que possa aprender e ao mesmo tempo colaborar com os seus pares. Isto é, é essencial que o aluno com autismo aprenda junto com os seus colegas para que eles possam fazer trocas de experiências. Todo esse trabalho integrado é importante para o desenvolvimento sócio cognitivo do aluno autista (AMBRÓS, 2017).

A temática da Guerra Fria foi escolhida por ser um tema bastante politizado e que traz consequências até os dias atuais, sendo possível uma ligação entre passado e presente, o que propicia um terreno para situar o aluno no tempo. As discussões polarizadas entre capitalismo e socialismo estão presentes em todas as discussões políticas da atualidade, o que dessa forma auxiliaria o aluno a compreender de que forma o conteúdo que ele aprende e discute na sala de aula, se manifesta para além dela.

2. Metodologia

Diante dos aspectos supracitados e reconhecendo a importância da inclusão social durante todo trajeto escolar percorrido pelos alunos, é na disciplina de Metodologia do Ensino de História,

ministrada pela Prof. Dr. Aryana Costa⁹³, que, sugerindo um trabalho avaliativo com objetivo de obter um material ao final do processo da disciplina acadêmica, manifesta-se a organização de ideias em torno da problemática discutida. É pensando nas demandas de diversidade do alunado que se desperta a necessidade de olhar a comunidade escolar como um todo que precisa estar incluso nas atividades educacionais, independente das diferenças que compõem a sala de aula, bem como cita Frias:

A garantia de uma educação de qualidade para todos implica, dentre outros fatores, um redimensionamento da escola no que consiste não somente na aceitação, mas também na valorização das diferenças. Esta valorização se efetua pelo resgate dos valores culturais, os que fortalecem identidade individual e coletiva, bem como pelo respeito ao ato de aprender e de construir (FRIAS, 2008).

Dentro desta perspectiva de inclusão, elencamos a importância do ensino de História para jovens dentro do TEA (Transtorno do Espectro Autista), visando a importância da socialização de um conteúdo que facilitasse a compreensão de aspectos políticos e econômicos inserindo o jovem em um campo temporal de acontecimentos importantes, suscitando neste uma dimensão política de grande influência mundial. Para isto, inicialmente destacamos algumas preocupações além do trabalho de um conteúdo político e econômico, entre estas preocupações elencou-se principalmente um conteúdo adaptado para a realidade do aluno no espectro.

Para alcançar os objetivos de um conteúdo adaptado de maneira satisfatória, se fez inicialmente necessário a leitura de uma bibliografia que nos introduzisse ao universo do autismo, visando compreendermos a diferente maneira de aprender desses jovens e adolescentes, pensando sempre nesses indivíduos como seres sociais que possuem total capacidade de desenvolvimento e aprendizagem.

Em primeiro momento, um dos maiores desafios encontrados foi a compreensão da subjetividade dos portadores deste transtorno, uma vez que entende-se que nenhum autista está propício a aprender de uma mesma maneira, cabendo portanto aos docentes dedicar um olhar para esse aluno em sala de aula, construindo também uma ponte comunicativa com a família, e um meio de interação com o próprio aluno, resgatando e estimulando seus conhecimentos prévios, objetivando a elaboração de um material que supra as necessidades em cada particularidade possuída pelo aluno. Desta forma, concorda-se com a bibliografia da psicopedagoga Alicia Fernández quando afirma que:

A aprendizagem é um trabalho de reconstrução e apropriação de conhecimentos a partir da informação trazida por outro e significada do saber. Essa construção do conhecimento, por sua vez, constrói o próprio sujeito como pensante e desejante, autor de sua história (FERNÁNDEZ, 2001).

⁹³ Professora Doutora do DHI – Departamento de História da UERN – Universidade do Estado do Rio Grande Do Norte.

É necessário considerar os aspectos específicos desses alunos, para facilitar seu desenvolvimento, uma vez que cada discente aprende de maneira diferente.

Diante do desafio da produção de um material adaptado, e considerando também a existência dessa subjetividade, fez-se uma busca por aspectos que de maneira geral, se encaixa na contribuição para a aprendizagem desses alunos como um todo, onde estes foram elencados a partir da pesquisa e da leitura bibliográfica. Entre estes aspectos está a narração do conteúdo de maneira lenta e objetiva, a utilização de ferramentas visuais que dessem significado ao que é narrado, e o uso da repetição como alternativa para fixação do assunto estudado. Estes aspectos estiveram presentes em toda a construção do vídeo sobre o conteúdo de Guerra Fria, incluindo-os a partir da composição do roteiro do vídeo, bem como do plano de aula elaborado.

Por se passar em um contexto complexo, o conteúdo de Guerra Fria acaba por ser composto por muitos detalhes que marca cada um dos acontecimentos. Desta forma, houve a preocupação de que os detalhes pudessem passar despercebidos por um aluno que possuísse algum déficit de atenção, e desta forma, houve a aplicabilidade da repetição de aspectos importantes ao longo do vídeo. Juntamente com a repetição para fixação, utilizou-se o recurso de imagens físicas impressas — dispostas propositalmente em um fundo branco para simplificar a ambientação do vídeo — tanto de bandeiras, quando de símbolos e de representações das frases ditas ao longo do roteiro do vídeo, de maneira que os textos falados pudessem completar-se com as imagens inseridas de maneira simultânea, para que obter-se assim uma significação e representação do conteúdo dito, tornando este mais fácil de assimilar, como mostra a imagem a seguir:

Figura 1 – Representação dos países com as respectivas bandeiras e ilustração da corrida armamentista.



Fonte: Acervo pessoal.

O último e não menos importante aspecto utilizado na construção do material, tratou-se da narração do conteúdo de maneira lenta e objetiva. Para um jovem com autismo pode ser desafiador e

confuso a compreensão de muitas frases ditas ao mesmo tempo e de maneira rápida, uma vez que o seu cérebro funciona de maneira diferente. A comunicação oral é parte importante do processo de aprendizagem de todos e necessita de atenção na formação do aluno com autismo. É importante destacar que uma linguagem comunicativa diferente e que não segue um padrão de expectativa não pode ser colocada à margem das demais, Le Breton cita que:

[...] Sublinham a importância da linguagem nas representações do humano normal e amplitude da ruptura que é provocada por aquele que podia e devia falar, mas escolheu calar-se, ou vê-se impossibilitado de usar a palavra, como se voltasse ironicamente as costas à espécie (LE BRETON, 1999).

Compreende-se que discentes com autismo aprendem de uma maneira diferente, mas que esse fator não pode ser responsável por uma não aprendizagem do conteúdo histórico, bem como a não formação do pensamento crítico. O professor deve direcionar as condições para a construção do ensino e aprendizagem destes conteúdos, bem como deve mediar o ensino que também destaque a importância do pensar criticamente, pois:

O fato de me perceber no mundo, com o mundo e com os outros me põe numa posição em face do mundo que não é de quem nada tem a ver com ele. Afinal, minha presença no mundo não é de quem a ele se adapta mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas *objeto*, mas sujeito também da História (FREIRE, 1996).

Consciente de estar inserido no meio em que vive, o indivíduo deve, segundo Freire, ser capaz de questionar sobre o que lhe é ensinado, uma vez que a construção da educação não se faz apenas do conteúdo passado pelo docente e a capacidade de refletir criticamente deve ser trabalhada tanto a discentes neurotípicos como a discentes atípicos, sendo esta uma de nossas preocupações.

Após cerca de três meses de elaboração de roteiro até a gravação do vídeo, este foi exibido na sala de aula como um material consistente do final da disciplina acadêmica. Objetiva-se agora a organização da aplicabilidade do material e observação dos resultados obtidos com este.

3. Discussão com a Bibliografia

Com o fim da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), a conquista de Berlim se deu pelas duas potências emergentes da época, os Estados Unidos da América e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, ou simplesmente União Soviética. As duas potências, com projetos políticos e econômicos antagônicos, atuaram em situação de contínua desconfiança desde os cercos das batalhas na Segunda Grande Guerra. A explosão da bomba em Hiroshima e Nagasaki (1945), alertou a União Soviética de que os Estados Unidos estavam dominando tecnologias nucleares no campo do armamento bélico e com uma amplitude de destruição tamanha, os Estados Unidos poderiam de certa forma usar essa

tecnologia avassaladora como uma aliada. Dito isso, o descrédito em uma possível aliança entre as duas conquistadoras de Berlim era o que iria compor o cenário do pós-guerra, como aponta Ribeiro:

Apesar de se terem aliado no enfrentamento à Alemanha nazista e no acordo para uma nova ordem mundial, alcançado em consecutivas conferências presidenciais em Teerã, Moscou, Potsdam e Yalta as potências vencedoras guardavam uma profunda desconfiança mútua. (RIBEIRA, 2012)

Com a Alemanha conquistada pelos Capitalistas e pelos Comunistas quase que ao mesmo tempo, as duas maiores potências decidiram dividir a capital Berlim em áreas de influência onde as vencedoras iriam poder intervir nas decisões dos países aliados aos seus respectivos planos econômicos. Berlim foi então dividida por um muro, que só viria a ser derrubado no final da década de 1980. Esse antagonismo entre dois acordos econômicos serviu de mote para dividir e consolidar a polarização do mundo, e sobre ele, Ribeiro nos diz que:

As rivalidades em solo alemão logo se estenderam ao resto da Europa. Os países do Leste europeu e a URSS conformaram, em janeiro de 1949, uma Comunidade Econômica, ou Comecon, mais tarde chamada de Came. Tratava-se de uma resposta ao Plano Marshall dos Estados Unidos, que doou quinze bilhões de dólares em ajuda para a reconstrução dos países europeus devastados pela guerra; ajuda que a União Soviética rechaçou qualificando-a de instrumento da hegemonia estadunidense (RIBEIRA, 2012)

A **parte ocidental**, ocupada por tropas principalmente inglesas e norte-americanas, ficou sob a influência dos Estados Unidos e a parte oriental, ocupada pelos Soviéticos, tornou-se área de influência da União Soviética. A disputa entre o socialismo e o capitalismo perpassou o campo ideológico e se manifestou em variadas formas. A caça ao comunismo por parte dos norte-americanos não ficou apenas no campo das ideias. Qualquer manifestação artística, política e social que viesse a comungar de ideais socialistas em solo americano era proibida e vista com mal olhos por parte do poder público. É nesse período que surge a figura do senador Joseph McCarthy (1908-1957). McCarthy lidera uma política que ficou posteriormente como “Macarthismo”, onde manifestações compreendidas por ele como de origem comunista era proibida. Nesse período são produzidos cartazes e propagandas que constroem a imagem do homem soviético socialista como um ser que traz perigo a norma social. O humorista Charles Chaplin é uma famosa vítima dessa política. Esse episódio é ilustrado nas palavras de Ribeiro quando o mesmo diz que:

Colocando-se na defensiva, os Estados Unidos avivaram sua ideologia anticomunista. O senador MacCarthy lançava uma cruzada para a erradicação de comunistas no país. O macartismo empreendia o que se conheceria como “caça às bruxas”, especialmente contra intelectuais, jornalistas, escritores, cineastas e artistas em geral, marcando uma época de paroxismo ideológico (RIBEIRA, 2012)

Nesse período, influências do socialismo soviético adentram em solo latino americano, devido as políticas dos líderes revolucionários Fidel e Che Guevara (1928-1967), com isso, os EUA temendo a influência do comunismo na parte ocidental do mundo financia algumas ditaduras em países da América do Sul. É o caso do Brasil, por exemplo, onde a Ditadura Civil Militar perdurou 30 anos de perseguições à partidos políticos de ideais comunistas e socialistas.

Somado a isso, surgem alguns conflitos internos de cunho militarista, econômico e tecnológico, divididos pela história em “corridas” armamentistas e espaciais. A “Crise dos Mísseis”, de outubro de 1962, manifestada no campo da corrida armamentista, se deu partir do conflito iniciado quando a União Soviética decide implementar uma base nuclear na ilha de Cuba, região muito próxima dos Estados Unidos. Quando Fidel Castro (1926-2016) assume o comando a partir da Revolução Cubana, em 1960, os norte-americanos ganham um forte inimigo. Fidel, aliado dos ideais socialistas soviéticos, permite a implementação da base nuclear em Cuba. Em resposta a isso e temendo um ataque por parte dos Soviéticos, os Estados Unidos implementam uma base nuclear na Turquia, situada próximo a União Soviética, onde além disso, os EUA decretam um embargo econômico a Cuba, o que trouxe consequências para o desenvolvimento da economia cubana.

Avanços no campo tecnológico também ilustram o conflito existente entre as duas potências. Um episódio conhecido como “Corrida Espacial” acometeu norte americanos e soviéticos em busca de uma hegemonia sob a tecnologia espacial. Os Socialistas, antes dos Capitalistas, conseguem enviar o primeiro ser vivo à Lua em 1957, onde anteriormente também enviam o primeiro satélite, que hoje auxilia a sociedade com sinal de televisão e internet, por exemplo. Em resposta a isso, os americanos criam um centro de estudos para intensificar as pesquisas voltadas para a tecnologia espacial, a National Aeronautics and Space Administration, mais conhecida como NASA, onde além disso, enviam o primeiro homem à Lua, que para provar de forma simbólica a hegemonia americana em detrimento dos soviéticos, finca a bandeira dos Estados Unidos da América em solo lunar.

Na década de 1980 a partir de algumas denúncias de corrupção e esfacelamento econômico, a União Soviética entra em declínio. A parte oriental fica insatisfeita com o regime socialista implementado a partir de algumas atitudes dos líderes políticos e a negociação feita entre os presidentes Ronald Regan (1911-2004) e Mikahil Gorbachev (1931-) põe fim a um conflito de 42 anos. A guerra é conhecida pelo adjetivo “fria” devido o fato de que em todos os anos de conflito não se teve nenhum conflito armado. Contudo, tanto os EUA quanto a União Soviética financiaram guerras e ditaduras que aconteciam em volta de seus países aliados. Movimentos de independência na África e Guerra do Vietnã (1955-1975) são exemplos de conflitos que aconteceram paralelo a esse duelo entre as duas potências emergentes do mundo.

A queda do Muro de Berlim (1961-1991), simbolizou o fim de um conflito de mais de 40 anos que subdividiu o mundo em duas partes e que traz resquícios dessa divisão até hoje. Constantemente,

capitalismo e socialismo se enfrentam nas eleições políticas, nas disputas de esferas estaduais e municipais e em todas as manifestações políticas da sociedade. É de suma importância então que o aluno com o Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) entenda-se como um sujeito que atua e que recebe influências desse acontecimento mesmo estando a muitos anos de distância. É de suma importância, portanto, situá-los no tempo e no espaço, transformando-os em sujeitos históricos capazes de entender e expor sua opinião sobre si mesmos e sobre as relações sociais que o cerca.

4. Considerações Finais

Tendo o vídeo como produto da problemática apresentada no corpo deste trabalho, pode-se pensar qual a aplicabilidade e os efeitos dele. Considerando que esses efeitos podem ser negativos e positivos, aplicaremos ele a pessoas com o espectro no intuito de atestar a didática desse vídeo e assim analisar as possíveis alterações que venham a precisar fazer. Neste trabalho deve-se levar em conta a didática do vídeo e o conteúdo escolhido para ele, mas principalmente a didática (escolhida e então aplicada) que foi o que regeu toda problemática e tese deste. Após uma discussão feita entre os integrantes do grupo, se pensou em como alunos com o espectro falado chegam ao último ano escolar.

A partir desta problemática, vemos que a produção de um vídeo com este caráter é de extrema importância para que alunos com TEA possa vir a ter um conteúdo de fácil acesso (porque pode ser publicado em plataformas digitais) com uma didática adequada ao seu modo de aprendizagem. Assim, atendendo a essa parcela da sociedade que precisa de uma acessibilidade no âmbito estudantil e que muitas vezes ficam as margens das salas de aula, como já foi discutido. Tendo também a preocupação com o nível estudantil ao qual o vídeo foi produzido (terceiro ano do Ensino Médio), onde nesse ponto eles precisam intensificar os estudos como forma de preparação para dar continuidade em sua vida estudantil e posteriormente ingressar num ensino superior ou técnico, se assim desejarem.

Outra discussão que é digna do espaço é o olhar do Governo Federal para com essa proposta de ensino e aprendizagem. Essa forma de ensino e a produção de materiais desse caráter, pode vir a ser desenvolvido pelo Governo Federal, sendo construídos com profissionais especializados, para os alunos com o espectro. Tendo o material, este pode ser publicado em sites oficiais, em parceria com o Ministério da Educação – MEC, por exemplo, e assim, proporcionar uma acessibilidade ainda mais ampla e especializada do material para todos os alunos com o espectro. Um acervo desse padrão, facilitaria tanto no auxílio do ensino para o professor como para o aluno, tendo em vista que em plataformas digitais o acesso ao acervo era sempre possível.

Portanto, esse material final pode vir a ser uma forma alternativa do ensino de História para pessoas com o espectro e assim romper as barreiras pedagógicas existentes em sala de aula para com esses alunos, focado no ensino de História. Romper barreiras de aprendizagem inclui também a

renovação da comunicação, bem como o respeito aos diferentes meios de aprendizagem. É de grande importância elencar dentro destes aspectos pedagógicos a também necessidade do conteúdo histórico para a construção social desses jovens. A cargo disto entra a relevância da história enquanto disciplina que nos dimensiona a compreensão dos aspectos sociais dos quais fazemos parte, independente das diferenças e diversidades existentes no meio social.

5. Referências Bibliográficas:

AMBRÓS, Daniele Martins. O aluno com transtorno do espectro autista na sala de aula: caracterização, legislação e inclusão. **I Seminário Luso-Brasileiro de Educação Inclusiva**: PUCRS. Porto Alegre – RS, 2017.

FERNÁNDEZ, Alicia. **A Inteligência Aprisionada**: abordagem Psicopedagógica clínica da criança e sua família. Porto Alegre: Artmed, 1991.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (coleção Leitura)

FRIAS, Elzabel M. A. **Inclusão escolar do aluno com necessidades educacionais especiais**: Contribuições ao Professor do Ensino Regular. Material Didático-Pedagógico: UEM. Paranavaí, 2008-2009.

Guia de livros didáticos: **PNLD 2015**: história: ensino médio. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2014.

MELLO, Ana Maria S. Ros de. **Autismo**: Guia Prático. 5 ed. São Paulo: AMA: Brasília: CORDE, 2007.

ONZI, Franciele Zanella., GOMES, Roberta De Figueiredo. **Transtorno do espectro autista**: a importância do diagnóstico e reabilitação. Caderno pedagógico. Lajeado: 2015.

RIBEIRA, Ricardo. **A Guerra Fria**: Breves notas para um Debate. Revista Novos Rumos, vol. 49, n. 1, Marília – SP, 2012.

VICENTINO, Cláudio; GIANPAOLO, Dorigo. **História geral e do Brasil**. 2ª ed. – São Paulo: Scipione, 2014.

BOB MARLEY E SEU BRILHO: MASSIFICAÇÃO E LEGADO CULTURALPaulo Santos Dantas⁹⁴Robson Martins⁹⁵

1. Introdução

A produção do presente texto, bem como as leituras e diálogos que estes dois autores fizeram no curso deste investimento teórico, intelectual e cósmico, produziu o desejo de nos apresentarmos de uma forma menos acadêmica, por isso mais nativa e mais achegada ao nosso povo: somos dois autores negros, um de pele mais escura, outro de pele um pouco mais clara. Esta atitude resolve a dúvida que, por ventura, um leitor ou leitora tenha em relação a nós, pois, de saída, foi esta que tivemos quando liamos alguns autores que, inclusive, colaboraram com essa produção, a partir dos seus artigos, monografias e teses de doutoramento. Talvez seja certo que a cor da pele não seja capaz de definir a perspectiva teórica e o engajamento ideológico de quem escreve um texto sobre o a música jamaicana, o Rastafarianismo, a África e as populações que para Ela nunca retornaram, mas esta máxima é especialmente verdadeira dentro de uma visão de mundo e de ciência hegemônica, cujo paradigma epistemológico é europeu e pressupõe uma ideia de neutralidade.

Nós (os autores), Robson Martins e Paulo Dantas, somos, antes de tudo, homens de origem periférica, capoeiristas, primeiramente subempregados e, finalmente, também acadêmicos. A produção do presente texto é fruto, portanto, das histórias, dos engajamentos e das visões de mundo dos seus autores, os quais veem em Marley uma referência não apenas musical, mas também ideológica, cósmica, espiritual. O que buscamos fazer aqui é uma tentativa de demonstrar como Bob Marley, sua mensagem e o seu esforço para abraçar e acolher as populações filhas de africanos e africanas retiradas do seu solo, tocaram profundamente em cada um de nós, mas também na população negra e periférica de Aracaju. Nesses termos, e se pudermos fazer, gostaríamos que este texto representasse o nosso abraço e o nosso sentimento de acolhimento ao nosso povo aracajuano, mas também a todo aquele que se sentir tocado. O texto não representa, portanto, um artigo epistemologicamente neutro. Ao contrário, representa um *rabo de arraia e uma negativa* na neutralidade, já que para autores de que são também da Capoeira Angola, realizamos um diálogo sincero, dinâmico e verdadeiro que só postulados acadêmicos hegemônicos, buscando desequilibrá-

⁹⁴Doutor em Antropologia Social (PPGAS/USP), professor adjunto da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Campus Central, Mossoró. E-mail: paulodantasbr@yahoo.com.br

⁹⁵Mestre de Capoeira Angola, líder do Grupo Abaô de Capoeira Angola (sediado em Aracaju), graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Sergipe – UFSE. E-mail: rasrobson2@hotmail.com

los e superá-los por meio de relações e interpretações que carregam as nossas histórias, os nossos olhares, os nossos sorrisos e os nossos cheiros.

Esperamos que Bob Marley, a sua música e a sua mensagem aqui reinterpretadas, toquem o leitor e a leitora para quem nos dirigimos.

O texto tem o objetivo de analisar as maneiras como a música e a mensagem de Bob Marley, no contexto da cultura rastafári, são apropriados por homens e mulheres negras, basicamente periféricos e de origem popular da cidade de Aracaju, alterando suas aparências estéticas, seus padrões de comportamento, suas escolhas, enfim, suas identidades e referências. Neste aspecto, Marley se apresenta não apenas como uma artista regueiro jamaicano, mas especialmente como um expoente intelectual junto ao qual criou-se determinadas visões de mundo ou, ao menos, estas foram profundamente influenciadas.

Do ponto de vista metodológico, o artigo desenvolve uma discussão a partir de observações acerca da experiência da população negra aracajuana, aceitando que os elementos da cultura rastafári, especialmente a partir de Bob Marley, produziram novas percepções, novos discursos, novas estéticas e novos sujeitos. Essas alterações simbólicas foram analisadas também do ponto de vista das experiências pessoais dos seus autores, especialmente Robson Martins, o qual, para alguns indivíduos que circulam no âmbito das culturas negras na cidade de Aracaju, foi um dos precursores da produção de um ativismo, de modos, escolhas e visões de mundo aqui descritas ou traduzidas como cultura “rasta”.

Conclui-se que a música de Bob Marley, a sua imagem e a sua mensagem continuam muitos vivas. A cidade de Aracaju, por meio da apropriação massificada dos símbolos daquele artista, mas também por uma manifestação cultura mais ativista e espiritual, dá sinais de que há um brilho intenso e distinto sobre a produção de Marley. O efeito é a presença cada vez maior de uma população que apenas consome, interage e ressignifica a sua música: essa população passa a apropriar-se de visões de mundo cujas conexões não se limitam ao território aracajuano ou mesmo brasileiro.

2. Bob Marley: o músico e sua mensagem ao povo afro-diaspórico

“Não há nada pior do que aquele que usurpa a arte sem deixar um pedaço de sua alma.
A arte é troca.

Eu lhe dou todo o meu sangue e volto com um pouco de seu coração

C. Tugren

Bob Marley representou para o mundo, especialmente para as populações oprimidas até aonde a sua mensagem chegou, um alento, um fôlego a mais para lidar com os contextos do racismo, da opressão e dos preconceitos cotidianos. O acesso à música de Marley causa em quem ouve uma

empatia quase automática, uma vez que ele narra em suas músicas situações muito particulares. Isto é, o ritmo, a “pegada”, o swing constituem uma marca identitária, negra, capaz de tocar o interior das pessoas. As narrativas nas letras daquele artista descrevem histórias, memórias e visões de mundo que, de imediato, eram (e são) entendidas pelas populações negras diaspóricas. O ritmo do reggae contagiava, de maneira que as formas como os artistas negros jamaicanos aprenderam a acessar essas realidades por meio do Pan-africanismo e dos tambores africanos, encontrou a população para quem ele anunciava sua mensagem. Junto ao Pan-africanismo e tomando-o como um recurso teórico e retórico, os músicos jamaicanos produziram uma ligação profunda e misteriosa com a Mãe África, vinculando todo este investimento a um movimento espiritual. Afinal, para os músicos rastafári, a música não estaria dissociada do mundo espiritual.

Foto 1. Robert Nesta Marley (Bob Marley)



Fonte: <https://www.google.com.br/url?sa=i&url=https%3A%2F%2Fistoe.com.br>

A contribuição do movimento pan-africanista é central para entender a força da música de Bob Marley. O Pan-africanismo é um movimento político e teórico que surgiu na segunda década do Século XX, liderado por intelectuais africanos e descendentes de africanos no âmbito da Diáspora negra.

O termo Diáspora, que vem do grego, comumente define o deslocamento forçado ou incentivado de grandes grupos humanos originários de um determinado território para territórios que o “recebem” e “acolhem” no âmbito de processos históricos de exploração e colonização. A Diáspora Africana, também chamada Diáspora Negra, descreve, portanto, o fenômeno histórico que ocorreu em países (além) da África para fins escravagistas e mercantilistas. O período desde movimento histórico diaspórico promovido pela cultura ocidental vai da Idade Moderna (século XV) até o fim do século XIX, tendo nos africanos de pele escura o seu principal alvo (DANTAS, 2012, p. 267-268).

Atualmente, o movimento pan-africanista é descrito a partir de perspectivas dinâmicas, aceitando conexões com diversas formas, entre as quais a música se apresenta como uma representação poderosa no interior de tal movimento. Deste modo, os discursos e práticas que emergem das resistências e subversões que se contrapõem às velhas e novas formas de segregação nas sociedades contemporâneas dão cabo de expressões performáticas que aparecem na produção intelectual e no ativismo negro (DANTAS, 2012: 268), bem como em estilos musicais entre os quais a música negra jamaicana é reconhecida como um ícone.

Acessando Peter Tosh, um expoente importante, inclusive pela sua proximidade com Marley, aquele dizia, em suas entrevistas e depoimentos, que queria alcançar as pessoas do mundo inteiro pela música, através da música. O processo, para Tosh, seria primeiro a *magia do ritmo, da dança que o reggae propõe, para depois a mensagem chegar às pessoas*. Não por acaso, Tosh se descrevia como um engenheiro cujo trabalho, estruturado e estrategicamente planejado através de uma boa música, chegaria às pessoas, as quais seriam por ela tocadas. A *boa música*, neste aspecto, é entendida como um conjunto bem estruturado de harmonia cuja combinação de tons e melodias estaria profundamente ligada a uma espiritualidade ancestral.

Recuperar a fala de Tosh é importante, haja vista que ele e Marley fazem parte de um mesmo movimento diaspórico, artístico, cultural e político. Assim, o jeito peculiar que os rastafáris tinham (e têm) de produzir a sua música, muito influenciada pelos cânticos dos africanos que chegaram escravizados⁹⁶ à Jamaica, tudo isso vinculado a um movimento espiritual profundo, fazia com que a música alcançasse as pessoas de todo o mundo. O projeto ambicioso dos rastafáris jamaicanos aparece nas músicas e nas reflexões desses artistas, entre os quais Tosh e Marley eram dois dos seus grandes expoentes intelectuais. Bob Marley é, portanto, formado dentro deste celeiro jamaicano, em meio aos músicos que beberam nos ritmos afro-caribenhos e africanos.

No Brasil, a música e a imagem de Bob Marley se popularizaram e se massificaram, figurando em vitrines de lojas, bares e botecos, estampando camisas, broches e botões. Marley, como se sabe, desde o início de sua trajetória revelou-se um excelente músico. As suas músicas e letras são conhecidas pela força que conseguem mobilizar as pessoas que as ouvem e com elas se sentem conectadas. O sentimento que a sua mensagem conseguiu produzir dentro das populações afro-diaspóricas é extremamente forte.

⁹⁶ A chegada da população africana escravizada à Jamaica parece um dado obscuro. Os textos descrevem o momento da Abolição (1833), o que é um dado obviamente importante, mas não o faz para a chegada dos africanos. Contudo, os trabalhos concordam que os espanhóis “chegam” à ilha da Jamaica em 1494. Uma das mais terríveis diásporas, a diáspora africana, desabrigou milhões de africanos negros e os comercializou na condição de escravos, ocorreu entre os Séculos XVII e XVIII, espalhando-os pelo Caribe, Estados Unidos e América Latina. (FERNANDES, 2016: 19).

As suas melodias eram cativantes, prendia as pessoas e as encantavam. O vínculo de Bob Marley ao movimento rastafári é potencialmente interessante, na medida em que confronta o estrelato das bandas e artistas “pop”. A sua consciência e o seu engajamento político resultavam em discursos e visões de mundo demasiadamente distintos daqueles esperados em personagens que estavam em trajetória ascendente no mundo da música. Diferente disto, a música de Marley levava uma palavra, uma mensagem de conscientização e solidariedade. Aqui, como o interpretamos e como nós percebemos por ele influenciados, é como se Bob Marley estivesse dizendo: “Eu sei o que você passa aí [população negra, onde quer você esteja]. Eu também passo por isso por aqui. Nós estamos juntos, meu irmão, minha irmã. Vamos ver o que podemos fazer juntos”.

Durante a sua passagem pela Nova Zelândia, em 1979, Bob Marley deu uma entrevista na qual falou de sua música, da mensagem que ela carrega, do rastafarianismo e do que as pessoas esperavam. Nas suas palavras:

As pessoas ainda estão procurando por essa verdade aqui. Que essa música Reggae que vocês conhecem traz uma cruz para elas. E o único propósito que serve é contar às pessoas sobre Rastafári. A gente escutava as músicas que toca na rádio. Não tínhamos como comprar discos, então a gente ouvia a rádio. Mas eu realmente não curtia essas coisas. Eu curtia coisas como o que chamamos de ‘Música Espiritual’. Entende? Ela pode ser mais revolucionária.
(Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=gg_sNTibTIM)

O Rastafarianismo (como é linguisticamente mencionado, descrito e vivido por inúmeros homens e mulheres brasileiras) ou Rastafarismo (como é mais encontrado na literatura socioantropológica) é um movimento que reverencia “Haile Selassie I, o ex-imperador da Etiópia, Rei dos reis, Senhor dos senhores e Leão conquistador da tribo Judá.” (MACARINGUE, 2017, 7). O termo foi utilizado como nome na pré-coroação de Haile Salassie I, que passou a ser também chamado Ras Tafari Makonnen. Do ponto de vista etimológico, o termo Rastafári vem do Amárico: *Ras* significa “cabeça”, “príncipe”; *Tafari* significa “paz”. Portanto, Rastafári é a designação para Príncipe da Paz. O termo Rastafári passou a ser adotado, todavia, pelos seguidores deste movimento, cuja origem é a Jamaica dos anos 1930 (MACARINGUE, 2017, 7).

Conforme Danilo Rabelo, não se pode falar de Rastafarismo antes de 1930 ou, com mais precisão, antes de 1933, período em que começam as primeiras pregações em torno da divindade de Tafari Makonnen, o imperador Haile Salassie I. Assim, o movimento Rastafári surgiu em 1933, enquanto movimento religioso e de contestação econômica, social e política contra o imperialismo britânico e a marginalização imposta à população afro jamaicana. Do ponto de vista das bases religiosas, conforme RABELO (2006: 4)

Os Rastafári acreditam que o imperador da Etiópia, Haile Salassie I, é a reencarnação de Jesus Cristo ou de Deus Pai em pessoa, que veio para cumprir as profecias bíblicas de destruição da iniquidade do mundo e de redenção dos fiéis. As matrizes discursivas e imagéticas desse movimento remontam a diversas tradições: a Bíblia, o Etiopismo, o Pan-africanismo, o Garveyismo, bem como algumas influências revivalistas e hindus.

Ainda segundo aquele autor, os primeiros trabalhos acadêmicos tendem a inscrever o movimento rastafári na categoria dos movimentos milenaristas, embora existam diferenças entre os autores. George Simpson⁹⁷ (1955, 1956, 1966), por exemplo, considerava o rastafarianismo como uma variante dos cultos revivalistas e depois como um movimento milenarista, enquanto Klaus de Albuquerque⁹⁸ (1986) também o consideraria como um movimento milenarista, porém de origem urbana, dado que diverge da maior parte desses movimentos. Finalmente, Leonard Barrett⁹⁹ (1987, 1997) descreveria o movimento rastafári como milenarista, porém com raízes na ideologia do Etiopianismo¹⁰⁰ surgida entre as populações escravizadas (RABELO, 2006, p. 5-7).

Foto 2- Haile Salassie I, Imperador da Etiópia



Fonte: <https://upload.wikimedia.org/commons/thumb/0/04/Selassie.jpg/220px-Selassie.jpg>

⁹⁷ SIMPSON, George E. "Political Cultism in West Kingston, Jamaica". In: Social and Economic Studies. Kingston: UWI-Mona, Institute of Social and Economic Research, Vol. 4, nº 2, p. 133-149, 1955.

⁹⁸ ALBUQUERQUE, Klauss de. "Millenarian movements and the Politics of Liberation: The Rastafarians of Jamaica". Ann Arbor, Michigan: UMI, 1986. (Tese, Doutorado em Sociologia).

⁹⁹ BARRET, Leonard E. The Sun and the Drum: African Roots in Jamaican Folk Tradition. Kingston: Sangster's Books Ltd, 1976.

¹⁰⁰ Ideologia de orgulho racial com fortes conotações religiosas, o Etiopianismo foi desenvolvido entre os escravos do norte dos Estados Unidos. Tais escravos receberam educação dos seus senhores, enquanto eram expostos à Bíblia, que por sua vez fazia referências aos etíopes. Um dado é curioso e deve se juntar ao conjunto dos elementos que são tomados como referência de identidade e conexão com a Mãe África: os escritores gregos, desde o Século VIII a. C, descrevem às populações de pele escura como "etíopes", o que resultou, conforme Rabelo, numa referência frequentemente usada pelos europeus para designar pessoas ou povos africanos. A mesma referência foi, segundo o autor, também usada pelos primeiros escritores afro-descentes [Júpiter Hammon (1711 – 1806?) e Phyllis Wheatley (1753 – 1884)], os quais se referiam a si mesmos como "Ethiops" ("etíopes"), vindo a usar o termo Ethiopian (etíope) como um termo genérico capaz de descrever todos os povos de ascendência africana, "sem observar qualquer orientação geográfica". Tratou-se, segundo aquele, de "influência da literatura ocidental e de noções cartográficas errôneas". (RABELO, 2017: 116).

O movimento rastafári é também fruto de uma interpretação das escrituras bíblicas do Salmo 87, bem como do discurso produzido por Marcus Garvey, o profeta dos rastafáris, que, após viajar pela América e pelo continente europeu, pôde notar que a realidade das populações negras, em todas as partes do mundo, era precária. A razão de tal precariedade, para Garvey, remetia-se ao passado escravocrata. Paralelo a este fenômeno, argumentava que o próprio continente africano não se desenvolvia devido à retirada forçada de sua mais forte e principal mão de obra. Marcus Garvey pregava o retorno das populações negras para a África, pois seria a partir dela que, em um dos seus discursos, profetizaria o surgimento de um líder negro que guiaria o seu povo de volta à terra-mãe. Haile Selassie I é coroado imperador da Etiópia e ele representa o líder esperado.

Citando a música *Redemption song* (Canção da redenção), de Bob Marley, Fernandes (2016: 19) considera que o cantor jamaicano anseia por uma revolução. O trecho comentado da canção é o que segue:

Velhos piratas, sim, eles me roubaram, me venderam para navios mercantes minutos depois de eles terem me tirado do poço sem fundo. Mas minha mão foi fortalecida pela mão do Todo Poderoso. Nós avançamos nessa geração triunfantemente (MARLEY, 2016).

A autora faz uma interpretação interessante, especialmente quando destaca as repetições que há na mensagem. (FERNANDES, 2016: 20).

(...) em meio à emoção, o clamor “Você não vai me ajudar a cantar estas canções de liberdade?” ele repete e repete, realmente alguém precisa entender essas palavras. Sim, pois “eles me roubaram” e isso já seria o bastante. Então ele implora para que as pessoas libertem suas mentes, libertem-se da escravidão mental e que ninguém além de nós mesmos podemos fazer isso. Ele estava se entregando ao máximo, ele queria salvar as pessoas, e por isso ele dizia “Me ajude a cantar essas canções de liberdade, pois tudo que eu sempre tenho são canções de redenção”.

A percepção de que Marley estava entregando-se “ao máximo” e de que queria “salvar as pessoas”, enquanto pedia a elas próprias para que o ajudasse a cantar essas *canções de liberdade*, está presente no comentário da autora. Para ela, o mergulho e a entrega total na luta pelos povos negros no âmbito da Diáspora é fruto de uma convicção de tal forma bem-sucedida, que Marley acabou por si reinventar. (FERNANDES, 2016: 20).

O jeito “Marley de ser” impressionava pelo carisma. Suas posturas que eram descritas como contraculturais. Uma crítica ao modo capitalista de preservação dos bens materiais se apresentava, por exemplo, na atitude de deixar o próprio carro (uma BMW) aberto onde o artista circulasse. Essas atitudes faziam com que políticos orgânicos de sua época se sentiram ameaçados, afinal, tratava-se de uma orientação política poderosa, engendrada por meio de uma série de artifícios entre os quais estão, obviamente, as mensagens harmonicamente cantadas. Essas mensagens chegavam, justamente,

às pessoas situadas na base da estrutura social jamaicana. A inspiração que Marley e sua mensagem causaram no seu povo (e não apenas na Jamaica, mas) e onde quer que ele estivesse, amedrontava os políticos profissionais do seu país – e além-mar, como no Brasil. O mesmo efeito correu em outras partes do mundo, entre as quais a cidade de Aracaju (capital do estado de Sergipe), é um caso particular.

Ainda sobre as atitudes de Marley, há que se mencionar a sua mansão, a qual constitui um dado à parte. Doada por seu empresário, ela representou um ponto de encontro na Ilha, uma vez que todos aqueles que tinham um vínculo com estilo, com a história do Reggae e com o movimento rastafári teriam passado pela casa, pelo “ponto”, sendo comuns as filas de pessoas que formavam diante da casa do cantor. No imaginário que se formou em torno da mansão e do próprio músico, há relatos de que ninguém teria saído de lá sem uma resposta ao que procurava ou desejava, o que alimenta ainda mais o imaginário social acerca de um artista cuja proximidade com os problemas do seu país e do seu povo (onde quer que ele estivesse) dá sinais de sua extraordinária humanidade.

3. O universo musical e a Cultura Rastáfari em Aracaju

Quando ele explodiu pelo mundo, ele mostrou seu brilho de beleza
 Bob Marley pra sempre estará no coração de toda raça negra
 Quando Bob Marley morreu foi aquele chororô na Vila Rosental
 Muzenza trazendo Jamaica
 Arrebrandando nesse carnaval

Brilho de beleza
 Bloco Afro Muzenza

Para alguns autores, a imagem de Bob Marley é objeto de controvérsias. Rabelo, por exemplo, vai dizer que, pelo mundo afora, a imprensa e a crítica no mundo da música divulgaram a imagem de Marley como um *superstar* rebelde, o que caracterizaria a imagem clássica de contracultura jovem, sinaliza o autor. Há, portanto, segundo Rabelo (2017: 136),

Um conjunto e/ou emaranhado de imagens ou identidades justapostas e que foram sendo elaboradas a partir de redes discursivas e práticas sociais presentes na cultura popular jamaicana.

Desta forma, as imagens e discursos sobre Bob Marley se justapõem, se interpelam e se interpenetram umas em relação às outras, deslocando fronteiras culturais e sentidos, à medida que estabelecem conexões entre si mesmas e os contextos onde são produzidas, divulgadas e recebidas. Essas relações complexas revelariam matizes discursiva e imagéticas, as quais remontar-se-iam a tradições xamânicas, a cultura de rua, a tradições honoríficas anglo jamaicanas, aos ritos e crenças dos rastafáris. Todas elas se fundiriam na figura mítica do herói, tendo sido elaboradas ao longo das fases da vida do artista jamaicano (Rabelo, 2017: 136).

Ao lado de Che Guevara, dirá Danilo Rabelo, Bob Marley é o personagem histórico “que mais tem a sua figura estampada em camisetas, pôsteres, chaveiros etc. pelo mundo afora”. A imagem de Marley, segundo aquele autor, não pode ser descrita sob a marca de uma única representação, “*por exemplo, como um herói na sua terra natal*” [os grifos são meus]. A razão é que existiria um conjunto ou um emaranhado de imagens e referências que foram sendo elaboradas no interior de práticas sociais e de redes de discussão na cultura popular jamaicana, enquanto pelo muno à fora “a indústria cultural divulgou a imagem de Bob Marley como um *superstar* rebelde tão característica da ‘velha’ contracultura jovem (Rabelo, 2017: 136).

Como a mesma imagem de Bob Marley é apresenta na cidade de Aracaju e como essa apropriação cultural e dinâmica dialoga com percepções diversas?

A presença e a apropriação de Bob Marley e sua obra na cidade de Aracaju, especialmente para uma população negra e periférica específica, que se aproximou de sua música e seus símbolos, tomando-os como orientadores de sua forma de pensar e agir, começam a ganhar forma no início dos anos 1990. Até ali a presença de homens e mulheres rastas, isto é, com as “dreads” no cabelo (ao estilo Marley, Tosh e outros tantos), era invisível. A música jamaicana, por meio das Rádios ou da TV, não tinha espaço, embora a música regueira de Edson Gomes, cantor preto baiano, tenha se polarizado na capital sergipana. A hipótese é de que os anos 1990 marcam um período histórico e um contexto no interior do qual os estereótipos associados ao rastafarianismo e às suas estéticas eram mais poderosos, ao mesmo tempo em que o ideário de inserção no mercado formal de trabalho descrevia um determinado padrão de expectativas da população aracajuana. Limitados a ocupações de trabalho subalternos, na base da pirâmide social, homens e mulheres negras se esforçaram para serem admitidos e assimilados pelo mercado de trabalho, ao mesmo tempo em que foram tradicionalmente recrutadas/os para o histórico e perverso exército de reserva¹⁰¹ no âmbito da sociedade capitalista.

Os anos 1990 representariam uma virada política e simbólica no âmbito dos movimentos sociais negros. Se nos anos 1980 os Blocos Afro ganharam visibilidade e importância no universo das culturas negras, na década seguinte observou-se a criação de novas organizações negras, como a Sociedade Afro Sergipana de Estudos e Cidadania (SACI), o Grupo Cultural Quilombo, a Companhia Dançart, o Grupo Abaô de Capoeira Angola – atualmente Associação Abaô de Arte-Educação e Cultura Negra, além da histórica Casa de Cultura Afro - Sergipana, criada nos anos 1960. Será a partir da SACI e do Grupo Abaô, inclusive, que as primeiras bandas de reggae em Aracaju surgirão. Este é

¹⁰¹ Sobre esta discussão nos dias atuais, Ana Souza desenvolve discussão na qual sinaliza para a presença e a “dinâmica” do exército de pessoas que nunca entraram de fato no mercado de trabalho ou dele foram expulsas, sem perspectivas de retorno, como aconteceria até o Século XIX. Naquele momento, Karl Marx, ao reconhecer as chamadas *condições objetivas* para a superação do modo capitalista de produção (e das relações humanas), também demonstrou que parte dos trabalhadores demitidos do mundo do trabalho, conseguiam realizar o seu retorno, mesmo que em ocupações distintas. (SOUZA, 2008).

o caso da Banda Utilidade Pública, que se tornará Banda Reação, no futuro. Outras bandas estão sendo formadas na “pegada do reggae”, como dizem.

Aquilo que poderíamos chamar de uma “cultura rasta”, ou seja, de elementos que dariam as bases para o consumo de músicas, de mensagens, bem como de horizontes apontados por Marley e o rastafarianismo, provocou uma população negra e militante aracajuana determinada a produzir uma estética bastante diferenciada do padrão normativo esperado, inclusive para as populações periféricas. Essas estéticas alteraram as formas dos cabelos, das roupas, da circulação pelos espaços, das notícias que passavam a ter ou não importância, da formação das novas amizades e de um panteão linguístico que, se por um lado seria criticado e rejeitado pela escola e pelos padrões sociais hegemônicos, era, por essas novas comunidades, promovido à posição de identidade social.

Esses grupos (adolescentes e jovens, mulheres e homens adultos), conforme as observações de campo registraram, na medida em que não se sentiam acolhidos pela Escola Pública, passaram a criar formas muito intuitivas de produzir conhecimento, os quais eram trocados, alimentados e potencializados dentro da própria *comunidade rasta* aracajuana, que no início dos anos 1990 (e para os efeitos dos registros etnográficos aqui produzidos) girava em torno de 15 pessoas - homens e mulheres. A ideia de comunidade deve ser desde já problematizada, pois os registros não reiteram a noção de uma convivência dentro de um grupo mais ou menos homogêneo, com regras e normas específicas. Afinal, estamos falando de grupos cuja vivência se dá no interior de uma sociedade capitalista cujas relações com o trabalho são tradicionais, de modo que são descritas por relações de exploração, as quais limitavam tais grupos às posições subalternas no mundo do trabalho.

As mudanças de posição no mundo do trabalho para a população negra serão alteradas ainda na década de 1990, a partir de Organizações Não – Governamentais (ONGs) negras, mas este é um capítulo particular de uma história forte e complexa de superação¹⁰².

No contexto dos anos 1990, a instituição escolar teria cumprido a sua função, a qual, numa perspectiva marxista contemporânea, poderia ser assim descrita: 1) tornou os sujeitos alienados, uma vez que não dominariam a totalidade dos processos de produção de conhecimento, inclusive lhe incutindo o sentimento de que, naquele universo, a experiência não seria prazerosa; 2) finalmente, convenceria a maior parte da população que acessou os seus serviços de que tais sujeitos seriam incompetentes para permanecerem naqueles ambientes, de modo que a compreensão de que as pessoas são convidadas a deixarem as escolas designa apenas um eufemismo para o sentimento de que aquele universo não teria sido desenhado para elas, ou a compreensão de que as mesmas foram, de fato, expulsas pela estrutura linguística, classista e mesmo racista da escola pública.

¹⁰² A este respeito ver Dantas (2003).

A instituição escolar realiza, portanto, o projeto capitalista e excludente esperado (cf. Souza, 2008), de modo que inúmeros adolescentes e jovens (pretos e pardos) só puderam se perceber enquanto protagonistas de suas histórias e experiências de vida fora da sala de aula, isto é, no território dos movimentos sociais, das ruas e praças da cidade de Aracaju. As vivências reiteram que o contato com a cultura rastafári representa uma descoberta profunda, cujo pensamento reconhece a circulação de alguns daqueles sujeitos na cidade de Salvador – Bahia, ouvindo os discos de Marley e com outros artistas, partilhando informações e interpretações sobre o universo de símbolos que passavam a se apropriar. A escola será, portanto, para a população negra que dela foi sumariamente excluída, “um saco”, entediante, organizada para convencer os grupos periféricos de que estavam desambientados. O não enquadramento às proposições ideológicas e normativas da escola passaram a ser sentido: “era doloroso perceber”, dirá RS, um informante de pesquisa.

O verde, amarelo, vermelho e preto das roupas, a alegria que a música jamaicana trazia, bem como o visual desafiador dos *dreads*, deram um novo vigor àquela população negra aracajuana. Esse vigor foi traduzido como um novo alento. Os valores da cultura rastafári, como, de modo específico, criar o cabelo comprido, uma indumentária colorida, ter a barba por fazer e os efeitos dessas mudanças na aparência física, foram traduzidos como o desafio simbólico feito às instituições, à família, à escola, ao trabalho, à própria vizinhança, à rua, enfim, produziram uma estética “fora da fôrma”, cuja potencialidade de criar um sujeito novo, produziu também um novo lugar, uma nova forma de enxerga-se, uma nova identidade e novos vínculos.

4. Considerações Finais

A popularização ou a massificação da música de Bob Marley, de sua mensagem e dos símbolos da cultura rastafári, é inegável. Em Aracaju, até o início dos anos 1990, a música jamaicana não teria ganhado a importância dos dias atuais. Marley e o reggae representariam apenas um estilo musical entre outros, tendo em vista que o Rádio o tocava esporadicamente, basicamente a partir de *No woman no cry*, canção que foi adaptada por Gilberto Gil, em 1979, como *Não, não chore mais*. No âmbito dos movimentos negros naquela cidade, o reggae e a música de Marley faziam parte de um repertório amplo, como o samba, o forró e toda a música popular brasileira, com seus, ritmos, seus tons e os seus sons.

Quando Bob Marley morreu em 11 de maio de 1981, em Miami – Califórnia, vítima de um câncer, seu funeral teve honras de chefe de estado. Na Jamaica, seu país de origem, a data do seu nascimento (6 de fevereiro de 1945) é feriado nacional. Contudo, paralelo a isto, alguns órgãos midiáticos diriam que o reggae seria enterrado com aquele artista, afinal, a sua música e a sua mensagem messiânica e afro-diaspórica incomodavam. Diante desse quadro, a grande mídia

jamaicana flutuou entre a apropriação de sua música durante a sua carreira, enquanto, ao final, desejou enterrá-la com o seu porta-voz.

Ao largo do reggae, paralelo a Marley, alguns empresários e produtores musicais teriam se aproximado de outras bandas. Os depoimentos em entrevistas destacam o interesse econômico daqueles empresários e seu cinismo diante da produção e do talento dos artistas negros jamaicanos. Tais empresários afirmavam ser “estranho” que artistas negros rastafáris quisessem ganhar dinheiro com sua música, afinal, eles deviam basicamente enviar a sua mensagem profética. O dinheiro, diziam os empresários, “nós administramos, é o nosso negócio”. É óbvio que os artistas jamaicanos não se iludiram com os discursos daqueles produtores, devolvendo as ironias de diversas formas, inclusive cantando.

Em relação a Marley, por mais que alguns sujeitos e setores no âmbito da mídia e mesmo do Estado quisessem esvaziar ou desgastar a sua imagem, a sua importância histórica, sua memória, sua mensagem e sua música, resistem. Os sinais são poderosos e dinâmicos. Em Aracaju, por exemplo, novas bandas de reggae estão sendo criadas. Novos artistas e novos olhares sobre o povo negro, sobre a sua condição histórica e social, estão sendo germinados. Junto a esses movimentos musicais, a cultura rasta, com seus cabelos longos e suas roupas coloridas, recortam a cidade de Aracaju com sua alegria e irreverência. A presença de uma nova geração de jovens que estão imersos nesses universos representa uma demonstração da força do reggae e de sua mensagem nos dias atuais.

A defesa política, ideológica e necessária de que a população negra brasileira e pelo mundo é descendente de reis e rainhas produz os discursos cujo efeito é o reconhecimento de que tais personagens antepassados eram fortes, determinados, engenhosos e inteligentes. Esses elementos discursivos são parte da cultura rastafári, cuja dinâmica dá formas particulares aos seus novos personagens e aos contextos onde vivem.

O legado de Bob Marley diz respeito, portanto, à importância que a sua música e a sua mensagem de acolhimento ganharam onde quer que elas tenham chegado. É evidente que a mensagem foi precisamente dirigida às populações diaspóricas, mas é certo que outros grupos também foram por ela tocados. Sua passagem extraordinária por este plano da existência deixou marcas nos corações e nas experiências de um número incontável de pessoas pelo mundo. A cultura rastafári ganha contornos, maneiras e jeitos muito particulares no universo das experiências dos rastas aracajuanos, e estes sujeitos têm ainda muito mais a dizer.

5. Referências Bibliográficas

DANTAS, Paulo Santos. **Amor e poder**: uma análise da participação no poder estatal e das relações afetivas no interior dos movimentos negros na cidade de Aracaju (SE) na primeira década do século XXI. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo, 2012.

_____. “**Construção de Identidade Negra e Estratégias de Poder: os Movimentos Negros Sergipanos na década de 1990**”. PPGCS/UFBA – Dissertação de Mestrado, PPGCS/ UFBA, 2003.

FERNANDES, Jéssica C. “**Alteridade: Bob Marley e a Comunidade da Jamaica**”. Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Bacharelado no curso de Artes Visuais - da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, 2016.

MACARINGUE, A. J. Miocha, M.M. Chipole, V. “A influência dos princípios rastafári na construção do self entre os membros da comunidade rasta”. In: **Psicologia.pt. O Portal dos Psicólogos**, 2017.

RABELO, Danilo. “Bob Marley: memórias, narrativas e paradoxos de um mito polissêmico”. **Revista Brasileira do Caribe**. São Luís, MA, Brasil, v. 18, n. 35, jul./dez. 2017

_____. **Rastafári: Identidade e hibridismo cultural na Jamaica, 1930-1981**. Tese de Doutorado. Universidade de Brasília, Brasil, 2006

SOUZA, Ana Aparecida Arguelho de. “A atualidade do pensamento de Marx”. In: **Trabalho Necessário**, Ano 6, Número 6, 2008.

CORREDOR CULTURAL DE MOSSORÓ E O PERFIL SOCIOECONÔMICO DE SEUS FREQUENTADORES

Rafael Silva de Souza¹⁰³
Victor Sales Riberio¹⁰⁴

1. Introdução

De acordo com a legislação brasileira, no artigo 6º “São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, [...] na forma desta Constituição” (BRASIL, 1988). Sendo assim, o acesso a esses bens é essencial para o completo exercício de vida

Gomes e Isayama (2015) especificam que todas as pessoas têm o direito ao lazer e só a partir da oportunidade emprego que elas conseguem ter uma facilidade no acesso a esse bem. Porém, vale salientar que não é só a questão salarial, mas para que o direito ao lazer seja efetivado, é necessário que sejam disponibilizados espaços para que tais vivências sejam possíveis reafirma os autores acima citados. São os espaços públicos se configuram como uma opção para que as pessoas tenham acesso a esse direito. De acordo como RECHIA (2008), esses ambientes públicos são espaços que fazem surgir a conexão entre os vários tipos de pessoas, além de aparecer como um território que oferece diversas opções de atividades e que disponibiliza ao indivíduo desfrutar dessa área de todas as maneiras que o conecte com o entretenimento.

Rolnik (2011) a dinâmica econômica tem influenciado os processos de crescimento urbano de um modo que venha evidenciar a concepção territorial. Esse processo acaba acarretando também o surgimento de novos espaços que podem ser usadas para o lazer, mas também contribuindo para um acentuado aumento da pobreza e desigualdade social, afirma Castro (2012).

O crescimento das cidades dos países subdesenvolvidos elas não revelam apenas um desenvolvimento pleno, na noção de evolução nos setores de trabalhos e de lazer, mas expressa que ao mesmo tempo que ocorre essa falsa evolução da cidade é possível perceber as contradições que são expressas em uma maior acentuação da pobreza e a desigualdade social.

Foram a partir dessas concepções de desenvolvimento urbano, lazer, espaço público e relações socioeconômicas, que se pretendeu fazer uma análise sobre o corredor cultural, localizado na cidade de Mossoró no Rio Grande do Norte e as classes sociais dos frequentadores desse espaço, afim de saber se esse espaço público se configura como um lugar que agrega as mais variadas classes

¹⁰³ Graduando do Curso de Geografia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. rafael2100cruzada@hotmail.com

¹⁰⁴ Graduando do Curso de Geografia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. victorsales_2@hotmail.com

socioeconômicas ou se ele se tornou um espaço de apenas um público com o poder aquisitivo específico.

2. Objetivos

O trabalho tem como objetivo fazer uma pesquisa a fim de traçar o perfil socioeconômicos das pessoas que frequentam o corredor cultural no município de Mossoró no Rio Grande do Norte para saber se esse espaço se configura como uma área que recebe todos os públicos ou se ela, mesmo sendo um espaço público, tem seus estabelecimentos frequentados apenas por um público com um único poder aquisitivo.

3. Metodologia

A princípio foi feito um levantamento bibliográfico no intuito de fundamentar nossa discussão, para que se torne possível compreender a importância do corredor cultural e os fenômenos que podem ser observados neste espaço. A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos (Gil, 2008). Em um segundo momento, houve o levantamento de dados primários com um questionário aplicado com 100 pessoas em dois finais de semanas entre as datas 01-12 à 09-12-2018 durante o horário de 19:00 às 22:00, com pessoas em torno do corredor cultural, com as seguintes perguntas; (I) renda salarial mensal, (II) ocupação profissional, (III) local onde reside, (IV) com que frequência visita o Corredor Cultural. De acordo com Prodanov e Freitas (2013), a coleta de dados se configura como um momento da pesquisa, onde há como objetivo adquirir informações sobre o objeto da pesquisa. E por fim, para a organização dos dados após a coleta, foram utilizados os programas Excel e Word 2016.

4. Resultados

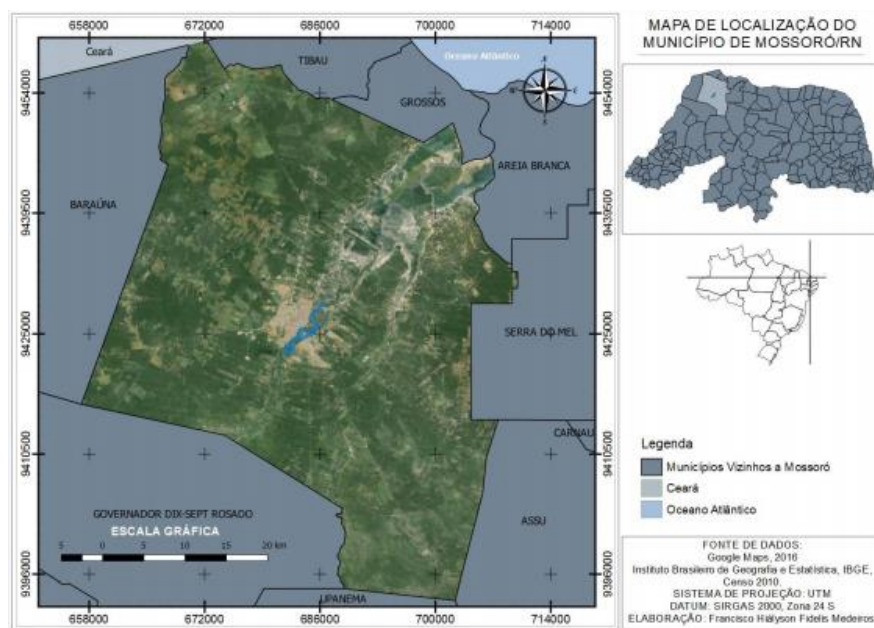
4.1 Contexto da modernização da cidade de Mossoró e surgimento do Corredor Cultural

Para compreender todo esse contexto que Mossoró hoje possui, é necessário fazer uma breve construção histórica mostrando alguns dados sobre o município e, junto a isso, expor como se deu o processo de formação do corredor cultural nesse momento cenário de tanto investimento que a cidade recebeu ao longo da última década.

De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2010) O município de Mossoró (figura 1) está localizado na região oeste do Estado do Rio Grande do Norte,

com cerca de 245 km da sua capital Natal, possui uma população próxima de 260.000.pessoas, com um PIB per capita 19.714,79 R\$ e com uma área de 2.100 quilômetros quadrados. Segundo dados do site G1 (2017) o município passou a considerado a capital do semiárido no ano de 2017, pelo então presidente vigente Michel Temer, ele argumentou que a cidade recebeu esse título por ser considerada a maior em extensão, conter a segunda maior população perdendo apenas para a capital Natal e possuir o campus central da Universidade Federal Rural do Semiárido.

FIGURA 1- Mapa da cidade de Mossoró



Fonte: Revista Geonorte (2013)

A cidade recebeu um amplo processo de modernização durante o governo da prefeita Rosalba Ciarline (1997- 2000/2000- 2004) e tendo o seu trabalho concluído pela sua sucessora Maria de Fátima Rosado (2005- 2009/2009- 2012) afirma Castro (2012). O corredor cultural entrou como mais um instrumento que veio compor o processo de urbanização da cidade.

Com cerca de 2 km de comprimento (figura2) o corredor cultural localizado na avenida Rio Branco, tem seu início na Praça dos Skates, Praça das Crianças, Praça de Eventos, Estação das Artes Eliseu Ventania, teatro municipal Dix-Huit Rosado, Memorial da Resistência, Praça da Convivência, espaço reservado para as festas juninas e por fim a Praça dos Esportes. “Atualmente o corredor cultural é um dos pontos atrativos mais importante nas noites da cidade, frequentado por moradores da cidade e por turistas” expõe Silva e Freira (2017).

Figura 2- Mapa do corredor cultural de Mossoró



Fonte: Carvalho (2010)

O corredor cultural, exposto como um símbolo de investimento na modernização, comportando diversos estabelecimentos que oferecem as mais variadas opções de lazer e entretenimento, está localizado na parte central e a sua localização está em uma via que fornece acesso para diversas partes da cidade.

4.2 A Avenida Rio Branco: coesão e as especialização de áreas.

Á avenida Rio Branco, na cidade de Mossoró é um dos principais pontos de convivência noturna de Mossoró. Essa revitalização, gerou o desenvolvimento econômico para a cidade, várias atividades, como o setor econômico, o turismo e o atendimento, contribuíram para esse crescimento, segundo Nascimento e Beserra (2011)

Entre os diversos locais que podem ser visitados, principalmente no período noturno, estão a Estação das Artes, (principalmente no mês de junho com o Mossoró cidade junina), a praça da Convivência com os seus inúmeros bares e restaurantes e o Memorial da Resistencia que se configura como centro de encontro de diversos jovens. Esse fenômeno pode ser referenciado como o processo de coesão, que segundo Corrêa (1995) “pode ser definido como aquele movimento que leva as atividades a se localizarem juntas, é sinônimo de economias externas de aglomeração”. Portanto, é possível visualizar uma clara especialização daquela área para atender aos moradores e turistas, no que diz respeito a centralização de bares e restaurante, a disponibilidade de turismo voltado para as questões culturais (Teatro e Memorial da Resistência) e mais recentemente com o programa Viva Rio Branco aos Domingos, criado na gestão do prefeito Francisco José Júnior (2014-2016) uma nova alternativa para o lazer e promoção do bem-estar e práticas de exercícios. Ou seja, apesar de não haver

uma clara relação entre os bares e restaurante com esse novo programa que acontece aos Domingos, a união deles fortalece esse espaço como centralidade que reuni famílias as noites na cidade de Mossoró.

4.3 Análise do perfil socioeconômico dos frequentadores do corredor Cultural de Mossoró.

4.3.1 Renda Salarial dos frequentadores

Um dos pontos principais levantados em campo foi em relação a renda dos frequentadores do corredor cultural de Mossoró, localizado na Avenida Rio Branco. As pessoas que foram entrevistadas estavam localizadas em diferentes estabelecimentos. Como pode ser visto na tabela 1, a renda dos entrevistados varia bastante, sendo que 45% dos entrevistados relataram receber até um salário mínimo. 33% recebem entre 2 e 4 salários mínimo, 14% recebem entre 5 e 7 e 8% recebem acima de 8 salários mínimo. Ou seja, é possível visualizar em um mesmo espaço pessoas que possuem rendas salariais diferentes. Se destacando pessoas pertencentes a classe C ou D (78%), segundo dados do Critério de Classificação econômica do Brasil- CCEB (2016). Portanto, a visão elitizada desse espaço é considerada errônea.

Tabela 1 – renda por salário mínimo dos entrevistados

Salário	Pessoas
Entre 0 e 1	45
Entre 2 e 4	33
Entre 5 e 7	14
Acima de 8	8
Total de pessoas	100

Fonte: Autor

4.3.2 Ocupação profissional dos frequentadores

Ao questionar os entrevistados sobre a sua ocupação profissional, foi possível averiguar que grande parte deles estão inseridos no setor de comércio e serviço. Porém, é possível perceber que existem muitas pessoas desempregadas (26% dos entrevistados), o que indica que mesmo sem possuírem um emprego, e possivelmente renda, ainda estão saindo para consumir fora de casa. Além disso, se pode associar isso ao fato de que nesses locais existem muitas pessoas de menor idade, dado também levantado em nossa pesquisa, que aponta que 17% dos entrevistados estão na faixa etária entre 12 e 18 anos. Entretanto, tal fato pode ser associado à condição do qual o Brasil está passando

atualmente, com cerca de 13,1 milhões de pessoas desempregadas no Brasil segundo dados do IBGE (2018). Soma-se a isso o fato de 7% dessas pessoas entrevistadas serem estudantes, ou seja, que estão também desempregadas gerando um total de 33% das pessoas que não possuem nenhuma renda formal, além dos 10% que não quiseram informar.

Tabela 2 – profissão e setor de atividade dos entrevistados

Setores e atividades	Pessoas
Setor de Comércio	14
Setor de serviços	35
Setor Fiscal	1
Estudante	7
Estagiário	5
Atriz	1
Desempregado	26
Não informado/especificado	11
Total	100

Fonte: Autor

4.3.3 Local de moradia dos frequentadores

Ao analisar os bairros onde vivem os frequentadores dos estabelecimentos da avenida Rio Branco, percebeu-se uma variação bastante significativa de bairros, por isso se fez necessário fazer a divisão por zonas para ser expresso em tabela. Ao analisar a tabela 3 percebe-se que zonas que possuem grandes bairros como é o caso da zona norte, onde é encontrado os bairros Santo Antônio e Barracos, possuem poucos frequentadores no final de semana em questão.

Um ponto importante também para ser levantado refere-se à quantidade de pessoas de outras cidades que estavam visitando as praças e bares do corredor cultural, nos fins de semanas onde foram realizadas as pesquisas, tal fato pode ser condicionado pelo crescimento da cidade, causado como por exemplo suas festas (Mossoró cidade junina), que mesmo não estando em seu período acontecimento trazem consequências positivas para a cidade, o que gera um acelerado crescimento para a cidade, como expresso por Araújo (2015, p. 76):

Esse crescimento acelerado faz com que o mercado se force a ajustar-se para atender a maior demanda. O mesmo acontece no mercado de restauração, buscando oferecer um melhor atendimento não só para os visitantes como para os mossoroenses trazendo novas propostas e serviços.

Ainda na tabela 3 podemos perceber a predominância de pessoas vindo da zona leste e oeste da cidade, zonas essas que comportam bairros como os do Alto de São Manoel, Planalto, Dom Jaime

Câmara e etc. presentes na zona leste e os bairros Abolições, Nova Betânia e Santa Delmira, presentes na zona Oeste.

Tabela 3 – zonas onde moram os frequentadores

Zonas da cidade	Residentes
Zona Norte	7
Zona Sul	17
Zona Leste	25
Zona Oeste	20
Zona Central	8
Outra cidade	11
Não informado/identificado	12
Total	100

Fonte: Autor

4.3.4 Frequência dos entrevistados no corredor cultural

Outro ponto levantado nos fins de semana onde forma realizadas as pesquisas é a frequência dos entrevistados nos bares e restaurantes da Avenida Rio Branco. Como pode-se perceber, na tabela 4, os fins de semana são se destacam 53%, dos frequentadores responderam que só vão para esses espaços nesses dias (sábado e domingo).

Ao fazer uma relação com as tabelas 2 e 1, percebe-se que esses frequentadores são em sua maioria trabalhadores que atuam no setor comercial e de prestação de serviços, ganhando em média 1 salário mínimo. Portanto a visão de que o trabalhador mesmo nos finais de semana não frequenta bares e restaurantes como expresso por Forjaz (1988), onde a autora diz que lazer e consumo é uma cultura das elites, é uma visão antiga, que não se aplica aos dias de hoje. Ou seja, um quadro que sofreu mudanças, como pode ser visto nos dados expressos nesta pesquisa.

Tabela 4 – frequência dos consumidores

Frequência	Quantidade de vezes
Frequentemente	21
Somente aos finais de semana	53
Raramente	25
Não frequenta	1
Total	100

Fonte: Autor

5. Considerações Finais

De acordo com os dados levantados foi possível aferir que grande parte da população que frequenta o corredor cultural são aquelas que vivem com média salarial equivalente até no máximo quatro salários mínimo, variando então com o público entre classe média baixa e alta, essa informação pôde ser corroborada quando através das informações sobre o setor de ocupação profissional em que parcela significativa está situada no setor terciário ou estão desempregados. Na questão de moradia, grande parte dos entrevistados moram em bairros distantes, mas mesmo assim consegue encontrar alternativas para chegar ao ponto de lazer, porém essa frequência acaba sendo em grande parte nos finais de semanas, em que todos estão no período de folga do trabalho, escola ou faculdade.

6. Referências Bibliográficas

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

CORREA, Roberto Lobato. Resumo do livro O Espaço Urbano. **Editora Ática, Série Princípios, 3a. edição**, n. 174, p. 1-16, 1995.

CASTRO, Carla Yara Soares de Figueirêdo. O corredor cultural: espaço de materialização da exclusão social em Mossoró-RN. 2012.

CCEB. **Critério Brasil 2015 e atualização da distribuição de classes para 2016**. [s.l.]: ABEP - Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa, 2016.

DO NASCIMENTO, Eduardo Alexandre; BESERRA, Fábio Ricardo Silva. Espaço e lugar: Metamorfoses das formas e das funções na avenida rio branco, mossoró-Rn. **Revista da Casa da Geografia de Sobral**, v. 13, n. 1, p. 5, 2011.

DE ARAÚJO, Richard Medeiros; GONÇALVES, Salete; MATIAS, Israela. Hospitalidade comercial nos serviços de restauração: uma análise em Mossoró/RN. **CULTUR-Revista de Cultura e Turismo**, v. 8, n. 1, p. 59-94, 2015.

FORJAZ, Maria Cecília Spina. Lazer e consumo cultural das elites. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 3, n. 6, 1988.

G1. Presidente sanciona lei e Mossoró vira capital nacional do semiárido. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/presidente-sanciona-lei-e-mossoro-vira-capital-nacional-do-semiarido.ghtml>>. Acesso em: 03 Julho. 2019.

GOMES, Christiane Luce; ISAYAMA, Hélder Ferreira. **O direito social ao lazer no Brasil**. Autores Associados, 2015.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

IBGE. **Censo Demográfico**. 2010. Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em 18 de julho de 2018

IBGE, Panorama. 2010. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rn/mossoro/panorama>>. Acesso em 11 dezembro. 2018

PRODANOV, C. C. ; FREITAS, E. C. . **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico** - 2ª Edição. 2. ed. Novo Hamburgo: Editora Feevale, 2013. v. 1. 276p .

RECKZIEGEL, Daniela. **Lazer noturno**: aspectos configuracionais e formais e sua relação com a satisfação e preferência dos usuários. 2009.

ROLNIK, Raquel; KLINK, Jeroen. Crescimento Econômico e desenvolvimento urbano: por que nossas cidades continuam tão precárias?. **Novos estudos CEBRAP**, n. 89, p. 89-109, 2011.

RECHIA, S. A Política de Lazer na Cidade: Em Pauta: “A Análise da Gestão dos Espaços em Distintas Realidades e Segmentos Populacionais”. In: ENCONTRO NACIONAL DE RECREAÇÃO E LAZER, 20, 2008, São Paulo. Anais... São Paulo: ENAREL, 2008, p.1-8.

SILVA, Barbara Allicce dos Santos Costa¹. PROJETO PATRIMÔNIO MATERIAL ESTAÇÃO DAS ARTES ELISEU VENTANIA.

VEJA. Desemprego atinge 13,1 milhões de brasileiros, mostra o IBGE. Disponível em: <<https://www.valor.com.br/brasil/6188235/desemprego-atinge-131-milhoes-de-brasileiros-mostra-ibge>>. Acesso em: 18 julho. 2018.

O REBATE: O USO POLÍTICO DA IMAGEM DO PADRE CÍCERO COMO ESTRATÉGIA PARA A EMANCIPAÇÃO DO JUAZEIRO (1909 -1911)

Ramon Bezerra Pereira¹⁰⁵
 Marcílio Lima Falcão¹⁰⁶

1. Por dentro do jornal

Em 18 de julho de 1909 foi fundado, pelo Padre Joaquim de Alencar Peixoto, filho de distinta família cratense, o jornal *O Rebate*, primeiro jornal impresso de Juazeiro, povoado do município do Crato, localizado ao sul do Cariri cearense. Seu primeiro diretor, Felismino de Alencar Peixoto, irmão de Pe. Joaquim Peixoto, esteve à frente do jornal de julho de 1909 a novembro de 1910, embora figurasse como um dos nomes centrais do jornal, notar-se que a sua presença nas publicações é tímida, com poucas publicações. O periódico manteve sua circulação até 03 de setembro de 1911, totalizando 104 edições (DELLA CAVA, 1976; QUEIROZ, 2018). Suas publicações eram semanais. O dia habitual da publicação era o domingo, no entanto, percebe-se que várias edições saíram ao longo de outros dias da semana, geralmente saíam em edições especiais de datas comemorativas como a Páscoa, Natal e o Natalício de fundação da folha impressa, alterando totalmente a sua estrutura típica, redefinindo o leiaute da primeira à última página.

A fundação do jornal mereceu uma festa agitada e movimentada no povoado. De manhã, por volta das onze horas, o Padre Cícero Romão Batista benzeu as *Machinas typographicas <<Felicia>>, de systhema americano*". Por volta das seis da tarde, realizou-se na casa da Tipografia, Rua Padre Cícero, a sessão solene de fundação do jornal, onde várias personalidades do Juazeiro como o Conde Aldopho Van der Brule, Cel. José Maia participaram. Pe. Peixoto de Alencar, Felismino de Alencar Peixoto, Rosina Mendes de Oliveira e Cel. Guilherme Morreira subiram ao púlpito para discursarem e saudarem à chegada do progresso a Juazeiro, enquanto a multidão de populares procurava entender o que ocorria lá onde os ricos estavam reunidos, o endereço da Tipografia se transformaria na principal sede de processamento, circulação e divulgação de ideias libertárias durante o processo emancipacionista (RAMOS, 2014; MACHADO, 2011)

O Rebate surge como um mecanismo da expressão dos desejos e anseios da elite juazeirense pela emancipação política em relação ao Crato. Segundo Ramos (2014, p. 96-97):

¹⁰⁵ Discente do 8º período do curso de História da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), integrante do Grupos de Pesquisa: Grupo de Estudos do Discurso da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (GEDUERN) atuando na linha de pesquisa: Discurso, Memória e Interpretação; MNÊMIS: Memória, Identidade e Ensino de História, integrando a linha de pesquisa: Memória, Poder e Instituições. Contato: Ramonbezerra305@gmail.com.

¹⁰⁶ Professor do Departamento de História (DHI) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Professor orientador deste trabalho. Contato: limafalcao34@gmail.com

A inauguração da tipografia para imprimir *O Rebate* era um significativo indício das transformações que, desde finais do século XIX, marcavam a vida de Juazeiro. Contrariando o desejo do Palácio Episcopal de Fortaleza, o número de habitantes do lugar alargava-se em um ritmo cada vez mais acelerado. Iniciava-se o crescimento de um grupo de burgueses, que, paulatinamente, acumulava riqueza em atividades comerciais. Com o incremento de atividades agrícolas e artesanais, o poder econômico desse grupo de ricos começava a exigir maior poder político diante do Crato, sede do município. Durante toda a sua existência, de 1909 a 1911, *O Rebate* funcionou como o porta-voz da elite econômica que tentava proclamar a independência de Juazeiro.

O povoado de Juazeiro no final do último quartel do século XIX e início dos primeiros anos do XX figurava na imprensa cearense como um vilarejo do fanatismo e do sectarismo religioso. A própria Igreja Católica, personificada no bispo Dom Joaquim, contribuía em peso para a produção dessa imagem. O bispo Dom Joaquim, de Fortaleza, comandava os vários *fronts* de ataque ao padre Cícero e os adeptos dos *atos extraordinários* de 1889. (DELLA CAVA, 1976, p. 117)

Todavia, a produção da imagem de povoado fanático não se dar exclusivamente pelo clero cearense. As práticas religiosas dos romeiros residentes no povoado, em especial, as beatas e os beatos, juntamente com as diversas ordens religiosas criadas e dirigidas por José Lobo desafiavam a ordem católica da Igreja oficial da capital cearense. Os romeiros, em sua maioria, pobres, analfabetos e sem perspectiva de vida, enxergava no povoado do padre Cícero Romão Batista, uma “Nova Jerusalém”.

A demografia populacional do povoado logo se expandiu. Para Della Cava (1976), a principal característica que resultou nessa expansão foram as peregrinações de diversos romeiros do Nordeste ao Juazeiro. O autor separa as migrações em três momentos: as primeiras peregrinações iniciadas pelos padres dissidentes do Vale do Cariri em direção ao Juazeiro no pós acontecimento do milagre da hóstia em 1889; em segundo lugar, o declínio das migrações das pessoas do vale do Cariri, em detrimento do aumento de peregrinos vindos dos estados do Nordeste; em terceiro lugar, não existiu um padrão de pessoas que migraram para Juazeiro, após 1894, (ano em que Dom Joaquim por decreto censurou as peregrinações), tanto as classes mais baixas quanto a pequena burguesia comerciante fixaram raízes no crescente vilarejo.

O historiador Francisco Régis Lopes Ramos aponta como um dos fatores essenciais na migração e fixação de moradia dos romeiros em Juazeiro, o aspecto das boas práticas que realizava Pe. Cícero Romão. O religioso tinha por costume a formação de mutirões de sertanejos que se dedicavam ao trabalho em troca de um prato de comida, e antes de tudo, da sensação de participarem das atividades que eram coordenadas pelo agente das forças do Além na terra, Pe. Cícero. (RAMOS, 2011, p. 89)

Para a antropóloga Luitgarde Oliveira Calvacanti Barros a influência do Pe. Cícero sob os romeiros foi decisiva na mudança da estrutura socio econômica da região do Cariri. Segundo a autora:

Na passagem do século a região só era povoada e explorada nas faixas ribeirinhas e nas baixadas. As distâncias se alongavam entre uma e outra moradia. Os grandes proprietários se voltavam para a criação de gado ou de engenhos de rapadura, enquanto os camponeses cuidavam mais da criação das miúças do que da agricultura. Os excedentes agrícolas eram poucos e sua comercialização incipiente. (BARROS, 1988, p. 258-259)

Com as constantes migrações somada ao admirável crescimento populacional do povoado, passou-se a existir uma oferta e uma demanda, que ecoou na dinâmica do comércio, em especial, do comércio de artigos religiosos alimentado pelos romeiros do universo devocional ao padre Cícero e a Nossa Senhora das Dores, padroeira de Juazeiro. Segundo Ramos:

As primeiras romarias, 1889, vieram acompanhadas por uma extensa atividade comercial. Além de mercadorias como rosários, orações, medalhas, e retratos da Beata Maria de Araújo e do Padre Cícero, havia os *cadarços sagrados*. Eram tiras de pano cortadas exatamente no comprimento de uma das faces da urna que guardava os lenços tingidos com o sangue derramado. Curavam males do corpo e da alma. Um cronista chegou a dizer que o ritmo acelerado das vendas de relíquias criou uma legião de comerciantes improvisados: “diariamente iam e vinham ao Crato e à Barbalha, onde se abasteciam...” (2011b, p. 67)

A expansão populacional e econômica do povoado crescia em ritmo acelerado, contra a vontade da Igreja Católica oficial de Dom Joaquim. Tentara o bispo de Fortaleza barrar o crescimento, no entanto, os romeiros não reconheciam a legitimidade de outro líder eclesiástico, a não ser a do Pe. Cícero. A *Questão Religiosa* que fez reacender a faísca de um racha evidente da Igreja, o projeto de romanização defendido e pregado pelo bispo cearense se defrontava com o catolicismo popular, herdeiro das práticas religiosas europeias que remontam em alguns aspectos ao catolicismo dos anos finais da Idade Média. Segundo Ramos (2011, p. 76):

Proibido de entrar na Igreja, o protagonista do milagre encontrou abrigo no santuário doméstico. Indício de uma religiosidade que constrói relações com o sagrado de forma mais direta, sem a carência de um intermediário oficial. Nesse sentido, é válido lembrar que um dos objetivos da “Romanização” foi redimensionar essa intimidade com os santos do espaço familiar e promover, entre os católicos, o gosto pelos sacramentos da Igreja, que – de acordo com as determinações oficiais – seria a única portadora do direito de manipular o Além.

Outro aspecto que deve ser notado no Juazeiro do início do século XX é o arranjo da geografia urbana e econômica do vilarejo. No ano de 1909, contabilizava Juazeiro 15.050 habitantes, com 22 ruas e duas praças iluminadas a querosene, com duas padarias funcionando diariamente, três barbearias, quinze alfateiras, duas farmácias, vinte escolas primárias (sendo somente duas públicas),

uma tipografia, uma estação de telegrafo, uma agência de correios, um tabelião e uma repartição de coletas de impostos do estado (DELLA CAVA, 1976; BARROS, 1988).

Ralph Della Cava faz uma descrição do povoado de Juazeiro no início do século XX:

Joaseiro era, de fato, uma “cidade santa” presidida por um santo Patriarca” que era o padrinho dos doentes, dos desabrigados, dos oprimidos, dos que tinham fome, dos criminosos e dos pecadores. Tachados de fanáticos pela sociedade culta do litoral, tais romeiros, pelo contrário, considerava-se apenas afilhados do Padre Cícero. O clérigo assumia, ainda, de boa vontade, os papeis de médico, conselheiro, provedor e confessor, que lhe eram exigidos por seus seguidores e, na sua própria mente, por Deus. [...] (DELLA CAVA, 1976, p. 122)

Ralph Della Cava (1976), Luitgarde Oliveira Calvacante Barros (1988), Francisco Régis Lopes Ramos (2011) e Cícero Dantas de Queiroz (2018) corroboram com a ideia de que a migração dos romeiros no povoado de Juazeiro fez florescer uma série de mudanças econômicas, sociais e políticas que possibilitaram o nascimento de uma burguesia em plena efervescência. Essas mudanças colocaram o vilarejo em um novo patamar, cada vez menos dependente do Crato. Juazeiro passa a rivalizar com o Crato. Pe. Cícero se queixa de sua cidade natal pela perseguição do clero cratense e da relação de marginalização que os cratenses mantêm com os romeiros.

As primeiras iniciativas em prol da emancipação do povoado podem ser notadas anteriormente a fundação do jornal. Em 1907, uma circular convocatória atribuída ao padre Alencar Peixoto, informava e convidava a sociedade juazeirense para a realização de um ato liderado pelo major Joaquim Bezerra de Menezes pela separação do Crato. O referido documento foi transcrito pela romeira Amália Xavier de Oliveira em seu livro de memórias *O Padre Cícero que Eu Conheci (Verdadeira História de Juazeiro)* de 1974.

BOLETIM

Ao povo de Juazeiro.

<<Domingo próximo, 18 de agosto de 1907, ao meio dia, realizar-se-á uma reunião cívica, sem côr política, em casa do prestimoso cavalheiro Major Joaquim Bezerra de Menezes, devendo tratar-se do engrandecimento desta florescente povoação.

É absolutamente desnecessário declarar que a reunião, visando somente um fim patriótico, deve contar com o vosso franco e decidido apoio, pois em falando-se de melhoramento a este torrão abençoado, tão querido, fostes sempre animado pela chama de um acrisolado patriotismo.

É chegado o momento de pugnarmos com alta energia e valor pela nossa elevação social, elevando Juazeiro a categoria de Município, aumentando assim a importância de toda a zona do Cariri que bem merece os vossos serviços para chegar ao grau de prosperidade de que é digno. Tenhamos confiança no futuro e podemos aguardar os louros de uma esplendente vitória. À reunião.

Juazeiro, 16 de agosto de 1907. (OLIVEIRA, 1974, p. 145)

Os pretensos sonhos de projeção política do Major Joaquim Bezerra de Menezes encontraram o Juazeiro dividido em dois grupos antagônicos sob o equilíbrio da política da neutralidade do Pe. Cícero. Dividido entre os “*filhos da terra*”, grupo formado pelos nascidos no Juazeiro e os provenientes do Crato e outros povoados do Cariri, e os “*adventícios*”, migrantes de outras cidades e Estados. Os dois grupos não apoiam o reivindicador e a sua causa em 1907. No entanto, sob a liderança de Pe. Alencar Peixoto tutelado por Floro Batholomeu debaixo do beneplácito de Pe. Cícero, os dois grupos vão para a vanguarda da batalha pela emancipação em 1909. (DELLA CAVA, 1976)

Diante das exigências dos potentados locais em obter a emancipação política para ampliar sua influência nos rumos da região, o posicionamento do Padre Cícero Romão Batista pela não adesão ao plano pró-emancipação política de Juazeiro capitaneada pelo Major Joaquim de Menezes, em 1907, pode ser entendida como uma estratégia para não “afastar amigos do quilate de Marrocos, Lobo e mesmo do Cel. Antônio Luís, provável defensor de apelos futuros pela reintegração. (DELLA CAVA, 1976, p. 138-139)

O sacerdote sabia que a emancipação do Juazeiro teria como efeito a perda da arrecadação de impostos e de territórios para o Crato, motivos pelos quais desagradaria o chefe político, cel. Antônio Luís Alves Pequeno. Diante dessas perspectivas, só interessava ao Pe. Cícero continuar mantendo a relação com o cel. Antônio Luís, este mesmo que um ano antes hipotecara o seu prestígio político à petição que solicitava de Dom Joaquim, bispo de Fortaleza, à reintegração dos bens sacerdotais do clérigo (DELLA CAVA, 1976, p. 138-139)

Tal cenário ganha novos contornos com a chegada do Padre Joaquim de Alencar Peixoto, 1907, e o médico baiano Floro Bartholomeu da Costa (1908) no povoado, despertando novamente na população juazeirense o emancipacionismo político. Alencar Peixoto e Floro Bartholomeu encontraram um padre disposto a qualquer medida pela retomada dos seus direitos clericais, ao ponto de deixar de lado as estratégias de petições e aderir a decisão de tornar Juazeiro um município. Nota-se que o religioso enxergava na emancipação de Juazeiro um meio de recuperar as ordens sacerdotais, já que chegou a empreender, em 1909, uma viagem ao Rio de Janeiro pela fixação de um bispado em Juazeiro.

As articulações do Pe. Cícero em torno de sua questão com a hierarquia eclesiástica cearense e da participação no processo emancipatório de Juazeiro foi narrada, em grande medida, em *O Rebate*. O nome do jornal era escrito em caixa alta, na leitura do nome é possível identificar que uma pena de escrever corta a perna da letra “R”, há a presença de um tinteiro do lado da pena. Logo abaixo do título está fixada uma coluna que lida da esquerda para direita, nota-se que ela indica o nome do Estado (*CEARÁ*) e do país (*BRAZIL*), do lado, é exposto o dia da semana, o mês e o ano da publicação

e, na extremidade final do traçado da coluna, é explicitado as informações editoriais do ano de circulação do jornal e o número da edição (escrito em numerais romanos).

Abaixo da linha traçada das informações editoriais, encontra-se à esquerda a coluna fixa “*EXPEDIENTE*”, nela abordar-se as questões editoriais centrais do hebdomadário. Segundo esta coluna “*O <<REBATE>> publica-se semanalmente*”. O dia costumeiro que o jornal saía era aos domingos, no entanto, observa-se que ele também saiu em alguns outros dias da semana, como: segunda, quinta e sexta, e nas datas comemorativas a estruturação do jornal era totalmente modificada, excluía-se a coluna *EXPEDIENTE* e a coluna *COMMERCIO DO CARIRY*, mantinha-se as informações do cabeçalho do jornal e se redesenhava totalmente as outras páginas.

Na coluna *EXPEDIENTE* também era exposto o nome do redator chefe do jornal: “*Padre Joaquim de Alencar Peixôto*” e do gerente, seu irmão, “*Felismino de Alencar Peixôto*” que, em novembro de 1910, deixa o cargo de gerente do jornal, posto assumido por Francisco L. Tourinho. Abaixo dessas informações estava o valor referente a assinatura semanal (5\$000) e anual (3\$500) do periódico. Quanto as publicações de autores fora do corpo editorial, o jornal aceitava artigos sobre religião, ciência, literatura, mas não se responsabilizava pelo conteúdo veiculado.

Embora o jornal comercializasse financeiramente a assinatura aos leitores, também assumiu a forma da gratuidade quando o clima entre o Juazeiro e Crato se intensificou diante do processo de emancipação política- administrativa de Juazeiro. Paulo Machado (2011) levanta essa possibilidade:

Não se pode descartar a ideia de que alguns números foram distribuídos gratuitamente, principalmente aqueles nos quais se impunha uma maior divulgação em proveito da causa maior a que se destinava o jornal: a Emancipação Política de Juazeiro. Esses números gratuitos de *O Rebate* eram verdadeiras convocações a passeatas, à divulgação de Boletins de advertências às alegadas ameaças de “Crato” a Juazeiro, ao Padre Alencar Peixoto e ao Padre Cícero. (MACHADO, 2011, p. 28)

Na edição que circulou em 24 de outubro de 1909, o jornal expôs e convidou os leitores do Juazeiro a fazerem parte do regime financeiro da Tipografia, sua empresa acionista. Na Coluna *AVISO*, o público foi informado que:

O preço de cada Apolice é apenas de deis mil reis, e quem tiver concorrido com quantia inferior, si quiser figurar como Accionista, perfaça a importancia necessaria. Todo donativo que não attingir ao preço d'Apolice, figurará somente como auxilio de patriotismo, para que o Joaseiro, como o Crato e Barbalha, tivessem também sua typographia e seu jornal, e não fosse mendigar nunca em portas alheias recursos que podia e pode ter mesmo para dar.

[...]

A imprensa sempre é mais do povo do que do proprietario: interessa mais á causa publica do que a particular.

É interessante notar a relação que o periódico cria com os leitores e como utiliza o aspecto financeiro para promover a necessidade de manutenção da imprensa local. A batalha promovida pelo *O Rebate* para arrecadar recursos é justificada pela função social e política que o impresso possui para a cidade. Apresentando-se como porta voz dos interesses populares, o jornal recorre ao sentimento de pertença do lugar como meio de incentivar a população a abraçar a causa emancipacionista e, em meio a essa questão, traça estratégias para manter-se financeiramente.

Para incorporar o administrativo acionista da folha era preciso adquirir a apólice de “*apenas deis mil reis*”, caso o leitor não possuísse a quantia fixa, ele poderia contemplar o valor faltoso e entrar como acionista, desde que “*perfaça a importancia necessaria*”. É válido afirmar que, pelas matérias veiculadas, *O Rebate* conhecia a condição financeira de grande da população local. Portanto, as pessoas que não podiam arcar com o valor fixo das apólices também estariam contribuindo com a folha através do ideal político, expresso no crescente emancipacionismo no povoado. Nas últimas linhas da coluna é possível identificar que o apelo ao povo visa mostrar que a venda e a comercialização das apólices é mais que uma questão financeira de manutenção da folha, é uma questão de interesse coletivo, pois “*A imprensa sempre é mais do o povo do que do proprietario: interessa mais á causa publica do que a particular.*”

O Rebate dedicava toda a última página a coluna “*COMMERCIO DO CARIRY*”, espaço reservado para publicização de produtos, serviços e informações relevantes a sociedade caririense. Produtos de loja, medicamentos, elixires, xaropes, depurativos, venda de casas, sítios, fazendas e avisos do desaparecimento de gados, cavalos, burros e outros animais, lotavam o espaço da coluna. É importante observar que a coluna representa o aspecto financeiro e comercial do jornal. Dentro das publicações desta coluna encontra-se o espaço dedicado a *LOJA ESTELLA*, pertencente ao distinto comerciante Cincinato Silva (QUEIROZ, 2018).

Ao tentar ampliar sua área de influência, *O Rebate* passa a denominar o povoado de *Joaseiro do Cariry*, como uma forma de re(afirmção) do desejo emancipacionista. Esse posicionamento foi fortalecido pelo clima de tensão causado após a repentina morte de José Marrocos Teles (agosto de 1910) e pela querela travada pelos líderes do Crato e de Juazeiro pelo espólio do falecido, supostamente o bem mais precioso do espólio era, a caixa com os panos ensanguentados, dos tempos do Milagre da Hóstia, que acreditava-se que estava em posse de José Marrocos. Outro fato que acirrou os ânimos foi às passeatas pelas ruas do povoado, que ganharam espaço nas folhas de *O Rebate*. Para Cícero Dantas de Queiroz (2018, p.66), de setembro de 1910 à fevereiro de 1911, a relação entre o Juazeiro e Crato ganhou o seu ponto central com embates travados entre *O Rebate* (Juazeiro) e o *Correio do Cariry* (Crato), onde os líderes políticos e religiosos de ambos os lugares eram criticados ferrenhamente.

Durante o primeiro ano de circulação do semanário *O Rebate* (julho de 1909 a julho de 1910) os principais nomes que integram o corpo editorial são: Pe. Alencar Peixoto, Floro Bartholomeu da Costa e José Joaquim Telles Marrocos.

Pe. Alencar Peixoto é o nome que mais revela-se no jornal. Publicando artigos sobre a fé católica, as virtudes entre o trabalho e o cristianismo, a conservação da moral cristã, a união da ciência e da religião (que resultam no progresso), a defesa pela ordem, progresso e emancipação do Juazeiro e a defesa da honra do Pe. Cícero.

Enquanto isso, Floro Bartholomeu da Costa atuou em várias frentes: rebateu as críticas das autoridades políticas e eclesiásticas sobre o movimento religioso de Juazeiro, bem como saiu em defesa dos romeiros, defendendo ser o Juazeiro uma sociedade moderna e civilizada.

Filho natural de um padre e primo do Pe. Cícero, José Joaquim Telles Marrocos foi abolicionista e jornalista com passagem nos jornais *Voz da Religião Cariri* (Crato), *O Libertador* (Fortaleza), *Cidade do Rio* (Rio de Janeiro), *Jornal do Cariri* (Barbalha) e *O Rebate*, tendo neste último uma discreta participação (DELLA CAVA, 1976, p. 60-61; QUEIROZ, 2018, p.72). Sua escrita, erudita e literária, fundamenta-se na discussão da doutrina católica para defender a questão religiosa do Juazeiro, sendo a autonomia política-administrativa do povoado um assunto sem expressividade em seus textos.

Com a morte de José Marrocos, em agosto de 1910, o corpo editorial do jornal é desfalcado, os objetos deixados pelo falecido é foco do início de uma disputa travada entre as folhas jornalísticas do Crato (*Correio do Cariry*) e de Juazeiro (*O Rebate*)

A partir de setembro de 1910 duas colunas ganham destaque na campanha emancipatória do jornal. A primeira delas é publicada na primeira lauda do semanário, a seção *CANTANDO E RINDO* assinada pelo jornalista e comerciante José Ferreira de Meneses. A seção é dedicada a publicação de anedotas, histórias e escritos que visam dar o caráter negativo a localidade vizinha, Crato. A outra coluna ganha o nome de *BOLETIM CARICATA* trata-se de uma coluna publicada na quarta lauda, espaço destinado as publicações das xilogravuras produzidas pelo xilógrafo oficial de *O Rebate*: Vicente Ferreira do Nascimento. As xilogravuras retratam episódios da história local, trazem o desenho do cel. Antônio Luís (chefe do Crato) na maioria das vezes torturando ou desprezando um personagem que é identificado pelo jornal como o PÚBLICO. Para *O Rebate*, o PÚBLICO é a população de Juazeiro que luta pela sua liberdade, enquanto que o desenho do cel. Antônio Luís retratava o desdém que o chefe político dar a causa da emancipação de Juazeiro.

A edição comemorativa do dia 18 de julho de 1910 foi publicada em clima de resistência. Percebe-se ao longo da edição que a redação do hebdomadário incorporou o discurso de opressor/oprimido. Para o periódico, Pe. Alencar Peixoto era um verdadeiro defensor dos oprimidos diante dos opressores. Várias colunas desta edição são dedicadas as felicitações pelo natalício do

jornal e elogios ao trabalho do seu fundador e principal articulador: Pe. Alencar Peixoto, que manteve de pé os ideais fixados no *Programa Político* na primeira edição do jornal que circulou em 18 de julho de 1909.

De setembro de 1910 a fevereiro de 1911, *O Rebate* atingiu seu apogeu como defensor da causa emancipacionista de Juazeiro. Uma série de acontecimentos resultou no conflito jornalístico entre as folhas *O Rebate* (Juazeiro) e o *Correio do Cariry* (Crato). A morte de José Marrocos, a briga pelo espólio do falecido, a decisão do cel. Antônio Luiz de adiar a votação na Assembleia Legislativa do projeto de emancipação de Juazeiro para o ano seguinte (1911), as passeatas pró independência nas ruas do povoado e a presença de tropas armadas da capital à serviço do cel. Antônio Luiz em Juazeiro, provocaram o rompimento político entre as lideranças políticas do Juazeiro e Crato.

Esses atritos foram expressos nas páginas dos referidos jornais e evidenciaram os discursos sobre a emancipação política do Juazeiro como uma arena de luta das elites locais. De fevereiro de 1911 a setembro de 1911, após muita negociação, o Juazeiro foi reconhecido como Vila. *O Rebate* cessou o combate discursivo de emancipação e direcionou suas preocupações para a política nacional cobrindo as eleições para o executivo da união que se polarizava na campanha civilista de Rui Barbosa e a campanha militarista de Hermes da Fonseca, deixando as articulações sobre o cargo de primeiro prefeito fora de seu editorial.

É inegável afirmar que *O Rebate* nasceu sustentado nos interesses políticos de uma elite recém-formada de Juazeiro e ganhou posição de principal porta-voz da emancipação política. No entanto, após o reconhecimento do Crato em fevereiro, o processo de emancipação raramente apareceu nos escritos do jornal, podendo ser explicado pelo clima de disputa ao cargo de prefeito de Juazeiro. Concluída fase emancipacionista, percebe-se que no processo de defesa dos interesses políticos da elite juazeirense, a relação entre os padres Alencar Peixoto e Cícero foi desgastada ao ponto de a ruptura ser impressa nas páginas de *O Rebate*. Iniciava-se um novo tempo político para *O Rebate*, com a particularidade de ser o Pe. Cícero Romão o inimigo a ser combatido.

2. A política do Rebate

A política foi, logo no início de sua circulação, a principal temática de *O Rebate*. Fundado em meio as articulações políticas das lideranças do Cariri cearense e a ausência do padre Cícero Romão Batista, que estava em viagem a capital do país (Rio de Janeiro), em campanha na Nunciatura Apostólica pela fixação do Bispado do Cariri no povoado de Juazeiro, *O Rebate* travou batalhas de palavras que devem ser entendidas dentro da dinâmica da temporalidade de seus agentes políticos.

A edição de número 01 do impresso expõe na primeira página dois pilares centrais que permearam todo o período de circulação do jornal. O primeiro deles é a coluna titulada *NOSSA*

MISSÃO, onde é explicitada o Programa Político do periódico. O segundo, trata-se da circulação da imagem e das narrativas sobre o Pe. Cícero Romão Batista na parte central da página como o maior símbolo do povoado.

Figura 1 – Primeira edição de *O Rebate*



(FONTE: *O Rebate*, 18 de julho de 1909)

A coluna *Nossa Missão* deixava claro aos leitores a intencionalidade de se fundar um jornal impresso no seio de um povoado em constante desenvolvimento:

Levar luz e calor á consciência do povo, adelgaçar as cerrações do espirito humano, cantar como uma musa todas as glórias, sentir como um coração todas as miserias, compreender como um genio todas as harmonias da natureza, todos os commentimentos dos povos, todos os ai que a hymanidade geme em seus luctuosos momentos, eis a missão da imprensa. Menos complexa, que a da imprensa, é a missão do jornal. Assim que, trabalhar pelo Ideal das letras, da religião, da pátria, e da humanidade, sem se envolver com a politicagem que tudo avilta e rebaixa, eis, em poucas palavras, o programa d'O <<REBATE,>> eis nossa missão cumpril-a-emos. (*O REBATE*, ANNO I. NUM. I, 18/07/1909, p. 01)

O hebdomadário indica que não há melhor momento para o surgimento da presença de uma imprensa no povoado. A folha toma para si o papel de atuar no espaço público como defensora dos oprimidos e guardiã do progresso. A leitura do Programa Político contém uma escrita carregada de um teor poético, filosófico e literário. Traço característico da escrita do Pe. Alencar Peixoto, o Redator Chefe de *O Rebate*. O Programa Político do jornal é retomado ainda na primeira lauda na coluna *O <<Rebate>>* assinada pelo articulista Major Pedro Nogueira. Segundo o Major:

O Joazeiro do Cariry tambem já deu o seu <<grito de alarma>> na senda progressiva, que se agita, creando um jornal, que tomou no baptismo da imprensa o

sympathico e significativo nome de <<Rebate,>> e que hoje sahe á publicidade, refulgente e audaz. (*O REBATE*, ANNO I. NUM. I, 18/07/1909, p. 01)

Embora o excerto do texto da coluna apresentado configure em um escrito importante na saudação da fundação do hebdomadário, não é ele que denota o fato mais relevante da escrita do Major Pedro Nogueira. Nogueira retoma o Projeto Político do jornal e associa a ideia do progresso demonstrando aos leitores o potencial que o jornal detém em não se envolver na política local:

O <<Rebate>> conforme sua propria declaração, no seu artigo de fundo ou de apresentação, não é politico, e por isto mesmo tornar-se mais digno de apreciação dos espiritos educados, reflectidos, que vêem, sem duvida, na politica um estorvo à ordem, senão também á todo o evoluir do nosso adiantamento. (*O REBATE*, ANNO I. NUM. I, 18/07/1909, p. 01)

Sob a assinatura do Dr. Flavio Gouvea, Floro Bartholomeu da Costa anunciava:

“Faço votos aos ceos para que <<O Rebate>> tenha uma vida longa em prol da religião, da pátria e da humanidade soffredora. Deus, que o ajude.” O impacto da chegada da imprensa ao povoado é tão grande que leva o gerente do *O Rebate*, Felismino Peixoto de Alencar a escrever “Feliz o povo de Joaseiro, por isso que, ainda ha pouco nada possuindo, agora possuindo a imprensa, - possui tudo.” (*O REBATE*, ANNO I. NUM. I, 18/07/1909, p. 02)

O uso da imagem do Padre Cícero na primeira edição do jornal não era por mera coincidência. Na segunda página, na coluna *Honra lhe Seja*, a direção do periódico trata de demonstrar o maior símbolo do povoado:

Publicado hoje o primeiro número de nossa folha, não deixamos de estampar, como estampamos, na primeira página de honra, o rectato do veneravel e benemerito Padre Cicero Romão Batista, á quem O <<Rebate>> muito, ou tudo lhe deve. Honra, pois, lhe seja... (*O REBATE*, ANNO I. NUM. I, 18/07/1909, p. 01)

O clima de efervescência que marcou a primeira edição do jornal abordava muito mais que o desejo da elevação do povoado à Vila. A folha impressa atiçava um velho ressentimento que dormia (e por vezes voltava à tona). Ressentimento herdeiro da *Questão Religiosa*. Padre Cícero representava para a hierarquia eclesiástica do Crato e de Fortaleza um desvio, um embuste. Já para a elite do Juazeiro e para os romeiros do Juazeiro, Pe. Cícero era um benemérito, um sacerdote virtuoso, um homem de Deus. Neste sentido, pode-se dizer que a personagem Pe. Cícero nunca é única, é sempre construção daquele que o enuncia.

A relação do jornal com a política é extremamente contraditória. O Programa Político da *NOSSA MISSÃO* afirma na primeira lauda que não se envolve com política. No entanto, na segunda página encontrar-se uma atitude que segundo Della Cava (1976) consagrava de vez à saída da política de neutralidade do padre Cícero para entrada de fato no mundo da política. Na Coluna *VARIAS* encontra-se a subcoluna *PELO JOASEIRO*, onde foram publicados três telegramas assinados pelo Padre Cícero e endereçados ao Presidente do Estado José Pinto Nogueira Accioly; ao chefe político do Crato e deputado estadual pelo Cariri cel. Antônio Luiz Alves Pequeno e ao comerciante de Fortaleza Aldolpho Barroso. No primeiro, Pe. Cícero justifica a importância da elevação do Juazeiro a categoria de vila.

Compreendendo a necessidade palpitante de, esta futura localidade, elevar-se à villa; considerando que isto será de grande bem para esta multidão de milhares de almas, e de grande interesse para o governo do estadoal; vendo agora que esta é, de há muito, a aspiração ardente de todo o povo joaseirense, o R.mo.. Sr. Padre Cícero Romão Baptista, virtuosissimo sacerdote desta diocese, honra e gloria do clero brasileiro, prupugnador incansavel da ordem e do bem a quem devemos tantos beneficos, e por mais d'uma vez a não conflagração de todo o Cariry acaba de, n'esse sentido dirifgir-se ao E.mo.. Governador do Estado, aos Ces. Antonio Luiz e Adolpho Barroso por telegrammas... (*O REBATE*, ANNO I. NUM. I, 18/07/1909, p. 02)

No segundo telegrama, enviado ao cel. Antônio Luiz, o vigário deixa claro que “Chegou o tempo de pedir-lhe, como amigo e sem perturbação de sua política, que proponha e faça passar à villa o nosso Joazeiro;...” e que o vigário espera que “... não houvera obstáculo, quando desde [...]” e nas palavras finais do telegrama demonstra-se que a decisão já fora pensada antes de ser mandado o pedido de emancipação por escrito ao chefe do Crato, “O Snr. José Andre de Figueiredo á meu pedido acceita o cargo de Intendente.” E fecha o telegrama apelando para os laços de afetividade “É um pedido de amigo.” (*O REBATE*, ANNO I. NUM. I, 18/07/1909, p. 02)

Ainda no telegrama endereçado ao Presidente de Estado Nogueira Aciolly, padre Cícero afirma que o cel. Antônio Luiz já está informado do desejo do povoado se tornar vila. O vigário informa ao presidente que mandou fazer um recenciamento no povoado e que “...no primeiro deste anno [1909], conta quinze mil e cincoenta habitantes, e o complemento da area que está em porporção razoável, ferindo muito pouca cousa os municípios visinhos, ficará com uma população de vinte cinco mil almas.” Padre Cícero encera o telegrama apelando novamente para as relações de amizade: “Confio que não haverá dificuldades, e desde já me confesso agradecido. Desponha do amigo.” (*O REBATE*, ANNO I. NUM. I, 18/07/1909, p. 02)

O último telegrama foi endereçado ao comerciante e cel. Aldolpho Barroso, Pe. Cícero explica que tanto o cel. Antônio Luiz do Crato, quanto o Presidente de Estado Nogueira Aciolly estão a par das propostas emancipacionistas do Juazeiro e fecha a correspondência informando o envio dos

limites do município. No telegrama endereçado ao cel. Antônio Luiz e o governador Aciolly, Pe. Cícero descreve de maneira detalhada os limites no qual o futuro município deverá ocupar.

Para Ralph Della Cava (1976) os telegramas enviados por Pe. Cícero aos coronéis Antônio Luiz e Aldolpho Barroso e ao Presidente de Estado Nogueira Aciolly se constitui em um importante marco na decisão de entrada do vigário na causa emancipatória de Juazeiro. No entanto, o que levou ele aderir a causa não foi tanto uma atitude política em si, mas sim uma das muitas estratégias que tomou para empreender a sua campanha pessoal em busca de recuperação das ordens sacerdotais confiscadas pela Igreja Católica. Portanto, para Della Cava (1976, p. 144):

O Patriarca talvez não se tenha dado conta do fato de que a troca de telegramas com Accioly marcara o seu primeiro passo na política. Uma vez mais, porém, outras motivações, que não eram de ordem política, levaram-no, no fundo, a cometer esse ato decisivo. Por um lado, sua viagem ao Rio de Janeiro não teve o bom êxito que esperava da Providência e da Virgem. Para sua decepção, Dom Joaquim, já bem idoso e enfermo, que havia jurado derrotar o clérigo nos seus objetivos, chegara inesperadamente ao Rio de Janeiro, durante a estadia do Patriarca. Uma vez na “cidade maravilhosa”, passou o bispo a trabalhar com todo o afinco contra a pretensão de ser criado um bispado em Joazeiro. Por outro lado, apesar do incentivo de Dom Joaquim, Crato não tinha conseguido levantar fundos suficientes para o patrimônio. Considerando-se que Roma não estaria disposta a conceder um benefício eclesiástico a indigentes, restava uma pequena possibilidade de Padre Cícero vir a realizar o seu intento. Tais considerações justificaram a convicção do Patriarca de que a independência política de Joazeiro poderia aumentar a sua influência de modo a trazer a Sé para Joazeiro e, em última análise, fazê-lo recupera sua condição de sacerdote.

Enquanto por um lado, Padre Cícero Romão Batista buscava na independência de Juazeiro uma maior possibilidade de instalação do Bispado no Juazeiro e, conseqüentemente a gradual devolução de suas ordens sacerdotais. Pelo outro lado, Pe. Alencar Peixoto tramava no espaço público da imprensa uma estratégia de confronto frente a política capitaneada pelo seu rival político do Crato. *O Rebate* era a porta de entrada de ambos sacerdotes para sanear seus objetivos, o maior símbolo de Juazeiro então servia de arma nas mãos habilidosas que conduzia a pena do redator chefe do jornal.

A edição especial comemorativa de número 52, de 18 de julho de 1910, marca exatamente um ano da fundação de *O Rebate*. A coluna central da primeira página titulada de DEUS NOS ADJUVET aborda a luta travada pelo periódico desde a fundação até o presente dia da edição. Eivada de um tom religioso, os articulistas do jornal trataram de categorizar os inimigos enquanto um mal contrário às bonanças da vida religiosa preservada no seio do jornal. Olhando para o seu remoto passado o jornal deixa explícito o quão tem sido atribulada a sua curta vida jornalística “Ah! Como foi acidentado o período que atravessámos!”.

Vislumbrando o futuro como um meio de resistência e perseverança a coluna cita “E não ha nega[l]o, quão temeroso se vai desenrolando nos horisontes de nosso futuro o novo espaço que hoje se abre á nossa jornada.” Faz um sincero apelo a quem está acima somente do Pe. Cícero, “Deus nos guie ! *Deus nos adjunt* “. Mesmo olhando para o passado e projetando o futuro o periódico não se esquece do seu presente, e como a experiência do presente é marcado pela vivência do agora, a luta é sempre contínua, pois, “Os inimigos são os mesmos e ainda estão na sua hora de trevas.”

Na segunda página da edição comemorativa é publicada uma reportagem batizada de *A'ILLUSTRADA REDAÇÃO D'O "REBATE"*. Nela pode-se notar que o autor afirma que o último ano da luta emancipatória do jornal pode ser comparada à conquista de Cristóvão Colombo, no qual o aventureiro descobridor se ariscando e insistindo na perseverança conseguiu alcançar o seu objetivo, que segundo o autor, só foi possível através da fé. “Pois bem! Esse anno que se fecha no cyclo aureo da existencia d'O <<REBATE>>, prova exuberantemente que a alma de seus Redactores, como a de Colombo, nem um só instante vacilou na fé!”

O Reverendo João Marinho das Neves escreve na segunda lauda da edição especial a *CARTA ABERTA* apresentando o marco do dia 18 de julho como:

“... uma data auspiciosa não somente para V. Revm^a [Pe. Alencar Peixoto],, como também para todos nós, olhos do Cariry, que sentimos e gosamos os effeitos salutarees da campanha ingente por V. Revm^a. travada destimidamente em prol dos opprimidos e da nossa salvação das garras dos abutres da desgraça”.

Os principais nomes da sociedade juazeirense também saúdam o aniversário de um ano do periódico. No artigo *O NOSSO REBATE*, nomes como Cincinato Silva, Manoel Victorino da Silva e João Victorino da Silva e entre outros publicam uma mensagem de felicitação ao periódico e enaltecem o seu redator chefe pelos serviços prestado ao Juazeiro junto ao processo de emancipação. O enaltecimento ao jornal é tão exagerado que chegam a atribuir ao jornal a uma dimensão religiosa: “Bem o haja esse paladino inflexivel, esse mensageiro do bem, que, qual estrela dos Magos que os levou á Bélem, nos tem guiado nas diversas modalidades da vida, no que diz respeito ao progresso moral, social e individual.” Neste sentido, o padre Alencar Peixoto ganha forma de um homem astuto que além de representar aos anseios do Juazeiro, também é um homem de Deus. “Uma palavra ainda nos escapa da penna para bemdizermos ao seu redactor-chefe, o Revd.mo. Sr. Padre Peixoto, que incansavel na pratica do bem, um passo séquer não tem recuado no programma que traçou.”

Atribuindo *O Rebate* o adjetivo de “magnanimo paladino da imprensa”, Antônio Bezerra de Menezes da cidade vizinha Milagres, escreve a coluna *SALVE 18 DE JULHO*. Nela o autor retoma a narrativa da luta incessante do jornal contra os inimigos da liberdade “Hoje lança a <<O Rebate>>

um olhar sobre o período decorrido, e nos campos da sua gloriosa batalha, sobre os escombros da calúnia, sobre as ruínas da maldicência, vê florescer os louros da sua immorrêdôra victoria.”

Portanto, toda a edição comemorativa de um ano de circulação do periódico *O Rebate* é marcado pela intensa narrativa da luta emancipatória que nas palavras dos articulistas do jornal ganham um aspecto de uma luta de caráter religioso. Juazeiro e *O Rebate* apresenta-se como os combatentes de Deus em detrimento das ameaças dos agentes do mal da vizinha cidade do Crato. O enaltecimento a figura do Pe. Alencar Peixoto e a retomada a defesa do Programa Político traçado em NOSSA MISSÃO na edição de número I do jornal, são os focos dos artigos publicados na edição comemorativa.

Em 18 de julho de 1911 sai a edição comemorativa de número C [100]. A data singular marca o aniversário do natalício de dois anos de fundação e circulação de *O Rebate*. Toda a edição é marcada pelos votos de felicitações ao fundador e Redator Chefe Padre Joaquim de Alencar Peixoto. A primeira página traz a coluna *DEUS NOS GUIE ! DEZOITO DE JULHO DE 1911* o espaço pode ser traduzido como um relato da própria Redação do semanário narrando os últimos dois anos da luta que *O Rebate* travou com os adversários da cidade vizinha Crato em busca da emancipação política. No entanto, a edição comemorativa carrega uma peculiaridade: o pós conflito.

A folha retoma o discursivo combativo e ostensivo que a consagrou como a defensora dos oprimidos do povoado, a coluna cita “Ah, como foi accidentado, e muito, o período que atravessamos”. Em seguida relata aos leitores que a luta pela liberdade do público dos juazeirenses teve seus bons frutos “Felizmente, como tudo n’este mundo, esse período já passou...”. Embora Juazeiro tivesse conseguido o reconhecimento do Crato e estivesse prestes a ser consagrada como cidade na Assembleia Estadual do mês seguinte, *O Rebate* mantinha-se o seu caráter vigilante “os inimigos, si não são os mesmos, pelo menos não mais se acham em sua hora de trevas.”

A imprensa materializada em *O Rebate* é por natureza a portadora e o caminho para o progresso e a civilização. Para Severino Pires, articulista de *O Rebate*, assim como os hebreus saídos do Egito foram guiados por Deus à Terra Prometida, Juazeiro também deveria ser guiada pelo *O Rebate* para o progresso e para a civilização. “O << Rebate >>, como uma columna de fogo, continúa impavido a sua derrota, isto é, a guiar este bom povo em sua peregrinação ao templo da civilisação e do progresso.”; Pedro Nogueira Filho parece compactuar com essa ideia de que “justo é o nosso regozijo, pois que a imprensa é o móvel do progresso e da civilização; o thermometro seguro que registra as evoluções sociais que operam a radical transformação d’um povo.”

O Rebate no dizer do comerciante Cincinato Silva ganha outras feições que estão pra além da mera imprensa. *O Rebate* é, portanto, o patrimônio de Juazeiro:

Diffundindo a luz, semeando os ensinamentos da sã moral, guiando os desviados, mostrando a verdade, espancando as trevas, encorajando os fracos, defendendo o direito, aventando ideias altaneiras, repellindo os audazes, edificando os indiferentes, agindo, n'uma palavra, dentro dos moldes que as necessidades exigiam, O <<Rebate>>, tornou-se para este povo n'esses dois annos, para não dizer mais, uma providencia !

O educador Raymundo F. de Lima Siébra na última lauda da edição de comemoração do natalício de dois anos de circulação assina a coluna *HONRA LHE SEJA...* A coluna resume-se em um tremendo puxa-saquismo a favor do semanário e do Pe. Alencar Peixoto. Segundo Siébra:

E é essa a posição assumida pelo órgão Joazeirense- o O <<Rebate>>, sempre abraçando e defendendo as melhores causas; posição esta gloriosa donde jamais poderá ser desalojado – dominando assim, fascinadoramente, os pigmeus- seus adversarios, que debalde lhe estão constantemente a arremessar as settas envenenadas do odio e do despeito.

Cada desparo de apodos e injurias é respondido pelo seu digno e intellegentissimo redactor-chefe -Padre Joaquim de Alencar Peixoto com uma projecção de luz, que illumina o campo dos adversarios, tão medonhamente envolvido nas densas sombras da noite da ignorancia.

Mas, este modo de agir, sempre altivo, nobre e correcto, - tão digno de encomios, não é outra cousa, senão o exacto cumprimento da lei do amor- mandamento sublime, grandioso, que forma o equilibrio das sociedades. E' a consagração pelo respeito as leis estabelecidas; é o ensino pratico do cumprimento dos deveres civicos e moraes, - do bem sem restrições, em toda sua plenitude. (O REBATE, 18/07/1911, Anno II, num. C, p.4)

É neste tom que o jornal encerra aquela que é a sua última edição de comemoração de fundação e circulação. Não existiria felicitações para o ano vindouro. As atividades do jornal serão encerradas quatro edições depois, a última edição do jornal circulou no dia 03 de setembro de 1911. Por questão de desentendimento quanto ao cargo de prefeito de Juazeiro, Pe. Alencar Peixoto rompeu com Pe. Cícero Romão Batista. Alencar Peixoto vendeu as ações de *O Rebate* e empreendeu uma viagem ao norte do país, anos depois lançaria o livro *Joazeiro do Cariry*, uma difamação ao Pe. Cícero Romão Batista e a cidade do Juazeiro. (QUEIROZ, 2018; DELLA CAVA, 1976).

3. Fontes

Arquivo da Biblioteca Nacional, Hemeroteca Digital

O REBATE, 18.07.1909, ANNO I-NUM.II, p. 1.

O REBATE, 18/07/1910, ANNO I, NUM LII, p. 2.

O REBATE, 20/11/1910, ANNO II, NUM. LXIX, p. 2.

O REBATE, 24/10/1909, ANNO I, NUM. XV, p. 1.

Acervo da Coleção do pesquisador Ralph Della Cava/University of Florida Digital Collections

O REBATE, 26.04.1911, Anno II, NUM. LXXXVIII, p. 4.

O REBATE, 13.11.1910, Anno II, Num. LXVIII, p.1
O REBATE, 20.11.1910, Anno II, Num. LXIX, p. 1
O REBATE, 21.08.1910, ANNO II, NUM. LVII, p.2.
O REBATE, 18/07/1911, ANNO II, NUM. C, p. 4.

3. Referências Bibliográficas

BARROS, Luitgarde Oliveira Calvalcanti. **A Terra da Mãe de Deus**. Rio de Janeiro: Francisco Alves; Brasília: INL, 1988.

CASIMIRO, Renato. **Antes Qu'eu M'esqueça**. Juazeiro do Norte-CE: ABC Gráfica Off Set, 2000. v. 1.

DELLA CAVA, Ralph. **Milagre em Joaseiro**. São Paulo: Paz e Terra, 1976.

MACHADO, Paulo. **A Marcha da Insurreição**: Joaseiro do Cariry 1909-1911. – Salto, SP: Editora Schoba, 2011.

QUEIROZ, Cícero Dantas de. **Correio do Cariry X O Rebate: o conflito jornalístico pela independência de Juazeiro**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de cultura e Arte. Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Fortaleza, 2018.

OLIVEIRA, Amalia Xavier. **O Padre Cícero Que Eu Conheci (Verdadeira História de Juazeiro)**. Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno, 1974.

NOBRE, Edianne dos Santos. “Dos mortos, ou se fala bem ou não se fala”: um ensaio biográfico sobre José Marrocos (Ceará, 1842-1910). In: **Caderno de Ciências Sociais: Tendências**. Nº8, 2015. Departamento de Ciências Sociais da Universidade Regional do Cariri- URCA, – Crato, 2015.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **O meio do mundo**: território sagrado em Juazeiro do Padre Cícero. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **Papel Passado**: cartas entre os devotos e o Padre Cícero. Fortaleza: Instituto Frei Tito de Alencar, 2011.

MEMÓRIAS E ICONOGRAFIAS MILITANTES: O PAPEL DA TRADIÇÃO NO EMPREENDIMENTO MORAL-EMOCIONAL DE LUGARES OFICIOSOS NA UERN - MOSSORÓ

Raoni Borges Barbosa¹⁰⁷
 Djalma Lucas Mendes¹⁰⁸
 Eula Paula Gomes de Moraes¹⁰⁹
 Magna Karol Alves de Paiva¹¹⁰

1. Introdução

O presente artigo¹¹¹, intitulado *Memórias e iconografias militantes: o papel da tradição no empreendimento moral-emocional de lugares oficiosos na UERN – Mossoró*, discute o papel da tradição de narrativas orais e visuais no processo estratégico (GOFFMAN, 2012) de construção e de empreendedorismo moral-emocional (BECKER, 2018) de três lugares (KOURY, 2001 e 2003) oficiosos (BOLTANSKI, 2012) em busca de afirmação social, pública e política (GUSFIELD, 1986) de suas pautas ideológicas (BOUDON, 1989; HARARI, 2019; VINCENT, 1995) desde o campus da UERN – Mossoró: o lugar PADOCA, o lugar BREJO e o lugar em rede do MOVIMENTO ANTIPROIBICIONISTA.

Cada um ao seu modo, estes lugares declinam dialetos ideológicos provenientes da experiência política ocidental desde pelo menos o século XVIII (Liberdade – Igualdade – Fraternidade), mas reinventados no confronto com as demandas contemporâneas locais e nacionais do urbano individualista, globalizado e informacional. Estes lugares oficiosos acionam também narrativas visuais pautadas em reinvenções (WAGNER, 2010) iconográficas da tradição ocidental (GINZBURG, 2014), em um empreendimento moral-emocional de autoconstrução que combina a irreverência do novo transgressor com uma formatação familiar de signos (BARTHES, 2013).

Nessa proposta analítica de perceber narrativas orais e visuais presentes no cotidiano discente da UERN – Mossoró em enquadramentos tradicionais da cultura emotiva ocidental, destaca-se o processo estratégico de *tonalização* (GOFFMAN, 2012) de situações, códigos e condutas em imagens,

¹⁰⁷ (BITS/UERN; GREM-GREI/UFPB). raoniborgesb@gmail.com

¹⁰⁸ (PETCIS/UERN; BITS/UERN). djalmalucas29@gmail.com

¹⁰⁹ (PETCIS/UERN; BITS/UERN). eula_morais@hotmail.com

¹¹⁰ (PETCIS/UERN; BITS/UERN). karolmagna17@gmail.com

¹¹¹ Este artigo é um dos frutos da pesquisa *UERN em imagens e ideologias: sentimento de pertença e empreendedorismo moral nos lugares universitários*, que teve início ainda no semestre 2019.1, quando da mobilização de um grupo de estudantes frequentadores das reuniões do BITS – Grupo de Pesquisa em Práticas Sociais, Cultura e Informação no sentido de problematizar, desde um olhar antropológico, os códigos e as mensagens que compõem os múltiplos lugares (KOURY, 2001 e 2003; NORA, 1993) universitários na UERN. A pesquisa optou em dar preferência àqueles lugares oficiosos construídos cotidianamente pelos discentes e suas redes relacionais na cidade de Mossoró e adjacências, de modo que as primeiras incursões etnográficas se deram nesse sentido.

assim como o de empreendedorismo moral-emocional (BECKER, 2008) pautado em dispositivos morais de denúncia e de acusação do outro e de afirmação e de imposição de si. Esta combinação de estratégias tem o intuito de pressionar a conformação do público (GUSFIELD, 1986) em arenas públicas de debate e deliberação oportunas que envolvam discentes, docentes e comunidade.

A partir do conceito goffmaniano de *tonalização* se compreende aqui o jogo criativo e reflexivo de desestabilização, de provocação, de devaneio e de fantasia, de jocosidade e de irreverência, de brincadeira e de roteirização reinventada da tradição; o que, no caso etnografado, por se tratar da construção de lugares oficiosos de densa conformação ideológica, implica em empreendedorismo moral beckeriano, - o ousar projetar e aplicar novas regras e procedimentos de enquadramento moral de si e do outro, - e em esforço de cruzada simbólica gusfieldiana de inscrever o problema social no público e, posteriormente, no político.

Este processo estratégico de produção de lugares oficiosos significa a construção de espaços de pertença (KOURY, 2001 e 2003) simbolicamente marcados em formatos ideológicos e de memórias compartilhadas, mas que só emergem no rumor, na fofoca ou em outras práticas marginais e potencialmente transgressoras, poluentes e liminares (BOLTANSKI, 2012) para o idioma oficial de poder social e de dominação cultural.

Trata-se, assim, de um processo trifásico de invenção e de reinvenção (WAGNER, 2012) cultural e social do espaço (enquanto matriz física do mundo) e do público (enquanto possibilidades de visibilidade geral), cujos paralelos semânticos em relação à dinâmica de ordem – liminaridade – ordem na dialética da estrutura e da antiestrutura do jogo social e cultural (TURNER, 2008 e 2013) são bastante fortes. Este processo trifásico de invenção e de reinvenção do social e da cultura pode ser identificado nos momentos de a) apropriação moral do signo convencional pela particularização mnemônica e estética do mesmo; de b) de reorganização simbólica do signo; e, por fim, de c) reinvenção do signo pela sua convencionalização em séries paradigmáticas e sintagmáticas tradicionais (BARTHES, 2013; GINZBURG, 2014), de modo que a escandalização da sua mensagem possa ser reconhecida publicamente e surta os efeitos políticos almejados.

Cabe enfatizar, ainda, de acordo com VELHO (1986, 1999, 1999a), que a produção de lugares oficiosos, tal como etnografado na UERN – Mossoró implica tanto no alinhamento reflexivo de trajetórias individuais discentes a partir de projetos de afirmação política, quanto na experiência de expansão dos campos de possibilidades das subjetividades individuais envolvidas, dentro e fora do espaço universitário. O papel da tradição no empreendimento moral-emocional dos lugares PADOCA, BREJO e do lugar em rede do MOVIMENTO ANTIPROIBICIONISTA, assim, pode ser associado aos modelos de narrativas orais e visuais ocidentais que abarcam a experiência moderna de revolução social e de construção da subjetividade individual e individualista no grande ciclo histórico que vai

de 1789, com a Revolução Francesa, a 1989, com a Queda do Muro de Berlim (GINZBURG, 2014): narrativas morais-emocionais emblemáticas na conformação de memórias e iconografias militantes.

2. A Rede de Lugares Oficiosos na Uern – Mossoró: liberdade, igualdade e fraternidade

A UERN – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte foi instituída em 1968, tendo completado seus 51 anos em setembro de 2019. Em Mossoró, o campus central, onde se realiza a pesquisa em tela, se situa nas proximidades da UFERSA – Universidade Federal do Semiárido, do IFRN – Instituto Federal do Rio Grande do Norte e do complexo jurídico e midiático local, tendo como possibilidades de comunicação as autoestradas estadual e federal, bem como dois eixos viários que cortam o urbano mossoroense em sentido norte e sul. A UERN se localiza geograficamente na periferia urbana, em uma área ainda em processo de especulação imobiliária e possível verticalização em momentos de crescimento demográfico e expansão da malha urbana.

Na condição de única universidade do Estado do Rio Grande do Norte, a UERN, principalmente o campus de Mossoró, se destaca na narrativa política local como uma conquista da população arduamente preservada. A UERN expressa, ainda, para o ethos local, o orgulho de um processo relativamente bem-sucedido de modernização social e econômica à base das indústrias do sal, do petróleo e do turismo. O *País Mossoró*, como se sabe ouvir reiteradamente dos discentes, se destaca como a segunda maior cidade estadual, bem como a mais extensa em território. É, nesse sentido, que a UERN constitui um pólo de atração de jovens universitários em busca de formação superior, recebendo cotidianamente as caravanas de ônibus dos municípios adjacentes, tais como Assú, Apodi, Grossos, Areia Branca, Tibau, entre outros, alguns dos quais vindos do Ceará.

A UERN organiza-se na tradicional e autoritária lógica corporativa ou fabril da década de 1970, caracterizada pela burocracia em linhas, com suas faculdades uniformizadas e devidamente espaçadas. Isto fica claro na estética institucional de corredores, pórticos e pátios higienizados e angulosos, que constroem fisicamente o indivíduo a caminhar segundo o traçado dos seus idealizadores. Imagens recentes de intelectuais e de mulheres de militância feminista destacada, como Frida Kahlo e Malala, buscaram recentemente trazer para este lugar de cerimônia, de ordem e de oficialidade as práticas reais e oficiosas dos discentes.

Nesse sentido, o presente artigo buscou refletir sobre a rede oficiosa (BOLTANSKI, 2012) de lugares de pertença (KOURY, 2001 e 2003) e de memória (NORA, 1993) construídos pelos discentes a partir da apropriação e reinvenção de ideologias (VINCENT, 1995; BOUDON, 1989; HARARI, 2019) e imagens da tradição política ocidental (GINZBURG, 2014), de modo a compor um conjunto complexo de signos dispostos por todo o campus da UERN – Mossoró em séries paradigmáticas e sintagmáticas (BARTHES, 2013) de sentido: uma verdadeira mobília e um denso mosaico

iconográfico de conceitos ideológicos. Estes signos, uma vez simbolicamente colonizados, emitem, entre outros, as mensagens do Movimento Feminista, no Lugar Brejo, do Movimento Antiproibicionista, dispersas pelo campus, e do Lugar PADOCA enquanto amplo movimento de crítica à sociedade individualista de desempenho e de pregação de uma postura de inclusão do estudante real e de suas pautas de colaboração, partilha, dádiva e reciprocidade no mundo oficial da instituição universitária e para além dela.

Cabe enfatizar, com efeito, que o exercício etnográfico e de produção de um banco de imagens sobre os lugares oficiosos da UERN – Mossoró se deparou com mais de duas centenas de objetos iconográficos, cujas narrativas orais e visuais facilmente extrapolam a abordagem do presente artigo, compondo, por exemplo, justificativas à instituição total, ao progresso técnico-científico e às carreiras morais de corpos adestrados e palatáveis ao mercado. As narrativas orais e visuais pautadas no ideário de Liberdade, Igualdade e Fraternidade, entretanto, são mais intensamente exploradas em séries paradigmáticas e se conectam como meta-sintagma que atravessa o lugar universitário em sua quase totalidade.

As Figuras 1 e 2, abaixo, ilustram, nesse sentido, o argumento de que os signos dos lugares oficiosos da UERN remontam simbolicamente à tradição libertária ocidental, principalmente francesa, em que o personagem feminino (a liberdade que carrega a bandeira tricolor) desponta publicamente, sobre a morte dos corpos masculinos, como elemento de imposição da pobreza, da miséria e da marginalidade na dimensão política do contrato social.

A inscrição *A REVOLUÇÃO será FEMINISTA E ANTIPROIBICIONISTA*, - ladeada pelo símbolo do feminino associado ao símbolo do direito ao prazer pelo uso da cannabis, - assim, aponta também para esse já conhecido roteiro de modernização das relações sociais e de reinvenção da cultura no ocidente, descrito por Elias (1994, 1994, 1997, 2011) como arco histórico de tempo longo que compreende o abrandamento das paixões no espaço público e o avanço do limiar da vergonha na constituição da subjetividade.

Este desenvolvimento civilizatório se desdobra em um contexto de pacificação de amplos territórios sob o monopólio da violência física e fiscal pelo Estado, de substituição da força pelo direito e da guerra pelo comércio, de aversão à alteridade pela expansão das escalas sociais e culturais e, por conseguinte, de obsolescência da honra e das virtudes guerreiras em função da disseminação das virtudes democráticas, diplomáticas, retóricas e de sedução. Isto é, em prática, o progressivo acolhimento do feminino, - expresso na figura da mulher livre e da igualdade e da diversidade sexual e de gênero em face ao patriarcado decadentes, - nos procedimentos de parlamentarização e de esportivização das relações sociais cotidianas, o que, por sua vez, concorre para a institucionalização e aceitação popular das noções revolucionárias de direito à felicidade e à auto-realização individual,

de direitos humanos e de compaixão e solidariedade como princípios e deveres políticos (BRESCIANI, 1982).

Figuras 1 e 2: Mural do Movimento Feminista e do Movimento Antiproibicionista, à esquerda; e recorte do quadro *A liberdade guiando o povo*, à direita.



Fonte Figura 1: Arquivo da Pesquisa – Banco de Imagens Lugares Universitários UERN - Mossoró.

Fonte Figura 2: Recorte do quadro *La Liberté guidant le peuple*, de Eugène Delacroix, em alusão ao processo revolucionário francês iniciado em 1789 e ainda em desdobramento no ano de 1830.

Desde esta perspectiva, portanto, de percepção e análise teórica, a partir da tradição política ocidental, das memórias e das iconografias militantes dos empreendimentos moral-emocionais dos lugares oficiosos da UERN – Mossoró, se coloca o lugar em rede do Movimento Antiproibicionista como articulação política de liberdade individual, - na tradição ideológica tanto liberal quanto socialista (VINCENT, 1995); o lugar BREJO como lugar de igualdade (BOUDON, 1989), - formal, material, de gênero, racial e etc.; e, por fim, o lugar PADOCA como lugar de fraternidade (HARARI, 2019), de exercício solidário de partilha do alimento que, em fluxo de reciprocidade, produz e nutre a vida individual e social. Estes três lugares, ato contínuo, são percebidos como um conjunto sintagmático de séries simbólicas em paradigmas ideológicos de Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

Nesse sentido, as palavras de Barthes (2013, p. 46) sobre a dimensão trifásica do signo (símbolo, paradigma e sintagma) e de suas respectivas possibilidades de imaginação profunda, formal e funcional são esclarecedoras:

A consciência simbólica implica uma imaginação de profundidade: ela *vive* o mundo como a relação de uma forma superficial e de um Abgrund multiforme, maciço, poderoso, e a imagem se coroa com uma dinâmica muito forte: a relação da forma e do conteúdo é constantemente relançada pelo tempo (a história), a superestrutura transbordada pela infraestrutura, sem que se possa jamais agarrar a própria estrutura. A consciência paradigmática, pelo contrário, é uma imaginação formal: ela *vê* o significante ligado, como que de perfil, a alguns significantes virtuais dos quais ela está ao mesmo tempo próximo e distinto; ela não vê mais (ou vê menos) o signo em sua profundidade, ela o vê *em sua perspectiva*; assim a dinâmica que está ligada a essa visão é a de um chamado: o signo é *citado* fora de uma reserva finita, ordenada, e esse chamado é o ato soberano de significação imaginação de agrimensor, de geômetra, de proprietário do mundo, que aí está à vontade, já que o homem, para significar, só tem de escolher no que lhe é apresentado já estruturado, quer pelo seu cérebro (na hipótese binarista), quer pela finitude material das formas. A imaginação sintagmática não vê mais (ou vê menos) o signo em sua perspectiva, ela o prevê em sua extensão: suas ligações antecedentes ou consequentes, as pontes que ele lança em direção a outros signos; trata-se de uma imaginação “estemática”, a da cadeia ou da rede; assim a dinâmica da imagem é aqui a de *arranjo* de partes móveis, substitutas, cuja combinação produz sentido, ou mais geralmente um objeto novo; trata-se pois de uma imaginação propriamente fabricativa, ou ainda funcional [...]”.

A abordagem dos códigos e idiomas de representação ideológica do mundo dos lugares oficiosos aqui abordados, por sua vez, traz à discussão sobre estas memórias e iconografias militantes as noções de *ideologia* de Vincent (1995), de Harari (2019) e de Boudon (1989). Assim como o conceito goffmaniano problematizador dos esquemas primários de classificação e representação do mundo: a *tonalização* (GOFFMAN, 2012).

Se Vincent (1995) praticamente equipara o conceito de ideologia aos modos de ação e de realidade de um determinando indivíduo ou grupo social, abarcando, assim, fórmulas morais, emocionais, cognitivas e comportamentais em um amplo sintagma de séries paradigmáticas de signos simbolicamente marcados; Harari (2019), por sua vez, chama a atenção para o fato de as ideologias políticas (conservadorismo, liberalismo, socialismo, comunismo, fascismo, feminismo, ecologismo) atualmente terem a configuração estrutural de religiões, no sentido da formação humanista do sagrado. Enquanto que Boudon (1989), por fim, recupera historicamente o conceito desde a tradição política dos séculos XVIII e XIX, - em que o intenso processo de destradicionalização, de desenraizamento e de desencantamento do mundo exige das *massas proletárias* e da *burguesia emergente* olhares novos sobre o mundo social em efervescência, - e enquadra a ideologia como doutrina que absorve elementos de cientificidade (como uma suposta análise positiva do real factual) e a isto alia uma credibilidade excessiva em seus pressupostos morais e políticos.

Estas três noções de ideologia, - como visão de mundo, como elemento sagrado e como doutrina social cientificista, - são tensionadas, enquanto esquemas primários, pelos exercícios criativos de tonalização que expandem situações inscritas em tradições de classificação e de representação do mundo. Para Goffman (2012), o esquema primário é o elemento de fundo que

confere sentido ao caos social e natural, enquadrando-o pela imputabilidade de agências humanas e forças da natureza em regimes de explicação, de compreensão, de inteligibilidade e de previsibilidade.

A tonalização (*keying*), nesse sentido, consiste na apropriação reflexiva do esquema primário, - aqui entendido como elemento simbólico, em sua relação hierárquica entre signo e significante, e também tomado nas possíveis séries paradigmáticas e sintagmáticas que compõem um sistema ideológico qualquer, - para a transformação do mesmo em algo diferente, mas que possa ser reconhecido tanto na sua proximidade com a tradição como na sua ousadia para a reinvenção cultural. A jocosidade, a ironia, a trapaça, a ameaça, o ritual, o causo retrospectivo, a paródia, a encenação, o faz de conta, o deboche cínico, o sarcasmo, o devaneio, a roteirização e outras formas de ludicidade compõem a lista goffmaniana de tonalizações do esquema primário.

Trata-se, assim, de inserir na seriedade, - no misto de terror, medo e reverência (GINZBURG, 2014) da narrativa político-ideológica tradicional, - o elemento lúdico criativo sem o qual o empreendedorismo moral e emocional beckeriano se assemelharia à marcha e à vigilância totalitária. Uma breve abordagem do Movimento Antiproibicionista, do BREJO e da PADOCA, enquanto forças oficiosas que modelam a vida discente na UERN – Mossoró, pontua bem as assertivas supracitadas.

3. O lugar em rede do movimento antiproibicionista: a liberdade individual é a lei

O Movimento Antiproibicionista compreende uma rede de discentes articulados ideologicamente em torno do empreendimento moral para a normalização da produção e do consumo de cannabis no espaço público, de modo a superar a condição de estigma e de violência estatal que os usuários desta *erva* sofrem cotidianamente. Os discentes que se engajam nesse movimento e nesse lugar em rede estão distribuídos pelos vários cursos da UERN – Mossoró e em especial se destacam militantes também envolvidos com outros segmentos ideológicos e lugares de pertença e memória, como as feministas do BREJO, os antiprodutivistas da PADOCA e muitos estudantes que compõem o Movimento Negro e o Movimento Estudantil.

Em recente evento na UERN, uma das lideranças locais do movimento enfatizava a falência política, econômica, social e moral da guerra às drogas promovida pelo Estado brasileiro, cujas baixas e efeitos colaterais são a matança indiscriminada da juventude *preta, pobre e favelada*, da qual fazem parte também os próprios efetivos policiais do Estado repressor. Nessa fala, a liderança supracitada aproveitou para declamar o seguinte *rap*, que pode ser tomado como uma narrativa oral que sintetiza de forma bastante plástica, em um desabafo indignado, aspectos centrais da mensagem ideológica do Movimento Antiproibicionista:

Vivemos em uma guerra inútil e desenfreada.
 Morreram muitos na Síria.
 E aqui já morre o dobro na Quebrada.
 Eu vejo o camburão chegando.
 Vejo os menorzinhos correndo.
 Contra quem estão lutando?
 Por que estão me batendo?
 Se eu não faço mal a ninguém, seu moço?
 Sou um bom rapaz!
 Se eu fumo dessa planta é porque nela encontro paz!
 Paz que aqui não tem.
 Essa paz que aqui é rara.
 Eu falo o que te convém.
 Tu me *dá* um tapa na cara.
 Eu sou um cidadão de bem: pago conta, pago imposto!
 Isso pode até me causar mal, mas eu não causo mal pros outros.
 E se eu quiser tomar veneno, no mercado eu sei que acho.
 Mas se eu quiser fumar um fino, de vocês tomo um esculacho.
 Por que estão me seguindo, se eu não os devo nada?
 Por que no bequinho escuro eu viro saco de pancada?
 Talvez seja por ser negro: preconceito ainda existe.
 Mas, mesmo sem emprego, o meu povo não desiste.
 ‘Vocês são um bando de *nóia*, que só financiam o tráfico.
 Deveria matar todos para nossa luta ser mais fácil’.
 Não. *Péra* um pouco! Não seja tão redundante!
 Eu sou frequente essa *biqueira* por proibirem que eu plante.
 [...]

A narrativa oral do *rap*, com efeito, tonaliza, de forma irônica e debochada, a experiência de desrespeito ao direito do cidadão, que paga suas contas e impostos (um acionário da empresa estatal pública, no sentido lockiano do termo), à livre escolha sobre os usos do seu corpo, - o que inclui poder decidir individualmente sobre os psicoativos a consumir, - por parte do Estado que repressor. O *rap*, assim, encena um diálogo franco entre um usuário da cannabis e um policial, cujo roteiro é a denúncia de desvalor moral de toda uma população urbana *pobre, preta e favelada* que sofre sob o pretexto estatal de guerra às drogas, sendo literalmente *esculachada* pelos efetivos policiais.

O Movimento Antiproibicionista, nesse sentido, tem um forte tom de denúncia das arbitrariedades do Estado burguês desde as experiências cotidianas da repressão policial à marginalidade urbana. Por outro lado, o consumo ritualizado e mesmo carnavalizado da cannabis, - para além deste cenário de perseguição e sofrimento tão ricamente ilustrado no *rap* acima, - é simbolizado como elemento de liberdade individual e de liberalidade cultural no sentido do direito à felicidade e ao reconhecimento de práticas culturais populares e tradicionais de ligação com a natureza, com a terra.

Argumenta-se, assim, tanto desde o paradigma revolucionário dos direitos humanos, mediante os quais a ação intervencionista do Estado e mesmo da Comunidade deve ser racionalizada em face do princípio da dignidade da vida humana; quanto se argumenta desde uma retórica de aproximação oportuna com o individualismo possessivo liberal, que compreende o social como rede de relações

mercantis urdidas na racionalidade instrumental de maximização de benefícios. O consumo da cannabis é situado, portanto, como questão de direito à liberdade negativa, devendo ser esta positivada e regulada pelo poder público do Estado.

O Movimento Antiproibicionista, em sua complexidade semântica, de gestos e posturas, combina não somente tradições políticas mais à direita ou mais à esquerda do espectro político, matizando uma harmonia de demandas pela liberdade individual, como também tonaliza a tradição política e religiosa ocidental ao inverter, subverter e expandir em ironia, deboche e sarcasmo a mensagem ideológica sobre o direito à liberdade de gozo pela figura feminina. As Figuras 3 e 4, nesse sentido, paralelizam o signo da figura feminina em marcações simbólicas distantes, mas próximas, em uma mesma série paradigmática do feminino em gozo, cuja função (ou imaginação sintagmática) é expandir pela transgressão a experiência humana de realização de si, seja no divino, seja na profundidade do *self*.

Figuras 3 e 4: Mural do Movimento Antiproibicionista com a Mulher Canábica, acima; e recorte da escultura Éxtasis de la Beata Ludovica Albertoni, de Bernini, abaixo.



Fonte Figura 3 Arquivo da Pesquisa – Banco de Imagens Lugares Universitários UERN - Mossoró.

Fonte Figura 4: Recorte da imagem da escultura Éxtasis de la Beata Ludovica Albertoni, de Bernini.

A Mulher Canábica é percebida nesse jogo analítico de tonalizações como signo complexo que, em sua dimensão simbólica, reúne a representação do corpo feminino associado a conteúdos semânticos de liberdade individual, liberalidade cultural e carnavalização do élan vital. Em sua

dimensão paradigmática, esse signo pode ser serializado como o de um corpo feminino transgressor, que alcança e se permite o gozo, o êxtase; enquanto que, na dimensão sintagmática, o signo compreende a função de comunicar a ação simbólica da individuação, do heroísmo que deifica o ator e agente social humano para além do ordinário cotidiano.

É nesse sentido que o êxtase religioso da beata renascentista, em um contexto social e cultural de emergência do humanismo, pode ser entendido como conexão tradicional para a Mulher Canábica: signos simbolizados como feminino em performance de transgressão e de desestabilização da moralidade decadente a ser superada. A Mulher Canábica, com efeito, tonaliza a tradição ao romper com o recato, a sutileza e o cuidado do corpo feminino em êxtase, enquadrando-o em uma narrativa visual de escândalo, deboche e ousadia e, também, de ameaça ou trapaça de pornografia, pois deixa em suspenso, - a critério do leitor da narrativa visual, - a interpretação de se a Mulher Canábica, em pose de relaxamento libidinoso, segura um falo ou somente um *fino* (cigarro de canábis) em suas mãos.

4. O Lugar Brejo: igualdade de valor para todas as mulheres

O lugar BREJO constrói sua memória e sua iconografia militante tendo por base uma retórica guerreira de empreendedorismo moral e emocional pela igualdade de gênero, com especial ênfase na situação das mulheres mais cruelmente estigmatizadas pelo cotidiano do regime do patriarcado: as mulheres *pobres, pretas, faveladas e lésbicas*. Por se tratar de uma militância já relativamente absorvida pelos estatutos político-jurídicos oficiais vigentes, o BREJO pode melhor se organizar como lugar desde um espaço físico, ainda que recolhido aos rincões de quase invisibilidade do campus UERN – Mossoró.

O recorte ideológico de igualdade deste lugar assume, por um lado, várias possibilidades de interface com o Movimento Antiproibicionista, abordado anteriormente, e com sua respectiva ideologia de liberdade. Mas, implica, por outro lado, uma enorme diferenciação, pois o BREJO, enquanto lugar de memória e pertença do Movimento Feminista em suas múltiplas vertentes, não investe, em suas narrativas orais e visuais, no argumento do individualismo possessivo e na sua racionalidade de maximização de benefícios próprio da ideologia liberal que coloniza, em muitos sentidos, a narrativa de liberdade individual.

A produção de signos simbolicamente marcados pelo valor igualdade, nesse sentido, é situada em sérias paradigmáticas de rostos femininos que assumem o jogo social como confronto com o elemento opressor, como luta pela dignidade, como afirmação da diferença e como superação de desigualdades, de assimetrias e de hierarquias. Estas séries paradigmáticas, por sua vez, são expandidas funcionalmente, isto é, sintagmaticamente (BARTHES, 2013), desde a tradição política

ocidental (GINZBURG, 2014) de heroísmo, de resistência, de altruísmo, de revolução, de sacrifício, de sangue derramado pela libertação das correntes que vergonhosamente desnivelam a condição de atores e agentes sociais em uma interação simbólica codependente qualquer, como a de mulheres em relação aos homens.

Nesse sentido, o lugar BREJO aciona em suas narrativas orais e visuais um conjunto de tonalizações da retórica política tradicional de combate a um inimigo ideológico, que, em linhas gerais, atende pelo patriarcado, e que, cotidianamente, se expressa em experiências de envergonhamento¹¹², de amedrontamento¹¹³ e mesmo de humilhação¹¹⁴ da condição da mulher pelos vários tipos masculinos em trânsito na universidade: estudantes misóginos, professores acossadores, funcionários preconceituosos e comunidade lgbt-fóbica. Lideranças do BREJO também incluem nessa lista de elementos que hierarquizam negativamente a presença feminina no espaço público a *cultura ggg*, como as feministas do BREJO se referem aos homens gays e suas performances de visibilidade e produção de lugares.

A ênfase na figura feminina marginal e a tonalização do estigma pela sua inversão como elemento de orgulho em relação a uma carreira moral de autoafirmação, com efeito, preenche todo o exercício de memória de produção do lugar BREJO: lugar de pertença, de reconhecimento e de prontificação para o combate das *sapas*, talqualmente são estigmatizadas as mulheres lésbicas. O lugar BREJO, no âmbito desse exercício de memórias militantes, somente logrou organizar-se mediante uma intensa campanha de mobilização no formato de debates, de rodas de conversas, de culturais, de apresentações artísticas e outras performances comunicacionais e sinérgicas.

As Figuras 5, 6, 7 e 8, abaixo, nesse sentido, paralelizam a iconografia militante do lugar BREJO com a tradição política ocidental de panfleto ideológico no formato de rosto guerreiro em jogo que encara o observador, disposto, portanto, para o combate ATÉ QUE TODAS SEJAMOS LIVRES, como bem exemplarmente pontua a fachada mais característica do empreendedorismo moral e emocional do BREJO. Com seu rosto negro amparado por uma moldura de cabelos afros nas cores LGBTQIA+ do arco-íris e pelo símbolo do feminino preenchido por mulheres em formação de marcha com mãos dadas, este hipertexto tonaliza a dureza monocromática, linear e angulosa do chamamento masculino para o combate (expresso paradigmaticamente no dedo indicador em riste

¹¹² O envergonhamento pode ocorrer, por exemplo, como estratégia de ameaça de quebra do vínculo social pela desfiguração moral do outro; pelo ataque aos atributos morais e emocionais que compõem a fachada pública do ator e agente social; ou mesmo pelo ataque aos padrões interacionais que compõem a sua linha de comportamento em lugares públicos (GOFFMAN, 2012)

¹¹³ O amedrontamento pode ocorrer no constrangimento físico, moral e emocional das capacidades de interação simbólica do outro

¹¹⁴ A humilhação se caracteriza como a deflação de uma pretensa pública, de modo a frustrar não somente projetos, mas também os campos de possibilidade em que se inscrevem trajetórias e curvas de vida.

que violentamente penetra como uma lança fálica) na irreverência acolhedora dos lábios carnudos que beijam o observador, pois que o combate do BREJO pretende a igualdade de valor para todas as mulheres como uma construção positiva das relações humanas.

Figuras 5, 6, 7 e 8: Recortes de murais do BREJO, com destaque para a fachada do DCE, da fachada BREJO e da fachada das mulheres negras, acima; e conjunto de cartazes da tradição política ocidental (inglês, americano, paulista, alemão e soviético) com o rosto em jogo para o combate ideológico.



Fonte Figuras 5, 6 e 7: Arquivo da Pesquisa – Banco de Imagens Lugares Universitários UERN - Mossoró.

Fonte Figura 8: Recorte de cartazes da tradição política ocidental de chamando à guerra.

5. O Lugar Padoça: solidariedade entre todos os companheiros

O lugar PADOÇA, - na continuidade sintagmática das narrativas orais e visuais pautadas nas ideologias de liberdade do lugar em rede do Movimento Antiproibicionista e de igualdade do lugar BREJO, - exercita, em suas memórias e iconografias militantes, o desideratum revolucionário da fraternidade. Ou, em linguagem mais atual, o valor da solidariedade, expresso como companheirismo, acolhimento das diferenças culturais e práticas de reciprocidade moral e emocional anti-produtivistas.

Trata-se, assim, por um lado, da afirmação de uma dissonância pacífica em relação às demandas oficiais da instituição universitária de acúmulo, de competição, de meritocracia e de intercâmbio mercadológico. Por outro lado, entretanto, o lugar PADOÇA articula uma resposta bastante prática ao fato de a arquitetura oficial universitária não prever, para os discentes, possibilidades outras de convivialidade que não as salas de aula, os auditórios e os laboratórios.

Os corredores mais afastados e discretos, assim como os vãos esquecidos dos departamentos, - verdadeiros não lugares desde a perspectiva oficial, - cotidianamente se apresentam para os corpos cansados ou entediados dos discentes como a única oportunidade de descanso e recarga energética. É também nesse sentido que o chamamento público de Pertença à PADOÇA, - inscrito em seu mural mais característico, - alude às necessidades mais básicas de nutrição existencial negligenciadas pela dinâmica universitária oficial, pois a PADOÇA pretende a solidariedade entre todos os companheiros que produzem e são produzidos nos lugares universitários, sejam eles discentes, docentes, funcionários e comunidade.

As Figuras 9 e 10 paralelizam os signos do mural da PADOÇA, - preenchidos simbolicamente como figuras liminares masculinas, femininas e híbridas, - na tradição política ocidental, principalmente do romantismo tardio e do modernismo (GINZBURG, 2014), de denúncia da modernidade como experiência coletiva de desespero, de destradicionalização e de desencantamento do mundo social atomizado e cada vez mais dominado por ameaças e investidas totalizantes de burocracia técnico-científica. Tradição política esta exemplarmente expressa por Picasso em seu mural Guernica, cuja tônica paradigmática é, com efeito, o horror da guerra, então industrial; mas que se trata sintagmaticamente de uma expansão do signo tradicional para a denúncia não de uma guerra convencional de choque de exércitos, mas de contorção interior e subjetiva de personagens mitológicos mutilados pelo avanço da modernização.

Figuras 9 e 10: Recortes de personagens liminares do mural da PADOCA, acima; e Mural Guernica, de Pablo Picasso, abaixo.



Fonte Figuras 9: Arquivo da Pesquisa – Banco de Imagens Lugares Universitários UERN - Mossoró.

Fonte Figura 10: Mural Guernica, de Pablo Picasso.

O recurso à tonalização goffmaniana (GOFFMAN, 2012), - mediante práticas de devaneio, de fantasia e de utopização, - do oficial instituído no social urbano complexo, da multidão impessoal e anônima (BRESCIANI, 1982) resulta, assim, na produção do lugar oficioso (BOLTANSKI, 2012) de negação do real, mas também de convivência criativa com o mesmo. O mural do lugar PADOCA e o mural Guernica, de Picasso, se alinham na mesma tradição política que formalmente denuncia os horrores da modernidade e funcionalmente busca a construção de soluções liminares e antiestruturais.

A preocupação do lugar PADOCA de ser um lugar universal de inclusão, acolhimento e cuidado se expressa, portanto, em uma narrativa oral e visual de experiência coletiva de liminaridade (TURNER, 2008 e 2013), de saída do caos real do cotidiano estrutural e de retorno a uma infância antiestrutural reflexiva, em que abundam personagens comprometidos com suas viagens oníricas de

afirmação identitária, política, social e cultural. Desta forma, o lugar PADOCA se configura como uma presentificação atual, surreal e provisória do que pretendem para o futuro os demais empreendimentos morais e emocionais do lugar BREJO e do lugar em rede do Movimento Antiproibicionista: a realização da liberdade individual de gozo da vida, para a qual o cannabis é somente um veículo, em uma situação de igualdade universal de valor de qualquer forma de vida humana, talqualmente almejam as *sapas* para si e para todas as mulheres.

O lugar PADOCA, em síntese, tonaliza a narrativa cristã de partilha do pão: quanto mais se compartilha, tanto mais cresce a massa que produz e nutre a vida. Nessa reinvenção simbólica dos signos do pão e da padaria, o lugar de pertença e de memórias PADOCA consequentemente faz uma apropriação funcional destes signos como exercício de solidariedade entre todos os companheiros, o que inclui a inserção de todas as possibilidades de ser e estar nos lugares universitários, incluindo as feministas, as antiproibicionistas, os negros, as tribos culturais urbanas, os discentes de todos os cursos universitários, os artistas, articuladores e produtores culturais da cidade de Mossoró e adjacências, os ambientalistas, os veganos, os músicos e dançarinos da Kizomba, os vegans e até mesmo os docentes interessados na interação universitária, os funcionários em geral excluídos dos processos acadêmicos e a comunidade de fora dos muros da UERN – Mossoró, desde que dispostos a se re-energizarem nessa proposta de reciprocidade solidária.

6. Considerações Finais

Este artigo apresentou um exercício analítico sobre os processos de construção de lugares oficiosos de pertença na UERN – Mossoró desde as memórias e iconografias militantes dos lugares BREJO, PADOCA e do lugar em rede do Movimento Antiproibicionista. A análise concentrou-se, com efeito, em demonstrar como esses empreendimentos morais e emocionais no urbano contemporâneo brasileiro, ainda que em roupagens locais e regionais, se insere na tradição política ocidental mais ampla de invenções e reinvenções culturais a partir de signos associados às narrativas orais e visuais de liberdade, igualdade e fraternidade.

Nesse sentido, o argumento do artigo foi o de demonstrar como os lugares oficiosos universitários abordados tonalizam, em sentido goffmaniano, a tradição ideológica em que se enquadram, apropriando-se crítica e reflexivamente, ato contínuo, dos seus conteúdos morais e emocionais. Mas, também, expandindo a imaginação profunda (simbólica), a imaginação formal (paradigmática) e a imaginação funcional (sintagmática) associada aos signos de suas narrativas orais e visuais; o que, por sua vez, atualiza seus idiomas morais e emocionais no contexto urbano de relações estratégicas.

7. Referências Bibliográficas

- BARTHES, Roland. **Crítica e Verdade**. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- BECKER, Howard S. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- BRESCIANI, Maria Stella M. **Londres e Paris no século XIX: O espetáculo da pobreza**. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- BOLTANSKI, Luc. *As dimensões antropológicas do aborto*. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 7, p. 205-245, 2012.
- BOUDON, Raymond. **A Ideologia**. São Paulo: Editora Ática, 1989.
- ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**, v. 2. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.
- ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- ELIAS, Norbert. **Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**, v. 1. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- GINZBURG, Carlo. **Medo, reverência, terror: quatro ensaios de iconografia política**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- GOFFMAN, Erving. **Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face**. Petrópolis: Vozes, 2012.
- GUSFIELD, Joseph R. **Symbolic crusade: Status Politics and the American Temperance Movement**. Chicago: University of Illinois Press, 1986.
- HARARI, Yuval Noah. **Sapiens – Uma breve história da humanidade**. Porto Alegre: L&PM, 2019.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. *Enraizamento, pertença e ação cultural*. **Cronos**, v.2, n.1, p.131-137, 2001.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. O local enquanto elemento intrínseco da pertença. In: Cláudia Leitão (Org.), **Gestão Cultural**. Fortaleza: Banco do Nordeste, p. 75-88. 2003.
- NORA, Pierre. *Entre memória e história: A problemática dos lugares*. **Projeto História**, São Paulo, v. 1, n. 10, 1993.
- TURNER, Victor W. **Dramas, campos e metáforas - ação simbólica na sociedade humana**. Niterói: EdUFF, 2008.
- TURNER, Victor W. **O Processo Ritual: Estrutura e Antiestrutura**. Petrópolis: Vozes, 2013.
- VELHO, Gilberto. **Subjetividade e Sociedade: uma experiência de geração**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.
- VELHO, Gilberto. **Individualismo e Cultura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- VELHO, Gilberto. **Antropologia Urbana: Cultura e Sociedade no Brasil e em Portugal**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999a.
- VELHO, Gilberto. **Projeto e Metamorfose: Antropologia das Sociedades Complexas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- VINCENT, Andrew. **Ideologias políticas modernas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1995.
- WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

UMA HERMENÊUTICA DO NOSSO TEMPO: NOVAS INTERPRETAÇÕES PSICOPATOLÓGICAS NA SOCIEDADE DO CANSAÇO

DÉCIO, Ricardo¹¹⁵
Francisco Ramos Neves²

1. Introdução

Existe em nosso tempo uma suposição de que aquilo que acontece conosco, não tem nada a ver com nossos modos de ser e se relacionar, encontrada tanto no senso comum quanto no discurso científico. Propiciada pela forte onda do positivismo das ciências naturais, na concepção de que há coisas subsistentes por si no mundo e no homem, pois, este é visto como um ente natural dotados de propriedades inerentes ao corpo biológico.

O grande problema desta “pressuposição” é que puseram categorias diagnósticas psicológicas no ser humano, como se ele fosse um ente simplesmente dado, uma coisa, portador de certas patologias em uma determinada área do ente (psique, mente, cérebro, neurônios). Que por conta de uma disfunção hormonal, acontece uma modificação químico-físico, surgindo as chamadas doenças mentais. Interpretação esta, totalmente fundada no modelo biomédico como algo dado no corpo biológico, como doença neuroquímica.

Neste ensejo, o ser-do-homem não é colocado em questão. Por quê? Ele é pensado sempre de forma atemporal e a-histórico, não é entendido como “relação” com aquilo que não é ele mesmo que vêm ao seu encontro. Por isso a necessidade de analisar os fenômenos humanos de hoje dentro de um campo maior, que fuja de toda substancialidade, e sim compreender a totalidade do ser-no-mundo, sobretudo, na transformação dos sentidos e significados ocorridos do século XX para XXI, que possibilitou modos de relação, que no limite, a consequência foi a aparição de uma miríade de doenças ditas “psicopatológicas”.

O cerne desta problemática, antes de tudo, contém uma compreensão ontológica, isto é, da totalidade do sentido de ser para chegar naquelas características ônticas do ser humano. É isso que Byung-Chul Han faz, ao analisar nosso tempo como a sociedade do cansaço, aludindo ao efeito do excesso de positividade e da otimização do desempenho que o neoliberalismo impôs como psicopolítica, que gerou a violência neuronal e o esgotamento. Não à toa que chamamos a depressão como a doença do século – e não do homem. É sobre esta perspectiva que vamos abordar esta questão e interpretar “como” está se dando estes fenômenos psíquicos na atualidade.

¹¹⁵ Graduando em Psicologia, pesquisador da abordagem Daseinsanálise: de base hermenêutica-fenomenológico-existencial. ricardo.decio01@gmail.com

² Professor Doutor do Departamento de Filosofia da UERN.

2. Do paradigma imunológico ao neuronal

Visto a partir da perspectiva patológica, o começo do século XXI não é definido como bacteriológico nem viral, mas neuronal (HAN, 2017, p. 07).

O Sul-coreano Byung-Chul Han, professor de filosofia e estudos culturais da universidade de Berlin, é um dos pensadores contemporâneos que tem proporcionado uma lente potente para compreendermos o binômio sociedade e o sofrimento-psíquico. Doando novas narrativas para os enlaces conjunturais que perfazem nossos modos de ser e estar no mundo, considerada como uma verdadeira máquina de produção de novos sofrimentos, chamadas de doenças neurológicas e mentais.

Aluno do pensador alemão Martin Heidegger (2015), busca fazer uma analítica do tempo para chegar às novas enfermidades do homem contemporâneo, justamente pelo [*Dasein*] ser um “ser-no-mundo”, recebe e envia a mensagem histórica em que se encontra, sendo necessário aclarar o seu modo de ser pelo método da hermenêutica-fenomenológica. Pois, para o pensador da floresta negra, todo fenômeno que se mostra é sempre debitária de um horizonte histórico que emana sentidos e significados, na qual possibilita o mesmo aparecer tal qual aparece em sua totalidade.

Se o [*Dasein*] é um sendo em seu ser-no-mundo, e não mais uma substância, pautado na “identidade substancial” como fez a tradição ocidental metafísica desde Platão e Aristóteles, então primeiramente temos que atentar para as determinações mundanas vigentes onde ele se encontra. Este ente se mostra em total “correlação”, participando, agindo e respondendo uma miríade de solicitações excessivas que o nosso tempo fornece. Deste modo, seu existir entra em curto-circuito, em decadência, “move para “promoções” desenfreadas. O decair no “mundo” já não tem mais repouso” (HEIDEGGER, 2017, p. 243).

Em seu ensaio “A sociedade do cansaço” (2017), Han procurou focar de forma precisa nas mudanças de paradigmas para ver a vigência de tais enfermidades, pois cada época tem a sua. Só que no nosso tempo, diz ele, não é mais caracterizado como uma época bacteriológica nem viral – e sim neuronal. Para ele o século XX era assentado em um pensamento imunológico, em que tanto biologicamente quanto socialmente rondavam em seu interior nomenclaturas que remetiam a exclusão – a negatividade. Mas como isto se manifestava?

Segundo Corbanezi (2018), a negatividade se dava pelo vocabulário dualista metafísico, presente mesmo na guerra fria entre “dentro e fora, próprio e estranho”. A compreensão que vingava era o militar de “ataque e defesa”. O intuito era sempre excluir o Outro, não o outro empírico, mas excluir todo e qualquer tipo de negatividade, eliminando-o, a fim de encontrar uma imunidade tanto do corpo quanto do âmbito social das relações humanas, presentes em vários discursos como sendo a interpretação ontológica do século XX.

A atmosfera que reinava era uma reação imunológica à alteridade. Sua topologia era organizada por trincheiras, barreiras e muros, em que a [Meta] era alcançar não só um distanciamento, mas a conservação e manutenção deste equilíbrio imunológico, em uma finalidade do controle dos corpos. A vacinação é um exemplo desta dialética da negatividade, em que opera uma imunorreação para expulsar a presença do intruso. E as próprias doenças eram consideradas por infecções e vírus no corpo (CORBANEZI, 2018).

Mas no início do século XXI diz Han (2017), uma nova cena se mostra com o processo de globalização e a hibridização dos povos, possibilitando o desaparecimento da alteridade, do Outro, se transformando em uma sociedade pobre de negatividades. Consequentemente, as doenças causadas por infecção e defendida de início e na maioria das vezes com uma imunorreação, declinam drasticamente pelo excesso de positividade, nascendo as doenças neuronais, e o mundo das psicopatologias se sedimenta fortemente.

Doenças neuronais como a depressão, transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH), transtorno de personalidade limítrofe (TPL) ou a síndrome de Burnout (SB) determinam a paisagem do começo do século XXI. Não são infecções, mas enfartos provocados não pela *negatividade* de algo imunologicamente diverso, mas pelo excesso de positividade (HAN, 2017, p. 08/09).

De acordo com Corbanezi (2017), todas essas manifestações vêm através da superprodução que requer um super desempenho, possibilitado por uma super comunicação em que o esquema imunológico não abarca e nem acessa mais estes fenômenos. A demasia da hiperatividade ocupou todo nosso ser-no-mundo, oferecendo de brinde, o sufocamento e a exaustão, pela decaída em modos operativos da ocupação desenfreada que leva a inautenticidade, esquecendo de sua possibilidade mais própria de superação. Deste modo, os próprios mecanismos de defesa são abolidos, “ressoando” em todos os lados um excesso do igual, precisamente porque a violência positiva não concebe inimigos, mas uma sociedade permissiva e pacificada, e por isso mesmo se torna uma violência invisível.

A positivação do mundo faz com que estas novas formas de “violência neuronal”, não venham a partir de um Outro negativo, mas ao contrário, pela positividade encontrada na própria forma de proceder do sistema. Destarte, não há a necessidade de evocar uma defesa imunológica, pois o seu terror é da imanência. “A violência da positividade não é privativa, mas exaustiva. Por isso é inacessível a uma percepção direta” (HAN, 2017, p. 20).

Uma violência imanente ao sistema. Tanto a depressão quanto o TDAH ou a SB apontam para um excesso de positividade. A SB é uma queima do eu por superaquecimento, devido a um *excesso do igual*. O *hiper* da hiperatividade não é uma categoria imunológica. Representa apenas uma *massificação do positivo* (HAN, 2017, p. 20/21).

Borges-Duarte em seu artigo “Sossego e desassossego: o paradoxo do tempo vivido” (2018), mostra que no interior desta hiperatividade se encontra não só a velocidade que faz tudo passar rapidamente. Mas mais importante a ser notado é a falta de sentido, o vazio existencial contido nas pobres experiências, que leva a uma incapacidade de articular os momentos da experiência vivida pela mecânica funcional dos dias, “sem que nada jogue com nada” (BORGES-DUARTE, 2018, p. 219).

O homem deste estado é o animal [*Laborans*] – hiperativo e neurótico. Este modo de ser agitado advém desde a perda da fé no século XIX, com a destruição da metafísica transcendental, a morte dos universais, dos absolutos, do imutável, do eterno, pela modernidade científica, denominada metaforicamente de “morte de Deus” por Nietzsche (2015). Em que o niilismo chocou seus ovos de negação de todos os valores e sentidos que sempre nos guiaram, deixando-nos órfãos de caminhos a seguir, sem pátria, sem sol. Neste ensejo, o mundo como tal se mostra totalmente transitório, não aparecendo mais duração nem substância nas relações, evaporando-se todas as unidades universais e totalizantes.

Para reagir à falta de sentido de nossa época nos entretemos com os entes intramundanos e nas ocupações para dar um sinal de permanência de mundo, se entregando totalmente a coerções do ritmo doado que já é o esquecimento dele mesmo. E para isso, “reagimos com hiperatividade, com a histeria do trabalho e da produção. Também o aceleração de hoje tem muito a ver com a carência de ser” (HAN, 2017, p. 46).

Assim, o sujeito do desempenho se entrega à liberdade coercitiva ou à livre coerção de maximizar o desempenho. O excesso de trabalho e desempenho agudiza-se numa autoexploração. Essa é mais eficiente que uma exploração do outro, pois caminha de mãos dadas com o sentimento de liberdade. (HAN, 2017, p. 29/30).

Assim, a queda da instância dominadora não leva a conquista total da liberdade, mas a coerção, anda silenciosa ao seu lado, na sensação de uma liberdade ilusória. Pois, o “estar-no-mundo” decaído totalmente nos modos de ocupação, nos afazeres cotidianos, acaba não suportando mais “a exigente rotina da programação social do trabalho, do lazer e da própria vida privada” (BORGES-DUARTE, 2018, p. 219).

Todos “os adoecimentos psíquicos da sociedade de desempenho são precisamente as manifestações patológicas dessa liberdade paradoxal” (HAN, 2017, p. 30). Regando de forma violenta, uma paisagem de doenças neurológicas, curto-circuitando a lida existencial pelo esgotamento causado por uma não-negatividade, mas pela positividade. “Pois viver continuamente à caça de ganhos obriga a despender o espírito até a exaustão” (NIETZSCHE, 2012, p. 194).

3. O Salto: Da Biopolítica À Psicopolítica

A sociedade do século XXI não é mais a sociedade disciplinar, mas uma sociedade de desempenho. Também seus habitantes não se chamam mais “sujeitos da obediência”, mas sujeitos de desempenho e produção (HAN, 2017, p. 23).

O filósofo Han articula um diálogo com o filósofo francês Michael Foucault (2012), sobre suas análises genealógicas a respeito da ligação entre saber e poder contida na emancipação dos saberes modernos. Estas, segundo o pensador da arqueologia do saber, se institucionalizaram em busca de fundamentar um [*Modus operandi*] a partir da disciplina e a coerção, no amansamento dos corpos, criando um sujeito “assujeitado”.

O nome para descrever este momento foi a “biopolítica”. Forma esta, manifestada através do [*Pan-óptico*] descrito pelo filósofo inglês Jeremy Bentham, um local que representa um projeto carcerário, privativo, onde os indivíduos são inspecionados, em que através do controle do tempo, dominava os comportamentos. Foucault na “microfísica do poder” (2012), nos mostra vários exemplos destas instituições como a escola, as fábricas, presídios, asilos, hospitais, leprosários, quartéis, em que funcionava certos enunciados discursivos e certas coerções como disciplina, através de muros e delimitações do corpo – o tornando dócil.

A genealogia, como análise da proveniência, está, portanto, no ponto de articulação do corpo com a história. Ela deve mostrar o corpo inteiramente marcado de história e a história arruinando o corpo (FOUCAULT, 2012, p. 65).

Na preleção “A ordem do discurso” (2014), o filósofo francês desvela que o modo de se assenhorear sobre o corpo, era através da produção de certos discursos em cada âmbito de acontecimentos, que no limite, controlava, selecionava, redistribuía, conjurando um poder de intervenção à base de “procedimentos de exclusão. O mais evidente, o mais familiar também, é a interdição” (FOUCAULT, 2014, p. 09).

Essas intervenções tinham o objetivo crucial do “tu deves”, de negação da liberdade, do Outro, da sexualidade, característico da época vitoriana da sociedade disciplinar, cujo fim, era o assujeitamento do homem, de sua fala, sequestrando a criação dos gestos, dos desejos, através da separação e rejeição. “As interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder” (FOUCAULT, 2014, p. 11). E o foco deste poder, se realizava como biopolítica, com dispositivos de punição e coerção sobre o [*Bios*], isto é, uma tecnologia política sobre o corpo.

Do lugar do [*bios*] característico da sociedade disciplinar onde a biopolítica imperava, segundo Han em seu livro “Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder” (2018), a sociedade do século XXI é a do desempenho. E nesta interpretação, a “analítica do poder” de Foucault e a chamada “sociedade de controle” enfatizada por Deleuze, não pode dar conta de descrever as

modificações ocorridas. Pois como vimos, a sociedade disciplinar se ancora na negatividade, na proibição, manifestada no “não ter o direito” e na “coerção”, que se articula de forma “inibitória”.

A nova configuração da sociedade do século XXI procede de forma “permissiva”, com uma liberdade exacerbada, do “poder-ser ilimitado”, comungando com o novo capitalismo que saiu do modelo produtivo para o financeiro, acoplado ao “regime neoliberal”. E que para o capitalismo alcançar sua coroação da autoprodução, busca dobrar o tempo de empenho para além dos muros e proibições. Assim, a lógica do dever passa para do “poder”, com novas técnicas neoliberais de forma psicopolítica, pois “em vez de *superar* resistências corporais, processos psíquicos e mentais são *otimizados* para o aumento da produtividade” (HAN, 2018, p. 40).

O filósofo sul-coreano busca explicitar através da metáfora do “sujeito toupeira” e do “sujeito serpente” para diferenciar estes modos. Segundo ele, enquanto o sujeito da sociedade disciplinar caminha por espaços confinados, internos e fechados, sobretudo, pela limitação de seu ser e estar nesses mundos microesféricos, é considerado um animal “toupeira”, aquele que fica limitado a estar em bolhas, na qual compromete sua liberdade através do controle do corpo (CORBANEZI, 2017).

Enquanto no regime neoliberal, aparecem novas formas de produção imateriais em rede que necessita uma abertura e uma dissolução de fronteiras, o sujeito aparece como o animal “serpente”, como projeto, como empreendedor. “A serpente não se movimenta em espaços fechados; *é a partir do movimento que abre espaço*. A toupeira, *é trabalhadora*. A cobra, por sua vez, *é empreendedora*” (HAN, 2018, p. 30).

A reduzida capacidade de movimento da toupeira coloca limites à produtividade. Mesmo que trabalhe com disciplina, ela não pode ir além de determinado nível de produtividade. A serpente anula essas limitações através de novas formas de movimento. Assim, o sistema capitalista passa do modelo-toupeira para o modelo-serpente, aumentando a produtividade (HAN, 2018, p. 30).

A biopolítica é um investimento da sociedade disciplinar como enfatizado por Foucault na “Microfísica do poder” (2012), na qual enfatizou suas empreitas no somático, no corporal, em uma política disciplinar dos corpos. Mas segundo Han (2018), no neoliberalismo rege a psicopolítica através da “otimização do desempenho”, explorando antes de tudo a [*Psykhê*]. Não há exclusão, mas inclusão no próprio sistema. Este regime descobre a [*Psykhê*] como força produtiva, atentando para psicotecnologias que autocontrolam através das mídias digitais sutilmente determinado por modos imateriais e incorpóreos. São produzidos objetos intangíveis, como informações e programas.

Corbanezi (2017) mostra que a criação destas novas técnicas de poder incorpóreas e imperceptíveis se mostram das mais variadas formas para a otimização geral do indivíduo a fim de produzir uma máxima potencialidade, que presume está dentro dele, em algum lugar inato do homem. Não à toa que o empreendedorismo é a bola da vez deste regime neoliberal, como paradigma a ser

alcançado por todos, possível não importando as circunstâncias do “aí” em que o ser humano se encontre, de suas condições financeiras e existenciais, como faz os coaching. Há sempre a inoculação de adentrar cada vez mais em um projeto, e a não parar e desistir em busca do sucesso.

A psicopolítica neoliberal inventa formas de exploração cada vez mais refinadas. Inúmeros workshops de gestão pessoal, fins de semana motivacionais, seminários de desenvolvimento pessoal e treinamentos de inteligência emocional prometem a otimização pessoal e o aumento da eficiência sem limites (HAN, 2018, p. 45).

O “sujeito de obediência” da sociedade disciplinar evapora-se completamente, explorado psiquicamente por inúmeros discursos estimulantes que visam fundamentalmente controlar não só a jornada de trabalho como antes, mas em controlar toda a vida pessoal como um todo. O problemático disso é que os bloqueios e debilidades têm que ser removidos terapeuticamente para voltar ao pleno funcionamento. A própria *cura* nas ciências psicológicas positivistas, tem como base “exclusão e eliminação” para o melhoramento do desempenho (BORGES-DUARTE, 2018).

A hiperatividade se torna o imperativo categórico contemporâneo, saindo de um dever moral para o poder ilimitado, que põe um agir sempre à busca da perfectibilidade dos modos, para obtenção dos resultados, sobretudo, pela lógica mercantil do sucesso. A própria literatura de autoajuda serve para a otimização do desempenho. E assim ele se explora. Torna-se explorador e explorado ao mesmo tempo, um empresário de si mesmo em uma luta interna com um inimigo que não está fora, mas consigo mesmo. Assim, a psicopolítica é extremamente destrutiva, ela conduz ao “colapso mental” (HAN, 2018).

4. Uma Estrutura Psíquica Pós-Freudiana?

A psicanálise freudiana só pode ser efetiva numa sociedade repressiva, que baseia sua organização na negatividade das proibições. A sociedade de hoje não é primordialmente uma sociedade disciplinar, mas uma sociedade de desempenho, que está cada vez mais se desvinculando da negatividade das proibições e se organizando como sociedade da liberdade (HAN, 2017, p. 79).

Em um diálogo instigante com a psicanálise freudiana, o Jack-Chan do pensar contemporâneo, procura estabelecer a diferenciação das formas de acessar os sofrimentos psíquicos em cada época. Para ele, o pai da psicanálise Sigmund Freud (2015) fez sua interpretação da estrutura psíquica baseado na sociedade disciplinar e no paradigma imunológico da negatividade. Uma organização social que tinha a era vitoriana como base, em leis e códigos rígidos, moralismo sexual e religioso, usada primordialmente para reprimir o desejo de forma geral, encurtando a liberdade e a potência do desejo com o “tu deves”, reprimindo, interiorizando e adoecendo, como bem enfatizou Nietzsche.

Neste ínterim, os fenômenos ditos psíquicos eram interpretados dentro desta ontologia, isto é,

pelos modos de ser que possibilitava a eclosão e instalação de sofrimentos. Uma repressão que bloqueava a energia vital que todos os humanos segundo Freud (2015), inatamente carregam em si desde a tenra infância – na sexualidade. E em torno da necessidade das vivências pulsionais, o sujeito elaboraria um “complexo” de acordo com a libertação ou restrição da pulsão.

Em “O mal-estar na civilização (2011), Freud mostra que o aparelho psíquico é formado a partir do embate entre as três instâncias: id/ego/superego. A primeira são os nossos desejos pulsionais, a libido, a sexualidade, que tem como busca o prazer, na qual encontra uma resistência frente as proibições e restrições da cultura denominado de “superego”, um conjunto de leis e normas que institui o “tu-deves”, bloqueando o “eu-quero”. O “ego” ou o “eu”, por sua vez, serve de administrador em relação a satisfação do prazer e a insatisfação do desprazer causado pela repressão. “Do mesmo que a satisfação de instintos é felicidade, torna-se causa de muito sofrer se o mundo exterior nos deixa à míngua, recusando-se a nos saciar as carências” (FREUD, 2011, p. 22).

Quando não alcança esses desejos, ou melhor, quando a libido é deslocada do seu lugar de origem, o sujeito recalca e interioriza aquilo que não podia liberar para fora, ficando retida em uma instância chamada de “inconsciente”. Diante de tanta imposição do “dever” advinda das proibições de suas inclinações, nasceriam várias patologias psíquicas como a histeria, as neuroses, as psicoses, dentre outras (FREUD, 2015).

Pois, o medo das transgressões dominava o aparelho psíquico, e o “eu” esmagado entre o desejo (id) e as proibições culturais (superego), paralisava frente ao dever moral, chegando a definhar e a sucumbir pela obediência. “O homem se torna neurótico porque não pode suportar a medida de privação que a sociedade lhe impõe, em prol de seus ideais culturais” (FREUD, 2011). Mas como enfatiza Han (2017), o mote da sociedade do desempenho de hoje não é mais o dever, e sim o “poder”, na “liberdade” de explorar as coisas e a si mesmo. Pois:

O sujeito de desempenho na modernidade tardia não se submete a nenhum trabalho compulsório. Suas máximas não são obediência, lei e cumprimento do dever, mas liberdade e boa vontade. Do trabalho, espera acima de tudo alcançar prazer. Tampouco se trata de seguir um chamado de um outro. Ao contrário, ele deve ouvir a si mesmo. Deve ser um empreendedor de si mesmo. Assim, ele se desvincula da negatividade das ordens dos outros (HAN, 2017, p. 83).

Esta descrição aponta para um esquema positivo do poder, a qual habita no inconsciente popular a máxima de que a superprodução depende do superdesempenho de cada indivíduo. Pois para alcançar o crescimento da produtividade, a negatividade se choca com estes limites, aparecendo como um bloqueio para os interesses do pensamento neoliberal de incitar a iniciativa pessoal. Neste ensejo, cada um se compromete a tornar-se ele mesmo, isto é, a tornar-se seu tempo doente: corrido e esgotado, por uma falsa liberdade que tudo pode (CORBANEZI, 2017).

Portanto, com as modificações conjunturais ocorridas, conseqüentemente a estrutura psíquica também muda. Neste ensejo, as chamadas doenças psicopatológicas vigentes no nosso tempo, não podem ser interpretados por uma ontologia passada, isto é, pelo modo de ser da sociedade disciplinar, biopolítica, baseada na negatividade, como fez Freud (2011) com a criação da psicanálise para tratar de fenômenos da época como histeria, neuroses e psicoses. Pois esses fenômenos desapareceram e, em seus lugares, ficaram [*Burnout*], depressão, ansiedade, [*Stress*], vazio existencial, etc. por isso mesmo temos que atentar para este acontecimento com mais rigor, se não caímos na metafísica.

5. *Burnout* e a depressão como consequência da positividade

O *poder* ilimitado é o verbo modal positivo da sociedade de desempenho. O plural coletivo da afirmação *yes, we can* expressa precisamente o caráter de positividade da sociedade de desempenho. No lugar de proibição, mandamento ou lei, entram projeto, iniciativa e motivação. A sociedade disciplinar ainda está dominada pelo *não*. Sua negatividade gera loucos e delinquentes. A sociedade do desempenho, ao contrário, produz depressivos e fracassados (HAN, 2017, p. 24/25).

A vida moderna nos trouxe um ritmo frenético de atuação no mundo: solicitações excessivas; a pressa; a imediatidade; a competitividade; a funcionalização da vida, a falta de sentido; etc. Pressionados pelos modos de ser que não damos conta, sobrecarregamos a existência. Enredados na perspectiva da positividade, a sociedade torna o homem cansado e exausto pela exacerbação de tais modos operativos.

O homem pós-moderno segundo Corbanezi (2017), por culpa da individualização se atomiza e, assim, o social se fragmenta gerando mais uma questão para o depressivo: a carência dos vínculos juntos com a pressão dos desempenhos, em que a existência como tal é consumida pelo trabalho excessivo além dos muros, se mostra como a única coisa que restou frente a volatilização dos sentidos supremos com a morte da metafísica, uma hiperatividade que já não tem mais repouso.

Este estado de barbárie foi pensado por Nietzsche (2012) no século XIX, mostrando uma visão póstuma do tipo de fisiologia decadente do homem. Não como falta de cadência, mas pelo fato de “estar-no-mundo” totalmente imerso na ocupação, aceitando tudo aquilo que lhe vêm ao seu encontro, “decaindo” no modo impessoal em seu ser, sem pensar e reagir aos estímulos excessivos da hiperatividade: esta é a nova barbárie segundo o alemão.

Diante deste labor incessante, não pode parar, não abre a possibilidade de descanso e, conseqüentemente, não conseguimos nos desviar e esquivar das várias solicitações, assimilando as rápidas informações de forma desconexas, restando apenas a operosidade. Sem repouso, vira um animal inquieto, experienciando tudo por uma curiosidade aguda, mas ao mesmo tempo superficial, sem trazer nada para seu espírito, pois não há aprofundamento, aparecendo assim, o vazio existencial

pela exaustão (HAN, 2017).

Hiperativo e hiperneurótico, o animal [*Laborans*] de acordo com Borges-Duarte (2018), se encontra nesta excitação nervosa, sem forma, tornado um morto-vivo pela agitação. Ficando atordoado com os excessos de direcionamentos que tem como mote sair do tédio, tenta burlar o repouso e o ócio, imergindo nas ocupações cotidianas, se consumindo no trabalho e até nos entretenimentos do passatempo, mas a atmosfera do tédio profundo (depressão) uma hora chega e se abate sobre o homem.

Assim, o sujeito do desempenho é adoecido por se auto explorar, em achar que o impossível é possível, e para isso, entra em guerra consigo mesmo. Mas como? Na medida em que se torna patrão de si mesmo sem ser patrão de si mesmo, uma guerra interna decompõe a alma até sucumbir no cansaço ou na depressão. Pois luta consigo mesmo e não mais com outro que está fora. Na tentativa de superação de si mesmo acaba sempre esgotado, pela constante busca de auto-realização, sobretudo, nas vezes que não consegue, definhando completamente (BORGES-DUARTE, 2018).

E visto que, em última instancia, está concorrendo consigo mesmo, procura superar a si mesmo até sucumbir. Sofre um colapso psíquico, que se chama de *burnout* (esgotamento). O sujeito do desempenho se realiza na morte. Realizar-se e autodestruir-se, aqui, coincidem (HAN, 2017, p. 86).

Ora, nesta autoacusação sentida e sofrida adquirimos neste embate aquilo que Heidegger (2015) chamou de [*Stimmung*], uma tonalidade afetiva fundamental que nos deixa em uma atmosfera que toma conta de todo nosso ser-no-mundo, encurtando nosso campo existencial. Ficamos à margem das ocupações diárias, presenciando a nadidade. Assim, não aparece mais aquela vontade de fazer algo. Exausto por “não-poder poder”, resta é cair na autoagressão e adquirir um sentimento de carência e de culpa, de fracasso, ficando depressivo.

Na cotidianidade presenciamos fortemente este lema da realização. Mas para conquistar tal questão, o homem pós-moderno passa por um processo de “desrealização” em seu ser, ficando esgotado, depressivo, em uma busca autodestruidora de si. “Nós nos otimizamos rumo à morte, para melhor poder funcionar. Funcionar melhor é interpretado, fatalmente, como melhoramento do si-mesmo” (HAN, 2017, p. 115).

Todos os grandes pensadores do século XX como Heidegger (2015), estavam alertando sobre esse despedaçamento sofrido pela modernidade tardia e sua total carência de ser. Em que o homem, forçando-se no mais das vezes sem alcançar um ponto de gratificação e nem de repouso, acaba definhando-se, e todo repouso é sinal de doença, pois fica de frente com a nadidade de sua indeterminação ontológica. “O cansaço da sociedade do desempenho é um cansaço solitário, que atua individualizando e isolando” (HAN, 2017, p. 71).

Neste estado, todo tipo de relacionamento com os entes em geral e todo elo fica ausente, justamente pelo fato de que a depressão não ter um objeto e uma orientação definida – a atmosfera da tonalidade afetiva não deixa estabelecer qualquer ligação. Pois “o excesso da elevação do desempenho leva a um infarto da alma” (HAN, 2017, 71).

Borges-Duarte (2018) faz uma descrição fenomenológica, sobre como esta forma de experienciar o tempo, está nos levando a uma pluralidade de sintomas que começam a fazer parte do nosso dia-dia. Pois como disse Heidegger (2015), o tempo “revela” e “desvela” a relação fundamental de nosso ser-no-mundo, não o cronológico, mas a temporalidade dos acontecimentos que acompanham nossos gestos, atos, comportamentos, bem como, os extremos patológicos das debilidades que adotamos, pois ele manifesta o sentido de ser de nosso “ser-no-mundo”, isto é, de um tempo doente:

Começa por ser o corpo a manifestar o cansaço, a exaustão; a agitação, o frenesim; as palpitações, a tensão alta. Junta-se-lhe a ansiedade, a falta de um sono descansado, a perda da memória, a incapacidade de concentração. O rendimento mental começa a claudicar, o comportamento descontrola-se, a função deixa de ser cumprida como devia. Ao esgotamento, junta-se o sentimento de culpa, a vergonha pela incapacidade de corresponder ao seu papel, a depressão. Aos aspectos orgânicos e psicológicos do *stress* juntam-se o seu alcance sócio-cultural, numa civilização em que o tempo é ingrediente de um movimento de ritmo acelerado e de pausas estratégicas, não sendo tolerados os fracassados. É um movimento epocal (BORGES-DUARTE, 2018, p. 221).

Sim. E o envio do tempo manifesta na aceleração do ritmo em uma velocidade vertiginosa, de forma “atomizada”, “fracionado”, assentando uma grande incapacidade de responder aos apelos do ser o homem “adoece”. “Perdida em tarefas exigentes, mas efêmeras, sempre substituídas por outras semelhantes e igualmente sem sintonia de continuidade, a vida de cada um corre aceleradamente e sem sabor para um fim” (BORGES-DUARTE, 2018, p. 221).

Byung-Chul Han percebe estes fenômenos como manifestações da experiência fática, da inquietude do peso de ser um vencedor que a sociedade impõe; a pressão das obrigações; a frustração de “não responder no presente” [*Stress*] acarreta para a projeção do futuro (ansiedade), levando posteriormente para a fase de “não poder responder as solicitações [*Burnout*] e depressão. Levando nosso corpo a ser o primeiro a sentir, pois está sempre em jogo, alterando nosso comportamento para uma estagnação ontológica.

6. *A vita contemplativa* como antídoto

Aprender a *ver*: - acostumar o olho à calma, a paciência, a deixar as coisas se mostrarem; protelar o julgamento, aprender a cercar cada passo particular por todos

os lados e entendê-lo. Essa é a preparação *primeira* para a espiritualidade: *não* reagir de pronto a um estímulo, mas sim, saber controlar os instintos inibidores (NIETZSCHE, 2009, p. 81/82).

Em um diálogo com o mestre da suspeita, Byung-Chul Han (2017) contrapõe a *Vita activa* com uma espécie de *Pharmakhon* para este veneno civilizatório, afim de encontrarmos uma preservação do espírito humano em tempos violentos de hiperatividade. Esta forma se pauta em uma pedagogia da *Vita contemplativa* que requer uma demora e uma atenção frente aquilo que nos chega, uma capacidade de filtrar a excessividade das solicitações.

Esta natureza contemplativa segundo Han (2017) era a verdadeira retitude das culturas passadas, a pedra angular de suas vidas, mas totalmente desaparecida nos tempos atuais. Os dons do escutar e espreitar o ser das coisas são eliminados pela volatilização do descanso, causado pela comunidade ativa. Um ego hiperativo que se afunda na próxima atividade a vista para afugentar aquela quietude do tédio. O celular é uma prova cabal do passatempo. Assim o espanto e a admiração desaparecem, reinando a rapidez do tempo em nossos gestos intranquilos.

Para ambos os pensadores o que está em torno desta questão contemplativa não é uma passividade frente a algo, mas de frisar uma limitação do “ser-no-mundo” para não reagir de imediato aos estímulos que nos chegam constantemente. Fazendo uma espécie de [*Epoché*] – uma suspensão fenomenológica para tentar uma redução dos juízos e das mãos precipitadas diante daquilo que se mostra. “*Não* reagir de pronto a um estímulo, mas sim, saber controlar os instintos inibidores, que excluem” (NIETZSCHE, 2009, p. 82).

Este modo não é uma passividade, mas um acautelar-se. Oferecendo uma resistência à opressão das solicitações intrusivas que, de início e na maior parte das vezes, não interessam a nós, são problemas do mundo, e acabamos comprando de empréstimo esta briga até adoecer. Quando aprendemos esta pedagogia existencial, que tem em seu cerne um “cuidado de si”, ficamos duros para esta intrusão. “Tornamo-nos pausados, desconfiados, hesitantes. Deixamos todas as coisas desconhecidas e *novas* acercarem-se de nós, inspecionamo-nos com tranquilidade, a afastamos as mãos” (NIETZSCHE, 2009, p. 82).

Qualquer não espiritualidade, tudo que é comum de maneira vulgar, derivam da incapacidade de resistir a um estímulo: o *ter* de reagir, seguir todo impulso. Em muitos casos, tal “compulsão já é patologia, decadência, um sintoma de esgotamento (NIETZSCHE, 2009, p. 82).

Segundo Corbanezi (2017), essa positividade excessiva faz com que nossa atenção seja destruída pela miríade de estímulos constantes, informações oferecidas pelas nanotecnologias e suas imagens. Técnicas que possibilitam multitarefas, mas ao mesmo tempo rasas. Ao invés de uma atenção profunda é colocada em seu lugar uma hiperatenção, na qual, se mostra dispersa pela

repentina mudança de foco das diversas atividades em que desde a tenra infância já somos lançados nesta conjuntura da rapidez e da eficiência que leva ao homem ativo [*Par excellence*], gerando os déficits de atenção e hiperatividade (TDAH).

Diante disto, Han conseguiu perceber em Nietzsche (2009) um movimento de contracultura capaz de se possibilitar outro tipo de modo de experienciar o real, que leve em conta a interrupção, a pausa, os entremeios e os tempos intermédios, para uma melhor apropriação da presença. Pois “o oscilante, o inaparente ou o fugidio só se abrem a uma atenção profunda, contemplativa. Só o demorar-se contemplativo tem acesso também ao fôlego, ao lento” (HAN, 2017, p. 36).

Segundo Nietzsche (2009), com a perda da [*Vita contemplativa*] o homem moderno estava em sua total vulgaridade. Pois diante do excesso de estímulos ficou incapaz de reagir e resistir, chegando naquilo que comumente chamamos de “vício”, “uma falta de polidez do espírito” frente a capacidade de não reagir, de suspender a decisão, em outras palavras, de dizer “Não”. Foi com esta crítica que o pensador procurou restabelecer o modo da velha cultura nobre e aristocrata do espírito, para criar um alicerce de uma educação forte para o porvir civilizacional, pois o homem ativo estava por toda parte com o advento da objetividade científica, que para ele por sinal, era de mau gosto.

Não obstante, a relevância deste pensamento preparatório se faz necessário em nossos tempos mais do que nunca. Entregamo-nos fortemente a todo tipo de solicitações sem ao menos ter uma atenção mais detalhada, não capturando o essencial do que se mostra (os fenômenos), apenas ficando com a superfície dos fatos empíricos, em uma espécie de inquietação nadificante. Pois:

É só a atenção profunda que interliga a “instabilidade dos olhos” gerando *recolhimento*, que está em condições de “delimitar as mãos errantes da natureza”. Sem esse recolhimento contemplativo, o olhar perambula inquieto de cá para lá e não traz nada a se manifestar (HAN, 2017, p. 37).

O próprio Nietzsche (2009), teve como tarefa primordial em seu pensamento, fazer um apelo para que este elemento contemplativo se fortalecesse na humanidade. Em que o espanto pelas coisas se fizesse presente na cultura. Hábitos estes, pautados na atenção profunda, na lentidão, no acautelar-se, na pausa, no escutar, no espreitar, no hesitar e no desconfiar. “Então é possível que, justamente com o *pathos* de sua seriedade, ele traia o modo superficial e limitado com que até agora o seu espírito se moveu” (NIETZSCHE, 2012, p. 109).

Han (2017) reforça a tese nietzschiana da não entrega imediata com as coisas que se apresentam, em busca de um sentimento elevado frente a miríade de solicitação que vem ao nosso encontro, possibilitando sair da estupidez da mecânica das diversas atividades, dispersando nossa atenção para nosso ser e estar no mundo [*Dasein*]. Uma retração a todo e qualquer lançar mão, uma soberania de diferenciar isto ou aquilo, e ver o que é melhor no momento de cada presença, evitando

assim, de definhar e sucumbir com a excessividade de atividades mundanas, ganhando uma nova forma de experienciar o mundo e nós mesmos. Eis uma grande tarefa!

7. Considerações Finais

A partir do acompanhamento das análises dos principais pensamentos contidos no livro “Sociedade do cansaço” do sul-coreano Byung-Chul Han, possibilitou subsídios bastante importantes para compreender a indigência do nosso tempo, a qual se mostra como criadora de novas patologias, disseminando diagnósticos psicopatológicos que limitam nosso “ser-no-mundo”.

Proporcionando assim, uma chave de acesso a tais fenômenos vigentes em nossa época, na medida em que traz consigo um grande diálogo com os modelos de sociedade e pensadores dos séculos passados (Foucault, Nietzsche, Heidegger, Freud), fazendo com que o horizonte hermenêutico ampliasse de tal maneira que o desvelamento para tais fenômenos se mostrou em sua diferenciação.

Um deles foi à passagem do paradigma imunológico onde contém sempre um rastro de negatividade que vem do exterior que precisa ser excluído. A alteridade prevalecia na forma social, bacteriológica e viral. Mas no século XXI apresenta-se como “violência neuronal”, no aparecimento de psicopatologias como [*Burnout*], depressão, transtorno de déficit de atenção e hiperatividade pelo excesso de “positividade”.

Outro modo foi o “salto” ocorrido da biopolítica à psicopolítica. Em que a coerção da disciplina dos corpos era possibilitada por discursos proibitivos que gerou o “sujeito obediente” onde Freud criou seu aparelho psíquico. Cedendo lugar para novas técnicas de poder psicopolítica através do regime neoliberal, que tem como intuito a liberdade do indivíduo, gerando uma coerção muito mais brutal pela otimização do desempenho e da hiperatividade, superaquecendo o “eu”, ficando esgotado no [*Burnout*] e na depressão.

É na análise de Nietzsche sobre a [*Vita contemplativa*] em contraposição a [*Vita activa*], que Han toma como antídoto para a hiperatividade, que tem como base o “não-reagir” de imediato aos estímulos que vem ao nosso encontro: na pausa, na atenção profunda, no hesitar, no desconfiar, e mais importante diferenciar o que é nosso e do mundo. Abrindo uma via de acesso para conquistar a retidão do espírito, fortalecendo-se para não sucumbir frente à demasia. Uma soberania frente à positividade como “cura”, no sentido de um “cuidado ontológico”.

8. Referências Bibliográficas

CORBANEZI, Elton. **Sociedade do cansaço**. *Tempo soc.* São Paulo. v. 30, n. 3, p. 335-342, dez. 2018.

BORGES-DUARTE, Irene. Sossego e desassossego: o paradoxo do tempo vivido. In: DUTRA, Elza [organizadora]. **O desassossego humano na contemporaneidade**. Textos apresentados III Congresso Brasileiro de Psicologia & fenomenologia. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Via Verita, 2018.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. – 25. ed. – São Paulo: Graal, 2012.

FREUD, Sigmund. **Compêndio de psicanálise**. Tradução Renato Zwick; revisão técnica e apresentação de Noemi Moritz Kon; ensaio bibliográfico de Paulo Endo e Edson Souza. - 1. ed. - Porto Alegre, RS: L&PM, 2015. (Coleção L&PM POCKET, 1187).

_____. **O mal-estar na civilização**. Tradução Paulo César de Souza. – 1ª. ed. – São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

HAN, Byung-Chul Han. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. 2ª edição ampliada – Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

_____. **Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder**. Tradução de Maurício Liesen. EDITORA ÂYINÉ – Belo Horizonte, 2018.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**; Tradução revisada e apresentação de Marcia Sá Cavalcanti Schuback; posfácio de Emanuel Carneiro Leão. 10. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança paulista, SP: editora Universitária São Francisco, 2015.

NIETZSCHE, Friedrich. **Crepúsculo dos ídolos: ou como filosofar com o martelo**. Tradução de Jacqueline Valpassos. São Paulo: Golden Books/DPL, 2009.

_____. **Gaia ciência**. Tradução Paulo César de Souza. - 1ª ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

INSTITUIÇÕES SOCIAIS: CONCEITOS E EVOLUÇÕES NA ÓTICA EPISTEMOLÓGICA DE ALGUNS AUTORES DAS CIÊNCIAS HUMANAS

Richard Fernandes¹¹⁶

1. Introdução

O presente ensaio teórico sobre Instituições Sociais ao analisar o discurso epistemológico das seguintes obras: *O que é ideologia*; *Vigiar e Punir*; *A ideologia Alemã*; *Dominação Masculina*; *A Verdade e as Formas Jurídicas*; *Construção Social da Realidade*; *Ideologia Aparelhos Ideológicos do Estado* e *Modernidade Líquida*, busca projetar para o leitor o verdadeiro papel estruturante que é desempenhado pelas instituições na sociedade.

Assim sendo, no transcorrer desta análise textual, buscaremos traçar paralelos entre os diferentes interdiscursos que compõem estas seguintes obras para podermos, assim, compreender melhor como as instituições sociais – públicas e privadas – exercem poder simbólico e coercitivo de dominação no seio da sociedade. Deste modo, o objetivo deste ensaio parte de uma perspectiva de buscarmos identificar os principais mecanismos usados pelas instituições sociais para exercerem poder de dominação, seja ele simbólico ou não, na sociedade. A princípio, utilizou-se da pesquisa bibliográfica, como método procedimental, no processo de realização desta pesquisa.

Nessa perspectiva, o realizar deste estudo se justifica pela necessidade que temos de compreender que as instituições sociais é quem organiza as regras e os procedimentos normativos de uma sociedade. Sem esse *ente*, dificilmente o ser humano passaria a ter um código moral de normas e condutas para serem cumpridas no seu convívio social. Embora cada instituição social tenha suas especificidades estruturantes, contudo, podemos afirmar que existe uma interdependência entre cada uma delas. No caso, quando existi na sociedade uma desestruturação numa determinada instituição social, como o Estado, dificilmente outras instituições sociais não irão sofrer com essa problemática.

Diante disso, a presente pesquisa se propõe a proporcionar ao leitor um texto instigante que auxiliará na construção de novas reflexões sobre o poder simbólico e coercitivo desempenhado pelas instituições no âmbito da sociedade.

2. Instituições Sociais: à maneira de exercer poder simbólico/coercitivo na sociedade

Ao debruçarmos sobre o conceito de instituição social presente no livro de Luís Althusser, *Ideologia Aparelhos Ideológicos do Estado*, passamos a compreender que a dominação simbólica é

¹¹⁶ Discente do Programa de Pós-Graduação em Cognição, Tecnologias e Instituições da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). Graduado em Pedagogia-UERN, Comunicação Social (habilitação em Publicidade e Propaganda) -UERN e Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional. richard201125@live.com

exercida no âmbito do Estado por diferentes instituições sociais, sejam elas de caráter público ou privada. Althusser, explicando melhor essa questão para o leitor vem dividir as instituições sociais em dois blocos, sendo as que agem pela repressão coercitiva – a polícia, a prisão, o exército etc., e as que atuam pela ideologia – escolas, igrejas, sindicatos, e os partidos políticos. Nesse viés, segundo Althusser (1970), essas instituições sociais, que estão todas imersas no aparelho do Estado, além de serem todas aparelhadas por uma estrutura de capital simbólico, elas exercem poder hegemônico se revestindo destes dois tipos de modelos de dominação: o ideológico e o repressivo. Para compreendermos melhor como passa a funcionar esse processador de dominação, Althusser (1970, p.46) afirma que:

Diremos de fato que qualquer aparelho de estado, seja ele repressivo ou ideológico, funciona simultaneamente pela violência e pela ideologia, mas com uma diferença muito importante que impede a confusão dos aparelhos ideológicos de estado com o aparelho (repressivo) de Estado.

Diante desse exposto apresentado por Althusser, podemos afirmar que os aparelhos ideológicos de estado, tanto o repressivo quanto o ideológico, fazem uso da ideologia para exercer poder de dominação sobre as classes sociais.

Ao aprofundarmos esta análise teórica sobre instituições sociais, Foucault (1987) vem apresentar várias outras contribuições significativas a respeito das formas tidas disciplinares aplicadas pelas instituições sociais para exercerem poder hegemônico de dominação na sociedade. No caso, o discurso reverberado por Foucault no seu livro *Vigiar e Punir* está intrinsecamente voltado para abordar os aspectos estruturantes da Instituição Prisão.

Diante desta especificidade, as análises históricas presentes no discurso de Foucault para tratar sobre a questão da instituição prisão, possibilita o leitor compreender como era realizada as primeiras práticas de punição contra aquelas pessoas que cometia algum tipo de crime bárbaro no seio da sociedade. Nesta perspectiva, segundo Foucault (1987), o modo tribal como as pessoas eram punidas no começo do século XIV, na Europa, representava a forma como as instituições exerciam o seu poder hegemônico de dominação sob os transgressores. Além disso, o poder representativo que a instituição detinha para vigiar e punir só passaria a ser simbólico para a sociedade quando deixava marcas tanto no corpo quanto na alma do indivíduo, que, a princípio, era acusado de transgressões.

À primeira vista, essa forma de vigiar e punir os transgressores da lei, passou, também, a ser exercido pela Igreja Católica, na Idade Média. Essa instituição ao exercer grande poder tanto econômico quanto religioso na sociedade medieval, buscou a todo preço combater aquelas pessoas que eram acusadas de heresias. As formas como os transgressores eram punidos por essa instituição milenar, de fato, passou a contrapor, muitas das vezes, o seu discurso de paz presente na liturgia cristã.

Nesse contexto, geralmente, quando ocorriam os suplícios, o corpo do indivíduo sofria inúmeras atrocidades para que o criminoso confessasse o seu crime ou negasse perante uma plateia de espectadores. Em relação a essa prática de se fazer justiça, Foucault (1999) vem afirmar que

Se o assassino cometeu o crime desta ou daquela maneira, será preciso matá-lo cortando-o em pedaços, ou cortando-lhe a cabeça e colocando-a em uma estaca na entrada de sua casa. Esses atos vão ritualizar o gesto de vingança e caracterizá-lo como vingança judiciária (FOUCAULT, 1999, p.57).

Foucault ao apresentar as formas como a justiça era feita pelo dominante para punir um assassino, podemos perceber que o mais importante para esse tipo de “lei” era atingir o corpo do indivíduo para que outras pessoas presenciasse o fato e, conseqüentemente, não viessem a cometer a mesma barbaria que o preso tinha cometido contra alguém.

Para tanto, mesmo os espetáculos protagonizados pelos suplícios à população terem deixado de existirem no fim século XVIII, no continente europeu, contudo, o corpo em conjunto com a alma, ainda passaram a estarem interligados para sofrerem punições dentro da prisão a partir do século XIX. A princípio, o indivíduo, com o surgimento da instituição prisão na Idade Contemporânea, passou a responder pelos seus crimes em regime privado de liberdade. Para podermos compreender a sistemática do poder exercido pela instituição prisão no início desse período, Foucault (1987) vem dizer que

A forma-prisão preexiste à sua utilização sistemática nas leis penais. Ela se constituiu fora do aparelho judiciário, quando se elaboraram, por todo o corpo social, os processos para repartir os indivíduos, fixá-los e distribuí-los espacialmente, classificá-los, tirar deles o máximo de tempo, e o máximo de forças, treinar seus corpos, codificar seu comportamento contínuo, mantê-los numa visibilidade sem lacuna, formar em torno deles um aparelho completo de observação, registro e notações, constituir sobre eles um saber que se acumula e se centraliza. A forma geral de uma aparelhagem para tornar os indivíduos dóceis e úteis, através de um trabalho preciso sobre seu corpo, criou a instituição-prisão, antes que a lei a definisse como a pena por excelência (FOUCAULT, 1987, p. 260).

Foucault ao descrever as formas como a instituição prisão passou a exercer poder de dominação sobre o indivíduo, faz com que o discurso de vigiar e punir, verbalizado pela instituição prisão, a partir do século XIX, seja compreendido pela sociedade não mais como algo violento, mas, sim, como reparador da conduta antissocial do indivíduo.

De fato, o poder emanado pela instituição prisão além de buscar disciplinar o indivíduo aos ditames legais como a lei determina, passou, também, a docilizar os corpos dos detentos. Esse modo silencioso de vigiar e punir que foi posto em prática pela instituição prisão a partir do século XIX possibilitou que fosse desconstruído o antigo modelo de punir que passou a ser adotado no início do século XIII na Europa medieval. Agora, a forma de punir, revista pela instituição prisão, busca

transmitir para a sociedade civil que o indivíduo não estava mais sofrendo nenhum tipo de maleficência ao seu corpo, mas, sim, está sendo disciplinado e docilizado para ser posteriormente colocado em liberdade pela justiça (FOUCAULT, 1987).

Para tanto, o discurso verbalizado pela instituição prisão a partir do século XIX passou a não condizer com a realidade insalubre vivenciada pelos detentos dentro das prisões. De acordo com Foucault (1987), a prisão não tem nenhum interesse em ressocializar os indivíduos condenados à prisão, tendo em vista que os perseguem mesmo quando eles não estão mais detidos ou respondendo judicialmente pelos seus crimes. Os registros e anotações são deixados arquivados em bancos de dados, seja físico ou online, para servir justamente como instrumento de informação para alguma pessoa que deseja, porventura, vislumbrar o histórico de antecedentes criminais do indivíduo. Neste caso, quando um indivíduo tem já passagem pela prisão, em determinados serviços públicos, ou até mesmo em organizações particulares, sua mão de obra, às vezes, é totalmente rejeitada pelas instituições. Isso decorre, principalmente, porque a instituição prisão criou uma nova “identidade” para o indivíduo impossibilitando, assim, a sua ressocialização perante a sociedade (FOUCAULT, 1987).

Nesse contexto, quando analisamos o discurso da disciplinaridade presente no livro de Foucault (1987), fica evidente que não somente a prisão fez uso desse mecanismo de punição ideológica, mas também outras instituições, como, por exemplo, as escolas, os hospitais, os asilos, e as prisões fizeram uso dessa prática. Todas essas instituições sociais passaram a exercer controle ideológico na sociedade a partir da disciplina. Para compreendermos como isso funciona, Foucault (1999) vem dizer que:

O poder disciplinar é com efeito um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior “adestrar”; ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor. Ele não amarra as forças para reduzi-las; procura ligá-las para multiplicá-las e utilizá-las num todo. Em vez de dobrar uniformemente e por massa tudo o que lhe está submetido, separa, analisa, diferencia, leva seus processos de decomposição até às singularidades necessárias e suficientes. “Adestra” as multidões confusas, móveis, inúteis de corpos e forças para uma multiplicidade de elementos individuais — pequenas células separadas, autonomias orgânicas, identidades e continuidades genéticas, segmentos combinatórios. A disciplina “fabrica” indivíduos; ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício (FOUCAULT, 1987, p. 195).

Quando analisamos esse exposto apresentado por Foucault (1987), percebemos que a disciplina é um tipo de poder ideológico exercido pelas instituições sociais com objetivo de enquadrar o indivíduo aos seus modos dogmáticos de agir e pensar.

É bem verdade que, o pensamento de Foucault passa a convergir intrinsicamente com o de Marilena Chauí, principalmente quando ela vem dizer que a sociedade civil está organizada através de um conjunto de instituições sócias. Cada instituição tem seu sistema de ideias que, por sua vez, é

revestido pelo um controle estruturante de classes. É a partir da multiplicidade de controles disciplinares que a ideologia proporciona as instituições sociais o poder simbólico para dominar o indivíduo. Quando há esse poder de dominação por parte da instituição social passa a existir a luta de classes entre os dominantes contra os dominados. Exemplificando melhor essas relações de forças, Chauí vem dizer que:

A sociedade cível realiza-se através de um conjunto de instituições sociais encarregadas de permitir a reprodução ou a reposição de relações sociais-família, escola, igreja, polícia, partidos políticos, imprensa, meios de informação, magistraturas, estado, etc. Ela é também o lugar onde essas instituições e o conjunto das relações sociais são pensados ou interpretados por meio das ideais- jurídicas, pedagógicas, morais, religiosas, científicas, filosóficas, artísticas, políticas, etc (CHAUI, 2008, p.70).

De acordo com o pensamento de Chauí (2008), fica evidente que as instituições sociais são campos de produção de ideias e de forças, que, simbolicamente, se distingue ordenadamente uma da outra pela normatização de suas práticas, sociais, ideológicas, políticas e pedagógicas.

Dialeticamente, quando analisamos esse discurso de Chauí, percebemos que ele existe, de fato, relações epistemológicas com o da obra de Bourdieu: *O Poder Simbólico*. Isso se torna evidente para o leitor no momento em que Bourdieu traz os conceitos de *campo* e de *habitus* no seu livro. Como para Bourdieu as instituições sociais são campos estruturantes de relações sociais, que habilita inúmeras concepções ideológicas –, cada campo – escolas, igrejas, partidos políticos, família, e exército têm suas regras, princípios, e valores disciplinares que válida ou não os *habitus* dos indivíduos em sociedade. Para compreendermos o conceito de campo, Bourdieu vem afirmar que:

O campo, no seu conjunto, define-se como um sistema de desvio de níveis diferentes e nada, nem nas instituições ou nos agentes nem nos actos ou nos discursos que eles produzem têm sentido senão relacionalmente, por meio do jogo das oposições e das distinções. (BOURDIEU, 1989, p. 179).

A partir deste exposto, podemos compreender que o campo é organizado pelas relações de forças entre os atores que existe no universo dele. São os modos diferentes de pensar destes atores no campo que acaba existindo as disputas, seja elas ideológicas ou não. As disputas ideológicas são de práxis, no campo da política, onde acabam existindo os partidos de direita e de esquerda.

Nessa perspectiva, retornando ao processo de relações sociais abordado por Chauí (2008), percebemos que as instituições buscam controlar os modos de pensar do sujeito a partir do uso da ideologia. Segundo Chauí, o principal dispositivo usado pelas instituições sociais para exercer esse poder simbólico na sociedade são o conjunto de ideias estruturantes que passa a ser reverberado pelas instituições. A igreja, os partidos políticos, a família, e os sindicatos são exemplos de instituições sociais que além de agir pela ideologia, tem o seu próprio poder simbólico que age dentro de uma

determinada formação discursiva, que pode incluir e, ao mesmo tempo, excluir os indivíduos transgressores do seu sistema normativo de ideias, valores, normas, etc. No caso, o discurso emanado por cada instituição social desta citada tem uma classe social, ou até mesmo um grupo de indivíduos específico que o reverbera. Isso decorre, sobretudo, porque todo discurso de classe só tem sentido em um espaço histórico e socioideológico.

Contribuindo com esse pensamento, Berger (1985) vem dizer que as instituições sociais passam a exercer controle social sobre o comportamento do indivíduo assim que institucionaliza os seus hábitos naturais e profissionais. A princípio, a primeira instituição a realizar esse processo de institucionalização, podemos afirmar (segundo a teoria deste autor) que é a família, tendo em vista que antes mesmo que o indivíduo venha a nascer já existe uma biografia formulada pelos pais a espera desse sujeito. No transcorrer dos primeiros anos de vida desse sujeito em sociedade vai existindo várias outras instituições, sem ser à família, que passam a modelar e, por sua vez, a controlar o seu comportamento e discurso, como, por exemplo, a Escola, a Igreja, e o Estado (BERGER, 1985).

Ampliando essa discursão, Bourdieu traz no seu livro: *Dominação Masculina* exemplos de instituições sociais no qual passaram a institucionalizar, ao longo das décadas, a reprodução da divisão entre os gêneros: masculino e feminino. De acordo com Bourdieu, a Família, a Igreja, a Escola e o Estado buscaram reproduzir, ao longo do tempo, um discurso para a sociedade de que as mulheres, mesmo sendo maioria no mundo, partilham de certas dificuldades que as impedem de exercerem algumas funções específicas no mercado de trabalho. Em tese, essa construção social da realidade, que está presente no discurso destas instituições, segundo Bourdieu, ver a mulher apenas como um ser do sexo frágil, que precisa permanecer ao cotidiano da unidade familiar para realizar somente atividades domésticas. De fato, para estas instituições a submissão da mulher ao homem era algo necessário para manter os princípios patriarcais na sociedade.

De maneira geral, esse poder simbólico emanado pelas instituições sociais passou a circunscrever, ao longo dos séculos, não só sobre a figura da mulher, mas também sobre a criança. Segundo Berger (1985), o indivíduo mesmo atingindo a idade adulta ele não deixa de ser controlado ou vigiado pelas instituições. Isso porque, essas repartições exercem o seu poder simbólico institucionalizando um rol de receitas com regras para o indivíduo cumprir no âmbito da sociedade. No momento em que o indivíduo não acata os princípios normativos propostos por uma instituição, como o Estado, ele passa a sofrer várias medidas coercitivas, que, às vezes, pode até mesmo retirar o seu direito de liberdade. Explicando melhor essa questão, Berger vem afirmar que as instituições controlam a conduta do indivíduo.

As instituições devem pretender, e de fato pretendem ter autoridade sobre o indivíduo, independentemente das significações subjetivas que este possa atribuir a

qualquer situação particular. A prioridade das definições institucionais das situações deve ser coerentemente preservada das tentações individuais de redefinição. As crianças devem “aprender a comporta-se e, uma vez que tenha aprendido, precisam manter na linha”. O mesmo se dá naturalmente com os adultos. Quanto mais a conduta é institucionalizada tanto mais se torna predizível e controlada (BERGER, 1985, p. 89).

De acordo com o pensamento de Berger (1985), fica evidente que as instituições sociais buscam exercer controle sob o comportamento do indivíduo a partir da institucionalização de suas condutas. No momento em que o indivíduo incorpora as regras normativas postas por uma instituição social é natural que ele passe a colocá-las em prática no seu convívio social com outras pessoas. Exemplo disso são as religiões que busca não só implantar a sua ideologia, mas também propõem aos fiéis que a reproduza e coloquem em prática no seu dia a dia uns-com-outros.

Nesse contexto, no que se refere à institucionalização da conduta do indivíduo pelas instituições, a lei por ser um instrumento que está a serviço do Estado, tornou-se no século XIX, um poder essencial para determinar o que está certo ou errado nas ações praticadas pelo indivíduo em sociedade. Quando o indivíduo transpassa através do seu comportamento algumas condutas institucionalizadas pela lei, ele é automaticamente punido pelo poder normativo que compõe a estrutura do Estado. É a partir dessa relação de forças que o estado age para controlar a hierarquização de classes.

Assim sendo, quando passa a existir uma hierarquização de classes na sociedade torna-se mais fácil para os dominantes (que pertencente alguma instituição) legitimar o seu poder simbólico de controle perante a sociedade. No exercício desse poder simbólico, podemos afirmar, segundo Bourdieu (1989), que ele pode ocorrer tanto pelo capital econômico (que pode estar ligado a diferentes aspectos estruturantes) quanto pela ideologia.

A classe dominante é o lugar de uma luta pela hierarquia dos princípios de hierarquização: as fracções dominantes, cujo poder assenta no capital económico/têm em vista impor a legitimidade da sua dominação quer por meio da própria produção simbólica, quer por intermédio dos ideólogos conservadores os quais só verdadeiramente servem os interesses dos dominantes *por acréscimo*, ameaçando sempre desviar em seu proveito o poder de definição do mundo social que detêm por delegação; a fracção dominada (letrados ou «intelectuais» e «artistas», segundo a época) tende sempre a colocar o capital específico a que ela deve a sua posição, no topo da hierarquia dos princípios de hierarquização (BOURDIEU, 1989, p.12).

De acordo com Bourdieu (1989), as classes dominantes assentam o seu poder hegemônico tanto pelo capital econômico quanto pela ideologia. Estes dois tipos de poder simbólicos são usados pelas classes dominantes para manter a sua hierarquização social perante os dominados.

Em linhas gerais, se até o momento foi apresentado as instituições sociais como sendo estruturas sólidas e, em certo sentido, supremas no seu discurso, *a priori*, esse pensamento inocular será desconstruído pelo sociólogo francês Zygmunt Bauman no seu livro Modernidade Líquida.

Nessa perspectiva, Bauman, ao buscar caracterizar o atual modelo de sociedade contemporânea vem dizer que, com a modernidade líquida, as instituições sólidas – Estado, Família, e Igreja estão passando por um processo de derretimento em sua estrutura de poder. Isso porque as pessoas que vivem verdadeiramente a fluidez da modernidade líquida não estão mais se engajando com os discursos emanados por essas instituições. Preferem agora serem livres, longe de instituições que possam institucionalizar os seus hábitos naturais e profissionais. Explicando essa nova fluidez, Bauman (2001) argumenta:

O que está acontecendo hoje é, por assim dizer, uma redistribuição e relação dos “poderes de derretimento” da modernidade. Primeiro, eles afetaram as instituições existentes, as molduras que circunscreviam o domínio das ações-escolhas possíveis, como os estamentos hereditários com sua alocação por atribuição, sem chance de apelação. Configurações, constelações, padrões de dependência e interação, tudo isso foi posto a derreter no cadinho, para ser depois novamente moldado e refeito; essa foi a fase de quebrar a forma de história da modernidade inerentemente transgressiva, rompedora de fronteiras e capaz de tudo desmoronar. Quanto aos indivíduos, porém – eles podem ser desculpados por ter deixado de notá-lo; passaram a ser confrontados por padrões e figuras que, ainda que novas e aperfeiçoadas, eram tão duras e indomáveis como sempre (BAUMAN, 2001, p. 13).

De acordo com Bauman (2001), na modernidade líquida, as instituições sociais viram o seu poder de controlador se derreter no espaço. Isso porque, na modernidade líquida, os indivíduos além de não se engajarem mais nas ações promovidas pelas instituições, buscam ser *entes* livres de qualquer controle ideológico ou coercitivo.

3. Considerações Finais

Procuramos, neste ensaio, discutir não só o conceito de instituição, mas também analisar mais profundamente as formas como cada autor trabalhou essa temática na sua obra. Foi a partir desse propósito que verificamos como as instituições exercem poder de dominação na sociedade.

Apesar dos autores não trazerem um debate específico tratando apenas sobre instituições, contudo, através deste ensaio, tornou-se evidente que cada instituição de alguma forma exerce poder de dominação na sociedade. As formas como essa ação ocorre – ideológica ou coercitiva – possibilita que cada instituição tenha suas próprias regras e procedimentos normativos para exercer poder de dominação sob o indivíduo.

Diante destes aspectos, espera-se que a partir do desenvolvimento dessa pesquisa científica possam surgir novos trabalhos acadêmicos para contribuir com mais discursões sobre instituições sociais.

4. Referências Bibliográficas

- ALTHUSSER, L. **Ideologia e aparelhos ideológicos do estado**. 3ª ed. Editorial Presença, 1970.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Tradução, Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BERGER, Peter L. (org) **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Petrópolis, Vozes, 1996.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Tradução Fernando Tomaz. Rio de Janeiro. Difusão Editorial, Lda. 1989.
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 11ª ed. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2012.
- CHAUÍ, M. **O que é ideologia**. 2 ed. São Paulo. Brasiliense, 2008.
- FOUCAULT, M. **A Verdade e as Formas Jurídicas**. 2.ed. Rio de Janeiro: Nau Ed., 1999.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987.
- MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. Trad. Castro Costa, L. C são Paulo: Martins Fontes, 2002.

A PUNIÇÃO DO CANGACEIRO JARARACA NA CIDADE DE MOSSORÓ/RN: ELEMENTOS HISTÓRICO-CRIMINOLÓGICOS DA APLICAÇÃO DA PENA CAPITAL

Rodrigo Nunes da Silva¹¹⁷

1. Introdução

O presente ensaio historiográfico pretende despretensiosamente fazer uma abordagem de nuance crítica de um fato que envolve o mais importante evento celebrado até hoje na cidade brasileira de Mossoró, estado do Rio Grande do Norte. Trata-se do evento acontecido em 13 de junho de 1927: o ataque do temido cangaceiro Lampião rechaçado em combate por civis e guardas municipais comandados pelo então prefeito da cidade, Rodolfo Fernandes. Para além desse enfoque histórico, a presente pesquisa intenta problematizar uma análise da pena de morte aplicada pelos combatentes mossoroenses ao cangaceiro Jararaca, cujo nome era José Leite de Santana, que fora baleado e preso, sendo guardado na cadeia pública de Mossoró, hoje o museu municipal da cidade.

A investigação tomará por base os escritos bibliográficos que já trabalharam e pesquisaram sobre o assunto, visita ao museu da cidade (onde consta farta documentação da temática), além de pesquisas aos jornais da época que evidenciam, além dos depoimentos dos envolvidos, reportagens e registros fotográficos dos fatos explicitados.

Os documentos jornalísticos constituem importante fonte de pesquisa histórica, embora restrita e sujeita a uma interpretação crítica¹¹⁸ uma vez que os fatos narrados são expressões daqueles que os escreveram. Nesse contexto, é preciso deixar claro que uma narrativa histórica deve ser reconstruída sob uma ótica asséptica e acompanhada de uma devida análise crítica, sobretudo quando a pesquisa advém dessas fontes jornalísticas e de testemunhos (RABINOVICH-BERKMAN, 2016, p. 43).

A descrição da invasão de Lampião em Mossoró é revestida de um tom emocional, festivo e heroico, continuamente alimentado pelos jornais durante noventa anos. Doutro lado, uma parte desse episódio, a saber, a morte do cangaceiro Jararaca, comparsa de Lampião, sempre ficou desacreditada e sob penumbra, somente vindo a ser destaque pelos idos dos anos 70. Depois disso, as circunstâncias

¹¹⁷Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/UERN. Especialista em Direito Penal – Faculdade Damásio/SP. Graduado em Direito/UERN. Participante do Grupo “Estado, Segurança Pública e Cidadania” da UERN-2018.

¹¹⁸O estudo historiográfico pressupõe, num contexto reconstutivo ideal, de uma análise crítica dos testemunhos apurados. Nesse sentido: RABINOVICH-BERKMAN, Ricardo David. *Manual de história del derecho*. Buenos Aires: Astrea, 2016. p. 36.

da morte tornaram o bandido uma figura mítica, sendo todo esse tempo rememorado no famoso dia de finados (02/11) no cemitério central da cidade¹¹⁹.

Apesar de várias versões da morte do cangaceiro do bando de Lampião serem conhecidas, e perseverarem ao longo dos anos, uma delas possui maior coerência devido a fonte coletada: Jararaca sofreu a pena capital aplicada, sem qualquer previsão legal, pela guarda policial local. De onde proveio a ordem? Quem de fato torturou e assassinou o prisioneiro? A pena aplicada se auto fundamentou pelo caráter delituoso do bandido? Que elementos criminológicos e discursivos circundaram a punição?

Essas questões até hoje pairam às escuras nos registros históricos e nas lembranças então comemoradas¹²⁰ atualmente na “cidade da resistência”. Essa pesquisa se propõe a contextualizar o evento que resultou na morte de Jararaca por meio dos discursos punitivistas e de vingança tão dissipados pelos jornais do interior do nordeste brasileiro. Região pobre, sem presença estatal e assolada pelas desavenças políticas e familiares, mas que começava a desabrochar para um tardio desenvolvimento econômico sempre acompanhado por profundas desigualdades sociais. Por efeito, há uma vasta literatura que discorre acerca do movimento conhecido como “cangaço”, que protagonizou, no final do século XIX e início do XX, inúmeras histórias de terror, sangue, e também feitos heroicos.

Com o fito maior de aprofundar o debate acerca da provável causa que dispara a aplicação da pena de morte a Jararaca, traçaremos, além da historiografia necessária dos fatos narrados, uma abordagem criminológica a partir dos estudos de Cesare Lombroso os quais se dedicavam a estabelecer preceitos positivistas e antropológicos para a figura do criminoso. É possível essa associação tendo em vista o tratamento dado a aqueles que provinham do cangaço e toda a fama que os rodeavam. Na sequência, trabalharemos, numa perspectiva discursiva, mas também dogmática, do próprio assassinato do prisioneiro por forças públicas na contramão dos preceitos morais, legais e republicanos que vigoravam, pelos menos simbolicamente, no início do século XX no Brasil.

2. O Ataque de Lampião a Mossoró/RN

A cidade de Mossoró, localizada no interior do estado do Rio Grande do Norte, além de ser conhecida como a “capital do oeste” possui fama nacional notadamente por três eventos: o pioneirismo na libertação dos escravos no Brasil (1883), o primeiro voto feminino (1928) e a

¹¹⁹ O túmulo de Jararaca é até hoje um dos mais visitados no dia de finados no cemitério público da cidade de Mossoró/RN.

¹²⁰ A resistência ao ataque de Lampião é comemorada na cidade de Mossoró/RN durante os eventos festivos do mês de junho.

resistência da cidade ao ataque do bando de Lampião. Este último episódio, senão o mais importante, sempre foi considerado como mais o festivo pela imprensa e pelo poder público local.

Por não menos que isso, Mossoró também sempre despontou como polo de desenvolvimento econômico da região¹²¹. Nos idos de 1927 a cidade, que tinha uma população de 20.300 habitantes, já dispunha de um comércio promissor, o maior parque salineiro do país, estrada de ferro, porto para escoar produção, repartições públicas federais e estaduais e agência do Banco do Brasil (FERNANDES, 1985, p. 25-26). Situada entre as capitais Natal e Fortaleza, Mossoró sempre possuiu uma disposição geográfica estratégica. Nessa época, circulavam na cidade três jornais: O “Correio do Povo”, “O Nordeste” e “O Mossoroense”, este o mais antigo, fundado em 1872.

Este período, que coincide com o final da República Velha brasileira, se caracteriza pelo arranjo político-familiar dos produtores e proprietários de terra, pela corrupção eleitoral e pelo coronelismo, além da concentração de riquezas no eixo centro-sul do país. Na região Nordeste, além da seca, os apadrinhamentos políticos e as profundas desigualdades sociais afetavam (e ainda afetam) fortemente as cidades e a área rural, especialmente aquelas situadas no interior das províncias, donde a emigração era contínua. A presença estatal era mínima e a lei, em que pese a vigência de uma constituição republicana com ideais iluministas e libertários, era aplicada conforme os desejos de uma elite ascendente. É nesse panorama que surge o movimento conhecido como “cangaço”.

O cangaço tem origem em fontes diversas de interpretação. A principal aponta para a junção de mestiços muito pobres, sem qualquer acesso à educação e a uma vida digna, que buscavam, por meio de crimes, uma realidade cotidiana melhor para eles e para suas famílias. O sertão nordestino era um habitat desejável já que não possuía ainda estradas entre diversas localidades, a força policial era mínima e a geografia facilitava o transporte por cavalos. Era também no sertão interiorano que os ilustres coronéis e políticos detinham suas posses e riquezas (NONATO, 2005, p. 13-15). Esta pesquisa não se propõe a debater amplamente a historiografia do cangaço, muito diversa e controvertida, mas a um fato específico resultante da invasão do bando do mais famoso cangaceiro da região: Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião.

O lendário Lampião ganhou fama no nordeste brasileiro notadamente por dois motivos: a fama de cangaceiro violento¹²² (e obstinado) e o fato de ter recebido a patente de Capitão do Exército

¹²¹ A cidade de Mossoró hoje conta com uma população estimada, segundo o IBGE, de 294.076 habitantes (2018). Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rn/mossoro/panorama>, acesso em 08/04/2019. Continua sendo uma cidade polo da região oeste do estado, concentrando ainda o maior parque salineiro do país e referência na indústria do petróleo. Nos últimos anos ganhou relevo enquanto centro universitário: possui duas universidades públicas (federal e estadual) e cinco privadas.

¹²² Muito se noticiava pelos jornais da época a fama de violência e selvageria carregada por Lampião e seus comparsas de forma a associar os cangaceiros às interpretações das teses positivistas defendidas pelo criminologista italiano Cesare Lombroso.

dada pelo Padre Cícero em 1926¹²³. Foi no final deste mesmo ano que Lampião, incentivado por informantes e outros cangaceiros do bando, começava a planejar a invasão à capital do oeste potiguar motivado pelas notícias da economia pujante daquela cidade e também pela escassa força policial existente em Mossoró.

As notícias da provável invasão já chegavam ao prefeito mossoroense Rodolfo Fernandes e o temor da invasão torna-se real quando em 10 de maio de 1927 cangaceiros comandados por Massilon, membro do bando de Lampião, invadem a cidade de Apodi (situada a 80 km de Mossoró) promovendo uma onda de assaltos e destruições¹²⁴. Tal acontecimento fez com que o prefeito Rodolfo Fernandes divulgasse aos munícipes uma mensagem por meio do jornal “O Nordeste” no dia 30 de maio daquele ano:

A prefeitura de Mossoró avaliando o desassossego de muitas famílias e apreensões no espírito público, pelos boatos alarmantes sobre os bandidos que assaltaram algumas localidades do Estado, declara, para tranquilidade de todos que o Governo do Estado tem tomado as providências para defender todos os municípios. Segundo as notícias oficiais, os bandidos acham-se fora do Estado que mantém uma linha de defesa [...] Nossa preocupação é de tal ordem, em garantir a segurança da cidade, que toda a nossa atividade nesses últimos dias, se tem aplicada em dispor a defesa, com a louvável e benemérita cooperação dos cidadãos mossoroenses que, para isto, não regateiam esforços (*O Nordeste*, 1927, p.1).

O sentimento na cidade já era de temor e as notícias se proliferavam acerca da invasão dos temidos cangaceiros que já se encontravam nos limites dos estados da Paraíba e do Rio Grande do Norte. Lampião possuía além da sua tropa, outras duas comandadas por Sabino Gomes e Massilon. Motivado pelos rumores e mensagens que chegavam a todo instante, o prefeito Rodolfo Fernandes cria a Guarda Municipal por meio da lei n.º 85, publicada no jornal “O Mossoroense” do dia 22 de maio de 1927. A cidade então se preparava para o pior. O efeito surpresa, característico dos ataques lampiônicos, não seria aplicado na invasão a Mossoró. Nesse sentido, narra o professor de História da UERN, Marcílio Falcão:

Entre os planos arquitetados estava o zoneamento do centro da cidade com o auxílio de trincheiras, feitas de fardos de algodão na residência do prefeito, no prédio do correio e telégrafo, casas comerciais e Banco do Brasil. Enquanto isso, grande parte da população, em razão das experiências de outros vilarejos e cidades atacadas por Lampião - famosas na imprensa pernambucana pelo uso da violência, fugiu para

¹²³ O padre e político cearense Cícero Romão Batista convocou e reuniu-se com Lampião para solicitar ajuda no combate à coluna comunista de Luiz Carlos Prestes que percorria todo o Brasil e passaria naquele momento pelo interior do Ceará. Os jornais locais evidenciavam inclusive o apoio do governo e políticos cearenses, com armas e munições, ao bando de Lampião. Vide FALCÃO, Marcílio Lima. *Jararaca: memória e esquecimento nas narrativas sobre um cangaceiro de Lampião em Mossoró*. Mossoró: UERN, 2013. p. 29.

¹²⁴ O fato foi noticiado em Mossoró pelo jornal “O Nordeste” em 14 de maio de 1927.

Areia Branca, cidade litorânea distante 50km de Mossoró. Os que ficaram, esperaram silenciosamente Lampião e seus cangaceiros em diversos pontos da cidade (FALCÃO, 2018, p. 45).

Cruzando o oeste potiguar, Lampião e seu bando chegam no dia 12 de junho à localidade de São Sebastião¹²⁵ onde mantém vários prisioneiros, dentre os quais o Cel. Antônio Gurgel. Neste vilarejo, alguns cangaceiros de seu bando, contra a sua vontade, incluindo Jararaca, promovem badernas, saques e incêndios (FERNANDES, 1985, p. 114-116). Já na madrugada do fatídico 13 de junho, entram em solo mossoroense, fazendo parada no sítio “Passagem de Oitica” e de lá, por intermédio do refém Cel. Antônio Gurgel, Lampião encaminha a primeira mensagem ao prefeito Rodolfo Fernandes solicitando a quantia de quatrocentos contos de réis para não invadir a cidade (FERNANDES, 1985, p. 146-147). A resposta do prefeito é quase imediata. Escreveu ele:

Mossoró, 13.06.1927 – Antônio Gurgel.

Não é possível satisfazer-lhe a remessa dos quatrocentos contos, pois não tenho, e mesmo no comércio é impossível encontrar tal quantia. Ignora-se onde está refugiado o gerente do Banco do banco, Sr. Jaime Guedes. Estamos dispostos a recebê-los na altura em que eles desejarem. Nossa situação oferece absoluta e inteira segurança.

Rodolfo Fernandes (FERNANDES, 1985, p. 149).

Lampião resta pensativo. O mensageiro informa que a cidade está bem protegida. No entanto o conhecido rei do cangaço não poderia demonstrar fraqueza. Com última tentativa, faz de próprio punho o segundo ultimato. A resposta vinda novamente do prefeito repisava o já dito. Sem outro caminho, Lampião parte com seu bando numa tarde chuvosa com direção ao Centro da cidade que o aguardava com várias trincheiras em pontos estratégicos, muitas delas formadas por civis. O tiroteio começa debaixo de chuva e tem como cenários principais as trincheiras formadas na Igreja São Vicente e na casa do prefeito Rodolfo Fernandes. Lampião se encontrava em outra volante, na retaguarda. O embate durou em torno de uma hora (NONATO, 2005, p. 151). Durante a troca de tiros na trincheira da casa do prefeito, um cangaceiro, Colchete, é morto e um outro, Jararaca, baleado. Ao receber a notícia dos dois comparsas e também de outros reveses, e tendo noção exata das dificuldades que estava enfrentando, Lampião decide bater em retirada (FERNANDES, 1985, p. 188).

O dia 13 de junho é comemorando com muito esplendor pelo poder público mossoroense. Para além disso, a cidade tem esse episódio como forte atração turística dispondo até de um local próprio para registro desses fatos (Memorial da Resistência¹²⁶) além do Museu Municipal. Afinal, a

¹²⁵ Hoje cidade de Gov. Dix-Sept Rosado, distante 40 km de Mossoró.

¹²⁶ Vide: https://www.tripadvisor.com.br/Attraction_Review-g1076240-d2415056-Reviewsmemorial_da_Resistencia-Mossoro_State_of_Rio_Grande_do_Norte.html. Acesso em 10.04.2019.

resistência histórica do prefeito e de todos aqueles que lutaram contra o temível bandido não podia passar em branco enquanto significado de bravura e coragem.

Há, no entanto, necessidade de ponderarmos dialeticamente muitos dos fatos narrados, principalmente aqueles dos jornais da época que eram comandados por políticos e explicitamente defendiam os interesses dos seus proprietários. As narrativas mais conhecidas sempre vestiram a camisa da glória vencedora¹²⁷, e restaram consubstanciadas pelos enfoques jornalísticos que sempre associaram o cangaço a um banditismo selvagem e sanguinário. Não entraremos, conforme já dito, na proposta de discussão sobre a epistemologia do cangaço, existem trabalhos outros para isso. Entretanto, enfrentaremos um tema que sempre, pelo menos, tentaram deixar de lado: os elementos da prisão e morte do cangaceiro Jararaca, ferido em combate. O fato não passou tão despercebido como queria o poder público. As narrativas sobre esse episódio ultrapassam os poucos escritos a ponto hoje de Jararaca ser venerado como santo por algumas pessoas. É o que veremos nas linhas seguintes.

3. Prisão e morte aplicada ao cangaceiro Jararaca

Durante o tiroteio da tarde do dia 13 de junho de 1927, nas imediações da casa do prefeito Rodolfo Fernandes, atiradores que faziam parte da trincheira acertaram a cabeça do cangaceiro de apelido Colchete. Ao ver o colega atingido e morto, Jararaca foi retirar-lhe as armas e os bornais¹²⁸ sendo avistado pelos mesmos atiradores que também o acertam no tórax e na perna (NASCIMENTO, 2016, p. 21-22). Caído, Jararaca é dado como morto pelos colegas cangaceiros que partem em retirada. Resistente, após desfalecer, Jararaca consegue fugir e apavorado e só, toma o caminho de volta tendo somente como roteiro a linha do trem (FERNANDES, 1985, p. 208).

Sem muitas condições de caminhar e baleado por dois tiros, Jararaca se abriga próximo às margens do rio Mossoró, mas ao amanhecer é encontrado pela polícia local que tinha obtido informações sobre sua localização. Jararaca então é preso e encaminhado para Cadeia Pública de Mossoró. Na prisão, Jararaca teve certo auxílio médico, mas relutava em comer acreditando estar a comida envenenada. Não confiava nos policiais. Prestou depoimento e foi entrevistado pelos três jornais da cidade, oportunidade em que relatou todo o ocorrido e fez declarações surpreendentes. Mantinha-se sereno, mas sempre ressabiado.

¹²⁷ Um dos grandes livros, até hoje utilizado como referência em diversas pesquisas e narrativa, inclusive citado várias vezes neste artigo, é “A marcha de lampião”, cujo autor, Raul Fernandes, era filho do prefeito Rodolfo Fernandes.

¹²⁸ Os cangaceiros possuíam o costume de retirar as armas, munições, dinheiro e joias daquele que fosse abatido. A prática era chamada de “despojo”. Vide NASCIMENTO, Geraldo Maia. *Jararaca: prisão e morte de um cangaceiro*. Natal: Sebo Vermelho, 2016. p 21-22.

Preso, Jararaca mostrava-se solícito às perguntas que lhe eram feitas, provavelmente com o intento de pouparem sua vida. No seu depoimento prestado no dia 14 de junho de 1927¹²⁹, teceu detalhes do ataque a Mossoró, seu planejamento e também sua sobre sua entrada no cangaço. Falou ainda das munições que traziam e nomes dos seus colegas cangaceiros. Numa importante entrevista concedida ao Jornal “*Correio do Povo*”, na edição do dia 19 de junho de 1927 (FERNANDES, 1985, p. 208), Jararaca relatou que o dinheiro conseguido por eles era usado para subornar oficiais das polícias chegando inclusive a citar nomes. Também negou crimes e a própria selvageria que tanto os jornais atribuíam aos cangaceiros. Corroborando a esse respeito, relata o historiador Marcílio Falcão:

Símbolo vivo da vitória mossoroense sobre o bando de Lampião, Jararaca era exposto e inquirido. Contava sobre a vida de cangaceiro, sobre as ações dentro do grupo e as atividades no Rio Grande do Norte. Relatou como os cangaceiros tinham se unido para atacar Mossoró, citou os nomes dos componentes que participaram da empreitada, comentou sobre as alianças e intrigas entre os coronéis, como eram feitos os ataques e disse ser inocente dos crimes pelos quais era acusado. Tudo na esperança de pouparem sua vida, porém sua trajetória, marcada pela imagem de violência e impiedade diante das vítimas, aparecia na imprensa caracterizando-o como um ser frio e cruel (FALCÃO, 2018, p. 31).

No dia 20 de junho de 1927, numa segunda-feira, o Tenente Laurentino de Moraes, chefe da polícia em Mossoró, tinha regressado de Natal com instruções específicas de como proceder com o prisioneiro (NASCIMENTO, 2016, p. 55). Por volta das onze horas da noite duas viaturas param em frente à Cadeia Pública. A escolta era constituída pelo oficial-chefe e outros soldados, além dos motoristas Homero Couto e Joaquim Relaxado¹³⁰. Jararaca foi então levado pelos policiais sob o pretexto de ser encaminhado para Natal, para onde seria transferido. Debilitado e reclamando de dores, Jararaca pressentia que aquela não seria uma noite comum. O pesquisador Raul Fernandes, com base nos depoimentos coletados por alguns dos autores da trama, faz a seguinte narração:

O carro Willys Night, de capota de lona, era bastante espaçoso. Dois soldados largaram o bandido no chão da viatura e sentaram-se. Homero na direção estranhou aquele arranjo. Atravessou ruas desertas. Entrou na Avenida principal – Augusto Severo. Ao avistar a Estação, recebeu ordem de prosseguir. Desconfiou de algo macabro, em andamento. O cemitério ficava logo adiante. Minutos depois mandaram-no parar, frente ao portão. Apressadamente, os soldados deixaram o veículo. Jararaca compreendeu haver chegado o instante derradeiro. [...] O soldado do lado oposto, desferiu-lhe violenta coronhada de fuzil na cabeça, sem dar-lhe tempo ao mais leve gesto de defesa. Sucederam-se as pancadas. Tomavam proporções altíssimas, em meio ao silêncio da noite. Arrastado para fora do carro,

¹²⁹ NASCIMENTO, op. cit., p. 127-132. Vide também a declaração prestado ao jornal “O Mossoroense” publicada no dia 19.06.1927 e transcrita integralmente no documentário de Raimundo Nonato: “Lampião em Mossoró”, p. 113-116.

¹³⁰ As informações narradas foram obtidas por depoimentos prestados diretamente pelos senhores Homero Couto (chofer) e pelo oficial Pedro Silvio de Moraes que faziam parte da escolta que resultou na execução de Jararaca. Vide: FERNANDES, Raul, 1985., p. 210-215.

atirado ao chão, ainda estertorava. Deram-lhe algumas punhaladas no peito e no pescoço, deixando-o inerte. Colocaram-no dentro da sepultura, perto de Colchete. De pé, a oficialidade assistia, impaciente, à inumação sigilosa, ilegal. Tudo rápido, em silêncio (NASCIMENTO, 2016, p. 55).

Jararaca foi executado no “silêncio” da noite. Segundo ainda os registros dos depoimentos colhidos, a cova já estava pronta, o que leva muito a crer que o crime foi premeditado, planejado ao longo do dia. No outro dia, boatos correram por toda a cidade. O prefeito Rodolfo Fernandes ao saber dos comentários sobre a morte não aprovou o acontecimento, mas também não se metia em assuntos da polícia e do judiciário (FERNANDES, 1985, p. 212). Achava ele que a pena de morte aplicada ao cangaceiro preso ofuscava a vitória da resistência mossoroense.

Existem ainda outras versões para a morte de Jararaca. Em uma delas, conta-se que um soldado executou o cangaceiro com um tiro na cabeça e este caíra de bruços na cova. Noutra versão, relata-se que foi preciso quebrar as pernas de Jararaca visto a cova ter sido pequena (NASCIMENTO, 2016, p. 57-59). Outro depoimento importante foi colhido por Marcílio Falcão junto ao padre Sátiro Cavalcante Dantas¹³¹ que narra uma fala do cabo João Batista, participante daquela fatídica noite de 20 de junho de 1927, quando das comemorações dos cinquenta anos da resistência do povo de Mossoró ao ataque de Lampião, promovida pela prefeitura local em 1977. Disse padre Sátiro:

João Batista falou que estava no cemitério quando chega o sargento com um guarda trazendo Jararaca algemado e, ao entrar, Jararaca viu o cemitério e disse: vocês me enganaram macacos. Vocês me enganaram! Vocês me disseram que iriam me levar para Natal, mas vocês vão é me matar! Isso alguém, o próprio sargento, dá uma coronhada de rifle ou fuzil no crânio de Jararaca e ele desmaia. Tiram do carro e arrasam até onde estava Batista, que esperava com outro. A cova já estava cavada.

Vale dizer, os relatos que denotam uma morte triste, de agonias, e covarde, parece ser o que mais corroboram os registros até então conhecidos. Já uma versão tida como oficial pela polícia local constava que a morte tinha sido dada pelos ferimentos à bala, ocorridos quando do embate do dia 13 de julho. Esta última narrativa, talvez a mais inconsistente e até hoje desprezada, baseava-se num suposto laudo cadavérico assinado com data de 18 de junho, pasmem, dois dias antes da morte do prisioneiro (NASCIMENTO, 2016, P. 66-68). Com efeito, diante dos registros e das pesquisas já feitas até hoje, tem-se a primeira versão aqui relatada, como a mais aceita.

Coube aos jornais, por meios de noticiários e mensagens, a contínua tentativa de abrandar a execução ilegal do prisioneiro. E para isso, justificavam a dita punição como sendo retribuição

¹³¹ Entrevista concedida em 22.07.2009 quando da pesquisa de Mestrado do professor Marcílio Falcão. A temática se referia a comemoração do quinquentenário de comemoração da resistência de Mossoró ao bando de Lampião no ano de 1977, onde o entrevistado era um dos organizadores.

necessária pelos crimes atrozes cometidos pelos cangaceiros, e, especialmente, pela fama perversa que acompanhava o bandido Jararaca. As primeiras reportagens nada traziam que pudesse comprometer a força policial tida como inquestionável (FALCÃO, 2018, p. 31). Não era interesse dos grupos dominantes e formadores de opinião da cidade formular qualquer tese investigativa de assassinato ou ainda algo que pudesse diminuir a importância da luta vitoriosa do povo mossoroense.

José Leite de Santana, o Jararaca¹³², nascera no dia 5 de maio de 1901 no interior do estado do Pernambuco. Sempre considerado de comportamento arredo e personalidade forte, Jararaca integrou o exército brasileiro antes de se juntar ao grupo de Lampião. Sua carreira no cangaço foi curta, morreu aos 26 anos. O simbolismo da sua morte adveio dos caracteres envoltos da execução covarde, ilegal e sem qualquer chance de defesa. Relata-se que foi enterrado vivo.

Dentre os vários elementos que circundam esse fato, dentre eles, os políticos, antropológicos, míticos, religiosos, e vários outros, ousaremos fazer uso da ciência criminológica enquanto instrumento para pensar proposições e respostas diante da pena capital aplicada ao cangaceiro recluso.

4. Aspectos criminológicos da pena capital aplicada ao cangaceiro Jararaca

Na década de 1920 a população brasileira já mostrava profundos traços de descontentamento com a velha República. Eleições fraudadas, profunda corrupção na Administração Pública, desigualdade social gritante, além da insistente política do Café com Leite¹³³ deixavam grande parte do país em situação de descontentamento e inconstância. Como corolário, esse incessante estado de crises político-sociais desencadeou diversas greves e revoltas no período¹³⁴. Nos sertões nordestinos a situação era ainda pior devido à pouca circulação de riquezas, inexistência de políticas públicas de desenvolvimento além das grandes estiagens provocadas pela seca.

A sociedade brasileira, em situação instável economicamente, rogava mudanças sócio-políticas que mais tarde viriam a acontecer por meio da Revolução de 1930. No âmbito jurídico, imperava então a primeira Constituição Republicana (1891), construída sob os ideais iluministas e norte-americanos, bem distantes da realidade ainda agrária e semi-industrial brasileira. Em verdade, de cunho liberal-conservador, o ordenamento jurídico brasileiro limitava-se a materializar a

¹³² Devido a excelente pontaria, adquirida quando integrou a Cavalaria do Exército, e a disposição, foi batizado por Lampião por “Jararaca”, nome dado a uma serpente venenosa encontrada em algumas regiões do Brasil. Vide NACIMENTO, 2016, p. 26.

¹³³ Acordo entre políticos dos Estados de São Paulo, grande produtor de café, e Minas Gerais, grande produtor de gado e leite, que revezavam os presidentes da República.

¹³⁴ São revoltas que caracterizam o período turbulento da República Velha no Brasil: Revoltas da Chibata, da Vacina e da Armada; Guerras de Canudos e do Contestado; e ainda as Revoltas Tenentista e da Armada.

supremacia de uma elite dominante composta notadamente por oligarquias agroexportadoras que detinham o controle político-econômico do país (WOLKMER, 2003, p. 90).

Na seara penal, a lei vigente nos idos de 1927 era o já antigo Código Criminal de 1890, que, influenciado pelos caracteres de uma cidadania ainda limitada, intencionava um Direito Penal mais sóbrio e um Processo Penal direcionado para implementação de mecanismos de controle da ordem social. Intencionava, por que, não obstante pontuais avanços, as leis criminais formuladas e aplicadas pelo Estado essencialmente burocrático e liberal-burguês destinavam-se ao controle e segregação de marginalizados e ex-escravos.

Dentre as inovações penais para a época, o Código Criminal de 1890, mesmo antes da própria Carta Política de 1891, já houvera expressamente revogada a pena de morte enquanto pena civil. Em verdade, a pena de morte já era tida como inaplicável no Brasil desde 1855, ainda durante o império (AMARAL, 2016, p. 96). Doutra ponta, a legislação penal também foi direcionada enquanto instrumento de repressão e controle dos movimentos sociais, atuando sob influência de uma ideologia burguesa do trabalho, que considerava como contraventores os mendigos, ébrios, vadios e capoeiras (ALVARES, et al., p. 5).

A doutrina penal brasileira, que ainda mantinha fundamentos da Escola Clássica, viria a ser, no início do século XX, fortemente influenciada pelas teses da Escola Positivista. Com a crescente criminalidade e desarranjos sociais em todas as regiões, as elites, econômica e pensante, teriam que encontrar subterfúgios discursivos para conter a população. Assim, as justificativas positivistas e racistas que associavam o crime à formação biológica do indivíduo encaixavam muito bem naquele contexto caótico. No ocidente, foi Cesare Lombroso¹³⁵, psiquiatra e criminologista italiano, que, por meio das suas pesquisas, alavancou as teses do “criminoso nato” e os fundamentos da Antropologia Criminal. A respeito da Escola Positivista de Lombroso, a identificação do racismo sempre foi destacada uma vez que o “ser” diferente era tratado como inferior, e logo inclinado ao crime (ANITUA, 2015, 353).

No Nordeste brasileiro, em especial, as ideias do criminoso nato e do bandido “mau por natureza” foram oportunamente associadas ao movimento do cangaço. Os “bandos” geralmente formado por ex-escravos, mestiços e mulatos, pobres e desordeiros, eram por demais caracterizados enquanto selvagens, violentos e transgressores da ordem coletiva. Notícias de assaltos, sequestros e estupros eram comuns nas capas dos periódicos nordestinos que continuamente alimentavam a população com temor e repulsa daqueles cangaceiros que eram considerados animais.

¹³⁵ Considerado o pai da Criminologia moderna, o italiano Cesare Lombroso (1835-1909) foi um dos fundadores da Escola Positivista junto com Ferri e Garófalo. Nos seus estudos, especialmente na obra “*L'Uomo delinquente*”, Lombroso destacava a figura do criminoso nato de acordo com as características físicas do indivíduo, como estatura, estrutura torácica e formato do crânio.

É por todo esse contexto, especialmente pelos discursos lombrosianos e robustecidos pelo sentimento de vingança, que boa parte da população nutria pavor e desprezo pelos bandidos do sertão. Vale destacar, nesse sentido, a notícia estampada na publicação do jornal “*O Nordeste*” no dia 22 de julho de 1927, um mês após a morte de Jararaca:

É pena que este monstro não tivesse sido morto quando capturado, no dia seguinte, também suplicado como fêz a muitos inocentes, arrancando unhas, furando olhos, esquartejando cadáveres, arrancando miolos! Não pagaria, por si e pelos seus cadáveres, arrancando miolos! Não pagaria, por si e pelos seus comparsas do crime, os desvirginamentos, os estupros e as sevícias praticadas na terrível devassa aos lares indefesos! Ter compaixão de “Jararaca” é esquecer o instinto de conservação, é negar o direito de vingança natural contra os monstros da humanidade! A humana criatura que desde tanto, que semeia a desgraça por instinto de perversidade, só pode merecer o linchamento que é a lei da razão do povo, em contrário às blandícias da lei escrita, que, por vezes, constitui o próprio crime, gera bandidos pelas injustiças que dissemina! É isto talvez uma ofensa às instituições do direito, mas é uma verdade da razão humana. A fera mata pelo instinto de sua espécie, e por isto está em grau superior ao facinora de profissão que tem juízo e raciocínio, que mata e sacrifica por esporte, para ver a queda ou para roubar, ou para reagir contra quem lhe foge aos maus desejos cúpidos e lascivos! (FALCÃO, 2013, p. 33-34).

A mensagem transmitida pelo periódico foi bastante direta: “não teríamos que ter compaixão desses bandidos, eles cometeram crimes e suas execuções são justificáveis”. Não interessava naquele momento aos jornais, aos seus proprietários e aos interesses da época, o ato ilegal do assassinato de Jararaca por agentes públicos, mas sim o sentimento de vingança e de alívio pela morte de um “monstro”.

O objetivo maior deste ensaio, repise-se, é provocar inquietações críticas acerca das histórias narradas. E nesse sentido, ousamos dizer que, dentre as diversas e complexas facetas do banditismo e do cangaço nordestino, está a variável política. Já dizemos que o próprio Lampião foi patenteado Capitão do Exército brasileiro por autoridades federais por motivações políticas. Há também registros que os cangaceiros eram contratados por políticos e fazendeiros para “serviços específicos” e também que mantinham contatos com oficiais de polícia. No caso específico do ataque de Lampião a Mossoró, há relatos que a tropa foi financiada, inclusive com armas e munições, por políticos e fazendeiros cearenses¹³⁶.

Doutro espectro importar destacar a diferenciação feita do banditismo comum para aquele tido como “social” (HOBBSAWM, 2010). Este, diferente daquele, reveste-se de aspectos singulares que se relacionam às origens e angústias próprias das relações de submissão social e econômica submetidas àqueles situados à margem da sociedade.

¹³⁶ Essa informação foi confirmada no próprio depoimento de Jararaca quando estava preso em na cadeia pública em Mossoró, vide NONATO, op. cit., p. 113-114. Raul Fernandes também relata o financiamento das tropas de Lampião pelo político cearense Isaias Arruda. Vide FERNANDES, op. cit., p. 61-62.

A execução do cangaceiro Jararaca foi um ato ilegal praticado por policiais. Ele estava sob custódia do Estado, deveria ser julgado e caso condenado, cumprir sua pena. Não estava mais em combate, não havia alegação de exclusão de ilicitude. Estava ferido, algemado e foi torturado antes de ser enterrado, provavelmente vivo.

A horrenda execução passou despercebida por um tempo, não houve punição aos culpados. Mas havia um outro componente incontrolável: a religiosidade, a fé e o sentimento de piedade do nordestino. A narrativa agonizante da sua morte ultrapassou décadas, e apesar de todos crimes cometidos por Jararaca, seu fim o fez ressurgir como vítima. Jararaca é considerado pela credence popular como santo, fazedor de milagres, e o seu túmulo, o mais visitado no dia de finados na cidade de Mossoró.

5. Dos dispositivos finais

Das linhas já traçadas, dois pontos de destaque são cruciais para a devida promoção de uma análise crítica dos fatos que circundam a execução criminosa do prisioneiro Jararaca. O primeiro relaciona-se aos fundamentos que motivaram a pena capital do cangaceiro. O segundo diz respeito ao discurso conformador e protetivo adotado pela imprensa, instrumentos que eram da elite local, como forma de justificar ou apaziguar o ato ilegal cometido por agentes públicos.

Da primeira análise, possíveis causas da execução do cangaceiro que ora encontrava-se sob a custódia do estado, um fator político, visualizado sob uma ótica crítico-criminológica, chama a atenção: A pena de morte, aplicada de forma premeditada, ocorreu exatamente no dia do retorno do comandante da guarda local, Ten. Laurentino de Moraes, vindo de uma reunião em Natal/RN. Referências nos dizem que ele trazia “instruções específicas” sobre como proceder com o prisioneiro (NASCIMENTO, 2016, p. 55). Ora, as instruções, ao que parece diante das narrativas expostas, parecem clara. Os oficiais policiais, no limite, acompanharam e confirmaram a execução bárbara do prisioneiro. Mas por quê? Os relatos mostram que Jararaca fazia uma espécie de “delação” informando inclusive que os cangaceiros trabalhavam em conjunto com uns “oficiais” da polícia. Jararaca contara também esses detalhes nas três entrevistas concedidas aos jornais da época. Por óbvio, esses oficiais (não há registros dos nomes) não tinham qualquer interesse na continuidade da prisão do bandido: era preciso calá-lo.

No outro ponto de destaque exsurge claramente um discurso que intenciona justificar, a agora em xeque, pena de morte aplicada a Jararaca. Essa motivação vem a ser encorpada por outros dois motivos: o primeiro seria a punição como instrumento de vingança uma vez que o prisioneiro era considerado um bandido nato, um selvagem lombrosiano, que deveria receber a retribuição devida pelos crimes cometidos. Um verdadeiro “inimigo da sociedade” suscetível de uma aplicação punitiva

e tratamentos diferenciados, conforme afirma o mestre argentino Eugenio Raul Zaffaroni (2018, p. 11). O segundo ponto caracteriza a execução em si, vale dizer, o crime praticado pelos agentes do Estado. A Criminologia Sociológica vem analisar esse fato sob a ótica de um Sistema Penal chamado de “subterrâneo”, manipulado pelo Estado a partir dos seus órgãos de controle e à margem da lei (CASTRO; CODINO, 2017, p. 387-388). Ora, temos em questão uma execução extrajudicial que no fim corroborou-se em uma cifra negra da criminalidade, que, num viés crítico¹³⁷, não passou despercebida pelo Estado, oportuno dizer, não houve interesse deste em investigar o delito.

No fim, a par da análise metodológica aqui perseguida, os elementos criminológicos da pena executória aplicada ao cangaceiro Jararaca confluem e se interligam. Resta demonstrado o viés político e social do crime cometido por agentes públicos e o seu respaldo decorrente dos discursos positivistas e vingativos das elites à época, bem como do suporte instrumental e logístico firmado pelo sistema penal vigente. José Leite de Santana, o Jararaca, não chegou a ser julgado pela lei e pelo judiciário, mas até hoje é adotado como mártir, notadamente pelo fato de ter sua condição humana desprezada perante um Estado que não restou legal, muito menos democrático.

6. Fontes Diretas

Jornal “*O Nordeste*” (1927)

Jornal “*O Mossoroense*” (1927)

Caderno de Homenagem ao jornalista “Lauro da Escóssia” – Museu Municipal de Mossoró/RN

7. Referências Bibliográficas

ALVAREZ, MARCOS CÉSAR, SALLA, FERNANDO, SOUZA LUÍS ANTÔNIO F. *A sociedade e a lei: o código penal de 1890 e as novas tendências penais na primeira república*. p. 5. **Núcleo de Estudos da Violência da USP**.

Disponível em <http://www.nevusp.org/downloads/down113.pdf>. Acesso em 20 mar 2019.

AMARAL, Cláudio do Prado. **A história da pena de prisão**. Jundiaí: Paco Editorial: 2016.

ANITUA. Gabriel Ignacio. **Historia de los pensamientos criminológicos**. Buenos Aires: Didot, 2015.

CASTRO, Lola Aniyar de, CODINO, Rodrigo. **Manual de Criminologia Sociopolítica**. Trad. Amina Vergara. Rio de Janeiro: Revan, 2017.

¹³⁷ A Cifra Negra criminal representa um percentual dos crimes que não chegaram a ser investigado pelo Estado. Se investigados, não foram julgados. Adveio dos estudos do *Labelling Approach*, escola criminológica que examinou, com bases em empirias urbanas, a Sociologia Criminal, estabelecendo as bases de uma Teoria da Reação Social do delito.

FALCÃO, Marcílio Lima. Batismo de Fogo: imprensa e monumentalização da narrativa sobre o ataque de Lampião a Mossoró (1927-1931). **Revista Ponta de Lança** (UFS), v. 12, 2018.

FALCÃO, Marcílio Lima. **Jararaca**: memória e esquecimento nas narrativas sobre um cangaceiro de Lampião em Mossoró. Mossoró: UERN, 2013.

FERNANDES, Raul. **A Marcha de Lampião**: assalto a Mossoró. 3º ed. Natal: Ed. Universitária, 1985.

HOBSBAWM, Eric J. **Bandidos**. 4 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

NASCIMENTO, Geraldo Maia. **Jararaca**: prisão e morte de um cangaceiro. Natal: Sebo Vermelho, 2016.

NONATO, Raimundo. **Lampião em Mossoró**. 6ª ed. Mossoró: Fund. Vingt-un Rosado, 2005.

RABINOVICH-BERKMAN, Ricardo David. **Manual de história del derecho**. Buenos Aires: Astrea, 2016.

WOLKMER, Antônio Carlos. **História do direito no Brasil**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense: 2003.

ZAFFARONI, Eugenio Raul Zaffaroni. **El enemigo em el derecho penal**. Buenos Aires:Ediar, 2018.

CORPOS ENCLAUSURADOS: A *PERFORMANCE* DE GÊNERO NA MODA

Rodrigo Rui Simão de Medeiros¹³⁸

1. Introdução

A vestimenta, a indumentária e a Moda, são objetos pouco analisados no campo das Ciências Humanas, e em especial na História, em comparação com outros objetos de pesquisa. O estudo da História da Moda e de seu papel se faz necessário para melhor entendermos os constructos sociais e culturais de uma determinada sociedade e época, e desta forma tentaremos aprofundar o estudo da História da Moda no Brasil, temática pouco estudada e abordada na academia, e menos ainda em nosso país, principalmente no campo da História. Abordamos então alguns conceitos, como a Moda ser um objeto e sujeito de comunicação, capaz de transmitir mensagens, e também, enquanto linguagem do corpo, que por meio de *performances* executadas por quem veste uma determinada roupa, aquela vestimenta então ganha significado e poder de comunicação.

O efêmero ganhou espaço na Moda na segunda metade do século XX, com a crescente industrialização do setor. Ou seja, as vestimentas seriam confeccionadas em larga escala, e com o objetivo de durar menos tempo, e novas coleções seriam lançadas a todo o momento, tornando assim a Moda como um setor efêmero, onde o que “está na moda” não duraria muito, pois em constante metamorfose. Porém, o universo da Moda se expande cada vez mais, fazendo parte do cotidiano de grande parcela da população mundial, e assim, compreendemos que esta foi uma das formas pela qual o poder da Moda foi disseminado. Seja através de revistas, de vitrines bem decoradas de lojas, de desfiles de famosas grifes exibidos na TV, ou através de gigantescos *outdoors* sendo expostos, a Moda compõe parte do nosso dia-a-dia, e muitas vezes interferindo diretamente na vida das pessoas. Essa interferência direta na vida das pessoas que muitas vezes as fazem ficar presas e reféns a padrões de gênero determinados por nossa sociedade, sendo esse o instrumento de análise deste seguinte trabalho.

2. Moda Teórica

A Moda que está presente em nosso cotidiano no Ocidente vem sendo construída há muitos séculos para chegar ao que é hoje. A indumentária que conhecemos hoje se alicerçou já na Idade

¹³⁸ Graduando em Licenciatura em História pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN E-mail: rodrigorui19980@outlook.com

Moderna, e foi se modelando com o decorrer dos anos. As vestimentas atendiam (e atendem) aos valores de diferenciação de gênero e aos de distinção de classe social. A Moda foi se costurando para comunicar e diferenciar os indivíduos, seja por etnia, gênero, e principalmente por classe. Entretanto, o que podemos chamar de Moda?

Na linguagem, a palavra “moda” é usada, com diferentes nuances de significado, em sua série de locuções: “na moda”, “da moda” [...]. Mas, sobretudo, é um termo que pode ser comparado, metaforicamente, a um caleidoscópio: assim como neste é possível percorrer uma multiplicidade de caminhos visuais, também a palavra “moda” permite vários percursos semânticos, que dão lugar a outras imagens simétricas, ou seja, extensões de significados (CALANCA, 2011, p. 12).

Porém, segundo o filósofo norueguês Lars Svendsen, em sua obra *Moda: uma filosofia*, a Moda “não é só uma questão de roupas e seria melhor considera-la um mecanismo ou uma ideologia que se aplica a quase todas as áreas concebíveis do mundo moderno” (SVENDSEN, 2010, p. 12). Com base nessa afirmação iremos compreender que este fenômeno pode abarcar diversas áreas, e não somente a vestimenta, mas, também, a forma como comemos, músicas que ouvimos, tendências que seguimos. O autor continua:

“Moda” é um termo notoriamente difícil de definir com precisão, e é extremamente duvidoso que seja possível descobrir as condições necessárias e suficientes para que possamos considerar, de forma embasada, que alguma coisa está “na moda”. De maneira geral, podemos distinguir duas categorias principais em nossa compreensão do que é moda: podemos afirmar que ela se refere ao vestuário ou que é um mecanismo, uma lógica ou uma ideologia geral que, entre outras coisas, se aplica à área do vestuário (SVENDSEN, 2010, p. 12).

Levando isto em conta, podemos analisar a Moda como algo que vai muito além do vestuário, adentrando no âmbito político, econômico, social e cultural. Porém, mesmo se considerarmos a Moda algo ligado somente ao vestuário, esta também estaria inserida em todas as áreas citadas acima. A Moda foi criada no mesmo momento que os primeiros homens adotaram o ato de vestir? Em sua dissertação de mestrado intitulada *No Mundo das Aparências: uma análise do discurso publicitário de moda*, Gesiel Prado traz uma breve análise sobre.

Os primeiros indícios daquilo que posteriormente será a moda brotam da necessidade de diferenciação. Essa vontade está atrelada, principalmente a dois fatores: o advento das cidades e dos espaços urbanos na Renascença, no final da Idade Média e a ascensão econômica da burguesia. A organização da vida em espaços urbanos promove a aproximação entre os indivíduos, daí o anseio pela distinção, do tornar-se único em meio a tantos (SANTOS, 2009, p. 54-55).

Seguindo esta análise de Gesiel Prado, considerando a criação da Moda como forma de distinção entre indivíduos, seja distinção cultural, social ou de classe. Neste sentido, podemos

compreender que a Moda deseja expressar algo, como uma *linguagem do corpo*, como diz Daniela Calanca em sua obra *História Social da Moda* “A roupa, portanto, pode ser definida como a forma do corpo revestido e, a partir dessa definição, a moda, por sua vez, pode ser definida como uma linguagem do corpo” (CALANCA, 2011, p. 19). Tendo isso em vista, temos aqui um dos vários conceitos do que é Moda, enquanto subjetividade do homem, que não está somente atrelada ao ato de vestir-se, mas, a uma vasta gama de costumes de uma determinada cultura e sociedade.

Podemos, assim, entender a Moda enquanto um objeto comunicacional, que pretende passar uma mensagem. Como nos diz Malcolm Barnard em sua obra *Moda e Comunicação*:

A peça de roupa [...], é então o meio pelo qual uma pessoa manda uma mensagem a outra. É por meio da roupa que uma pessoa tenciona comunicar suas mensagens a outra. A mensagem, assim, é uma intenção da pessoa e é isso que é transmitido pela roupa no processo de comunicação. A mensagem é também, naturalmente, aquilo que é recebido pelo receptor (BARNARD, 2003, p. 52).

Analisando desta forma, compreende-se que a Moda é de fato um objeto que serve à comunicação entre pessoas. “Na tentativa de tornar o corpo palco de um discurso, o ser humano usa o sistema da moda para estruturar sua apresentação pessoal” (STEFANI, 205, p. 69).

A História do vestuário, para Fernand Braudel “levanta todos os problemas, os das matérias-primas, dos processos de fabrico, dos custos de produção, da fixidez cultural, das modas, das hierarquias sociais” (BRAUDEL, 2005, p. 281). Estudar a indumentária é estudar a sociedade. Tentar interpretar como se resultavam as relações entre uma sociedade e outra, suas influências, suas referências, compreender a economia, os processos de produção, o comércio local, e demais esferas de uma sociedade. Entretanto, o estudo dos costumes e das modas não são tão aprofundados como outros temas das humanidades. Segundo o filósofo francês Gilles Lipovetsky, “A moda é celebrada no museu, é relegada à antecâmara das preocupações intelectuais reais; está por toda parte na rua, na indústria e na mídia, e quase não aparece no questionamento teórico das cabeças pensantes” (LIPOVETSKY, 1987, p. 9).

Seguindo esta análise do filósofo, podemos considerar que, talvez – levando em conta que a obra de Lipovetsky é dos anos 80 -, a Moda é pouco estudada e analisada na Academia. Porém, da segunda metade do século XX aos dias de hoje, esta área do conhecimento tem ganhado um olhar mais atencioso sobre ela, com seu pontapé inicial sendo dado pelo pesquisador francês Roland Barthes, sendo o seu trabalho mais famoso a obra *Sistemas de Moda* (2009), que aprofundou a discussão do estudo da indumentária, ainda na primeira metade do século XX. Como diz o historiador Paulo Debom:

Seus estudos podem ser considerados como fundadores das pesquisas sobre Moda em diversos campos do conhecimento: Semiologia, História, Sociologia, etc.

Apesar de Paris ser considerada a capital da Moda desde o século XVII, pouco se falou de relevante sobre o assunto nos meios acadêmicos franceses antes dele. De certa forma, sua produção deu à Moda o *status* de objeto do pensamento (DEBOM, 2014, p. 1-2).

Desde então surgiram outros estudos que contribuíram para a compreensão da História da Moda e suas relações com o cultural e o social, como por exemplo o trabalho do filósofo francês Gilles Lipovetsky “*O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*”, que revolucionou no estudo da Moda, trazendo grande profundidade sobre o tema.

Também surge o trabalho da socióloga Diana Crane “*A Moda e seu papel social*”, que nos traz uma abordagem classista da Moda.

Diante disso, atentamos que o estudo da Moda e dos costumes mesmo sendo um tanto quanto negligenciado nas ciências humanas, também vêm crescendo bastante nos últimos anos. Mais estudos utilizam a indumentária e os costumes como fonte e objeto nos dias de hoje. Podemos averiguar que o vestuário não é somente uma peça de roupa, mas, que ali contém história. Debom fala mais um pouco sobre isso:

Em uma visão superficial, uma roupa não passaria apenas de um traje que cobre o corpo. Seria apenas uma peça ou combinações delas, que as pessoas usam para ficarem parecidas com as outras. Num olhar semiológico, a indumentária é texto. Pelas tramas dos tecidos leem-se múltiplos discursos que vão desde os anseios pessoais, a expressão de personalidade, a influência da sociedade sobre o indivíduo e sua postura política (DEBOM, 2014, p. 3).

Seguindo esta análise feita por Debom, vemos que a roupa e a Moda podem servir para expressar influências sociais e históricas. A roupa é uma peça a ser interpretada e estudada. Cores, símbolos, e tecidos não são colocados ali por acaso, mas sim por influências e referências dentro da própria História da Moda.

A título de exemplo, poderíamos trazer uma análise da Moda francesa no Antigo Regime. Levando em consideração o aspecto político, haveria a possibilidade de analisar como o exagero das vestimentas da rainha Maria Antonieta refletiu na libertação política das mulheres na época e depois de sua morte. Considerando outro viés, poderíamos investigar os reflexos sociais de suas roupas e como houve uma certa democratização da Moda na França da época. Levando em conta um aspecto econômico, abordariamos o movimento da economia de Paris a partir da confecção de roupas, que seria uma reação da influência que Maria Antonieta causou na população parisiense com suas vestimentas.

Em suma, neste trabalho utilizaremos a Moda enquanto objeto e fonte de pesquisa, esta que possui certo *poder simbólico* enquanto objeto comunicacional. A vestimenta comunica - porém,

nunca esquecendo que a Moda não é somente roupa, mas todo um conjunto de costumes

- mas, também, exerce poder sobre a sociedade. Ela reforça conceitos, ressignifica estilos, dita o que a população deve vestir, tudo isto muitas vezes com a mente de algum *Fashion Designer* por trás, que utiliza este poder que a roupa possui para levar sua ideia mundo afora, sejam estas ideias artísticas, sociais ou políticas. Este *Fashion Designer* usa de referências, conceitos e influências da realidade ao qual está inserido, tornando assim a Moda um reflexo de nossa sociedade. Assim, podemos atentar que estas são algumas das dimensões do estudo da Moda, estudos que podem tomar vários caminhos diferentes, do macro ao micro, do social ao cultural.

3. A *performance* das roupas

A Moda enquanto linguagem do corpo detêm de uma série de *performances*, que engendram um papel comunicador. Podemos também entender a Moda enquanto liberdade e prisão do homem. Muitas pessoas não são elas mesmas em razão das vestimentas que são obrigadas a usar, diversas vezes em razão de um papel performativo que a sociedade os incute a exercer contra sua vontade.

Regadas por valores morais e religiosos, muitas sociedades colocam em sua população um papel a ser exercido, e entre eles está o padrão de gênero. Levando em conta a primeira metade do século XX, notamos que homens deveriam se vestir “como homens”, usando calça, camisa de tom neutro, sapato fechado, chapéu, e no máximo luvas. Mulheres deveriam usar vestidos e saias que cobriam as pernas por inteiro, a maquiagem deveria ser discreta, e espartilhos ornamentavam o *look* criando total desconforto. Desta forma, podemos analisar o poder que o sistema de Moda possui sobre a população, fazendo-nos adotar papéis performáticos que condizem com nossa classe, gênero e cultura. Mesmo quando não nos sentimos confortáveis com tais ideias, somos influídos a isto pelo meio social no qual estamos inseridos.

Dessa forma, podemos compreender que a sociedade é instruída a seguir certos padrões a partir da indumentária, que demarca o que somos e nos coloca em “caixas” rotuladas por gênero masculino ou feminino, rico ou pobre, entre outros. Levando em consideração as fronteiras de gênero, podemos seguir a análise que Portinari; Coutinho e Oliveira (2018) fizeram a respeito de uma obra da filósofa Judith Butler, que nos diz:

O gênero e o efeito da normatização sociocultural que se materializa por meio da performatividade, produzindo corpos e sujeitos cuja visibilidade remete ao imperativo heteronormativo (BUTLER, 1993), o que leva ao entendimento de que não existe uma essência masculina, tampouco uma feminina, antes formas socialmente variáveis de desempenhar um ou vários papéis sexuais (PORTINARI, 2018, p. 147)

Levando isso em conta, analisamos que a questão performativa de gênero masculino e feminino é construído socialmente. Podemos notar que as diferenças de roupa “para homem” e “para mulher” foram se construindo com o tempo, pois, analisando a História da Moda, vemos que essa distinção era mínima, onde podemos ver homens usando saias, por exemplo. Porém, mesmo com todo este arcabouço de papéis a serem seguidos, muitas pessoas tentam quebrar estas fronteiras de gênero, tornando seu vestir um ato político e de resistência contra a sociedade misógina e patriarcal. Contudo, isso não é exclusividade do século XXI, pois, no início do século XX, por exemplo, já haviam “revolucionários” nos padrões de Moda, como Claude Cahun.

Lucie Renée Mathilde Schwob, ou Claude Cahun, como ficaria conhecida, foi uma fotógrafa, escultora, escritora e jornalista francesa. Claude adotou este nome por este ser utilizado tanto por homens quanto por mulheres na França, causando assim uma maior fluidez desta entre os gêneros masculino e feminino. Seu principal trabalho como artista foi “uma longa série de autorretratos [...], em que a artista assumiu uma grande variedade de “personas” cuja característica comum é um desvencilhamento de comportamentos binários de gênero” (MENESES; JAIO, 2019, p. 2)

Figura 3 - Autorretrato com características ambíguas (1927)



Fonte: acervo Jeffrey Heritage

Claude Cahun, nesta série de fotografias e em sua vida pessoal em si, transitava entre os gêneros masculino e feminino, rompendo amarras impostas pelo patriarcado da Europa do começo do século XX. Cahun algumas vezes usava indumentárias ditas “masculinas” e outras vezes indumentárias ditas “femininas”, porém, também convergia estes gêneros e usava roupas na qual por

uma fotografia não conseguiríamos identificar se o indivíduo seria do gênero feminino ou masculino, gerando assim uma certa androginia em sua imagem.

Em nossa sociedade a mulher tem que ser “feminina” para ser aceita. Saia, vestido, maquiagem, salto alto, gestos contidos; estas são características da construção de feminilidade da mulher ocidental. E Claude Cahun rompeu com estes conceitos, mostrando a possibilidade de fluidez entre os gêneros no que diz respeito à Moda. Pois, em sua realidade, como nos conta a historiadora Michelle Perrot em sua obra *Minha História das Mulheres*:

As feias caem em desgraça, até que o século XX as resgate: todas as mulheres podem ser belas. É uma questão de maquiagem e de cosméticos, dizem as revistas femininas. De vestuário também, daí a importância da moda, que, num misto de prazer e tirania, transforma modelando aparências (PERROT, 2007, p. 50).

Assim, podemos ver o quanto o ato de Claude Cahun fora importante em seu contexto. Em um período em que as mulheres eram inferiorizadas e não detinham de plenos direitos políticos e sociais, usar a Moda como expressão foi em si um ato político, que causou estranheza, mas, posteriormente, seu reconhecimento dentro do âmbito da arte surrealista.

Em se tratando de arte, temos um exemplo de um artista brasileiro que usou a Moda como instrumento político e artístico, para protestar contra estes padrões de gênero impostos e construídos em nossa sociedade. O artista e arquiteto Flávio Carvalho, em 1956, andou pelas ruas de São Paulo com trajes denominados “femininos” (Saia, blusa bufante, sandália).

Figura 4 - Flávio Carvalho em sua “Experiência 3”



São Paulo, 1956.

O artista Flávio Carvalho quis desafiar os homens brasileiros a usarem roupas que fossem adequadas ao clima tropical do país, e acima de tudo fazer uma crítica à vestimenta “colonizada” que o brasileiro usava, que era tipicamente europeia. Carvalho nos desafiou a pensar nas práticas vestimentares de um novo jeito, não mais assujeitadas às modas francesas, tão ao gosto eurocêntrico das nossas elites locais (SEQUEIRA; ANDRADE, 2017, p. 13).

Durante esta época, a mulher ainda era considerada inferior ao homem, e tinha seus papéis na sociedade muito bem delimitados, como uma mulher do lar, e isto refletia diretamente na Moda, resultado da propagação dos padrões de Moda europeus do pós-segunda guerra, que visavam uma mulher submissa e que seria tipicamente feminina. Estes padrões só começaram a mudar nos anos 60, pois “A moda tornara-se democrática, liberada e unissex, respondendo a uma filosofia de vida muito mais crítica com relação ao presente e à sociedade de consumo” (SILVA, 2017, p. 58). Podemos analisar a seguir, que as rupturas no conceito de feminilidade nos anos 60 foram inúmeras, muito em razão do movimento feminista:

A silhueta feminina e a moda que permearam os anos de 1960 e 1970 foram símbolo de uma mudança no comportamento da mulher. A roupa libertava o corpo, e a silhueta magra e esguia afrontava a feminilidade padronizada dos anos pós-guerra. Esse comportamento pertinente às mulheres emancipadas pode ser associado ao advento do feminismo, especificamente ao discurso de gênero. Dessa forma, as mulheres romperam padrões e a incorporação de alguns elementos no vestuário, como a calça, pode ser vista como forma de protesto à sociedade conservadora (JOAQUIM; MESQUITA, 2007, 655).

Como podemos ver, a luta por igualdade política e social das mulheres no século XX também envolvia a liberdade na Moda. Poder usar uma peça de roupa sem esta ser imposta por um sistema excludente, mas que muitas vezes dá a sensação de inclusão. A Moda liberta e aprisiona. Inclui e exclui.

Estes indivíduos se revestem de tecido para lutar contra padrões de gênero, *violência simbólica* e autoritarismo. A roupa, desta forma, não serviria apenas como revestimento estético para o corpo, mas também como um escudo e objeto político, usada para comunicar e passar as mensagens de quem a idealizou. Desta forma, o *poder simbólico* da Moda é muitas vezes sutil, mas, sempre está lá, podendo ser usado de diversas maneiras. Servindo ao propósito de aprisionamento da mulher, à resistência de gênero, à liberdade de uma classe. A Moda enquanto objeto comunicacional que serve como *performance* e linguagem do corpo adequa-se para estes diversos propósitos, incluindo a denúncia de regimes autoritários.

4. Considerações Finais

Neste trabalho analisamos a conceituação teórica da Moda, e como podemos utilizá-la enquanto objeto de pesquisa na área das Ciências Humanas, mesmo estando na “antecâmara das preocupações intelectuais” parafraseando Lipovetsky (1987), a Moda e a vestimenta são objetos de suma importância para compreendermos os constructos sociais. Encontramos um forte crescimento nas pesquisas acadêmicas utilizando as roupas e o sistema de Moda enquanto problemática a partir

dos anos 2000, incluindo na área da História, porém, encontra-se raros casos onde a problematização do gênero leva o norte da discussão.

Discutimos neste trabalho a relação das fronteiras de gênero com a Moda. Abordamos conceitos teóricos, como o de *performance*, para trabalhar o papel performativo exercido por homens e mulheres em nossa sociedade, e essa performance cai sobre as roupas que estes indivíduos utilizam, para reafirmar seu papel, seja o papel enquanto homem, mulher, rico, pobre, ou de outras possibilidades possíveis no meio da *performance*.

Analizamos também alguns casos em que essas *performances* normativas de gênero foram quebradas por alguns artistas, porém, criando-se um novo tipo de *performance*, para o qual convergem os gêneros masculino e feminino, criando características ambíguas. Esses casos serviram, e servem, como exemplo de uma quebra (mesmo que parcial) nas amarras do patriarcado no que diz respeito às fronteiras de gênero, que servem até os dias de hoje como um forte marcador social.

5. Referências Bibliográficas

BARNARD, Malcolm. **Moda e Comunicação**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2003.

BRAUDEL, Fernand. **As estruturas do cotidiano: o possível e o impossível; Civilização material: economia e capitalismo, séculos XV-XVIII**. 1.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CALANCA, Daniela. **História Social da Moda**. 2.ed. São Paulo: SENAC, 2011.

DEBOM, Paulo. **O Vestuário e a Moda enquanto Fontes para o Estudo da História**. Rio de Janeiro, ANPUH-Rio. 2014.

JOAQUIM, Juliana Teixeira; MESQUITA, Cristiane. **Rupturas do Vestir: Articulações entre moda e feminismo**. Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 2007.

LIPOVETSKY, Gilles. **O Império do Efêmero**. São Paulo: Companhia de Bolso, 1987.

MENESES, Emerson Silva; JAYO, Martin. **Vestimenta e performance de gênero nos autorretratos de Claude Cahun**. In: 15º Colóquio de Moda, Porto Alegre, 2019.

PERROT, Michelle. **Minha História das Mulheres**. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

PORTINARI, Denise Berruezo; COUTINHO, Fernanda Ribeiro; OLIVEIRA, Janara Morena da Silva de. **Moda agênero: uma proposta de moda que desconstrói fronteiras de gênero?** Revista d'Obras, São Paulo. Vol. 11. N. 23. P 141-156. Maio, 2018.

SANTOS, Gesiel Prado. **No mundo das aparências: uma análise do discurso publicitário da moda**. 2009. 136 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e ensino) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

SEQUEIRA, Rosane Preciosa; ANDRADE, Rita Moraes de. **A roupa em conexão com ações poéticas e políticas**. Revista dObras, São Paulo. Vol. 10 n 22, p 7-19, novembro de 2017.

SILVA, Isis Sena. **De boutique em boutique: Ipanema, juventude e moda nos anos de 1960 a 1970**. 2017. 133f. Dissertação (Programa de pós-graduação em Artes, Cultura e Linguagens) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017.

STEFANI, Patrícia da Silva. **Moda e Comunicação: a indumentária como forma de expressão**. 2005. 90f. Monografia – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2005.

SVENDSEN, Lars. **Moda: uma filosofia**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2010.

O ENSINO DAS CIÊNCIAS HUMANAS A PARTIR DO USO DE FILMES

Rusiane da Silva Torres¹³⁹
Erik Albino de Sousa¹⁴⁰

1. Introdução

O cinema tem desempenhado um importante papel na sociedade atual. Além de entreter, os filmes influenciam diretamente e indiretamente a forma de pensar e agir dos/as telespectadores/as, interferindo no modo de vestir, de se expressar, por exemplo. Logo, as produções cinematográficas começaram a ocupar outros espaços, dentre eles, as instituições escolares.

O filme é amplamente usado em sala de aula e em situações que visem o ensino e aprendizagem. Docentes dos mais variados níveis de ensino e das distintas áreas de conhecimento recorrem à sua exibição, seja para ilustrar os conteúdos trabalhados, seja para reforçar e fixar temáticas.

Na era moderna tecnológica, o/a professor/a encontra a sua disposição, um amplo número de filmes dos mais variados gêneros, alguns deles de forma gratuita, disponíveis em *sites* da internet. Nesse sentido, se faz necessário delimitar a temática com precisão, para em seguida selecionar o filme a ser exibido e posteriormente trabalhado.

Para Duarte (2009, p.16), “ver filmes, é uma prática social tão importante, do ponto de vista da formação cultural e educacional das pessoas, quanto a leitura de obras literárias, filosóficas, sociológicas e tantas mais”. Logo, o filme enquanto uma mídia presente no cotidiano da sociedade moderna não pode ser ignorado pela escola, que por sua vez deve incluir recursos tecnológicos buscando uma aproximação com a realidade dos/as alunos/as.

Na área das Ciências Humanas, em especial, História e Geografia, vemos um considerável número de produções cinematográficas acerca de questões abrangidas dentro das disciplinas. Diante disso, esse trabalho apresenta como objetivo analisar a utilização do filme *O menino do pijama listrado* no processo de ensino e aprendizagem de conteúdos relacionados as disciplina de História e Geografia. Dessa forma, exibimos o filme em uma turma do 9º ano em uma escola pública no município de Mossoró/RN, e a partir dele propomos atividades pedagógicas buscando a aproximação

¹³⁹Mestranda em Ensino – POSENSINO, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) – Graduada em História (UERN) – rusianehistoria@gmail.com

¹⁴⁰Graduado em Geografia, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) - erikalbino2018@gmail.com

da temática abordada no filme, bem como de assuntos trabalhados nos livros didáticos de História e Geografia, a Segunda Guerra Mundial¹⁴¹.

O trabalho está dividido em seções que de forma articulada buscam alcançar o objetivo proposto. No primeiro item “O filme no Ensino das Ciências Humanas”, analisamos a utilização de filmes na sala de aula, dando ênfase nas disciplinas de História e Geografia, Napolitano (2015) dará subsídios teóricos para entender a relação existente entre cinema e educação. Posteriormente, logo no segundo item, explicamos os procedimentos metodológicos, destacando as etapas da atividade realizada em uma turma de 9º ano de uma escola pública de Mossoró/RN, por fim, analisamos os resultados obtidos no item três.

2. O filme no ensino das Ciências Humanas

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) do Ensino Fundamental Anos Finais (6º ao 9º ano) referentes as disciplinas de História e Geografia trazem o filme como o recurso a ser utilizado na sala de aula, com a finalidade de auxiliar no processo de ensino e aprendizagem. No que se refere a disciplina de Geografia, os PCNs (1998) ressaltam que o filme pode auxiliar, por exemplo, a entender conceitos, “os conteúdos conceituais poderão ser abordados principalmente mediante procedimentos de pesquisa. A leitura de imagens, o trabalho com diferentes tipos de documentos, a narrativa, os filmes, as fotografias [...]” (BRASIL, 1998, p. 111). Em outro momento, o documento frisa que “as videolocadoras possuem um acervo de filmes e documentários que podem ser utilizados para observar, comparar e analisar diferentes cenários, relação entre sociedade e natureza (espaço físico e ações) etc.” (BRASIL, 1998, p. 142). Os PCNs (1998) ainda citam temáticas que podem ser debatidas com a utilização de filmes, dentre elas, paisagem, globalização, questões ambientais.

Em relação ao componente curricular História, o documento enfatiza que a nova historiografia foi responsável pela inserção de novas fontes e documentos nas aulas de História, dentre elas, filmes e documentários.

A investigação histórica passou a considerar a importância da utilização de outras fontes documentais e da distinção entre a realidade e a representação da realidade expressa nas gravuras, desenhos, gráficos, mapas, pinturas, esculturas, fotografias, filmes e discursos orais e escritos (BRASIL, 1998a, p. 32).

¹⁴¹ A Segunda Guerra Mundial foi um conflito militar global que durou de 1939 a 1945, envolvendo a maioria das nações do mundo — incluindo todas as grandes potências da época — organizadas em duas alianças militares opostas: os Aliados e o Eixo.

O documento ainda enfatiza a necessidade de um ensino de diálogo com as demais disciplinas do currículo escolar, em especial, com as das Ciências Humanas (Geografia, Filosofia, Sociologia, Ciências da Religião), nesse sentido, a utilização de filmes é citado como recurso interdisciplinar.

Segundo Luck (2013), o conceito interdisciplinaridade está ligado à combinação entre as diversas áreas do conhecimento. Dessa forma, seu objetivo central consiste em construir novos saberes, diante dos problemas da sociedade moderna e globalizada, que muitas vezes interferem na educação. Para alcançar tal resultado, se faz necessário um entrosamento e um diálogo a serem realizados entre os professores e professoras. Nesse sentido, ao exibir um filme na sala de aula o/a docente pode realizar debates que visem abranger outros componentes curriculares.

Sobre a exibição de filmes que apresentam temas e ambientes históricos como enredo central ou coadjuvante, os PCNs (1998) enfatizam que nesses casos muitos/as professores/as se preocupam em verificar se a reconstituição das vestimentas, por exemplo, é ou não precisa, se os cenários são fieis, ou ainda se os diálogos são autênticos. “Um filme abordando temas históricos ou de ficção pode ser trabalhado como documento, se o professor tiver a consciência de que as informações extraídas estão mais diretamente ligadas à época em que a película foi produzida do que à época que retrata” (BRASIL, 1998a, p. 88).

Diante do exposto nos PCNs referentes às disciplinas de Geografia e História, podemos perceber que o filme é enxergado como um recurso importante na abordagem de temáticas que envolve as Ciências Humanas. A Base Nacional Comum Curricular (2017) também faz menção ao uso de filmes como proposta e recurso didático, no entanto, alerta aos professores e professoras as implicações que o uso desse recurso pode trazer, em especial, no que se refere a interpretações do assunto abordado.

Nesse sentido, é importante pensar o filme como uma mercadoria cultural, com intensões e ideologias, cujo objetivo central está voltado para o entretenimento, conforme ressalta Napolitano (2015, p. 14), “a peculiaridade do cinema é que ele, além de fazer parte do complexo da comunicação e da cultura de massa, também faz parte da indústria do lazer e (não nos esqueçamos) constitui ainda obra de arte coletiva e tecnicamente sofisticada”.

Sobre a produção cultural e sua utilização na sala de aula, Ferro (1992, p. 83) lembra que o filme está sendo observado “não como uma obra de arte, mas sim como um produto, uma imagem-objeto, cujas significações não são somente cinematográficas. Ele não vale somente por aquilo que testemunha, mas também pela abordagem sócio-histórica que autoriza”.

Sobre sua utilização na sala de aula, Napolitano (2015, p. 11) relata que, “trabalhar com o cinema em sala de aula é ajudar a escola a reencontrar a cultura ao mesmo tempo cotidiana e elevada, pois o cinema é o campo no qual a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais mais amplos são sintetizados numa mesma obra de arte”. No entanto, não se trata apenas de exibir um filme que trata

de um tema histórico e/ou geográfico e aula encerrada, para além disso, é necessária uma proposta didática acerca do filme em questão. Ainda de acordo com Napolitano (2015), ao usar o cinema nas aulas de Geografia e de História, ele se torna um interessante recurso, que ajudará o aluno e aluno no acréscimo de diversas habilidades.

3. Procedimentos Metodológicos

Para alcançar o objetivo proposto, analisar a utilização de filmes no processo de ensino e aprendizagem de conteúdos relacionados as disciplinas de História e Geografia, exibimos o filme *O menino do pijama listrado* em uma turma do 9º ano em escola pública do Município de Mossoró/RN. A escola está localizada no Bairro Alto São Manoel, e oferta o Ensino Fundamental (1º ao 9º ano). Os sujeitos da pesquisa foram os/as alunos/as do 9º ano e 2 professores/as, sendo um/a dele/a responsável pela disciplina de História, e o/a outro/a pela disciplina de Geografia.

O/a responsável pela disciplina de Geografia é licenciado/a em Geografia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), e trabalha na escola acerca de 4 anos. Já o/a professor/a de História é licenciado em História também pela UERN, e mestre/a em Educação pela mesma instituição. Trabalha na escola campo de pesquisa há 2 anos.

A atividade realizada na escola foi procedida em 4 etapas, sendo elas: conversa com os/as professores/as da disciplina História e Geografia acerca do uso de filmes em suas aulas; conversa com os alunos e alunas do 9º ano em torno das produções cinematográficas e seu uso na sala de aula; exibição do filme *O menino do pijama listrado*; e por fim, avaliação geral da atividade com a presença dos/as professores/as (História e Geografia) e dos alunos/as.

No primeiro momento, dialogamos com o/a professor/a da disciplina Geografia e da disciplina História. As questões que nortearam o diálogo foram:

- 1- Você costuma utilizar filmes em suas aulas? Se sim, com qual frequência?
- 2- Quais critérios utilizam no processo de seleção do filme?
- 3- Vocês acreditam que o aluno/a consegue aprender por meio do filme?
- 4- Quais procedimentos vocês fazem antes, durante e após a exibição do filme?

No segundo momento, realizamos uma conversa com cerca de 20 alunos e alunas da turma do 9º ano, com idade que variam dos 15 a 18 anos. O objetivo da roda de conversa foi analisar a percepção dos/as alunos/as em torno da exibição de filmes na sala de aula, em especial, nas disciplinas de História e Geografia. A conversa foi norteada com os seguintes questionamentos:

- 1- O que vocês acham da exibição de filmes nas aulas de História e de Geografia?
- 2- Quais os lados negativos e positivos do uso de filmes na sala de aula?
- 3- Vocês conseguem assimilar o conteúdo exposto no filme com o conteúdo presente nas disciplinas?
- 4- Quais tipos de filmes vocês gostam de assistir na sala de aula?

No terceiro momento, exibimos o filme *O menino do pijama listrado*, lançado em 2008, apresenta duração de 1h 30 min. Baseado no livro com o mesmo nome, a trama se passa na Alemanha no período da Segunda Guerra Mundial. O personagem principal é o menino Bruno, filho de um oficial nazista que assume um importante cargo em um campo de concentração, dessa forma, a família de Bruno se muda para uma região isolada da Alemanha, sem vizinhos e áreas de lazer. Dessa forma, o garoto Bruno resolve explorar a região próxima à sua nova casa e acaba conhecendo Shmuel, um judeu de idade parecida, que vive usando um pijama listrado e está sempre do outro lado de uma cerca eletrificada. A amizade cresce entre os dois e Bruno passa, cada vez mais, a visitá-lo, tornando essa relação perigosa e proibida.

Figura: Cartaz de divulgação do filme



Fonte: adorocinema (2012)¹⁴²

¹⁴² Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-135215/>> Acesso em 12 dez. 2019

Após a exibição, realizamos um diálogo com os/as 2 professores/as (Geografia e História) e com os/as alunos/as acerca do filme exibido, buscando observar a percepção dos/as discentes em torno das questões centrais do filme, buscando perceber a assimilação com assuntos já discutidos nas aulas de Geografia e História, a Segunda Guerra Mundial. Acreditamos ser essencial a presença dos/as docentes nessa etapa, uma vez que é necessário saber a visão dos/as alunos/as acerca da inserção do cinema como proposta e recurso metodológico.

4. Resultados E Discussões

Os/as docentes destacaram que comumente fazem uso de filmes em suas aulas, no entanto, ressaltaram alguns cuidados e moderações. Para os/as professores/as quando utilizamos o filme como recurso didático, é preciso ter certas responsabilidades. Uma delas é verificar se a escola tem disponível um aparelho de televisão, de DVD, ou computador, observar ainda as condições do som. Algumas escolas não apresentam sala de multimídia, nesse caso é preciso ficar atentos às condições físicas da sala de aula, elementos como luz, ventilador ou ar-condicionado devem ser analisados, tudo isso para garantir um pouco de conforto ao/a aluno/a na hora de assistir ao filme.

- O filme sempre está presente em minhas aulas, inclusive a pedido dos alunos. Quando não dá para exibi-lo inteiro, levo trechos. Como sou fã de cinema, tenho facilidade em escolher (PROFESSOR/A HISTÓRIA).

Outro ponto importante é a escolha do filme. Para Ferro (1992, p. 28) “um filme, seja ele qual for, sempre vai além de seu conteúdo”, assim, qualquer produção pode ser levada para sala, desde que apresente uma proposta didática. Os/as docentes ainda frisaram que não é aconselhável levar para os alunos e alunas um filme que o/a professor/a ainda não tenha assistido, esse ato pode gerar desconfortos, pois alguns alunos/as podem ter dúvidas no decorrer da exibição, sem ter assistido o/a professor/a não saberá responder.

A faixa etária deve ser respeitada, todo filme vem definido a idade permitida para assistir, alguns são livres. Essa idade e a duração do filme deve ser observada. Sobre esses pontos citados pelos/as docentes, Nascimento (2008, p. 15) destaca que,

Atentos a essas condições, a escolha do filme não deve entrar em conflito com a escola, muito menos com a faixa etária dos alunos, pois ao exibir um filme que tenha cenas de nudez, violência excessiva e palavrões pode haver certo desconforto ou constrangimento. Talvez para o professor não haja nada de mais, mas os alunos podem reagir mal e os pais sentirem-se agredidos.

A autora ainda ressalta que o/a profissional precisa observar qual mensagem o filme visa passar, e a partir daí propor mecanismos que auxiliem no processo de ensino e aprendizagem. Para os/as professores/as o filme é escolhido de acordo com o assunto debatido na sala de aula, uma vez que acreditam que o/a discente consegue aprender por meio do recurso midiático. Já os procedimentos, os/as entrevistados/as frisaram que primeiro explica o assunto na sala, em seguida, exibem o filme, por fim, realizam alguma atividade visando assimilar a obra cinematográfica com o conteúdo trabalhado.

Já os/as alunos/as mencionaram que o filme nas aulas das Ciências Humanas (História e Geografia) se apresentam de forma positiva, uma vez que muitos deles são baseados em fatos reais, assim conseguem transmitir uma mensagem, além de entender os figurinos da época, a paisagem, os meios de locomoção e comunicação, até o jeito de falar. Seleccionamos falas que expressam o relação entre alunos/as e o uso de filmes na sala de aula.

- Gosto de filmes animados, não quero chorar na frente de meus colegas (ALUNO/A 9º ANO)
- Assim, tem filmes longos que dá um sono, ou ainda não dá tempo assistir todo (ALUNO/A 9º ANO).
- É legal, podemos saber por exemplo, como o povo da Idade Média se vestia, comia, por meio de um filme (ALUNO/A 9º ANO).
- Não gosto muito, quase sempre o professor pede um resumo depois (ALUNO/A 9º ANO)
- Gosto de documentários, neles eu acho as coisas mais reais e verdadeiras (ALUNO/A 9º ANO)

Notamos que os documentários foram citados nas falas dos/as alunos/as. Sobre seu uso na sala de aula, Lera (2013) ressalta que neles estão contidas apenas uma interpretação sobre o fato.

Nos documentários as escolhas e opiniões dos documentaristas são mais evidenciadas e muitas têm por função convencer o espectador de seu ponto de vista. Portanto, novamente o professor deve estar alerta para tal situação e trabalhar este ponto de vista com os alunos de maneira que compreendam que não espelham a verdade e, sim, “uma verdade”. (LERA, 2013, p. 206)

Com relação aos pontos negativos, citaram a longa duração de alguns filmes, se tornando dessa forma cansativo, ou ainda não dando tempo assistir em uma única aula, interrompendo a atividade e dando sequência uma semana depois. Dentre os filmes que gostam de assistir, mencionam filmes com personagens jovens, ou ainda de super-heróis.

A terceira etapa da atividade, a exibição do filme, foi realizada na sala de multimídia da escola. Embora o filme seja de curta duração, foram preciso 3 aulas, uma vez que o computador era incompatível com a caixa de som, sendo necessário dessa forma, a troca, atrasando o início da aula. Após o início de exibição, a aula seguiu sem nenhuma interrupção.

Por fim, após o filme, foi hora de avaliar a atividade junto com professores/as e alunos/as envolvidos. Os/as professores/as solicitaram uma assimilação do filme exibido com o assunto já trabalhado na sala de aula, a Segunda Guerra Mundial. Dentre as falas, citamos:

- Deu para perceber o armamento e as diferenças da vestimenta dos judeus e dos alemães (ALUNO/A 9º ANO)
- Mesmo sabendo que o filme é ficção, aprendi a diferença entre uma criança judia de uma alemã no período da Guerra. Era uma realidade bem diferente (ALUNO/A 9º ANO).
- A principal semelhança foi o Campo de Concentração e todo o sofrimento dos judeus, inclusive das crianças (ALUNO/A 9º ANO).

Por meio das falas dos alunos/as podemos perceber um retorno positivo, uma vez que conseguiram aprender por meio do filme. Já os/as professores/as frisaram:

- Notei um interesse por parte de alguns alunos, no entanto, outros nem quiseram participar do debate (PROFESSOR/A HISTÓRIA).
- A escolha do filme é essencial para o entrosamento dos alunos. Mas vale ressaltar as inúmeras dificuldades de exibir um filme, você pode perceber problemas nos aparelhos áudios visuais, disponibilidade da sala de multimídia, a questão da duração (PROFESSOR/A GEOGRAFIA).

Após a conversa, os/as professores/as solicitaram aos alunos e alunas uma resenha crítica, onde os/as discentes deveriam relacionar o filme com o estudado nas aulas de História e Geografia, bem como, expressar seus sentimentos e sua visão acerca do filme. Vale mencionar, que não voltamos a escola para analisar as resenhas.

5. Considerações Finais

Dessa maneira, se pode concluir que as Ciências Humanas precisam acompanhar a evolução da sociedade, adaptando seu ensino e inserindo metodologias tecnológica, no caso especificado filmes. Entretanto, deve-se ressaltar que cada obra cinematográfica apresenta um intuito. É de total importância o/a professor/a orientar os/as alunos/as mostrando o interesse que cada filme apresenta.

Esses interesses podem ser enaltecer a figura de heróis, criar mitos sobre fatos e datas, elevar revoluções, inventar romances e amores. O filme é um conjunto de elementos que busca muitas vezes manipular a sociedade sobre ideias, em especial no âmbito político e ideológico. Não se trata de uma representação do real, mas de ideias manipuladas.

Se problematizado o filme se transforma em um recurso didático bem aceito pelos alunos/as, conforme apresentado na pesquisa de campo realizada em uma turma do 9º ano de uma escola pública de Mossoró/RN. No final do filme/aula é importante que exista um diálogo com as visões e ideias

que cada aluno/a receitou do filme. Para os/as professores/as sujeitos da pesquisa, resenhas ou resumos são sugestões de atividades sobre a obra cinematográfica exposta na aula.

6. Referências Bibliográficas

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: geografia** / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 156 p. 1998.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: história** / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC /SEF, 108 p. 1998a.

_____. **Base Nacional Comum Curricular- BNCC**. Brasília, 2017, 470 p. Disponível em: <[Http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wpcontent/uploads/2018/04/BNCC_EnsinoMedio_embaixa_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wpcontent/uploads/2018/04/BNCC_EnsinoMedio_embaixa_site.pdf)>. Acesso em 10 nov. 2019.

DUARTE, Rosália. **Cinema e Educação**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

FERRO, Marc. **Cinema e história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

LERA, Josep María Caparrós; ROSA, Cristina Souza da. **O cinema na escola: uma metodologia para o ensino de história**. Educ. foco, Juiz de Fora, v. 18, n. 2, p. 189-210, jul. / out. 2013.

LUCK, Heloisa. **Pedagogia interdisciplinar: fundamentos teóricos-metodológicos**. 18. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 43, 2013.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: 5 ed. Contexto, 2015.

NASCIMENTO, Vera Lúcia. **Cinema e Ensino de História: em busca de um final feliz**. Revista Urutágua, Maringá, nº 16, ago./set./out./nov. 2008.

O RESSENTIMENTO NIETZSCHEANO E A FICÇÃO SERIADA DARK

Stamberg José da Silva Júnior¹⁴³

1. A Série Dark

“Acreditamos que o tempo decorre de forma linear, que ele avança uniformemente para sempre até o infinito. Mas a diferença entre passado, presente e futuro não passa de uma ilusão. O ontem, o hoje e o amanhã não são consecutivos, mas estão conectados em um círculo infinito. Tudo está conectado.” O trecho, que inclui uma clara referência ao pressuposto da teoria da relatividade de Albert Einstein, além da própria temporalidade visualizada por Nietzsche, é lido pelo narrador no capítulo inicial de *Dark*. A série, cuja própria constituição não segue uma narrativa linear possuindo três linhas temporais distintas (2019, 1986, 1953) em cada temporada, é protagonizada por *Jonas Kahnwald* (Louis Hoffmann) que aos 16 anos vivencia a perda do pai, *Michael Kahnwald* (Sebastian Rudolph), morto em suicídio.

Sem conseguir lidar com a dor de seu sofrimento, Jonas (o nome também faz referência ao personagem bíblico) é atormentado primeiramente pelos demônios das lembranças do pai e depois pelo desaparecimento de seu amigo *Mikkel Nielsen* (Daan Liebrezn). O sumiço de *Mikkel* é o segundo de uma sequência de casos que acontecem na cidade de Winden, na Alemanha, após 33 anos sem nenhuma ocorrência semelhante. A localidade - que abriga moradores repletos de segredos e não-ditos (ressentidos), presos em suas dores do passado - possui uma usina nuclear cujo subterrâneo é marcado por cavernas. Nas grutas, é possível encontrar um portal (em cuja entrada está escrito “Sic Mundus Creatus Est” ou “Assim o Mundo foi Criado” em latim) que pode levar o viajante 33 anos antes ou depois da data em que se encontra. Jonas descobre o mapa das cavernas, recebendo a ajuda oculta do personagem inicialmente chamado de *Estrangeiro* (Andreas Pietschmann). Assim, parte em busca de *Mikkel*, que havia sumido próximo às cavernas. Ali, Jonas viaja do ano de 2019 ao de 1986 e descobre que seu amigo está vivendo naquele tempo. Avista-o de longe, mas quando tenta se aproximar o Estrangeiro aparece e explica que, na verdade, *Mikkel* cresceria em 1986, se casaria com *Hannah* (Maja Schöne) - mãe do *Jonas* - e se tornaria seu pai, o *Michael*. Impactado com o que acabara de ouvir, o adolescente entra em um estado de tristeza cada vez maior por não conseguir aceitar seu destino, já que a notícia também implicava no fim de um possível romance com *Martha Nielsen* (Lisa Vicari), irmã de *Mikkel* e agora, tia do próprio *Jonas*; e também resultaria na exclusão

¹⁴³ Mestrando do PPGCISH/UERN.

da sua existência, já que se levasse o pai, enquanto criança, de volta para 2019, o mesmo não conheceria sua mãe e ambos não teriam tido o próprio *Jonas*.

Ainda assim, inconformado com o seu passado e sem conseguir aceitar tal como foi, *Jonas* volta às cavernas para tentar salvar o pai, mesmo que isso representasse a morte de si. No entanto, acaba sendo surpreendido por *Noah*, que o prende em uma máquina do tempo e o faz viajar até 2052, não podendo este voltar à época em que estava. Nos outros núcleos da narrativa, acompanhamos o policial *Ulrich Nielsen* (Oliver Masucci) - pai de *Mikkel* e, portanto, avô de *Jonas* - que já havia vivido o desaparecimento de seu irmão *Mads Nielsen* (Valentim Oppermann) quando criança e agora também parte em busca do filho nas cavernas. O personagem encontra o portal e viaja 66 anos antes de 2019, ou seja, em 1953. Acreditando que o culpado pelo sumiço das crianças era *Helge Doppler* (Hermann Beyer) - um idoso considerado “demente” que é sogro de *Charlotte Doppler* (Karoline Eichorn), a chefe do Departamento de Polícia - procura por ele 66 anos antes e o ataca. Convicto da morte de *Helge* (filho do dono da usina nuclear e em 1953, quando violentado, ainda uma criança), *Ulrich* tenta voltar a seu tempo achando que o falecimento do garoto evitaria o fato de, no futuro, *Helge* sequestrar seu filho e os outros desaparecidos. No entanto, *Helge* fica apenas gravemente ferido e *Ulrich* é preso no tempo (em 1953) e encarcerado na prisão pelo policial *Egon Tiedemann* (Sebastian Hulk), acusado pelo crime que acabara de ter cometido.

Egon é pai de *Claudia Tiedemann*, que em 1953, quando criança, dá aulas a *Helge* e em 1986 é a presidente da usina. Ao assumir o maior cargo de liderança do estabelecimento industrial, *Claudia* começa a desconfiar das atividades nucleares daquele lugar, já que os números divulgados não correspondem à quantidade de energia nuclear utilizada ali (muito superior). *Claudia* é mãe de *Regina Tiedemann*: em 1986 uma adolescente nerd que sofre com a pressão da genitora e com o bullying dos colegas de classe. Dentre eles, *Ulrich* e *Katharina Nielsen* (no futuro, pais do *Mikkel* e avós do *Jonas*) que atacam *Regina* acreditando que ela havia contado à Polícia que o rapaz havia estuprado a namorada, quando na verdade *Hannah* (mãe de *Jonas*, viúva de *Michael*) o havia feito, já que sempre foi apaixonada por *Ulrich* e visava destruir o relacionamento dele com *Katharina*. Enquanto estava sendo atacada, *Regina* é defendida por *Aleksander*, seu futuro marido. Juntos, eles terão um filho chamado *Bartosz*. Em 2019, *Ulrich* e *Hannah* mantêm um caso extraconjugal que acaba sendo descoberto por *Katharina*, gerando um clima de tensão entre os três. Nesse mesmo ano, *Ulrich*, em busca de seu filho e antes de ficar preso no tempo, vai ao hotel no qual *Regina* é proprietária. Ela, injustiçada e ressentida por anos pelo fato dele nunca ter lhe pedido desculpas pelo ataque em 1986, conta para *Ulrich* quem havia feito a denúncia que o havia levado a ser preso quando jovem: a própria *Hannah*, sua amante.

A filha de *Ulrich*, *Martha*, namora com o filho de *Regina*, *Bartosz*, mas é apaixonada por *Jonas*, seu sobrinho (eles, no entanto, não sabem que são parentes: só saberão, justamente, quando

revistarem o passado). *Bartosz* descobre o sentimento entre os dois quando *Noah* se aproxima e conta-lhe. *Noah* se apresenta como um reverendo que mostra a *Bartosz* que conhece tudo o que estava acontecendo e que aconteceria no futuro. O homem é responsável pelo desaparecimento das crianças: ele se utiliza de uma máquina do tempo para isso, fazendo com que o ciclo se repita. Imersos em uma teia de feridas que não cicatrizam, os personagens tentam alterar o passado ou o futuro acreditando que assim a vida ficaria melhor - algo caro na filosofia nietzschiana, a impossibilidade de alterar o passado, mas de viver o agora. A série, portanto, acompanha as fraturas dolorosas das famílias *Doppler*, *Kahnwald*, *Tiedemann* e *Nielsen*, imersas em seus segredos, não-ditos e negação da vida enquanto tal. Essa descrição sucinta da primeira temporada de *Dark* pretende mostrar como as ficções seriadas são narrativas que podem manifestar formas de ver, pensar e sentir o mundo.

É a partir do imaginário transcultural das narrativas seriadas, caracterizado por uma adesão afetiva (ESQUENAZI, 2011) e que, segundo Azubel (2018), exerce uma “relação frequentemente íntima em que desejos e medos são projetados naqueles que vivem os dramas, as aventuras, as situações ficcionais” que pretendemos trazer para o centro das discussões as influências teórico-filosóficas, tomando como exemplo a perspectiva nietzscheana, nessas manifestações artístico-midiáticas. As séries vêm ganhando a atenção dos pesquisadores, mas ainda é um objeto de estudo pouco explorado.

1. O Ressentimento

Em *A Genealogia da Moral*, obra escrita em 1887, Friedrich Nietzsche sacode o mundo das ideias ao indagar acerca do valor dos valores. Os valores, para Nietzsche, não têm uma realidade ontológica, mas são produtos do ato - demasiadamente humano - de criar. Não são fatos e nem são eternos, mas antes, pertencentes às interpretações humanas do mundo, sendo parte da atividade criadora e destruidora, do processo orgânico da vontade de potência. Partindo da crítica à ética kantiana sobre o “fazer o bem” (ou o dever de realizá-lo), o filósofo questiona a genealogia desse “bem” (e seu corolário) impelindo-nos à construção histórica do conceito na cultura ocidental a partir da concepção socrático-platônica e posteriormente do advento da moralidade teológica judaico-cristã. Para Nietzsche, foram os judeus que inverteram a relação de valores por um ato da “mais espiritual vingança” (NIETZSCHE, 2009, 0.27), visto que, com sua moral escrava, se impôs enquanto vontade de potência operante.

Os valores de bem e mal, que até então eram preconizados como os mais elevados pela prática de vida da civilização greco-romana, quais sejam, a virilidade, a força, a coragem, a nobreza (NIETZSCHE, 1999, p. 28-29), se modificam por meio do que o filósofo chama de “inversão de valores” ou “transvaloração”, realizada a partir da moral escrava. Aquilo que outrora era denominado

por “bem”, na Antiguidade Clássica, no universo judaico-cristão passa a ser o “mal”, estando este, agora, ligado ao mundo sensível; enquanto o primeiro, ao inteligível. A dicotomia maniqueísta passa, então, a ser característica da moral e da cultura hesperica.

Podemos dizer, de acordo com a perspectiva de Nietzsche, que essa inversão de premissas decorre da incapacidade do indivíduo sectário da moralidade cristã de conviver com as dificuldades cotidianas da existência, assim como de desenvolver, ao longo de sua existência, a capacidade necessária para a ampliação de sua potência, a partir da contínua superação das suas limitações intrínsecas. Essa limitada disposição psíquica, por impedir que o indivíduo consiga externar satisfatoriamente a sua força vital através da busca de novas interações, acaba por voltar essa potência engendrada para o seu próprio íntimo, circunstância que motiva o declínio de sua vitalidade psicofisiológica, mediante uma doentia interiorização afetiva. (BITTENCOURT, 2011)

Essa transvaloração dos valores acaba por gerar, nos níveis individual e coletivo, homens cuja interiorização afetiva torna-os pertencentes ao espírito do *ressentimento*. Nietzsche não é o primeiro a utilizar o termo na filosofia alemã. Eugen Dühring já o utilizara anos antes da publicação de *A Genealogia da Moral*, no livro *Der Werth des Lebens* (O Valor da Vida). Com Nietzsche, no entanto, a palavra ganha novos contornos e passa a desempenhar um papel muito peculiar na construção de sua filosofia (PASCHOAL, 2008), perpassando temas centrais tais como a crítica à cultura, à religião, à moral e até mesmo às configurações políticas e ideológicas, como o socialismo e a democracia. O termo, cuja origem está na língua francesa e remonta ao século XVI, deriva do verbo “ressentir”, significando a possibilidade de reviver uma sensação ou sentimento anteriormente experimentados positiva, neutra ou negativamente. Via de regra, na filosofia nietzschiana, o termo passa a ser associado à ideia de auto-envenenamento relacionando sentimentos como inveja, rancor, ódio, raiva e vingança. É, na verdade, um tipo de resposta reativa que se apresenta a um estímulo que não é apenas sentido, mas res-senti-do, “ou que continua sendo sentido mesmo quando ele já não existe mais, ao menos externamente, pois, internamente (no subterrâneo daquele homem) permanece produzindo seus efeitos” (PASCHOAL, 2008).

2. Fermentação da Crueldade Adiada

Esse envenenamento acontece quando os sentimentos guardados não são emanados para fora, mas antes voltam-se ao interior do homem, e sem passar pelo processo de digestão ficam sendo re-sentidos. Trazendo efeitos negativos de ordem psico-fisiológica para quem o sente, o ressentimento se origina no retorno dos desejos vingativos sobre o eu, justamente por gerar uma vingança imaginária e não dar espaço, segundo Nietzsche, para “um pouco de sossego, um pouco de tabula rasa da consciência, para que novamente haja lugar para o novo” (NIETZSCHE, 2009, p.47). Essa abnegação e interiorização afetiva extrapola o nível individual, tornando-se inclusive, a sentença de uma moral

coletiva do tipo escrava, em oposição à nobre. A moral escrava, assim, é uma forma de vontade de potência operante que age sempre em reação e negação ao outro e a esse mundo sem, no entanto, afirmar a si e a vida tal qual ela se apresenta. Logo, o ressentido, fruto de uma moral escrava, é aquele que tem o predomínio das forças reativas sobre as forças ativas. “É alguém que nem age nem reage realmente; produz apenas uma vingança imaginária, um ódio insaciável” (MACHADO, 2001, p. 61). Segundo Maria Rita Kehl (2004), o ressentimento é a fermentação da crueldade adiada e “transmutada em valores positivos, que envenena e intoxica a alma, que fica eternamente condenada ao não esquecimento.” Assim, o ressentimento relega o esquecimento (essa força ativa, forma de saúde *forte*) ao ostracismo em detrimento de sua faculdade oposta: a memória.

Nos termos dessa teoria nietzscheana do ativo e do reativo, forte não é aquele que é capaz de sujeitar o outro pela violência, ou de impor de modo impiedoso e desconsiderado seus apetites de poder, seus interesses. Em sentido próprio, forte é aquele que possui uma força plástica de esquecimento e assimilação mais inteira, mais organicamente sadia (GIACOIA JR, 2001, p. 84-85).

A memória é caracterizada, não por um simples “não-poder-livrar-se” da impressão uma vez recebida na consciência, mas sim por um ativo “não-querer-livrar-se” e prosseguir-querendo o já querido. Nessa longa cadeia do querer, o homem do ressentimento fica preso ao passado e ausente nas experiências presentes, visto que “nelas não temos nosso coração, para elas não temos ouvidos” (NIETZSCHE, 2009, p.7). A memória, para o filósofo, nos limita aos acontecimentos pregressos, tornando-os indelévels em nossa consciência. Provocando a inibição da nossa força, da ação correspondente à cada momento e não apenas à reação, a memória apequena-nos à dor e ao medo de partir para o desconhecido, o novo. A memória não nos deixa experimentar o risco: aquele que é capaz de nos fazer sair da zona de conforto de nós mesmos.

Para Nietzsche, no entanto, o que nos transtorna não é o sofrimento humano em si, mas antes, a ausência de sentido deste. Por não sabermos lidar com o sofrimento, com a vida assim como ela é, construímos a cristalização da ideia da verdade e fechamos quaisquer frestas de expansão da vontade de potência (ou pelo menos a inibição da expansão da força) e paralisamos nas cores sombrias de nossa existência, no lado obscuro do ser. Ao abrirmos espaço para a memória, o passado nos alcança e reflui dentro de nós, tornando a dor “o mais poderoso auxiliar da mnemônica” (NIETZSCHE, 2009, p.43). É como se o que passou não se esvaísse, mas permanecesse obstruindo o presente e impedindo o futuro em sua máxima plenitude. Nesse estado geral de morbidez, o sujeito do ressentimento, incapaz de esquecer, sofre incessantemente recordando de forma pungente suas experiências desagradáveis.

Nessa situação de declínio afetivo e fisiológico, gera-se um asfixiante círculo vicioso, pois, quanto mais o indivíduo “fraco” se ressent, por causa da sua incapacidade de

transformar o seu estado de inércia numa atividade efetiva, mais ele se entristecerá, degradando-se moralmente por tal circunstância. (BITTENCOURT, 2011)

Assim, não conseguindo digerir os sentimentos e vivendo numa culpa contínua, o homem do ressentimento impede a força voraz do esquecimento, elemento fundamental para viver a vida em toda a sua potência. Sem o esquecimento, não poderia haver felicidade, jovialidade, esperança e orgulho, argumenta Nietzsche. O esquecimento, nesse sentido, impossibilita o caráter contínuo das experiências cotidianas, tornando-se o pressuposto essencial para as ações presentes. Assim, sendo o esquecimento o vigilante psíquico que delimita a ação por intermédio do domínio sobre ela, quando não exercido em sua plena função, traz como consequência uma debilidade, ou seja, a memória, o *pathos* que é o ressentimento.

Nietzsche argumenta que os ressentidos são sofrendores que fruem a própria desconfiança, acarretando prejuízos para si mesmos. Para o autor, esses tipos revolvem as vísceras de seu passado e seu presente “atrás de histórias escuras e questionáveis, em que possam regalar-se em uma suspeita torturante, e intoxicar-se de seu próprio veneno de maldade” (NIETZSCHE, 1999, p. 117), tendo todos ao redor como propensos inimigos. Sem conseguir prosseguir, o homem do ressentimento e da memória vive à mercê do medo de se arriscar. Encarcerado nas feridas que possui, perfura-a cada vez mais acreditando poder atingir o outro sem entender que o antídoto é, na verdade, sair de seu estado patológico e abrir-se para o instante presente. Sintetizando-se em uma estaque característica de si, o sujeito do ressentimento nutre na memória uma intensa força afetiva anteriormente experimentada, que gera inércia e impede a capacidade deste de auto-superar-se e seguir adiante, assim como a vida.

A força afetiva interioriza os sentimentos guardando-os na memória, no subterrâneo de si, impedindo uma ação ativa. Tudo o que no mundo incomoda ao homem do ressentimento, ele esconde em suas entranhas. Imerso dentro de si e por não conseguir ter um armistício consigo mesmo, tenta reviver as sensações entrando em um abismo ainda maior nos seus sofrimentos. Sem saber lutar, o homem do ressentimento também não sabe lidar com suas dores, não consegue fechar as feridas nem dar uma trégua à sua memória. Escravo de si e refém dos seus res-sentimentos, o fraco torna-se ainda mais fraco também pela culpa de remoer e não conseguir ir além, visto que sua vingança imaginária se dá a partir da negação do outro e não na afirmação de si. Por estar sempre agindo de forma reativa, não valora-se positivamente, mas antes, vive abnegadamente, diminuindo-se ante aos fortes e nobres ao passo que os nega. Dessa maneira, o homem do ressentimento disfarça a sua ação por meio de uma reação que constantemente busca os rastros do que passou no ruído que cobre a sua voz. Suas feridas se auto-retroalimentam a partir de um escurecimento do horizonte no presente. Sempre imerso numa reprise de ontem, o sujeito do ressentimento vive à mercê das intempéries da mnemônica por acreditar que os projéteis estão sempre lançados em sua direção. Assim, a memória se torna uma barreira para afirmar a vida enquanto tal.

3. Tornar-se quem se é

O Sim à vida, fundamental para a experiência desta em sua plenitude, implica justamente em ressignificar um “assim o foi” em um “assim o quis”. Redimir-se e ir além da memória e do ressentimento, implica na compreensão do sofrimento como inerente à condição humana: é na superação de si que o homem torna-se pertencente à moral nobre. É justamente por isso, que em sua teoria das forças (nobre e escrava), o filósofo argumenta que não há um princípio axiológico estanque, não há tipos escravos e nobres em sua essência, visto ser possível uma pessoa ter disposições ativas e reativas, nobres e fracas. O que vai determinar cada tipo de categoria é a capacidade da “força plástica” no indivíduo para viver plenamente uma vida que quer mais vida.

O assombroso poder da memória torna o ressentido (o escravo) impermeável ao inesperado. Por somente viver na vigência daquilo que se empedrou como sendo o que é, passa ao largo do devir, fazendo minguar o poder da criação. Esquecendo-se da possibilidade da mudança que designa a vida, realiza-se desde o horizonte cristalizado da vida. Contudo, não a gera. Estancou-se como fonte geradora de vida. Deixou de ser força grávida de futuro (WILKE, 2000, p. 157).

Enfrentar as questões do ressentimento e da memória, em termos gerais, corresponde a criar as condições para o fortalecimento do homem, para que ele possa tornar-se quem é. Para isso é preciso entender que somos responsáveis pela nossa própria existência, que uma censura pelo fracasso na vida deve valer só para nós, não para qualquer outra força superior. “Não precisamos da fantasia do mundo supraterrâneo, pois a tarefa de nos tornarmos um ser humano é o realmente inaudito.” (SAFRANSKY, 2011, p.31). Nesse processo, a luta da moral nobre não visa o extermínio e o aniquilamento do outro, mas é antes uma luta caótica, em expansão, agonística por uma vida que quer mais vida e que se faz no presente, totalmente imersa no esquecimento de si, da consciência e da memória. Logo, a vida enquanto superação de si por meio da vontade de potência tem o esquecimento como pedra fundamental na condução desse processo.

Viver não é apenas manter-se vivo, sobreviver. Querer preservar a si mesmo é expressão de um estado indigente, de uma limitação do verdadeiro impulso fundamental da vida, que tende à expansão do poder. Os seres têm necessidades especiais porque vivem e não porque lhes falta vida. [...] A filosofia trágica é produto de uma situação que predomina a abundância de vida. É um fórmula da suprema afirmação, um dizer “sim” sem reservas, mesmo ao sofrimento, mesmo à culpa, mesmo a tudo o que é problemático e estranho na existência. (DIAS, p.34)

Portanto, bem como na pré-história, quando a capacidade de fazer promessas a partir da relação de troca ainda não era proeminente, conforme argumenta Nietzsche em *A Genealogia da Moral*, o esquecimento é condição natural de um ser humano que assimila e digere de forma ativa as suas experiências. Por esse viés, o esquecimento é a ponte para a compreensão de uma vontade de

potência afirmativa do instante agora. Logo, um outro modo de conceber a temporalidade, que não seja por meio da linearidade - já que esta é a manifestação principal do ressentimento e do espírito de vingança contra a vida (MECA, 2013, p.188) - pode ser um caminho para a redenção do ressentimento. O tempo linear propõe sempre a expectativa pelo futuro, que pode se tornar um telos (fazendo com que fiquemos olhando sempre para o ulterior e gerando a negação do instante); e um passado mais saudoso, no qual reviver as feridas na memória é mais seguro do que abrir-se para o novo. Com isso, o mundo suprassensível torna-se superior ao sensível decorrendo na negação da existência imanente e buscando, assim, uma valoração na transcendência.

Ao argumentar que o esquecimento é a chave para uma vida em plena expansão da vontade de potência, o filósofo coloca o olvidar como o ordenador da ordem psíquica e da paz interior, já que o esquecimento é uma espécie de guardião de porta da consciência que tende a nos colocar de forma ativa na vida. Assim, as marcas que carregamos na memória podem ser ressignificadas por meio do esquecimento, a partir do processo de tomada de consciência da vida enquanto instante-já: ela só se faz no agora, o passado pertence apenas à uma parte de nosso eu que também ficou no passado. É só a partir do esquecimento que se consegue estar imerso na experiência de máxima intensidade na existência, visto que estando livre do peso de guardar lembranças e senti-las, podemos transformar o que nos enfraquece, nos atinge, como munição para o novo e o desconhecido - e este é o passo primordial para uma vida em toda a sua potência.

4. Conclusão

A compreensão tanto do conceito nietzscheano de ressentimento é de fundamental importância para o entendimento da dimensão deste no contexto hodierno, visto que o filósofo alemão é um dos nomes centrais do modo de pensar a partir do século XIX, e cuja reverberação nos dias atuais permanece indelével, seja no campo epistemológico e filosófico, seja na psicanálise, na literatura, no cinema e, mais recentemente na ficção seriada. A tipologia do ressentimento, por exemplo, são alguns dos nortes do roteiro da série alemã *Dark* (2017). A narrativa, exemplo de *serial* - termo que “se remete à ficção seriada televisiva cujas tramas e subtramas continuam do mesmo ponto onde pararam no capítulo anterior” (SANTOS, 2013, p.60) - possui duas temporadas com um total de dezoito capítulos dispostos no serviço de streaming da Netflix e - traz à tona conceitos nietzscheanos de forma explícita e implícita.

François Jost (2012, p. 69), argumenta que as séries de televisão são sintomas do nosso tempo. Jean Pierre Esquenazi (2011) também caminha por esse viés ao perceber o gênero enquanto situado a partir das circunstâncias sociais, culturais e econômicas em que emerge. “O eterno vir a ser (barroquização da narrativa, abertura, resistência ao desfecho, potencialidade infinita) e o *patchwork*

de que se alimentam (influências literárias, cinematográficas, artísticas, históricas, etc.) talvez revelem dois dos mais importantes aspectos de sua essência pós-moderna” (AZUBEL, 2017). O desenvolvimento das formas narrativas contemporâneas está ligado diretamente à emergência da televisão também como espaço de investimento na singularidade estilística de seus produtos.

Segundo Jost (2012, p. 29), independentemente do país em que a ficção se origina, “elas se fundam em ideologias transnacionais, lugares comuns, como diriam os retóricos, que estão florescendo em muitos países”. Dessa maneira, “a universalidade antropológica e o realismo emocional aproximam o espectador das séries. Assim, percebemos que se trata de um imaginário transcultural o que irriga a bacia semântica das séries contemporâneas.” (AZUBEL, 2017). Desse modo, torna-se fundamental um estudo que analise as influências de pressupostos teóricos em produções audiovisuais. A compreensão dos impactos midiáticos na propagação de ideias reveste-se de importância na medida em que entende-se o papel desta no cotidiano dos sujeitos por meio de processos simbólicos e de significação que influenciam direta ou indiretamente a forma como lidamos com a existência. Logo, é substancial entender os processos contemporâneos de constituição da identidade e da subjetividade ontológica do sujeito a partir das plataformas online de provisão de séries e filmes.

5. Referências Bibliográficas

AZUBEL, Larissa. Uma série de contos e os contos em série: o imaginário pós-moderno em *Once Upon a Time*. Tese (Doutorado em Comunicação Social). **Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, 2017

BITTENCOURT, Renato Nunes. A Tipologia do Ressentimento em Dostóievski e Nietzsche. **Revista Húmus**. Mai/Jun/Jul/Ago. 2011. N° 2

_____. Nietzsche e a decifração do mecanismo psicofisiológico do ressentimento. **Ensaio Filosóficos**, Volume 11 - outubro/2010

BRUSOTTI, Marco. Ressentimento e Vontade de Nada. **Cadernos Nietzsche** 8, p. 3-34, 2000.

CABRERA, Julio. **O Cinema Pensa: Uma Introdução à Filosofia através dos filmes**. Brasília: Rocco, 2005.

_____. **De Hitchcock a Greenaway pela história da filosofia: novas reflexões sobre cinema e filosofia**. São Paulo: Nankin editorial, 2007. 160 p.

CARLOS, Cássio Starling. **Em tempo real: Lost, 24 Horas, Sex and the City e o impacto das novas séries de TV.** São Paulo: Alameda, 2006.

CASANOVA, Marco Antônio. **O Instante Extraordinário: Vida, História e Valor na Obra de Friedrich Nietzsche.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

CASETTI, Francesco; Di CHIO, Federico. **Cómo analizar un film.** Barcelona: Paidós, 2013.

CAVALCANTI, Ana Hartmann. **Nietzsche e a História.** São Paulo: 2000.

_____. Nietzsche, a Memória e a História: Reflexões Sobre a Segunda Consideração Extemporânea. **PHILÓSOPHOS**, GOIÂNIA, V.17, N. 2, P. 77-105, JUL./DEZ. 2012

ESQUENAZI, Jean-Pierre. **As séries televisivas.** Lisboa: Texto & Grafia, 2011

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência.** São Paulo: Aleph, 2009

JOST, François. **Do que as séries americanas são sintoma.** Porto Alegre: Sulina, 2012.

KEHL, Maria Rita. **Ressentimento.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. 248p.

MAFFESOLI, Michel. **O instante eterno: O retorno do trágico nas sociedades pós-modernas.** São Paulo: Zouk, 2003.

_____. **O conhecimento comum: Introdução à sociologia compreensiva.** Porto Alegre: Sulina, 2010.

MECA, Diego Sánchez. **Nietzsche ou a eternidade do tempo.** Cad. Nietzsche, São Paulo, v. 33, p. 181-196, 2013.

NIETZSCHE, F. W. **Humano, demasiado humano.** São Paulo: Companhia das letras, 2002. Tradução de Paulo César de Souza.

_____. **Assim Falou Zaratustra.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998. Tradução de Mário da Silva.

_____. **- Ecce Homo.** Porto Alegre: L&PM, 2003. Tradução de Marcelo Bakes.

_____. **Escritos sobre História.** São Paulo: Loyola, 2005. Tradução de Noéli Correia de Melo Sobrinho.

_____. **Genealogia da moral.** São Paulo: Companhia das letras, 1999. Tradução de Paulo César de Souza.

_____. **- O nascimento da tragédia.** São Paulo, Companhia das Letras, 1992. Tradução de J. Guinsburg.

PASCHOAL, Antônio Edmilson. **As Formas do Ressentimento na Filosofia de Nietzsche.** **PHILÓSOPHOS** 13 (1): 11-33, jan./jun.

_____. **- Da polissemia dos conceitos “ressentimento” e “má consciência”.** **Rev. Filos., Aurora**, Curitiba, v. 23, n. 32, p. 201-221, jan./jun. 2011

_____ - Dostoiévski e Nietzsche: anotações em torno do “homem do ressentimento”. **Estudos Nietzsche**, Curitiba, v. 1, n. 1, p. 181-198, jan./jun. 2010.

_____ - **Nietzsche e Düring**: Ressentimento, Vingança e Justiça. Dissertatio, UFPel [33, 2011] 147-172. 2008

_____ - O ressentimento como inibição da ação, reação e ação na filosofia de Nietzsche. **Revista de Filosofia Moderna e Contemporânea**. Brasília, vol 4, nº 1, 2016.

SAFRANSKI, Rudiger. **Nietzsche**: biografia de uma tragédia. São Paulo: Geração Editorial, 2011. Tradução: Lya Luft.

SILVA, Marcel. **Cultura das séries**: Forma, contexto e consumo de ficção seriada na contemporaneidade. *Galáxia*, n. 27, p. 241-52, jun. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/gal/v14n27/20.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2019.

CONTOS DO PATRIARCADO: A REPRODUÇÃO DO MACHISMO ATRAVÉS DOS FILMES DE PRINCESAS DA DISNEY

Thífanny Thais Alves Batista¹⁴⁴

Thássila Tamires Batista Alves¹⁴⁵

1. Introdução

Quase toda menina sonhou com longos vestidos, coroas, e príncipes encantados. Presentes na vida de todos nós direta ou indiretamente, as animações dos estúdios Disney conquistaram o público com seus encantadores contos de fadas. Desde o seu início até a sua consolidação como grande e influente empresa de mídia de massa, a Disney ganhou sucesso com seus famosos filmes de princesas. “De acordo com o site Box Office Mojo, a produção de Branca de Neve contou com um orçamento de 2 milhões de dólares e rendeu, até os dias de hoje, um total de 185 milhões de dólares, tornando-se a décima maior bilheteria da história” (SILVA, 2016, p. 59) Branca de Neve marcou o início de uma linhagem de princesas, reverberando uma simbologia histórica de produções cinematográficas que enovelaram uma cultura abstratamente ilusionista de mulheres dóceis, frágeis e subservientes. Todavia, os doces filmes que tanto nos agradam são os mesmos que de forma velada concretizam e reafirmam uma lógica patriarcal e machista enraizadas pelo público feminino em uma relação de mandonismo presente em nossa sociedade. A proposta deste estudo é fazer reflexões acerca dos filmes de princesas da Disney, analisando a composição das personagens, os aspectos físicos e comportamentais e a construção da narrativa, associando então com as questões de gênero e compreendendo como essas vertentes associadas podem refletir na vida e na formação das crianças, em especial, as meninas.

Serão destrinchadas as animações da Disney que tem como protagonista ou coadjuvante personagens consideradas princesas: “Branca de Neve e os Sete Anões”, “A Bela Adormecida”, “Cinderela”, “A Pequena Sereia”, “A Bela e a Fera”, “Mulan”, “A Princesa e o Sapo”, “Alladin” e “Moana”. As animações datam de 1937 a 2016, e em sua maioria foram inspiradas em contos antigos. “Mulan” por exemplo é baseado em uma lenda chinesa de uma mulher guerreira, assim como “Cinderela,” “A bela adormecida” e “A bela e a fera” são inspiradas nas histórias dos Irmãos Grimm.

¹⁴⁴ Discente do 5º período do curso de graduação em Jornalismo da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. thifanny_thais@hotmail.com

¹⁴⁵ Discente do Programa de Pós-graduação em Serviço Social e Direitos Sociais da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. thassila_thamires@hotmail.com

A produção de cada filme acompanha o contexto do seu período histórico, fator este utilizado como justificativa para os filmes de princesas da Disney trazerem na construção de suas narrativas o teor machista. Na época em que foram lançados, os filmes realmente ilustravam a realidade feminina, mas o problema está na repercussão que eles têm até hoje em pleno século XXI, onde o sexo feminino não admite mais ser inferiorizado:

No entanto, a atemporalidade dos filmes de animação também faz com que eles sejam assistidos e apreciados até hoje, especialmente por crianças, seu principal público alvo. Eles trazem imagens, que escondem discursos complexos, para quem ainda não formou completamente sua mentalidade (BREDER, 2013, p.7).

De Branca de Neve (1937) até a presente Moana (2016) muitas mudanças aconteceram na elaboração das moças. A Pequena Sereia (1989) marcou uma nova era nos filmes das Disney, caracterizada por sua rebeldia, foi o primeiro filme que inovou os discursos propagados, construindo uma perspectiva de enfrentamento. O objetivo das personagens em sua maioria está ligado ao fato de encontrar a felicidade através do casamento perfeito com um príncipe encantado, as histórias trazem feminicídio, competitividade e rivalidade feminina, e a mulher no papel de moça indefesa/domesticada. Além disso, são estabelecidos estereótipos para o perfil de princesas tanto em aspectos físicos como em aspectos comportamentais: elas são em sua maioria brancas, loiras, muito magras e de cabelos lisos; devem ser sempre gentis, bondosas, bem vestidas e arrumadas, devem ser obedientes e as que chegam a discordar são oprimidas, elas contemplam todos os requisitos que conceituam o que é ser “feminina” dentro da cultura patriarcal. “A criação dessas personagens está ligada a uma representação do ideal de feminilidade da cultura contemporânea: brancas, ocidentais, heterossexuais, ostentando os ideais da nobreza e da burguesia” (CECHIN, 2014).

De forma geral, o foco do presente trabalho se refere a como todas essas características potencializam, alimentam e reforçam os padrões e discursos machistas até mesmo nos filmes mais recentes. De forma específica busca-se entender as questões de gênero, o impacto que as produções visuais causam na vida dos consumidores infantis com foco no público feminino, e mostrar porque os filmes podem ser considerados sexistas¹⁴⁶.

Os autores com quem dialogaremos a respeito da temática terão embasamento teórico de acordo com trabalhos científicos na mesma linha de pesquisa e problematização. Em Relações Patriarcais de Gênero nos apoiaremos em Mirla Cisne (2018), Collete Guilluamin (2014) e Ilidiana Diniz (2017). No campo da Comunicação, Consumo e Estereótipos utilizaremos João Freire Filho

¹⁴⁶ O sexismo está ligado diretamente ao processo de sexagem, terminologia defendida por Colette GUILLAMIN (2014), entendida como a apropriação material da classe das mulheres pela classe dos homens, assim o sexismo corresponde a parte da discriminação desse processo, colocando as mulheres em patamares superiores pela sua condição de gênero.

(2005), Fernanda Breder (2013) e Bruna Dotto (2017). Como percursos metodológicos teremos suporte instrumental uma pesquisa documental para analisar o perfil e a fala desses sujeitos nas animações, e pesquisa bibliográfica usando dos autores citados acima.

Dessa forma, para melhor compreender nossa discussão dividimos o texto em três tópicos, precedidos por essa introdução onde aqui situa-se o objeto e interesse do estudo. O segundo tópico busca sintetizar como as relações sociais estão permeadas pela influência tecnológica e cinematográfica, bem como, os efeitos desse processo na naturalização e reprodução dos filmes da Disney na vida dos consumidores (em especial o público feminino) que usufruem desses produtos, por fim o tópico três, que coloca em pauta algumas reflexões das produções de princesas já mencionadas acima e as violências que estão enoveladas por trás de cada conto.

2. Maçã Envenenada: a indústria midiática, alienações, fetiches e influências

Há quem desacredite ou ignore o poder que os meios de comunicação têm em nossas vidas. Assim como um vírus que se espalha silenciosamente pelo corpo, a mídia encontra solo fértil para se infiltrar no nosso cotidiano e nos influenciar. No impresso, na televisão, no rádio e principalmente com a internet como grande aliada, ficou fácil para as grandes empresas de comunicação nos manipular. Assim, somos convencidos (in)conscientemente a nos posicionar a respeito de um assunto porque vimos em algum jornal, ou a ouvir uma música por escutar um trecho no rádio, e comprar algum produto porque vimos uma personagem da novela usando, assim se estabelecem e se fortificam os padrões sejam positivos ou negativos, a mídia legitima o modelo “daquilo que significa ser homem ou mulher, moral ou imoral, feio ou bonito, bem-sucedido ou fracassado, entre outros critérios e referenciais significativos para a condução da vida diária e a capacidade de situar-se no mundo moderno” (FREIRE, 2005, p. 20). Num contexto como este, crescendo em um mundo cada vez mais digital, é quase que inevitável que crianças e adolescentes não sejam persuadidos em relação a sua forma de se relacionar, de ver o mundo e de ver a si mesmo.

Esse processo é marcado pelo Fetiche da Mercadoria que constrói mecanismos de supervalorização dos produtos, as mercadorias ganham vida e se tornam mais importantes que os seres humanos. Ratifica Silva (2011, p. 3):

Segundo Marx, o modo de fetiche da mercadoria “não provém do valor de uso, nem tampouco dos fatores determinantes do valor” (p. 159). Mas decorre do próprio caráter social do trabalho que produz as mercadorias. Nesse aspecto, o processo que torna a mercadoria como que tivesse vida própria faz com que se configure o fetichismo da mercadoria.

Assim, o grande capital se apropria desses meios de comunicação para manipulação e rentabilidade, construindo um novo meio de expropriação e exploração. Aliado ao Fetichismo da mercadoria está à alienação que segundo Jappe; “A sociedade em que os produtos do trabalho tomam a forma mercantil é “uma formação social onde é o processo social que domina os homens, e não ainda o inverso”” (2014, p. 22), a alienação manipula, controla os sujeitos, tomando assim sua capacidade de reflexão crítica e reproduzindo ideias daqueles que comandam as massas. Toda essa lógica do fetiche, conjuntamente a alienação bebem da fonte do patriarcado, sustentáculo que adentra em todas as esferas da sociedade, penetradas na construção social, onde as mulheres exercem os papéis de boas moças e donzelas, o cinema assim, “Vai atuar na reprodução e naturalização das ideologias patriarcais, ocultando o antagonismo e a hierarquia entre os sexos” (MEDEIROS, 2019). Dessa Maneira:

A indústria cinematográfica de Hollywood e outros de sua grandeza desempenham um importante papel nessa sociedade capitalista, na qual refletem sua concepção ideológica dominante. Ainda que tenha um teor autocrítico, seria incapaz de se desvincular totalmente das amarras dessa ideologia (MEDEIROS, 2019, p. 23).

As grandes indústrias cinematográficas carregam historicamente produções emblemáticas onde em seus arranjos sociais mistificam ou reforçam ideologias visando à identidade de mulheres que sejam dominadas, servas e domesticadas. A ideia busca naturalizar as relações de poder e subserviência, da castra masculina sobre o gênero feminino. Influenciando diretamente na vida das jovens meninas que inspiram suas vidas, sonhos e anseios subjetivos em um fetiche de vida que não corresponde sua realidade social, uma vez que, o príncipe de cavalo branco ou a fada madrinha nunca alcançará/chegará à menina negra e periférica. Essa alienação potencializa e aguça o mercado consumidor, que utiliza dessas premissas para robustecer suas prateleiras dos sonhos nunca alcançados, corroborando num imaginário utópico de uma vida que não se materializa para a maioria das jovens, principalmente as jovens brasileiras pobres.

E o poder da indústria Disney vai além das produções, “Disney Princess” se tornou uma das marcas mais fortes e lucrativas. Produtos tidos como “de menina” são exclusivamente direcionados ao público feminino, são bonecas, roupas, bolsas, todas estampados com a cara das princesas. Mas a Disney vende mais do que mercadorias, ela vende um estilo de vida. Nos últimos anos a empresa tem enxergado a necessidade de mudar o perfil da sua realeza, as princesas começaram a serem emponderadas e fugirem dos padrões: Moana (2016) não conta com um príncipe em sua história, nem par romântico; sua origem não é europeia, Moana é polinésia; sua cor de pele é escura e se corpo tem proporções mais reais; a ela foi reservado um espírito aventureiro e a chefia de sua tribo. Ainda na tentativa de mudar, a Disney lançou a campanha “Sou princesa, sou real” com o discurso para as

meninas de que elas podem ser o que quiserem. Mesmo diante de fatos positivos como esses, a empresa ainda falha na sua tentativa frustrada de se mostrar feminista.

Uma pesquisa realizada pelas linguistas Carmen Fought e Karen Eisenhauer revelou que até mesmo em *Frozen* (2013) – animação protagonizada por duas princesas, Anna e Elsa – menos de 50% das falas do filme são femininas. Diante dos fatos, nossa análise parte do princípio de explanar os filmes mostrando fragmentos que comprovam o discurso machista e como propagam uma dimensão única do “ser mulher”. Nossa crítica se fundamenta a partir dos determinantes sociais, na tentativa de identificar e/ou desmistificar a padronização dessas princesas. Está mais do que na hora do mundo Disney mostrar uma princesa fora do comum, das normas padrões, que atenda as demandas de outras mulheres. Uma princesa excêntrica, realista e que rompa com o ideário de uma beleza única, seria uma tentativa esdrúxula de mostrar a “outra face da moeda”.

3. O mundo de desencantado de Walter Elias Disney: as princesas clássicas e suas metamorfoses

As relações sociais dentro do modo de produção capitalista têm suas conotações associadas as relações de sexo, classe e etnia. Estas três subestruturas segundo Saffioti (2004) atuam de forma imbricada e condensada em um nó que potencializa as contradições sociais existentes. Medeiros (2019) reforça:

De acordo com Kergoat (2010), as relações sociais de classe, “raça”/etnia e sexo atuam e se apresentam em três formas canônicas: exploração, dominação e opressão; que podem ser expressas em casos como a desigualdade salarial, o feminicídio, a jornada extensiva e intensiva das trabalhadoras, a morte e encarceramento da juventude negra e a violência contra as mulheres.

A exploração e expropriação sobre as mulheres que giram em torno das violências se espriam nos diferentes segmentos da sociedade civil, e se reproduzem em todos os âmbitos da esfera social, a exemplo temos o mundo cinematográfico, recoberto de produções que em seu meio expressa violências muitas vezes camufladas em torno da vida das mulheres. Pensar esses processos torna-se necessário para entendermos os impactos e rebatimentos que a mídia pode inferir na vida desses sujeitos.

Indubitavelmente os retratos dessas imagens penetram e adentram nas camadas mais sólidas da sociedade, reverberando e disseminando pensamentos que propagam ideias feminizadas que vão de encontro aos ideários feministas, buscando a subalternização das mulheres e não sua emancipação, dessa forma a; “matriz de dominação de mulheres com longa duração, as configurações do regime político do gênero, da moral patriarcal e da governança pela família têm permanentes atualizações históricas e sociais que nos cabe compreender e desafiar” (DINIZ, 2014, p.19). As animações dos

Studios Walter Disney são cobertas por enredos e narrativas que reforçam os estereótipos, a moral patriarcal e a dominação sobre a vida das mulheres, denominados por dois fatores:

Um fato material e um fato ideológico. O primeiro é uma relação de poder (e digo mesmo “relação”, e não “o” poder.): o ato de força permanente que é a apropriação da classe das mulheres pela classe dos homens. O outro é um efeito ideológico: a ideia de “natureza”, esta “natureza” que supostamente explica o que seriam as mulheres (GUILLAUMIN, 2014, p. 31).

Ambos são fatores que caminham conjuntamente, em uma relação dialética, um precisa do outro para seu fortalecimento, o primeiro de forma material e o segundo a reprodução da lógica de naturalidade, de que as mulheres são produtos, servas do poder masculino, como sujeitos fracos e sentimentais e que nasceram destinadas a servirem os homens, ideia reforçada através das produções de filmes, “a maior parte da produção cinematográfica dessa empresa visa recontar as histórias baseadas em princesas, bruxas, filhos órfãos, príncipes, enfim, personagens essencialmente de contos de fadas” (SILVA, 2016, p. 53). Que naturalizam em seu seio um discurso montado em fantasias distorcendo a realidade social, propagando o poder masculino em detrimento do feminino, essa “relação da natureza acompanha as relações de poder das sociedades humanas” (GUILLAUMIN, 2014).

A ideia de que somos feitas de carnadura particular e que temos uma natureza específica pode se revestir de cores encantadoras, tanto faz, pois, desdenhoso ou elogioso o conto da natureza tende a fazer de nós seres consumados, rematados, que perseguem uma tarefa tenaz e lógica de repetição, de confinamento, de mobilidade, de manutenção do estado da (des) ordem do mundo. E é exatamente contra isso que tentamos resistir quando, descritas como “imprevisíveis”, fantasistas, inesperadas, nós aceitamos a ideia de uma natureza feminina, a qual, sobre esses traços, parece ser o inverso da permanência (GUILLAUMIN, 2014, p. 95).

Ou seja, a ideologia da natureza é mascarada por uma utopia que serve de manutenção do grupo dominante, a mesma ideia usada nos contos de fadas, de camuflar a realidade e a apropriação das mulheres como “algo bonito”. E quando essa realidade é percebida como algo fantasioso por uma parte mínima das mulheres, os dominadores das forças produtivas manobram as situações e mantem a ordem vigente. Destarte, os destaques que diz respeito as obras serão trabalhadas a partir dos seguintes filmes: “Branca de Neve e os Sete Anões”, “A Bela Adormecida”, “Cinderela”, “A Pequena Sereia”, “A Bela e a Fera”, “Mulan”, “Alladin”, “Enrolados” e “Moana”.

4. Despertando do sono profundo: o que as narrativas escondem

Para entender como o machismo se mascara, é necessário ler as entrelinhas de cada animação e problematizar o que antes parecia natural aos nossos olhos. Breder (2013) classifica as princesas em três grupos: princesas clássicas (1937-1959), princesas rebeldes (1989-1998) e princesas contemporâneas (2009-2012). Dentre as princesas que estamos analisando, Branca de Neve, Cinderela e Aurora (Bela Adormecida) são as clássicas.

Com histórias bem parecidas, as três trazem muitas características em comum: Branca de Neve e Cinderela são meninas humildes que perderam a mãe – só receberam o título de princesas após se casarem - Aurora por outro lado nasceu em berço de ouro, ambas são brancas e magras, das três, duas são loiras e apenas uma tem cabelo preto. Elas usam luvas, laços, coroas e longos vestidos que cobrem seus corpos quase que completos, afinal, mulheres devem estar sempre compostas.

Elas são mulheres dóceis e prendadas, Cinderela lava o chão e leva chá para suas irmãs e madrasta; Branca de Neve varre e cozinha para os 7 anões - e aqui vale ressaltar a transmissão dessa estrutura familiar onde a mulher serve como dona de casa enquanto o homem sai para trabalhar, e só volta no final do dia esperando a comida feita na mesa. Essa divisão de papéis socialmente imposta entre trabalho feminino e trabalho masculino tem forte recorte no tocante a categoria divisão sexual do trabalho; “O problema, portanto, não é somente a divisão do trabalho entre os sexos e a consequente determinação social dos destinos de homens e mulheres, mas as desigualdades de valor que ela possibilita” (FELIPE, 2016, p. 34). A autora ainda acrescenta que essa distinção tem impactos em várias dimensões da vida social; “no campo político, no campo artístico, seja no campo econômico” (FELIPE, 2016, p. 34).

As princesas também trazem outro traço em comum: rivalidade feminina. Os 3 filmes trazem mulheres como vilãs, a Bruxa Má sente inveja e quer ser mais bonita que Branca de Neve; a Madrasta (e irmãs) de Cinderela a tratam mal por achar ela mais bonita, e a esconde para que ela não seja escolhida pelo príncipe. Malévola quer se vingar por não ter sido convidada para a festa. Essa rivalidade coloca as mulheres umas contra as outras, serve de reprodução do patriarcado, onde elas internalizam aquilo que Saffioti (2004) analisou; entendendo que a máquina do patriarcado também é acionada pelas mulheres. Cisne acrescenta; “todavia, sempre que uma mulher reproduz o patriarcado ela favorece a lógica de dominação masculina e fortalece a subordinação feminina [...] ao reproduzir o patriarcado, as mulheres, não usufruem de privilégios, ao contrário” (2018, p. 43). A rivalidade fragmenta a classe feminina e faz com que não se reconheçam enquanto sujeitos coletivos.

Para serem salvas de suas vilãs, as princesas dependem de um príncipe e ao final só são felizes após o casamento. A idealização do casamento é entendida por Guillaumin (2014), apenas como uma superficialidade institucional (contratual), de um relacionamento de apropriação de uma classe de sexo pela outra. “O casamento é, contudo, tão – somente a expressão restritiva de uma relação; ele não é em si mesmo uma relação, ele legaliza e retifica uma relação que existe antes dele e fora dele:

a apropriação material da classe das mulheres pela classe dos homens: a sexagem” (GUILLAUMIN, 2014, p. 52). A sexagem é a apropriação e coisificação das mulheres enquanto um objeto/produto, o casamento é a legitimação desse contrato de posse.

A Pequena Sereia, Jasmine, Bela e Mulan se encaixam na classificação de princesas rebeldes. A origem dessas princesas destoa das primeiras. Ariel quer conhecer o mundo dos humanos, explorar, se permitir, mas seu pai não permite e a oprime, o rei dos mares deseja que a filha seja como as outras sereias: empenhada nas apresentações do coral, e sempre com o espelho na mão cuidando da sua beleza.

Bela chega na linhagem de princesas quebrando padrões: ela chamada de estranha por ler, por buscar conhecimento e sonhar com sua emancipação. Contudo, Bela carrega traços de uma mulher branca, magra, delicada e seu final feliz também é com casamento. O que não se mostra tão visível aos olhos do público, é como Bela é fortemente assediada por Gaston, que insiste em casar com a moça. O Assédio Sexual “atinge aspectos íntimos da sexualidade feminina, os sujeitos que a vivenciam tentam nega-las” (DINIZ, 2017, pag. 203). Além disso, a donzela é mantida em cárcere privado pela Fera. “Obtém-se a interiorização do confinamento do adestramento positivo e igualmente do adestramento negativo” (GUILLAUMIN, 2014, p. 57). No primeiro caso a mulher é endeusada e tratada como insubstituível, já no segundo caso ela é adestrada através do medo e da ameaça. A personagem mencionada encaixa-se no segundo caso.

Jasmine é uma das primeiras princesas que foge do padrão europeu, reconhecida pela sua resistência. A princesa asiática contesta seu pai, ao recusar a ideia de casamento como uma obrigação, indignada com as relações de hierarquia e poder masculino, Jasmine queria assumir o poder e ser a liderança do seu povo sem precisar submeter-se aos caprichos de um homem. Os cargos de maiores prestígio social historicamente foram destinados aos homens, o patriarcado por assim dizer, tem expressões que não se limitam ao âmbito privado, ele atravessa os espaços domésticos e adentram nos espaços públicos, desse modo, o patriarcado que exige seu papel de dominação masculina, autoridade e poder sobre a vida das mulheres (SAFFIOTI, 2015),

A luz desta tradição procurar-se-á encontrar explicações para a vigência, ainda hoje dos mitos e preconceitos através dos quais a sociedade atual tenta justificar a exclusão de determinadas tarefas e mantê-la, assim, no exercício quase exclusivo de seus papéis tradicionais e das ocupações reconhecidamente femininas (SAFFIOTTI, 2013, p. 230).

Como explica Felipe (2016), a dominação de classe, característica de uma relação vertical, é atravessada pela subordinação de um sexo ao outro, relação também verticalidade, mas permeando horizontalmente a estrutura de classes, ambas as relações de dominação-exploração se imbricam pela simbiose patriarcado-capitalismo, só permitindo, no interior da mesma classe social, relações sociais

ao mesmo tempo de aliança e de oposição. As mulheres condicionalmente executam cargos inferiores aos homens. A cultura de perceber esses sujeitos como pessoas frágeis e dóceis, designa a elas funções ligadas ao cuidado e organização do ambiente. Mulan traz a cultura oriental para as princesas, em seu filme a padronização do ser feminina tem marcas mais fortes: Mulan se prepara, usa maquiagem, aprende a servir chá, tudo para passar numa espécie de teste que aprove sua aptidão para se casar. Cuidar do marido, da casa e ter filhos, esse é seu dever, e ela deve cumprir para preservar a honra da sua família.

Essa relação particular entre os esposos delinea-se por trás de todos os discursos ... que consideram como fato ideológico a existência de um “trabalho de mulher”, aquele da manutenção física do marido, de seus dependentes, da casa; relação que, se fossem honestos, fariam melhor em denominar de apropriação da mulher (GUILLAUMIN, 2014, p. 53).

Essa divisão de tarefas por gênero ainda fica mais expressa: Outro fato marcante: os homens vão para a guerra lutar e as mulheres ficam em casa cuidando do lar. Apesar do seu talento com as artes marciais, Mulan só é aceita no exército depois de se “fantasiar” de homem. Por mais que não siga a linha de moça indefesa e demonstre autonomia, a animação só acaba depois que a jovem guerreira encontra com seu par romântico. A última princesa que elencamos é a Moana, está por vezes, não é categorizada por Breder (2013). Em sua história sua missão é assumir a liderança de sua tribo. A garota com seu espírito aventureiro salva seu povo. Mesmo com a mudança louvável no perfil das princesas, e Moana sendo um exemplo de liderança feminina, independência e autoconfiança, ainda é possível ver nas falas de Mawi, trechos em que se menospreza a jovem moça e a trata como frágil por ser mulher.

Esquivando-se do perfil europeu, Moana é polonesa, parda, e seu corpo não é marcado pela cintura extremamente fina. A ilusão de um padrão de beleza é a elucidação e marca fundamental das personagens da Disney. Coloca-se o vilão sempre com um aspecto feio e sombrio, e seus protagonistas são jovens, encantadores e deleitosos. A cor da pele é outro aspecto muito forte, mascara sutilmente o racismo estrutural. Essas relações patriarcais, classistas e de gênero estiveram presentes e permeadas pelos conflitos e antagonismos de classe organizadas em três dimensões inseparáveis, sendo essas: Raça, Classe e Gênero. Como indica Saffioti (2004, pag. 125):

O importante é analisar essas contradições na condição de fundidas e enoveladas ou enlaçadas em um nó. [...] Não que cada uma dessas condições atue livre e isoladamente. No nó, elas passam a apresentar uma dinâmica especial, próprias do nó. Ou seja, a dinâmica de cada uma condiciona-se à nova realidade. De acordo com as circunstâncias históricas, cada uma das contradições integrantes do nó adquire relevos distintos. E esta motilidade é importante reter, a fim de não se tomar nada como fixo, aí inclusive a organização social destas subestruturas na estrutura global,

ou seja, destas contradições no seio da nova realidade – novelo patriarcado-racismo-capitalismo – historicamente constituída.

Essas relações são consubstancializadas e coextensivas, perpassam as estruturas de produção, de apropriação de exploração que não estão ligadas apenas na relação de classe, mas penetra nas discussões de raça e gênero, produzidas e reproduzidas nas expressões que corporificam e adentram na vida das mulheres e determinam e/ou delimitam os espaços em todas as camadas da sociedade. Sendo assim, pensar o racismo não é algo distante do patriarcado, ambos alinham-se numa mesma perspectiva de opressão. Essa vertente é condição fundamental para entendermos porque a maioria das princesas tem um padrão europeu e de analisarmos que muito embora hoje exista uma evolução no tocante ao entendimento de padrão, os produtos ofertados da Disney em sua maioria são predominantemente respaldados/enovelados em torno de um padrão.

5. Considerações Finais

Buscamos através desse estudo instigar as reflexões a respeito dessa temática para que ela possa ganhar visibilidade, na perspectiva que venha a existir mais estudos numa análise crítica neste mundo de animações, especificamente o das princesas, e entendermos o que elas representam na vida do público infante/juvenil feminino. Além disso, compreender o poder e influência da Disney enquanto multinacional articulada inserida em um mundo globalizado que utiliza dessa premissa para fortalecimento do sistema capitalista midiático fetischizado e reverberação do patriarcado enquanto mecanismo de opressão sobre a vida das mulheres. É compreensível que os filmes (principalmente os primeiros) retratem uma imagem feminina antiquada já que refletiam o papel da mulher de sua época. Quando Branca de Neve surgiu no final da década de 30, a figura feminina exaltada era de uma mulher pura, prendada, obediente e submissa numa sociedade assumidamente racista. Quem iria então discordar de que Branca de Neve não seria a representação da mulher perfeita? A questão então é a atemporalidade dos filmes, já que eles continuam sendo assistidos por crianças em todo o mundo:

A imagem das princesas continua popular e rentável e seus filmes trazem significados profundos que passam despercebidos em uma análise superficial. Seu sucesso é resultado da combinação do “poder” dos contos de fadas, presentes no imaginário cultural há séculos, e da “magia” da animação, que dá vida a meros desenhos (BREder, 2016).

Os filmes trazem padrões explícitos físicos e comportamentais, dividem, limitam e inferiorizam o papel da mulher na sociedade. Com toda a sua repercussão no meio midiático e também publicitário, as princesas se tornaram produto mercadológico de alto lucro, e ao mesmo tempo também alta influência na vida de quem as consomem. Como afirma DOTTO (2017) é importante frisar o papel

das mídias visuais em nossa sociedade, em especial as animações - que tem como principal público as crianças-, e refletir sobre quais os “valores” de relações pessoais e interpessoais estão ensinados nessas produções. Elas [as crianças] são facilmente envolvidas pelas fantasias das produções as quais estão expostas e não sabem distinguir o que é real e o que é ficção:

A chamada geração Y, a qual está na infância e adolescência no presente momento, já nasceu em uma sociedade de consumo e tecnologia, estando imersos nesses mundos, tornando-os normais em suas percepções e transformando a mídia em fonte de ideias para a formação da sua personalidade e do seu “eu”. Ou seja, a criança toma como modelo aquilo que vê nas telas e utiliza como forma de apropriação daquela personalidade para criar a sua (DOTTO, 2016).

A soma da atemporalidade dos filmes com o poder de influência midiático resulta na perpetuação de padrões que ditam o “ser feminina” e fazem com que milhares de garotas se frustrem tentando chegar no padrão de princesa, ou até mesmo quando compreendem que nunca serão como elas.

Por mais que seja possível notar uma atualização do perfil feminino Disney, resultado mais aparente principalmente após a internet dar voz ao público, onde a própria sociedade faz com que haja modificações no conteúdo a ser passado nas mídias (DOTTO, 2017), a empresa ainda falha nas suas tentativas de se mostrar feminista: os papéis femininos ainda não tem a porcentagem merecida de fala nos filmes⁴, e até mesmo a própria Moana - que é usada como referência como de fuga dos padrões por não ter par romântico-, não pode salvar seu povo sozinha e precisa de Mawi, a figura do homem está expressa (mesmo quando coadjuvante) como herói.

Destarte, reconhecemos a necessidade de termos novas referências de princesas, a importância de ressignificar esses filmes traçando um novo perfil de mulheres fortes, resistente e heroínas. Há ainda que ser considerado que muito embora haja a possibilidade de construirmos novas roupagens/linhagem de princesas, o mecanismo de enfrentamento que serviria de ferramenta como destruição do patriarcado mais eficiente seria a aniquilação da exploração e expropriação sobre os corpos e a vida das mulheres. Na perspectiva de alcançarmos uma sociedade anticapitalista e antipatriarcal.

6. Referências Bibliográficas

BREDER, Fernanda Cabanez. **Feminismo e príncipes encantados**: a representação feminina nos filmes de princesa da Disney. Rio de Janeiro, 2013. Monografia (Graduação em Comunicação Social/Jornalismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação – ECO.

CECHIN, Michelle Brugnera Cruz. O que se aprende com as princesas da DISNEY?. **Revista: Zero-a-Seis**, v. 16, n. 29, p. 131-147, 2014.

CISNE, Mirla; SANTOS, Silvana Mara Morais. **Feminismo, Divisão Sexual e Serviço Social**. São Paulo: Cortez, 2018.

DINIZ, Maria Ilidiana. **Mulheres Como Eu, Mulheres Como as Outras**: O assédio moral e sexual contra mulheres na esfera do trabalho. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2017.

DOTTO, Bruna Farencena. **Coras, estereótipos e representatividade**: uma análise da representação feminina entre quatro gerações de Princesas da Disney. Santa Maria, 2017. Monografia (Graduação em Comunicação Social/Produção Editorial) – Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, Curso de Comunicação.

FELIPE, Joana D. L. A. Assédio Moral Contra as Mulheres: Um Estudo Com Técnicas Administrativas da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Dissertação de Mestrado - **Programa de Pós-Graduação em Serviço Social e Direitos Sociais**, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Mossoró/RN, 2016.

FREIRE FILHO, João. **Força de expressão**: construção, consumo e contestação das representações midiáticas das minorias. In: Revista Famecos. Volume 12, n.28, 2005.

GUILLAUMIN, Colette; TABET, Paola; MATHIEU, Nicole Claude. **O patriarcado desvendado**: teorias de três feministas materialistas. Org. Verônica Ferreira; et al. Recife: SOS Corpo, 2014.

GUO, Jeff. Researchers have found a major problem with ‘The Little Mermaid’ and other Disney movies. **The Washington Post**, [S. l.], 25 jan. 2016. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/news/wonk/wp/2016/01/25/researchers-have-discovered-a-major-problem-with-the-little-mermaid-and-other-disney-movies/>. Acesso em: 11 out. 2019.

JAPPE, Anselm. Alienação, reificação e fetichismo da mercadoria. **Revista Limiar**, v. 1, n. 2, p. 4-29, 2014.

MEDEIROS, Luana. **"Sem mais monstros posso respirar novamente"**: a violência contra as mulheres na indústria cinematográfica e o Movimento #Metoo. 2015-2019. 68f. Trabalho de finalização do curso (graduação) - Faculdade de Serviço Social, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, 2019.

SAFFIOTI, Heleieth. **A mulher na sociedade de classes**: mito e realidade. 3º ed. São Paulo: Expressão Popular, 2004/2013.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, Patriarcado e violência**. 2º ed. Fundação Perseu Abramo. São Paulo: Expressão Popular. 2015. SILVA, Alex Sander. Fetichismo, alienação e educação como mercadoria. Reflexão e Ação, v. 19, n. 1, p. 123-139, 2011.

SILVA, Débora; **Branca de neve e os sete anões**: a educação transmidiática e o uso de materiais autênticos no ensino de inglês. In: IDIOMAS, Connetct. São Paulo. v. 13, n. 3. 2016

IMPORTÂNCIA DA LÍNGUA PORTUGUESA TRABALHADA PELOS EDUCADORES A EDUCANDOS NO CONTEXTO ATUAL DAS ESCOLAS BRASILEIRAS

Urandy Alves de Melo¹⁴⁷

1. Introdução

A primeira regra de planos e bases do ensino brasileiro (LDB 4024/61) surgiu com o enfraquecimento do movimento escolar novo nos anos 30, e renovação dos anos 60, sendo a última reestruturação de outras distintas que ocorreram nos 30 anos, propiciando os debates e razões que advogassem a conveniência da popularização educacional. Tal regra deixar de possuir seus caráteres populares e fomentou diretrizes concernentes às características ideias e novas.

No intervalo de alguns anos, opiniões sobre a língua se expuseram no núcleo de estudos, convertendo-se em pesquisa. Podemos salientar dentre estes debates a cultura e a língua, caracterizando-se em assunto polêmico, porque alguns linguistas entendem a língua como causa e cultura, estimulando uma insensatez das opiniões e relevâncias de língua, exercida nas instituições das escolas contemporâneas.

Patrióticos de Vargas, prometeram um crescimento industrial no Brasil. Isto era encaminhado no Estado, encarregando-se da distribuição do ensino de Língua para a populares brasileira.

Getúlio Vargas, em 1940, afirmou que a elevação dos recursos do desenvolvimento material devia ser seguida no nível de ensino, pois disto deriva o acordo e auto controle na sociedade (GHIRALDELLI, 1990, p. 130).

Sabemos que apesar desta conhecida crise econômica que se passa no Brasil, o Governo Federal expede recursos razoáveis para o ensino a educandos. Mas, isso não chega à ao intuito conduzido. Estes recursos são aptos para o trabalho na escola pública, com os investimentos no setor educacional (LUCENA, 2019?).

Ainda, conforme Lucena (2019?) outro ponto restritivo é o salário dos docentes no Brasil afora. A administração federal impõe suas doutrinas no ensino público lecionado pelos docentes aos discentes em horizontalidade, censurando os bens federais daquelas edificações que não alcançaram, de modo igualitário os nossos parlamentares e gestão federal, avançando-se opostamente a parte salarial dos docentes.

Se nós compararmos a escola pública de hoje com a de anos atrás, fica óbvia a estratosférica diferença de qualidade, onde a quantidade de recursos era bem inferior,

¹⁴⁷ Universidade Estadual da Paraíba-UEPB, urandyuepb@yahoo.com.br

e mesmo assim a qualidade do ensino e do aprendizado dos alunos no tocante ao interesse era muito superior aos dos dias atuais. A educação é o ponto básico para estruturar toda uma sociedade, e isso não é novidade pra ninguém, porém a forma indiscriminada de tratamento dispensada aos professores, que tentam produzir e elevar a qualidade da educação em nosso País tem mostrado o outro lado obscuro da nossa realidade educacional. Uma infeliz realidade que privilegia a quantidade e faz por desmerecer a qualidade, deixando de forma clara o reflexo de tudo isso, que pode ser constatado na qualidade limitada dos bons profissionais que existe hoje no mercado de trabalho (BRASIL ESCOLA, 2019?).

Para as pessoas que experimentaram a escola de alguns anos atrás, enxergando os fatos atuais da escola pública no Brasil hoje, nota-se um apontamento catastrófico com relação a conduta dos alunos, falta de interesse pelo desacatamento e teor pelos professores, que são apenas alguns das questões encarado dentro de sala de aula, uma série, além destes problemas que chegam a se juntar, capturando a execução de uma bola de neve, onde a violência e o bullying tornam-se o tema mais analista deste somatório de contrariedades (LUCENA, 2019?).

2. Metodologia

Esta pesquisa foi baseada nos pressupostos teóricos dos estudos de Barros (2007), Borges; Salomão (2003), Bonato (2015), Brasil (2005), Ghiraldelli (1990), Góis; De Carvalho (2017?), Lyons (1979), Lucena (2019?), Marcuschi (2019?), Pereira (2006) e Saussure (1969). Foi elaborado um levantamento de dados bibliográficos a respeito deste tema importante para educadores, educandos e a sociedade no contexto atual das escolas brasileiras quem vêm sem sombras de dúvida aprimorando o ensino do país. Relatamos hipóteses desta fundamentação teórica a partir de informações encontradas em artigos sites que contribuíram de forma dinâmica no desenvolvimento de uma pesquisa bibliográfica.

3. Resultados E Discussões

A língua pode ser considerada uma ferramenta importante pela qual indivíduos interagem e comunicam uns com os outros através de comparações utilizadas. Faz se preciso mencionar que existem variações no âmbito da sociedade e cultura que eles vivem em seu cotidiano. As variações da língua nos contextos sociais são marcadas pelos diferentes paradigmas da linguagem que a sociedade proporciona. Estes paradigmas são considerados maneiras de vida e relações típicas da sociedade. (LYONS, 1979, apud GÓIS; CARVALHO, 2017).

Conforme as ideias de mundo de Góis; Carvalho (2017, p. 6):

Apesar da discursão das concepções de linguagem e os conceitos subjacentes a tais concepções, sejam constantemente abordados por diversos outros trabalhos, é

importante às observações em tela, pois o principal objetivo, neste texto, é apresentar uma síntese de conceitos relacionados às concepções de linguagem, a fim de ilustrar nossas discussões, considerando que o tema envolve todo o trabalho com a linguagem e afeta diretamente, as possibilidades e os resultados dos processos de ensino e de aprendizagem de língua. A (LDB) Lei de Diretrizes e Bases da Educação estabeleceu, nas últimas quatro décadas, as competências para o ensino da Língua Portuguesa nas escolas brasileiras. Cada lei desse período de acordo com o contexto que envolvia a concepção de linguagem dava os encaminhamentos principais para a formalização das Diretrizes. Assim as concepções teóricas e metodológicas de cada documento estão diretamente relacionadas às tendências pedagógicas e correntes linguísticas, as quais embasam o estudo e o trabalho com a linguagem do período em que vigoraram.

“A linguagem como comunicação, de acordo com os critérios nacionais, entendendo como um trabalho comum, em seu caráter histórico-social[...] se realiza nas experiências e nos instantes da história” (BRASIL, 2005, p. 20). Nesta contextura, a linguagem é o lugar das ligações sociais em que falantes influem como indivíduos. Assim, a interação é forma abundante e conquistada como forma atribuidora da linguagem.

Para discutir julgamentos de linguagem é primordial, proporcionar o passado do ensino de Língua Portuguesa no Brasil, reconhecendo como importa esta perspectiva, porque o lendário descrito está relacionado às questões linguísticas e reconhecimento de linguagem e língua.

A linguagem contorna uma parte verbal e não verbal. Por outro lado, a língua é uma necessidade da linguagem, que pode ser estimada a sujeitos que invocam a virtude da linguagem. O método de ensino da Língua Portuguesa, nos últimos decênios tem sido bastante controvertido pelos educadores das distintas posses que eles trabalham em sala de aula. Caso eles apresentem os dois primeiros intuitos, é provável trabalharem o primeiro intuito, pois consegue errar por não se reprimir no padrão da língua, que socialmente é visto como algo intolerável. Por séculos admitia-se que a Língua Portuguesa era construir uma gramática que adornasse a listagem de princípios a educandos. Isto acontecia por meio dos preceitos ortográficos e gramaticais que eram colocados frente a eles, com a aplicação da língua, diante da realidade cotidiana.

A linguagem se distingue enquanto ferramenta de informação, ou seja, é vista como uma adjacente de signos ajustáveis e hábeis por transportarem recado de um emissor para a um receptor. Neste processo, a linguagem é gerada como uma verdade que introduz o saber independente e subjetivo dos sujeitos nela envolvidos. Para esta teoria, o falante apresenta em sua habilidade uma advertência pelo simples fato de transportar ideias ao ouvinte, ou seja, transmitir informações que ele anseia transmitir a uma outra pessoa.

Assim, nesta expectativa, considerar-se que:

A linguagem faz parte das relações humanas e em suas diferentes formas de manifestação revela traços políticos e ideológicos, e na sala de aula em todos os

níveis é possível perceber as opções teóricas e metodológicas dos professores. Portanto, não apenas o conhecimento, mas a prática dos postulados teóricos possibilita transitar entre estas metodologias, aproveitando à relação ensino língua as contribuições que sejam relevantes e significativas de cada concepção. O professor não mais trabalha com meros exercícios estruturais, mas utilizará diferentes atividades que sejam adequadas aos objetivos, e circunstâncias, pois, já aprendemos que se aprende por práticas que sejam significativas (GÓIS; CARVALHO, p. 10, 2017).

linguagem é um método de diálogo, em que o sujeito exprime e torna o raciocínio em ação com o interlocutor. Estas conversas não são prefixadas, mas sim de diversos modos, onde a língua é trabalhada, seja em uma aula, Geometria Analítica, Linguística Aplicada, prevalecendo a partir daí relevância da Língua Portuguesa no campo teórico da interdisciplinaridade.

Portanto, os resultados desta pesquisa atestaram que os contratempos encontrados em parte de uns educandos podem ser desenvolvidos por meio de conhecimentos linguísticos praticados nas diligências de leitura realizadas pelos educadores no contexto escolar.

4. Considerações Finais

A Língua Portuguesa é universal e evidente por toda nossa vida, contribuindo de forma transformadora nas teorias que nos guiam dia a dia. Na Língua Portuguesa, além da ideia de linguagem ser de plena importância para o ser humano, ideia de seu aprendizado tornar-se peculiar para o mundo das inerentes convicções de diversidade, leitura e trabalho padrão dos educadores, pois eles consequentemente vêm tornando a estabilidade da língua importante para seus educandos dentro da sala de aula. Colocado este ponto de vista, diante do ofício de ensinar aos nossos educandos, a linguagem em seus mais distintos usos de revelar-se na cultura e história social dos indivíduos.

Confiemos que esta alcance o objetivo de expandir a melhoria da educação, das teorias, das práticas e da gramática, mostrando as escolas brasileiras para a articulação e o incremento da linguagem e da Língua Portuguesa ministrada pelos docentes a discentes na sociedade moderna.

É essencial uma política de educação na língua que presumar-se claramente as ideias do ser humano em análise, certificando que a língua diversifica a essência nas relações e bases da sociedade brasileira, que associar-se a cada indivíduo o dom cultural, ideológico econômico ou político.

Só existe um objetivo real que pode mudar essa parada ou posição, que seja a reconquista familiar adaptável a educandos pelos educadores nas escolas públicas, procurando influencia-los nestas instituições, para associá-los ao horizonte social de cada um deles. Deste modo, tornar-se fundamental ter uma parceria entre familiares, educadores, educandos e escolas para que a mudança possa fluir bons frutos em seu futuro (LUCENA, 2019?).

As práticas de leitura, escrita, e aspectos gramaticais desenvolvidas continuam muito próximas daquelas preconizadas nos primórdios da ciência linguística. Isso mostra que a incorporação das concepções de Língua ao ato de ensinar, caracteriza-se por uma lentidão notável, que é visível através das dificuldades apresentadas pelos acadêmicos nos âmbitos das universidades. A Língua é a base para a formação de todos estudantes, independente da sua área de atuação, o que torna imprescindível que o ensino de línguas seja executado da forma mais eficiente, uma vez que irá desenvolver habilidades essenciais como a escrita e a leitura independentemente do idioma, contribuindo para o desempenho profissional dos educandos (GÓIS; CARVALHO, p. 2, 2017).

Durante alguns anos, o conceito de língua/linguagem se estabelece nas diversas análises, transformando-se em pesquisa. Por exemplo, a relação entre língua e cultura até hoje se configura em uma discussão polêmica, visto que, alguns linguistas, concebem o efeito da cultura. Tal embate estimula concepções de língua e influências destas concepções exercidas na Língua Materna (PEREIRA, 2006, apud BONATTO, 2015).

Borges & Salomão (2003, p. 334) “Estes aspectos são ressaltados pela doutrina da comunicação social, infringem a duplicidade do meio ambiente versus natureza que preponderou por tanto tempo na obtenção da linguagem”.

5. Referências Bibliográficas

BORGES, Lucivanda Cavalcante; SALOMÃO, Nádia Maria Ribeiro. **Aquisição da Linguagem: Considerações da Perspectiva da Interação Social**. Paraíba. 2003.

BONATO, Simone Cristina. **A importância da disciplina de Língua Portuguesa no ensino superior**. EDUCA Multidisciplinar em Educação, 2015. Disponível em: <http://www.periodicos.unir.br/index.php/EDUCA/article/view/1496/1472/> Acesso em: 27 de out. de 2019.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa: terceiro e quarto ciclos**. Brasília: MEC/SEF, 2005.

GÓIS, Rizzardo Rozerico Pessoa Queiroz de Rodrigues; DE CARVALHO, Rudan Lobo Cavalcante. **CONTEXTO HISTÓRICO DA LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL E APLICABILIDADE NOS DIAS ATUAIS**, João Pessoa, 15-18 de nov. [2017?]. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV073_MD1_SA8_ID7281_19092017223151.pdf>. Acesso em: 10 de out. de 2019.

GHIRALDELLI, Paulo Jr. **História da educação**. São Paulo: Cortez, 1990.

LYONS, J. **Introdução à linguística teórica**. Trad. Rosa Virgínia Matos e Silva e Hélio Pimentel. São Paulo: Nacional EDUSP, 1979.

LUCENA, Jorge. **A ESCOLA PÚBLICA DE ONTEM E A REALIDADE DE HOJE**. BRASIL ESCOLA. Meu Artigo, [2019?]

Disponível em: <<https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/atualidades/a-escola-publica-ontem-realidade-hoje.htm/>>. Acesso em: 6 de out. de 2019.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **A LÍNGUA FALADA E O ENSINO DE PORTUGUÊS**. Disponível em: < file:///C:/Users/W7/Desktop/1496-5429-1-PB.pdf />. Acesso em: 23 de out. de 2019.

PEREIRA, R.S. **A Disciplina Língua Portuguesa nos Trilhos da Lei, na Prática dos Livros Didáticos e na Memória de Alunos e Professores em Campo Grande**. (1960- 1980). (Trabalho apresentado no VI Congresso Luso Brasileiro de História da Educação. Eixo 6 - Cultura, Modelos Pedagógicos e Práticas Educativas. Uberlândia, MG. Abril/2006).

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de lingüística geral**. Trad. de A. Chelini; J.P. Paes e I. Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1969. p.3.